

COMPENDIO DE HISTORIA
DA
LITERATURA BRASILEIRA

POR

SYLVIO ROMÉRO E JOÃO RIBEIRO



LIVRARIA FRANCISCO ALVES
134, RUA DO OUVIDOR, 134 — Rio de Janeiro
S. PAULO : BELLO HORIZONTE
45, Rua S. Bento, 45 Rua da Bahia

TYP. DA LIVRARIA FRANCISCO ALVES

ADVERTENCIA PRELIMINAR

Este COMPENDIO DE HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA é uma condensação de anteriores trabalhos acerca das letras nacionaes.

A *Philosophia no Brasil*, os *Ensaios de Critica Parlamentar*, a *Evolução do Lyrismo Brasileiro*, os *Estudos sobre a Poesia Popular* e a *Historia da Literatura Brasileira* foram postos em contribuição sob criterio severamente didactico.

De todos aquelles livros aproveitamos, com as indispensaveis reducções e transformações, o que é estrictamente literario, o que se refere aos generos que figuram entre as bellas letras: — *poesia, drama, romance, eloquencia, historia, critica literaria* e, muito parcamente, *philosophia*.

Banimos polemicas e discussões, joeirando o que nos pareceu rigorosamente certo.

Todos os escriptores referidos foram estudados directamente nas fontes, isto é, em suas obras e jámais em referencias ou citações de outrem.

Pelo que se refere ás biographias, foram, com o maximo cuidado, lidos os melhores biographos e os mais auctorizados criticos portuguezes e brasileiros.

Augosto de 1906.

MANUAL

DE

HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA

IDÉAS PROPEDEUTICAS

- I. O MEIO.—II. A RAÇA—III. AS INFLUENCIAS ESTRANGEIRAS.
- IV. SENTIDO THEORICO DA LITERATURA BRASILEIRA.
- V. SUAS PHASES PRINCIPAES.

A literatura brasileira não se furta ás condições geraes de toda literatura antiga ou moderna,—ser a resultante de tres factores fundamentaes: o *meio*, a *raça*, as *correntes estrangeiras*. Da acção combinada d'estes tres agentes, actuando nas idéas e nos sentimentos de um dado povo, é que se originam as creações espirituaes a que se costuma dar o nome de literatura. É que se deixou de vêr em taes creações a obra do acaso, do capricho, ou das imposições de um poder estranho qualquer. Eram estas ultimas presumidas manifestações da metaphysica do *absoluto* em tal ordem de assumptos. A critica moderna desterrou de seu seio esta classe de phantasmas. É que chegou definitivamente a estabelecer que era a literatura apenas um ramo das creações artisticas, a arte da palavra escripta ou falada, que, como toda a arte, não passa de um capitulo da sociologia, qual acontece á religião, á moral, ao direito, á política, á sciencia, á industria. Ora, o fundamento de toda a sociologia, a sua condição primordial, vêm a ser — *terra e gente*, o *meio* e a *população*. E, como na humanidade desde os seus primordios, se começou a

formar a consciencia mais ou menos nitida da identidade dos seus destinos, a despeito da variedade dos meios e das raças, claro é que desde cedo, começou a dar-se a troca das idéas, o intercambio espiritual, que veio estabelecendo a solidariedade geral, e formulando o que nós ousamos chamar *a lei da persistencia e da equipolencia das forças espirituales entre os povos, ad instar* do que se dá com as forças naturaes no mundo physico. Desde os antigos tempos as nações, quer entre os occidentaes, quer entre as gentes do Oriente, andaram sempre a passar de umas ás outras os productos da intelligencia e do affecto, plenomeno rhythmico que no mundo moderno assume o aspecto de completa evidencia. A ancia de *unidad* do pensar e do sentir entre os homens, tentada pela monarchia e o direito com os Romanos, pela religião com a Igreja na idade média, pela sciencia e industria com os Modernos, não é mais do que uma das faces da cada vez maior troca de idéas e emoções entre os povos, uma das mais eminentes e flagrantes manifestações da sempre presente e indestructivel *consciencia da identidade dos destinos humanos*, base, a nosso vêr, de toda a sociologia e de toda a moral. É pór isso que em todas as literaturas, maximé nas que se começam a formar e nas que são ainda jovens, se faz sentir, innegavelmente a influencia estrangeira que ao historiador e ao critico incumbe descobrir e descrever.

Toda literatura desdobrada no curso dos seculos offerece, d'est'arte, o espectaculo de um germen, d'un *organismo* que se desenvolve, já sob o estímulo de forças *internas, inherentes* a si mesmo, já sob a pressão de correntes *estranhas* que partem d'un ou mais pontos do horizonte intellectual do mundo num tempo dado.

Infelizmente estas *correntes estranhas* têm sido quasi as unicas notadas na literatura brasileira pelos pseudo-criticos, d'aqui ou de fóra, que têm feito vida e carreira á sua custa.

Não que elles houvessem tido a precisa perspicacia para descobrir e apontar a razão, a origem, a ordem successiva, as mu-

tações várias da influencia estrangeira em nossas letras, em nossa arte, em nossa politica, em nossa economia, em todas as espheras, em summa, da actividade nacional. E que o tivessem feito com todo o apuro e requinte scientifico, ainda assim resaltaria aos olhos a incompetencia de critica tão unitaria e estreita—a ponto de persistir no erro de não vêr nos phenomenos espirituales da nação, quer intellectuaes, quer emotivos, senão a face mais superficial e exterior.

Assim, pois, cumpre não perder de vista serem os factores *primordiaes* e *permanentes* de nossa vida espiritual, respectivé de nossa literatûra, — a *natureza* e a *raça*, que lhe constituem o organismo e a alma, e ser o factor *mobil*, *variavel*, *externo* — a *influencia*, a *imitação estrangeira*. Aberra quem desconhece os primeiros; erraria quem escondesse o ultimo.

Ha mister estudal-os mais de perto.

Os velhos criticos e historiadores rhetoricos nacionaes até ha bem pouco tempo não tinham a menor idéa das relações que, por ventura, podessem existir entre o *meio* brasileiro e a literatura patria e muito menos entre esta e o caracter da nossa *raça*.

Só apôs um decennio inteiro (1870-1880) de estudos e propagandas feitas pela escola innovadora do Recife, no claro intuito de preencher essa lacuna, é que, tendo passado a nova intuição ao Rio de Janeiro, se chegou hoje ao ponto de exagerar, mettendo *meio* e *raça* em tudo, nos romances, nos contos, nos pamphletos politicos, nas narrativas militares e até nos discursos do Congresso Nacional... mas tudo por mero luxo de phrases feitas, de palavras de effeito.

O lado sério do assumpto, o *nexo causal* entre essas duas grandes forças e suas inevitaveis consequencias, é geralmente descurado. É preciso indicá-lo aqui por factos palpaveis e indisputiveis

O Meio

O *meio*, e por esta expressão, se deve entender o aspecto geral da natureza, o clima, a temperatura, a constituição geologica e geographic a do paiz e seus consequentes immediatos — o trabalho, a alimentação e as condições physiologicas e sociaes da população, o *meio* tem operado entre nós como agente diferenciador em toda a direcção da vida nacional pelos factos e circumstancias que se vão enumerar.

O povoamento do paiz, as condições politicas da nação, as relações economicas, juridicas, sociaes, tudo, até as intuições estheticas têm sido, em grande parte, ageitadas e modificadas pelo *meio*.

Vejamos as *relações políticas*.

Na immensa pêra sul-americana, como dizem uns, no enorme presunto d'America do Sul, como se poderia chamar, o Brasil, ocupando talvez mais do terço, constitue uma região especial que se distingue por mais de uma singularidade.

Tendo em geral a mesma configuração d'essa parte inteira do continente, é, no seu nucleo central, a região mais antiga do Novo Mundo e, talvez, da terra. Era uma enorme ilha primitiva, que se veio a ligar ao planalto mais recente dos Andes e ao das Guianas por movimentos geologicos especificos e mais directamente pela acção dos dois consideraveis rios que a circulam — o Amazonas e o Paraguai-Paraná-Prata.

Logo d'aqui decorrem tres consequencias, que, influindo no corpo inteiro do paiz, originam condições a um tempo synergicas e divergentes ás respectivas populações : a) a extensão do território que dá logar a nada menos de trinta ou quarenta zonas diversas climatologicas, acarretando outras tantas modalidades de-

mographicas e sociaes ; b) a existencia de quatro grandes depressões que circumdam o planalto, operando a singularidade da repetição no longinquo occidente e no alto norte de um clima approximadamente identico ao da costa e produzindo semelhanças sociaes inilludiveis ; c) a articulação do planalto com as depressões que o cercam dos quatro lados por systemas fluviaes que correm nas quatro direcções, formando do paiz um todo compacto e uniforme, garantidor da unidade politica, só perturbavel pelos erros dos homens, não pelas imposições da natureza. É só olhar para o mappa e ver com olhos desprendidos a distensão imponente e symetrica do colosso brasileiro : a unidade na variedade, ou a variedade na unidade é ahí a primeira dadiva do sólo. D'essa primordial circunstancia da terra promana consequencia inapreciavel de ordem politica.

O corpo do paiz não é desaggregado, como o da esparsa America hespanhola, tomada em seu conjunto, nem indistinto e uniforme como o do Uruguay, do Chile, de Portugal, da Belgica, da Hollanda, ou mesmo da propria França ! D'est'arte, se, por um lado, não é desequilibrado e desunido, a ponto de ter ao norte uma grande massa de terrenos, à guisa do Mexico e America Central, ligados por um simples isthmo montanhoso e quasi intransitavel ao corpo de suas irmãs do sul, ás terras da Colombia, Venezuela, Equador, Perú, Bolivia e Chile, separadas tambem estas ultimas da Argentina, do Paraguai e Uruguay pelo espinhaço gigantesco dos Andes, e seus contrafortes, o que tudo produz um corpo desarticulado, disforme, desconnexo, que se havia de fatalmente dividir ; não é, por outro lado, uma pequena região inteiriça e compacta, como a Laconia, a Phenicia ou a Judéa, apta a uma organisação demasiado unitaria e compressiva. Por isso o Brasil não poderá, não deverá nunca ser um Estado em demasia centralizado como a França, nem dissolvido em varias nações,

como a America hespanhola que já nasceu desunida!... Um governo *sui generis*, original, novo, especie de compromisso entre o regimen unitario e o federativo, será, suppomos nós, o resultado a que ha de chegar a politica brasileira, evitando os excessos das Constituições de 1824 e de 1891, simples obras de doutrinarios abstractos e phantasistas, que nem conheciam o nosso povo nem o nosso paiz. A experientia falha da centralisação imperial e a experientia ainda mais desastrosa do exagerado federalismo republicano hão de ceder o passo a um regimen mais em harmonia com o meio physico em que se move a joven nacionalidade.

O Brasil é um possante triangulo, cuja porção central, a antiga illa, o planalto, está hoje, como dissemos, cercada por quatro grandes depressões, que são as fachas de terras novas que o ligam ás regiões vizinhas e ao mar: a depressão do valle amazonico ao Norte, a do Paraguai-Paraná, prolongada no mesmo sentido pelo Guaporé e Madeira ao Oeste, a dos campos rio-grandenses ao Sul, a oceanica do lado Oriental. O divisor das aguas, entre as duas bacias que são como as pontas de enorme compasso, não é, ás mais das vezes, senão um chapadão pouco elevado, deixando quasi tocarem-se as aguas dos dois systemas, que dão origem a inumeros rios, os quaes constituem um symetrico regimen arterial, proprio para articular, unir e dar vida ao corpo inteiro. Como um verdadeiro poder moderador, bem perto das fontes do Paraná, cujos principaes affuentes nascem proximo ás origens de consideraveis affuentes do Amazonas, forma-se o gigante brasileiro por excellencia, o imponente São Francisco, que se encarrega de manter as regiões intermedias entre os dois rivaes, cortando-as bem ao meio.

Nestas condições, é facil comprehendêr que a União brasileira, antes de ser uma dadiva da historia e da politica, era já uma exigencia da natureza; mas essa unidade não é incompativel com a variedade, que a propria extensão do paiz, dividida em trinta ou quarenta zonas geographicas diversas, é a primeira a indicar e a impôr.

D'ahi as aspirações descentralisadoras, que acharam expressão no *Acto Adicional* de 1834 no tempo do Imperio e na *Constituição Republicana* actual, e a necessidade que se faz sentir da revisão d'esta ultima, no sentido de apertar os laços da União, em dias da Republica.

A acção, pois, do *habitat* brasileiro nas correntes geraes da organisação politica do paiz apresenta-se nítida.

Indiquemos, de relance, outras variações do assumpto.

O *consensus* existente entre todas as grandes manifestações da vida mental do povo leva-nos a isto.

Vejamos rapido a face jurídica: a influencia do meio nacional no desenvolvimento do *direito patrio*.

A extensão do paiz, produzindo as grandes distâncias, foi a causa determinante, não só das linhas geraes de sua primitiva divisão territorial, que o Imperio e a Republica não se atreveram a mudar, e ficou sendo a base da divisão político-administrativa, como ainda da formação lenta da vida social e jurídica. D'ahi, certos typos divergentes das legislações locaes das antigas capitâncias, das províncias do tempo imperial e dos Estados hodiernos, ao lado das medidas convergentes, indispensavelmente exigidas pela monarchia e agora pela União Republicana.

Foi ainda o meio que influiu na divisão, por vezes tentada, da colónia em dois governos e na criação do Estado do Maranhão e Grão Pará, já não falando na formação morosa das capitâncias de Minas Geraes, Goiás, Mato-Grosso, Santa Catharina e Rio Grande do Sul e na singular separação do chamado Distrito Diamantino, com regimen especial até ao começo do século XIX.

Foi e continua ainda a ser o meio o principal influidor na legislação industrial e no sistema de impostos, segundo as zonas sôa mineiras, cafeeiras, assucareiras, criadoras ou extractivas.

Foi ainda elle que occasionou a especial legislação sobre as comunicações internas, já prohibidas, já permittidas, nos tempos

colonias, e é ainda hoje o factor principal no sistema de viação ferrea, de comunicação e transito de mercadorias entre os Estados, e nomeadamente no temeroso problema da imigração estrangeira, que tem sido pessimamente encarreirado no Brasil, enchendo-se o Rio Grande do Sul, Santa Catharina e Paraná de allemães e São Paulo de Italianos, ao passo que os Estados do norte têm sido inteiramente descurados.

Foi ainda elle que determinou o facto da escravidão, crêando o sistema de *resgate dos indios* e das *bandeiras* para os *captivar*, ao mesmo tempo que levava o colono reinol a ajudar-se do braço africano para desbravar este paiz tropical. E é preciso, por fim, afirmar que tem sido e continua a ser poderoso agente jurídico, influindo nos costumes, os habitos, o trabalho, a alimentação e tantos outros elementos determinadores de nossa especial physiologia e psychologia nacional, que todos crêam relações jurídicas e provocam quasi sempre a accção da lei.

Passemos desde já a indicar a influencia do meio nas *creações estheticas e literarias*.

Aqui, além de todos os factos já apontados, que todos agem por modos varios, directos e indirectos, avulta o aspecto geral da natureza.

É o lado superior e quasi inegualavel de nosso paiz.

Todas as zonas d'esta parte da America offerecem ao observador encantos e bellezas em elevado grão. Costas, matas, montanhas, planalto, chapadas, campos e taboleiros, rios e lagos, — tudo traz a marca d'esta immensa officina de pittoresco.

A variedade é ahi a regra geral. As costas, na orla littoranea do Rio Grande do Sul, são de aréas e dunas como as da Dinamarca e do Baltico. De Santa Catharina ao Espírito Santo são cercadas, do lado de terra, de bellissimos amphitheatros de serras e montanhas de desencontradas alturas, ja érmas de mato em varios picos, já cobertas de luxuosa vegetação quasi em geral. Afastando-se aqui e alli em mó ou menor distancia da orla da praia,

os serros chegam em multiplos sitios a vir entestar com as ondas e banhar-se nellas; o mar penetra por varios furos e saccos, muitos d'elles cercados de montanhas a pique que lembrariam os *fjords* da Noruega, se a radiação do sol, a transparencia do céo e a brandura do ar não repelissem à comparação. Alguns d'esses saccos e reintrancias, como é principalmente o caso da alongada curva que de Cabo Frio a Santos quebra e afunda a direcção norte-sul que vinha seguindo a costa desde o Cabo de Santo Agostinho, alguns d'esses saccos e reintrancias, nomeadamente em Mangaratiba, Angra dos Reis, Mambucaba, Jerú-mirim, Parati, Parati-mirim, Cairussú, Ubatuba e São Sebastião, pela multidão de ilhas, intercadencia de pontas, transparencia das aguas, alvura das praias, aprumo majestoso das montanhas, fulgurações do céo, podem ser contadas entre as regiões mais deliciosamente bellas existentes na terra. Lembram a Attica e o mar Eggêo por mais de um titulo. Doce e placida a vida nestes sitios, é por toda a parte estimulada pelo pittoresco da paisagem ás effusões do mais delicioso lyrismo.

Não findam ahi, porém, as mutações da cinta littoranea brasileira.

Da Bahia a São Luiz do Maranhão, a costa mostra aqui e alli, em começo, alguns morretes de barro vermelho, alternando com as praias d'alvissimas arês, como dorsos mosqueados de animaes estranhos vistos ao longe. Depois seguem os lençóes prateados das arês interminas por toda a largura da costa desde o Itapecurú do sul (Bahia) até ao Itapecurú do norte (Maranhão). Aqui e alli os comoros movediços.

Tal sertão tal praia : cremos poder affirmar-o.

Ao sertão do planalto do sul, desde metade do Rio Grande até os limites septentrionaes de Minas, corresponde, pelo mar, do norte do Rio Grande até o sul da Bahia a costa montanhosa acima *scripta*; a esse sertão mais alto, mais rico, mais fresco — o littoral mais variegado e pittoresco. Ao sertão do planalto do norte, mais

sêcco, mais aspero, da Bahia ao Maranhão, corresponde o litoral desolado das arêas e dunas, severamente poetico em sua monotonia, quebrada aqui e alli pelas fózes dos rios e os matagaes que d'ordinario geram. De São Luiz do Maranhão até além das fronteiras do Brasil surge o panorama da mata maritima, a mata que entra pelo mar ou o mar que entra por ella a dentro.

« O navegador, diz uma testemunha ocular, o navegador parece estar presenciando o spectaculo de uma fata Margana, quando d'esta costa vê emergindo do horizonte umas copas despregadas primeiramente, ganhando successivamente e aos poucos seu tronco cada uma, reunindo-se finalmente em compacto e ininterrupto debrum florestal, que periodicamente do mar surge e periodicamente é inundado ainda pelas salsas ondas. » É a mata costeira, precursora da mata amazonense. Comprehende-se o surto de estranha poesia d'ahi evolado, capaz de inspirar poetas, pintores, romancistas e quantos sintam n'alma os impulsos do bello, desperto pela natureza.

O talento não pôde ficar mudo diante de taes scenas. Antonio Vieira, por ter alli passado, deve a esse meio algumas das suas mais poderosas paginas descriptivas. A descripção da *Ilha dos Neengahibas* é d'este numero.

Ainda nestas paragens verifica-se a nossa asserção: a tal sertão, tal praia.

Ao sertão amazonico, se esse nome merece, coberto de rios e florestas, havia de corresponder costa coberta de matas alagadiças. Tal é o Brasil, visto do mar. Em terra, a prodigiosa mutabilidade dos aspectos do céo e do solo escapa a qualquer definição. A região dita da mata, ao longo da zona maritima, é variadissima de feições. Oiteiros, campos, trechos de floresta, serras, cascatas, rios, riachos, valles, encostas e descalvados, de tudo se encontra, e cada trecho tem a sua phisionomia.

As regiões florestaes, propriamente ditas, no valle amazonico, em Pará, Amazonas e Mato-Grosso, attenta a quasi nenhuma assi-

milação de taes paragens ao nosso viver geral de nação, pois que ainda não as povoamos, não têm quasi nada influido em nossa es-*thesia*.

A mata familiar aos nossos poetas é a de Minas, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Sergipe, Pernambuco, Maranhão..., isto é, a que está para aquella outra na mesma proporção em que a Serra do Mar está para os Andes, ou a Mantiqueira para o Himalaia.

Talvez não tenhamos, sob o ponto de vista da doce harmonia de todas as notas influenciadoras de nosso meio, perdido demasiado com esse descuidoso abandono. Seria uma nota desaccoorde num côro de deliciosa melodia. «Ha grandeza, escreveu Alf. Wallace, ha grandeza e solemnidade na floresta tropical, porém pouca belleza ou brilhantismo de côr. As enormes arvores escoradas de sapopembas, os troncos gretados, as extraordinarias raizes aereas, as trepadeiras retorcidas e enrugadas e as elegantes palmeiras são o que fere a attenção. Porém tudo é lobrego e silencioso, e o homem sente-se alliviado ao ver de novo o céo azul e sentir os raios tostantes do sol.» Talvez não tenhamos demasiado perdido com a pouca influencia da truculenta paisagem equatoriana sob o ponto de vista dos influxos em geral sempre suaves do meio; mas perdemos, certamente, pelo que diz respeito aos fortes estimulos que d'alli podem provir á imaginativa. Nosso lyrismo tem acolá muito a assimilar.

O homem sente-se, escreveu Wallace, alliviado ao ver de novo o céo azul e sentir os raios tostantes do sol.—É o que não nos falta pelo Brasil em fóra. Se saímos da facha maritima e da orla das matas, já de si cheias ambas de tantas bellezas, e penetrarmos na região montanhosa que dá acceso aos taboleiros, chapadas e campos geraes do planalto, deparar-se-nos-ão sitios em que a fada espalhadora de scenas naturaes fascinantes na terra teve requintes de originaes devaneios. Não precisa ir muito longe: basta galgar alli a cem passos a encosta de Santa Thereza, pelas Larangeiras, Cosme Velho, Silvestre, Paineiras até ao Corcovado ou até ao Sumaré e sentir o

que vae de encantadores golpes de vista que vinte Cintras juntas não achariam tantos iguaes. Se quereis mais amplitude ao quadro, tel-a-eis, a poucas horas, no caminho de Petropolis, no de Theresopolis, no de Nova Friburgo; se aspiraes mais ainda, atravessae toda a região alpestre d'esse mesmo tom pelo sertão a dentro, ide á Campanha, a São José d'El-Rei, a Ouro Preto, a Bello Horizonte, a São Paulo e se vos antolharão trechos de phantastica fascinação.—É a parte mais bella do Brasil. Seguem-se os campos geraes, os grandes rios do interior, as matas do Paraná nas depressões que descambam para as Missões; iguaes accidentes em Santa Catharina, isto para quem vae atravessando o paiz para o sul; porque quem se dirige para o norte, se segue rumo de leste, tem de percorrer longitudinalmente o valle do Rio das Velhas, o do São Francisco e tem de atravessar o classico sertão do norte, o theatro das seccas; se segue rumo de oeste, galgados os chapadões de Goiaz, tem de atravessar o Tocantins, o Araguaia, e cair nas terras ignotas do Xingú, do Tapajós... Quanta variedade em tudo isto! Quantos espectaculos diversamente interessantes aos olhares percucientes do observador curioso!

E como tão differentemente devem tão variegados aspectos ter influido nas populações!

O complexo do paiz não está ainda sufficientemente povoado e detidamente descripto e estudado sob essa curiosa relação. Em resumo, porém, ousamos asseverar que os dois lados máos do clima brasileiro, a falta de chuva no sertão do norte e o impaludismo nas regiões baixas da costa e das margens dos rios, duas cousas, como se vê, exclusivas de limitadas porções do territorio, esses dois lados máos de nosso clima, aliás facilmente corrigiveis, são de sobra resgatados por preciosissimas qualidades que o meio aqui nos prodigalisa. A ausencia de vulcões, de terramotos, de tempestades assustadores, de cyclones, de tempestades de neve, de geleiras deslocaveéis, de desertos, de animaes monstruosos, tem trazido, cre-

mos nós, esse accentuado espirito de confiança, de destemor, de socegada placidez e doce quietude, muito para louvar em nossa populaçāo.

Os brasileiros atravessam durante dez ou vinte meses uma epidemia de cholera, febre amarella ou peste bubonica, que faria despoilar pela fuga Buenos-Aires ou Napoles em quatro ou cinco dias, como se nada houvesse!... É a mesma indiferente calma com que vivemos aqui seis mezes em constante bombardeio, na revolta da armada, sem que ninguem désse por isso, sem que as mulheres e as crianças deixassem de dar seus diarios passeios costumeiros, apesar de repetidas mortes nas ruas.

O constante aspecto primaveril das arvores, do campo, das montanhas, do céo, de tudo que nos cerca, imprimiu, por outro lado, em nosso senso estheticas as duas qualidades que melhor o distinguem: a effusão lyrica em a poesia, o colorido vivo da paisagem na pintura. Lyrismo e paisagem são, d'est'arte, as notações mais vivazes de nossa capacidade estheticas.

A terra das tardes morenas e tepidas noites deslumbrantes, das manhans vivas e cheiroosas, dos passaros de variegada plumagem, das folhagens sempre verdes, das flôres sempre alacremente vivas, tinha naturalmente de ser terra de descriptivos na lyrica e na pintura. É a nota fundamental a que as demais têm de se ajuntar.

Mas onde a accção das condições especiosas do meio brasileiro se deixa pegar em flagrante é no estudo de como se operou e se vai operando o povoamento da terra.

A existencia inestimavel do mar que nos banha numa imensa costa, que abrange um lado inteiro do paiz e que é um dos factores, e dos mais poderosos, da independencia da nação e da união entre seus filhos, foi o primeiro vehiculo por onde se começou a effectuar o povoamento do territorio e ainda hoje é o meio mais efficaz das communicações entre os seus habitantes. Du-

rante quasi dois seculos, os novos incolas, na phrase pinturesca de Frei Vicente do Salvador, *andaram arranhando na costa como caranguejos*. O velho chronista não suspeitava que assim mesmo é que tinha de ser por exigencias telluricas do novo *habitat*.

Os primeiros nucleos de população tinham fatalmente de ser nas costas, d'onde era mais possivel a communicação com a mae patria, e onde a vida era mais facil. A existencia das matas virgens e cerradas, proximas ás costas, constituia uma dificuldade inicial ao devassamento e povoamento interior da terra, circunstancia ainda mais aggravada pela proximidade, nas costas do sul, das serranias que circulam o planalto central. Serras e matas demoraram o passo aos povoadores, o que ainda mais, aos olhos da historia, faz avultar a acção quasi miraculosa de Anchieta na fundação de São Paulo, facto certamente excepcional.

Mas a terra tem aberturas para o mar: *os grandes rios*. Estes foram o segundo factor poderoso no povoamento do paiz pelos colonos reinões. O São Francisco, o Parahiba do Sul presidiram ás primeiras entradas que avançaram pelos sertões. De perto os seguiram o Amazonas, o Parnahiba, o Itapecurú, o Mearim, o Jequitinhonha, o Rio de Contas e outros de menor vulto.

E, o que ainda mais consigna a importancia d'esses inegualaveis conductores do homem, é o facto de não terem sido só os rios que endireitam o curso para as bandas orientaes do planalto os que dirigiram as entradas dos povoadores. Igual concurso toparam estes nos rios, singularidade notavel do Brasil, os quaes, nascidos, por assim dizer, quasi na costa, lhe correm no sentido opposto: o Iguassú, o Paranapanema, o Tieté, o Rio Grande, o das Mortes, o Paraná, pela mesma forma que hoje em dia o Juruá, o Purús, o Acre, o Madeira são portadores de gente para os mais altos recessos do Continente, como já d'antes o tinham tambem sido o Paraguai, o Cuiabá, o São Lourenço, o Paranahiba e em muito menor escala o Araguaia e Tocantins. E não é só: os

grandes campos de criação, adjacentes a muitas d'essas imponentes correntes d'água que retâlham o pátrio solo, foram outros tantos condensadores de gente, adequada expressão esta que tomamos a Capistrano de Abreu.

D'est'arte, em contraste aos *agricultores* da costa e zona proxima das matas, formava-se a população de *criadores* dos sertões longinquos, que tiveram no gado um auxiliar poderosissimo para a descoberta e desbravamento do paiz. Em tudo isto é flagrante a ação do meio, encaminhando o povoar da terra, phenomeno que se repete, mais tarde em mó escala talvez, na descoberta e povoamento das regiões montanhosas e *mineiras* de Goiaz, Mato-Grosso e Minas. Foi o incitamento da posse de tantas riquezas occultas no seio das serras sertanejas, que, açulando a cabeça dos homens, os levou a descobrirem e povoarem tantas e tão consideraveis porções de nosso territorio. É o caso da *borracha* agora no alto Norte e grande Oeste. Assim: aqui o mar; alli a mata; aqui a montanha, alli os rios; acolá os campos, além os minérios, o ouro, o diamante, os seringaes, foram outras tantas forças já favoraveis, já embaracadoras á accão do colono no povoamento da terra.

E, nesta ordem de idéas, cumpre não esquecer a co-relação existente entre o movimento de população que se opera no norte e o phenomeno mesologico das secas reinantes periodicamente em certa porção d'aquelle territorio. É o que determina o exodo de Cearenses para o Amazonas e o Acre.

Sempre a collaboração do meio.

Nação sem base economica não se pôde conceber e nem se pôde manter. Por este lado o influxo do meio é fatal; a selecção tellurica, para falar como Alfredo Kirchhoff, é de pressão imediata. — Vejamos, pois, de relance, as *relações economicas*, esboçadas entre nós pelas proprias condições de nosso paiz.

A falta relativa de numerosas ilhas e peninsulas, nesse mar a tantos respeitos tão consideravel e prestimosq; além da corrente dos ventos muito mais constante do oceano para a terra do que da

terra para o oceano, afastou os incolas primitivos dos grandes labores da navegação.

Comparados aos habitantes das Antilhas e do Archipelago Malaio, elles desapparecem numa inferioridade absoluta. Sua navegação rudimentar não passava dos rios, das enseadas, dos portos e paragens abrigadas da costa.

O brasileiro, a despeito da ascendencia portugueza, é ainda hoje quasi refractario á vida do mar, e, assim, nossas industrias maritimas são muito limitadas, quasi nullas.

A propria navegação costeira anda nas mãos de estrangeiros, navegação, aliás, cada vez mais embaraçada pelo phenomeno geologico do levantamento progressivo das costas por toda a longuissima zona maritima do paiz, com excepção apenas do extremo norte, da foz do Amazonas para cima, onde se produz o phenomeno inverso. Todos os portos da Republica estão a reclamar consideraveis e colossaes reparos que os conservem fracos e capazes. É na terra que, exclusivamente quasi, se abre a arena do labutar brasileiro pela vida. O primeiro presente por ella feito ao aventureiro europeu foi o das ricas madeiras das matas proximas á costa. Durante oitenta annos e mais, o pão-brasil, os cédros, os jacarandás e outros frondosos gigantes da floresta forneciam o carregamento dos navios que aportavam ás nossas plagas. As resinas, as gommas, os passaros entravam por alguma cousa nessas quotas primitivas. Ainda hoje, as matas e florestas em estado virgem constituem um especial regimen ás populações que as avizinhham ou nellas mais ou menos vivem.

A floresta do Amazonas e a de Mato-Grosso são os typos classicos, digamos assim, da floresta no Brasil. Alli a população sedentaria, em rigor, não existe. Percorrem-nas tribus errantes que entretêm algum commercio com as malocas mais estaveis da *borda*. A expressão *borda da mata*, indicadora dos limites florestaes é geral no Brasil. É ahi que estacam as populações fixas e senhoras do solo. As florestas do Amazonas e Mato-Grosso são á regiā das

industrias extractivas por excellencia. A borracha, a salsaparrilha, o cacáo, as castanhas, são os productos predilectamente procurados. Na borda da floresta, *borda da mata*, existe alli a rudimentar lavoura de generos tropicaes: *tabaco, canna de assucar, mandioqua, arroz, milho...* Mas isto é a excepção: o homem é alli ainda, originariamente, pescador, caçador e, modernamente, seringueiro.

Industria peculiarissima da floresta é esta dos seringueiros, typos *nomades* que levantam acampamento em monções proprias, internam-se pela mata dentro, ao sabor do curso dos grandes rios, ao serviço dos *regatões*, especie nova de commerciantes tambem *nomades* que fazem a compra da borracha e d'outros productos congeneres. É bem de vêr que o meio é ahi o principal propulsor de tão singulares peculiaridades.

A mata famosa de Minas, a do Maranhão, a do Espírito Santo, a de Ilhéos na Bahia, a de Goiaz, com serem muito menos consideraveis do que as de Mato-Grosso e valle Amazonico, representam peculiar papel nas industrias locaes com as suas madeiras, o que tambem acontece ás do Paraná e Santa Catharina ao longo do Iguassú, do Chapecó e do Chopim. Nas regiões circumvizinhas d'estas no planalto, representam papel especial as araucarias brasilienses, os pinheiros do Paraná, que constituem florestas ralas e abertas, e as vegetações de herva matte, fontes de industrias especiaes. Identicas são as condições de Mato-Grosso, nas regiões do sul, limitadas pelos campos e chapadas do planalto a leste e o valle do Paraguai ao occidente. Por todas estas zonas, a producção industrial é uma dadiva directa da mata, qual aconteceu aos incolas da costa durante a mór porção do primeiro seculo da descoberta e povoamento do Brasil. O meio determina por todas essas paragens o prolongamento do regimen primitivo. Mas, é certo, as causas não poderiam no perimetro das costas por muito tempo prolongar um viver tão elementar e um sistema económico tão aleatorio. Penetrado o interior do paiz, pouco que fosse, a mata tinha de ser

sacrificada a largos trechos para dar logar a culturas estaveis. A lavoura da *canna* teve então em todo o norte do paiz a primazia e veio a constituir a principal base economica da colonia por mais de dois seculos.

O *tabaco* foi tambem, desde logo, um adjuvante, porém de menor importancia, ao lado d'outros productos menos consideraveis, talvez, como ramos de commercio e mais valorosos para a alimentação das populações que se iam formando.

A *mandioca*, o *arroz*, o *feijão*, o *milho*, o *côco*, a *batata*, a *banana* exerceram nesse mister a função primordial. Ainda hoje é esse, fundamentalmente, o aspecto geral de nossa agricultura por todo o norte, centro e grande parte do sul do paiz. A lavoura, porém, sem criação, como base da alimentação popular, não se pôde nunca jámais comprehender. O colono precisava da carne, e, se o mar e os rios lhe davam o peixe, as capoeiras e matas lhe davam a caça e as aves, era isto um passo apenas preliminar que era mister transpôr em larga escala. O descobrimento dos *campos*, *taboleiros* e *chapadas* do interior do paiz abriu-lhe logo a perspectiva da criação em grande.

Abordado principalmente pelo São Francisco, pelo Itapecurú maranhense, pelo Parnaíba, pelo Grajahu, desvendou-se o *sertão do norte*, a zona *criadóra*, e as fazendas de criar, as *fazendas de gado* constituíram-se a fonte de riqueza d'uma região immensa e vieram a competir com os *engenhos de assucar* da costa e da mata. D'est'arte o *assucar*, como base da exportação, a *rez* e os *cereaes*, como bases da alimentação e da riqueza interna do povo brasileiro, constituem a mais antiga e a mais duravel manifestação da industria nacional estavel, logo após o curto momento da espontanea exploração florestal. E, se esta é ainda hoje mantida nas regiões que de relance apontamos, aquellas que a succederam se espalharam pelo paiz quasi inteiro, garantindo-nos nesta assereção, a larga exploração pastoril de Maranhão, Piauhi, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahiba, Pernam-

buco, Minas, Goiaz, Mato-Grosso, Rio Grande do Sul, e até do Pará nas chapadas que vão subindo em demanda do planalto da Guiana. São industrias simples, quasi primitivas, presentes imme-diatos do meio.

Intercorrentemente os colonos do sul, as gentes do Rio de Janeiro e de São Paulo, tambem plantavam canna de assucar e cereaes na costa e na região serrana. Só mais tarde o sertanejo pau-lista, que foi e é ainda criador de gados em regiões apropriadas, no devassar sertões preando o indio para o escravizar, é que veio a abrir novo e passageiro momento na vida economica da nação: a *phase mineira*, o periodo do ouro e do diamante; Goiaz, Mato-Grosso e Minas foram os offertadores de tamanhas e tão fugazes riquezas.

Em quanto a mineração foi cousa, por assim dizer, espontanea, facil, natural, simples presente, méra dadiva do meio, o Brasil foi a terra do ouro e dos brilhantes. Quando se fizeram indispensaveis, as grandes e dispendiosas obras d'arte, a moda passou. E ainda ahi nossa these se justifica. Mas a natureza é māc inesgotavel em seus dons: fechado o cyclo do ouro, abriu o do *café*. A *terra roxa* deixava rasgar os ubertosos seios para fazer brotar a planta sagrada, fonte excelsa da riqueza publica durante todo o periodo do imperio e ainda hoje, rivalisando apenas com ella a *seringueira equatorial*, que, como fonte de renda na balança internacional do commercio, talvez venha ainda a supplantal-a, voltando nós fundamentalmente por onde tinhamos começado: ter por fonte principal de riqueza a producção meramente espontanea e natural, até que a nação, disciplinada e forte, tente e produza formas de trabalho e actividade verdadeiramente agricolas, manufactureiras e fabris.

A lição que bróta d'estes factos é a do caracter pouco inventivo de nossas creações industriaes, sempre dominadas, senão produzidas principalmente e até directamente pelo simples influxo do meio. Este é que nos tem dado de graça as madeiras, a borracha, a herva matte, a castanha, a salsa-parrilha; quasi de graça o ouro, as

sacrificada a largos trechos para dar logar a culturas estaveis. A laboura da *canna* teve então em todo o norte do paiz a primazia e veio a constituir a principal base economica da colonia por mais de dois seculos.

O *tabaco* foi tambem, desde logo, um adjuvante, porém de menor importancia, ao lado d'outros productos menos consideraveis, talvez, como ramos de commercio e mais valorosos para a alimentação das populações que se iam formando.

A *mandioca*, o *arroz*, o *feijão*, o *milho*, o *côco*, a *batata*, a *banana* exerceram nesse mister a função primordial. Ainda hoje é esse, fundamentalmente, o aspecto geral de nossa agricultura por todo o norte, centro e grande parte do sul do paiz. A laboura, porém, sem criação, como base da alimentação popular, não se pôde nunca jámais comprehender. O colono precisava da carne, e, se o mar e os rios lhe davam o peixe, as capoeiras e matas lhe davam a caça e as aves, era isto um passo apenas preliminar que era mister transpôr em larga escala. O descobrimento dos *campos*, *taboleiros* e *chapadas* do interior do paiz abriu-lhe logo a perspectiva da criação em grande.

Abordado principalmente pelo São Francisco, pelo Itapecurú maranhense, pelo Parnahiba, pelo Grajahú, desvendou-se o *sertão do norte*, a zona *criadóra*, e as fazendas de criar, as *fazendas de gado* constituíram-se a fonte de riqueza d'uma região immensa e vieram a competir com os *engenhos de assucar* da costa e da mata. D'est'arte o *assucar*, como base da exportação, a *rez* e os *cereaes*, como bases da alimentação e da riqueza interna do povo brasileiro, constituem a mais antiga e a mais duravel manifestação da industria nacional estavel, logo após o curto momento da espontanea exploração florestal. E, se esta é ainda hoje mantida nas regiões que de relance apontamos, aquellas que a succederam se espalharam pelo paiz quasi inteiro, garantindo-nos nesta asserção, a larga exploração pastoril de Maranhão, Piauhi, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahiba, Pernam-

buco, Minas, Goiaz, Mato-Grosso, Rio Grande do Sul, e até do Pará nas chapadas que vão subindo em demanda do planalto da Guiana. São industrias simples, quasi primitivas, presentes immedios do meio.

Intercorrentemente os colonos do sul, as gentes do Rio de Janeiro e de São Paulo, tambem plantavam canna de assucar e cereaes na costa e na região serrana. Só mais tarde o sertanejo paulista, que foi e é ainda criador de gados em regiões apropriadas, no devassar sertões preando o indio para o escravizar, é que veio a abrir novo e passageiro momento na vida economica da nação: a *phase mineira*, o periodo do ouro e do diamante; Goiaz, Mato-Grosso e Minas foram os offertadores de tamanhas e tão fugazes riquezas.

Em quanto a mineração foi causa, por assim dizer, espontanea, facil, natural, simples presente, mera dadiva do meio, o Brasil foi a terra do ouro e dos brilhantes. Quando se fizeram indispensaveis, as grandes e dispendiosas obras d'arte, a moda passou. E ainda ahi nossa these se justifica. Mas a natureza é mãe inesgotavel em seus dons: fechado o cyclo do ouro, abriu o do *café*. A *terra roxa* deixava rasgar os ubertosos seios para fazer brotar a planta sagrada, fonte excelsa da riqueza publica durante todo o periodo do imperio e ainda hoje, rivalisando apenas com ella a *seringueira* equatorial, que, como fonte de renda na balança internacional do commercio, talvez venha ainda a supplantar-a, voltando nós fundamentalmente por onde tinhamos começado: ter por fonte principal de riqueza a producção meramente espontanea e natural, até que a nação, disciplinada e forte, tente e produza fórmas de trabalho e actividade verdadeiramente agricolas, manufactureiras e fabris.

A lição que bróta d'estes factos é a do caracter pouco inventivo de nossas creações industriaes, sempre dominadas, senão produzidas principalmente e até directamente pelo simples influxo do meio. Este é que nos tem dado de graça as madeiras, a borracha, a herva matte, a castanha, a salsa parrilha; quasi de graça o ouro, as

pedras preciosas, as manadas de gados; e por modico esforço o cacáo, o tabaco, o assucar e o café.

Em tudo isto a collaboração do meio tem sido capital; ainda naquellas producções em que mais se accentua o labor do homem.

Em nossa agricultura, hontem e hoje rudimentar, num canhavial, por exemplo, dos engenhos de Pernambuco, os famosos engenhos admirados em 1580 pelo Padre Cardim, mais tinha que vêr a fertilidade, o calor e a humidade da terra do que a carpa de cincuenta ou cem captivos.

Mas ahi mesmo se notam os pontos de convergencia existentes na actividade brasileira por todo o paiz. A grande extensão d'este é por tal arte articulada pelo planalto, pelos rios, pelas matas, pelos campos igualmente repartidos pelo paiz inteiro, que vemos a industria de criar no alto norte do Amazonas e Pará e no extremo Rio Grande do Sul, em Minas, como em Goiaz e Mato-Grosso, em Pernambuco e Ceará e Rio Grande do Norte e Parahiba e Bahia e Piauhi e Maranhão, como em São Paulo. E, como a mata, além de circular o Brasil pelo oriente e pelo norte, o circumda tambem pelo oeste e certas paragens do sul, produzindo approximações climatologicas proprias das depressões que cercam o planalto dos quatro lados, as industrias extractivas surgem-nos de todas as bandas.

E, como ainda o calor e a humidade são geraes pelo paiz quasi todo, dotando-o de fertilidade irrecusavel quasi por toda a parte, a laboura não é privilegio d'esta ou d'aquelle zona exclusiva.

A determinação do influxo do meio physico em a marcha do povoamento do paiz e ainda nas linhas geraes da politica, do direito, das artes e letras e da economia nacional, com ser muito, não é ainda tudo. Resta saber como vae sendo mode-lado o povo sob o *aspecto physiologico* e, como consequencia, o

aspecto moral. A nosologia, os costumes, as tendencias sociaes constituem a face, talvez, mais interessante do assumpto.

O Brasil é um dos mais perfeitos typos dos paizes tropicaes. Distendido de $5^{\circ} 9' 40''$ N a $33^{\circ} 45'$ S, jaz quasi todo elle entre o tropico de Capricornio e o equador. Apenas os tres estados do extremo sul -- Rio Grande, Santa Catharina, Paraná e exigua porção de São Paulo descambam abaixo do tropico, mas sem saírem do quadro dos paizes quentes; pois estes vão até o grão 35 de ambos os hemispherios.

No immenso reino neo-tropico, na phrase dos naturalistas, o Brasil constitue por isso região perfeitamente caracterizada, que não é lícito confundir com as que a cercam, — andina, guianense e argentina.

A caracteristica geral dos climas tropicaes, tão lucidamente descripta por medicos, geographos e hygienistas, vem a ser: calor e humidade com o cortejo funesto do impaludismo. A superexcitação dos orgãos da peripheria com prejuizo dos orgãos centraes, a transpiração exagerada da cutis, o antagonismo entre o pulmão e o figado, encarrégado de trabalho duplo, a secreção da bilis, a deposição copiosa do pigmento, são predicados predominantes na physiologia d'esses paizes.

Assim os caracteres do typo physiologico mais geral na população brasileira, maximé nas famosas depressões de que temos tantas vezes falado, são os do temperamento bilioso, signal d'uma verdadeira saturação do carbono, combinados com os do temperamento lymphatico e os do nervoso, como asseveram os hygienistas.

Erraria, entretanto, quem applicasse esse criterio ao Brasil todo, ao paiz em peso. Ainda aqui a unidade abre espaço á variedade. É innegavel ser esse o typo climatologico generico em toda a immensissima depressão da costa desde o cabo de Santa Martha até á foz do Oiapock, comprehendendo a facha littoranea e matas

proximas; e mais na enormissima depressão do valle amazonico, ramificada a sul e norte até attingir de um lado o planalto brasiliaco, e de outro o planalto guianense; e mais na vastissima depressão occidental desde o Rio Madeira até ao Apa, comprehendendo as baixadas do Guaporé e Paraguai e respectivos affuentes; e mais, finalmente, nas margens de todos os rios que cortam em todos os sentidos o corpo inteiro do paiz, principalmente os de Goiaz.

Feita, porém, esta concessão á unidade climatologica do Brasil, quão largas bréchas ha ainda para a variedade! Esta é multipla, numerosissima.

O Brasil conta trinta ou quarenta grandes zonas diversas de aspecto e clima que devem ser tratadas diversamente, sob pena de falseamento completo de tudo que se affirmar d'elle por este lado. É dentro de todas essas zonas existem pontos privilegiados que são já e hão de constituir no futuro cada vez mais o paraíso d'aquelles que os aproveitarem.

Primeiramente, temos, mesmo na zona das depressões que cercam o planalto, a região de campos e coelhilhas do Rio Grande do Sul, refrescada por periodicas chuvas no verão e ventos frios no inverno, sempre de clima sadio e aprazivel.

No immenso perimetro da costa, trechos existem de praias secas, expurgadas de quaesquer pantanos e mangues, sitios, apropriados a banhos de mar nas estações calmosas, de clima ameno e salubre. Não ha um só dos Estados maritimos que não possúa uma dezena de trechos d'esses.

Mas é na enorme ossatura do planalto que a mór variedade se prodigalisa.

Approximado da costa nas regiões do Sul do paiz desde metade do Rio Grande até o Espírito Santo, offerece profusão de climas deliciosos.

Já na região serrana rio-grandense, que com a de Santa Catharina e a do Paraná tem innumeros pontos de contacto, Caxias,

Passo Fundo, Santa Maria, Nova Hamburgo e Cruz Alta, nada têm a invejar aos melhores climas da Hespanha, de Portugal e da Italia.

Toda a imponente zona dos campos geraes de Santa Catharina e Paraná se acha em identicas circumstancias, bastando lembrar Lages, Coritibanos, Castro, Ponta Grossa, Guarapuava e mesmo Coritiba, cujo céo e cuja temperatura nem por sombras faz lembrar que se está em clima tropical. Igual privilegio cabe ás regiões altas de São Paulo, Goiaz do Sul, Rio de Janeiro e Minas Geraes, nas quaes trechos existem, como Campos do Jordão, Cunha, Uberaba, Campanha, Cambuquira, Barbacena, Oliveira, Diamantina, que podem figurar entre os mais deliciosos do mundo.

O mesmo deve ser afoitamente afirmado de extensissimas paragens dos campos altos e chapadões de Mato-Grosso, caracterizados pela mesma feição dos congeneres de São Paulo, Minas e Goiaz. São terras todas ellas de clima sub-alpino, céo quasi invariavelmente azul-claro, atmosphera leve, transparente, ar sêcco, fresco, amigo complacente da vida.

São dadivas essas dos tres systemas de montanhas dominadoras do planalto: o *Oriental* ou *do Mar*, caprichoso criador de paisagens como de mais exquisita belleza não existem na terra, tendo a phantasia de, a poucas horas do Rio de Janeiro, dar um trecho de paraíso como Theresopolis; o das *Vertentes* ou *Central* e o do *Espinhaço* ou *Occidental*, tres consideraveis systemas orographicos que se ramificam num dedalo de serras, tão curioso como o das aguas que percorrem o paiz em todos os sentidos e por todos os lados. É preciso banir a idéa de ser o planalto uma especie de taboleiro chato ocupando todo o centro do Brasil; não; sobranceiro ao mar, é elle alterado por sua vez em varias direcções por series de montanhas de diversas altitudes. D'ahi a multiplicidade encantadora de seus aspectos e a variedade enorme de seus climas.

Uma das mais curiosas, sob todos os aspectos, é a região sertaneja do extremo leste do Brasil, entre o Itapecurú da Bahia e o Itapecurú do Maranhão. São as terras mais orientaes de nosso paiz, mais fronteiriças d'Africa, comprehendendo os Estados do Piauhi, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e parte da Bahia.

É o sertão typico do Norte, a famosa região periodicamente açoitada pela falta de chuvas. Clima quente e seco: dias ardentes sob um sol de fogo, noites frescas e até frias em varias paragens; campos e chapadas cobertas de macega carrasquenta e aspera; vegetação enfesada de catingueiras. Salubridade boa, a despeito de tudo.

Nas serras, que tambem alli existem do sistema oriental, Ibiapaba, Borborema, Baturité, Caicós, Gurgueia e outras, existem sitios deliciosos. O mesmo se repete nos sertões do Maranhão e nas terras altas do Pará e Amazonas, infelizmente até agora pouco aproveitadas.

Nas proprias terras baixas são paludosas sómente as margens dos lagos e dos rios de agua preta, que entram no grande rio-mar; porque as ribas d'este não o são, segundo o testemunho insuspeito de conhecedores directos.

Mas que tem a ver essas cousas com a physiologia e, como consequencia, com o carácter nacional? O homem é o que elle come, dizia Büchner; o homem tem a feição do meio que habita, asseveram todos, e é a verdade.

Os moradores das terras baixas e quentes das praias e das matas são, em regra geral, anemicos, apathicos, achacados em qualquer grão de desarranjos hepaticos.

Esta influencia mesologica, que leva ao desprendimento de pouca energia, é auxiliada pela fertilidade da terra, que produz com pouco trabalho, e, nas zonas piscosas, peculiarmente no immenso valle amazonico, pelas facilidades de viver que mantêm o grosso da população num bem estarappa-

rente, inimigo do progresso, por não aguilhoar o esforço, a iniciativa, fontes de todo adiantamento. Na região das matas, na zona dos engenhos de assucar, só o regimen da escravidão pôde levar de vencida os asperos trabalhos proprios a tal industria, hoje decadente a olhos vistos.

As gentes dos climas congeneres de Mato-Grosso e Goiaz acham-se em iguaes condições.

Já não se dá o mesmo com os *gaúchos* dos campos do Rio Grande. Carnivoros eméritos, campeadores audazes, são guapos, alegres, fanfarrões, bulhentos, como gente de boa saúde e vida aventurosa.

Os criadores de serra a cima, dos campos do planalto do Rio Grande a Minas acham-se igualmente em boas condições de saúde e actividade.

Os agricultores tambem de serra a cima, no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Geraes são gentes sóbrias, fortes, bem humoradas, como productos naturaes de um clima são.

Diversa é a condição dos sertanejos do norte, da famosa região das secas. Ahi a pobreza do solo, os rigores e incertezas do clima, variando entre a fartura nas sazões propicias das chuvas e a miseria nas quadras calamitosas, formaram um povo *sui generis*.

Fracos de apparencia e de aspecto, são pertinazes, energicos, resistentes em grão notavel. São um tanto tristes, mas confiantes, resignados, afetos ao trabalho aprendido directamente da aspera lucta com a natureza. Não são dissimulados nem fingidos; têm a rude sinceridade do sol de seus sertões, duro e severo como elles.

De todas essas parcellas de gentes diversas, espalhadas por este paiz em fóra, ainda mui pouco estudadas em seus habitos, em seus costumes locaes, em sua psychologia, é que se forma o grosso da populaçao brasileira, de que as gentes das cidades de Belém, de São Luiz, do Recife, da Bahia, do Rio de Ja-

neiro, de São Paulo, de Porto Alegre e de outras menos consideraveis constituem um troço á parte, pela consideravel influencia estrangeira ahi reinante e, por isso, não são as mais proprias para nos definirem em nosso caracter especifico.

II

A Raça

É tempo de passar a outro factór em nossas letras e em nossa vida social d'alto abaixo: a *raça*.

Com quanto reconheçamos a extraordinaria influencia do *meio*, crêmos ainda superior — a da *raça*.

Esta expressão tem hoje dois principaes sentidos em sociologia: o anthropologico e o historico. De certo tempo a esta parte, principalmente apôs a derrota dos franceses na guerra de 1870, varios escriptores, entre estes ató os que no conceito anthropologico da *raça*, como Taine e Renan, tinham feito repousar a base mais segura de seus estudos de linguistica, de critica religiosa, de literatura e de arte, entraram a se desdizer e a reduzir o mais possivel o valor da originaria distincção das raças humanas. É evidentemente um capricho de patriotada para encobrir e desculpar os defeitos nacionaes.

Neste intuito tanto mais têm procurado encurtar o valor do facto anthropologico quanto o têm alargado em historia. Chegam quasi a bradar: *não existem raças anthropologicamente distintas e puras; existem apenas raças historicamente formadas*. Aqui anda erro conscientemente arranjado e applaudido. Para chegar ahi vão ató ao ponto de sophisticamente estender o conceito de raça aos simples ramos, simples garfos, mórás variedades de um grupo ethnico qualquer, no claro empenho de, pela exageração

da eousa, mostrar-lhe a sem razão! Nada d'isto, porém, eolhe perante a sciencia, severa em seus methodos e estudos. Falamos abusivamente de raça portugueza, hespanhola, franceza, italiana, alleman, ingleza, hollandeza, norueguense, suéea, flamenga, polaca, russa, latina, grega... mérias variedades da raça aryana, para, pelo absurdo, mostrando as condições historicas em que se formaram essas nações, entre si sempre emmaranhadas, chegarem á negação do facto geral: a distincção originaria dos aryanos em face, não dos membros esparsos do mesmo grupo, senão diante de semitas, uralo-altaicos, malaios, drawidianos, polynesios, negritos, africanos, americanos... O absurdo é patente. O valor da politica, da historia, ninguem, em bom juizo, o contesta na caldeação, digamos assim, das populações aryanas entre si, e até com populações mais antigas, na Europa e na Asia para a formação das nacionalidades em que veio a dividir-se a grande raça. Hindús, persas, hellenos, italioças, celtas, germanos, slavos, primeiro, e, depois, franceses, hespanhóes, portuguezes, allemães, inglezes, suecos, norueguenses, hollandezes, flamengos, russos, polacos, são, por certo, em parte producto da historia, estes mais do que aquelles.

Se a historia, porém, expliea quasi por si só a formação de cada uma das *variedades* dos diversos *ramos* da grande raça, já não consegue com igual facilidade dar o porque da distincção dos alludidos *ramos* e muito menos a razão da diferença entre a citada *raça* e as outras *raças* inconfundiveis que com ella formam o conjunto do genero humano. São tres problemas diversos. Sim, se é relativamente facil mostrar, historicamente, como se formaram, por exemplo, as variedades do ramo latino,—portuguezes, hespanhóes, franceses, italianos; já não o é, historicamente, explicar porque latinós e germanicos, celtas e hellenos, slavos e iranianos, hindús e ligures (admittindo que estes ultimos sejam aryanos) se distanciam tanto entre si; e muito menos commodo é, pelo mesmo processo, dar os motivos da radical diferenciação entre os aryanos e os malaios e os negros d'Africa e os polynesios...

Este é que é o facto contra o qual não valem sophismas.

A historia por mais que se tenha agitado nos ultimos dez mil annos, que tantos devem datar desde os inicios da civilisação do Egypto, da Chaldéa, da Assyria, de Babylonia e mesmo da China, não conseguiu, por mais que tenha destruido e misturado povos, não conseguiu ainda apagar as inconcussas verdades da Anthropologia e da Ethnographia.

Pôde ser que ainda o venha a conseguir; mas por enquanto é cêdo para falar nisso. Tal o forte motivo pelo qual é necessário contar em nossa propria historia com o factor ethnologico, por mais que isto possa ferir preconceitos. À espera de uma total extinção de todas as diferenças ethnicas entre as nações, a humanidade ficará, talvez, outros dez mil annos, ou mais, e até lá a anthropologia terá sempre razão.

Verdade é que nos ultimos quatro seculos, depois que os europeus correram todos os mares e terras e se arrogaram o direito de tomar conta das regiões ocupadas por *selvagens e gentes inferiores*, muito tem sido feito no sentido da indistinção almejada. Mas tem sido por um processo de morte, de aniquilamento directo ou indirecto. O *directo* é posto em pratica pelos anglo-saxonios, a gente colonisadora por excellencia; o *indirecto*, que é o do *cruzamento*, é, e sempre foi, mais do gosto dos ibero-latino, o segundo grupo de gentes colonisadoras do Renascimento a esta parte.

Pelo primeiro processo têm desaparecido quasi geralmente os indigenas dos Estados Unidos e de quasi toda a Oceania. O mesmo acontecerá provavelmente aos indigenas da Africa, logo que toda a peninsula estiver de posse de ingleses e allemandes, iguaes os ultimos aos seus parentes neste particular. Não é que uns e outros destruam em directas e monstruosas hecatombes os selvagens, ou os tratem peior que os hespanhoes e portuguezes. É que criam nos paizes submettidos e conquistados uma ordem de cousas em que as

raças inferiores não se podem manter. Prestam serviços, como animaes de carga, em quanto se formam as cidades, os canaes, as estradas, os portos, a drenagem do sólo, o desbravamento das matas, as linhas telegraphicais; porém depois não cruzam, definhham e morrem. Os restos que ficam, como os negros nos Estados Unidos, vivem debaixo de perpetua ameaça, desprezados, ilhados da população branca. É o resultado a que chegam por via de regra povos em contacto e sob o dominio das gentes *xanthochroides* do norte da Europa. Esses bellos exemplares humanos de pelle álva, cabellos louros e olhos azues, são inconscientemente um fermento de morte para os pobres selvagens. Não assim os *melanochroides* do meio-dia. Estes são gentes de tez morena, cabellos pretos, olhos negros ou pardos, e são já, sem duvida, resultado de misturas de brancos com berberes, libyos, chuschitas e negros no immenso laboratorio circular do Mediterraneo. Inconscientemente, espontaneamente praticam o processo indirecto de apagar povos do livro da vida; mas é mais humano e não diremos mais meritorio; porque não são cousas filhas de reflexão consciente. É uma quéda, um pendor biológico instinctivo e nada mais.

E este tem sido o caso dos portuguezes no Brasil por quatrocentos annos; e ha de ser e está sendo em grande escala, o dos seus congeneres italianos, que de São Paulo, para onde principalmente ora têm convergido, se hão de espalhar, já cruzados e integrados com as populações da terra, pelo planalto central inteiro do paiz. Pelo que toca ás colonias germanicas do Sul, não se têm deixado assimilar e serão no futuro causa de desagregação do paiz, se não forem contidas a tempo.

Em quanto, porém, estes ultimos factos se não dão, releva tratar de nossos factores ethnicos como elles nos são fornecidos pela his-

toria e pela accção diurna da vida durante os quatrocentos annos decorridos da descoberta até agora: *portuguezes, indios e africanos.*

Eis ahi os três povos, anthropologica e ethnographicamente distintos, que nos têm vindo a forjar, a amalgamar na incude e no cadiño da historia.

De nós outros é que se pôde dizer desde já, e cada vez mais se poderá afirmar no futuro, que estamos formando uma *raça historica*, em o sentido agora geralmente dado a esta expressão. Um fragmento da bella e valorosa raça aryana, já de si constituindo um caso d'isso que se chama *raça-historica*, — os portuguezes, alliou-se a duas raças completamente diversas sob todos os aspectos: indios americanos e negros d'Africa.

Os portuguezes são hoje o resultado do cruzamento complicadissimo de selvagens da época terciaria e quaternaria e iberos, ligurens, phenicios, celtas, carthaginezes, romanos, suevos, godos e arabes. Predominam nelles os elementos aryanos, os mais progressistas que estacionaram na peninsula.

A nação portugueza, pintada pelos phantasistas da época romantica, eivados ainda da mania de celticismo; como gente triste e melancolica, o que tambem já pensamos em parte noutro tempo, é, ao contrario, um povo serenamente equilibrado, docemente alegre e expansivo. Prova-o o facto de ser talvez o povo da Europa que mais se diverte de uma banda para outra em festas e romagens de toda a especie, um d'aquelles em que o trabalho do campo é mais prazenteiramente feito em meio de cantigas e folganças de toda a casta, ajudado pela brandura do clima e pela paisagem risonha da terra. É gente em geral farta e feliz, sem extravagancias de temperamento, sem monstruosidades de caracter. Da Europa é a terra onde tem havido menos revoluções, onde se dão menos suicidios e onde o verdadeiro e pavoroso pauperismo brilha pela ausencia.

É um povo equilibrado, brando de indole, avesso a tyrannias e crueldades.

As classes plebéias têm como divertimento predilecto o *fado* e jámais sentiriam prazer nas corridas de *touros* em que se destripam vinte cavallos, e se dão outros accidentes terríveis...

São os portuguezes, ao que parece, não muito inventivos e emprehendedores.

Assim, pois, algumas das notas puras e firmes que em nossa alma popular contamos, devemos a elles, bem como algum tanto da nossa falta de ousadia para os grandes emprehendimentos industriais e outros quaesquer.

Seu legado entre nós é vastissimo. Devemos-lhes a *lingua*, a *religião*, o *direito*, a *arte*, a *poesia*, a *literatura*, todas as manifestações espirituais que nos fazem co-participes da cultura moderna occidental. Mas essa contribuição immeusa com que entraram para a formação da psyché nacional, se viu desde os primordios ir modificando, pela acção do *meio* e pelo *cruzamento* com os *índios* e com os *africanos*, cruzamento productor dos *mestiços* de todos os grados que formam a grande maioria da população brasileira. Os tres factores étnicos não se acham aqui, senão mui limitadamente, superpostos. Abstracção feita d'alguns milhares de portuguezes da actual colonia existente entre nós, d'alguns milhares de indios sem mescla esparsos no alto norte, no longinquo oeste, ou noutras recessos do paiz, e de cerca de dois milhões de negros puros espalhados por toda a parte, a restante população nacional tem amalgamado os elementos que a formaram e tende a fundilos cada vez mais intensamente. Com a extincão do trafico d'africanos, o gradual desaparecimento dos indios e a constante entrada d'europeus, vai predominando e predominará cada vez em maior escala, ao que se pôde supôr, a feição branca em nosso mestiçamento fundamental inegável.

Passemos aos indios.

O que a sciencia tem podido apurar até hoje, no que se refere á classificação das tribus indias do Brasil, se reduz ao que se vae seguir. É resultado devido aos estudos de Martius, continuados por Carlos von den Steinen, Ehrenreich e Ca-

pistrano de Abreu. Os dois allemaes, por ultimo citados, conseguiram definitivamente, além de pequenos grupos divergentes, reduzir os selvagens brasileiros a quattro ramos fundamentaes: *Tupís*, *Nu-Aruaks*, *Caribas* e *Gés*. Capistrano de Abreu, illustrado geographo, historiador e ethnologo nacional, aos quattro ramos definidos juntou mais um: o dos *Cariris*. São conclusões fundadas nos vocabularios, mais dissemelhantes entre os nossos indios do que a estructura grammatical. Os *Cariris*, por Steinen e Ehrenreich considerados grupo divergente, são-no de facto, segundo o auctor brasileiro, mas constituindo um importantissimo ramo, perfeitamente caracterisado, o que se nos antolha tanto mais consideravel, quanto de todos os selvagens brasileiros foram, em nossa opinião, os que mais cruzaram com os conquistadores europeus, mais talvez do que os proprios Tupís.

Os *Cariris* estão hoje representados, em varios gráos de cruzamento, nas populações sertanejas do planalto do Norte, desde a Bahia até á fronteira do Maranhão. Mas ouçamos Capistrano de Abreu: «O primeiro grupo tractado pelos portuguezes, que por isso desde logo estudaram a lingua e propagaram-na além de sua área primitiva, é o dos *Tupís*.

Encontraram-nos em quasi todo o littoral desde o Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul, no médio Uruguai, no Paraná, no Paraguai e por Oeste até quasi os Andes (Chirigoanos), no baixo e no médio S. Francisco na margem meridional do Amazonas; mais tarde apareceram em outros logares. Suas denominações locaes entre outras são as seguintes: Tapes, Carijós, Tupiniquins, Tamoios, Teemiminós, Tupinaens, Tapajaras, Rariguaras, Caetés, Petiguares, Jurunas, Maués, Mundurucús, Apiacás. Ás vezes uma só tribu tem mais de um nome; assim, os Indios do Rio a si proprios chamavam *Tupinambás* e eram chamados Tamoios pelos de S. Paulo. Entre o Rio Grande do Norte e o Rio Grande do Sul este grupo subdivide-se em tres secções menores: Carijós, Tupi-

niquins e Tupinambás. Seu centro de irradiações parece ter sido o Paraná, entre S. Paulo, Minas e Goiaz. Uns desceram o rio, outros foram para o NO, outros para NE. Os Tupís do Amazonas, Mundurucús, Maués, Jurunas, provavelmente esgalharam do tronco commum antes do descobrimento da America; os Tupinamaranas do Madeira, os Tupinambás do Maranhão e terras adjacentes emigraram depois de começada a colonisação do Brasil. Diziam os do Maranhão que sua patria primitiva ficava no tropico de Capricornio.

O segundo grupo, com o qual os portuguezes só amiudaram contacto no século XVII, é o dos *Cariris* ou *Kiriris* (voz tupí, os tristonhos). Apparecem pelo interior desde o Paraguassú e rio São Francisco até o Parnaíba; serras do Ceará e Parahiba guardam-lhes o nome. Variam os appellidos locaes: Tremembés, Jucás, Jacós, Icós, Curemas, Sucurús, etc. Pelo que contavam alguns, suas migrações partiram do Norte, de um lago encantado, que bem pôde ser o Amazonas. As tradições dos Tupinambás, quaeas foram colhidas na Bahia e em Pernambuco, apresentam estes Tapuias como os primeiros moradores do littoral. Por Parahiba e Ceará deixaram os vestigios em nomes de rios do sertão ou da Costa (Siridó, Sibiró, Siará, Choró (Siaró?) Sitiá). A sua internação é alli contemporanea do descobrimento do Brasil. Que em alguns logares mais para o Norte é até posterior, se apura da Memoria de Mauricio de Heriarte sobre o Maranhão. Para o Sul parece que se estendiam muito em outro tempo, como mostram as denominações tão caracteristicas de Orobó na costa do Espírito Santo, as de Tremembés e Quiririm em São Paulo. É possivel que os Papanás, Guaitacás e Guaianás representem seus rebentos meridionaes; como tambem é que mais relações que com quaesquer outros tenham com os Maipures, arrolados no quinto grupo. Hoje não resta mais tribu independente que se filie no grupo dos Cariris, mas talvez ainda se saiba alguma cousa da lingua em sertões de Pernambuco, nas proximidades de Villa Bella.

No terceiro grupo, chamado *Gé* por Martius e Paulo Ehrenreich, figuram com o nome de Aimorés ao sul da Bahia; de Botocudos em Espírito Santo e Minas, Apinagés no Maranhão, Bugres ou Sinklões em Santa Catharina. Não está definitivamente limitado e comprehende tribus que mais conviria apartar. É opinião de Paulo Ehrenreich,— quem melhor estudou estes Índios, que seu centro de migração foram Espírito Santo e Minas Geraes, onde avultam mais atraizados, simples apanhadores, em estado muito primitivo; seus representantes no interior encontram-se mais adiantados e progressivos. Seriam assim suas migrações no sentido de Este para Oeste, como seu desenvolvimento. Entretanto, parece mais provável o contrário, isto é, que tenham vindo de onde ainda hoje são mais abundantes: entre o Mearim, Tocantins e Araguaia. Prova-o sua distribuição, que vem terminar em cunha sobre o litoral; prova-o ainda melhor a inacção e a ignorância dos Aimorés em frente do Oceano, a cujas ondas nunca se confiaram.

Dos Gés os que maior área povoaram foram os Cayapós, chamados Ibirajaras pelos Tupís e Bilreiros pelos portuguezes, por causa do porrete de que se serviam. Sua presença é atestada no varadouro de Camapuan, nas águas do Paraná, nas do São Francisco, no Araguaia, nas pontas do Xingú, no Tapajoz em meio dos Bacairis, que os rememoram entre seus aliados e bemfeiteiros.

Quarto grupo formam os *Caribas*, chamados Pimenteiras em terras entre o São Francisco e o Parnaíba, Apiacás no Tocantins, Bacairis e Enaneucuás no Xingú, Crixanás, Pianagotos, Macuxis, Acauajos, Wanás no Amazonas e Guiana. Seu centro de dispersão, segundo Carlos von den Steinen que primeiro revelou este grupo na pureza de suas linhas fundamentaes, localiza-se entre o Madeira e o Tapajoz, d'onde emigraram principalmente para o Norte. Na Guiana travaram luctas encarniçadas contra os Maipures. Em algumas das Antilhas mataram todos

os homens e apossaram-se das mulheres; por isso existem alli dois idiomas, o dos homens—puro caraiba, o das mulheres —puro maipure.

Quinto grupo são os *Maipures* de Gillii, *Nu-Aruak*—de Stein en, Arûas e Nheengaibas (denominação tupi—os que falam mal) da foz do Amazonas, *Wapixanas* e *Manaus* da Guiana, *Paranaris* do Purús, *Custenáuis* do Xingú, *Guanás* do Paraguai. De todos os grupos é o que possúe a área geographica mais dilatada, pois vai das Guaianas ao Paragnai, e ainda transborda para os Estados vizinhos. Parece terem partido do Norte; avultam hoje em maior numero no rio Purús.

Além d'estes cinco grupos consideraveis, outros se encontram menores, salteados umas vezes, como os *Guaitarás* de Campos, ou constituindo nucleos mais vigorosos, como *Guai-curiás*, *Charruas* e *Minuanos* em aguas platinas, *Panos* em aguas amazonicas.

Vinham elles se encaminhando para terras brasileiras? Foram antes d'ellas rechaçados?

O presente não sabe ainda responder, e a resposta pôde esperar-se sem impaciencia, pois os cinco grupos adduzidos abarcam a quasi totalidade do gentio precabralio. Assim, tem-se em summa que os *Tupís* do Sul, do rio Paraná provavelmente, pelo littoral e pelo interior chegaram até o Atlântico, os Andes e o Amazonas; os *Cariris* do Norte foram descendo o littoral, até que os *Tupiniquins* primeiro e depois os *Tupinambás* os foram tangendo para o sertão, rumo Este-Oeste, ao mesmo tempo que de Oeste para Este vinham os *Gés* afocinhar-se no Oceano entre Espírito Santo e Bahia; finalmente, os *Caribas*, comprimidos á esquerda pelos *Maipures*, que tinham atravessado o Amazonas, e á direita pelos *Gés*, talvez acossados por seu turno pelos *Tupis* ou *Cariris*, dirigiram-se para o Norte, levando as devastações até o mar que guarda o seu nome.»

O caracter das diversas tribus divergia em mais de um ponto. Havia e ha, porém, certas linhas geraes communs a todas ellas.

Em religião estavam na transição do puro naturalismo animista para as primeiras concepções polytheisticas; achavam-se no começo da astrolatria, iniciando um culto vago ao sol e á lua. D'ahi provinha a especie de dualismo, existente entre muitas tribus, de um principio luminoso e bom e de um principio máo e tenebroso.

Em industrias eram uns simples *apanhadores*, vivendo de tudo que a natureza facilmente prodigaliza, fructos, raizes, aves, gafanhotos, formigas; outros eram caçadores, ou, melhor ainda, pescadores. Alguns iniciavam uma agricultura rudimentar, cultivando a mandioca, planta sagrada entre todas, o aipim, o milho, o inhame.

Em politica, estavam no periodo das primeiras fórmas tribaes, sob o mando espiritual dos *pagés* e o temporal dos *caciques*, muito menos poderosos que os primeiros. Não tinham propriedade imovel, nem organisação social e politica fixa; mudavam de residencia com a maior facilidade: eram nomades. Não tinham animaes domesticos, nem conheciam o uso dos metaes.

Pelo lado psychologico — tinham sentidos agudíssimos, vista capaz de conhecer o rastro do inimigo nos caminhos depois de muitos dias, ou na espuma dos rios e lagos a passagem de canoas muito antes acontecida, ouvido e olfacto nas mesmas condições de apuro.

Aos indios devem a nossa gente actual, especialmente nas paragens em que mais cruzaram, como é o caso no centro, norte, oeste e lóste e mesmo sul do paiz, muitos dos conhecimentos e instrumentos da caça e da pesca, varias plantas alimentares e medicinaes, muitas palavras da linguagem corrente, muitos costumes locaes, alguns phenomenos da mythica popular; varias danças plebéas e certo influxo na poesia anonyma, especialmente no cyclo de *romances de vaqueiros*, muito corrente na região sertaneja do norte, na famosa zona das seccas, entre o Paraguassú e o Parnaíba, a velha patria

dos Cariris. Foi do caracter d'estes que os nossos sertanejos de agora, nomeadamente *jagunços* e *cangaceiros* tomaram o seu animo triste, resignado, resistente, mas com tendencia á depredação; e foi d'elles que herdaram a acuidade dos sentidos, extraordinaria em taes gentes. Pelo que toca ao mestiçamento com os indios, é quasi impossivel enumerar casos, tantos são elles. Seria preciso citar as principaes familias de São Paulo, desde os tempos de *Caiubi*, *Piqueriboi* e *Tibiriçá*, as de Minas, Goiaz, Mato-Grosso, Pará, Amazonas, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, o Brasil todo, em summa. Entre homens notaveis basta lembrar os nomes de Basilio da Gama, Odorico Mendes, Diogo Feijó, João Lisboa, Benjamim Constant, Franklin Tavora, D. Ro-mualdo de Seixas, Augusto de Mendonça, Carlos Gomes, Floriano Peixoto, etc., etc.

Passemos aos negros.

Entre nós, alguns espiritos intelligentes, honestos e desabu-sados têm já estudado os nossos indios sob varios aspectos.

Dos negros é que ninguem se quiz jámais occupar, commetendo-se, assim, a mais censuravel ingratidão de toda a nossa his-toria.

Qual a carta ethnographica d'Africa ao tempo do descobri-mento do Brasil? Qual a classificação de suas raças, de seus povos? Qual o estado de cultura em que se achavam? De que tribus eram os que vieram para cá e em que numero? Que lhes devemos? Ninguem sabe!... Ninguem quiz jámais saber, com receio do prejuizo eu-ropeu, que tem sido o nosso grande mal, medo de mostrar sym-pathia para com os escravizados, susto de passar por descendente d'elles, de passar por mestiço... Eis a verdade.

É preciso acabar com isto; é indispensavel restituir aos ne-gros o que lhes tiramos: o logar que lhes compete em tudo que tem sido praticado no Brasil. E o que mais admira é que o não tenham já feito tantos negros e mestiços intelligentes e illustrados existen-tes no paiz.

A densidade relativa da população d'Africa, difficil de sujeitar, em comparação á indigena do Brasil, e a agrura do clima, mais rigoroso do que o nosso, foram a causa principal do abandono, quasi completo, em que, durante perto de quatro seculos, deixaram os portuguezes suas possessões naquelle continente. Preferiram constituir-as um viveiro inexgotavel d'onde tiraram gente por mais de trezentos annos para as suas terras d'America. O trafico de africanos para a propria Europa meridional existiu desde a primeira metade do seculo XV.

Desde os tempos do infante D. Henrique começara o nefando commercio, segundo o testemunho de João de Barros. Pouco depois de iniciado, Portugal e Hespanha *viram os seus mercados*, segundo Perdigão Malheiro, *inundados de Africanos*. Sevilha e Lisboa eram verdadeiras alfandegas d'esse abominavel negocio. Os destinados a Portugal tinham de passar necessariamente pela capital do reino para, segundo o Reg. da Fazenda de 1514, ser pago o competente imposto. D'est'arte, poucos annos ápos, com o florescimento do negocio, Lisboa apresentava no mercado annualmente 10 a 12 mil escravos africanos.

E assim como, sabe-se hoje por documentos authenticos, na carga dos navios que, desde 1500, voltavam d'aqui para Portugal iam infallivelmente alguns escravos indios para engrossarem a fazenda dos especuladores da metropole, assim tambem traziam sempre nesse tempo, taes navios, quando de lá regressavam, escravos negros nas suas equipagens. Logo ápos entraram a trazel-os destinados aos moradores aqui estabelecidos.

De 1532 em diante, com o inicio regular do povoamento da terra, estabeleceu-se o trafico directo d'Africa. A. Cochin, firmado em estatisticas sérias, calcula em 100 milhões os escravos africanos, durante tres seculos, repartidos entre as colonias de toda a America!...

Acceptando-se o calculo de José Bonifacio, que orçava os introduzidos no Brasil em uma média annual de 40 mil, temos que, de

1550 a 1850, em trezentos annos, entraram em nossos portos 12 milhões de homens d'Africa; isto é, cifra immensamente superior á das entradas de portuguezes, que jámais passaram da média de 8 a 10 mil por anno, o que lhes dá, na melhor hypothese, a somma de 3 milhões no decurso citado. Se erro houver nestas cifras, será em desfavor dos negros, pois muitos autores orçam por mais de 40 mil a média annua das entradas de carga escrava em nossos portos: 60 mil pelo menos.

Nem o trafico se iniciou em 1550, senão muito antes; nem acabou definitivamente em 1850 e sim em 1858.

E, para mostrar quão modico era o calculo do patriarca de 1822, basta lembrar que em 1816, depois da extincção do trafico em lei e não nos costumes, entraram 50.324 negros; em 1847 — 56.172; em 1848 — 60.000; em 1849 — 54.000!

Ora, a população de Portugal em 1732 era de 1.793.000 habitantes; em 1801, de 2.966.000, o que vale dizer que ainda menor tinha sido nos dois séculos anteriores, não podendo ocorrer senão com a citada média de 8 a 10 mil emigrantes que sempre foi a do exodo normal de sua população para as terras longinhas.

E, tendo sido, desde 1500, muito limitada a população indígena brasileira, pois é dubitável que passasse então de uns dois milhões de selvicos, numero que se tem vindo progressivamente a reduzir cada vez mais, tais são os motivos pelos quais é lícito afirmar ter sido, desde os inícios da colonização, o africano o elemento principal do povoamento e da riqueza do país. É a lição dos factos contra os quais bambêam e caem imbelles todos os sophismas imagináveis.

É só confrontar: se era em 1801 de 2.966.000 o numero dos habitantes em Portugal, o dos colonos do Brasil em 1817, isto é, apenas dezesseis annos depois, já era de 3.817.900, dos quais apenas 1.043.000 brancos, e cerca de 500.000 indios, sendo os restantes 2.274.900 negros e mestiços de todas as gradações. É, porém, de presumir que em o 1.043.000 brancos do

censo apenas a metade fosse de brancos reaes, não o sendo os outros senão em nome. Este phenomeno de dar-se por branco puro quando se é apenas um mestiço disfarçado, é muito commun entre nós e em toda a America latina. Mas quaes foram os Africanos trazidos ao Brasil? A ethnographia d'Africa, ainda hoje assás incerta em varios pontos, admite já varias classificações geraes.

Em primeiro logar destacam alguns auctores, como representantes dos mais inferiores selvagens primitivos, os *Bochimanos*, e logo em seguida os *Hottentotes*. Uns e outros constituem typos á parte na ethnographia africana. (1)

Os povos restantes formam tres grandes grupos: *a) o SYRO-BERBERE*, chamado tambem *Chamita ou do Norte*, comprehendendo os egypcios e os berberes; *b) o ETHIOPICO*, chamado tambem *Nubio*, a Leste e parte do Centro do continente, composto de duas variedades principaes — os *Abyssinios* e os *Gallas*; *c) a gente negra propriamente dita*, no Centro e parte do Sul, com duas ramificações principaes — o *Chiluque ou de Guiné*, com varios ramos no Centro, e ao Sul o *Bantú*, subdividido em tres ramos: — oriental, central, occidental. D'estes grupos, menos do *Syro-Berbere*, vieram gentes ao Brasil. Tudo mais entrou na *razzia* em proporções divergentes. Os dois grupos mais sacrificados foram: o de *Guiné*, expressão collectiva de grande quantidade de gentes diversas, e o *Bantú*, nome impropriamente applicado por Bleek aos povos sul-africanos, que não são *Bochimanos* nem *Hottentotes*.

O trafico d'escravos para o Brasil começou nas ilhas de São Thomé, Cabo Verde, Anno Bom e Principe e nas costas do mar de *Guiné*, costas do *Marfim*, do *Ouro*, da *Mina*, dos *Escravos*. Estendeu-se pelo *Congo*, cujo littoral era então todo pertencente a Portugal; passou a *Angola*; dobrou o Cabo e chegou a Mo-

(1) Auctores ha que consideram os *Hottentotes* um ramo da raça amarella immigrado n'Africa. Outros dão os *Bochimanos* como mesticos.

gambiquê e *Zanzibar*, tambem attingidos pelo centro pelos sertanistas negreiros.

Pela simples enumeração dos nomes conservados na tradição e que ainda hoje podem ser ouvidos de quaesquer africanos velhos, vê-se ter sido avultado o numero das tribus, mananciaes de captivos.

Os nomes — *mandinga*, *fula*, *jalofo*, *yoruba*, *haussá*, *felupo*, *cangalla*, *cabinda*, *gége*, *ginga*, *bemba*, *monjolo*, *mossambique*, *benguella*, *cassange*, *libolo*, são repetidos nesta indistincão cruel dos arrolamentos incommodos. É mistér pôr ordem nisto. Felizmente existem já trabalhos portuguezes, aptos a derramarem luz no assumpto. É que hoje são forçados a estudar o negro, porque têm de se avir com ellê em suas dilatadas colonias. Não o podem captivar, é impossivel, e seria loucura exterminal-o; têm que incorporal-o, e d'ahi a necessidade de o conhecer. E o têm feito com tino e intelligencia. (1)

Começando pelo grupo de *Guiné*, importamos : *Jalofo*s, aptos á vida do mar ; *Mandingas*, convertidos em geral ao mahometismo, intelligentes e emprehendedores ; *Yorubas*, ou *Minas*, como lhes chamamos, fortes, robustos, quasi todos mahometanos e tão habeis quanto os *Mandingas*; *Haussás*, cuja lingua é a mais espalhada no Soldão; *Felupos*, os mais selvagens da zona; *Fulas*, divididos em *Fulas-pretos*, *Fulas-vermelhos*, *Futa-fulas*, *Fulas-forros*, sendo os *Fulas* mais puros descendentes de tronco *chamita*, sectarios de Mahomet, e os mais valentes e melhor organisados em todo o paiz. Ainda dos indigenas dos grupos de *Guiné* e *Nigricia* importamos : os *Balantos*, gentios democratas, vivendo em povoações independentes e sendo cada chefe de clan absolutamente autonomo; os *Biafadas*, senhores de regular imperio destruido em parte pelos *Bijagozes*. Estes, de que nos vieram alguns exemplares, são robus-

(1) Vide — *Um anno no Congo*, por Jayme Pereira de Sampaio Forjaz de Serpa Pimentel, Lisboa, 1899 ; e mais — *As Colônias Portuguezas*, por Ernesto J. de C. e Vasconcellos, Lisboa, 1896 ; e mais — *A Raza Negra sob o ponto de vista da civilização da África*, por A. F. Nogueira, Lisboa, 1881.

tos, athleticos, esforçados, fetichistas, bons marinheiros e criadores. Vieram-nos tambem *Papeis* ou *Pepeis*, *Manjacos*, *Nalís*, *Banhuns* em estados varios de cultura.

Passando ao *Congo* e *Angola*, encontramos as gentes do grupo *Bantú*, das quaes nos tocaram, em primeiro logar, os *Ba-Congos*, cujo vasto reino entrado em relações com os portuguezes desde os descobrimentos de Diogo Cão, era um dos mais adiantados d'Africa em os seculos XV e XVI. Soffreram os *Ba-Congos* pavorosa invasão selvagem dos *Jacas* ou *Djággas* em 1558, dos quaes se livraram com o auxilio dos portuguezes. Estes ficaram os suzeranos do paiz, cujos reis, convertidos ao christianismo, se declararam *vassallos* de Portugal.

Tivemos tambem muitos exemplares dos citados invasores *Jagas* e de seus affins — *Bangalas*.

D'entre os *Bantús* mais puros tocaram-nos, além dos *Ba-Congos* citados, os *Cabindas*, excellentes trabalhadores, os *Mussurongos*, os *Eschicongos*, os *Bambas* e os *Hollois*, pertencentes ao grupo *Fioete*.

Os *Ambaguistas*, ladinhos, habeis sophistas, amigos da escripta, servindo, preferentemente, de secretarios dos *sobas* (regulos) do ser-tão; os *Ma-quioços*, altos, esbeltos, ageis, robustos, dextros caçadores; os *Guissamas*, valentes e industriosos, bons extrahidores de sal, abundante em suas terras; os *Libollos*, pacificos agricultores; de todos estes, filiados no grupo — *Bunda*, tambem vieram muitos exemplares para cá.

E, mais, dos *Ba-nanos*, os *Ba-bueros*, os *Bailundos*, altos, fortes, aguerridos; os *Bihenos*, artistas; os *Mondombes*, todos pertencentes ao grupo *N'bundo*.

Finalmente, dos *Janguellas*, ou *Ba-gangellas*, *Ambuellas*, mineradores de ferro, *Guimbandes*, pacificos e artistas, *Banhaneças* e *Ba-ncumbis*, pastores e agricultores, tambem foram enviados rebentos ao Brasil.

Dos *Bantús* orientaes (Moçambique) chegaram a nós represen-

tantes dos *Macuás*, intelligentes e faladores; dos *Ajaus*, relacionados havia seculos com os arabes; dos *Manimdis* e *Manguanguaras*, mais selvagens; dos *Nyanjas* ou *Manganjas*, intelligentes e pacificos; dos *Marias*, povos costeiros; dos *Pimbes*; dos *Muraves*, adversarios dos *Pimbes*; dos *Sengas*, mercadores de marfim; dos *Muzimbas*, repellidos mais tarde pelos *Tavalas*, que são ainda a raça predominante no paiz entre o Zambeze e o Luia de Mazôe, de todos estes nos vieram tambem escravos.

O mesmo se deu com os *Mazuzuros*, povos criadores de gado e dados á mineraçao; com os *Vatuas* ou *Zulís*, tambem chamados *Angunis* ou *Mangunis*, guerreiros e bem organisados; com os *Tongas* ou *Bitongas*, inferiores em raça e cultura; com os *Ma-buingélas*, os *Ma-changanas*, os *Macuúcuas*, os *Ma-chopes*, os *Mindongues*, os *Landins*, nome generico dado aos povos de raças diversas, seguidores dos usos dos *Vatuas* ou *Mangunis*, gentes quasi todas estas dadas á pastoricia e á agricultura.

Não foram, porém, só as numerosas tribus de *Guiné*, *Nigricia* ou *Africa sub-tropical*, e as do grupo *Bantú* que serviram de viveiro á escravidão brasileira. Os varios ramos de Bochimaus e Hottentotes entraram com seu contingente. D'elles nos provieram—alguns *Ba-cancalas*, *Ba-cubaes*, *Ba-corócas*, *Ba-cuandos*, *Ba-cassequeres*, e, provavelmente, *Ba-sutos* e *Bechuanas*. Releva não esquecer o contingente do grupo *Nubio*. Foram os saídos d'esta ultima fonte os mais intelligentes escravos brasileiros. Seu numero foi reduzido em confronto com os demais.

Os negros d'Africa em comparação aos indigenas d'America, nomeadamente os do Brasil, apresentam a seguinte caracteristica: eram e são, desde muitos seculos, muito mais numerosos do que aquelles; em contacto com os europeus não se deixaram exterminar nem subjugar de todo; estavam, quasi todos, em grão de cultura superior ao d'aquelle, conhecendo já os animaes domesticos, os metaes, a agricultura (vê-se que fazemos excepção dos Quichuas do Perú e dos Aztecas do Mexico); os transportados para a America

nem definharam, nem desappareceram ; ao contrario, civilizaram-se, crescendo ao lado dos brancos, nos Estados Unidos, por exemplo, onde existem aos milhões, e no Brasil, onde, com seus parentes mestiços, constituem a maxima parte da população. Não estavam todos, é certo, no mesmo grão de cultura; mas de seu contacto com os Arabes, desde o VII seculo, com os Egypcios e os Berberes, desde épocas immemoriaes, tinham na mór parte de suas tribus chegado já a notavel grão de adiantamento.

Com o apoio de muitos factos pôde-se concluir, com segurança, que temos razão em considerar mais adiantado o estado social dos africanos, mesmo os sub-tropicaes, do que o dos nossos indigenas.

O caracter d'aquelle em geral é mais expansivo do que o dos indios da America. São gentes de animo mais alegre, mais sadias, mais robustas, mais resistentes. No Brasil devemos-lhes muito.

Na demographia patria, já o dissemos, representam por emquanto, por si e por seus parentes mestiços, dois terços da população. Escusado é querer apagar a importancia d'este facto. Só em futuro, mais ou menos remoto, se fôr, entre nós, reforçado o elemento portuguez e o europeu em geral fôr bem encaminhado por todas as zonas do paiz, é que se ha de mudar essa proporção.

Na ordem economica, foram elles principalmente que abriram os caminhos, desbravaram as terras, cultivaram os *engenhos* e *fazendas*, mineraram os terrenos auriferos e diamantinos e fizheram todo o serviço domestico; foram assim os principaes fautores da riqueza publica e particular. No exercito e na marinha foram em todos os tempos o nucleo de resistencia de nossa força armada, e a elles cabe, em boa justiça, o melhor das glorias de nossa historia militar.

Desde Henrique Dias que se sentiram co-participes dos

destinos d'esta terra e jámais regatearam seu sangue em defesa da patria commun.

Na historia politica, civil, literaria, artistica, sua collaboração foi de todos os tempos, de seus parentes mestiços por meio de seus jornalistas, de seus oradores, de seus jurisconsultos, de seus poetas, de seus artistas, bastando só citar um Cruz e Sousa, um Luiz Gama, um Natividade Saldanha, um Justiniano da Rocha, um Ferreira de Menezes, um Guedes Cabral, um Silva Alvarenga, um Visconde de Jequitinhonha, um José Mauricio, um Caldas Barbosa, um Henrique de Mesquita, um Gonçalves Dias, um Teixeira e Sousa, um Tobias Barreto, um Martins Junior, um Laurindo Rabello, um Salles Torres Homem, um Lopes Neto, um Francisco de Castro, um Zacarias de Góes, um Ferreira de Araujo, um Deodoro da Fonseca, um Victoriano Palhares, um Barão de Cotegipe, um Dias da Cruz, um Caetano Lopes de Moura, um Tito Livio de Castro, um José do Patrocínio, e essa admiravel familia Rebouças que se abre pelo venerando typo de jurista e patriota do velho Antonio e finda pela tocante figura de adamantino caracter do desventurado André. Claro é que nesta incompleta lista de mortos illustres estão incluidos mestiços de todas as gradações, desde os mais escuros até os que se podiam perfeitamente confundir com os melanios' do sul da Europa.

No contacto perenne de nossas familias influiram os negros profundamente no caracter nacional por meio de seus habitos, de suas usanças, de suas predilecções, de suas lendas, de seus cantos, de suas tendencias psychologicas.

Os entendidos vêem logo a perspectiva immensa que esses factos abrem para o lado d'alma nacional. E sem difficoladade percebem como a influencia africana inoculou-se na indole brasileira desde os primeiros alvores de nossa formação. As

prêtas eram as *amas de leite* e *de criação* dos filhos dos colonizadores europeus desde 1550.

Não é preciso juntar mais nada para se comprehender esse phenomeno que, noutro livro, chamamos — *o mestiçamento moral*, ao lado do mestiçamento physico, que se ia, desde então, dando tambem em larga escala.

Não era, porém, só o negro que entrava nessa immensa obra de differenciação de si proprio para a integração de um typo novo: o typo brasileiro. O indio, está implicitamente dito, durante os dois primeiros seculos, principalmente, foi tambem incorporado pela escravidão e pelo cruzamento. D'ahi a formação dos *mestiços*, de todas as gradações, a que já temos alludido, e dos quaes, entre os *factores ethnicos* de nossa literatura, falta-nos dizer mais algumas palavras.

Antes de tudo, releva agitar, sem rebuço, a *verata questio* de saber se houve ou não vantagem na immensa mestiçagem dada no Brasil, como em toda America, convém não esquecer, entre as tres raças principaes que o vão povoando.

Alguns romanticos phantasistas, d'esses que andaram por muitos annos se illudindo com sonhos, entenderam de suppôr cousa da sua alcada o grave problema das raças e entraram a accumular vacuidades no assumpto, nomeadamente no que se refere á questão da mestiçagem.

Unitaristas, por conveniencia, quanto á thése do monogenismo ou polygenismo das raças humanas, nutridos da illusão de ser possível pela méra acção do meio physico explicar a assombrosa variedade dos typos ethnics, eis-los que acariciavam a doce miragem da immensa superioridade dos typos cruzados. Era uma extravagancia em lucta com inumeros factos e negada todos os dias pela agitação anarchica dos nações latino-americanas. Não podia durar muito. A sciencia teve de estudar o assumpto e deu facil desmentido aos sonhadores pelo orgão de Nott, na Carolina, Luiziana e Florida; de Long, na Jamaica; de Jacquinot, Waitz, Hamilton Smith,

van Amringe e Seemam, nas Antilhas em geral. Infelizmente a reacção contra os irisados devaneios românticos a respeito das gentes cruzadas ultrapassou bastante os limites dos factos e caíu no opposto exagerto negativo. Paulo Broca e outros investigadores eminentes tiveram de retomar o assumpto e estudal-o despreocupados de quaisquer preconceitos. Os reaccionarios tinham chegado a avançar que os mestiços de branco e negro, por exemplo, eram perfeitos *hybrids*, isto é, infecundos entre si e com os individuos de uma ou da outra raça-mãe, o que se chama, em sciencia, *homogenesia agenesica*, ou infecundos entre si, mas fecundos com individuos de uma ou da outra raça mãe, sendo os productos d'estes estereis, o que se chama *homogenesia dysgenesica*.

Broca, porém, provou que nas raças humanas, com quanto as mais afastadas entre si produzam bastardos menos fecundos do que as mais proximas, todavia entre elles todas dá-se sempre a *paragenesia*, caso em que os mestiços directos são estereis entre si ou em sua segunda ou terceira geração, mas os de segundo sangue são indefinidamente ferteis; e a *eugenescia*, caso em que as duas ordens de mestiços são indefinidamente fecundos. Esta segunda hypothese, a *eugenescia*, dá-se principalmente entre as raças menos afastadas, como, verbi-gratia, os povos morenos do meio dia da Europa, os indios d'America e negros d'Africa.

É, felizmente, o caso dos portuguezes no Brasil e dos hespanhóes nas suas antigas possessões no continente.

D'est'arte, podemos, á luz dos factos e da sciencia, concluir: o incorporamento directo do indio e do negro entre nós foi conveniente para garantir o trabalho indispensavel á producção da vida economica do novo povo que se ia formar; e o mestiçamento d'elles com o europeu foi vantajoso: a) para a formação de uma população acclimada ao novo meio; b) para favorecer a civilisação das duas raças menos avançadas; c) para preparar a possivel unidade da geração futura, que jámais se daria, se os tres povos permanecessem

isolados em face um do outro sem se cruzarem; d) para desenvolver as faculdades estheticas da imaginativa e do sentimento, facto real no proprio antigo continente, como o demonstrou o illustre de Gobineau. (1)

Manda a verdade, porém, afirmar que essa almejada unidade, só possivel pelo mestiçamento, só se realizará em futuro mais ou menos remoto; pois será mistér que se dêm poucos cruzamentos dos dois povos inferiores entre si, produzindo-se assim a natural diminuição d'estes, e se dêm, ao contrario, em escala cada vez maior com individuos da raça branca.

E, mais ainda, manda a verdade afirmar ser o mestiçamento, como acontece na Europa meridional, uma das causas de certa instabilidade moral na população, pela desharmonia das indoles e das aspirações no povo, que traz a difficultade da formação de um ideal nacional *commum*.

Temos sido uma nação mestiçada, como muitas outras, nomeadamente todas as da America Latina, circunstancia esta que os Argentinos fingem estupida e comicamente ignorar: sel-o-emos ainda por muitos seculos como todos os sul-americanos, porquanto, por mais apagados que fiquem, de futuro, certos germens que contribuiram para formar-nos, elles ahi estarão latentes, porque aqui, como em o mundo physico, tudo se transforma e nada se destrói. Os defeitos apontados, porém, são defeitos de pouca monta que podem ser reduzidos por uma severa educação.

Aos mestiços devemos, na esphera literaria, mais do que aos outros elementos da nossa população, as côres vivas e ardentes de nosso lyrismo, de nossa pintura, de nossa musica, de nossa arte em geral.

(1) *Essai sur l'Inégalité des Races Humaines*, passim.

III

As Influencias estrangeiras

A civilisação na America, respectivé no Brasil, é um processo de *acclimação* e, inevitavelmente, de *transformação* da cultura europea, o que importa dizer que, comquanto entremos ou devamos entrar nesse curioso *processus* com varios elementos nossos; alguns dos quaes já, nestas paginas, foram passados em revista, todavia os germens e, digamos assim, os modelos, as fórmas do pensamento cultural vêm de fóra, vêm da Europa e dos Estados Unidos.

E não é, pois, sem interesse indicar em *synthese* a marcha do processo imitador.

Como era natural, durante os tres primeiros seculos, quando ainda não tinhamos nem autonomia politica, nem literaria, o modelo que seguimos foi a metropole, dupla imitação, porque era d'aquillo que ella fazia e d'aquillo que ella imitava. Assim, as letras *portuguezas* em geral nos tres seculos e as *hespanholas*, peculiarmente durante o XVII, e as *italianas* durante o XVIII foram o nosso guia.

A literatura *franceza* tomou o ascendente na época romantica, de 1830 em diante. Não a deixamos até hoje: porquanto o que sabemos e assimilamos dos *inglezes*, *allemães*, *russos* e *escandinavos* nos vem por intermedio da critica e da assimilação francesa. Releva, porém, adjuntar que com os *italianos*, maximé em assumptos de direito, havemos entabolado recentemente um regular commercio directo. O mesmo se deve dizer dos *norte-americanos* em materia de organisação politica, desde a adopção que fizemos de seu sistema de governo.

Houve um momento (1870 a 1889) em que se fez no paiz certo movimento em prol do *allemanismo*. Foi a propaganda constante de Tobias Barreto naquelle lapso de tempo, ultima phase de

sua vida. Não foi de todo inutil essa cruzada. Já directamente por livros allemães, pois que muitos moços estudaram então a lingua germanica, já por traducções francezas, inglezas, italianas e hespanholas, espalhou-se nos circulos pensantes o gosto pelas cousas intellectuaes tedescas. E hoje é preciso ser muito refractario a certa forma superior da cultura para não ter lido e meditado Kant, Hegel, Schopenhauer, Hartmann, Nietzsche, Lange, Zeller, Bluntschli, Holtzendorf, Savigny, Ihering, Mommsen, Curtius, Sybel, Droysen, Gneist, Fr. Diez, Ottfried e Max Müller, Strauss, Häckel, Vogt e cincuenta outros.

No Brasil, porém, o facto se complicou de certa dificuldade especiosa. Tivemos um momento duas especies de *allemanismo*: o das *ídeas e da literatura*, defendido, propagado por Tobias Barreto; e o da *immigração e colonização*, encomiado principalmente por Escragnolle Taunay, não falando já numa terceira formula que foi sempre a que principalmente defendemos: o *allemanismo consistente em ensinar e demonstrar o valor, a importância, a influencia enorme do elemento teutonico na civilização mundial*, modo de pensar este que se conciliava com o do escriptor sergipano, por nós applaudido.

Ora, as duas correntes eram inharmonicas e os dois propagandistas cordialmente adversarios. Tobias desejava, applaudia o *allemanismo*, isto é, a assimilação da cultura e do pensamento alemão, como meio de fortalecer-nos a nós mesmos e habilitar-nos a lutar com os tedescos no momento opportuno. Era inimigo franco da colonização germanica pelo modo como tem sido feita no sul do Brasil.

Taunay, francez de origem, detestava a raça alleman, a sua cultura, a sua intuição das cousas; tanto, e isto é decisivo, que em varios romances seus incarnou sempre o ridiculo nalgum typo germanico. Queria a colonização teutonica, pela áncia de nos ver crescer e prosperar. O juizo definitivo no tocante a essas duas correntes oppostas, é que ambas ellas têm um lado bom e uma face

má. O lado bom da propaganda do auctor dos *Estudos Allemães* está no enlargetamento innegavel que o conhecimento da vida espiritual d'aquelle grande povo traz ao pensamento não só dos brasileiros, como de qualquer nação que o estude e assimile. A face menos conveniente está na desaltenção aos impulsos nacionaes, sempre dignos de nota, e no exelusivismo que poderia advir da frequencia constante e reiterada com um só agente director no terreno das idéas.

O que havia de aeertado na propaganda de Taunay era o zelo por fortalecer o nosso povo e ir apagando progressivamente os máos lados do mestiçamento actual.

O que havia e ha de máo em suas idéas era e é não attender que o duplo problema que tinha em vista não se resolve pelo sistema de agglomeração de homens de *uma raça estranha á nossa em uma zona do paiz*.

Dividil-os, espalhal-os, diffundil-os para serem assimilados e não perturbarem a nação brasileira, que é uma formação luso-americana, é o que convém.

IV

Sentido theorico da Literatura Brasileira

Um escriptor nacional, Capistrano de Abreu, disse-nos uma vez: «A evolução da literatura brasileira se me antolha feita assim: no primeiro momento o paiz é descripto por viajantes estrangeiros e moradores, mais ou menos incertos da sua permanencia na terra, tambem estrangeiros. É o tempo de Nobrega, Anchieta, Gandavo, Gabriel Soares, Cardim, Lery, Thevet, Hans Staden. É o Brasil do seculo XVI. Existem indecisões ao lado de vagas esperanças. O europeu despreza a terra e

seus naturaes selvagens. Surge aps o que se poderia chamar a primitiva escola pernambucana.

O paiz já é descripto por moradores estaveis e por filhos da terra e não por *touristes*.

É um tempo de entusiasmo nascente; o brasileiro christão começa a apparecer, a crescer e a aspirar. Bento Teixeira Pinto, com a sua *Prosopopéa*, o auctor desconhecido dos *Dialogos das grandezas do Brasil*, Frei Vicente do Salvador, com a *Historia do Brasil*, Diogo Lopes de Santiago, com a *Historia da Guerra Hollandeza*, sño a manifestação d'este espirito, que já indica um principio de distincão entre brasileiro e europeu, considerado ainda bem alto o ultimo em face do outro. É o Brasil do seculo XVII e XVIII até ao descobrimento das minas. Surge por esse tempo o phenomeno estranho de Gregorio de Mattos, que despreza tanto ao brasileiro quanto ao portuguez, dando-lhes uma especie de balanço pessimistico, singularmente curioso. Com o descobrimento das minas, o Brasil é considerado o primeiro paiz do mundo. Rocha Pitta, na *Historia da America Portugueza*, Botelho de Oliveira, Santa Maria Itaparica, a Academia dos Esquecidos, o auctor anonymo da *Chronica dos Mascates* cantam em todos os tons os portentos e maravilhas unicas da terra. O filho do paiz julga-se já mui grande cousa, sem ainda pretender supplantar o europeu.

Desde ali o brasileiro accentua-se; apparecem pelos tempos proximamente seguintes as nobiliarchias de Pedro Taques, Borges da Fonseca, Lourenço do Couto e Jaboatam.

É o tempo da *nobreza da terra, do branco, filho do paiz*: o brasileiro genuino é esse *branco*, é esse *nobre* d'America. Reinam as illusões patrioticas, e o portuguez tem desmerecido de importancia.

Mais tarde, pouco mais tarde, dá-se outro passo decisivo: o *indio* é poetizado e o *brasileiro genuino* é-lhe equiparado. É a phase da *nobreza indigena*, é o tempo da escola mineira, da Independencia,

seguido de perto da morte do classismo e do advento da éra romantica. Nesta, desde o primeiro momento, o optimismo augmenta; o brasileiro suppõe rivalisar com qualquer povo da Europa. Magalhães, Porto-Alegre, Gonçalves Dias dão-se *ares de europeus* no Brasil. Portugal já não é o centro das idéas; a França toma a dianteira. No segundo momento romantico, sob a influencia da navegação directa a vapor, as idéas generalisam-se, accentuam-se mais, e, com Alvares de Azevedo, Léssa, Macedo, Alencar, a influencia franceza reforça-se e a portugueza afoga-se quasi completamente.

O brasileiro, supposto igual ao europeu, julga-se o primeiro povo d'America. No ultimo momento do romantismo, com a guerra do Paraguai, com problemas politicos e sociaes varios, novos ideaes philosophicos, abre-se um periodo de reacção pessimistica, e Tobias Barreto, despertando-nos de nosso pesado sonho de illusões, tenta arrancar-nos da influencia franceza, mostrando na Allemanha os exemplos a seguir. É escassamente ouvido, dando-nos uma especie de revivescencia do influxo portuguez e recrudescencia da acção franceza, ao lado de outras correntes alienigenas. Morre o romantismo, sob a influencia de um pessimismo geral; ninguem mais accredita na superioridade do brasileiro diante de outros povos quaesquer, e o auctor da *Historia da Literatura Brasileira*, procedendo a uma especie de balanço ethnographico de nossas origens e procedencias, tem chegado á conclusão de ser o *genuíno brasileiro* pura e simplesmente o *mestiço*, physico em a maioria dos casos, moral em todos elles. Tal o caminho e o resultado final da evolução em quatro seculos.» Estas palavras do illustre historiador são uma parte da verdade, ou, melhor, a verdade vista apenas por um lado.

O problema theorico da evolução brasileira, quer sob o ponto de vista literario, quer tomada ella em sua completa generalidade, abrangendo todas as faces da actividade nacional, não se deixa resolver só pela apreciação da maior ou menor importancia que aos

nossos proprios olhos tenhamos dado ao nosso paiz e a nós mesmos.
A causa é muito mais complexa.

As palavras citadas do erudito editor de Anchieta, Cardim e Frei Vicente do Salvador são uma forma mais simples e mais incisiva das que por elle mesmo já tinham sido postas como Introdução ás *Informações e Fragmentos* do insigne Apostolo do Novo-Mundo: «Das *Informações* ha muito que aprender: a falta de açougués (pag. 34 e 37), a pintura dos engeuhos (pag. 47) e muitos outros pontos que rasgam perspectivas novas. Chamarei a attenção rapidamente para dois d'elles: o primeiro é aquelle em que os primitivos colonos achavam a terra *melandolica*, e tinham razão, porque bastavam as privações descriptas ás pags. 20 e 21 e que não eram privativas dos jesuitas; as cobras, que caíam dos telhados sobre as camas ou mettiam-se nas botas (pag. 51), as formigas, que obrigavam os moradores todas as noites a andarem de facho a catal-as (pag. 52); os receios dos inimigos externos que, segundo Gabriel Soares, os traziam de constante sobresalto, bastando para produzir uma irritação constante. Ora, segundo a bella expressão de Taine, as sensações fazem a sensibilidade. *Por ser nesta terra*, diz-nos Anchieta (pag. 38).

É o que todo o mundo dizia então e pensava.

O segundo ponto é que os filhos de portuguezes nascidos no Brasil eram tratados com desdem. *Faltos de engenho*, diz o auctor, pag. 37, *aperfeiçoados aos costumes dos Indios*, diz á pag. 70. Cousas similhantes escreve elle nas suas cartas, e repetem os contemporaneos. Este ponto, o desdem pela terra, o desdein pelos naturaes, *mazimbos*, como então lhes chamavam em opposição aos *reinóes*, é capital em nossa historia, e se quizermos definir em poucas palavras o periodo, que começa com o descobrimento de Cabral e remata com a conquista do Maranhão, nem um ha tão caracteristico. Neste periodo, que se pôde chamar *transoceanico*, de nosso ponto de vista particular, ou, segundo a classificação genial de Ratzel, periodo da *distribuição peripherica*, é elle que tudo domina, tudo

explica e systematisa. A partir de 1614 abre-se novo periodo, o da exploração do interior.

Em São Paulo começará mais cedo, porque a estreita restinga, que separa a cordilheira do oceano, obrigou a galgar-a desde logo; no valle do Amazonas o movimento acelerara-se graças á admiravel rede fluvial que o retalha; na Bahia a posição central do São Francisco serve como de nucleo coordenador; as bandeiras alastram por todo o paiz; os conquistadores estendem os limites da civilisação; a criação de gados alonga-se por espaços immensos. Emfim em 1697, descobre-se o caminho por terra entre a Bahia e o Maranhão pelo Piauhi e começa a corrente curiosa, e até hoje quasi desconhecida, da população que vem do interior para o mar, corrente que liga toda a historia do Norte, e que permitte apresental-a como uma unidade. Já então ia desapparecendo o desdem pela terra e pelos mazombos. Emfim abre-se com os primeiros annos do seculo XVIII o periodo das minas e rebenta verdadeira revolução psychologica. Não se precisa ler os dithyrambos entusiastas de Rocha Pitta, basta meditar nas paginas de André João Antonil, ou para dizer o verdadeiro nome, João Antonio Andreoni, porque Antonil era pseudonymo, para ver o entusiasmo que a terra despertava. Basta lembrar as pequenas rusgas que havia com os reinões, a proibição de serem verdadeiros aqui no Rio, as guerras contra os Emboabas em Minas Geraes, as guerras dos Mascates em Pernambuco, para medir a diferença que havia d'este para o periodo transoceanico, para sentir que os desdenhados não eram mais os mazombos e caboclos.» (1)

As palavras citadas são verdadeiras, como as que foram repetidas mais acima, são verdadeiras num sentido geral; mas devem ser aceitas *cum grano salis*. Era natural, sem duvida, antolhar-se aos primeiros colonos, ainda desprovidos de quaesquer commo-

(1) *Materiaes e achegas para a Historia e Geographia do Brasil*, I, pags. XI a XIII. Rio de Janeiro, 1886.

didades e recursos, a terra como *melancolica*. O mesmo ainda hoje acontece ao immigrante que, ao chegar, se vê falho de collocação, desequilibrado diante do desconhecido.

Quantas bellas cidades européas não parecem insípidas ao viajante estrangeiro que a ellas chega, desconhecendo os prazeres e particularidades da vida local ! É o caso, notavelmente, de Londres, sempre aborrecida dos forasteiros que alli se demoram cinco ou seis dias, e sempre encantadora aos que se deixam ficar por dilatados mezes e annos. E é gente que viaja com conforto e para se divertir... Era tambem natural que o desenvolvimento progressivo da cultura, da vida civil e do conhecimento das riquezas do paiz, fixando mais o colono ao solo, o fizesse vêr com melhores olhos as bellezas da terra. Naturalissimo era que a população nova, oriunda dos colonisadores, quando viesse a preponderar em numero, se considerasse igual e até superior em predicados aos filhos da metropole.

Estes phenomenos se deram sempre, desde que o homem se lembrou de descobrir e colonisar terras. Não são peculiares ao Brasil e não podem servir de base ou ponto de partida para uma differenciação de nosso caracter. São em demasia genericos.

Além d'isso, não é de todo certo que no primeiro momento, no tempo de Nobrega, Anchieta, Aspicuelta Navarro, Gondavo, Gabriel Soares, todos, apezar de certo pessimismo reitante desde então e que nunca mais nos abandonou completamente, recrúdescendo de tempos a tempos, todos achassem melancolica a terra e tratassem-na com desdem. O proprio egregio jesuita cujas palavras despertaram as afirmativas de Capistrano de Abreu, cantou mais de um dithyrambo ás suas maravilhas, e o mesmo fizeram seus companheiros e contemporaneos. Gabriel Soares, por exemplo, quasi só tem louvores para os recursos naturaes do paiz por toda a magnifica descripção que faz da costa brasiliça, desde o Amazonas até muito além do Rio da Prata. O melhor de seus encomios deixou-o como era de ver para a Bahia, a terra de

sua residencia e emprehendimentos. « Atraz fica dito, escreveu elle no começo da segunda parte dc seu admiravel *Tratado*, passando pela Bahia de Todos os Santos, que se não soffria naquelle logar tratar-sc das *grandezas della*, pois não cabiam alli ; o que se faria ao diante mui largamente, depois que se acabasse de correr a costa com que temos já concluido. Da qual podemos agora tratar e explicar o que se della não sabe para que venham á noticia de todos os occultos desta *illustre terra, por cujos merecimentos deve de ser mais estimada e reverenciada do que agora é...* Como El-Rei D. João III de Portugal soube da morte de Francisco Pereira Coutinho, sabendo já das *grandes partes da Bahia, da fertilidade da terra, dos bons ares, maravilhosas aguas e da bondade dos mantimentos della*, ordenou... » (1).

Assim falava o maior observador portuguez que pisou terras da America, em 1587, e em taes palavras muito aquem ficou do veneravel Anchieto, que dois annos antes, no proprio escripto a que se refere o seu moderno editor, já tinha dito : « Todo o Brasil é um jardim em frescura e bosques e não se vê em todo o anno arvore e nem herva secca. Os arvoredos se vão ás nuvens de admiravel altura e grossura e variedades de especies. Muitos dão bons fructos e o que lhes dá graça é que ha nelles muitos passarinhos de formosura e variedade e em seu canto não dão vantagem aos rouxinões, pintasilgos, colorinos e canarios de Portugal e fazem uma harmonia quando um homem vae por este caminho, que é para louvar ao Senhor, e os bosques são tão frescos, que os lindos e artificiales de Portugal ficam muito abaixo. Ha muitas arvores de cedro, aquila, sandalos e outros páus de olor e varias côres e tantas diferenças de folhas e flôres, que para a vista é grande recreação e pela muita variedade não se cança de ver. » (2)

(1) *Tratado Descriptivo do Brasil*, edição do R. de Janeiro, de 1886, pag. 101.

(2) *Materiaes e achegas*, I, pag. 51.

Boa terra, *algo melancolica*, em o dizer do mesmo Padre, essa de que se contam tantas maravilhas e muitas e muitas mais, no proprio escripto citado, que calamos por brevidade, não escondendo que no anno mesmo da chegada dos primeiros jesuitas, 1549, escrevia Nobrega a seu mestre o Dr. Navarro, falando da cidade do Salvador: « É muito salubre e de bons ares, de sorte que sendo muita a nossa gente e mui grandes as fadigas, e mudando da alimentação com que se nutriram, são poucos os que enfermam e estes depressa se curam.

A região é tão grande que, de tres partes em que se dividisse o mundo, occuparia duas; é muito fréscas e mais ou menos temperada, não se sentindo muito o calor do estio; tem muitos fructos de diversas qualidades e mui saborosos; no mar igualmente muito peixe e bom.

Similham os montes grandes jardins e pomares, que não me lembra ter visto panno de raz tão bello. Nos ditos montes ha animaes de muitas diversas feituras, quaes nunca conheceu Plinio, nem d'elles deu noticia, e hervas de diferentes cheiros, muitas e diversas das de Hespanha; o que bem mostra a grandeza e belleza do Creador na tamanha variedade e belleza das creaturas. » (1)

Escusado é recorrer a Cardim.

E assim, pois, por uma passagem dos velhos chronistas de *quinhentos* em desfavor da terra, citam-se vinte em prol' d'ella, e, pelo que toca aos habitantes, os jesuitas são naquelle periodo accordes em considerar os colonos portuguezes muito mais viciados do que os indios e mestiços do paiz. Na éra de *seiscentos*, por outro lado, se um auctor dos *Dialogos das Grandezas do Brasil* e um frei Vicente do Salvador não cançam de bemdizer da terra, no que são continuados em principios de *setecentos* por Pitta e Andreoni, entre esses quatro escriptores, e contemporanea dos dois ultimos, surge

(1). *Materiaes e achegas*, II. pag. 63.

a diabolica figura de Gregorio de Mattos, negação completa do fervoroso optimismo de todos elles. É que os maiores ou menores gabos que nos mereçam à terra e seus habitadores, já o dissemos, as maiores ou menores censuras que lhes façamos, questão afinal do temperamento de quem escreve ou da feição do tempo em que vive, não são um criterio rigoroso e completo de caracterização de nossa indole, como povo, em qualquer das espleras em que nos tenhamos exercitado.

Cremos que o problema se deixará melhor solver, se se appellar para phenomenos mais peculiares e profundos, para factores mais energicos e efficazes.

De que se trata? Nada mais, nada menos do que definir o brasileiro, caracterisal-o em face do portuguez, cuja lingua elle fala na America, cuja civilisação elle representa em o Novo Mundo. É um problema de differenciação ethnica em que tem collaborado durante quatro seculos o *portuguez*, o *indio*, o *africano* e o *clima*; e tambem a influéncia estrangeira, maximé franceza, principalmente pela industria, pela arte, pela literatura de um seculo a esta parte. D'este immenso mestiçamento *physico* e *moral*, d'esta fusão de *sangues* e *d'almas* é que tem saído diferenciado o brasileiro de hoje e ha de saír cada vez mais nitido o do futuro.

Tal o criterio novo, por nós estabelecido nos *Estudos sobre a Poesia Popular* e na *Historia da Literatura Brasileira*.

Fernando Wolf (1863) nem por sombra teve o presentimento d'este modo de vêr, como parvamente uma vez insinuou um adversario nosso, pouco escrupuloso e assás malevolo. Primeiramente, porque não estabeleceu as bases da doutrina ethnica brasileira; depois, porque não assentou nella as leis de nosso desenvolvimento espiritual; e mais, porque não diz uma palavra sequer do elemento *africano*; e mais ainda, porque não definiu o *mestiço*; porque não determinou o que se lhe deve no Brasil; porque não definiu os outros concurrentes, indicando a contribuição de cada um; e, finalmente, porque, em todo o seu livro, quando, só uma

vez, allude, de passagem e rapidamente, ao assumpto é para negar (veja-se bem : para negar) a influencia directa dos habitantes primitivos do paiz (só fala nestes) e de seus descendentes na psyché nacional. São estas as suas palavras: «Ce n'est qu' indirectement que ces habitants primitifs du pays, par leurs unions avec les colons, et par les races mêlées (mamelucos et mestiços) qui en sont sorties, ont exercé sur le développement du caractère brésilien et par conséquent sur la littérature de ce peuple une influence...» (1)

Eis ahi a que se reduz a indicação do criterio ethnographico em Wolf, um escriptor tão pouco intimamente conhecedor de nossa vida espiritual, como ella é realmente, que chegou a negar a influencia directa do mestiço em nossas letras!... E Gonçalves Dias?!

Bastaria esta só pergunta para desconcertar, não tanto ao velho escriptor austriaco, senão a quem ainda hoje tem o desplante de considerar o seu atabalhoado livro a ultima palavra em historia da literatura brasileira!... É muito despeito. (2)

Já antes outro phantasista, numá irritação de momento, tinha atribuido ao botanico Martius nosso peculiar modo de pensar.

O censor queria se referir á dissertação por aquele scientista publicada em 1843 na *Revista do Instituto Historico*, sob o titulo — *Como se deve escrever a historiu do Brasil*, memoria para a qual nós mesmo tinhamos sido exactamente o primeiro a chamar na *Historia da Literatura* a attenção da critica nacional. É mistér desconhecer completamente o trabalho de Martius para levantar falsidades, como essa, sobre elle. O famoso botanista no escripto citado dá apenas um conselho e faz uma enumeração meramente exterior dos

(1) *Le Brésil Litteraire — Histoire de la Littérature Brésilienne*, por Ferdinand Wolf, pag. 1.

(2) O auetor d'essa insinuação é o nosso adversario Theophilo Braga. Opportunamente havemos de desfibrar os milhares de erros que sobre poetas brasileiros do seculo XVIII se lêm em seu horripilante volume consagrado a *Filinto Elyso*. Cremos que as aleivosias de Braga têm sido repetidas por J. Verissimo.

elementos que entraram em nossa população. Não os estuda; não os aprecia em sua acção mutua; não os mostrá fusionando-se e reagindo uns sobre outros; não tenta a determinação, nem ao menos vaga, do que devemos a cada um dos tres factores principaes de nossa nacionalidade em particular e a todos elles eonjunctamente. Deixa, o que é fundamental na questão, em completo esquecimento o ponto saliente do problema: o *mestiço*, sobre quem peculiarmente deveria insistir, estudando, repetimos, o especial quinhão de *cada factor* e definindo o caracter do *resultado*.

É o que não fez o illustre bavaro e não quiz vêr o apaixonado critico. Felizmente a doutrina, como a formulamos e expozemos, desde 1870, penetrou fundo no pensamento nacional, que já começa a apreciar devidamente suas consequencias praticas e já a vae empregando até como base de obras artisticas e literarias: romances, contos, dramas, etc. (1)

Não é tudo.

De certo tempo á esta parte, é de notar a insistencia com que os Srs. Araripe Junior e J. Verissimo, com evidente pre-occupação, andam a proclamar Varnhagen o *criador da historia da literatura brasileira!*... Creador... como e porque? Se a propria historia geral, Varnhagen não a creou, como podéra ter creado a historia da literatura? Varnhagen não fez mais do que, sem plano, sem sistema, sem doutrina, sem philosophia, sem analyse, sem synthese, escrever meia duzia de *biographias* destacadas de poetas e escriptores e a *introduçao* da selecta a que poz o nome de *Florilegio da Poesia Brasileira*: pouco mais fez do que repetir

(1) Exemplo curioso do caso é o *Canaan* do Sr. Graça Aranha, que é exactamente o apaixonado critico a que nos referimos. A arremetida de Aranha aparecen em artigo por elle consagrado á *Historia do Direito Nacional*, de Martins Junior, e foi originada do despeito que lhe causou o não havermos endossado sua versão da famosa *lei de repetição abreviada da historia*. J. Verissimo, em artigo consagrado a F. Tavora, repetiu a phantasia de Aranha.

Barbosa Machado, Januario Barbosa, Norberto Silva, Pereira da Silva e outros mais. Varnhagen não tinha capacidade senão para verificar uma data, o formato de um livro, a côr do papel de uma edição *princeps* e outros problemas de igual jaez. Se fazer biographias e apurar datas e factos anecdoticos fosse crear historia literaria, não haveria livro mais fraco em o genero do que a *Historia da Literatura Ingleza*--de Taine; porque alli o grande mestre nem faz biographias, nem apura questiunculas bibliographicas.

O iniciador d'essa *magica varnhageana* foi o Sr. Araripe Junior em seu Estudo sobre *Gregorio de Mattos*. O Sr. José Verissimo reeditou com duplicada insistencia a mesma cousa no artigo que dedicou a *Bento Teixeira Pinto*.

• E para a endossar por verdadeira, deu-lhe uma bella escolta de anachronismos.

Disse o ultimo critico :

« Varnhagen, que foi o instituidor da nossa historia literaria, e depois os que se lhe seguiram, e o seguiram Wolf, Fernando Dénis, Norberto Silva e outros, contaram como um factor da nossa literatura não só o gentio que aqui habitava, mas os seus cantos, a sua poesia... » Duplo engano. Não é verdade que Varnhagen tivesse precedido Fernando Dénis e Norberto Silva no tratar historicamente as cousas literarias brasileiras. Neste particular são-lhe não só anteriores os escriptos de Barbosa Machado, Boutrweck, Sismondi, como os primeiros e decisivos de Fernando Dénis, Norberto Silva, não falando já nos de Januario Barbosa, Almeida Garrett, Nunes Ribeiro, Pereira da Silva, Gonçalves de Magalhães e outros e outros.

Não é tambem verdade que tivesse sido o auctor da *Historia Geral do Brasil* quem primeiro tivesse contado o gentio entre os factores de nossa literatura. *Estheticamente*, tinham-no feito antes d'elle algumas duzias de poetas; *criticamente*, todos os au-

ctores acima citados. O Sr. José Verissimo não tem por modo algum razão em ambas as affirmativas. Cumpre advertir, por ultimo e para desengano do Sr. José Verissimo, que o termo *factor* é mal empregado por elle ao referir-se a esses criticos e historiadores: estes consideraram sempre o *indio* mais como um *assumpto* a ser tratado pela poesia e pelo romance do que como um *factor* da literatura.

V

Phases evolutivas da Literatura Brasileira

Fernando Wolf, em 1863, dividia a historia da literatura brasileira nos periodos seguintes: 1º do descobrimento do Brasil ao fim do seculo XVII; 2º primeira metade do seculo XVIII; 3º segunda metade do seculo XVIII; 4º do principio do seculo XIX ao anno de 1840; 5º de 1840 ao anno em que publicou o seu *Brésil Litteraire* (1863).

O defeito d'esta enumeração de phase é ser demasiado fragmentada e não attender ao criterio do desenvolvimento das idéas em sua determinação. Porque fazer dos primeiros cincuenta annos do seculo XVIII um periodo literario no Brasil? Que houve então de especial na evolução espiritual dos brasileiros? Não se percebe facilmente. Que motivos aconselham a marcar uma phase com os primeiros quarenta annos do seculo XIX? Menos justificavel ainda é este periodo.

Fernandes Pinheiro, em 1872, em seu *Resumo de Historia Literaria*, deixou designados estes momentos, como os mais caracteristicos de nossa vida nas letras:— 1º periodo da *formação*, abrangendo os seculos XVI e XVII; 2º o do *desenvolvimento*, encerrando o seculo XVIII; 3º o da *reforma* constituido pelo seculo XIX.

Divisão de phases esta mais bem feita do que a de Fernando Wolf, porém ainda assás desfeituosa. O auctor deixou-se evidentemente illudir pela separação material dos seculos, sem atténdere que o andar das idéas e doutrinas não obedece as mais das vezes ás marcações exteriores do tempo. Que houve, por exemplo, na primeira metade do seculo XVIII no dominio do pensamento brasileiro, que a distinguisse em absoluto das ultimas décadas do seculo anterior? Nada, que se saiba. E que de novo, acaso, representam nas doutrinas e theorias literarias os trinta primeiros annos do seculo XIX, que os afaste do velho classismo do seculo antecedente? Nada por certo. A enumeração de Fernandes Pinheiro é, pois, tambem inaceitavel:

Por nossa vez, na *Historia da Literatura Brasileira*, indicámos esta divisão: *periodo de formação* (1500-1750); *periodo de desenvolvimento autonomico* (1750-1830); *periodo de transformação romantica* (1830-1870); *periodo de reacção critica e naturalista*, ao principio, e, depois, *parnasiana e symbolista* (1870 em diante até os dias actuaes).

Classificação esta attenta mais ao movimento das idéas e coadunada melhor com os phenomenos intellectuaes da nação.

Entretanto, esta mesma divisão de periodos pôde ser melhorada, tendo-se o cuidado de marcar por fecho de cada phase e inicio da seguinte um facto literario caracteristico.

D'est'arte, teremos: — *periodo de formação* (de 1592, data da 1^a edição da *Prosopopéa* — de Bento Teixeira Pinto, a 1768, data da publicação das *Obras Poeticas* — de Claudio Manoel da Costa); *periodo de desenvolvimento autonomico* (de 1768, citada data das *Obras Poeticas* de Claudio, — a 1836, anno da publicação dos *Suspiros Poeticos* — de Gonçalves de Magalhães); *periodo de reacção romantica* (de 1836, anno dos *Suspiros Poeticos* — a 1875, época do apparecimento dos *Ensaios e Estudos de Philosophia e Critica* de Tobias Barreto); *periodo de reacção critica e naturalista* e, depois,

parnasiana e *symbolista* (de 1875, anno dos citados *Ensaïos*, em diante até os dias actuaes).

Não é tudo. É uma divisão em quatro periodos, cujos dois primeiros se escoaram, como se vê, dentro da época do classicismo e podem por isso, sem inconveniente, reduzir-se a um só, o que nos levaria a esta divisão tripartita: — *periodo de formação ou periodo classico*, de 1592 — a 1836 ; *periodo de desenvolvimento ou periodo romantico*, de 1836 — a 1875 ; *periodo das reacções anti-românticas*, de 1875 em diante até os dias de hoje.

E, como nesta divisão tripartita os dois ultimos momentos têm innumeros pontos de contacto, não passando, no fundo, de uma reacção contra os velhos ideaes classicos, sendo a reacção das novas escolas contra o romantismo puramente artificial, pois não são elles mais do que romantismo disfarçado, é possivel, numa vista synthetica, reduzir ainda mais a classificação, e teremos : — *periodo de formação ou periodo classico*, de 1592 a 1836 ; *periodo de desenvolvimento ou de reacções ulteriores*, — de 1836 até agora e a continuar pelos annos adiante.

A primeira phase, dentro das forças do regimen do classicismo e do absolutismo regio, começa incipientemente desde quando se fundaram as primeiras escolas de humanidades no Brasil, e espíritos, como Nobrega, Anchieta, Cardim, Luiz da Gran, Gandavo, Gabriel Soares e outros iguaes, ensinaram ou escreveram nesta parte d'America, formando desde logo discipulos da estatura de Vicente do Salvador e Antonio Vieira; inicia-se de facto, no terreno da producção espiritual, com a publicação da *Prosopopéa*; passa pelo proto-romantismo da escola de Minas; assiste á independencia politica do paiz e chega até quando a elite intellectual da terra entra a interessar-se directamente pela renovação das idéas que se operara então na Europa ; a segunda segue d'ahi, d'essa nitida consciencia que já tinhamos de nós mesmos, e desdobra-se por todo o seculo XIX, ligando o proto-romantismo mineiro

ao romantismo propriamente dito e ás escolas que subsequente-
mente o substituiram.

Neste *Compendio* preferimos a divisão por séculos, pura e sim-
plesmente por séculos, por ser, numa literatura incipiente e de
pouco vulto, a que oferece mais facilidades didácticas.

SECULO XVI

HIST. DA LITERATURA

SECULO XVI

Poetas e chronistas

Foi sómente pelos meiodos do seculo XVI que começou o povoamento regular do Brasil. Entraram logo em contacto as tres raças nacionaes : a *indiana*, que pouco a pouco se tornou decrescente e fugitiva, e as duas outras, a *portugueza* e a *africana*, a dos senhores e dos escravos, que occuparam e fertilizaram o solo, e cada vez mais prosperaram em numero ou riqueza.

As primeiras manifestações intellectuaes são reveladas por estrangeiros ou habitantes de permanencia incerta no paiz, ou pelos primeiros padres que iniciaram a catechese dos selvagens.

*O mais antigo vulto de nossa historia intellectual é J. de um jesuita, o padre **José de Anchieta**. A critica, que tem presidido a organização de nossas chronicas literarias, o tem excluido do seu quadro. Anchieta é geralmente considerado um portuguez, um estrangeiro de certa influencia religiosa, e nada mais. Na historia civil elle apparece mais ou menos, conforme a maior ou menor dóse de religiosidade do historiador. Outra é a verdade.

Anchieta

Um dia partiu para o Brasil e fez-se um dos nossos, isto é, um amigo d'esta terra, um devotado aos selvagens, agente e factor de nossa civilização. Chegado ao Brasil aos vinte annos de idade, aqui viveu quasi meio século, e nunca mais lhe passou pela mente voltar para a Europa; dedicou-se fanaticamente á catechese dos seus *brasíis*; viveu para elles; para elles escreveu grammaticas, lexicons, comedias, hymnos; por amor d'elles soffreu. Entre seus queridos indios morreu.

No estudo d'esta individualidade, tão nobremente accentuada, não se tem a colher idéas novas, principios originaes por ella espalhados. Foi um missionario e nada mais.

Prefere-se um Luthero que protesta a um Anchietta que obedece. E, todavia, o typo ameno e poetico do missionario não perde o valor aos olhos da critica.

Anchietta nasceu na ilha de Teneriffe no anno de 1533; o pae era hespanhol; a mãe, uma indigena canarina. Em 1547 partiu para Coimbra, onde fez brilhantes estudos.

Em 1550, entrou para a companhia de Jesus; e tres annos depois partiu para o Brasil, onde apontou aos 13 de Julho de 1553 na Bahia. Mais tarde, seguindo para o sul, soffreu um pavoroso naufragio nos Abrolhos; a custo elle e companheiros tomaram a praia de Caravellas.

Pouco apôs foi enviado por Nobrega para a capitania de São Vicente, onde fundou o celebre collegio de Piratininga. Mais tarde, despeitados os tamoyos com os portuguezes, foi Piratininga atacada, e Anchieta praticou prodigios de valor. Resolvendo depois reduzir aquelles indios a amigos, foi ter com elles ás suas tabas, onde ficou tres mezes de refem, enquanto Nobrega contratava a paz com os portuguezes. Alli concebeu o seu poëma latino consagrado á Virgem.

Assistiu a fundação da cidade do Rio de Janeiro. Em 1569 foi nomeado reitor do collegio de São Vicente; em 78 foi á Bahia na qualidade de provincial da companhia de Jesus no Brasil. Em 85 renunciou o cargo, passando-se para o Rio de Janeiro e mais tarde para o Espírito Santo, onde fundou varias aldeias de indios. Retirado de uma vez á aldeia de *Reritigbá* (Benevente), cançado e doente, escreveu as biographias dos seus companheiros de lides sob o titulo do *Brasilica Societatis Historia et vita clarorum Patrum qui in Brasilia vixerunt*. Falleceu a 9 de Junho de 1597.

Taes são os traços geraes da vida do celebre *Apostolo do Novo Mundo*.

Apreciado pelo lado literario, Anchieta não foi propriamente um escriptor; em seu temperamento nervoso, posto que bondoso e meigo, predominava a vontade; era um homem de acção.

Inspirados e escriptos os seus trabalhos pela neces-

sidade da predica e da conversão dos gentios, ainda hoje, comtudo, são interessantes ao linguista, ao historiador e ao literato. Ao primeiro, porque entre elles nos veio uma grammatica tupi e algumas poesias e autos escritos nessa lingua, que podem servir de base para o estudo do americanismo ; ao historiador, porque as *Annuas* e *Cartas* são um rico manancial de informações sobre o primeiro seculo da colonização do Brasil ; ao literato, porquanto contém versos portuguezes e bellos especimens de poesia latina. Anchieta escreveu nas quatro linguas : portugueza, hespanhola, tupi e latina.

Qualquer que seja o juizo que a critica venha a formar, um dia, sobre os trabalhos grammaticaes e lexico-graphicos de José de Anchieta, qualquer que possa vir a ser esse juizo sobre as suas producções poeticas e dramaticas, o melhor patrimonio que elle nos legou, como escriptor, são as suas despretenciosas *Cartas*.

Passam por ser de Anchieta os versos que, dizem, foram achados no Collegio dos Jesuitas de Roma e dos quaes obteve cópia o Barão de Arinos, segundo um manuscripto que já d'aquelle collegio havia desapparecido. Tudo faz crêr que ha mais de uma falsificação no texto do manuscripto.

Os versos ao *Santissimo Sacramento* parecem authenticos, como o revela a linguagem que é a do tempo :

E todo o meu appetite
Seja gracioso convite
De minh'alma
Ar fresco da minha *calma*,
Fogo da minha frieza, etc.

As palavras *convite* (banquete) e *calma* (calor) bastam para denunciar que são antigos e portuguezes. O caso, porém, é diverso quanto ao *Auto de Santa Ursula* (ao qual se refere Fernão Cardim em a *Narrativa Epistolar*, pag. 30) cujo texto conhecido e que não é o manuscripto original do Collegio tem pelo menos interpoções que só podiam ser feitas por um brasileiro dos nossos tempos :

Traz consigo estas mulheres,
As que alcançam-lhe o poder.

e não é este o unico exemplo. Outros autos se representaram no Brasil, e alguns não eram de Anchieta, como o *Dialogo da Ave Maria*, do Padre Alvaro Lobo, tambem jesuita, e talvez outros de Francisco Vaz, jesuita, que servia á catechese no Oriente; e isto sem mencionar os autos anonymos, genero que na literatura portugueza atinge a uma centena de especies, na maior parte apocrifias deturpadas, fracas imitações de Gil Vicente, do Chiado, Antonio Prestes, Balthasar Dias e Affonso Alvares.

Anchieta tambem compunha tanto em latim como na lingua dos indios, que conhecia profundamente; um *guaranisante* de hoje, F. Oppitz, diz que Anchieta não conhecia bem o mecanismo grammatical do tupi, e por isso frequentemente commettia erros na formação das palavras.

Durante quasi meio seculo, o illustre *Apostolo do Novo Mundo* foi o grande instructor das populações brasileiras nos primeiros tempos da conquista. Só por este facto, tinha direito de figurar na historia literaria do paiz, ainda que não houvesse escripto uma só palavra.

Se se considerar, porém, que os primeiros autos e mysterios representados nesta parte da America são devidos á sua pena ; que elle escreveu poesias e outros

trabalhos, ainda mais firme se o tem de colocar em seu logar. E o moço padre era o mais proprio para levar ao cabo a tarefa que lhe coube na historia. Filho de uma descendente d'essas raças cruzadas das Canarias, aquelle insular, não tendo o orgulho nativo do portuguez ou do hespanhol de sangue puro, era naturalmente levado a sympathizar com as gentes selvagens, com os pobres fetichistas negros e indios, em quem a vaidade europea não podia habituar-se a vêr entes humanos.

Bafejado, além d'isso, desde a mais tenra infancia, pelo sopro popular da poesia anonyma, que nas ilhas Canarias e nos Açores, em seu tempo, medrava fortemente ; imbuido d'essa melancolia, d'esse mysticismo poetico, tão proprio ao meio insulano, bem se comprehende a razão por que de todos os missionarios jesuitas, foi elle dos poucos que escreveram poesias e comprehendiam as canções dos tupis. O culteranismo de sua educação não pôde estiolar completamente suas qualidades nativas. Não é nos versos latinos que deve ser estudado ; é antes em suas cartas e em suas poesias portuguezas, ou ainda nas tupis. Nestas deve sentir-se vivo o bafejo popular.

As obras de Anchieta, além dos autos e mysterios em lingua portugueza ou em lingua tupi ou nas duas linguas conjuntamente, foram a *Arte da Grammatica da língua mais usada na costa do Brasil*, Coimbra, 1595 ; o *Poema em louvor da Virgem N. Senhora*, publicado em 1672 numa biographia que de Anchieta escreveu o jesuita S. João de Vasconcellos ; cartas e outras obras avulsas publicadas sob o titulo *Informações e fragmentos historicos*

do Padre Joseph de Anchieta (1584—1586) por J. Capistrano de Abreu, 1886.

Documentos biographicos são o estudo que precede a obra antecedente (de C. de Abreu); a *Vida*, escripta por Simão de Vasconcellos, 1672: o resumo que d'esta fonte extraiu o Padre Antonio Franco na sua extensa obra *Imagen da virtude*, e foi reeditado no Rio, 1898; e ainda as publicações commemorativas do quarto centenario da sua morte, feitas nomeadamente em S. Paulo, 1898—1899.

A posição de J. de Anchieta nas duas literaturas da nossa lingua foi mais ou menos precaria. Diogo Barbosa Machado excluiu-o por não ser portuguez; outros o excluem da nossa ou o não mencionam; Sacramento Blake, p.ex., no seu *Dicc. Bibl.*, talvez por não ser brasileiro de nascimento. Theophilo Braga acha a propósito dos autos e mysterios aqui representados, que «se realmente foram os jesuitas os iniciadores da Literatura brasileira, por uma acção reflexa de Gil Vicente é que teve inicio essa expressão da futura nacionalidade.» (Th. Braga — *Escola-de Gil Vicente*, 1898, pag. 336).

Na segunda metade do seculo XVI existiu em Pernambuco um homem que é, depois de José de Anchieta, o mais antigo poeta brasileiro. Falamos de **Bento Teixeira Pinto**. A este auctor attribuira-se por muito tempo a — *Relação do Naufrágio de Jorge de Albuquerque* — e o — *Dialogo das grandezas do Brasil*; mas sem fundamento nenhum historico. A *Prosopopéa*, publicada em 2^a edição em 1601 em Lisboa, é que com melhores razões lhe pertence. É um reduzido poemeto laudatório, dirigido ao referido Jorge de Albuquerque Coelho, governador de Pernambuco.

Nada se sabe da biographia de Bento Teixeira Pinto; em todo o caso, não lhe era indiferente a cultura do tempo em que tem seu logar entre os epigonos de

Bento
Teixeira
Pinto

Luis de Camões. A sua *Prosopopéa* é uma imitação, pelo assumpto e pelos episodios, dos *Lusiadas*; os proprios versos são moldados nos rhythmos adoptados pelo grande epico; e assim as imagens e a construcçāo do poema; entretanto não é destituido de outros meritos, se exceptuarmos o da originalidade.

Quem primeiro chamou sobre B. T. Pinto, a attenção foi o abbade Diogo Barbosa Machado, o qual, no volume I, pag. 512, da sua *Bibliotheca Luzitana*, escreveu estas palavras: «Bento Teixeira Pinto, natural de Pernambuco, igualmente perito na Poetica que na Historia, de que são argumentos as seguintes obras: «*Prosopopeya dirigida a Jorge de Albuquerque Coelho, Capitão e Governador de Pernambuco, nova Lusitania*. Lisboa, por Antonio Alvares — 1601: 4º São oitavas juntamente com a *Relação do Naufragio que fez o mesmo Jorge Coelho vindo de Pernambuco a Não Santo Antonio em o anno de 1565*. Saiu duas vezes impressa na *Hist. Tragico-Marit.* Tomo 2, desde a pag. 1 até 59. «*DIALOGO das grandezas do Brasil em que são interlocutores Brandonio e Alviano*. MS. Consta de 106 folhas. Trata de muitas curiosidades pertencentes á Chorographia e Historia Natural d'aquellas Capitanias. Conserva-se na Livraria do Conde de Vimieiro. D'esta obra e do auctor faz memoria o moderno addicionador da *Bibl. Geog.* de Antonio de Leão. Tomo 3. Tit. unico, col. 1.614.

Pereira da Silva e Norberto Silva, em suas mais antigas publicações acerca de cousas literarias do

Brasil, repetiram as informações de Barbosa Machado. Entretanto, desde 1839, Francisco A. de Varnhagen, nas *Reflexões Críticas a Gabriel Soares*, já recusava a Bento Teixeira a auctoría dos *Dialogos das Grandezas do Brasil*, com argumentos serios. Norberto Silva, na *Revista do Instituto Historico*, vol. de 1850, pag. 277, pretendeu rebater Varnhagen, que lhe retrucou vitoriosamente no mesmo vol. da Revista, pag. 403. Em 1857, no segundo volume da *Historia geral do Brasil*, voltou o ultimo a tratar o assumpto, não se limitando a negar a Bento Teixeira a auctoría dos *Dialogos*; retirou-lhe tambem a da *Prosopopéa* e a da *Relação do Naufragio da Náo de Santo Antonio*, mostrando que fôra esta escripta por um Antonio de Castro. Em 1872 tornou de novo ao ponto, mantendo (*Diario Official*, de 6 de Novembro) suas negativas quanto aos *Dialogos* e á *Relação do Naufragio* e não quanto á *Prosopopéa*, attribuida agora por elle a Bento Teixeira. Pouco mais tarde, na segunda edição da *Historia Geral*, pag. 686, ainda se conservava elle no mesmo terreno em o que diz respeito aos *Dialogos* e á *Relação*. Esta tinha agora auctor certo e era o piloto Affonso Luiz, sendo corrigida pelo mestre Antonio de Castro. Restava ao illustre historiador descobrir o auctor dos *Dialogos*. D'estes existia na Bibliotheca publica de Lisboa uma cópia, retirada d'alli para o Rio de Janeiro, por José Feliciano de Castilho, que os começara a publicar no *Iris*, não dando depois andamento á impressão, nem restituindo o manuscripto. O anctor da

Historia Geral encontrara felizmente d'elles um codice completo na Hollanda, do qual tirou cópia, que veio a servir para a impressão feita pela *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*. Num *post-facio* posto por Varnhagen a esta edição, datado de 1877, inclinou-se finalmente a crêr que tivesse sido Bento Teixeira mesmo o auctor de tão curiosa obra.

Eis que no debate appareceu por ultimo Capistrano de Abreu, que chegou a estas conclusões: O Bento Teixeira Pinto que naufragou com Jorge de Albuquerque em 1565, não é o auctor nem da *Relação*, nem da *Prosopopéa*, nem dos *Dialogos*. O Bento Teixeira—da *Prosopopéa* é outro individuo; não acompanhou Jorge de Albuquerque, não escreveu a *Relação*, nem os *Dialogos*, e sim, pura e simplesmente, o poemeto, cuja primeira edição suppõe o critico ter sido de 1593. A segunda foi de 1601 e a terceira de 1873. As duas primeiras, de Lisboa. A ultima, do Rio de Janeiro.

Tudo leva a crêr que nos ultimos decennios do seculo XVI tivesse havido em Pernambuco um grupo de moços ardentes, dados á poesia e ás letras. Bento Teixeira, Fr. Francisco do Rosario, Jorge de Albuquerque eram do numero. A terra, vê-se pela descripção de Cardim, de 1583, era rica e prosperala; a população festiva e entusiasta. A ordem e o progresso tinham germinado desde os inícios da administração de Duarte Coelho, o typo do donatario intelligente.

OS DIALOGOS DA GRANDEZA pertencem a um genero literario em voga dos meados do seculo XVI aos do XVII: prova-o a vasta bibliographia do tempo desde os *Dialogos* (*Ropica*, de Barros), os de Amador Arraes, os *Dial. da perfeição do medico*, de D. Ferreira, *Dialogo entre douis peregrinos*, de Gaspar de Leão, os do Padre Alex. de Gusmão nos seus romances religiosos; os *Colloquios de Garcia da Orta*, os do *tempo de Agora*, e innumeros até os *Apologos Dialogaes* de Dom Francisco Manoel; em dialogos se compunham as obras moraes, scientificas e praticas. Em muitos d'elles os nomes dos personagens e interlocutores são anagrammas poeticos, como o eram nos romances: *Belisu* é Isabel; *Nize* é Ignez; *Natercia* em Camões, por Caterina; *Aonia*, e *Aonio*, por João ou Joanna (Joan); *Binardel* e *Narbindel*, por Bernardino (em B. Ribeiro), etc. Se houve esta intenção nos DIALOGOS DAS GRANDEZAS, é provavel que o interlocutor brasileiro, que é *Brandonio*, e talvez no manuscrito original *Brandenio*, occulte e disfarce o nome — Bernardino — talvez o prenome do auctor.

O scenario em que se desenvolve o *Dialogo* deve ser nas cercanias ou ao norte de Pernambuco, porque Brandonio fala das caravelas de mercadores que do Rio da Prata trazem mercadorias para o *Rio de Janeiro*, *Bahia* e *Pernambuco*, e ahi na terra compram assucares que levam para Portugal. Esta e outras referencias ao commercio do Rio de Janeiro indicam, ao meu ver, que este livro só podia ser escripto no seculo XVII. Alviano, um dos interlocutores, fala do «nosso Portugal», e Brandonio fala umas vezes da «nossa Hespanha» e outras vezes do «nosso Portugal», o que desde logo parece determinar a data do livro para o primeiro quarto d'aquelle seculo, anterior ao dominio hollandez e á restauração da independencia portugueza. Effectivamente, o livro foi escripto em 1618.

A este periodo da nossa historia literaria podemos referir alguns escriptores que viveram no Brasil:

a) PERO LOPES DE SOUSA, que escreveu o *Diario da Navegação da Armada que foi a terra do Brasil em 1530*, (edit. em 1839 por F. A. Varnhagen) e foi donatário de largas terras.

b) O padre FERNÃO CARDIM (1540—1625), que escreveu a *Narrativa epistolar de uma viagem a Bahia, Rio, Pernambuco, etc.* (edit. em 1847, segundo o manuscrito datado de 1583). O opusculo *Do principio e origem dos Indios do Brasil*, manuscrito que existe em Évora e foi editado no Rio, 1881; mas já em 1625 figurava impresso e traduzido na coleção ingleza de Purchas; o prefaciador da ultima edição atribue-o a Fernão Cardim.

c) GABRIEL SOARES DE SOUSA (1540? — 1591, é escritor de importância. Escreveu o *Tratado descriptivo do Brasil* em 1587; editado em 1851 (vol. 14 da *Rev. do Inst. Hist.*; já havia sido em parte impresso em 1825, Lisboa).

d) PERO DE MAGALHÃES GANDAVO, dos meados do século XVI, escreveu a *História da Província de Santa Cruz*, Lisboa, 1576; teve este livro outras reimpressões.

Naturalismo Estudado o século XVI nos cronistas do tempo, descobre-se desde logo a dupla tendência de nossa literatura, a saber: a descrição da natureza e a do selvagem. Anchieta, entre outros, em suas *Cartas* é abundante em exemplos do gênero. O próprio Teixeira Pinto procura em seu rápido poemeto ensejo para intercalar a descrição do Recife e indicar palavras indígenas. No século XVII a tendência cresce, e no XVIII torna-se de todo predominante.

A criação atribuída ao século XIX não foi, pois, uma obra original; não passando de uma prolatação histórica. O nosso *nativismo* tem quatrocentos anos de existência. Em grande parte puramente exterior, maxime nos primeiros tempos, o *nacionalismo* tem sido útil como agente de diferenciação, como força que tende a penetrar mais e mais no espírito público. A princípio encerrado no *caboclo*, tem vindo a desenvolver-se, preparando uma vasta e complexa intuição de nosso caráter popular.

SECULO XVII

SECULO XVII

Escola bahiana. Chronistas, oradores e poetas

O seculo XVII é no Brasil o momento critico ; é a phase do perigo, como o seculo antecedente fôra o momento da iniciação e da esperança. Nações estrangeiras e poderosas investem contra a nova colonia ; é travada a lucta contra hollandeses em Pernambuco e franceses no Maranhão, e se a expulsão d'estes é facil, a d'aquelles é altamente embaracosa. Vencidos uns e outros, a colonização progride para o norte, invadindo o valle do Amazonas. No interior os paulistas alargam tambem a esphera de seus descobrimentos ; o paiz, ao fechar do seculo, está plenamente constituido.

Na lucta contra os estrangeiros acrisola-se o sentimento nacional. Em todos estes factos apparecem as tres raças quasi no mesmo pé de igualdade. O entrelaçamento é perfeito, o *brasileiro* é já uma realidade. É o tempo de Vidal de Negreiros, de Camarão, de Amador Bueno e de Gregorio de Mattos... A riqueza desenvolve-se grandemente por quasi todo o norte ; a Bahia é ainda o centro, onde vão ter os raios do immenso perimetro. O movimento da intelligencia é mais animado do que na época anterior ; a accão das letras é já um pouco variada.

Não temos a apreciar sómente um ou outro vulto : — Anchietá ou Bento Teixeira. Novos athletas apparecem e a orbita se alarga : vêem-se poetas, oradores e chronistas, tão grandes como os da metropole : é o tempo de Antonio Vieira e de Gregorio de Mattos.

Logo ao limiar do seculo os chronistas brasileiros chamam a attenção. Os principaes vêm a ser : *Vicente do Salvador*, *Manoel de Moraes*, *Diogo Gomes Carneiro* e *Frei Christovão da Madre de Deus Luz*. Estes homens não exerceram influencia sobre a sua época. Seus escriptos, excepto os do ultimo, não foram publicados em tempo ; os do primeiro só recentemente apareceram.

Vicente do Salvador merece menção, por ter sido o mais antigo auctor de uma historia d'esta parte da America, sob o titulo de *Historia da Custodia do Brasil*.

Suppunha-se perdida a obra, que ultimamente foi por um livreiro doada em manuscripto á Biblioteca Nacional, em cujos Annaes veio, ha pouco, publicada.

«A *Historia* de Fr. Vicente do Salvador, escreve Capistrano de Abreu, precede de um seculo a de Rocha Pitta, e é a primeira escripta por brasileiro. Póde-se até dizer que é a primeira historia do Brasil que se escreveu, pois que, embora se intitule *Historia* o livro de Gandavo, de historico quasi nada tem além do titulo. A obra de Fr. Vicente do Salvador abarca um periodo de cento e vinte e set annos (1500-1627) e divide-se em cinco livros.

«O primeiro e o segundo adiantam muito pouco a Gandavo e Gabriel Soares, em quem elle parece ter-se inspirado. Depois dos estudos feitos no seculo XIX, o seu interesse é nenhum. Entretanto, traz um elemento novo na questão do Caramurú, e serve para provar que, antes de Simão de Vasconcellos a lenda não estava formada nem mesmo na Bahia, d'onde Fr. Vicente era natural e onde escreveu. Os tres ultimos livros, em compensação, pôde-se dizer que são inteiramente novos. A conquista da Parahyba é descripta quasi tão minuciosamente como no *Summario das Armadas*, impresso na *Revista do Instituto*; a do Rio Grande do Norte, as duas expedições de Pero Coelho ao Ceará, o governo de Diogo Botelho e D. Diogo de Menezes; enfim os tempos que precedem imediatamente á guerra hollandeza não podem de hoje em diante ser estudados sem o livro de Fr. Vicente.»

Isto pelo que diz respeito ao seu interesse historico ; quanto, porém, ao valor literario de Frei Vicente do Salvador , basta ponderar que, além de ter sido elle o primeiro filho do paiz que se dedicou ao genero historico, foi o primeiro prosador do paiz e num estylo muito agradavel de ler. Usa, não raro, de expressões populares que dão muita graça a sua narrativa.

O padre **Manoel de Moraes**, natural de S. Paulo, ^{Manoel de} passa por ter sido um espirito culto e irrequieto a ponto Moraes

de ser expulso da companhia de Jesus. «Fizera-se calvinista escreve Varnhagen, e se casara com *mullheres* d'esta seita, pelo que já fôra queimado em estatua na inquisição de Lisboa, no acto de 16 de Abril de 1642 : apresentando-se arrependido aos restauradores de Pernambuco, e sendo por estes recommendedo á côrte, foi condemnado a habito perpetuo, sem remissão com fogos, e suspenso para sempre das ordens, no acto de 15 de Dezembro de 1649, em que sahiram condemnados por judaismo mais cinco moradores de Pernambuco.» Foi auctor de uma historia do Brasil que se suppõe perdida.

Diogo Gomes Carneiro, morto em 1676, em Lisboa, foi chronista geral d^o Brasil e deixou algumas traducções e pequenos escriptos originaes.

Frei Christovão da Madre de Deus Luz (1650-1720), no Rio de Janeiro, escreveu um *Cuidado contra o tempo*, e um *Cartorio da Provincia da Immaculada Conceição do Brasil*, livros nos quaes se nos deparam algumas informações para a historia do paiz. Taes obras, por sua natureza, nada influiram para a formação da intuição brasileira em literatura.

Bem apurada a actividade d'estes historiadores, vê-se que nada aproveitável nos legaram. De uma *Historia da America* manuscripta de Moraes temos apenas noticia por um escriptor hollandez, João de Laet, que affirma ter-se d'ella utilizado; de Diogo Carneiro nenhuma pagina foi escripta que se referisse ao Brasil e, erudito, versado em linguas, fez traducções, mas não escreveu historia al-

guma; fr. Christovam Luz escreveu apenas algumas notas sobre a provincia seraphica a cuja ordem pertencia.

O registro bibliographico a cerca dos tres é bastante difícil, e quanto se pôde apurar, é o seguinte :

Manoel de Moraes constitue um problema talvez de difícil solução, porque parece nelle se terem fundido varios personagens do tempo. Escreveu uma *Historia da America* (perdida); *Prognostico y respuesta sobre las cosas de Portugal*, Leyden, 1641 (é um pamphleto em favor da restauração) e um *Dictionarium nominum et verborum linguae brasiliensis*, que se acha na *Historia naturalis* de Marçagratio. Com este Manoel de Moraes se tem feito confusão e com outro de igual nome, o auctor do *Gosto para todos*, Lisboa, 1687, jesuita portuguez, geral em Alcobaça. O que esteve em Pernambuco, logar para onde se refugiavam no tempo do dominio hollandez os portuguezes suspeitos de lutheranismo ou judaísmo, cremos que não foi outro senão o mesmo historiador brasileiro. Em 1642 já não havia em Pernambuco liberdade religiosa para os portuguezes, e d'ahi foi provavelmente remettido para Lisboa. Não ha, pois, logar para um terceiro ou quarto M. de Moraes, como querem alguns bibliographos, ao nosso ver mal informados.

Diogo Carneiro, apezar de chronista do Brasil, se é verdade que o foi, do seu cargo não tirou outro proveito que a vangloria do titulo e os pingues honorarios. D'elle ha tres traducções : a *Historia da guerra dos Tartaros* (do latim. de Martin Martinez) 1657; a *Historia do Capuchinho escossez*, trad. do italiano; uma *Instrucção para bem crér*, trad. do hespanhol; a sua obra original e unica é uma *Oração apodictica aos scismaticos da patria*, de 34 pags. Que escreveu, pois, a respeito do Brasil?

Fr. Christovam da Madre Deus Luz, é um desconhecido; o seu *Cuidado contra o tempo* e o *Cartorio da Imm. Conceição* foram dous manuscritos que D. Barbosa Machado conheceu, e o franciscano Fr. Apolinario da Conceição aproveitou em suas obras historicas sobre a ordem seraphica no Brasil.

Vejamos os prégadores.

Os principaes são : *Eusebio de Mattos* e *Antonio de Sá*, que foram companheiros de Vieira, que é um discípulo, como elles, da escola da Bahia, onde viveu muitos annos no principio e no fim de sua agitada carreira. O gongorismo predominava então e não pôde haver lugar em que elle faça mais ruido do que num pulpito. O sermão é um genero convencional e dá-se bem com os trocadilhos.

<sup>Eusebio
de
Mattos</sup> **Eusebio de Mattos** nasceu na Bahia em 1629 ; professou na Ordem de Jesus em 1644. Exerceu a oratoria sagrada e fez versos religiosos.

Saiu brigado da Companhia de Jesus e fez-se carmelita, tomando o nome de Eusebio da Soledade (1680).

Vieira sentiu o facto e lhe são atribuidas aquellas celebres palavras typicas : « *pois muito mal fizeram os jesuitas, que tarde se criaram para a companhia outros Mattos.* » Frei Ensebio morreu em 1692. Foi um homem illustre por suas virtudes ; o talento não foi dos maiores.

<sup>Antonio
de Sá</sup> O padre **Antonio de Sá** nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1620 ; entrou para a companhia em 1639, morreu em 1678. Nos trocadilhos excede a Mattos. Ambos têm sermões impressos.

Eusebio de Mattos escreveu : *Ecce homo* (sermões Lisboa, 1677; premunir-se contra o erro de Pereira da Silva já alhures repetido, que considera o *Ecce homo* uma collecção de versos); *Sermões*, ed. postuma, 1694 e outras orações avulsas. Os seus versos andam em manuscri-

ptos appensos aos do irmão Gregorio de Mattos; alguns foram publicados por Varnhagen no *Florilegio*, t. I, e entre elles, uma oitava de rimas e palavras finaes forçadas em parodia a outras de Gregorio de Mattos (a estrophe retrata a boca de formosa dama) :

Esse aljofar que agora se desata
Para melhor brilhar nesse rosal,
Não mostrará no nacar viva pirata
Quando vir consumido o seu coral:
Ostentas que por golpes de escarlata
Mostram o rutilante do cristal;
E então no descorado do marfim.
Dentes só se hão de ver mas não carmim.

Antonio de Sá é considerado o discípulo de maior valor de Vieira; publicou em vida, avulsamente, varias orações que tiveram mais tarde uma edição completa e postuma -- *Sermões*, Lisboa, 1750.

O movimento levado a effeito na Bahia na segunda metade do seculo XVII não deixa de ter certa grandeza. A populaçao era abastada em geral; o reconcavo tinha ricos engenhos; o commercio florescia. O governador tinha uma especie de corte, apta a chamar a attenção dos curiosos. O luxo era geral; pois que a machina o — escravo superabundava; o gentio tinha sido repellido para longe e por esse lado não vinha perigo; o colono portuguez estava em terra propria; atirava-se ao commercio furiosamente; a facilidade de costumes, a licença e depravação não tinham correctivos. D'ahi essa molleza de costumes, que Gregorio Guerra estereotypou tão crumente.

Os clérigos, e principalmente os jesuitas, eram ilustrados.

O Collegio e o Seminario fulgiam. Os espectaculos publicos eram raros. D'ahi esse fervilhar para os templos a ouvir os sermões, esse correr para o Carmo, o Collegio, a Sé, a Misericordia. Em todo o caso, não deixa de ser notavel o tempo que reuniu em um só ponto homens notaveis como Vieira, Eusebio de Mattos, Antonio de Sá, Gregorio de Mattos, Botelho de Oliveira, Rocha Pitta e tantos outros oradores e poetas.

Passemos a estes ultimos. Pouco ou nada ha a dizer sobre *Domingos Barbosa*, *Martinho de Mesquita*, seu irmão *Salvador de Mesquita*, *Bernardo Vieira Ravasco*, seu filho *Gonçalo Ravasco*, *José Borges de Barros*, *Grasson Tinoco* e outros poetas mediocres e esquecidos d'aquelle tempo. Seus escriptos se perderam todos ou quasi todos.

O jesuita *Domingos Barbosa*, latinista e poeta, nasceu na Bahia em 1632, falleceu em 1685, segundo a noticia de *Barbosa Machado*: Publicou apenas um poema em latim : *Passio salvatoris J. Christi*.

Bernardo Vieira Ravasco (1617-1697), irmão do Pe. A. Vieira ; militar, combateu contra os hollandezes. Quanto escrevera em prosa ou verso, ficou manuscrito ou se perdeu ; algumas poesias que na *Phenix renascida*, tomo I, figuram anonymas, foram atribuidas a Ravasco por Pereira da Silva, que sem criterio não pesquisou uma assertão que se encontra em F. Denis (*Resumé de l'hist. litt.*, pg. 530), mas sem nenhum fundamento, e foi isso repetido por Sacramento Blacke ; no tomo V da *Fenis* é que se encontram as decimas, mas não anonymas, e em hespanhol :

El famoso javali
De Erimantho em campo abierto
A manos de Hercules muerto
Entre sus trabajos vi.
etc.

Martinho de Mesquita (n. no Rio, em 1633) publicou poemas latinos em Roma, hoje ignorados. Salvador de Mesquita, irmão do antecedente, resumiu em latim os Trabalhos de Jesus, de Fr. Thomé de Jesus (Labores J. Christi—*Romae*, 1665) e escreveu um drama sacro : *Sacrificium Jephetae, Romae*, 1682.

José Borges de Barros (1657-1719) de quem é a tradição que possuia uma memoria assombrosa a ponto de poder repetir qualquer sermão que ouvia, e escrever ao mesmo tempo com duas pennas, uma em cada mão, não deixou vestigios na bibliographia portugueza. B. Machado diz que escreveu uma *Arte de Memoria*, uma comedia (*A constancia em triumpho*), dous tomos de *Sermões*, obras que ou ficaram manuscriptas ou nunca foram vistas.

Diogo Grasson Tinoco é tambem um poeta fabuloso. Cita-o Varnhagen que naturalmente d'elle teve noticia pelo *Fundamento historico* com que Claudio Manoel da Costa faz preceder o seu poema *Villa Rica*; e nada mais ha que authentique a existencia de Grasson Tinoco. Escreveu o poema em oitava-rima *O Descobrimento das Esmeraldas* em 1689, o qual, pelo assumpto e época em que foi escripto, é o primeiro poema nacional, anterior ao *Uruguay* e ao *Caramurú*; algumas estancias foram reproduzidas por Claudio. A estrophe que reproduzimos retrata o indio que foi aprisionado pelos bandeirantes :

Era o silvestre moço valeroso,
Sobre nervudo, de perfidia alheio;
O gesto respirava um ar brioso
Que nunca conhecera o vão receio;
Pintado de urucú vinha pomposo,
E o labio baixo rôto pelo meio;
Com tres pennas de arara laureado
De frechas, de arco e de garrote armado.

Do poema que viu Claudio e ficou manuscripto, apenas se conhecem as quatro estancias que se acham no *Fundamento histórico*; é provavel que o recebesse do coronel Bento Fernandes Furtado, paulista que veio habitar o Serro-frio, ou do sargento-mór Pedro Taques de Almeida Paes Leme, que remetteu ao poeta para a composição do *Villa-Rica* varios documentos, manuscripts desde a era de 1682 e achados nos archivos do Colégio dos Jesuitas de S. Paulo.

Todo o movimento literario do Brasil no seculo XVII deve girar em torno do nome de **Gregorio de Mattos Guerra**. O do seculo anterior deve circular em torno de José de Anchieta.

Gregorio de Mattos Se alguem no Brasil se podesse conferir o titulo de fundador da nossa literatura, esse deveria ser Gregorio de Mattos Guerra. Foi filho do paiz ; teve mais talento poetico do que Anchieta ; foi mais do povo ; foi mais desabusado, mais mundano, produziu mais e num sentido mais nacional. O que seduz no estudo d'esta individualidade, é a ausencia de artificio literario ; o poeta não vai por um caminho e o homem por outro ; a vida do individuo ajusta-se á obra do poeta. Estava, além d'isto, em perfeita harmonia com o seu meio.

Gregorio de Mattos nasceu na Bahia a 7 de Abril de 1623. Baptisou-se a 15 do mesmo mez com o nome de João, que o prelado D. Pedro da Silva Sampaio mudou em Gregorio. Os paes de Gregorio eram abastados, possuiam fazendas e cerca de cento e trinta escravos ; viviam largamente. Feitos os primeiros estudos, seguiu para Coimbra, onde se formou em direito.

Desde então fez nome como lyrista e satyrico. Já nesse tempo dizia d'elle Belchior da Cunha Brochado : «Anda aqui um estudante brasileiro tão refinado na satyra, que com suas imagens e seus tropos parece que baila Momo ás cançonetas de Apollo. » Doutorado,

partiu Gregorio Guerra para Lisboa, onde exerceu a advocacia. Foi alli tambem Juiz do Crime e Curador de Orphãos. Mereceu grande fama como jurista. Chamou a atenção de Pedro II; com promessa de um logar na Supplicação, quiz o monarca envial-o ao Rio de Janeiro a devassar dos crimes de Salvador Corrêa de Sá e Benevides. O poeta rejeitou. Mais tarde decaiu das graças do soberano e retirou-se para o Brasil. Fez viagem com Thomaz Pinto Brandão, tambem poeta, e com D. Gaspar Barata, primeiro arcebispo da Bahia, que o levou consigo, conferindo-lhe os cargos de vigario-geral com ordens menores e de thesoureiro-mór com murça de conejo. Nesse tempo passara-se tambem para a Bahia o padre Vieira.

Pouco depois Gregorio de Mattos malquistou-se com os seus collegas da igreja e foi deposto dos cargos. Ficando em pobreza, casou-se então por amor com D. Maria de Povos, bella viuva sem fortuna. Inimizado geralmente com os presumpçosos da Bahia, retirou-se para o reconcavo, a viver em casa de amigos. Ainda assim, foi villâmente degredado para Angola pelo governador D. João de AlenCASTRE. Em Loanda fez-se advogado; tendo prestado serviços ao governador d'alli, foi-lhe permitido voltar a Pernambuco, onde foi mais feliz do que na Bahia. Morreu em 1696, com setenta e tres annos de idade.

São estes os traços geraes de sua vida; faltam ahi as

notas principaes : o seu caracter honrado e sua alegria expansiva e saudavel. É o que indicarei, acompanhando o seu biographo, o licenciado Manoel Pereira Rebello.

Tendo o nosso poeta escripto uma satyra á Sé da Bahia, onde se liam estes versos :

A nossa Sé da Bahia,
 Com ser um mappa de festas,
 É um presepe de bestas,
 Se não fôr estrebaria :
 Varias bestas cada dia
 Vejo que o sino congrega :
 Caveira mula gallega,
 Deão burrinha bastarda,
 Pereira mula de albarda,
 Que tudo da Sé carrega —

pareceu a certo conego que não ia incluido, onde o seu nome se não mostrava, e promptamente lhe veio agradecer com palavras humildes ; mas o desabusado lhe respondeu : «Não, senhor padre, lá vae nas *bestas*...»

Estando já muito atrazado o poeta, nem por isso fez jámais caso de dinheiro, tanto que, conta o biographo, vendeu, necessitado, por tres mil cruzados uma sorte de terras, e, recebendo em um sacco aquelle dinheiro, o mandou vasar no canto da casa, d'onde se distribuia para os gastos sem regra nem vigilancia.

Mais outra anecdotá :

Pleiteava alguem o cabedal que havia dado com sua filha em dote a outro, o qual, depois de adornar a defunta esposa com palma e capella, publicava que havia falecido *intacta*. Gregorio defendia por parte do auctor e arrazoou o feito com estes versinhos :

« Gaita de folles não quiz tanger,
Olhe o diabo o que foi fazer... »

O advogado contrario exultou, accusando de ridicularia indecente este arrazoado, que afinal deu ganho de causa á questão.

Ainda mais :

Um frade foi ter com o poeta, pedindo embargos para um seu *sobrinho*, sentenciado á morte por haver furtado a naveta de sua sacristia. Mas, desenganado de que não podia ser como queria, muito instou o religioso por saber ao menos a razão da difficultade. « É (disse o poeta) que neste instante se foi d'aqui Maria de S. Bento muito agastada e fez aquella cruz na porta em como não torna mais entrar por ella.» « Eu a vou buscar (tornou o religioso), se nisto está o valer-me Vm.» E logo foi representar á *mulata* quanta necessidade tinha de leval-a a quebrar o seu juramento. Accedendo ella, Gregorio a repelliu por sua vez de casa, mas nos autos do sobrinho do religioso poz os seguintes embargos :

« A naveta, de que se trata,
Era de latão, e não de prata. »

Uma vez, um estupido juiz de Igaraçú, em Pernambuco, fez um auto criminal contra um sujeito, porque o tratou de *vós*. Gregorio de Mattos, defendendo o réo, confessou o facto, que considerava inocente e arrazoou d'esta fórmula:

« Se tratam a Deus por tu,
E chamam a el-rei por vós,
Como chamaremos nós
Ao juiz de Igaraçú ?
— Tu é vós e vós é tu... »

Gregorio, por sua vida alegre e satyrica, era em extremo descuidoso da familia, a quem, demais, desgostava com as innumerias inimizades que sobre si attrahia. A sua mulher, por isso, não o podendo mais supportar, largou-lhe a casa e recolheu á de um tio que tinha. Este, achando o passo errado, empenhou-se com o poeta para receber de novo a mulher. A isto lhe respondeu elle :

« Só se vier presa e acompanhada por um capitão do matto como negra fugida. E todos os filhos que tiver chamar-se-ão Gonçalos ; pois a minha casa é casa de Gonçalo ».

E assim cumpriu para a volta da pobre Maria dos Povos.

O poeta nunca deixou seu genio folgazão e pilherico, sua atrabilis mordaz, o prazer pela musica, em que era delicioso cantor de modinhas e tocador de viola ; nunca o abandonou tambem o gosto de viver com a plebe e entre as

classes puramente populares. Em Pernambuco ainda continuou no mesmíssimo gênero de vida da Bahia. E como o governador d'aquela capitania lhe prohibisse fazer satyras, uma vez, picadas de ciúmes, se encontraram duas mulatas junto á porta do poeta, e, renovando as paixões, se descompozeram valentemente.

Passaram da língua a vrias de facto, e atracadas caíram por terra em comica posição.

Gregorio, que vae chegando á janella e vê o espectáculo, entra a gritar : « *Aqui d'El-Rei contra o Sr. Caetano de Mello ! . . .* » Perguntaram-lhe os circunstantes que mal lhe havia feito o governador : « que maior mal que o prohibir-me fazer versos, quando se me offerecem semelhantes assumptos ? ! . . . » respondeu elle.

Na Bahia quando ja malquisto com toda a gente pela irreverencia das suas satyras, escreveu :

Querem-me aqui todos mal,
Mas eu quero mal a todos,
Elles e eu por varios modos
Nos pagamos tal por qual :
E querendo eu mal a quantos
Me tem odio tão vehemente,
O meu odio é mais valente,
Pois sou só e elles são tantos.

Muitas são as pilherias e coarctadas que relatam os seus biographos ou se conservam na tradição que o fez um Bocage do século XVII.

Estas que aqui ficam lembradas são relatadas quasi

ipsis verbis pelo seu biographo e admirador citado. Não se infira d'ahi que o nosso Guerra fosse um homem sem dignidade; ao contrario, elle tinha grande inteireza de caracter, tinha coragem contra os grandes; era um homem simples e resoluto. Odiava apenas a fatuidade de seu tempo; foi o censor de sua época.

Estudemol-o mais de perto em suas producções.

A *faculté maîtresse* em Gregorio de Mattos é a da satyra; mas tambem é elle um bom lyrista. O momento predominante em sua evolução é o da estada na Bahia depois da volta de Lisboa. O lyrismo do poeta bahiano é um lyrismo simples, espontaneo no fundo, um pouco alterado pelo *cultismo* amaneirado da época.

Notas verdadeiramente lyrics são: o *Retrato de D. Brites*, os *Trabalhos da vida humana*, a *Morte de uma senhora*, *Declarações de amor*, e outras.

Ha nos versos á *Morte de uma senhora* notas d'estas:

« Morreste, nympha bella,
Na florente idade ;
Nasceste para flôr,
Como flôr acabaste !

Viu-te a alva no berço,
A vespera no jaspe ;
Mimo foste da aurora,
E lastima da tarde.

O nacar e os alvores
Da tua mocidade,
Foram senão mantilhas,
Mortalha a teus donaires ».

Apreciam-se, lendo-se as suas satyras escriptas no Brasil, quatro factos caracteristicos : — a differenciação já crescente da *maneira brasileira* de manejar a lingua ; a tendencia de ridiculizarem-se entre si, que pronunciadamente animava as tres raças formadoras de nossa população ; nesta a consciencia já clara de ser ella alguma cousa de novo, que não deveria ser sempre a *anima vili* das explorações européas, e, finalmente, o descontentamento que lavrava já contra os governos pesados e asperos da metropole.

Seria necessario transportar para estas paginas todos os versos satyricos do poeta, se quizessemos colher as provas abundantes d'estes factos. Ha ainda outra observação a fazer : ao passo que o cultismo do seculo XVII, produzia por toda a parte uma poesia affectada e falsa, imitação bastarda da greco-romana, determinando uma literatura inteira de adulações aos reis e aos padres, Gregorio era acerrimo inimigo, tanto de governadores e juizes despotas, como de bispos e conegos aparvalhados.

Foi especialmente abundante em censurar as presumpções das tres raças no Brasil. Admirava-se da esperteza do *burguez reinol*, que vinha á colonia enriquecer por meios illicitos :

« Pôde haver maior milagre,
Ouça bem quem tem ouvidos,
Do que chegar um *Reinol*,
Por Lisboa, ou pelo Minho,

Ou degredado por crimes,
 Ou por moço ao pae fugido,
 Ou por não ter o que comer
 No logar onde é nascido :

E saltando no meu caes,
 Descalço, rôto e despido,
 Sem trazer mais cabedal
 Que piolhos e assobios, etc. »

Contra o *negrismo* e o *pardismo* altaneiros, dizia :

Não sei para que é nascer
 Neste Brasil impestado
 Um homem branco e honrado
 Sem *outra raça*.

Terra tão grosseira e crassa,
 Que a ninguem se tem respeito,
 Salvo se mostra algum geito
 De ser *mulato*, etc. »

Ha outras ainda mais expressivas, como os *Milagres do Brasil*, de que citamos estes versos :

“... ser *mulato*
 Ter sangue de carrapato,
 Seu estoraque de Congo,
 Cheirar-lhe a roupa a mondongo,
 É cifra de perfeição,
Milagres do Brasil são.»

Não é tudo; a pretendida fidalguia *indiana* era tão escarnecida como as basofias do *reinol* e do *preto*, o que evidentissimo se torna neste soneto :

« Um calção de *pindoba* a meia zorra,
 Camisa de *urucú*, mantéo de *arara*,
 Em logar de cotó, *arco e taquara*,
 Pennacho de *guardás*, em vez de gorra ;

 Furado o beiço, sem temer que morra
 O pae que lhe envarou co'uma *titára*,
 Sendo a mæe a que a pedra lhe applicara
 Por reprimir-lhe o sangue, que não corra ;

 Alarve sem razão, bruto sem fé,
 Sem mais lei que a do gosto, e quando erra
 De Fauno se tornou em *Abaeté*... »

« Não sei como acabou, nem em que guerra ;
 Só sei que d'este *Adão de Maçapé*
 Uns fidalgos procedem d'esta terra... »

Mais outro de igual merito :

« Ha coisa como vêr um *payayá*
 Mui prezado de ser *caramurú*,
 Descendente do sangue de *tatú*,
 Cujo torpe idioma é *copebá* ! ...

A linha feminina é *cariná*,
Moqueca, petitinha, carimú,
Mingau de puba, vinho de cajú,
Pisado num pilão de Pirajá ;

A masculina é um *aricobé*,
 Cuja filha Cobé c'um branco Uahy
 Dormiu no promontorio de Pacé :

O branco era um maráu que veio aqui ;
 Ella era uma india de Maré,
Copebá, Aricobé, Cobé, Uahy... »

Gregorio Guerra é o genuino iniciador de nossa poesia lyrica e de nossa intuição ethnica. O seu *brasileiro* não era o caboclo, nem o negro, nem o portuguez ; era já o filho do paiz, capaz de ridiculizar as pretenções separatistas das tres raças.

Não temos ainda infelizmente uma edição completa das poesias de Gregorio de Mattos, sem embargo de que seria, talvez, o livro mais lido d'entre os dos nossos autores antigos: os manuscripts do poeta ahi jazem na *Biblioteca Nacional* do Rio, na de Lisboa, alguns em mãos particulares na Bahia (pelo menos o que pertenceu a Ignacio Accioli) e ainda em apographos ou em miscellaneas nos archivos portuguezes. Entre nós, Valle Cabral tentou e realizou apenas em parte a edição das *Obras* do poeta, tendo publicado o primeiro volume (Rio-1882) onde tambem se imprimiu pela primeira vez a *Vida* do poeta pelo licenciado Manoel Pereira Rebello. Nos manuscripts dos archivos da Universidade de Coimbra, onde existem varias collecções de gongoricos, satyricos e poetas obscuranos da época, devem ser encontradas a par das poesias de Thomaz de Noronha (as mais decentes, não ha muito publicadas, Coimbra, 1899) muitas das producções de Gregorio de Mattos — pois varias vezes se tem atribuido a Noronha producções que são do nosso poeta, como áquelle attribuiu Filinto Elysio o conhecido epigramma a um livreiro.

Varios estudos foram feitos acerca de Gregorio de Mattos: — A sua *Vida* pelo licenciado M. P. Rebello, no seculo XVIII, já citada ; notas esparsas nas *Memorias* de fr. João de São Joseph (ed. de C. C. Branco, 1868); um retrato em verso depára-se nas *Orações Academicas* de fr. Simão A. de Santa Catharina, 1723 (talvez se refira a outro de igual nome); *Gregorio de Mattos*, estudo critico e psychologico por Araripe Junior (2^a edição, 1894), monographia original e elegantemente escrita.

Botelho
de
Oliveira

Resta vêr, neste seculo, **Manoel Botelho de Oliveira**. Nascido na Bahia em 1636, estudou direito em

Coimbra. Aqui, na volta, fez-se advogado. Publicou um livro de poesias em 1705; morreu velho em 1711. Nesse tempo os liristas brasileiros não tinham ainda aprendido o segredo de morrer aos *vinte annos*...

Em torno do nome d'esse escriptor mediocre formou-se a lenda de haver sido o primeiro a introduzir em seus versos o sentimento nacional e as scenas brasileiras. Quanto ao sentimento, parece-nos que Botelho não foi portador de sentimento algum na poesia; quanto ás scenas brasileiras, foram elas desfiguradas pelos seus trocadilhos, gongorismos e emphases.

D'elle é este soneto na morte do p. A. Vieira:

Fostes, Vieira, engenho tão subido,
Tão singular e tão avantajado,
Que nunca sereis mais de outro imitado,
Bem que sejais de todos applaudido.

Nas sacras escripturas embebido,
Qual Agostinlio fostes celebrado;
Elle de Africa assombro venerado,
Vós de Europa portento esclarecido.

Morrestes; porém não; que ao mundo atroa
Vossa penna qué applausos multiplica,
Com que de eterna vida vos corôa.

E quando immortalmente se publica,
Em cada rasgo seu a fama vôa,
Em cada escripto seu uma alma fica.

Leia-se este gongorico fragmento da *Ilha da Maré*:

« Tenho explicado as fructas e os legumes,
 Que dão a Portugal muitos ciumes ;
 Tenho recopilado
 O que o Brasil contém para invejar.
 E para preferir a toda a terra,
 Em si perfeitos quatro *AA* encerra.
 Tem o primeiro *A* nos arvoredos,
 Sempre verdes aos olhos, sempre ledos ;
 Tem o segundo *A* nos ares puros,
 Na temperie agradaveis e seguros ;
 Tem o terceiro *A* nas aguas frias
 Que refrescam o peito, e são sadias ;
 O quarto *A* no assucar deleitoso,
 Que é do mundo o regalo mais mimoso,
 São, pois, os quatro *AA* por singulares
Arvoredos, assucar, aguas, ares... »

Ser brasileiro não é descrever o *Pão de Assucar*, a *Tijuca*, a *Ilha da Maré*, ou a cachoeira de *Paulo Affonso*.

Quanto a Botelho, seu nacionalismo não era subjetivo, era exterior; a pena queria pintar o Brasil; mas a alma era do cultismo hespanhol ou portuguez.

O livro de Manoel Botelho de Oliveira foi publicado com o titulo: *Musica do Parnaso dividida em quatro còros de rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas, com seu descante comico reduzido em duas comedias*, Lisboa, 1705.

Não será de todo inutil apontar aqui que o P.e Antônio Vieira tambem escreveu alguns versos. Recolhidos hoje nas suas *Obras ineditas* (tomo III, ed. de 1856), foram no seu tempo discretamente guardados da luz publica pelo

grande orador sagrado, que de certo tinha consciencia do pouco que valia neste genero. Aquella collectanea deve-se ainda ajuntar a producção joco-seria incluida nas *Memorias do Bispo do Pará* (pags. 79-82) e que parece ser a melhor composição poetica de Vieira.

SECULO XVIII

SECULO XVIII

(PRIMEIRA PHASE)

1700 - 1750

Chronistas e poetas

O seculo XVIII começa no Brasil colonial com as primeiras manifestações de autonomia politica, já de qualquer maneira reveladas na guerra dos hollandezes. Agora, avoluma-se o sentimento nativista com as luctas civis contra os *Mascates* e os *Emboabas*, isto é, contra os forasteiros, em geral portuguezes e até brasileiros do norte em relação aos do sul.

O movimento intellectual se patenteia pela creaçao de academias e sociedades literarias á imitação das que existiam na metropole.

A academia dos *Esquecidos* da Bahia (1724), a dos *Feizes* do Rio, e mais tarde a dos *Selectos* (Rio), a dos *Renascidos* (Bahia) e a *Arcadia Ultramarina* (Rio) são denunciadoras de certa vivacidade intellectual e tambem de que era já possivel a emulação com a metro pole.

Os principaes poetas da primeira phase, quasi todos pertencentes á referida academia dos *Esquecidos*, foram : *João Brito de*

*Lima, Gonçalo de Franca, João de Mello, Caneiro de Noronha, Manoel
José Cherém, J. Pires de Carvalho, José de Oliveira Serpa, Fr. Henrique de Souza e Manoel R. Corrêa de Lacerda.* A estes se devem juntar *João Mendes da Silva*, pae de *Antonio José*, e *Fr. Francisco Xavier de Santa Thereza*.

Os escriptos d'esta gente quasi todos se perderam, e os que de alguns chegaram até nós, são insignificantes, ou de merito muito apoucado.

Nada existe a estudar nos versos latinos de Prudencio do Amaral e de Francisco de Almeida. Uma idéa, todavia, deve ser notada : nestes, como em alguns dos outros poetas lembrados, ha a continuaçao do pensamento iniciado entre nós desde o seculo XVI — certa tendencia para tratar de assumptos nacionaes, ainda que sem o espirito definido de independencia.

Entre tão grande numero de academicos, quasi todos escreveram em latim os seus versos, com excepção de

João de Brito, n. 1671 é falecido depois dos setenta annos. Escreveu um poema elegiaco e versos avulsos, todos de occasião, e que naturalmente eram lidos nos *oitieiros* que então havia; como começoou já velho (aos cincuenta annos) o officio de poeta, são os seus versos repassados de certa philosophia melancolica:

Louco é quem da vaidade faz apreço
Sendo a honra do mundo um doce engano;
Adular a fortuna, indigno excesso,
Traz do caduco tempo o desengano:
Que é discreto e catholico concessso
Quem pondera no fragil ser humano
Que qual sombra no ar desvanecida
Passa a gloria, a fortuna, a honra, a vida.

A segunda estancia conclue: . . .

Finalmente é da vida o ser humano,
Exhalacão, lisonja, sombra e engano.

Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica é o melhor poeta do tempo, depois de Antonio José; nascido em Itaparica 1704, é auctor do poema *Eustachidos* e da *Descripção da Ilha de Itaparica*, sua terra.

Sta.
Maria

O nacionalismo prosegue tendo os dous elementos captaes : um pouco dos indios e um pouco da natureza. Em Fr. Itaparica predomina o segundo :

« No ananaz se vê como formada
 Uma corôa de espinhos graciosa,
 A superficie tendo matizada
 Da côr que Citherea deu á rosa ;
 E sustentando a corôa levantada
 Junto com a vestidura decorosa,
 Está mostrando tanta gravidade,
 Que as fructas lhe tributam majestade.

« Os aracás diversos e silvestres,
 Uns são pequenos, outros são maiores ;
 Otyts, cajás, pitangas, por agrestes
 Estimadas não são dos moradores.
 Aos maracujás chamar quero celestes,
 Porque contêm no gesto taes primores,
 Que, se os antigos na Asia os encontraram,
 Que era o nectar de Jove imaginaram. »

Nota-se certa dóse de classicismo aliada a umas tintas de lirismo americano.

Em Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica, cujo *Eustachidos* é considerado o melhor poema sagrado da lingua, já os assumptos da natureza brasileira ganham a preponderancia sobre as recordações classicas e europeas

O *Eustachidos* foi inspirado por outro poema latino de L'Abbé, de 1672; mas é, contudo, original. Appareceu anonymo trazendo appensa a *Descripção da Ilha de Itaparica*. Não são raras as bellezas de fórmā e de substancia nas duas producções; e este poeta merece ser mais lembrado do que o é vulgarmente.

Na sua descripção do *Inferno*, lembra pelas sombrias cōres o Dante; os reprobos de todos os tempos alli estão, Judas, Herodes, os falsos prophetas.

O archisectario arabigo, agareno...

Calvino, Luther, Nero e Augusto (!) todos os heroes da violencia e do crime. O caracter de Satan, o espirito que nega, é desenhado nesta estancia:

Aquillo mesmo crê de que duvida,
Tem fastio do mesmo que appetece.
O que não quer para isso se convida
E affecta aquillo tudo que aborrece:
Quando quer repousar, então mais lida;
Quando abrandar-se, muito se enfurece;
Ancias são gosto; penas, desafogo;
Por fogo a neve tem; por neve, o fogo.

No episodio da guerra e tomada de Jerusalem, arrasada pelos soldados imperiaes, quando

Das romanas trombetas os clangores
Pelo contorno grande retumbavam...

notam-se grandes qualidades descriptivas:

As mães os filhos tenros carregando,
E outros trazendo pela mão, fugiam:
E os dourados cabellos desgrenhando
Chorosas as donzelas as seguiam...

O judeu Antonio José da Silva. Nascido no Brasil, retirou-se menino

para Portugal e lá o fizeram morrer nas fogueiras da Inquisição.

« Entre as victimas da Inquisição, uma das mais desgraçadas foi o pobre poeta Antonio José da Silva.

« Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 8 de Maio de 1705. Foram seus paes João Mendes da Silva, advogado, e D. Lourença Coutinho, christã nova. De pequena idade emigrou com a familia para Portugal, onde se preparou para a universidade. Estava matriculado no curso de direito canonico em Coimbra, e passava as férias em Lisboa, quando a 7 de Agosto de 1726 lavraram contra elle mandado de prisão os Inquisidores apostolicos contra a heretica pravidade e apostasia. Logo no dia seguinte foi entregue preso pelo Conde de Villamayor; por ser menor de vinte e cinco annos, nomearam-lhe curador.

« A primeira sessão do tribunal, chamada de *genealogia*, realizou-se no mesmo dia. Antonio José declarou que fôra educado na religião christã, e crente perseverou até os dezeseis a dezesete annos. Nesta idade, querendo seduzir uma criada de sua tia, esta mostrárá-lhe as vantagens da lei judaica, benevolia para as exuberâncias da puberdade, e deixárá-se convencer, praticando diversos ritos; douz mezes antes, porém, em Junho, « pelo que ouviu a um pregador em S. Domingos, que pregara de Nossa Senhora, allumiado pelo Espírito Santo e incitado do remorso de sua consciencia, se resolveu a deixar a lei e tornar a abraçar a de Christo. »

« A segunda sessão, chamada de *genese* pelo regimento do Santo Officio, começou a 13 e proseguiu a 16; mandado pôr de joelhos e depois de se persignar e benzer, disse a doutrina christã, a saber, o Padre Nosso, a Ave-Maria, Salve Rainha, Credo, os Mandamentos da Lei de Deus e os da Santa Madre Igreja, que tudo soube sufficientemente, excepto a Salve Rainha e Credo, em que errou alguns pontos.

«A 23 foi a terceira sessão, *in specie*. Nella, manda o régime que serão perguntados em particular pelos ditos das testemunhas que contra elles houver, na mesma fórmula em que depozeram; e havendo nelles alguma circunstancia particular pela qual se possa vir em conhecimento da testemunha neste caso se calará».

«O libello foi apresentado a 23 de Agosto. Novas confissões fez o réo a 3, 4, 7, 9, 12; a 23 foi sujeito a tormento no potro.» Capistrano de Abreu.

As comedias, operas ou antes farças de Antonio José foram publicadas conjuntamente com outras no *Theatro Comico*, colleção de quatro volumes, dos quais os dous primeiros contêm as produções authenticas do judeu e são elles: *Vida de Dom Quixote*, *Esopaida ou Vida de Esopo*, *Precipios de Phaetonte*, *Amphitryão ou Jupiter e Alcmena*, *Encantos de Medéa*, *Labyrintho de Creta*, *Variedades de Proteo*; *Guerras do Alecrim e Mangerona*. A publicação teve varias e diversas edições avulsas ou com titulo de *operas*, entre 1736 e 1792; na colleção que é anonyma, um acrostico revela no prefacio o nome do auctor. Algumas d'estas operas foram traduzidas para linguas estrangeiras. O romance *O Judeu*, de Camillo C. Branco, é uma das boas fontes para o estudo da vida privada de Antonio José. Outros documentos se encontram nas obras do Cavalleiro de Oliveira, nas edições recentes do *Quixote* e das *Guerras do Alecrim* por Mendes dos Remedios. Wolf.—*Antonio José*. Wien, 1860. Carol. Michaëlis — *Literaturgesch.* 359.

Não foi propriamente a faculdade de dizer pilherias, de que estão cheias as suas comedias, que relacionou com o povo a individualidade de Antonio José. Foi essa faculdade adjunta a outra mais nobre, o lirismo naturalista, popular. Se o theatro era nullo, onde não teria tomado o seu talento essa direcção um pouco forçada, haveria sido um dos nossos maiores liricos do seculo XVIII e um dos mais nacionaes dos nossos poetas.

Leia-se a sua glosa ao celebre soneto de Camões:

«Que importa que separe a fera morte
 Os extremos que amor ligou na vida,
 Se quanto mais violenta intíma o corte
 Vive a alma no affecto mais unida;
 E posto te imagine, oh triste sorte !
 Nos horrores de um tumulo escondida,
 Nunca do peito meu te dividiste,
Alma minha gentil, que te partiste...

«Se no regio pensil flôr animada
 Purpuras arrastava a galhardia,
 Por isso na belleza inesperada
 A duração ephemera existia :
 Se está na formosura vinculada,
 Esta da morte occulta sympathia,
 Que muito te ausentasses levemente
Tão cedo d'esta vida descontente ?

«Como flôr acabou quem rosa era,
 Porém nessa fragrancia transitoria
 Não quiz ser flôr na humana primavera,
 Por viver seraphim na excelsa gloria :
 Já que o desejo meu te considera,
 Gosando nesse empyreо alta victoria,
 Apezar da saudosa dôr vehemente
Repousa lí no céo eternamente...

« Nessa patria de raios luminosa,
 D'onde immortal se adora à luz immensa :
 Alegre viverás, alma ditosa,
 Sem limite jámai na gloria extensa,

Que eu infeliz em ancia luctuosa
 Farei no meu gemido a dôr intensa;
 Eterno goza tu o bem que viste,
E rira eu cí na terra sempre triste. » etc.

Mais se vae altêando o estro do poeta nas estrophes subsequentes.

Como auctor dramatico, a sua nota predominante é, a nosso ver, o ridiculo atirado a uma sociedade gasta e corrupta, com seus amores faceis, seu aferro ás riquezas mal adquiridas, seus vicios elegantes, sua seriedade carnavalesca. Ainda ahí elle foi a expressão do povo contra a aristocracia inchada e fôfa; foi o rir da plebe com toda a sua grosseria, mas tambem com toda a sua sinceridade.

Uma amostra aqui incluimos, para leitura do genero, maneira e gráça, não raro chalaça grossa e pesada, que são os caracteristicos das *Operas* do Judeu. É uma scena do *Labirinto de Creta*:

SCENA I

TESEO. -- Valha-me o Céo! (*Cae.*)

ESFUZIOTE. — Valha-me a terra! (*Cae.*)

TESEO. — Haverá, como eu, homem mais infeliz?

ESFUZ. — Haverá infeliz mais homem, do que eu?

TESEO. — Pois parece, que conjurados os Deoses, os fados, e os elementos contra mim, nem nos Deoses acho piedade, nem nos fados fortuna, nem nos elementos abrigo.

ESFUZ. — Pois a pezar dos ventos, das ondas, e Tubarões me vejo são, e salvo, nesta praia.

TESEO. — Mas ai! infelizes companheiros meus, se naufragantes nesse golfo tivestes urna crystallina, mais liquido monumento nas minhas lagrimas erijo a vossas memorias, para que leia a posteridade nos Cenotafios de meus suspiros a vossa lembrança, e o meu agradecimento.

ESFUZ. — Ora bom é contar da tormenta, que melhor é estar pingando nesta ribeira feito chafariz da praia, do que ser fonte da pipa em vasa-barris.

TESEO. — A esta deserta praia me conduziram as minhas infelicidades, adonde até para o allivio me falta a communicação dos viventes. Mas que vejo? Tu não és Esfuzioite?

ESFUZ. — E vós, senhor, não sois Teseo?

TESEO. — Tal estou, que não sei quem sou; mas dize-me, como indo a pique o nosso navio te pudeste salvar?

ESFUZ. — Porque sempre fiz boas obras.

TESEO. — Já te julgava morto entre as ondas.

ESFUZ. — Senhor, a minha fortuna esteve em achar uma ancorá a que me agarrei, e sobre ella vim boiando, até dar comigo nesta praia, onde tenho a fortuna de te ver, pois tambem entendi que estarias a estas horas coberto de limos, e caramujos.

TESEO. — Para que, soberanas Deidades, defendestes a vida de um infeliz? Para que propicias me livrastes d'esse salobre marinheiro monstro das aguas, se quando me redemis da morte, é só para perder a vida

ESFUZ. — Eis aqui o que eu não aturo: de sorte, senhor, que quando te vias na tempestade, tudo eram votos, lagrimas, e promessas, e agora, ingrato contra o Céo, depois que te vês em terra firme, accusas a piedade dos Deoses, que te livraram? Ora, senhor Teseo, ponhamo-nos de joelhos, e com a boca na aréa escrevamos com a língua louvores a Baccho, que nos livrou de bebermos agua salgada.

TESEO. — Deixa-me, Esfuziote, precipitar-me outra vez nessas ondas, para que com este arrojo emende o erro dos fados.

ESFUZ. — Isso é falar.

TESEO. — Pois tu ignoras o meu valor? Não sabes, que sou Teseo?

ESFUZ. — Eu bem sei, que é o valeroso Teseo, Principe de Athenas, cujas façanhudas obras fizeram com que à Fama deixasse o clarim, para ficar com a boca aberta: *item*, sei, que é aquelle Teseo, companheiro de Hercules, que tem morto mais gente, do que eu piolhos; porém, *salva pace*, ainda me não consta, que *algum dia* fizesses a heroica acção de te lançaresses ao mar, e morrer afogado.

TESEO. — Pois para que o vejas, e contes ao mundo, que Teseo, como valente, e estoico, antes que ignominiosamente perca a vida, procura sepultar-se neste monumento de cristal. (*Faz que se lança ao mar*).

ESFUZ. — Tenha mão, senhor; veja que aquillo não é cristal, são águas vivas, que matam a gente; ora persuado-me que na tormenta fizeste algum voto de morrer afogado.

TESEO. — Deixa-me, Esfuziote, ser piedoso esta vez commigo.

ESFUZ. — É boa obra pia querer matar-se a si mesmo!

TESEO. — Para que quero eu viver?

ESFUZ. — Para viver; e é tão pouco? Pois em quanto o pão vai, e vem, folgam as costas.

TESEO. — Ai misero de mim!

(*Dentro*). DEDALO. — Ai, infeliz!

TESEO. — Não ouviste, Esfuziote, uma funesta voz?

ESFUZ. — Eu bem a não quizera ter ouvido, nem ouvidos nesta hora: ai, senhor, que será isto?

(*Dentro*). — Ao bosque, a selva.

(*Dentro*). ARIADNE. — Aonde te esconderás, cerdoso bruto, do acelerado furor das minhas settas?

TESEO. — Venatorias vozes são as que agora ouvi!

ESFUZ. — Aqui valerá mais a caça gressa do que a fina.

TESEO. — Em que paiz estaremos?

ESFUZ. — Pois sempre cuidei, que estavamos em alguma deserta praia, em que sómente reina o birbigão com a ajuda das ameijoadas.

(*Canta-se dentro o seguinte côro*)

Chegai, moradores de Creta, chegai,
Offereci, dedicai
A victima pura de uma alma rendida
Ao templo divino de Venus, e Amor.

TESEO. — Espera, não ouves ao longe sonoras vozes de festivos hymnos?

ESFUZ. — Já que suppões, que ~~eu~~ sou surdo, quero tambem imaginar, que és cego: não vês descer por aquele monte uma formosa tropa de balhadeiras?

TESEO. — Que variedade de affectos ao mesmo tempo admirou n'esta,
que julguei barbara e tosca montanha!
Que te parece isto?

ESFUZ. — Se o nosso navio aportasse em Creta, para donde levava
direito o rumo, dissera, senhor, que estavamos em o La-
birinto de Creta.

TESEO. — Oh não me fales em Creta, que não foi pequena fortuna
o não estarmos nella; mas affirmo-te, que não posso pe-
netrar o motivo de tão differentes, e discordes vozes; pois
quando da cavernosa boca d'aquelle rochedo ouvi o fi-
nestro eco, que dizia...

(Dentro). DEDALO. — Ai misero de mim, ai infeliz!

TESEO. — E ao mesmo tempó escutar o vago estrepito de venato-
rias vozes, proferindo confusas...

(Dentro). — Ao monte, a selva, tó, tó!

TESEO. — E isto acompanhado de sonora melodia de accordes
accents articulando alegres.

(Canta o Côro)

Chegai, moradores de Creta, chegai
Ao templo divino de Venus, e Amor.

ESFUZ. — Senhor, façamos aqui ponto de admiração, que as Ninfas
já se vêm apropinquando.

TESEO. — Pois occultemo-nos n'esta gruta, só por ver isto no que
pára.

ESFUZ. — Vá feito; mas a meu ver, isto não pára aqui.

(Escondem-se na boca da gruta.)

Caracteristicos das comedias de Antonio José são os modismos populares, o linguajar plebeu e as expressões frequentemente grosseiras do tempo, os ditados e anexins; estes ultimos e as mais fórmas da *Paremia* foram cuidadosamente recolhidos por Sonsa Viterbo (na *Revista Lusitana*).

Sebastião da Rocha Pitta, nascido em 1660, na Baliaia, ^{Rocha} _{Pitta} e formado em direito canonico pela universidade de Coimbra, foi um rico proprietario dado ás letras. Escreveu novellas mediancas e máos versos. Era socio da academia dos *Esquecidos*. Mais tarde resolveu-se a escrever a historia do Brasil, e para isso não se poupon a sacrificios. Transportou-se a Lisboa por estudar os archivos. Em 1730 publicou alli sua obra. É a celebrada *Historia da America Portugueza desde o seu descobrimento até o anno de 1724.*

De volta ao seu engenho, Pitta morreu em 1738.

O livro de Rocha Pitta é quasi uma novella historica, recheada de descripções, fabulas e divagações, não uma historia no rigoroso sentido.

A nota predominante no auctor da *Historia da America Portugueza* é o patriotismo; elle amava este paiz; o seu livro é uma especie de hymno patriotico.

De sua obra disse Varnhagen «que se recommanda pela riqueza das descripções e elevação do estylo, que

ás vezes são taes, que mais parecem de um poema em prosa...»

Esse *elevado* estylo é, melhor julgado, a enfadonha maneira dos ultimos gongoricos. Eis um exemplo :

«Em nenhuma outra região se mostra o céo mais sereno, nem madruga mais bella a aurora; o sol em nenhum outro hemispherio tem os raios mais dourados, nem os reflexos nocturnos mais brilhantes; as estrellas são as mais benignas e se mostram sempre alegres; os horizontes, ou nasça o sol, ou se sepulte, estão sempre claros; as aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aqueductos, são as mais puras; é emfim o Brasil terreal Paraíso descoberto, onde têm nascimento, e curso os maiores rios; domina salutifero clima; influem benignos astros, e respiram auras suavissimas, que o fazem fertil, e povoado de innumeraveis habitadores, posto que por ficar debaixo da torrida zona o desacreditassem e dessem por inhabitavel Aristoteles, Cicer e Plinio, e com estes gentios, os padres da igreja Santo Agostinho e Béda, que a terem experienca d'este feliz orbe, seria famoso assumpto das suas elevadas pennas, onde a minha receia voar, posto que o amor da patria me dê as azas, e a sua grandeza me dilate a esphera.»

A *Historia da America portugueza*, 1730, teve uma segunda edição de Lisboa, annotada por J. J. Góes, com mappas e gravuras, 1880; antes d'esta, porém, houve uma edição brasileira, feita na Bahia em 1878.

Dous brasileiros notaveis e irmãos ainda restam reclamando especial menção :

O mais velho — Bartholomeu de Gusmão — nasceu em Santos em 1685. Indo para a Europa, foi alli o inventor dos balões aerostaticos antes dos Montgolfiers. Seu invento não se vulgarizou, e os basbaques do tempo o ridiculizaram, appellidando-o de *Padre voador*, etc... Tacharam-o de louco ou de ter pacto com o *diabo*.

A poetagem do tempo caiu-lhe em cima, distinguindo-se entre todos o mediocre Pinto Brandão, de que ninguem hoje mais se lembraria, se o proprio Gusmão lhe não conferisse até certo ponto a immortalidade. Em 1709 praticou o padre Bartholomeu Lourenço—o seu invento, fazendo experiencias em Lisboa diante da corte.

O illustre paulistano morreu ingloriamente em Toledo, em 1724. *Da vida e feitos de Alexandre e de Bartholomeu de Gusmão*, pelo Visconde de S. Leopoldo, Rio de Janeiro, 1841; e a *Memoria que tem por objecto reivindicar para a nação brasileira a invenção do Aerostato*, por Francisco Freire de Carvalho, na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*.

São documentos de critica e bibliographia :

A invenção dos aerostatos reivindicada, com duas gravuras, por Augusto Felipe Simões, Evora, 1868; uma interessante nota de Castilho (A. F.) nos *Fastos*, t. I; e uma nota de Innoeencio, e documento inedito na tradução portugueza das *Maravilhas do genio do homem*, de Amedée du Bast.

Além da satyra de Thomaz Pinto Brandão, sofreu o *Voador* os apodos de um poema heroi-comico do tempo, o *Foguetario*, de Pedro Azevedo Tojal, que o julga bahiano:

«Meu nativo paiz é a Bahia,
Patria por seus engenhos celebrada,
Pae de Manduz e mãe da Xularia,
Onde sem lei se vive á perna alcada;
De lá passei ao reino porque via
Que *nemo est propheta in patria amada*,
E chegando a Lisboa (oh bella gente !)
Por propheta fui tido in continente.»

O poema de Tojal foi recentemente reimpresso por Mendes dos Remedios.

Alexandre de Gusmão, nascido em Santos, em 1695, fez-se notável como diplomata.

Foi no faustoso reinado de D. João V, o rei beato, que os illustres brasileiros Pitta, António José, Bartholomeu e Alexandre de Gusmão se desenvolveram. Pitta especialmente, de 1720 a 1738; Bartholomeu, de 1710 a 1724; António José, de 1726 a 1739; Alexandre, de 1730 a 1750. Foram, pois, contemporâneos em Lisboa estes notáveis espíritos, e alguns d'elles, senão todos, conheceram-se entre si.

No mundo do pensamento ou da política, os brasileiros figuravam; Alexandre foi secretário de Estado.

Nesta qualidade opinou que o quinto do ouro fosse substituído por uma capitação fixa sobre o número de escravos empregados nas lavras, para evitarem-se as fraudes; trabalhou na confecção do tratado-de limites com a Espanha em 1750; fez esforços para a colonização de Santa Catharina e do Rio Grande. É o autor de muitos opúsculos e memórias de assunto político e económico. Escreveu também algumas poesias. Morreu em 1753, em Lisboa.

Com os Gusmões define-se a necessidade que tem já a metrópole de utilizar-se dos serviços dos naturais do Brasil, dos *especialistas*. Já em 1730 faz Rocha Pitta

na sua *America portugueza* uma lista de numerosos brasileiros aproveitados nos altos cargos civis e religiosos, cá ou na metropole, India e Africa.

Cada brasileiro que se torna illustre, é um laço mais que se rompe entre nós e o velho reino ; era a força autonomia da colonia que se tonificava.

Alexandre de Gusmão é principalmente notável pela sua actividade politica e practica. Poucas horas consagrhou á literatura, e o que melhor produziu foram *Cartas, Pareceres*, sór algumas composições de menor folego, em grande parte colligidas na *Collecção de varios escriptos políticos e literarios de A. de G — Porto, 1841*. O romance *Aventura de Diafanes*, imitação incolor do *Telemaco* de Fénelon, reimpresso e attribuído a Gusmão, sabe-se que não é d'elle.

SECULO XVIII

(SEGUNDA PHASE)

1750-1800

I

ESCOLA MINEIRA NA POESIA

Chronistas e historiadores

A segunda metade do seculo XVIII representa o movimento decisivo da historia literaria, como é o da emancipação do pensamento politico que tenta o primeiro esforço da separação entre a colonia, já prosperala e forte, e a metropole.

O *nacionalismo* que começa vago e objectivamente em Anchietta e progressivamente no seculo XVII e na primeira phase do seculo XVIII, agora é já um sentimento subjectivo, forte e incoercivel.

Nos meados e fins do seculo XVIII fundaram-se nesta cidade, ad instar da Bahia, algumas sociedades literarias. A mais antiga foi a *Academia dos Felizes* (1736); depois apareceu a dos *Selectos* (1752), mais tarde a *Sociedade Literária* (1786). Na Bahia houve a *Academia dos Esquecidos* e depois a dos *Renascidos*, como já se viu.

De todas as sociedades literarias da colonia — a mais celebre hoje é a *Arcadia Ultramarina*, cuja data de criação é desconhecida. Alguns a collocam no anno de 1780; outros, em 1783. O certo é que em 1768 já Claudio se dizia *Arcade Ultramarino*. D'ella faziam parte, ao que se presume: *José Marianno da Conceição*.

Velloso, Manoel de Arruda Camara, Domingos Celdas Barbosa, Antônio Cordovil, Balthazar da Silva Lisboa, José Ferreira Cardoso, João Pereira da Silva, Ignacio de Andrade Souto Maior, Domingos Vidal Barbosa, Basilio da Gama, Alfarenga Peivoto, Marianno José Pereira da Fonseca, Santa Rita Durão, Gonzaga, Silva Alfarenga, Claudio Manoel da Costa e outros.

Os melhores poetas do tempo constituem a celebre *escola mineira*, mais opulenta e significativa que a escola bahiana do seculo XVII. São elles os mais altos representantes do lyrismo e da epopéa no Brasil nos tempos coloniaes.

Basilio, Durão, Claudio e Francisco Cardoso são poetas épicos d'este periodo. Os dois ultimos, um com o *Villa Rica* e outro com o poema sobre Tripoli (em latim) são somenos como épicos.

Cardoso foi excellente latinista, e Claudio é notavel apenas como lyrico.

José Basilio da Gama nasceu em S. José do Rio das Mortes, em Minas, em 1740. Estudou humanidades no Rio de Janeiro, no collegio dos jesuitas, em cuja ordem foi noviço. Expulsos os padres da companhia, Basilio continuou seus estudos no Seminario de S. José. Passou-se depois a Portugal e d'ahi a Roma, onde foi professor num Seminario, e em cuja Arcadia foi admittido com o nome de *Termindo Sipilio*. De volta ao Rio de Janeiro, denunciado como jesuita, foi preso e remettido para Lisboa, d'onde teria de sair degredado para Angola. Escreveu, então, uns versos encomiasticos a nma filha do Marquez de Pombal, cuja protecção implorava. Foi perdoado e mais tarde elevado a nobre ; depois, nomeado official de

secretaria. Foi eleito socio da Academia de Lisboa ; gozou largamente da protecção de Pombal; com a queda d'este, porém, soffren perseguições da parte dos jesuitas. Querem alguns que tenha vindo pelos annos de 1780, ponco mais ou menos, ao Rio de Janeiro, onde fundara a Arcadia Ultramarina. É isto de todo incerto ; esta sociedade já d'antes existia, se é que jámais com tal nome existiu, e nada ha de positivo sobre a terceira estada de Basilio no Rio de Janeiro. O certo é que o poeta faleceu em Lisboa aos 31 de Julho de 1785.

Basilio escreveu o *Quitubia*, a *Declamação Tragica*, o *Uruguay* e algumas peças lyricas.

Como lyrico é inferior a Gonzaga e a Claudio. A sua obra capital é o poemeto o *Uruguay*, publicado em 1769.

Pela comprehensão historica e pelo assumpto, o *Uruguay* é inferior ao *Caramurú*; excede-o, porém, pelo estylo, pelo brilho da fórmia.

O *Uruguay* exprime a oposição ao jesuita, a condenação de seus methodos, de sua politica, de sua educação. Refere-se a esse celebre incidente historico de nossos limites no sul com as antigas possessões hespanholas.

O enredo é magro; uma certa vivacidade de fórmia imprime-lhe o cunho de obra duravel. É o estro lyrico dos brasileiros applicado ao poema.

Basilio era um *trigueiro* filho de Minas ; tinha em meio do classismo podre da Europa occidental o sen-

timento americano. Os seus indios são vencidos pelos portuguezes como uma especie de preito á verdade historica; mas occupam a melhor parte do poema e são descriptos com particular attenção. Ha um momento em que o velho genio indigena borbulha de colera e exprime o seu odio aos europeus. É quando diz Cacambo :

«Gentes de Europa, nunca vos trouxera
O mar e o vento a nós ! Ah ! não debalde
Estendeu entre nós a natureza
Todo esse plano espaço immenso d'aguas !...»

O fim ostensivo do poema era atacar os jesuitas; o seu resultado inconsciente, descoberto agora pela critica, foi dar plena entrada ao indigena na poesia, fazel-o lutar ahi face a face com o europeu, mostral-o em seus costumes, suas tradições, seu genio ; apresental-o como gente espoliada pela *perfidia da Europa*. A expressão é de Basilio. (1)

As bellezas do poema são innumeras.

Nada como aquelle celebre verso, que exprime a mocidade e a belleza de Lindoya, realçadas pela pallidez da morte :

«Tanto era bella no seu rosto a morte !»

O episodio da morte de Lindoya é um dos mais bellos trechos da poesia brasileira :

Entram enfim na mais remota e interna
parte do antigo bosque, escuro e negro,

(1) *Uruguay*, pag. 25 ; edição do Rio de Janeiro, de 1855.

onde ao pé de uma lapa cavernosa
cobre uma rouca fonte, que murmura,
curva latada de jasmins e rosas.
Este logar delicioso e triste,
cançada de viver, tinha escolhido
para morrer a misera Lindoya.

Lá reclinada, como que dormia
na branda relva, e nas mimosas flores,
tinha a face na mão, e a mão no tronco
de um funebre cipreste, que espalhava
melancholica sombra. Mais de perto
descobrem que se enrola no seu corpo
verde serpente, e lhe passeia, e cinge
pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim sobresaltados
e param cheios de temor ao longe,
e nem se atrevem a chamal-a, e temem
que desperte assustada, e irrite o monstro,
e fuja, e apresse no fugir a morte.

Porém o destro Caitutú, que treme
do perigo da irmã, sem mais demora
dobrou as pontas do arco, e quiz tres vezes
soltar o tiro, e vacillou tres vezes
entre a ira, e o temor. Emfim sacode
o arco e faz voar a aguda setta,
que toca o peito, de Lindoya, e fere
a serpente na testa, e a bocca, e os dentes
deixou cravados no vizinho tronco.

Acouta o campo co'a ligeira cauda
o irado monstro, e em tortuosos gyros
se enrosca no cipreste, e vérte envolto
em negro sangue o livido veneno.

Leva nos braços a infeliz Lindoya
o desgraçado irmão, que ao despertal-a
conhece, com que dôr! no frio rosto
os signaes do veneno, e vê ferido
pelo dente subtil o brando peito.

Os olhos, em que amor reinava um dia,
cheios de morte; e muda aquella lingua,
que ao surdo vento, e aos écos tantas vezes
contou a larga historia de seus males.

Nos olhos Caitutú não soffre o pranto,
e rompe em profundissimos suspiros,
lendo na testa da fronteira gruta

de sua mão já tremula gravado
o alheio crime e a voluntaria morte.
É por todas as partes repetido
o suspirado nome de Cacambo.
Inda conserva o pallido semblante
um não sei que de magoado e triste,
que os corações mais duros enternece.
Tanto era bella no seu rosto a morte !

Sta. Rita
Durão

José de Santa Rita Durão era mais velho e falleceu
antes de Basilio. Seu poema, porém, appareceu mais
tarde do que o *Uraguay*.

O *Caramurú* appareceu em 1781. É o poema mais
brasileiro que possuimos.

Ao lado do portuguez aparecem nelle o indio e o
negro (Henrique Dias).

O valor do *Caramurú*, como producto nacional, está
em ser uma especie de resumo da vida histerica do Brasil
nos tres seculos em que foi colonia; está em fazer
assistir á fundação da nossa mais antiga cidade, a velha
capital, e acompanhar o crescimento da nação até quasi
os nossos dias, tudo como um phenomeno natural, como
um producto do sólo e das tres raças. Por este lado, o
quadro, por exemplo, de nossas antigas províncias é ex-
cellente, como é a descripção de nossas riquezas natu-
raes, como é a narração da lucta contra os hollandezes.
Contém, além d'isto, bellos especimens de poesia. O
episodio de *Moema* é d'este genero.

O auctor tem altas e boas idéas. Elle canta *Portugal*
renascido no Brasil, mas canta tambem *o povo do Brasil*
convulso.

Não é outra hoje a idéa capital da critica : o Brasil é uma prolação de Portugal ; mas uma tal a que se ligaram outros elementos, e áquelleas que desdenham d'esses elementos, responde o poeta com estes versos, que são profundos :

«Nós que zombamos d'este povo insano,
Se bem cavarmos no solar nativo,
Dos antigos heróes dentro ás imagens,
Não acharemos mais que outros *selvagens.*»

Isto é exactissimo ; a sciencia moderna o confirma. Tinha tambem uma certa intuição da poesia popular :

«A antiga tradição nunca interrupta
Em *cantigas* que o povo répetia,
Desde a idade infantil todos comprehendem
E que dos paes e mães cantando o aprendem.»

José de Santa Rita Durão nasceu em Catta-Preta, antigo arraial pertencente à diocese de Marianna, em Minas Geraes, no anno de 1737. Fez os primeiros estudos no collegio jesuitico do Rio de Janeiro e passou-se a Coimbra, onde se formou em theologia em 1756. Por esse tempo entrou para a ordem dos Agostinhos. Mais tarde teve de abandonar Portugal, suppõe-se que por haver caido no desagrado do bispo D. João da Cunha, de seu irmão Fr. Carlos da Cunha e de outros sectários das idéas de Pombal contra os jesuitas. O poeta foi preso em Hespanha, como espião. Feita a paz entre Hes-

panha e Portugal, seguiu, em 1763, para Roma, onde viveu doze annos. Voltando ao reino, tirou uma cadeira de theologia na Universidade de Coimbra, onde recitou em 1778 a oração de sapiencia.

Já para o fim da vida é que compoz o *Caramurú*, dictado ás pressas a seu criado Bernardo e a seu confrade José Agostinho de Macedo, e apparecido, como dissemos, em 1781. O poeta falleceu aos 24 de janeiro de 1784 em Lisboa.

Um dos mais bellos episodios do *Caramurú* é o da morte de Moema.

É fama então que a multidão formosa
das damas, que Diogo pretendiam,
vendo avançar-se a nau na via undosa,
e que a esperança de o alcançar perdiam
entre as ondas com ancia furiosa
nadando, o esposo pelo mar seguiam,
e nem tanta agua que fluctua vaga,
o ardor que o peito tem, banhando apaga.

Copiosa multidão da nau franceza
corre a ver o espectaculo assombrada :
e ignorando a occasião da estranha empreza,
pasma da turba feminil que nada :
uma que ás mais precede em gentileza
não vinha menos bella, do que irada :
Era Moema, que de inveja gême
e já vizinha á nau se apega ao leme.

« Barbaro (a bella diz) tigre e não homem...
 Porém no tigre por cruel, que brame,
 acha forças amor, que emfim o domem ;
 só a ti não domou, por mais que eu te ame :
 furias, raios, coriscos, que o ar consomem,
 como não consumis aquelle infame ?
 Mas pagar tanto amor com tedio e asco...
 Ah ! que o corisco és tu... raio... penhasco.

« Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
 quando eu a fé rendia ao teu engano,
 nem me offenderas a escutar-me altivo,
 que é favor, dado a tempo, um desengano ;
 porém deixando o coração captivo
 com fazer-te a meus rogos sempre humano,
 fugiste-me, traidor, e d'esta sorte
 paga meu fino amor tão crua morte ?

« Tão dura ingratidão menos sentira
 e esse fado cruel doce me fôra,
 se a meu despeito triumphar não vira
 essa indigna, essa infame, essa traidora :
 por serva, por escrava te seguira,
 se não temera de chamar senhora
 a vil Paraguassú que, sem que o creia,
 sobre ser-me inferior, é nescia e feia.

« Emfim, tens coração de ver-me afflita,
 fluctuar moribunda entre estas ondas,
 nem o passado amor teu peito incita
 a um ai sómente, com que aos meus respondas :

barbaro, se esta fé teu peito irrita,
 (disse, vendo-o fugir) ah ! não te escondas,
 dispara sobre mim teu cruel raio !... »
 E indo a dizer mais, cae num desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
 pallida a cõr, o aspecto moribundo,
 com mão já sem vigor soltando o leme,
 entre as salsas escumas desce ao fundo :
 mas na onda do mar, que irado freme,
 tornando a aparecer desde o profundo :
 « Ah Diogo cruel ! » disse com magua,
 e sem mais vista ser, sorveu-se n'agua.

Choraram da Bahia as nymphas bellas,
 que nadando a Moema acompanhavam ;
 e vendo que sem dôr navegam d'ellas
 á branca praia com furor tornavam :
 nem pôde o claro heroe sem pena vel-as
 com tantas provas, que de amor lhe davam ;
 nem mais lhe lembra o nome de Moema,
 sem que ou amante a chore, ou grato gema.

De Basilio da Gama e de Santa Rita Durão ha varias edições, sendo talvez a mais estimável depois das primeiras, a dos *Epicos brasileiros* de Varnhagen. Materiaes de critica são *Resposta apologetica*, 1786, refutação e defesa dos jesuitas contra B. da Gama, publicada em Lugarão (Italia) e é documento precioso, embora parcial e veemente, para a biographia do poeta; os estudos de Varnhagen e Garrett, os de S. Roméro na *H. da Lit.* e de José Veríssimo nos *Est. de literatura*, 2^a série.

Claudio Manoel da Costa é o auctor do *Villa Rica*, Claudio da Costa poema que canta os feitos dos bandeirantes, mas fraco e mesquinho.

Como poesia, a obra é quasi nulla.

O estudo acerca de Claudio Manoel da Costa encontrar-se-á adiante quando tratarmos dos lyricos. O *VILLA RICA* é um poema em endecasyllabos emparelhados ; ficou em manuscrito e sem a fórmula e polidez que naturalmente lhe havia de dar o auctor. O assunto é o descobrimento das minas e a fundação de *Villa Rica* ; o argumento, cheio de ricos episódios, foi mal aproveitado pelo poeta. São innuméros os versos prosaicos ou imperfeitos.

Eis como começa :

Cantemos, Musa, a fundação primeira
 Da Capital das Minas : onde inteira
 Se guarda ainda e viveinda a memoria,
 Que enche de applauso de Albuquerque a historia.
 Tu, patrio ribeirão, que n'ontra edade
 D'este assumpto a meu verso, na igualdade
 D'um epico transporte, hoje me inspira
 Mais digno influxo, porque entõe a lyra.

.....

De José Francisco Cardoso, nada se tem a dizer. É o mais esquecido dos escriptores brasileiros, e este esquecimento é justo. Comtudo ha um epigramma seu que é um dos melhores no genero na lingua portugueza.

José Francisco Cardoso era um latinista elegante ; o seu poemeto *Tripoli* mereceu ser traduzido por Bocage em versão que equivale ou excede o original. D'elle é, ou se lhe atribue, o epigramma feito contra J. Agostinho de Macedo, quando publicou este o *Oriente*, poema que pretendia substituir os *Lusiadas* :

Ao Parnaso quer subir
 Novo rival de Camões ;
 Mas das loucas pretenções
 As musas se poem a rir.
 Apollo sem se affligrir
 D'esta arte fala ao casmurro :
 Póde entrar que o não empurro,
 Nem me vem causar abalo,
 Já cá sustento um cavallo,
 Sustentarei mais um burro.

Vejamos a poesia satyrica.

Cartas Chilenas

As **Cartas Chilenas** não têm grande valor literario e poetico; ainda uma vez affirma-se nellas a incapacidade brasileira para o poema. O talento lyrico dos nossos poetas dá-se mal nas composições de outra indole, como a epopéa ou o poema comico e satyrico.

De todos os poemas satyricos se salvam pelo interesse historico as *Cartas Chilenas*. O sentimento alli é real; os factos são verídicos. As *Cartas* são de 1786.

Quem foi o auctor das *Cartas Chilenas*? Varnhagen as attribuiu primeiro a Alvarenga Peixoto e mais tarde a Claudio.

Luiz Francisco da Veiga as julga producção de Gonzaga.

Pereira da Silva as attribue aos tres de combinação. Pelo estudo apurado que fizemos das *Cartas* e dos escriptos dos poetas do tempo, achamos a questão quasi decidida com relação aos indigitados.

Gonzaga não tinha a veia comica, nem a satyrica; o seu lyrismo languido não dava para escrever satyras politicas. Claudio achava-se nas mesmas condições.

Fóra do lyrismo melancolico, elle nada produzia que estivesse acima da prosa metrificada como o *Villa-Rica*.

As *Cartas Chilenas* são mui provavelmente de Alvarenga Peixoto. Na *Historia da Literatura* encontram-se os argumentos e as provas.

Outro poema heroi-comico d'essa época é o *Desertor das Letras*, de **Manoel Ignacio da Silva Alvarenga**, Aleindo Palmireno na Arcadia. Mais adiante ter-se-á de avistar este lyrista mimoso, amante de *Glaura*. Por agora basta dizer que o *Desertor* é uma composição insípida. Foi publicado em Coimbra em 1774.

Dá uma idéa dos livros da literatura de cordel, então em voga.

Eis-o :

« Apparecei, famosa Academia,
De humildes e ignorantes, Eva e Ave,
Buculo pastoral, e Flos sanctorum,
E vós, oh *Theoremas predicaveis*,
Não tomeis o lugar, que é bem devido
Ao *Kees*, ao *Bom Ferreira*, ao *Baldo*, ao *Pegas*,
Grão mestre de forenses subterfugios.

Aqui Tiburcio vê o amado *Aranha*,
O Reis, o bom *Suppico* e os dous *Soares* ;
 De um lado o *Sol nascido no occidente*
 E a *Mystica cidade*, d'outro lado
 Cedem ao pó e á roedora traça.
 Por cima o *Lavatorio da consciencia*,
Peregrino da America, os *Segredos*
Da natureza, a *Fenix Renascida*,
Lenitivos da dôr, e os *Olhos d'agua* ;
 Por baixo está de *Sam Patricio a cova* :
A Imperatriz Porcina, e quantos *Autos*
 A miseria escreveu do Limoeiro
 Para entreter os cegos e os rapazes. »

Antonio Mendes Bordallo, nascido no Rio de Janeiro em 1750, fallecido em Lisboa em 1806, tem direito a um lugar entre os poetas satyricos da época. Sua satyra aos *Abusos da Magistratura* não é de todo sem prestimo. Estes versos são soffríveis :

« Porém um sabio professor antigo
 De calumnias, de meios odiosos ;
 Habil consulto, que de cór sabia,
 Folha por folha, Sanches e Molina,
 Me falou d'esta sorte ha poucos dias :
 — Rapaz sem tino, falto de experiençia,
 Francez da moda, louco rematado :
 Queres reformas, amas novidades,
 Sem pezar suas tristes consequencias ?
 De tres mil bons e máos advogados,
 D'outros tantos fieis e requerentes,
 De mais de cíneo mil procuradores,
 Que vivem nesta côrte, do que chamas
 Ladroeiras, calumnias e trapacas.

Dize, reformador, o que seria ?
 Mette o teu modernismo n'algibeira,
 Os teus e os mens avós assim viveram,
 Esses costumes, que detestas tanto,
 Têm o sello da prisca antiguidade. »

É sempre a velha rotina, atacando o progresso em nome dos maus habitos adquiridos ; é o *misanerismo* de todos os tempos.

João Pereira da Silva é inferior a todos os precedentes poetas satyricos. É filho do Rio de Janeiro, onde nasceu em 1743, e onde falleceu em 1818. É um typo apagado e sem o menor interesse.

Joaquim José da Silva, conhecido por *sapateiro Silva*, não é um poeta satyrico ; tambem não é um poeta comic, ou o que hoje chamamos um humorista.

Silva era um glosador de *motes*, um jogral, um improvisador de banquetes, que divertia os figurões do seu tempo.

Se tendes novo capote
 Mais chibante do que o velho,
 Eu tenho um torto chavelho,
 Que me faz vezes de pote.
 Se a cavallo andaes de trote,
 Eu do chão não me levanto,
 Não me assusto, nem me espanto,
 Serei sempre pç de boi ;
 Ora ali está como foi ;
 — *Ninguem me bote quebronto...*

Na satyra distinguiu-se tambem o padre **José Gomes da Costa Gadelha**, nascido em Pernambuco em 1743, ordenado em 1768. Foi capellão de navio e morreu no mar. Deixou os *Suspiros da*

Aletria e a *Marujada*. Esta ultima é uma descripção do máo passadio de bordo. Não deixa de ter alguma graça.

O estylo tem esta tonalidade:

«Sobre a negra caldeirada
De manhan num prato-grosso,
Já por café baptisada ;
Grita a sordida manada :
— O' lá ! venham para o almoço.

«Um chega ao xarope honrado:
Dizendo : Bravo ! Excellente !
Fica o outro recostádo,
Porque já tem almoçado.
Bolacha com aguardente.

«Em quanto vae refecendo
O café, serve a patrulha,
Mil mentiras revolvendo,
De quando em quando mettendo
Por entre o pasto uma pulha.» etc.

Ignora-se a data do falecimento do padre Gadeira.

Á poesia satyrica á moda do tempo sacrificou tambem **Fran-
cisco de Mello Franco**, que se fez notavel pelas suas idéas
liberaes e pelos sofrimentos que por ellas experimentou. É auctor
do *Reino da Estupidez*, em que mette á troça a ignorancia togada da
Universidade de Coimbra. Mello Franco já não é lido. Tinha
pouco talento poetico ; é um representante mais ou menos completo
da pilheria um pouco pesada e pêrra do espirito portuguez. O poeta
viveu largo tempo no reino, e ás vezes, em lugar do espirito, agar-

rava a toleima. Seu merito consistiu em ter bastante bom senso para ser inimigo do charlatanismo universitario e burguez da época. Franco veio ao mundo em 1757 e falleceu em 1823. Foi notavel medico e distincto cultor da historia natural.

Quasi toda esta literatura satyrica nasceu da imitação do *Hysope*, que corria em mil copias manuscriptas, ou das quintilhas de Nicolau Tolentino.

Estudemos OS LYRICOS :

Claudio Manoel da Costa nasceu em 1729 no sitio da Vargem de Itacolomy, freguezia de Marianna. Estudou humanidades no Collegio dos Jesuitas do Rio de Janeiro, seguindo para Portugal, onde se matriculou na Universidade de Coimbra em 1749, graduando-se em canones aos 19 de abril de 1753. Voltou ao Brasil em 1754. Foi secretario do Governo de Minas, juiz das demarcações de sesmarias do termo de Villa-Rica. Exerceu a advocacia, profissão a que sempre voltava ao deixar as funções oficiaes.

Era timido, recatado, melancolico, ainda que apparentasse a doce bonhomia mineira. Viu-se envolvido com outros na conjuração de Tiradentes.

Em nada teve a iniciativa ; foi levado por Alvarenga Peixoto, minerador abastado.

Vejamos o homem através do poeta. Além da obra postuma, o poema *Villa-Rica*, de que já fizemos menção, Claudio deixou publicados os trabalhos seguintes: *Musculo metrico*, 1751 ; *Epicedio*, 1753 ; *Labyrintho de amor*, 1753 ; *Numeros Armonicos*, 1753 ; e o livro sob o titulo *Obras de Claudio Manoel da Costa, arcade ultra-*

marino, chamado Glauceste Saturnio, 1768. Quasi todos estes escriptos são hoje muito raros.

É tarefa para os bibliographos fornecer esclarecimentos sobre elles ; quanto ao leitor que apenas deseje conhecer o homem e o poeta, basta-lhe percorrer o ultimo.

Ahi se acha completa a alma de Claudio.

É bastante lêr os *sonetos* : mas é preciso lêl-os por inteiro no original.

A nota predominante em nosso Incôfidente, como poeta, é a melancolia ; elle é da raça dos Lamartines. Seu verso é doce ; seu lyrismo, subjectivista. No soneto é, certo, dos melhores escriptores de nossa lingua ; tem talvez mais verdade e naturalidade do que Bocaige.

«Estes os olhos são da minha amada:
Que bellos, que gentis e que formosos !
Não são para os mortaes tão preciosos
Os doces fructos da estação dourada...»

Por elles a alegria derramada,
Tornam-se os campos de prazer gostosos ;
Em zephyros suaves e mimosos
Toda esta região se vê banhada...»

Vinde, olhos bellos, e emfim trazendo
Do rosto de meu bem as prendas bellas,
Dae allivio ao mal que estou gemendo...»

Mas, oh delirio meu, que me atropellas !
Os olhos, que cuidei que estava vendo,
Eram, quem crêra tal ! duas estrellas. »

Na *Fabula do Ribeirão*, que é toda bella e é uma apostrophe á cupidez dos bandeirantes e mineradores, ha rasgos primorosos:

«Ah mortaes! Até quando
Vos cega o pensamento!
Que machinas estaes edificando
Sobre tão louco intento.
Como nem inda no seu reino immundo
Vive seguro o Báraethro profundo!

Idolatrando a ruina
Lá penetraes o centro,
Que Apollo não banhou, nem viu Lucina;
E das entranhas dentro
Da profanada terra
Buscaes o desconcerto, a furia, a guerra.

Que exemplos vos não dita
Do ambicioso empenho
De Polidoro a misera desdita!
Que perigos o lenho,
Que entregastes primeiro ao mar salgado,
Que desenganos vos não tem custado!»

Ignacio José de Alvarenga Peixoto é superior a Claudio no vigor da imaginação. Alva-
renga Peixoto

D'elle poucos escriptos restam. Além das *Cartas Chilenas*, provavelmente suas, existe um pequeno numero de poesias, ultimamente colleccionadas. (1)

(1) *Obras Poeticas de Ignacio José de Alvarenga Peixoto*, Rio de Janeiro, 1865, edição de J. Norberto de S. Silva.

Alvarenga nasceu no Rio de Janeiro em 1744. No collegio dos jesuitas fez a sua instrucção preparatoria ; formou-se em leis em Coimbra em 1769.

Em 1776 tornou ao Brasil.

No Rio de Janeiro, sob o governo do Marquez do Lavradio, havia um pequeno theatro, e para elle A. Peixoto escreveu um drama em versos, *Eneas no Lacio*, e a traducçao da *Merope* de Maffei, hoje perdidos. Pouco depois seguiu como magistrado para a comarca do Rio das Mortes, em Minas, onde se casou em 1778 com D. Barbara Heliodora Guilhermina da Silveira, descendente de uma familia de paulistas, estabelecidos em S. João de El-Rei. Abandonou Alvarenga a magistratura e atirou-se á mineração ; chegou a ser abastado, viveu alegre, feliz no seio da familia.

Sua mulher era uma dama de intelligencia e de espirito, e sua filha Maria Ephigenia, um typo meigo de belleza e de candura. Foi elle que propoz a *Libertas quæ sera tamen* para distico da bandeira republicana. Foi preso no dia 20 de maio de 1789 ; transportado para o Rio de Janeiro, foi recolhido ás masmorras da fortaleza da Ilha das Cobras.

Mettido em interrogatorios, revelou uma certa fraqueza de animo . . .

Foi condemnado á morte, pena commutada em degredo para Dande, e mais tarde para Ambaca, n'Africa,

onde falleceu em 1793, alquebrado e envelhecido precocemente.

Com este golpe, Maria Ephigenia morreu de vergonha e desalento, e Barbara Heliodora enlouqueceu ! . . .

Alvarenga Peixoto era um homem ardente, imaginoso ; tinha o dom da palavra ; era orador e poeta sem esforço ; seu talento era objectivista ; as grandes scenas do mundo o exaltavam e inspiravam-lhe fortes imagens.

Tem phrases de grande belleza lyrica ; brusco e arrebatado, de genio folgazão e turbulento, possnia bellezas de expressão.

« Aquellas serras, na apparence feias,
Dirás por certo — Oh ! quanto são formosas !
Ellas conservam nas occultas veias
A força das potencias majestosas ;
Têm as ricas entranhas todas cheias
De prata, ouro, pedras preciosas ;
Aquellas brutas, escalvadas serras
Fazem as pazes, dão calor ás guerras.

« Aqueles morros negros e fechados,
Que occupam quasi a região dos ares,
São os que em edificios respeitados
Repartem raios pelos crespos mares,

Os corynthios palacios levantados,
 Doricos templos, jonicos altares,
 São obras feitas d'esses lenhos duros,
 Filhos d'estes sertões feios e escuros.»

Gonzaga **Thomaz Antonio Gonzaga** é o mais afamado dos poetas mineiros. Nasceu em Portugal, o que se conseguiu provar; mas seus paes eram brasileiros, sua infancia passou-se na Bahia ; sua idade adulta e viril, em Minas ; elle é, pois, um dos nossos pela vida e pelo destino.

É um dos mais completos representantes do lyrismo amoroso no Brasil.

Não tinha grandes recursos de fórmula, nem audacias de pensamento ; mas tinha suavidade na expressão, clareza nas idéas, e o seu sentimento era real.

O defeito capital do lyrismo mineiro do seculo XVIII é certa falta de variedade, e esta mácula nota-se tambem em Gonzaga. Seus versos são queixas á sua *Marilia* derramadas por um volume inteiro.

O poeta nasceu no anno de 1744. Passou a infancia na Bahia ; matriculou-se em Coimbra na faculdade de direito, recebendo o gráo de bacharel em 1763. Exerceu alguns cargos em Portugal, e foi mais tarde nomeado ouvidor de Villa-Rica, em Minas. Ahi apaixonou-se por Maria Joaquina Dorothea de Seixas, a celebre *Marilia de Dirceu*. Este ultimo era o nome arcade do poeta..

As condições d'este amor não são bem conhecidas. O poeta e a sua amante não deixaram uma correspondencia confidencial ; as *Lyras* são um bem fraco documento para uma analyse rigorosa por este lado.

Em todo caso, parece averiguado que Gonzaga chegara a Minas antes do anno de 1782, e em 1789, quando devia seguir para a Bahia, como desembargador, sendo já um homem de quarenta e cinco annos, ainda estava solteiro.

Complicado na Inconfidencia, mettido em ferros, condenado, degredado, louco e morto em 1807, *Marilia* deixou-se viver até 1854, até á idade de oitenta e quatro annos !...

Esta observação já foi feita e com justiça.

Depois de condenado, o poeta quiz ainda casar-se ; *Marilia* não quiz, teve medo do desterro!... Mais tarde alliou-se a um dos Queirogas.

D. Dorothéa de Seixas não era da raça de Barbara Heliodora.

Um especimen de realismo é a *Lyra XIX* :

«Que gosto não terá a esposa amante,
Quando der ao filhinho o peito brando
E reflectir então no seu semblante !

Quando, Marilia, quando
Disser comsigo : «É esta
De teu querido pae a mesma barba,
A mesma bocca e testa.»

«Que gosto não terá a mãe que toca,
Quando o tem nos seus braços, c' o dedinho
Nas faces graciosas, e na bocca

Do innocent filhinho !

Quando, Marilia bella,

O tenro infante já com risos mudos

Começa a conhecel-a !

«Propunha-me dormir no teu regaço
As quentes horas da comprida sésta,
Escrever teus louvores nos olmeiros,
Toucar-te de papoulas na floresta ;
Julgou o justo céo que não convinha
Que a tanto grão subisse a gloria minha.

«Ah ! minha bella, se a fortuna volta,
Se o bem, que já perdi, alcanço e provo,
Por essas brancas mãos, por essas faces,
Te juro renascer um homem novo ;
Romper a nuvem que os meus olhos cerra,
Amar no céo a Jove e a ti na terra...

«Nós iremos pescar na quente sésta
Cóm canas e com cestos os peixinhos ;
Nós iremos caçar nas manhans frias
Com a vara envisgada os passarinhos ;
Para nos divertir faremos quanto
Reputa o varão sabio, honesto e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
C' os filhos, se os tivermos, á fogueira.
Entre as falsas historias que contares,
Lhes contarás a minha verdadeira ;
Pasmados te ouvirão ; eu entretanto
Ainda o rosto banharei de pranto...»

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga é dos poetas do Manoel seu tempo o mais delicioso, talvez, pelo mimo da fórmā, da S. Al Ignacio pela suavidade da expressão. Era um *mestiço*, e o mais varenga ardente dos nossos lyricos do seculo XVIII.

Silva Alvarenga nasceu na Villa-Rica em 1749. Desde criança revelou o decidido talento para a musica, proprio de sua raça, vindo a ser excellente tocador de flauta e rabeca. Sendo destituido de recursos, á expensas de amigos de sua familia veio ao Rio de Janeiro estudar no collegio dos jesuitas. Findos os preparatorios, embarcou para Coimbra, onde chegou em 1771. Reformando Pombal a universidade em 1772, Alvarenga saudou-o em uma ode ; o ministro, que profegia Basilio da Gama e Alvarenga Peixoto, foi tambem seu protector.

Formou-se o poeta em canones em 1776. Foi amicissimo de Basilio, a quem deu boas relações em Lisboa, e a quem dedicou as bellas poesias : *O Templo de Neptuno* e *A Gruta Americana*. Partiu para o Brasil em 1777 ; estabeleceu-se no Rio de Janeiro como advogado. Vinha precedido da fama de grande poeta e grande ilustração.

Cultivou as melhores relações na capital do vice-reino, distinguindo-se entre todas as do marquez de Lavradio e Luiz de Vasconcellos e Souza, que o nomeou lente de rhetorica. Alvarenga fez parte, ao que se supõe, da nebulosa *Arcadia Ultramarina*, sob o nome de *Alcindo Palmireno*, da sociedade scientifica e de-

pois da literaria. Sucedendo a Luiz de Vasconcellos e Souza o conde de Rezende, que governou de 1790 a 1801, medidas rigorosas foram tomadas contra os literatos fluminenses. Foi dissolvida a sua sociedade, a pretexto de ser um club revolucionario.

Alvarenga, espirito satyrico e liberal, amava as doutrinas *encyclopedistas*. Para substituir a sociedade, elle creou uma sociedade secreta de caracter politico. Tinha o poeta por figadal inimigo a um tal Fr. Raymundo que, peitando para isto a José Bernardo da Silveira Frade, denunciou o poeta e seus companheiros ao despótico vice-rei. Em 1794 foram presos, entre outros, Alvarenga, o Dr. Marianno José Pereira da Fonseca, João Marques Pinto e o Dr. Jacintho José da Silva.

Alvarenga foi posto a ferros nas masmorras da fortaleza da Conceição. Seus bens foram confiscados.

O poeta foi mettido em monstruoso processo, dirigido por Antonio Diniz da Cruz e Silva, o anctor do *Hyssope!* Conspiração era o seu crime, elle intentava fundar a *republica*. D'ahi o rigor excessivo dos juizes. Alvarenga esteve preso quasi tres annos em carcere privado; d'elle saiu alquebrado, misanthropo, quasi perdido. Falleceu a 1 de novembro de 1814. (1)

(1) Vide nas *Obras Poeticas de Manoel Ignacio de Alvarenga* a Noticia por J. Norberto de Souza e Silva.

Escreveu versos satyricos e lyricos. Naquelles já o estudámos. Nos ultimos é que seu talento foi verdadeiramente apreciavel. Neste genero escreveu sonetos, odes, canções, idyllios, além dos celebres rondós e madrigaes, publicados em 1801, sob o titulo de *Glaura*, anagramma do nome da amante do poeta, que lhe foi roubada pela morte.

«Num rochedo vi dous ninhos ;
 Já são teus esses penhores ;
 E entre conchás, entre flôres
 Os pombinhos has-de achar.
 Murcharão os dons mais bellos
 Da suave primavera,
 Se não vens, oh dura, oh fera,
 Teus cabellos enlaçar...»

Ou por esta maneira :

« Deu-me prado florescente
 Goivos, murta, rosa e lyrio ;
 Venho, oh nympha, em meu delírio
 Tua fronte coroar...
 Sem rumor com susto chego...
 Gela o sangue... já não pulsa,
 Nem se atreve a mão convulsa
 Teu socego perturbar,
 Mas as lagrimas poderam .
 Illudir o meu receio,
 E caindo no teu seio
 Te fizeram despertar...»

De todos estes poetas lyricos mineiros existem edições modernas feitas pela casa Garnier e dirigidas por J. Norberto de S. Silva (Gonzaga, os Alvarengas) e João Ribeiro (Claudio M. da Costa); na edição de Claudio incluem-se as poesias inéditas pela primeira vez achadas e publicadas por B. F. Ramiz Galvão. Da *Gaura* além da edição primitiva, ha outra portugueza da *Bibliotheca Universal*. Convém prevenir os incertos contra as chamadas *lyras* de *Marilia a Dirceu*, que foram escriptas por Norberto de S. Silva e estão incluidas na edição Garnier; não são, pois, authenticas. As *Lyras* de Gonzaga, além de uma centena de traduções fragmentarias e avulsas, tem-nas completas: a hespanhola de Vedia, a francesa de Monglave (1825), a italiana de Ruscalla (1860), a allemã de Iffland, e uma tradução latina feita pelo Dr. Castro Lopes. As edições de Gonzaga são a 1^a de Lisboa s. d., a de 1800, 1802, 1811, 1819, 1820, 1825, 1827 (duas edições), 1833, 1840, todas de Lisboa; no Brasil fizeram-se pelo menos 3 edições, a da Bahia, typ. de Serva, 1813; a do Rio, Lacmert por J. M. Pereira da Silva, 1845; e a de Garnier por J. Norberto, 1862. É um problema da historia literaria brasileira resolver a questão de ser ou não authenticas a terceira parte das *lyras* que pela primeira vez appareceu na 2^a edição, 1800 (Lisboa). A fonte de inspiração de Gonzaga foi Anacreonte, cujas odes ás vezes imita ou quasi traduz (confrontem-se respectivamente Ode I e Lyra XI; Ode II e Lyra XXIV, etc.).

Ha ainda alguns poetas secundarios de que devemos falar.

Os principaes são *Domingos Caldas Barbosa*, *Domingos Vidal Barbosa*, *Bartholomeu Antonio Cordovil* e *Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha*.

Caldas Barbosa O mais valoroso d'estes é incontestavelmente **Domingos Caldas Barbosa**, o celebre improvisador de modinhas. Caldas Barbosa era um mestiço de primeira mão, um filho de branco e negra; seu pae era portuguez e a mãe africana.

Caldas Barbosa, nascido no Rio de Janeiro em 1740, cursou os primeiros estudos no collegio dos jesuitas. Fez rapidos pro-

gressos nas letras, e revelou desde logo as suas qualidades de repentista, mettendo a ridiculo as pretenções e injustiças dos portuguezes. Foi por isso recrutado e remettido para a colonia do Sacramento, onde se demorou até 1762. Voltaudo ao Rio, obteve baixa e passou-se para Portugal, onde depois de algumas difficultades obteve a protecção dos dous irmãos Vasconcellos, o conde de Pombeiro e o Marquez de Castello Melhor. Caldas recebeu ordens sacras em Lisboa e foi capellão da *Casa da Supplicação*. Teve relações de amizade com os poetas do seu tempo, especialmente os da *Noiva Arcadia*, por elle creada. Foi, porém, maltratado por Bocage e Filinto Elysio. *Lereno*, tal o seu nome de *arcade*, era um poeta singelo, espontaneo, um lyrico ao gosto popular. Tinha, por certo, os defeitos do seu tempo; mas ha tres faces por onde se pôde notar a diferença entre elle e os poetas que o cercavam: a simplicidade de seus versos, mui longe da rhetorica inchada de Bocage e Agostinho de Macedo; a ausencia de immoralidades em que brilham tão tristemente esses dous, e a falta da mordacidade com que ainda estes e outros se deram em espectáculo.

Era um talento aberto ás boas impressões, alma simples, pouco apta ás villezas da sociedade em que viveu.

Noutro meio teria sido um grande poeta. Não fazia caso que lhe chamassem mulato; diante do padre Souza Caldas improvisou esta quadrinha:

« Tu és Caldas, eu sou Caldas;
Tu és rico, e eu sou pobre;
Tu és o Caldas de prata;
Eu sou o Caldas de cobre.»

O poeta teve a consagração da popularidade. Não falamos d'essa que adquiriu em Lisboa, assistindo a festas e improvisando

na *viola*. Referimo-nos a uma popularidade mais vasta e mais justa.

Lereno alegrou os outros
E nunca teve alegria...

Quasi todas as *cantigas* de Lereno correm de boca em boca nas classes plebás que nelle viam e entendiam a poesia simples e verdadeira.

Eu sei, cruel, que tu gostas,
Sim gostas de me matar;
Morro, e por dar-te mais gosto,
Vou morrendo de vagar...

Tenho ensinado a meus olhos
Dos segredos a lição;
Sabem dizer em segredo
A dôr do meu coração...»

Caldas Barbosa morreu aos 9 de novembro de 1800; seus versos foram publicados sob o titulo — *Viola de Lereno: collecção das suas cantigas offerecidas aos seus amigos*.

Devem ser lidos como antídoto á depravação palavrosa que de tempos a tempos invade o nosso mundo poetico.

Domingos Vidal Barbosa nasceu na freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Caminho do Matto, em Minas, em 1751. Formou-se em medicina em Bordéos. Ahi imbuiu-se de idéas liberaes e teve conhecimento dos planos politicos dos estudantes brasileiros para libertação da patria.

Vidal Barbosa na Europa foi companheiro de José Joaquim da Maia, José Marianno Leal e José Pereira Ribeiro.

Em França tivera conhecimento dos planos revolucionarios de Maia. De volta ao Brasil, estabeleceu-se em Minas, onde se viu accidentalmente envolvido na conjuração de 1789. No processo não manifestou grande inteireza de caracter.

Foi condenado á morte, pena commutada em degredo por tres annos para a ilha de S. Thiago de Cabo-Verde, onde aportára em principios de janeiro de 1793. Oito mezes depois falleceu.

Vidal Barbosa parece não haver tido grande valor literario; não restam composições suas por onde possa ser estudado. A ode a *Affonso de Albuquerque*, que alguns lhe attribuiram, é mais provavelmente de Silva Alvarenga.

A ode dirigida a Luiz de Vasconcellos e Souza, que lhe é attribuida, não tem merecimento. Vidal Barbosa apparece na historia pela circumstancia fortuita que o envolveu na Inconfidencia.

Bartholomeu Antonio Cordovil acha-se nas mesmas Barth. condicões; era filho de Goyaz; escreveu algumas odes e dithyrambos de um classicismo enfezado; não é hoje lido; nada influiu na evolução nacional. As *Nymphas goyanas* é o titulo de sua composição mais elogiada.

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha é mais signifcativo. D'elle nos restam uns pequenos dramas em versos, nos quaes dá entrada aos indios brasileiros e em que mostra algum caracter nacional. O vño é curto. Tenreiro era natural de Barcellos na provincia do Pará, vindo ao mundo a 4 de setembro de 1769. Educou-se na sua terra, onde exerceu varios oargos publicos. Suas obras perderam-se quasi todas. Como lyrista, Aranha tem algum merecimento.

É o classicismo um pouco suavisado pela natureza tropical; mas é sempre o falso classicismo. Eis uma amostra:

«Passarinho que logras docemente
Os prazeres da amavel innocencia,
Livre de que a culpada consciencia,
Te afflija, como afflige ao delinquente;

Facil sustento, e sempre mui decente
Vestido te fornece a Providencia,
Sem futuros prever, tua existencia
É feliz limitando-se ao presente.

Não assim, ai de mim ! porque soffrendo
A fome, a sede, o frio, a enfermidade,
Sinto tambem do crime o peso horrendo...

Dos homens me rodêa a iniquidade,
A calumnia me opprime, e ao fim tremendo,
Me assusta uma espantosa eternidade.»

De *Manoel Joaquim Ribeiro, Joaquim José Lisboa, Padre Manoel de Souza Magalhães, José Ignacio da Silva Costa, Padre Miguel Eugenio da Silva Mascarenhas, Joaquim Ignacio de Seixas Brandão e Luiz Paulino Pinto da França*, nada ha a dizer sob o ponto de vista evolutivo, progressivo de nossa literatura. Foram versejadores. Neste numero está o padre *Silverio da Paraopeba*, que ainda tem innocuos admiradores.

II

Historiadores

Capistrano de Abreu assignalou cinco periodos á nossa historiographia : as descripções chorographicas com *Gandavo, Cardim* e *Gabriel Soares* á frente ; as biographias iniciadas

por José de Anchieta e prosseguidas por Pedro Rodrigues e Simão de Vasconcellos; as chronicas monasticas com alguns jesuitas, Vicente do Salvador e Jaboatão; as chronicas de capitaniaes e as nobiliarchias com Ravasco, Borges da Fonseca e Pedro Taques; finalmente, a historia geral no seculo XIX.

Estes periodos ou antes generos, resultam da possibilidade a que se haviam de naturalmente subordinar. Nos primeiros tempos não havia materia para historia, e tudo se resume em informaçoes anecdoticas e geographicas; um seculo depois já ha substancia para as chronicas e nobiliarchias; só mais tarde a separação e independencia politica determinam as *historias geraes*, sem prejuizo dos outros generos menores.

Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão é merecedor Jaboatão de aturada leitura. D'elle restam alguns sermões, as memorias ineditas e a grande obra historica sob o titulo *Novo Orbe Seraphico Brasilico ou Chronica dos Frades Menores da Província do Brasil*.

«*Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão*, natural do Recife de Pernambuco, professou a doze de dezembro de 1717 no Convento de Santo Antonio de Paraguaçú das partes da Bahia *em idade de vinte e dous annos*. Na sua primeira idade teve genio e agudeza para a poesia, especialmente a vulgar, de que viu alguns aplausos no estado de secular, e no religioso nos primeiros annos, em que apresentou algumas obras na Academia dos Esquecidos da Bahia, assim em abono dos seus presidentes, como em desempenho de assumptos poeticos; mas d'esta suave

applicação o divertiram de todo os estudos sagrados, especialmente o da predica, do qual trabalho e applicação tem saído a luz...» São palavras d'elle proprio.

A grande obra de Frei Jaboatão distingue-se pela simplicidade do estylo e por qualidades intrinsecas consideraveis. D'esta categoria são por certo grande numero de tradições, lendas e noticias locaes sobre varios pontos do Brasil. São tambem de grande valor o capitulo onde dá conta dos estudos feitos nos conventos franciscanos desde sua fundação até meiodos do seculo XVIII e o capitulo em que faz a resenha das obras escriptas pelos religiosos da ordem.

Não escapou a diversas inexactidões de factos; mas a sua boa fé era completa. Era um frade credulo, supersticioso, ingenuo e instruido à seu modo.

Se não tem a simplicidade inimitavel de Cardim, não possue tambem as arrogancias pedantescas de Pitta.

Pedro Taques de Almeida Paes Leme inaugurou entre nós as nobiliarchias e memorias de familia. Era paulista; nascido nos primeiros annos do seculo XVIII, falleceu em 1777.

Tinha mais pratica dos documentos ineditos e authenticos do que seu contemporaneo Jaboatão.

Do annualista de S. Paulo restam uma pequena *Historia da capitania de S. Vicente desde a sua fundação em*

1531 e a *Nobiliarchia paulistana ou Genealogia das principaes familias de S. Paulo.*

Á primeira vista insignificantes, estes trabalhos, para quem especialmente nelles procura idéas geraes e intuições philosophicas, são entretanto o irrecusavel testemunho da feição especial tomada no seculo XVIII pelos estudos historicos.

A historia era tambem um genero de importação, vinha enfardada da metropole como a pimenta, a cebola e os queijos do reino...

Taques tirou-a do palanque, arrancou-lhe as capas, jogou-a na rua com a introducção de um novo elemento — o povo. Não era ainda o povo brasileiro em sua totalidade, era elle escolhido, representado, nobiliarchizado em suas principaes familias; mas ainda assim, o alcance é immenso.

Era a historia indigena, a historia com os elementos de cá, architectada com os nossos feitos e pela mão dos nossos homens. Não era mais uma historia da *America Portugueza*, boquiaberta diante dos governadores e vice-reis e recheiada de elogios aos monarchas da mãe-patria; era antes a descripção de um trôço de *bandeirantes* a internarem-se pelos sertões de Minas e Goyaz.

Só em São Paulo se poderia effectuar uma tal transformação. Este é o valor de Pedro Taques e é o seu titulo de gloria.

A *Nobiliarchia* foi editada na *Rev. do Instituto Historico*, nos tomos XXXIII a XXXV, e é trabalho minucioso e longo. A *Historia* de S. Vicente, escripta em 1772, tambem na mesma revista, tomo IX. Ha outros trabalhos que se consideram seus, *A Noticia da expulsão dos jesuitas* (*Rev. do Inst. tomo XII*) e a *Informação sobre as Minas*, manuscripto.

Inferior bastante ao genealogista paulistano é o seu patrício **Fr. Gaspar da Madre de Deus**. Mais moço do que elle, falleceu vinte e tres annos depois em 1800. Professou na ordem de S. Bento.

Este escriptor offerece nma questão bibliographica séria, que não tem sido agitada e menos resolvida pelos especialistas. Os mais antigos noticiaristas que falam de Frei Gaspar dão-no como auctor de uma só obra, as *Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente*. Alguns modernos o apresentam como tendo escripto nada menos de quatro livros: — *Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente hoje chamada de S. Paulo do Estado do Brasil*; — *Noticia dos annos em que se descobriu o Brasil e das entradas das Religiões e das suas funcções*; *Memorias sobre S. Vicente*; e, finalmente, *Historia das Minas de S. Paulo e da expulsão dos jesuitas*.

D'estes trabalhos sómente os dous primeiros são authenticos. As *Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente* apareceram em Lisboa ainda em vida do auctor, em 1797, na imprensa da Academia.

D'ellas tirou-se uma edição brasileira no Rio de Janeiro em 1847, na Typ. de Agostinho de Freitas Guimarães & C. É uma obra de pouco tomo, contendo dous livros. Existe em manuscrito um terceiro na Bibliotheca Nacional; é a genuina continuação das *Memorias*; é um codice authentico em letra do seculo XVII.

A *Noticia dos annos em que se descobriu o Brasil* era manuscrito verídico oferecido ao Instituto Historico e publicado em sua Re-

vista em o n. de 8 de janeiro de 1841, tomo 2º da collecção geral. É um pequeno escripto de não mui avultado prestimo:

As taes outras *Memorias* ou pretendida *Continuação das Memorias* não são de Fr. Gaspar. Originou-se a crença de o serem, porque, como taes, foram publicadas na Revista do Instituto pelo brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar. É uma cousa informe, sem ordem, nem valor, contendo paginas e paginas tiradas da *História de S. Vicente*, de Taques.

Ora, a verdadeira continuaçō da obra do benedictino acha-se, como disse, na Bibliotheca Nacional, e o illustre frade era bastante serio e assaz auctorizado por pesquisas e indagações proprias para plagiar descaradamente do seu contemporaneo, pouco antes falecido.

Tudo leva a crér que o brigadeiro Tobias, homem incompetente, agarrou velhos papeis em S. Paulo, e entre elles algumas paginas de Taques, e enviou-os ao Instituto, que os publicou sem mais exame.

Quanto á *História das Minas de S. Paulo*, manuscrito que foi parar ás mãos do visconde de S. Leopoldo, parece haver ahi tambem engano. Não vimos o manuscrito; mas pôde bem ser elle a mesma *História das Minas* de Pedro Taques.

Este escriptor deixou todas as suas obras ineditas em diversas cópias. D'ahi é verosimil que as confundissem com as de Fr. Gaspar. Foram ambos paulistas, foram contemporaneos e occuparam-se ambos com a historia de sua terra.

Mas os douos trabalhos authenticos do frade escriptor distinguem-se bem dos de seu rival.

Frei Gaspar tem a mais certo amaneirado literario no estylo.

Taques tem mais desalinho e naturalidade. Ambos fizeram indagações originaes, porém o genealogista conhecia muito melhor o seu assumpto.

Sob o ponto de vista ethnologico, base fundamental de nossa historia, um e outro são brancos radicalmente abrasileirados pela hereditariedade de dous seculos de vida nacional, passada no paiz por seus avós.

Um e outro descendiam de velhas e primitivas famílias portuguezas estabelecidas, desde os primeiros annos da descoberta, em S. Paulo. Foram brasileiros de boa seiva, indigena pela indole do espirito e pelo amor profundo ao nosso paiz.

Além d'estes escriptores acima lembrados que nos são mais familiares, outros muitos houve que se passaram a Portugal e lá conseguiram alguma notoriedade, os quaes por serem brasileiros de nascimento não é fóra de proposito registrar-lhes os nomes e as obras.

O mais importante d'elles foi Frei José Pereira de Sant'Anna, theologo e historiador mystico; foi lente na Universidade de Coimbra, é auctor da *Chronica dos Carmelitas*, cujos dous primeiros tomos saíram a luz em 1745 e 1751 e os dous ultimos se perderam no terremoto de Lisboa. Esta obra é considerada insigne pela linguagem e erudição. Escreveu ainda biographias mysticas: *Os Dous Atlantes da Ethiopia* (S^{ta}. Elesbão da Abyssinia e Sta. Iphigenia da Nubia), 2 vol. in-fol. 1735-1738 e a *Vida de soror Maria Perpetua da Luz*, 1742, in-fol. Foi tambem famoso orador sagrado. Nasceu no Rio em 1696 e morreu em Portugal, em 1759.

Outro brasileiro foi o moralista Mathias Aires Ramos da Silva de Eça, de familia nobre portugueza; nasceu em São Paulo em 1705, logar em que seu pae occupava um cargo de importancia. Silva de

Ecç a escreveu as *Reflexões sobre a vaidade*, 1752, livro de moral interessante e que logrou em poucos annos quatro successivas edições (A 4^a ed. é de 1786). Também escreveu, pois que era engenheiro, os *Problemas da Architectura Civil*, obra estimada pelos entendidos e que foi publicação postuma (1770).

Registra-se ainda o nome do Padre Francisco Luiz Leal, menos illustre que os anteriores; foi professor regio de philosophia em Lisboa. Escreveu a *Historia dos filósofos*, Lisboa, 1788, em 2 volumes; e já havia editado um, *Contos filosóficos*, 1773, obras hoje raras e só conhecidas dos bibliomanos.

SECULO XIX

SECULO XIX

(PHASE CLASSICA)

I

Poetas

Padre Antonio Pereira de Souza Caldas (1762-
1814). Apezar de ter viajado em França e Italia, o seu
talento, como poeta, não se elevou além de um mysti-
cismo confiaute, mas pouco profundo. A celebrada ode
ao *Homem Selvagem*, que lhe valeu alguns mezes de
prisão por ordem inquisitorial, é mediocre. Souza Caldas
entregou-se a uma especie de philosophismo religioso,
viven a decantar a *Creação*, a *Immortalidade da Alma*, e
a traduzir os *Psalmos de David*; dista grandemente de
Silva Alvarenga e de Gonzaga.

Padre
Souza
Caldas

A sua traducción dos *Psalmos* não foi feita sobre o
original, é falha de critica; apenas um modelo de lin-
guagem *classica*. Se Caldas, entretanto, não continuou
as boas tradições da escola mineira, se teve um lyrismo
pallido, como conhedor da lingua e como metrificador,

é um modelo no velho sentido da palavra. Em sua mocidade, elle foi até certo ponto imbuido das idéas philosophicas francezas dos fins do seculo XVIII.

Aqui transcrevemos uma das suas melhores odes:

A IMMORTALIDADE DA ALMA

Porque choras, Fileno ? Enxuga o pranto
 Que rega teu semblante, onde a amizade
 De seus dedos gravou o terno toque.
 Ah ! não queiras cortar minha esperança,
 E de dôr embeber minha alegria.

Tu cuidas que a mão fria
 Da morte, congelando os frouxós membros,
 Nos abyssmos do nada inescrutaveis
 Vae de todo afogar minha existencia ?
 É outro o meu destino,, outra a promessa
 Do espirito que em mim viye e me anima.

A horrenda sepultura
 Conter não pôde a luz brillante e pura,
 Que soberana rege o corpo inerte...
 Não descobres em ti um sentimento
 Sublime e grandioso, que parece
 Tua vida estender além da morte ?
 Attenta... escuta bem... Olha... examina...
 Em ti deve existir: eu não te engano...
 Tu me dizes que existe... Ah ! meu Fileno
 Como é doce a lembrança
 D'essa vida immortal em que, banhado
 De ineffavel prazer, o justo goza
 Do seu Deus a presença majestosa !

Desperta, ó morte :
 Que te detem ?
 Teu cruel braço
 Esforça e vem.

Vem, por piedade,
 Já transpassar-me
 E avisinhar-me
 Do Summo Bem.

E queres que eu prefira
 Humanos passatempos ao momento,
 Em que raia a feliz eternidade ?

Um Deus de amor m'inflamma ;
 E já no peito meu mal cabe a chamma
 Que docemente o coração me abraza.

- Eu vôo pór elle : elle só.póde
 Minha alma, sequiosa do infinito,
 De todo saciar : este desejo
 Me torna saboroso
 O calix que tu julgas amargoso.
 Fileno, doce amigo, a mão estende,
 A minha aperta : não te assuste o vel-a
 De mortal frio já passada e languida.

Mais duravel que a vida,
 É da armizade a teia delicada,
 Se a virtude a teceu.... Em fim, ó morte,
 Tu me mostras a foice inexoravel.
 Amarga este momento : eu não t'o nego,
 Meu amante Fileno ; a voz já presa
 Sinto faltar-me ; o sangue
 Nas veias congelar-se ; pelo rosto
 Me cae frio suor ; a luz mal posso

Das trevas distinguir; e suffocado
 O coração desmaia.
 Vem, immortalidade — vem, ó grande,
 Sublime pensamento,
 Adoçar o meu ultimo momento.

O' Nume infinito
 Que aspiro a gozar,
 O meu peito afflito
 Enche de valor.

Suave esperança
 De sorte melhor,
 Quanto d'este instante
 Adoças o horror !

Frei Francisco de São Carlos nasceu no Rio de Janeiro aos 13 de agosto de 1763. Esteve em S. Paulo de 1790 a 1796; faleceu aos 6 de maio de 1829. Restam d'elle uns tres ou quatro sermões e o poema epico-lyrico — *A Assumpção da Virgem*. Os seus discursos mais celebres são a oração funebre da rainha D. Maria I, e a oração de graças pelo nascimento da princeza da Beira.

Na poesia, este notavel franciscano possuia certo calor, certa animação, que transparece atravez das agruras do assumpto abstracto e suprasensivel de seu poema. Por isto as melhores passagens d'este são, por certo, como já se tem dito, aquellas em que elle introduz scenas brasileiras no 3º e 6º cantos.

Eis a descripção do Rio de Janeiro, comparado na sua natureza e nas montanhas ás ruinas gigantescas do Egypto :

Hoje busca o viajor o immenso lago
De Meris, e só topa um campo vago.
E se restam taes obras peregrinas,
São sobejos do tempo e só ruinas.
Aqui pelo contrario por natura
Por brazões da primeira architectura
Volumes colossaes, corpos enormes,
Cylindros de granito desconformes.
Massas, que não ergueram nunca humanos,
Mil braços a gastar, gastar mil annos.

Por uma, e outra parte ao ceu subindo
Vão mil rochas, e picos, que existindo
Desde o berço do mundo, e de então vendo
Os sec'los renascer, e irem morrendo ;
Por tanta duração, tanta firmeza
Deuses parecem ser da natureza.
Ossos da grande mãe, que ao ar sairam
Na voz da creaçao ; e mal que ouviram
Que deviam parar, logo pararam
Nas fórmas e extensões, em que se acharam,
Que affiguram exercitos cerrados
De mil negros Tipheus petrificados.
Ao resto sobresae co'a frente erguida
Dos orgãos a montanha, abaſtecida
De grossas mattas, de sonoras fontes,
Que despenhando-se de alpestres montes,

Vêm engrossar o lago d'agua amara
 Do grão Nictheroy, do Guanabara.
 Tal a fabula diz, de Alfeo que o rio
 Faz por baixo do mar longo desvio...

Natividade Saldanha
 Natividade Saldanha, um notavel poeta
 brasileiro do primeiro quartel do seculo XIX.

Natividade Saldanha, nascido em Pernambuco em 1796, formado em direito em Coimbra em 1823, voltando ao Brasil, tomou parte na revolução que proclamara a *Republica do Equador*. Foi secretario do presidente Paes de Andrade. Depois da tomada do Recife, fugiu para a Inglaterra, mais tarde passou-se á França, aos Estados Unidos e finalmente a Venezuela. Morreu em Caracas, ao que se presume, em 1830. Apezar de ser um contemporaneo de W. Scott, Th. Moore, Shelley, Byron, Goethe, é um classico; mas é-o com força e brilho. Era um accentuado mestiço de sangue branco e negro.

Viveu vida atribulada, morreu moço no exilio, não tendo tempo e lazeres para avigorar o seu talento. Nelle as notas principaes eram a lyrica e a patriotica.

Eis um trecho da sua *Ode a Rabello*, na guerra da libertação de Pernambuco :

O' jovens brasileiros,
 Descendentes de heroes, heroes vós mesmos,
 Pois a raça de heroes não degenera,
 Eis o vosso modelo;

O valor paternal em vós reviva ;
 A patria que habitaes comprou seu sangue
 Que em vossas veias pulsa : .
 Imitae-os, porque elles do sepulcro
 Vos chamem com prazer seus caros filhos.

Assim em Roma o brio dos Horacios
 Nos recemnados filhos vegetava ;
 Assim, o egregio sangue
 Em Thermopilas dura derramado
 Antolhava em seus filhos vingadores :
 Tomae d'elles o brio, a força, a manha ;
 Sêde sempre fieis á patria cara ;
 Vos sereis brasileiros ;
 Sereis pernambucanos verdadeiros.

O padre **Januario da Cunha Barbosa** (1780-1846) Padre
Cunha
Barbosa não é tão notavel como Natividade Saldanha ; mas é uma figura de valor. Orador e poeta, politico e literato, trabalhou para a nossa emancipação e na literatura biographou alguns escriptores patrios ; estes ultimos são os seus melhores titulos.

De tudo o que escreveu, apenas raramente se lê hoje o *Parnaso Brasileiro*.

O poema *Nietheroy*, os *Garimpeiros* e a *Rusga da Praia Grande* estão esquecidos, e tudo o mais que escreveu em revistas e joruaes.

Tinha a paixão das exhibições, por isso creou associações, como o *Instituto Historico*, e escreveu em quasi todos os jornaes do tempo. No fundo não passava de um

humanista rhetorico ; a vulgaridade foi uma nota não rara em seus escriptos. Presta-se-lhe hoje attenção, porque o seu bom senso levou-o a collaborar na obra de nossa independencia. É este o facto capital de sua vida.

Frei Francisco Xavier de Santa Rita Bastos Barauna. Especie de Bocage de burel, genio vivaz, pranteiro e insaciavel, o frade bahiano atirou-se aos desregamentos de costumes, proprios de seu tempo em Portugal e Brasil. Foi um talento inutilizado pela pandega e libertinagem, envolto hoje numa camada de lendas picarescas.

Este vigoroso soneto parece denunciar-lhe as dôres occultas :

«Se um homem houver, homem tão forte,
Que possa ver, em sua casa entrando,
Malfeiteiros crueis, assassinando
A cara filha, a caudida consorte;

Se um tal homem houver, que sem transporte
Veja o céo rubros raios vomitando,
O mar pelos rochedos atrepando,
A terra inteira a bracejar com a morte :

Appareça esse heroe, assim disposto,
Que lhe quero mostrar por dentro o peito,
E quero lhe não mude a côr do rosto !

Ha de cair em lagrimas desfeito,
Vendo o meu coração pelo desgosto
Em mil roturas e pedaços feito...»

Bastos morreu em 1846 na Bahia.

No Recife em torno do nome do vigario **Francisco Ferreira Barreto** girou até ha pouco a lenda de ter sido elle um gigante da palavra e um poeta maviosissimo. Era a voz da fama, firmada em narrativas oraes.

Suas obras correm sob o nome de *Obras Religiosas e Profanas do Vigario F. Ferreira Barreto*, Recife, 1874.

José Eloy Ottoni (1764-1851).—Este velho poeta ^{Eloy Ottoni} não tem sido convenientemente julgado pela critica do paiz. Tanto mais exaltam Pedra-Branca e Paranaguá, quanto menos prezam o traductor de Job.

Eloy Ottoni, que falleceu na avançada idade de oitenta e sete annos em pleno seculo XIX, é uma physionomia literaria que deve ser estudada acuradamente. É um continuador da velha escola mineira, tendo quasi tanta suavidade romantica quanta os seus antigos companheiros. Sua importancia literaria deprehende-se das incertezas e azares de sua vida. Descendente de italianos audazes e e uprehendedores, Eloy é filho dos sertões de Minas, da cidade do Serro. Naquellas paragens o futuro poeta viu-se estimulado por tres grandes forças: a poesia popular, o estudo das letras latinas e a natureza.

Como lyrista, Eloy Ottoni teve um talento verdadeiramente apreciavel.

O poeta prefere a inspiração religiosa e resume o seu ideal em poucos versos nesta decima:

A lyra, que á flor dos annos
 Consagrei, cantando objectos
 Tão futeis, como indiscretos
 Hoje é só prestigio e damnos.
 Encontra só desenganos
 Que busca em trévas amor :
 Mas eu presinto calor
 De nova luz que me inspira ;
 Agora dá-me outra lyra !
 Unge meus labios, Senhor.

Vilella Barbosa Francisco Vilella Barbosa (1769-1846) era filho do Rio de Janeiro. Estudou mathematicas em Coimbra, formando-se em 1796 ; foi professor na Academia Real da Marinha e deputado ás cōrtes de Lisboa. Sua carreira scientifica e literaria passou-se em Portugal. No Brasil foi meramente politico. Escreveu pouco. Os *Elementos de geometria*, o *Discurso historico*, recitado na sessão da Academia das sciencias de 24 de junho de 1821, os *Poemas*, a celebre *Cantata á primavera*, são as suas obras principaes.

Vilella Barbosa foi um professor mediano, um poeta secundario e um politico sem talentos salientes.

Um mediocre bem equilibrado é o que parece ter sido a quem o estuda. Alguns historiadores mal informados supozeram-n'o um prototypo de patriotismo, um dos mais illustres factores de nossa emancaçação politica. «Logo que Vilella Barbosa, diz F. Wolf, teve conhecimento da declaraçāo da independencia do Brasil,

renunciou ao seu logar de deputado e demitiu-se do posto de major de engenheiros, dando maior apreço ao dever que o attrahia á patria do que aos empregos vantajosos que exercia.» Isto não é de todo verdadeiro, sabe-se hoje.

A afamada *Cantata á Primavera* é no seu conjunto prosaica.

Algumas das suas *Lyras* são mimosas. Sirva esta de exemplo :

Auras, que mansas vibraes
As azas nestes retiros,
Manda amor, vos alimentem
Meus ternissimos suspiros.

Mas se quereis
Matar ardores,
Temei suspiros.
Abrazadores.

Ecos, que nestes rochedos,
Ha muito estaes escondidos,
Manda amor, que vos despertem
Os meus ais, e os meus gemidos.

Mas se causar
Não quereis dôr,
Não repitaes
Queixas de amor.

Regatos, que ides correndo
 Tão pobres de vossas aguas,
 Manda amor, que vos augmentem
 O meu pranto, e as minhas máguas.

Mas se quereis
 Puros crystaes,
 Prantos de amor
 Não recebaes.

Auras, ecos e regatos,
 Pois amor pôde em vós tanto,
 Recebei compadecidos
 Meus suspiros, ais e pranto,
 Amor vos dê
 Frescura amena,
 Alegres sons,
 Onda serena.

Borges de Barros • Domingos Borges de Barros, visconde da Pedra Branca, (1779-1855), foi poeta de mais alto vôo do que o marquez de Paranaguá. Sua biographia nada offerece de original.

Formou-se em jurisprudencia em Coimbra ; entretive relações amistosas com Filinto Elysio, Bocage, José Agostinho de Macedo e outros poetas portuguezes dos fins do seculo XVIII.

Fez uma primeira viagem a Paris em 1806. Em 1811, de volta á Bahia, sua terra natal, foi preso e remettido para o Rio de Janeiro.

A attitude politica de Pedra Branca , depois da emancipaçāo do Brasil, não é bem conhecida.

Em 1824 José Bonifacio queixava-se d'elle em cartas dirigidas a Menezes de Drummond , criticava-lhe o caracter e appellidava-o de *Pedra parda* ! Parece que Borges de Barros era para o velho Andrade um mestiço disfarçado, erguido a nobre pelo primeiro imperador.

O visconde tornou-se um homem do paço ; fez muitas viagens á Europa e morreu senador em 1855. Passa por ter sido um grande galanteador e seus versos o provam até certo ponto. Suas obras principaes—*Poesias offerecidas ás senhoras brasileiras por um bahiano*, as *Novas poesias offerecidas*, etc., e o poemeto *Os tumulos*.

É de 1811 a seguinte *Ode* :

AO CHEGAR Á BAHIA

Salve ó berço onde vi a luz primeira !
Risonhos montes, deleitosos ares !
Eu te saúdo, ó patria !

Como no peito o coração festeja !
Todo me sinto outro : são delicias
Quanto em torno a mim vejo.

Tem outro ar o céo, outro estas arvores !
Por onde adeja Zefiro embalsama !...
Dá que te beije, ó terra !

Deste que só tu dás prazer, tres lustros
 Privado, qual proscrito arrasto a vida
 Em forçados erros.

O' quanto de ventura o ledo aspeito
 Das passadas desgraças a lembrança
 Nos apresenta viva!

Não houvera prazer se a dôr não fôra;
 Perenne facil gozo, toma a essencia
 Da fria indifferença.

Aqui foi que eu nasci, devo a existencia,
 Devo tudo o que sou a ti, ó patria!
 Eis-me: é teu quanto valho.

É nos trabalhos que no peito ferve
 O nobre patriotismo: o braço, o sangue
 Aqui te entrego, ó patria!

José Bonifacio de Andrade e Silva é um dos typos mais complexos e mais interessantes da historia da America. Sabio, poeta, homem de Estado, o velho paulista apresenta-se hoje aureolado por uns e denegrido por outros.

Nasceu elle em Santos, na provincia de S. Paulo, aos 13 de junho de 1765. (1) Aos dezoito annos, em 1783, embarcou para Portugal. Já nesse tempo fazia versos o futuro mineralogista.

(1) Esta, e não 1763, parece ser a data exacta do nascimento de J. Bonifacio. No seu livro de poesias diz que partira para Portugal em 1783, com 18 annos de idade.

Chegado a Portugal, José Bonifacio matriculou-se nas faculdades de philosophia e leis na universidade de Coimbra. O governo portuguez mandou-o correr os principaes centros intellectuaes da Europa.

A viagem de José Bonifacio, em companhia de Ferreira da Camara e Fragoso de Sequeira, começou em 1790 e durou dez annos. Dirigira-se elle a Paris onde cursara chimica e mineralogia, ouvindo Chaptal, Fourcroy, Jussieu e Haüy. Passou a Freiberg, onde ouviu Werner em oryctognosia ; Lempe em matematicas puras e applicadas ; Köhler em legislação das minas ; Kotzsch em chimica mineral ; Freisleben em chimica practica e Lampadius em metallurgia. De Freiberg passou a visitar as minas do Tyrol, da Styria e da Carinthia. Desceu á Italia, onde ouviu Volta em Pavia. Em Padua examinou os montes Euganeos, refutando a theoria vulcanica de Ferber e Spallanzani. Frequentou Priestley na Inglaterra. Viajou nos paizes scandinavos, ouvindo Bergmann em Upsala e Abilgaard em Copenhague. Na Suecia dedicou-se a investigações praticas de mineralogia, descobrindo quatro especies de mineraes novas, a *Petalite*, a *Spodumene*, a *Scapolite* e a *Kryolite*. As variedades—*Akantikone*, *Salite*, *Cocolite*, *Ictyophihalma*, *Indicolite*, *Aphrizite* e *Altochroite*, são devidas tambem ao nosso compatriota.

Durante suas excursões pela Europa, José Bonifacio dirigiu notas e communicações a revistas scienti-

ficas allemães e francezas ; entre outras ao *Jornal das Minas*, ás *Actas da Sociedade de Historia Natural*, aos *Annaes de Chimica*, ao *Jornal de Physica*, de França ; ao *Jornal de Chimica* de Scheerer, da Allemanha.

Neste período devemos incluir um poeta quasi desconhecido das nossas letras, Manoel Mathias Vieira Fialho de Mendonça, que nasceu em Portugal, mas veio muito menino ainda para a Bahia e ahi se educou. Mais tarde voltou para Portugal e estudou na universidade de Coimbra. Morreu aos 33 annos de idade, por excesso de estudos. Publicou as *Rimas poeticas* e fez excellentes traduções da literatura classica latina. Nas *Rimas* de Mendonça ha sempre recordações da sua vida no Brasil, e porque não são conhecidas aqui transcrevemos alguns de seus versos. No tomo I das suas *Rimas* ha uma Ode dedicada a Antonio José do Amaral, de quem era «companheiro e amigo». Em um dos seus sonetos diz que foi mestre de latim na Bahia.

No paiz dos sanguins e das cotias
Fui mestre de latim....

I, 49.

Referem-se ainda á Bahia, varios logares das *Rimas*, t. II, pags. 12, 16, 80 (Idyllio a despedida da Bahia), 85 (epist. a F. Cardoso, o latinista e poéta da Bahia). Em Coimbra chora o poeta as saudades do Brasil e das brasileiras, e espera ancioso o momento do regresso, como tal se vê d'este trecho (II, 89) :

Ah ! quem vio como eu vi dançar mulatas
O lundú festival, não he desgraça
Ao tal Fandango ouvir bater as patas?

A voz da Brazileira hum peito enlaça,
 Seu canto, seu desdem, seu ar, seu mimo,
 D'amor, e natureza alcança a graça.

Inda por certa coiza a voz comprimo,
 Senão infimos podres publicára,
 Que tu entedes bem, se os não exprimo.

He pois a formosura aqui tão rara,
 Que o rosto mais gentil por timbre ao menos,
 Apresenta hum nariz de palmo e vara.

Quando verei com circulos serenos
 Volver huma menina as carnes alvas,
 De huma citra, ou viola aos sons amenos ?

Os que cabellos têm, e os que têm calvas,
 Tudo babado está de amor, de espanto,
 Que a Idade para amor não dá resalvas.

Dellas goza, Jozino, o doce encanto,
 Das Brazilicas Selvas, oh Deidades,
 Inda aos olhos por vós me pula o pranto.

Eu soffrendo as crueis brutalidades
 Desta rusticâ gente, irei vivendo
 Abraçado co'as minhas saudades.

Minha lira saudosa aqui tangendo
 Ao pé da amena fonte dos Amores,
 Que por entre seixinhos vai correndo :

Ora cantando os barbaros rigores
 Com que Ignez pelo crime de ser bella
 Expirou nos punhaes dos matadores ;

Ora attento na dôr que me atropella.
Formando queixas mil contra o meu Fado,
Irei assim cumprindo a minha estrella.

Té que, chegando o dia desejado,
Termo dos meus trabalhos incessantes,
Diga fóra da Ponte bem montado :
« Adeos, Terra, madrasta de Estudantes. »

SECULO XIX

(PHASE CLASSICA)

II

Prosadores: Oradores sagrados, historiadores, publicistas.

Nos ultimos annos do seculo XVIII e nos primeiros do XIX, tivemos no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, uma pleiada de oradores sagrados.

Os seus nomes não estão hoje de todo deslebrados pelo povo brasileiro : porque estes homens preencheram uma dupla função no seu tempo : ajudaram a modificação nacional da lingua e concorreram para a accentuação das idéas de independencia. São estes os titulos que lhes garantem um lugar na historia. Os velhos chro-nistas portuguezes que escreveram no Brasil estavam esquecidos. Só a poesia era cultivada pelos talentos nacionaes. A prosa apenas começava a ensinar-se em Jaboatãm, Silva Lisbôa, seu irmão Balthazar e poucos mais. Era, porém, a prosa dura e aspera, applicada a materias áridas, prosa despida de qualquer adorno artístico.

Os sermonistas tiveram mais ousadias poeticas, mais fogo, mais vida ; as peças oratorias eram escriptas para serem recitadas, mas eram-no com verdadeiro entusiasmo. O povo que nada lia,

era ávido por ouvir os oradores mais famosos. A emulação estimulava, os accendia em fortes impetos. Tinham de falar diante do rei e sentiam a vaidade de sobrepujar os oradores de Lisboa.

Não havia divertimentos publicos como hoje; o theatro era nullo; as festas de egreja eram concorridíssimas.

Depois de tres seculos de emigrada para o Brasil, a lingua portugueza estava bastante alterada na pronunciaçāo e no meneio da phrase na bocca do povo; mas ainda não tinha esse *brasileirismo* da linguagem uma consagração literaria. Os prégadores deram-lhā diante dos régios ouvidos de João VI. Por outro lado, todos aquelles padres e frades illustres eram grandemente patriotas, e entre outros, Sampaio e Cunha Barbosa foram figuras prominentes na obra da nossa emancipaçāo. Já antes, o conego Luiz Vieira, orador mineiro, tomára parte na mallograda Inconfidencia.

Deixamos de considerar os nomes de Sousa Caldas, São Carlos, Januario Barbosa, Vigario Barreto, Frei Bastos, porque já foram apreciados como poetas.

Fr. Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio
 Frei Sampaio (1778-1830.) Foi um orador que se distinguiu dos seus companheiros por uma certa energia de phrase. D'elle nos restam poucos especimens oratorios publicados.

É impossivel fazer por esses documentos a psychologia literaria do illustre franciscano. O sermão é um gēnero que não deixa grandes entradas á individualidade, tem um molde certo, doutrinas preestabelecidas; é um gēnero de ornato e convenção. Todavia, ouçamos um fragmento de Sampaio, e seja um em que fala do Brasil.

Pedro I restabelecerá-se de uma molestia, e por occasião de um *Te-Deum* de graças, disse o orador:

«Contae, contae, senhores, com a desgraça do Brasil, com a queda do nosso sistema constitucional, com a espoliação de vossas riquezas, com a perda de vossa segurança, com a vergonha dos ferros do mais atroz despotismo, com os flagelos da anarchia, com a humilhação da nossa independencia, com o eclipse, enfim, do Brazil, si perdemos o imperador. Que triumpho para os partidos de oposição contra o sistema monarchico constitucional ! Veríamos reproduzida neste imperio a sorte infeliz da Macedonia depois da morte d'aquelle que levou suas armas em triumpho sobre as ruinas dos imperios da grande Asia. A historia das nações nos mostra que bem raros são os principes zelosos da prosperidade dos povos ; nos mostra mais que quando as revoluções chegam a suffocar o poder supremo, poder de moderação para segurança do equilibrio nacional, os povos experimentam males incalculaveis ; e depois de exauridas as forças de sua paciencia, não duvidam entregar os pulsos a quem os submitter debaixo do jugo da escravidão, com promessa de poupar seu sangue...»

Neste gosto continua o frade orador ; são palavras de homem ingenuo, illudido sobre os meritos politicos de Pedro I, mas são palavras de um espirito liberal.

Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca (1779-1825.) Frei
Caneca
O frade pernambucano, poeta e orador, politico e jornalista, foi uma victima do primeiro reinado.

Não era um doutrinario, ou um organisador ; não era tambem um conspirador de todos os instantes ; não era um Danton, nem um Mazzini ; era um carácter capaz de sacrificar-se por um partido.

Caneca é a mais nitida encarnação do espirito revolucionario do começo do seculo XIX no Brasil. Temos hoje elementos para conhecê-lo a fundo. D'elle nos restam cartas, poesias, artigos politicos, polemicas, sermones e um interessante *Itinerario ao Ceará*, quando fez o seu exodo revolucionario até os altos sertões d'aquella província, depois da tomada do Recife em 1824.

Era um homem simples, intelligente, decidido e maniaco pela liberdade brasileira.

Implicado no movimento revolucionario de 1817, foi preso, posto a ferros, mettido no porão de um navio e enviado para a Bahia, onde jazeu encarcerado alguns annos. De volta ao Recife, pouco depois foi o director da revolução de 24. Pedro I havia dissolvido a constituinte e oferecido á nação o seu projecto de constituição. Aos desgostos accumulados em Pernambuco, veio juntar-se mais este. Caneca prégou a resistencia e d'ahi a lucta. Teve, porém, a fraqueza de tomar por chefe o inepto Paes de Andrade. Chamado pela Camara da capital a dar o seu voto sobre o projecto constitucional, o carmelita expressou-se contra elle e seu parecer correu impresso.

Desde então, sempre e sempre prégou a resistencia. Fundou um jornal politico, o *Typhis Pernambucano*, que deve ser lido como um repositorio de idéas e juizos sobre os acontecimentos e sobre os homens de 1824. Pedro I, os Andradadas, Silva Lisboa, o padre Moniz Tava-

res, são julgados desapiedadamente, mas com um fundo de justiça admiravel. Dos sermões e das poesias de Caneca, restam-nos poucas amostras, que perdem todo o interesse diante de seus escriptos politicos.

A nota predominante de seu temperamento moral era o patriotismo. Imbuido das idéas liberaes espalhadas no mundo pelos publicistas francezes do fim do seculo XVIII, o nosso republicano era um homem de boa fé, honesto e sem tergiversações. Ia direito á sua propaganda, levado pelo desinteresse e pelo entusiasmo. Era amigo de Cypriano Barata, de Filgueiras, de Tristão Araripe, dos republicanos do seu tempo ; era o mais sincero e ousado de todos elles. Nada de artificios literarios nos seus escriptos ; é grosseiro naturalmente, por indole, na polemica; é singelo, tambem por indole no *Itinerario ao Ceará*. Como revelação de um caracter, este pequeno escripto vale mais do que os quatro volumes de sermões de Mont'Alverne.

Tinha um inimigo innato, perpetuo : era o portuguez, o *marinheiro*, como sempre escrevia. Sonhava um Brasil autonomo, confederado, republicano. Por estas idéas foi fuzilado a 13 de janeiro de 1825.

O commendador Antonio Joaquim de Mello publicou, no Recife, em 1875, as *Obras Politicas e Literarias* de Frei Caneca, 2 v.

Frei Francisco de Mont'Alverne. Era um homem alto, de fronte espaçosa, de vulto athletico, de voz forte

e sonora ; tinha grande imaginação, cuja força estava mais no poder de enroupar bem os pensamentos do que em produzil-os amplos e fecundos. Nascido nos fins do seculo XVIII (1784), educado pelo velho methodo dos humanistas do Rio de Janeiro, esteve, comtudo, acima de seus conterraneos pelo brilho da dieção. Sua linguagem não tem o falso sainete do lusismo classico ; é *abrasileirada* e incorrecta a nosso modo.

O illustre frade era em extremo orgulhoso. Não o escondeu em seus escriptos e a tradição o mostra ainda hoje.

Suppunha-se um grande orador e um philosopho profundo ; neste ultimo ponto enganava-se ingenuamente. Attribuia á força do pensamento o que não passava do brilho da imaginação. O documento que nos deixou de sua capacidade philosophica é simplesmente lamentavel.

Como prégador teve merecimento ; não todo aquelle que os nossos *chauvinistas* propalam inconvenientemente, mas de todos os nossos sermonistas é o unico que pôde ainda hoje ser lido sem enfado. Certo brilho de fórmula, o talento objectivista de traçar quadros, a cadencia dos periodos o fazem apparecer quasi isolado no meio dos seus congeneres. Foi o ultimo e o maior d'elles. Professou em 1802 ; exerceu varios cargos de sua ordem ; atirou se á eloquencia em 1816 ; cegou aos cincuenta e dous annos, em 1836. Passou dezoito annos recolhido ao silencio e

aos setenta (1854) subiu de novo ao pulpito a rogos de D. Pedro II.

O frade orador era um perfeito artista dramatico, e nessa resurreição oratoria foi insigne, dizem, no manejo de seus recursos. Conta-se que o nosso actor, o celebre João Caetano, ia, quando moço, sempre ouvil-o para aprender a declamar. São accordes em dizer os que o conheciam que se não pôde fazer idéa do que elle foi só pela leitura dos sermões.

Aqui citaremos esse célebradíssimo exordio do sermão de São Pedro de Alcantara :

«Já não é dado ignorar a causa d'este impeto divino que arremesson através de mil azares esses homens escolhidos para mudar a face da terra. É inutil fingir desconhecer a origem d'essas façanhas singulares, de que justamente se ensorbece a bella filha do céo. Expiações crueltas preludiavam esta regeneração, que os séculos esperavam com extrema anciadade. Holocaustos espontâneos ensaiavam esta renúncia de si mesmo, estas quebras do egoismo, a que estava ligada a purificação da especie humana; mas todos esses rasgos de dedicação, todos esses brios da magnanimidade ficaram muito longe das provas a que eram chamados os representantes do novo progresso racional.

«Repelidos por tantos revezes, desanimados em tantas derrotas, os mais experimentados contendores cederam a arena, que elles haviam coberto de ruinas.

«Convinham outros meios, eram mister empenhos de outra ordem.—Louros ainda não estimados, uma aureola de que ainda não havia noticia, premios ainda não concedidos podiam só reanimar a constancia d'esses mantenedores que deviam achar-se a braços

com todas as difficultades, vencer todos os obstaculos, dominar todos os preconcitos, e desfazer todos os prejuizos. Só um diadema em que se prendia a immortalidade com todos os seus fulgores e toda a magia d'uma felicidade interminavel, era digna de compensar tântos suores e coroar tantas fadigas. Todos os aunaes deram conhecimento deste abalo com que o mundo foi sacudido, e pôz em desuso as idéas recebidas. As agapes dos confessores condemnavam esses festins marcados com o estigma da atrocidade, e com excessos da intemperança; batalhões de virgens mandadas á morte, por conservar sua pureza cobriam de confusão essas mulheres, que não tinham pejo de assistir em completa nudez ás ceias voluptuosas de Tigelino nas alamedas de seus jardins illuminados ; e a matança do lago Fucino para satisfazer os caprichos d'un despota que recebia os ultimos emboras da majestade do Povo-Rei, era contrastada por esses milhões de homens amontoados nos amphitheatros, consumidos nas fogueiras, e despedaçados nos cavalletes afim de justificar que a hora da salvação tinha chegado, e que a humanidade estava regenerada. Cada seculo apresentava peripecias ainda não apreciadadas. As flagellações realizavam as scenas do martyrio; a penitencia vinha sentar-se no logar das perseguições, e as virtudes pacificas substituiam os surtos da heroicidade. Um só homem recopilou todos esses meritos, e obteve as mais ardentes ovações. Os arroubos da abnegação evangelica, o espirito de reforma, a ostentação da omnipotencia divina bastam para dal-o a conhecer. Os anjos o chamaram Pedro, o logar do seu nascimento accrescentou-lhe o appellido de Alcantara.... — Não, não poderei terminar o quadro, que acabei de bosquejar: compellido por uma força irresistivel a encetar de novo a carreira que percorri vinte e seis annos, quando a imaginação está extinta, quando a robustez da intelligencia está enfraquecida por tantos esforços, quando não vejo as galas do sanctuario, e eu mesmo pareço estranho áquelles que me escutam, como desempenhar esse passado tão fertil de reminiscencias; como reproduzir esses transportes, esse enlevo com que realcei as festas da

religião e da patria? É tarde! é muito tarde! Seria impossivel reconhecer um carro de triumpho neste pulpito, que ha dezoito annos é para mim um pensamento sinistro, uma recordação afflictiva, um phantasma infenso e importuno, a pyra em que arderam meus ollios, e cujos degráos descí só e silencioso para esconder-me no retiro do claustro. Os bardos do Thabor, os cantores do Hermon e do Sinai, batidos de tribulações, devorados de pezares, não ouvindo mais os echos repetirem as estrophes dos seus cantos nas quebradas das suas montanhas pittorescas; não escutando a voz do deserto que levava ao longe a melodia dos seus hymnos, penduravam seus alaudes nos salgueiros que bordavam o rio da escravidão; e quando os homens que se deleitavam com o perfume de seu estylo e a beleza de suas imagens, vinham pedir-lhes a repetição d'essas epopéas em que perpetuavam a memoria de seus antepassados, e as maravilhas do Todo-Poderoso, elles cobriam suas faces humedecidas do pranto, e abandonavam as cordas frouxas e desafinadas de seus instrumentos musicos ao vento da tempestade. — Religião divina, mysteriosa e encantadora, tu que dirigiste meus passos na vereda escabrosa da eloquencia; tu, a quem devo todas as minhas inspirações; tu, minha estrella, minha consolação, meu unico refugio, toma esta corôa... Se dos espinhos que a cercam rebentar alguma flôr; se das silvas que a enlaçam reverdecerem algumas folhas; se um adorno renascer d'estas vergonteas já séccas; deposita-a nas mãos do Imperador, para que a suspenda como um tropheo, sobre o altar do grande homem, a que elle deve o seu nome, e o Brasil a protecção mais decidida...»

De Mont'Alverne existem : *Obras Oratorias*, Rio de Janeiro, 1852 ; *Panegyrico de São Pedro de Alcantara*, Rio, 1855 ; *Compendio de Philosophia*, Rio, 1859.

Passemos a outra classe de prosadores d'esse periodo.

José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo (1753-1830). Foi filho do Rio de Janeiro e sacerdote, chegando ao grão de monsenhor. É conhecido ainda hoje de nome e não é nada lido.

É auctor de uma vasta compilacão sob o titulo de *Memorias historicas do Rio de Janeiro e das provincias annexas á jurisdicçao do vice-rei do Estado do Brasil*.

É um formidavel cartapacio em dez volumes, publicados entre 1820 e 22.

Neste podemos gabar certo amor ao trabalho e boa dóse de pacienza. Mas é só isto. A sua grande obra é um producto longo, pesado, informe, mal escripto e completamente alheio ao methodo.

Nem é uma narrativa historica feita pelo auctor firmado nas boas fontes, nem é uma simples collectanea de documentos; é uma e outra cousa atropelladamente. É tal a ausencia de methodo que até a simples ordem chronologica não é respeitada.

Logo no 1º volume, depois de dar no primeiro capitulo uma noticia da descoberta e fundação do Rio de Janeiro, passa no capitulo immediato o auctor a tratar da tomada da cidade por Duclerc e Duguay-Trouin no seculo XVIII!...

De toda a obra o volume mais interessante é o 7º, onde nos descreve o estado do Rio de Janeiro em 1818 ou 19.

As *Memorias* podem e devem ser lidas por quem andar á cata de factos e minudencias sobre certas localidades do paiz. Mais nada.

O estylo de Pizarro é monotono e pesadão. Quasi se não encontra um trecho onde o leitor se deleite das fadigas da jornada. E, todavia, vejamos a descripção do Passeio Publico d'esta cidade. É no cap. 3º do vol. VII:

« As ruas que o formoseam, delineadas com figuras diferentes e ornadas por diversas arvores fructiferas do paiz, cujos ramos extensos e vistosissimos reparam a ardencia do sol ou a caída das chuvas, fazem agradavel a situação, para ser frequentemente visitada, achando os hospedes em meio do logar assentos de pedra lavrada, onde descancem, e de cada um dos lados da rua principal vistosas mesas tambem de pedra, cobertas de jasmins, que convidam os passeiantes a entreter em sociedade as horas de recreio. Nos mesmos sitios estão dois lagos construidos artificiosamente, no meio dos quaes se levantaram outros tantos obeliscos de pedra com as seguintes inscripções: *Á saudade do Rio* e *Ao amor do publico*; e fronteira a elles ficou a cascata, sobre que um fingido coqueiro, como plantado em pedragoso monte, onde pousam alguns passaros de bronze, mostrava o producto vegetal da sua classe. D'alli dois jacarés fabricados em bronze, parecendo recrear-se entrelaçados fóra do seu leito natural, soltam as aguas por canaes diversos para um alto tanque proximo, em que observam a perfeição de suas semelhanças. Duas escadas, erigidas a um e outro lado da cascata, dão entrada para o terraço avarandado e lageado de marmore, que paredes grossas defendem dos movimentos impetuosos do mar: e nesse logar aprazivel pela vista desempedida desde o longo da barra da cidade até o interior da enseada, se encontra de traz da cascata uni genio figurado em marmore, que, despejando pela boca de uma tartaruga sustentada nas mãos, sobre um barril

de pedra ordinaria as aguas industriosamente recebidas da cascata, diz aos sequiosos — *Sou util,inda brincaudo.*

Occupam o parapeito em roda do mesmo terraço varios ale-gretes com flôres, que entermeiam diferentes assentos de pedra comum e ornam alguns vasos de marmore; e duas casas ou pavilhões levantados em cada extremidade fazem aui brilliantemente a sua perspectiva. Compunham as paredes interiores do que está para a parte da Lapa alguns quadros a pincel, representando as grossas armadas que em certa estação ancoraram neste porto; e revestiam o tecto escolhidas madreperolas, dispostas em festões de flôres com a diferença das côres que a natureza imprimiu no forro da carne dos mariscos. Ornavam as paredes da outra, para a parte de Santa Luzia, diversos painéis, em cujos pannos se debuxaram exactamente varias fabricas e officinas do Brasil; e guarneциam o tecto delicadas pinturas de pennejado, formadas de plumagens das aves, que faziam admirar a dexteridade dos executores de taes obras e muito mais a delicadeza do auctor d'ellas desenhando-as com particularissima intelligencia. Duas figuras em forma de obeliscos rematavam os pontos médios de cada uma das casas, em cujos angulos se haviam collocado outros tantos ananazes, que, sem dissemelhança dos produzidos pela terra, mostravam sua figura e particular perfeição ».

Os conhecimentos de Pizarro são insignificantes ; os primeiros volumes tratam do Rio de Janeiro (*I a VIII*) e são os melhores.

Em uma palavra, e para dar uma impressão total : as *Memorias do Rio de Janeiro* não passam de repertorio de noticias para a nossa historia. Não é uma obra methodica e muito menos artisticamente feita.

Reclama agora algumas linhas o conego **Luiz Gonçalves dos Santos** (1767-1844).

Luiz
Gonçal-
ves dos
Santos

Publicou em 1825, em Lisboa, umas *Memorias para servir á historia do reino do Brasil.*

A obra é dividida em tres partes correspondentes a tres épocas intituladas a *felicidade*; a *honra*, a *gloria do Brasil*. É uma chronica dos tempos de D. João VI entre nós, em estylo excessivamente elogiastico a esse monarca. O livro é futil em sua quasi totalidade; tem um prestimo, todavia, e vem a ser o encerrar noticia detaillada de todas as grandes festas publicas realizadas no Rio de Janeiro nos tempos intitulados do rei velho — de 1808 a 1821.

Com a falta do padre Luiz Gonçalves ficariamos sem conhecer uma das faces mais caracteristicas do reinado de D. João VI neste paiz. Foi um tempo de alegria e expansão festivas como nunca mais houve nesta cidade. Annos do rei e dos principes, dias nacionaes, dias dos santos dos nomes da familia real, tudo eram pretextos para funcções e divertimentos.

Nada, porém, excedeu aos festejos realizados por occasião das nupcias da princeza D. Maria Thereza, por occasião do desembarque da princeza austriaca D. Maria Leopoldina, por occasião da acclamação de D. João VI, e para commemorar o casamento de D. Pedro de Alcantara. Foram festas exactamente reaes e principescas; havia

então verdadeiro bem-estar na população, havia dinheiro e o entusiasmo que elle sabe inspirar.

O povo tomava em tudo parte activissima, todas as classes se faziam representar. Era immensa a profusão de arcos triunphaes, templos gregos, obeliscos egypcios, carros emblematicos, illuminações, roupas de gala, danças, cavalhadas, folias de toda a especie.

As decorações eram feitas por Grandjean de Montigny, Debret, Marcos Ferrez, Luiz Xavier, Francisco das Chagas, e a musica era de Marcos Portugal, José Mauricio e gente d'esta altura.

As *Memorias* de Luiz Gonçalves são assim um excellente subsidio para conhecermos a vida exterior, a arte decorativa, as danças, as festas no Rio de Janeiro no primeiro quartel do seculo XIX. Infelizmente é só a face externa que apparece em toda a sua intensidade. Os autores de novellas que quizerem estudar o tempo de D. João VI têm alli um fecundo manancial; as descripções protrahem-se por paginas e paginas.

Como individualidade representativa do desenvolvimento brasileiro, o padre Luiz Gonçalves é typo quasi negativo.

Sua obra principal é apenas curiosa como repositorio de descripções das festas da corte faustosa de D. João VI, e como documento do prurido de adoração régia de que soffriam muitos espiritos ainda em começos do seculo XIX.

É curioso o paralelo que se pôde fazer entre o Rio de Janeiro de 1590 por occasião da entrada do padre visitador acompanhado

de Cardim e por este descripto, e a cidade festivamente adornada em 1817 para receber a filha do imperador d'Austria, segundo a narrativa de Luiz Gonçalves. Dois seculos tinham-ná mudado completamente em extensão e riqueza.

Politica e socialmente, a transformaçõ era ainda maior. O trabalho de quatro gerações tinha feito do Brasil um grande corpo autonomo, prompto para tomar sobre seus hombros o peso de seu proprio destino, e tinha feito de sua capital uma bella cidade intelligente e rica, ruidosa e mercantil.

Á chronica submissa e decorativa do conego Luiz Gonçalves sucedeua entre nós a historia mais desassombrada de **Balthazar da Silva Lisboa** (1761-1840). Aquelle Balthazar desfazia-se em louvaminhas ao rei e ao governo portuguez, este estygmatiou cruelmente logo no prologo de seus *Annaes* as dnras perseguïções soffridas da parte da metropole pelos brasileiros.

Balthazar Lisboa é, como seu irmão José da Silva Lisboa, nm dos homens de maior merecimento qne o Brasil tem possuido.

Era formado em direito. Conhecedor notavel da jurisprndencia e forte cultivador da historia e das sciencias naturaes, a botanica em especial mereceu-lhe assiduos cuidados.

Filho da Bahia, estndou em Coimbra direito e sciencias positivas. Foi jniz de fóra no Rio de Janeiro, ouvidor na comarca de Ilhéos, onde tambem exerceu o cargo de juiz conservador das mattas. Mais tarde advogado no Rio de Janeiro e por ultimo lente na faculdade juridica

de S. Paulo. Escreveu muito; algumas obras publicou e outras lhe ficaram ineditas.

Versam sobre suas tres especialidades — jurisprudencia, botanica e historia. As principaes são:

Discurso historico, politico e economico dos progressos e estado actual da philosophia natural portugueza, acompanhado de algumas reflexões sobre o estado do Brasil; Princípios de physica vegetal; Riqueza do Brasil em madeiras de construcções e carpintaria; Memoria topographica e economica da comarca dos Ilhéus; Memoria acerca da abertura de uma estrada pela costa, desde a villa de Valença da Bahia até ao Rio Doce; Memoria sobre a província da Bahia, sua descoberta, povoação primaria e governo; Descrição das arvores de construção pelos caracteres botanicos; Memorias sobre as mattas da comarca dos Ilhéus, córtes das madeiras estabelecidos em diversos logares; Apontamentos para a historia ecclesiastica do Rio de Janeiro. Outros muitos escriptos publicados ou ineditos ficaram-nos do velho bahiano e entre elles o mais conhecido de todos sob o titulo de *Annaes do Rio de Janeiro*, em sete tomos, publicados em 1834 e 35. Balthazar é um dos mais authenticos exemplares d'aquelles homens estudiosos, activos e trabalhadores que constituiram a legião de sabios brasileiros da valente geração do ultimo quartel do seculo XVIII e começos do seculo seguinte.

Boas e vastas leituras, grandes conhecimentos praticos, nehum sentimento artistico da fórmula mostravam elles. Até os proprios titulos de seus livros nos está a denunciar esta nota que lhes fazemos.

Os dois irmãos Lisboas, afastando-se do grupo geral, vieram a ocupar-se um de estudos sociaes e outro de investigações historicas. E este é Balthazar.

Os *Annaes* são um apanhado mais methodico e mais original do que a obra de monsenhor Pizarro, seu espirito é mais liberal e independente do que o do livro do conego Luiz Gonçalves ; mas estão ainda muito longe de ser uma verdadeira construcção historica.

Falta-lhes uma philosophia, falta-lhes uma doutrina theorica, falta-lhes a visualidade synthetisante, falta-lhes o talento reproductivo, falta-lhes a imaginação animada. Ali não palpita a alma de um povo ; ha um montão de factos mortos e sobrepostos uns aos outros.

O historiador conhece nossas riquezas naturaes, fala nellas, na uberdade do sólo, na suavidade do clima, refere-se variadamente á nossa fauna e á nossa flora ; em seu livro apparecem as raças americanas, os escravos, os colonos europeus ; tudo, porém, por séstro descriptivo e sem um nexo causal.

D'ali não se tiram nenhuma consequencias ; apparece tudo como elementos esparsos de uma construcção não realizada.

As idéas do auctor são mesmo antiquadas para seu tempo em certas questões. O livro é de 1834 ; mas conhece-se que foi quasi todo elaborado quarenta annos antes. Póde-se bem vê-lo, *verbi-gratia*, pelo capitulo em que discute a origem dos povos americanos. Lisboa nem ao menos formulou bem os dados d'esta questão.

Citaremos como amostra do estylo e das idéas do auctor, este pedaço dos *Annaes do Rio de Janeiro*, aufe-

rindo ao mesmo tempo o leitor a vantagem de conhecer o estado dos estudos americanos entre nós ha setenta annos.

O velho Balthazar resume toda a sciencia do tempo e para muita gente elle não foi ainda ultrapassado.

São, por outro lado, paginas de onro sob o ponto de vista psychologico, porque revelam a arraigada preoccupação orthodoxa do escriptor bahiano.

Eil-as :

« Os Jesuitas e outros Missionarios que penetraram o interior de tão vastos paizes, desde o Rio da Prata até o das Amazonas, jamais poderam descobrir algum monumento que confirmasse d'on de vieram os seus habitantes, e tanto mais é impossivel assinalal-o, não tendo os indigenas o uso de escrever, nem monumentos, ou hysroglyphos, que determinassem esta questão tão difficult, como é de saber porque povos se fez a passagem para este continente e mais porções da America meridional e septentrional ; não obstante serem os mais civilizados entre estes os peruvianos e mexicanos, com tude jamais se acharam ao menos tradições oraes da origem do seu nascimento. É por conseguinte temeridade assinalar-lhes alguma origem, havendo lido as obras do padre Gregorio Garcia, sobre a origem dos indios do novo mundo impresso em Valença de Hespanha em 1687, e a historia natural e moral das Indias pelo padre José da Costa. Uns attribuiram a origem aos europeus, outros aos africanos, muitos outros aos asiaticos, varios aos scythes, aos tartaros, aos ethiopes, aos phenicios, aos carthaginezes, aos celtas, aos antigos gallos, suecos, dinamarquezes, inglezes, irlandezes e allemães. Outros, com Gomara, aos de Cananéa, expulsos de suas possessões pelos hebreos no tempo de Josué, varios, com Thevet, suppozeram

a passagem para a America do Norte d'Asia, que os israelistas foram trazidos da Media pelo rei Salmanazar, isto é, desde a destruição do reino de Israel.

Grocio na sua obra sobre a origem dos americanos, publicada em 1642, supoz provir dos povos da Europa e Asia, affirmando que o isthmo de Panamá, que une a parte septentrional com a meridional, era considerado como uma barreira impenetravel, que se parava os habitantes de uma parte da communicação da outra; persuadiu-se que quasi toda a America septentrional, á excepção de Yucatan, fôra povoada pelos noruegas, que passaram por Islandia Groenlandia, Estotilandia e Noremberga: que os allemães seguiram aquelle exemplo, para répartirem entre si os paizes ferteis, tendo achado em Yucatan o uso da circumcisão, e até do baptismo; que dos povoadores da America foram os nossos christãos da Etiopia. Supoz descendentes dos chinezes os peruvianos, por causa da semelhança, costumes, leis e outras vãs conjecturas desmentidas por sabios viajantes e por Laet. Affirmou o padre Costa, que muito tempo viveu no Perú, e Garcilasso da Veiga sendo descendente por sua mãe do sangue dos Incas, que aquelles povos não conheciam caracteres nem algum genero de escriptura. Bastava a diferença das côres entre os ethiopes, que são negros, e os habitantes de Yucatan, que o não são, para provar-se que estes não provinham d'aquelle. Não tem força o dizer-se que os povos vindos da Etiopia teriam mudado de côr com o tempo, vivendo em um paiz menos ardente; vemos, é verdade, perderem algumas pessoas brancas alguma cousa da sua alvura natural nos paizes quentes, porém não ha exemplo de descendentes de pessoas negras se fazerem brancos em um paiz frio, segundo a expressão de Jeremias—*Si mutare potest ethyopes pellem suam, aut leopardus varietates potest.* Se pôde o ethiope mudar a pelle, pode o leopardo a variedade das suas côres.

As notas equivocas de judaismo e christianismo do Yucatan ou em outras provincias, nada provam contra o testemunho dos

missionarios e pessoas intelligentes que apenas descobriram em alguns idéas confusas da verdade da fé. É absurdo dizer-se da falta de communicação por falta do isthmo de Panamá, quando sem dificuldade os hespanhoes romperam essa chamada barreira impenetravel; tanto mais que á descoberta da Groelandia, feita em 964 da era christã, já a America Septentrional tinha habitantes, vários seculos antes que ella pudesse receber povoadores da Noruega. Não passa de tradição popular, que sendo a Hespanha invadida pelos mouros, sete bispos com muitos christãos se embarcaram na perseguição dos mahometanos, e que navegando á mercê das ondas e ventos, tomáram terra nas Antilhas, onde lançando fôgo aos navios se estabeleceram no paiz, edificando cada bispo a sua cidade, porque além de se não nomearem os bispos, não se faz crivel que com a não esperada vinda dos sarracenos se achassem logo juntos em um porto de mar os sete bispos, dispostos a partirem-se naquelles navios, com grande numero de christãos; e que não era possivel na afflição geral serem avisados e ajuntarem-se tão prestemente para partirem. Se queimaram os navios, como fizeram passar esse conhecimento á Europa, com a noticia das cidades edificadas? Então seria natural, se isto fosse verdade, acharem os hespanhoes, que se senhorearam d'esse paiz no fim do XV seculo alguns christãos com o culto da religião, pois que desterrando-se, os bispos por causa da sua fé não deixariam de a propagar no paiz em que habitáram, o que os hespanhoes não encontraram.

Entre os contos fabulosos, é tida a opinião de Oviedo, que quiz persuadir serem as ilhas da America, as Hesperides tão formosas no louvor dos poetas. Aquella palavra Hesperides, significa um paiz occidental: os gregos chamaram Hesperides á Italia, porque ficava a poente, assim como os romanos denominavam á Hespanha. Alguns, para explicar a origem dos americanos, quizeram que se realizasse nelles a Atlantida de Platão, não duvidando com indesculpavel erro Paracelso sustentar de ter havidó

em cada hemispherio seu Adão, havendo Deus creado um unico segundo o *Genesis* e mandado depois o mesmo diluvio que crescesse e povoasse a terra, depois de haver lançado a sua benção. É certo que aseguida confusão das linguas nas planicies de Sennaar, dividiu Deus os descendentes de Noé, e desde então se dispersáram por todo o mundo. Moysés nos disse que os filhos d'aquelle patriarcha partilharam entre si as ilhas das nações, consequentemente deviam entrar nessa partilha as terras da America.» (1)

Como bem se vê, o velho historiador reuniu ahi algumas das mais extravagantes hypotheses sobre a origem dos americanos.

Não lhe devemos por isso querer mal ; porque olhando-se bem de perto, os nossos americanistas officiaes não saíram ainda hoje d'aquelle terreno.

José Feliciano Fernandes Pinheiro, visconde de Visconde de S.
S. Leopoldo (1774-1847). Leopoldo

Filho da provicia de S. Paulo, estudou direito em Coimbra, formando-se em 1799. Viveu algum tempo em Lisboa, onde, instigado por Conceição Velloso, fez algumas publicações nos primeiros annos do seculo XIX. Voltando ao Brasil, foi mais tarde eleito deputado ás cōrtes portuguezas. Com a Independencia fez parte da constituinte e de assembléas posteriores ; foi conselheiro de estado, ministro e senador. Figurou no reinado dos dois imperadores e na regencia. Não escreveu muito.

(1) *Annaes do Rio de Janeiro*. Tomo I, pag. 121.

Não falando em duas ou tres traducções publicadas em Lisboa, em sua mocidade, escreveu uma dissertação sobre os limites meridionaes do Brasil, uma outra sobre a influencia do Instituto Historico, uma terceira sobre os dois irmãos Gusmões, finalmente os *Annaes da Provincia de S. Pedro.*

Deixou inedito um *Diario* de sua vida, publicado ha poucos annos na *Revista* do Instituto. Os dois ultimos escriptos sobrelevam aos primeiros.

A impressão que fica da leitura de S. Leopoldo define-se em poucas palavras.

Primeiramente elle é de nossos historiadores de seu tempo o que melhor sabia fazer uni livro. Jaboatão, Taques. Pizarro, Balthazar e os outros escreveram obras pesadas, informes, desconchavadas, de leitura atribuladôra.

Se um livro se pôde equiparar a um edificio, se das mãos do escriptor saem artisticos productos comparaveis aqui a um templo jonico, ali á uma igreja gothica, acolá a um palacio da Renascença ; se aqui alguém constroe uma linda cazinha de campo, ali outro levanta um chalet aristocratico, acolá um terceiro operoso e destro agglomerá um vasto basar ; se esta comparação é válida, os nossos velhos historiadores citados levantaram grandes armazens de grossas paredes e tectos chatos, ao gosto colonial, cheios de madeiras e outros grosseiros generos

de exportação brasileira, e o visconde de S. Leopoldo construiu uma bella igrejinha da roça, numa antiga fazenda, bem dividida e asseada, de paredes bem alvas, fachada regular com pretenções a estylo composito.

Nem isto é uma frivolidade ; o modo como se construe e edifica um livro, esse talento de disposição e agrupamento que os allemães denominaram «o senso architetónico em literatura,» é muito para ser considerado, porque só por si dá a medida de um espirito.

O velho S. Leopoldo revela-se uma intelligencia ordeira, clara, sem nebulosidades, sobria ; suas idéas, se não são profundas e originaes, mostram-se perfeitamente elaboradas. São filhas de uma reflexão methodica e serena.

Os *Annaes da Província de S. Pedro* são um bello livro ; abrem-se por uma introducção geral e proseguem em dezasete capítulos, claros, concisos, perfeitamente legiveis.

O primeiro d'elles offerece um esboço geologico e geographic da provincia, ao gosto moderno, o que é altamente admiravel num livro publicado por brasileiro em 1819.

A obra é animada de bom patriotismo e de nobre espirito liberal.

S. Leopoldo foi politico e escriptor. Qual das duas feições teve n'elle mais valor ?

É um tanto difficult mostrar o que nelle predominasse, se o literato, se o politico. E a razão é simples; o nosso titular não era uma d'essas naturezas irrequietas e algum tanto desequilibradas, nas quaes uma tendencia qualquer salienta-se, avoluma-se e acaba por sobrepujar as outras. Só n'estas condições se definem os genios e os grandes talentos. São Leopoldo era pelo contrario uma natureza placida e reflexiva, sem desequilibrio, mas tambem sem grande brilho e sem força.

Nelle o politico e o literato, sem serem propriamente mediocres, são facetas de um mesmo temperamento, de um mesmo espirito socegado e morno. Nada de grandes audacias no politico, ou de fortes idealizações no literato.

Um homém inteligente e lido, foi elle; mas sobretudo um homem apaziguado e feliz. Não houve ali uma faculdade que predominasse sobre as outras. Não foi um estadista de alto vôo, nem um historiador profundo.

Passemos a outros.

*Ignacio
Accioli*

Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva (1808-1865).

A biographia d'este escriptor é mal conhecida e pessimamente narrada por Innocencio da Silva e outros. Dão-no como nascido em 1808 em Coimbra. Parece errada semelhante data; porque em 1822 achamos Accioli implicado, no Pará, na Independencia do Brasil, sendo preso e remettido para Lisboa, segundo elle proprio conta nas *Memorias historicas da Bahia*.

Não parece curial que um menino de quatorze annos se mettesse em taes façanhas.

Sabemos positivamente que Accioli acompanhára ainda muito criança seu pae, o desembargador Miguel

Joaqñim de Cerqueira e Silva, para o Brasil ; que residira muitos annos no Pará, passando-se depois para a Bahia e finalmente para o Rio de Janeiro ; que viajara em moço pelo interior do paiz, fazendo por terra a viagem do Rio a Belém, como elle refere no prologo da *Corographia Paraense*.

Os annos mais fecundos de sua vida passara-os na Bahia, onde fez boa fortuna como advogado e publicou suas principaes obras.

Teve diversas condecorações e foi coronel do exercito. Já velho e cansado veiu residir no Rio de Janeiro, sendo então nomeado chroñista do imperio. Ignacio Accioli foi homem muito estudososo e trabalhador.

Conhecia bem diversas linguas, sendo latinista exímio. Fez largos estudos sobre o Brasil ; suas publicações sobre nosso paiz, um pouco desalinhadas na forma, são amplos mananciaes onde ha muito a colher.

As principaes d'ellas são :

Corographia paraense ou descripção physica, historica e politica da provincia do Grão-Pará (1833) ; *Memorias historicas e politicas da provincia da Bahia* (1835-52) ; *Informação ou descripção topographica e politica do rio S. Francisco* (1847) ; *Dissertação historica, ethnographica e politica sobre as tribus aborigenes que habitavam a provincia da Bahia* (1848) ; *Ensaio corographico do imperio do Brasil* (1854).

Este ultimo trabalho já é publicado no Rio de Janeiro. Vem assignado de parceria com o Dr. Mello Moraes, pertencendo porém a Ignacio a parte principal.

O nosso auctor dava-se por simples geographo e chronista; não tinha velleidades de historiador. Seu espirito era atilado e imparcial, seus conhecimentos regulares, suas leituras mais ou menos amplas.

O estylo era descuidado e de uma simplicidade attrahente.

Em seus escriptos ha inegavelmente muitos erros historicos, geographicos e ethnographicos.

As *Memorias da Bahia* são a principal das suas obras. A historia da Independencia, por exemplo, é alli excellente mente narrada.

Quem escrever a futura historia da Independencia do Brasil, terá em Ignacio Accioli um grande auxiliar. A *Dissertação ethnographica* sobre os indigenas da Bahia é tambem valiosa. É naquelle genero semi-scientifico a que pertencem diversos estudos brasileiros sobre o assumpto e entre outros a celebrada memoria de Gonçaves Dias o *Brasil e a Oceania*.

São preparações para productos mais serios e de mais rigoroso metodo. A *Corographia do Pará* é tambem um livro de merecimento, apezar de grandissimas lacunas.

Ignacio Accioli é um dos mais acabados exemplares dos portuguezes liberaes que abraçaram a causa da Independencia do Brasil e trabalharam por ella.

Eram homens intelligentes, capazes de comprehend a vantagem de separar a colonia da selva empobrecida do velho tronco da metropole, capazes de comprehend nos povos ameri-

canos um renovamento, uma nova adaptação divergente do velho espirito europeo.

Eram portuguezes existentes no Brasil e conhecedores da vida propria d'este paiz.

■ **Manoel Ayres de Casal** foi um padre portuguez residente longos annos no Brasil, onde se deu com paixão ao estudo da geographia e da historia do paiz. Sua biographia é quasi completamente desconhecida.

Ayres
de
Casal

Sabe se apenas com certeza que, voltando para Portugal em 1821, falecera pouco depois; que antes, em 1817, publicou em douis volumes uma notayel obra sob o titulo de *Corographia Brasilica, ou relação historica e geographica do reino do Brasil*.

É uma das mais importantes publicações do seculo XIX neste genero de estudos.

Deste livro tirou-se no Rio de Janeiro uma 2^a edição em 1833. Os bibliographos falam erroneamente n'uma edição de 1845, que não passa de uma fraude de livreiro, consistente na simples mudança da pagina de rosto da edição de 1833. (1)

A publicação da *Corographia Brasilica* em 1817, no anno de revolução de Pernambuco, é um facto symptomático. O Brasil estava constituido, a Independencia ia ser um acontecimento impreterivel, e o paiz dava como que

(1) Vide *Annaes da Imprensa Nacional*—por A. do Valle Cabral. p. 136 e seguintes.

um balanço em si mesmo, descrevia-se, notava seus recursos, suas forças, seus elementos de vida e progresso. Além d'este valor moral, o livro tem grande alcance scientifico sob o ponto de vista historico e geographic. Casal não se limitou a copiar os seus antecessores; fez pesquisas proprias e julgou com perfeito criterio muitos dos erros dos antigos corographos brasileiros e portuguezes.

O livro é além d'isto notavel como retrato do Brasil nos começos do seculo XIX e como estimulo para estudos posteriores.

Descrevamol-o em seus traços principaes.

Antes de tudo releva notar que é um trabalho methodico e de leitura aprazivel; não é ao gosto dos velhos cartapacios massadores.

Começa por uma *Introducção* em que o autor fala do descobrimento da America, da sua grandeza, do descobrimento do Brasil, da sua extensão, da fauna e da flora do paiz. A descoberta do continente e a questão das antigas tradições a seu respeito é tratada magistral e concisamente.

Passa depois á descripção detalhada das provincias na ordem seguinte:

S. Pedro do Sul, Paraná, Uruguay, Santa Catharina, S. Paulo, Matto-Grosso, Goyaz e Minas Geraes. São as materias contidas no 1º volume.

No 2º volume prosegue nesta disposição:

Rio de Janeiro, Espírito-Santo, Porto-Seguro, Bahia, Sergipe, Pernambuco, Paraíba, Rio-Grande do Norte, Ceará, Piauhy, Maranhão, Pará, Solimões e Guyanna. É mais ou menos o quadro do Brasil actual.

Ha, contudo, algumas observações a fazer. Desde que o auctor partiu do sul para o norte, deveria começar pela província do Uruguay, a *Cisplatina*, que então nos pertencia e não deixal-a para o terceiro logar.

Não se pôde bem descobrir a razão pela qual incluiu no Brasil a província que denominou *Paraná*; porque não é a nossa província moderna assim intitulada e que então não existia; é o território da actual república do Paraguay, que não pertenceu já mais ao Brasil.

O mesmo não se pôde dizer do Uruguay e da Guyana francesa, descriptos com razão como nossos; porque efectivamente nos tempos de D. João VI as duas regiões foram incorporadas ao paiz.

Não poderia trazer as modernas províncias do Amazonas e Paraná, limitando-se, como fez, a descrevel-as como comarcas, uma do Pará e outra de S. Paulo.

Outro tanto não deveria fazer com Alagoas, que foi omitida, quando em 1817 já tinha certa independência, pelo menos mais do que Porto-Seguro, que já estava de facto incluída na Bahia, e é descripta como província à parte. A propósito da descrição do paiz por Ayres

de Casal, se poderia agitar a questão de saber até que ponto os actuaes estados brasileiros correspondem ás antigas capitanias, quer ás primitivas da divisão de D. João III, quer ás creadas posteriormente.

Ver-se-ia que algumas das antigas capitanias correspondem mais ou menos aos estados de hoje, outras, por muito grandes, fraccionaram-se em diversas provincias, e finalmente, algumas desappareceram, sendo, por pequenas e pouco expansivas, incorporadas a provincias vizinhas.

Como amostra de sua *maneira* de escrever citamos a pagina em que narra a descoberta e colonisação de Matto-Grosso :

«Tendo os Vicentistas (1) reduzido as nações Guanhanaé e Carijó, começaram logo a passar á outra banda do rio Paraná em busca d'outras igualmente pusillanimes e pouco numerosas.

Aleixo Garcia e um irmão ou filho, que, acompanhados d'uma numerosa escolta de indios domesticos, havendo passado além do Paraguay, penetraram até á proximidade dos Andes no meiado do seculo XVI, foram os primeiros descobridores conhecidos da parte meridional d'esta vasta provincia; e Manoel Corrêa, paulista como aquell'outros, passando além do Araguaya, o da parte septentrional muito tempo depois. Ignoramos os nomes dos outros sertanistas ou commandantes de bandeiras, que visitaram o paiz á busca dos indigenas até o anno de 1718, quando Antonio Pires de Campos, tambem paulista, subiu pelo rio

(1) Os habitantes de S. Paulo, antiga capitania de S. Vicente.

Cuyabá em procura dos indios Cuchipós, que tinham uma aldêa no sitio onde hoje está a hermida de S. Gonçalo.

No anno seguinte Pascoal Moreira Cabral, seguindo-lhes os passos, subiu pelo rio Cuchipó-mirim, e á pouca distancia viu granetes d'ouro; e deixando ali parte da comitiva para os aproveitar, continuou rio acima com os mais até o sitio chamado hoje Forquilha, onde apanhou alguns indios pequenos enfeitados com folhetas de ouro, á vista das quaes se certificou que o terreno era abundante d'este metal; e procurando-o com cuidado, ajuntou uma porção consideravel.

Tornando aos companheiros, desceu com elles rio abaixo até a aldêa, que Antonio Pires havia visitado no anno antecedente; onde cada qual mostrou o que tinha juntado. Uns acharam-se com 100 oitavas, outros com meia libra, outros com muito menor porção, mas geralmente contentes: sendo os mais aproveitados os que tinham acompanhado ao capitão Moreira, que trazia á sua conta libra e meia de ouro. Todos lamentavam a falta de instrumentos minerarios, porque tudo havia sido cavado á mão na areia. Começaram logo a edificar cabanas, e fazer sementeiras de mantimentos nas margens dos rios, resolvidos a persistir ali enquanto durasse o lucro.

Passadas algumas semanas, chegou ao novo arraial outra bandeira, que tinha ficado nas margens do rio de S. Lourenço; e com a noticia do descobrimento determinou aumentar a povoação. Fazendo todos consulta sobre a actual circumstancia, determinaram enviar José Gabriel Antunes á cidade de S. Paulo com as amostras do ouro a noticiar o descoberto, e trazer do governador as ordens necessarias para o bem commum, e serviço de Sua Majestade: do que se lavrou um termo, em que se assignaram 22 homens, que tantos eram os que figuravam em a nascente povoação.

No mesmo dia da resolução, que foi a 8 de abril de 1719, elegeu o povo unanimemente ao capitão Pacoal Moreira Cabral por seu guarda-mór regente até á chegada da ordem do governador de S. Paulo, revestindo-o de muita auctoridade, e prometendo-lhe obediencia: do que se exarou outro termo, que servisse como d'ordenação até a vinda de José Gabriel, que gastou muitos mezes em chegar á capital, onde divulgada a riqueza do descobrimento, começou logo no anno seguinte a partir para elle grande numero de gente em varios comboios, dos quaes nenhum chegou a Cuyabá sem maior ou menor perda: havendo morrido muita gente no caminho, uns de febre, outros de diferentes desastres; desgraças que continuaram a experimentar-se annualmente, e tanto mais lastimosas, quanto mais importantes e numerosos eram os comboios: tudo por falta de bons praticos, de não se guardar a ordem devida na marcha, por desmazelo em não se acondicionar bem o mantimento, por não levarem instrumentos de pescar, e armas de fogo para a caça, e defeza das feras e dos selvagens.

No mesmo anno se mudou o arraial para o lugar da Forquilha, onde Moreira tinha achado melhor pinta de ouro: e no seguinte, achando-se um Miguel Sutil, sorocabano, em uma roça que estava principiando na margem do Cuyabá, dois carijós ou indios domesticos, que tinha mandado ao mato em procura de mel, lhe trouxeram á noite 23 folhetas de ouro, que pesaram 120 oitavas, dizendo que lhes parecia haver ainda mais no mato, onde tinham ido procurar colmêas. Na manhã seguinte se poz a caminho o contente Sutil com um seu camarada europeu, chamado João Francisoo, e por alcunha o *Barbado*, e toda a sua comitiva domestica, guiados pelos dois carijós para o sitio, onde tinham achado as folhetas, que era onde hoje está a villa de Cuyabá. O lugar onde se acha a hermita de Nossa Senhora do Rosario, é onde os carijós tinham apanhado as que levaram. Ali gastaram a maior parte do dia, apanhando com as mãos o que estava á vista ou mal

cuberto: e recolhendo-se á tarde a seus ranchos, Sutil achou-se com meia arroba de ouro e *Barbado* com 400 e tantas oitavas.

Esta ventura, noticiada ao outro dia no arraial da Forquilha, fez mudal-o de improviso para o lugar onde os dois camaradas Sutil e *Barbado* haviam achado a mancha e onde se calculou que se tiara acima de 400 arrobás d'aquelle metal dentro n'um mez, sem que os soccavões excedessem á 4 braças de profundidade.» (1)

Além de paginas narrativas, como esta, que ahi fica, existem na *Corographia Brasilica* paginas descriptivas de mérito, como aquella em que trata da cidade da Bahia, a nossa *Soteropolis*, e boas paginas criticas. São deste numero aquellas em que discute os quatro notaveis successos dados na mesma Bahia, antes da fundação da capital, a saber: o naufragio de Diogo Alvares Corrêa, outro d'uma não castelhana, o desembarque do donatario Francisco Pereira Coutinho, e o seu desgraçado fim. (2)

Outro grupo ainda se nos apresenta bastante numeroso; é preciso dividil-o pelos assumptos de que se ocuparam os que o compoem. Podem tambem sofrer divisão especial quanto á chronologia. Figuram neste capitulo escriptores que falleceram nos dias de D. João VI, outros que attingiram aos tempos do primeiro imperador, alguns que chegaram á Regencia e, finalmente, não poucos que alcançaram viver pelos annos posteriores á maioridade de D. Pedro II.

Propositada, e convictamente eliminamos do nosso quadro bem crescido numero de figuras.

(1) *Corographia Brasilica* vol. 1º, pag. 205 e seg., edição de 1833.

(2) *Corographia Brasilica*, vol. 2º pag. 79 e seguintes da edição de 1833.

Por outro lado, os assumptos de que vamos agora tratar são tão variados e complexos, que o melhor será descrevelos em forma resumida e synoptica.

D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coitinho, José da Silva Lisboa, Hyppolito José da Costa Pereira, Evaristo Ferreira da Veiga, Antonio Carlos Ribeiro de Andrade Machado e Silva, Martinho Francisco Ribeiro de Andrade, Antonio de Moraes Silca, Mariano José Pereira da Fonseca, Antonio Joaquim de Mello, D. Romualdo Antonio de Seiras, D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo e Miguel do Sacramento Lopes Gama — são os escriptores que nos reclamam agora a attenção.

A economia politica, o jornalismo, a eloquencia parlamentar, a biographia, a theologia e a linguistica estão ahi representadas.

É bem certo que, pelo que toca ao jornalismo e á oratoria parlamentar, fôra possivel falar ainda de *Antonio José do Amaral, Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, José Saturnino da Costa Pereira, Joaquim Gonçalves Ledo, Antonio Vasconcellos Menezes de Drummond, Francisco Gé de Acayaba Montezuma, Cypriano José Barata de Almeida, Francisco Moniz Tavares, Manoel Alves Branco, Bernardo Pereira de Vasconcellos, José Joaquim Carneiro de Campos e José Ignacio de Abreu e Lima*.

Ha uma consideração que os elimina d'este quadro: aquelles que pela data rigorosa de seu desenvolvimento se prendem ao periodo que historiamos, não possuem elevado merito; os que são verdadeiramente notaveis começaram apenas na Regencia, vindo só posteriormente a dar toda a medida de seu valor.

Azeredo
Coitinho

D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coitinho

(1743-1821). Nascido em Campos dos Goytacazes, na província do Rio de Janeiro, foi um homem notavel por sua alta posição na Igreja, e ainda mais por suas letras.

Dado a estudos sociaes e economicos, publicou neste ramo alguns trabalhos dos quaes o mais notavel é o *Ensaio economico sobre o commercio de Portugal e suas colonias*

publicado pela primeira vez em 1794 e reimpresso em 1816.

O bispo Azeredo Coitinho e o visconde de Cayrú são os creadores dos estudos commerciaes e economicos em Portugal e no Brasil.

Azeredo Coitinho assume um certo caracter pratico e previdente.

Seus livros são como uma serie de conselhos para o desenvolvimento do commercio e da riqueza de Portugal e mais especialmente do nosso paiz.

É essa a nota principal e typica do *Discurso sobre o estado actual das minas do Brasil*, da *Analyse sobre a justiça do commercio do resgate dos escravos da Costa d'Africa* e especialmente do *Ensaio economico*.

Aqui as idéas captaes do bispo escriptor são: aproveitar os innumeros gados do Brasil desperdiçados pela carestia do sal, acabando com o monopolio e privilegio do commercio d'este pela Fazenda Real; desenvolver a marinha mercante da metropole e da colonia; activar a industria da pesca; aproveitar nesta o elemento indigena como meio de civilizal-o; utilizar a nossa riqueza florestal; encorajar as manufacturas, menos as de luxo, etc. Algumas d'estas idéas são justas e bem expostas; outras reclamariam muitos reparos, se as tivessemos de discutir e não simplesmente de expôr.

É d'este numero a defeza da escravidão dos negros africanos feita pelo illustre bispo em flagrante opposição a seu tão lucido espirito.

É tambem em parte contestavel a refutação feita ao *systema dos climas* de Montesquieu.

Para combater um exagero, caiu Coitinho no exagero opposto.

Lembramos este ponto em que o nosso auctor não tem inteiramente razão ; porque na França mesma despertou a attenção.

A questão foi por elle e Montesquieu mal formulada. Reduziram-na a um simples cotejo entre climas quentes e climas frios.

Montesquieu, obedecendo ainda a velhos erros sobre os climas da zona torrida, pintados com côres horrorosas e como incompativeis com a vida, caiu em alguns equívocos sobre elles.

O nosso bispo retrucou-lhe endeosando os climas quentes diante dos gelidos horrores das regiões proximas dos pólos.

Em rigor, tanto da these como de sua refutação nasce claramente a verdade da influencia mesologica sobre as especies vivas.

A questão não é de comparação entre climas extremos, nem de decidir o que é mais agradavel se o frio ou o calor ; o facto é diverso.

A verdade é que, frios ou quentes, os climas influem nas raças sobre que actuam ; a verdade é que, posto sejam habitaveis e habitadas todas as regiões de nosso globo, todas ellas não são igualmente favoraveis ao desenvolvimento de nossa especie.

Devemos resumir o nosso juizo sobre Azeredo Coitinho.

Era um d'esses espiritos liberaes, curiosos e activos, tão communs entre os povos do meio-dia da Europa e de suas colonias em fins do seculo XVIII e começos do XIX.

Nelle ha duas correntes que se cruzam, sem conflitos apparentes; mas desaccordes perfeitamente no fundo.

De um lado, o espirito do tempo que o leva a estudar os factos sociaes e a philosophar sobre elles ; de outro, o velho espirito conservador, tradicional e latino, consolidado em Coitinho por sua educação e caracter sacerdotal.

D'ahi certo desequilibrio, que constitue um interessante estudo de psychologia. Defendia, por exemplo, a liberdade do commercio e justificava a escravidão dos negros.

Não devemos por isto querer mal ao velho bispo.

A indole interior de seu espirito era liberal. Conhecemolo por muitas de suas paginas e esta é uma d'ellas :

« A arte de pôr em acção a machina de cada individuo, consiste em pesquisar qual é a sua paixão mais forte e dominante. Achada ella, pôde-se dizer que está descoberto o segredo e a mola real do seu movimento. Aquelle que tiver a vista aguda e penetrante, e um tacto fino e delicado para distinguir as paixões dos homens, os poderá conduzir sem dúvida por cima das maiores dificuldades. O homem e ainda o bruto, levado por força, está sempre em uma continua lucta e resistencia : levado, porém, pelo caminho da sua paixão, elle segue voluntariamente e muitas vezes corre mesmo adiante d'aquelle que o conduz sem jámais temer, nem ainda os horrores da morte.

O indio selvagem entre a raça dos homens parece amphibio, parece feito para as águas ; é naturalmente inclinado á pesca por necessidade e pôr gosto. Esta é a sua paixão dominante, e por consequencia a mola real do seu movimento : é por esta parte que se deve fazer trabalhar a sua machina em beneficio communum d'elle e de toda a sociedade.

O indio, apezar da sua inclinação pela pesca, encontra com tudo uma certa dificuldade em saciar a sua paixão : o methodo vagaroso e tardio, com que elle pela falta de industria faz a sua pesca, o aparta muitas vezes d'aquillo mesmo de que gosta, apenas contente com o pouco de que se nutre.

Mas logo que elle vir a facilidade com que o homem industrioso arma rêdes, fórmá laços, e que de uma vez colhe milhares de peixes ; este espectaculo maravilhoso, que de um só golpe de vista debaixo da sua rude comprehensão, o encherá de alegria e de entusiasmo : elle irá, mesmo sem ser rogado, lançar-se no meio da colheita e da abundancia.

Este arrebatamento de gosto o irá insensivelmente attrahindo e convidando a viver, e communicar-se com os homens d'aquella profissão, que para elle se representa extraordinaria. Esta com-

municação lhe fará ver a diferença do homem selvagem e a do civilizado : pouco a pouco se irá domesticando e conhecendo, que o homem é capaz de mais e mais commodidades.

Logo que elle vir que aquelle superfluo que elle até então lançava ás aves e ás feras, pelo beneficio do sal se conserva e lhe serve de meio para adquirir as commodidades de que elle fôr gostando ; a sua paixão irá crescendo e á proporção obrigando-o a fazer-se mais e mais habil : elle já não quererá ser um simples marinheiro, quererá logo ser um mestre e senhor de uma rête.

Elle quererá saber quanto toca a cada um dos companheiros, e por consequencia se verá na necessidade de aprender a arithmetica para com toda a facilidade saber dividir : quanto elle fôr adiantando o seu commercio, tanto ha de ir augmentando a sua comunicação, não só com as pessoas presentes, mas tambem com as ausentes. D'aqui virá logo a necessidade de saber lêr e escrever ; e quando elle já não esteja em idade de aprender, elle fará que seus filhos supram a sua falta. Da mesma sorte a camisa, o chapéo, a vestia, o calcão, o sapato, que elle até então desprezava como cousas superfluas e mesmo como um fardo pesado e enfadonho para com elle romper os matos e as brenhas, se lhe irão fazendo uteis e necessarios : já não será preciso que os paes persuadam estas utilidades a seus filhos, bastará que os filhos olhem para seus paes.

Esta concurrenceia de necessidades, e de utilidades relativas, os irá gradualmente ensinando a obedecer, e a mandar ; então elles encherão as idéas daquelles, que até agora têm inutilmente trabalhado para os civilizar. A experincia lhes fará ver, que a mesma conservação do individuo, e as commodidades da vida são incompativeis com uma liberdade absoluta, e com uma independencia sem limites. Elles conhescerão que é necessario perder alguma parte da liberdade absoluta, para gozar de outras muitas partes de uma maior liberdade relativa.

D'estes povos civilizados pela pescaria saírão marinheiros habéis para a navegação d'aquelle costa, e do commercio reciproco de umas para outras colonias. Nas pequenas embarcações d'aquelle commercio se formarão marinheiros intrepidos e atrevidos, capazes de arrostar-se com as maiores tormentas : elles formarão em fim uma malinhagem escolhida.»

Este pedaço sobre a educação dos indios mostra a boa e facil intuição de Azereedo Coitinho sobre os factos sociaes.

Sua idéa relativa á maneira de aproveitar o elemento selvagem d'este paiz é mais profunda do que a de José Bonifacio.

Azereedo teve a comprehensão da impossibilidade e inefficacia de arrancar o indio do seu estado intellectual e social atraçado para um estado superior e grandemente distante. O indio não poderá jámais ser tirado de sua posição de caçador para a de agricultor e industrial. O mesmo não se poderá dizer da pesca, actividade similar á da caça. Os povos caçadores, se o permitte a região em que habitam, são tambem pescadores ; a pesca é a caça n'agua.

Interessados nesse meio de viver e levados habilmente poderiam, segundo os votos do velho bispo campista, ser os caboclos mais facilmente incorporados ás nossas massas populares e proletarias.

José da Silva Lisboa, visconde de Cayrú (1756—^{Silva} 1835). É uma das individualidades mais significativas ^{Lisboa} dos tempos que vão de 1750 a 1830 no Brasil.

Só por si elle enche essa época ; outros foram os poetas, os sabios, os revolucionarios do tempo ; elle foi o theorista politico.

Sua longa existencia divide-se quasi igualmente pelos dois seculos: quarenta e quatro annos no seculo XVIII e trinta e cinco no XIX. Nascido em 1756, aos dezaseis annos em 1772 partiu para Lisboa a estudar preparatorios ; em 1774 matriculou-se na Universidade de Coimbra. No Collegio das Artes d'esta cidade tirou em 1778 as cadeiras de grego e hebraico. Em 1779 formou-se em direito canonico e philosophia. Regressando logo para o Brasil, encontram-lo nesse mesmo anno leccionando philosophia e grego na Bahia, sua patria. O agitadissimo periodo da Revolução e do Imperio em França passou-o o nosso publicista em sua terra natal desde 1779 a 1808, fazendo apenas em 1797-98 uma pequena estada em Lisboa, provavelmente para imprimir sua grande obra *Princípios de Direito Mercantil*, cujo primeiro tratado apareceu nesse tempo na capital portugueza.

Nesta cidade obteve Silva Lisboa a jubilação de professor, e imediatamente voltou á Bahia, despachado deputado e secretario da mesa da inspecção.

Em 1808, passando pela antiga capital brasileira o rei D. João VI, Silva Lisboa aconselhou-o a abrir ao commercio das nações amigas os portos do Brasil.

O rei trouxe o publicista consigo para o Rio de Janeiro, confiando-lhe a missão de propagar a economia politica.

Lisboa nunca mais saiu do Rio, onde falleceu em 1835, tendo tomado parte activissima nas luctas da independencia e do primeiro reinado, e sendo senador do imperio desde 1826.

O Brasil dos primeiros annos do seculo XIX era, como hoje, extensissimo de territorio e tinha então a pequena população de tres milhões de habitantes.

A população livre das cidades e do interior dividia-se em duas classes bem distinctas: um proletariato manso e satisfeito pela facilidade da vida, e a burguezia abastada, ordeira e realista.

Gozava esta do reddito sufficiente para enviar filhos á Europa a seguirem os cursos universitarios.

Vivos, intelligentes, faziam os rapazes brasileiros boa figura no reino, e delles saíram esses homens notaveis, que vieram a ser a honra e a gloria do Brasil nos aurcos tempos da independencia.

Preparados uns em sciencias naturaes e outros em jurisprudencia, no que tocava aos assumptos politicos e sociaes tinham quasi todos a alma aberta á boa influencia das idéas liberaes que se iam espalhando no tempo.

Comquanto, sob este aspecto, possam dividir-se em dois grupos, os mais conservadores e os mais avançados, a distancia entre elles não era demasiado grande. Ao contrario, era bem curta.

Em rigor no Brasil nunca existiram partidos politicos perfeitamente extremados. É uma observação que sae da historia e se impõe por si mesma.

Cayrú representa perfeitamente a média das agitações e impetos brasileiros, e representa-os com brilho.

Passou toda a sua existencia politica a combater os excessos de um e outro lado ; absolutistas e revolucionarios tiveram-no por inimigo.

As condições de sua vida e de sua cultura explicam brilhantemente o facto.

De todos os nossos homens illustres da época, Silva Lisboa foi aquelle que menos tempo viveu em Portugal. Seis ou sete annos e não mais. Estudou ali a lingua inglesa e veio para o Brasil residir numa capital de província. Nem ficou junto á corte, o que seria um mal, nem foi inutilizar-se numa aldeia dos sertões, o que seria ainda mais deploravel. Ficou nesse meio termo util aos estudiosos, e entrou a ler especialmente os livros ingleses de politica e economia nacional. Adquiriu assim esse espirito liberal ; mas liberal de factos e não de palavras, esse espirito utilitario e pratico, indispensavel ao caminhar social dos povos.

Depois de bem preparado é que Silva Lisboa atirou-se na lucta. Elle, como escriptor, não teve precocidades fatuas compromettedoras ; só depois dos quarenta e dois annos publicou sua primeira obra.

Em compensação os ultimos tempos de sua vida foram demasiado cheios. Sua actividade escriptorial pertence toda ao seculo XIX. Nos trinta e cinco annos que nelle viveu escreveu mais de trinta e cinco volumes.

Não é auctor de systema philosophico, scientifico ou social novo: seu grande titulo é haver sido o primeiro a pregar entre nós as theorias inglezas sobre o commercio livre, a industria livre, sobre a economia politica, sobre o governo representativo e vinte outras materias conexas.

Como magistrado, como director dos estudos, como deputado da junta do commercio, como director da imprensa nacional, como senador do imperio, este homem procurou realisar as idéas propagadas, em seus escriptos e prestou relevantissimos serviços ao Brasil. Deve ser duplamente estudado, em seus actos e em seus escriptos.

O complexo de sua intuição é especialmente organizado pela influencia das idéas de Adam Smith, Bentham, Malthus e Ricardo. A estes junta-se especial e preponderantemente Edmond Burke.

Indiquemos por forma synoptica os serviços publicos prestados por elle.

Foi quem estimulou D. João VI a abrir ao commercio universal os portos brasileiros. Quando esta medida foi violentamente atacada, foi elle que a defendeu por escriptos e a fez triumphar.

Foi quem primeiro escreveu em lingua portugueza tratados de Direito mercantil; quem despertou entre nós a attenção para os assuntos de economia politica, quem doutrinou os principios do

governo representativo; quem formulou o primeiro projecto de Código do Commercio e o Regimento dos Consules. Isto, quanto aos serviços publicos e directos.

As obras de Silva Lisboa dividem-se em tres categorias: pamphletos politicos, estudos de direito mercantil e economia nacional, escriptos de religião e moral.

A *Historia dos principaes successos politicos do imperio do Brasil* entra perfeitamente na primeira categoria.

Esta comprehende varios escriptos de grande valor para o tempo. O auctor ia acompanhando os principaes acontecimentos dos reinados de D. João VI e D. Pedro I e defendendo e elucidando a causa brasileira contra os inimigos internos e externos. Tomados em sua totalidade, semelhantes escriptos são um commentario excellente da nossa historia nos primeiros trinta annos do seculo da Independencia.

O *Conciliador do Reino- Unido, o Bem da ordem, a Reclamação do Brasil, a Causa do Brasil no juizo dos governos e estadistas da Europa, a Heroicidade brasileira, a Atalaia e vinte outras* são d'essa especie.

A idéa capital de todos elles é a defeza da independencia do Brasil e do governo constitucional representativo.

Nesse intuito Lisboa atacou tanto as Cortes portuguezas como, por exemplo, os revolucionarios pernambu-

canos de 1824. Feria á direita e á esquerda com decidida e inabalavel coragem.

Os Princípios de direito mercantil e leis de marinha, os Princípios de economia política e os Estudos do bem commun, e economia política são no segundo genero as obras principaes do velho bahiano, e de todas quantas escreveu as merecedoras dos mais ardentes gabos. Nellas com perfeita lucidez são expostas as ideias capitaes do liberalismo economico de Inglaterra no tempo de Malthus e Ricardo.

Da terceira e ultima classe de escriptos de Cayrú, a *Constituição moral e deveres do cidadão* vem a ser o livro capital.

O complexo das ideias neste é a de um catholico liberalisante; é a doutrina tradicional do christianismo ampliada pelo influxo dos auctores britannicos.

Os meritos capitaes de Silva Lisboa como escriptor são a simplicidade da forma e o conhecimento exacto que mostrava das doutrinas que adoptava e expunha. O defeito principal é certo atropello, certa falta de ordem e de gosto na confecção dos volumes. Todos elles são sobreacarregados de divisões, appendices, supplementos, explicações, etc. A leitura de Cayrú é hoje em grande parte fatigante.

Ouçamol-o num topico em que nos fala de seus planos e designios em economia politica:

«Para se animar o verdadeiro espirito commercial já em 1804 dei á luz em Lisboa um compendio de *Principios de Economia Politica*, como parte dos *Principios de Direito Mercantil*, conforme ao promettido; ahí annunciando tenção de offerecer obra mais ampla, se o publico dësse acceite e favor á esse esboço dos systemas economicos dos escriptores que até então eram reputados os coryphêus de tão interessante literatura. Como esta, porém, d'ahi em diante teve grandes avanços, pelos numerosos escriptos dados á luz em Inglaterra e França, que são os estados havidos pelos mais rivaes da Europa, e que ostentam honorifica emulação nos estudos do bem-commum; e tambem pelos memoraveis diplomas dos gabinetes e senados de nações maritimas, que tem convertido a attenção dos sabios e estadistas para este ramo dos conhecimentos humanos, de cujos progressos racionavelmente se espera o estabelecimento do melhor *systema social*, e a civilização geral; submetto á indulgencia da nação a compilação que fiz do que achei de mais instructivo, e menos problematico, no que até agora se tem offerecido á discussão da republica das letras, na esperança de servir de subsidio aos que não tiverem a oportunidade de consultar as obras originaes, que indicarei para os que se resolveram a aprofundar a sciencia. Recomendo, porém, com preferencia os escriptores ingleses nesta materia; não só porque nesta nação ha mais imparcial tribunal da opinião publica, sendo livre dizer-se o *pro* e *contra*, e, no conflito das animosidades politicas e literarias dos outros paizes, a verdade pôde surgir mais acrisolada, e prevalecer; senão tambem porque até esta preferencia é hoje quasi geralmente reconhecida, por ser o paiz de mais extenção de estudos do bem-commum.

Vali-me com preferencia das doutrinas de *Smith*, *Malthus*, *Ricardo*, que sobresaem, como escriptores originaes, profundos e didacticos, e que se podem intitular os *triumviro*s da *economia politica*; por terem elevado á dignidade de sciencia esta literatura, e contribuido para o seu progresso com rapidez, e maior numero de

principios exactos, mostrando os erros das antecedentes opiniões communs. *Smith* a caracterizou com um *ramo da sciencia do legislador e homem de estado*. *Malthus* affirma ser a unica sciencia de que talvez se possa dizer, que a ignorancia dos seus captaes aphorismos não é só privação de bem, mas grande e positivo mal. *Ricardo* se propoz resolver o que chama *principal problema* da importante sciencia da economia politica, o determinar as leis, que, nos diferentes estados da sociedade, progressivo, estacionario, ou retrogrado, regulam a distribuição dos productos da terra segundo as proporções que competem ás suas diferentes classes, á titulo de salario, proveito, e renda. Todos estes insignes mestres fazem vêr, que, na ordem social, nada é vago e arbitrario, e tudo depende de leis constituidas pela intelligencia infinita, que ligou o physico ao moral, e segurou a observancia das mesmas leis por immutaveis sancções de miseria ou felicidade, vida ou morte, dos individuos ou estados.» (1)

Hippo-
lyto da
Costa Coeve de Cayrú foi **Hippolyto José da Costa
Pereira Furtado de Mendonça** (1774-1823).

Formou-se em leis e philosophia em Coimbra nos fins do seculo XVIII. Em 1798 fez aos Estados Unidos uma viagem por incumbencia do governo portuguez e em 1801 uma á Inglaterra a serviço do mesmo. De volta ao reino no anno seguinte, foi preso por ordem da Inquisição, dizem uns; por ordem do ministro D. Rodrigo de Souza Coitinho, dizem outros.

Partisse do tremendo tribunal ou do mesquinho ministro a ordem, o effeito foi o mesmo e o insigne

(1) *Estudos de Bem Commum e Economia Politica*, prologo.

brasileiro jazeu até 1805 nos carceres, d'onde fugiu com auxilio da maçonaria. Estabeleceu-se em Londres, onde publicou de 1808 a 1823 o *Correio Brasiliense*, revista mensal consagrada á defeza das instituições livres em Portugal e da independencia do Brasil.

O nosso escriptor publicou diversas traduccões e pequenos trabalhos avulsos; todos ficaram no esquecimento diante do *Correio Brasiliense*.

Hippolyto, morto aos quarenta e nove annos, é do numero das mais nitidas representações do talento brasileiro de boa seiva, agil, activo, entusiasta, amante das idéas livres e capaz de lutar por ellas.

Saido aos vinte e dois ou vinte e tres annos da Universidade, passou pela maravilhosa escola das viagens; elle, que já conhecia o Brasil e Portugal, visitou os Estados Unidos, o Canadá e a Inglaterra. Nas plagas em que florescem a liberdade, o trabalho e a sciencia, sustentados pelos fortes pulsos da raça britannica, transfigurou-se seu espirito ; aprendeu a ser livre e a respeitar o pensamento alheio. Estava perdido; não podia mais agradar ao governo e á sociedade corrupta de Portugal. Todos ali o odiaram: ministros, rei, inquisição, povo, todo Portugal inteiro personificado em — José Agostinho de Macedo, tudo votou-lhe odio...

Foi um duello desigual travado entre o moço publicista e a velha myopia, a velha carcoma, o velho caruncho lusitano durante vinte annos.

Ao tempo em que fugia o rei para o Brasil, fazia em Londres o patriota sair o seu jornal.

Os actos da regencia de Lisboa e os actos do governo da Rio de Janeiro eram passo a passo discutidos, analysados na folha de Londres em sentido liberal.

Este era o trabalho principal do moço jornalista.

As paginas do periodico vinham tambem sempre cheias de noticias e esclarecimentos sobre a politica e acontecimentos da Europa e da America, transcriptos das folhas do tempo. Era o trabalho secundario do publicista.

Hippolyto era espirito mais livre e desabusado do que o visconde de C a y r ú. Este foi o theorista academic da independencia e do governo brasileiro ; aquelle representou o momento agitador, mobil, propagandista, jornalistico. Tinha mais facilidade de escrever ; seu estylo era mais correntio, menos sobrecarregado de torneios academicos e citações classicas.

É um homem illustre e a quem o Brasil muito deve, por seu patriotismo, sua defesa de nossas liberdades, suas previsões, seus conselhos.

Foi um elemento de differenciação, de lucta, de oposição entre brasileiros e portuguezes em nome de sãos principios, em nome da justiça e da liberdade.

O encarcerado de Lisboa era uma affirmação tão poderosa do Brasil, quanto o foram os perseguidos da Inconfidencia e de 1817.

Ainda hoje sua accão de jornalista indefesso e puro é um estímulo e uma lição. Aquelles que procuram numa literatura sómente a poesia e as creações artísticas não são talvez os mais próprios para comprehendêr uma vida e uma obra como as de Hippolyto.

Quem, porém, reflectir que numa vida humana bem equilibrada ha sempre uma unidade superior a que tendem todos os factos e aspirações particulares, e que na vida de um político ha sempre um ideal a que se elevam todos os esforços do luctador, ha-de comprehendêr que vae nisto uma poesia, uma certa criação artística, que é a vida mesma do publicista.

Hippolyto fez tambem o seu poema e de assumpto nacional. Cada um dos cantos d'esse poema é cada um dos bons artigos em que sua coragem cívica arrostava as coleras da metropole apoucada em prol dos direitos do Brasil. Ainda hoje seria possível d'entre a massa enorme do *Correio Brasiliense* escolher vinte ou trinta d'esses artigos decisivos, publical-os em livro, e termos assim á mão o escorço do poema do grande homem.

Não roubamos aos leitores o ensejo raro de lér um trecho de artigo jornalístico de Hippolyto, escripto ha perto de cem annos. É do *Correio Brasiliense* de junho de 1809:

« O unico remedio, que desde a mais remota antiguidade se tem achado, para que qs homens não abusem do poder que têm, é limitar-lh'o. Conceder a um individuo poderes sem restrição, como

têm os *despotas* chamados governadores do Brasil, e suppôr que não empregarão esse poder em satisfazer as suas paixões, é suppôr uma contradicção na natureza humana. Baste pois o que tenho dito (e mais disse do que desejava) para mostrar : 1º que os europeus que foram para o Brasil governar aquella vasta região não têm olhado para os interesses daquelle paiz com a attenção que elles mereciam ; 2º que vista a meditada alteração no governo da America hespanhola, é do maior interesse para os mesmos que governam no Brasil, o cuidar em estabelecer planos e systemas, que não sómente sejam tendentes ao bem do povo, mas que tragam consigo o caracter da convicção e da evidencia, que nunca se acha na violencia, nem nas medidas arbitrárias, nem em querer perpetuar a ignorancia dos povos. Passarei agora á segunda parte, do que me propuz, e para o que não sinto tanta repugnancia em explicar-me ; e é indicar as mudanças que se fazem necessarias no governo do Brasil.

Em primeiro logar a divisão do territorio em *provincias*, abolido os capitães generaes, ou *governos militares*, é causa de imediata necessidade ; porque a continuarem taes governos, será o Brasil administrado como a Persia, por satrapas militares, a peior das fórmas de governo, que a imaginação do homem pôde inventar. Sobre isto havia muito a dizer ; mas como me não posso lisongear de vér um transito do pessimo para o optimo, contento-me com observar, que a divisão do Brasil em provincias e comarcas, dando ás *camaras* os mesmos direitos que tinham em Portugal, não pôde offendere a ninguem, e é o mais moderado, que podem ser os meus desejos. E aqui não seria má lembrar, que se deixassem de planos para adquirir mais territorio ; e quando desejem estender os limites do Brasil até o rio da Prata, para evitar disputas de vizinhos contiguos, nesse caso, não principiem por intrigar ; façam proposições mutuamente vantajosas aos hespanhoes, cedam, por exemplo, o territorio ao norte do Amazonas ; portando-se com a since-

ridade que deve caracterizar todos os negocios nacionaes, de que se espera bom resultado, e serão bem succedidos. Omitto de propósito reflectir sobre o modo porque este projecto se encetou no Rio de Janeiro, porque, como já disse, o meu fim é fazer bem aos meus compatriotas, e não ridicularizar os homens a quem está confiada a sorte do Brasil : basta que saibam, que um caso imprevisto me trouxe ás mãos os documentos necessarios para fazer uma clara idéa dessa transacção.

Depois da divisão do territorio, e extincção do governo dos *Bachás* nas capitanias, deve seguir-se promover a população, o que lhes será mui facil se souberem atrahir emigrados de todas as partes da Europa ; para o que é necessario segurar-lhes a liberdade pessoal, e o direito de propriedade ; um só exemplo da violação arbitraria destes direitos amedrontaria mais gente, da que para lá quizera ir, do que scriam uteis todas as promessas feitas em papel. Nisto só deve haver uma limitação e é arranjar de maneira as leis de naturalisaçao, que só depois de uma racionavelmente longa residencia possam os novos concidadãos gozar dos plenos direitos de naturaes.

Segue-se a introducção das sciencias. Neste artigo nem um só passo se tem dado ainda no Brasil. Não apparece o menor intento de estabelecer universidades, collegios, ou outros estabelecimentos similhantes ; e sem isto é quasi impossivel que o estado tenha homens capazes de governar ; e se os ha é impossivel conhecêlos.

Passo a passo, com taes medidas, seria preciso restituir ás camaras, unicas corporações populares no Brasil, aquelles direitos de que sempre gozaram as camaras em Portugal e que formam a base das Côrtes ; instituição importante, cujo desuso fez marchar a nação rapidamente á sua destruição. Um povo, para obrar com energia, é necessario que sinta a sua existencia politica ; que tenha voto mais ou menos directo nos negocios da nação. O povo que não goza isto, facilmente se reduz a um rebanho dc carneiros, in-

capazes de obrar acções grandes, e até de defender a patria. Os exemplos são tantos, *debaixo dos olhos*, que não nomeio nenhum. » (1).

Nestas linhas e em anteriores omittidas acham-se esparsas idéas sobre policia, finanças, justiça administrativa, divisão e governo das provincias, liberdades municipaes, colonização e grande naturalização.

A propria politica exterior vê-se ali consignada nos dous pontos mais serios que ella tem assumido neste paiz: a posse das terras no extremo sul e no extremo norte.

Hippolyto commetteu o gravissimo erro de aconselhar a cessão da região ao norte do Amazonas. Quanto ao mais suas vistas eram largas e descortinavam largo ambito pelo futuro a dentro (2).

Antonio Carlos Ribeiro de Andrade Machado e Silva (1773-1845) tinha em alto grão todas as virtudes e todos os defeitos da sua familia.

Antonio Carlos tinha de bom com a sua familia certa alegria nativa, certo entusiasmo, certo arrebatamento de caracter, e algum ardor pelas idéas liberaes.

(1) *Correio Brasiliense*, vol. 2º, pag. 637.

(2) Sobre o grande patriarcha do jornalismo brasileiro — veja de Innocencio da Silva — o *Diccionario Bibliographico*, e do Barão Homem de Mello — um artigo na *Revista do Instituto Historico*, Tomo XXV, parte segunda, pags. 203 e segs.

Tinha de mão, ainda com a sua familia, a vaidade do talento algum tanto pretencioso, a fatuidade do espirito mal disciplinado.

Antonio Carlos tinha pronunciado typo de portuguez. Era de boa altura e compleição forte, physionomia aberta, alegre, comminicativa ; *bon viveur*, conversador, garrulo, excellente comedor.

Não era servil; seu orgulho ao contrario preservou-o sempre da baixeza. Tambem não obedecia a um norte certo em politica e no mais.

Por indole, era liberal, porque era alegre e tinha boa saude ; mas se os accidentes do caminho lhe eram adversos e os seus aliados natiraes o contrariavam, não duvidava, ainda por orgulho, pôr-se de harmonia com os contrarios.

Tinha a sêde do mando e nunca pôde ser governo em tempos do primeiro imperador ; só o pôde ser já velho e cansado, nos dias da maioridade de D. Pedro II.

Esta exclusão da sorte foi a origem do máo humor que assumiu por vezes seu temperamento arrebatado ; mas em essencia perfeitamente equilibrado.

Isto explica a enorme cadeia de suas contradicções.

Mas sua honestidade inatacavel era uma das fórmas de seu abençoado orgulho.

De sua primeira mocidade nada consta de notavel ; era filho de Santos, estudou direito em Coimbra ; ainda em Portugal fez algumas traducções de opusculos inglezes.

Esta circunstancia deve aqui ficar determinadamente consignada : quasi todos os illustres brasileiros d'aquelle tempo, formados em Portugal, estudaram e cultivaram a literatura ingleza. Muitos traduziram até opusculos e obras d'aquelle fonte em linguagem vulgar. É o caso de Silva Lisboa, Hippolyto da Costa, Moraes Silva, Fernandes Pinheiro, Antonio Carlos, Conceição Velloso e vinte outros.

A influencia do pensamento britannico sobre a geração nacional do principio do seculo XIX é, portanto, evidentissima. Mais tarde é que passamos á imitação franceza que nos tem desmantelado quasi inteiramente.

De volta ao Brasil e depois de ter ocupado um logar de justiça em Santos, era Antonio Carlos ouvidor em Olinda, quando se deu a mais notavel e significativa de todas as revoluções do Brasil, a revolução de 1817 em Pernambuco. Antonio Carlos tomou parte no movimento.

Estava iniciada sua carreira politica ; principiava a serie de seus serviços e de suas contradicções. Foi do numero dos revoltosos, e renegou mais tarde a revolução. Eleito deputado ás côrtes de 1820 em Lisboa, representou bem este paiz. Bateu-se com os mais notaveis oradores e politicos da assembléa.

Crescendo ali mais a oposição contra os direitos do Brasil que as côrtes tentavam privar de garantias e reduzir, como d'antes, a simples condição de colonia, Antonio Carlos commandou o exodo dos deputados brasileiros para Plymouth, onde lavraram o celebre protesto á Europa e ao mundo..

A passagem de Antonio Carlos pelas côrtes portuguezas é a lauda de sua vida inteiramente escripta em caracteres correctos, nitidos e puros ; não ha uma só mancha.

Tambem é por onde começo a lenda brilhante que ainda hoje circunda a fronte do patriota.

De volta de novo á patria, foi eleito deputado á nossa Constituinte. Em quanto o poder coube em partilha a seus irmãos, elle foi na assembléa um elemento de ordem e de vida. Depois que, bastante estolidamente, Pedro I demitti o ministerio dos Andradadas, o deputado paulista foi, na assembléa, um obstrucionista intransigente e perturbador, e na imprensa, pelo *Tamoyo*, um guerrilheiro implacavel. É deportado em 1823 pelo imperador e em 1828 volta e faz-se seu amigo. Em 1832 acha-se em lucta com o partido liberal, faz-se reaccionario, faz-se restaurador ! . .

Após o movimento da maioridade é então ministro, e bem pouco tempo depois apeado do poder.

Antonio Carlos entra nesta historia por seu talento de orador.

Outros foram os doutrinadores, os organizadores, os theoristas de nossa independencia e de nossa infancia de nação ; elle foi o porta-voz. Nas Côrtes e na Constituinte ergua-se sem receios e sem rebuço, desabusado e valente. Atirava aos quatro ventos o seu pensamento em voz alta, quasi em gritos, ousadamente, irritantemente.

Era um convencido e um entusiasta. Nesses momentos era inteirido, d'uma só peça ; nada via diante de si senão a sua paixão.

Diziam todos que o ouviram que era majestoso e fluente na tribuna; tinha alguma cousa de athletico e impunha instinctivamente respeito.

Seus discursos foram todos mal tomados e não podem servir de documento exacto, pela forma em que hoje se acham, de seu talento de orador.

O estylo é algum tanto declamatorio; mas ha sinceridade naquelle declamação.

Temos aqui uma amostra d'elle no pequeno discurso pronunciado na penúltima sessão da Constituinte sobre o espancamento do cidadão David Pamplona por uns officiaes portuguezes:

«Sr. presidente, assás *desagradavel me é ter de dizer hoje cousas que não sejam muito em decoro da assembléa.

Na ultima sessão, casos se passaram, que me obrigaram a perguntar a mim mesmo: *ubinam gentium sumus?* É no Brasil, é no seio da assembléa geral constituinte do Brasil que eu ergo a minha voz?

Como, Sr. presidente, lê-se um ultrage feito ao nome brasileiro na pessoa do cidadão David Pamplona, e nenhum signal de marcada desapprovação apparece no seio do ajuntamento dos representantes nacionaes?

Diz até um representante nacional que elle mesmo se não acha seguro, e nemluma mostra de indignação dão os illustres deputados?

Morno silencio da morte, filho da coaccion, pêa as linguas; ou o sorriso, ainda mais criminoso, da indifferença salpica os semblantes.

Justo céo ! E somos nós representantes ? de quem ? da nação brasileira, não pôde ser.

Quando se perde a dignidade, desapparece tambem a nacionalidade. Não, não somos nada, se estupidos vemos, sem o remediar, os ultrages que fazem ao nobre povo do Brasil, estrangeiros que adoptamos nacionaes, e que assalariamos para nos cobrirem de baldões.

Como disse pois a commissão que o caso devia remetter-se ao poder judiciario, e que não era da nossa competencia ? Foi elle simples violação de um direito individual, ou antes um ataque feito a toda a nação ?

Foi o cidadão ultrajado e espancado por ter offendido os individuos aggressores, ou foi por ser brasileiro, e ter aferro e afincô á iudependencia do seu paiz, e não amar o bando de inimigos, que por descuido nosso se têm apoderado das nossas forças ? Os cabellos se me eriçam, o sangue serve-me em borbotões, á vista do infamante attentado, e quasi machinalmente grito: vingança !

Se não podemos salvar a honra brasileira, se é a incapacidade, e não traição do governo, quem acoroçoa os scelerados assassinos, digamos ao illudido povo, que em nós se fia: Brasileiros, nós não vos podemos assegurar a honra e a vida; tomæe vós mesmos a defesa da vossa honra e direitos offendidos.

Mas será isto proprio de homens, que estão em a nossa situação ? Não, por certo; ao menos eu trabalharei, enquanto tiver vida, por corresponder á confiança, que em mim poz o brioso povo brasileiro.

Poderei ser assassinado; não é novo que os defensores do povo sejam victimas do seu patriotismo; mas meu sangue gritará vingança, e eu passarei á posteridade como vingador da dignidade do Brasil. E que mais pôde desejar ainda o mais ambicioso dos homens ?

Ainda é tempo, Sr. presidente, de prevenirmos o mal, enquanto o volcão não arrebenta; desapprove-se o parecer da commissão; reconheça-se a natureza publica e aggravante do ataque feito ao povo do Brasil; punam-se os temerarios, que ousaram ultrajal-o abusando da sua bondade; não poluam mais com a sua impura presençā o sagrado solo da liberdade, da honra e do brio; renegue-os o imperio, e os expulse de seu seio.

Isto insta, Snr. presidente, os assassinos repetem-se; ainda ante-hontem foi atacado por impios rufiões um brasileiro de Pernambuco, Francisco Antonio Soares. Se a espada da justiça se não desembainha, se toda a força nacional não esmaga os *Encelados*, que querem fazer-nos guerra por traições nocturnas, somos a zombaria do mundo, e cumpre-nos abandonar os logares que enxovalhamos com a nossa gestão. Eu mando á mesa a minha emenda:

«Diga-se ao governo que apezar de parecer o caso proposto de interesse individual, como pela sua natureza e circumstancias, seja atacante da dignidade do povo brasileiro, faça inquirir delle, e que, verificados os auctores, a assembléa o auctoriza para expulsar do territorio do imperio os que o poluiram.»

Martim
Francisco

Martim Francisco Ribeiro de Andrada (1776-1844) exige agora algumas palavras. Martim é um meio termo entre os seus dois irmãos. Nem tão illustre sabio como José Bonifacio, nem tão notavel orador como Antonio Carlos.

Era mais calmo, mais equilibrado, mais integro.

Em Martim Francisco ha a distinguir entre o politico e o homem de letras e sciencia.

Como politico, sua vida acha-se intimamente ligada á de seus irmãos. Foi um dos propugnadores da Independ-

dencia, fez parte do ministerio de José Bonifacio em 1822, foi deputado á constituinte ; soffrèn o exilio de 1823 a 29 ; foi em 1840 ministro no gabinete de Antonio Carlos.

Nas letras tem o direito de entrar na historia por seus discursos parlamentares e seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provinicia de São Paulo em 1805*.

Este interessante escripto, além de seu valor scientifico, é de grande merecimento, como documento ethnologico-social, e amostra do estylo e do espirito caustico de Martim Francisco.

O auctor descreve-nos com toda a independencia de apreciação as populações de certas zonas de sua provinicia, e, d'est'arte, seu *Diario* é um espelho fiel de certa porção do povo brasileiro em principios do seculo XIX.

É escripto que deve ser lido em sua integra. (1)

Como orador, Martim era mais calmo e mais correcto do que seu irmão ; não tinha-lhe as audacias e impetuosidades ; por isso não era tão temido e tão admirado. Em compensação era mais sensato.

Podemos fazer um parallello, citando o pequeno discurso de Martim Francisco sobre a mesma questão do boticario David Pamplona.

Logo depois de Antonio Carlos, levantou-se e disse :

(1) *Revista do Instituto*. Tomo IX, pag. 527.

«Legisladores ! trata-se de um dos maiores attentados ; de um attentado, que ataca a segurança, e dignidade nacional, e indirectamente o sistema politico por nós adoptado, e jurado.

Quando se fez a leitura de semelhante atrocidade, um silencio de gelo foi nossa unica resposta e o justo receio de iguaes insultos a nossa representação, nem se quer fez assomarem em nossos rostos os naturaes sentimentos de horror e indignação...

Dar-se-á caso, que submersidos na escuridão das trevas, tememos encarar a luz? Que amamentados com o leite impuro do despotismo, amemos ainda seus ferros e suas cadêas? Ou que vergados sob o peso de novas oppressões, emmudecemos de susto, e não sabemos deitar mão da trombeta da verdade, e com ella bradar aos povos: sois trahidos! Todavia não antecipemos juizos; não temos ainda consequencias; consideremos o facto por todas as suas faces, com todas as circumstancias e accessorios, que o acompanharam, e aggravaram; então poderemos classificar a natureza do crime ou crimes commettidos.

Disse-se que semelhante attentado estava no caso dos crimes ordinarios, e era filho dos abusos da imprensa : examinemol-o. Na noite do dia tal, eram 7 para 8 horas, foi atacado em sua botica no largo e ao pé da guarda da Carioca, o boticario David Pamplona, pelo sargento-mor Lapa e capitão Moreira, e horrivelmente espancado.

E porque? Por ser brasileiro resoluto. Por quem? Por perjuros, que menoscabando a religião do juramento, e cobertos com o manto postigo e emprestado de brasileirismo, pagam o beneficio deos havermos incorporado á nossa nação, com repetidas traições, e persuadidos talvez de impunidade, cevam seu odio contra nós, derramando o nosso sangue, e sollapando indirectamente as bases da nossa independencia.

Infames! Assim agradecem o ar que respiram, o alimento que os nutre, a casa que os abriga e o honorifico encargo de nossos de-

fensores, a que indiscretamente os elevamos ! Que fatalidade, brasileiros ! Vivem entre nós estes monstros, e vivem para nos devorar ! Note-se que a guarda não acudiu estando proxima, e devemos crer que teve ordem para isso ; que não houve abuso de imprensa, houve sim culpa de ser brasileiro e resoluto.

* Grande Deus ! É crime amar o Brasil, ser n'elle nascido, e pugnar pela sua independencia, e pelas suas leis ! Ainda vivem, ainda supportamos em nosso seio semelhantes feras ! ... »

Estas palavras são tambem um pouco declamatorias ; mas denunciam consciente e agitado amor da patria. Offerecem ensejo a uma nota neste sentido ; porque a historia literaria deve especialmente ser uma exposição psychologica do espirito nacional.

Evaristo Ferreira da Veiga (1799-1837). Merece Evaristo da Veiga estudo acurado. Nelle a acção do caracter tem sido tomada por energia das idéas e o individuo elevado á categoria de grandissimo pensador politico, notabilíssimo jornalista e irresistivel orador.

É necessario consideral-o em seu tempo, no meio de seus companheiros de luctas, para bem vêr o que elle representava de singular, o que symbolisava com seus feitos. Estudado por um modo uni-lateral e exclusivista, do ponto de vista absolutista, ou do ponto de vista radical, elle sae condemnado.

É mistér mais largueza de intuição para bem aprecial-o.

No meio dos homens notaveis do primeiro reinado e da regencia, entre os que figuraram distintamente e notavelmente influiram, elle teve certas notas que foram só d'elle : era o mais novo, o que não tinha tradições, o que não possuia titulos academicos, o que appareceu mais inesperada e mais rapidamente, o que morreu mais moço, mais a tempo e mais a geito ; foi o que nunca saiu do Brasil. Estas circumstancias têm mais valor do que à primeira vista pôde parecer. Para bem comprehendel-o, basta comparar Evaristo aos seus amigos ou adversarios.

Os Andradas, os Silvas Lisboas, os Ferreiras Franças, os Vilellas Barbozas, os Carneiros de Campos e outros na politica do tempo entraram levados por prestigio de familia, entraram como influencias tradicionaes e locaes, entraram como quasi *nobres*, entraram quasi *par droit de naissance*, e suas idéas representavam o dontrinarismo academico, letrado, abstracto da Universidade de Coimbra.

Elle não ; elle saía sem titulos nenhuns do fundo de uma loja de livros ; representava o individualismo persistente e honesto, pertinace e calmo. Bem como na ordem literaria era preciso que individuos saídos do povo, e inspirados no seu sentir, levantassem o brado contra o academicismo classico, assim na esphera social era mistério que um liomem, saído do povo, em nome da simples justiça e bom senso do mesmo povo, se fizesse adorado d'este,

désses batalha aos poderosos do dia, e desmantelasse as malhas do vello classismo politico.

Este é o significado theorico da acção social e politica de Evaristo e tanto basta para dar-lhe importancia immensa.

Ha uma outra consideração a juntar, que vem completar esta nota : a arma de que se serviu e o rumo que deu á sua doutrinação foram os mais poderosos e acertados para o tempo ; a arma foi o jornal, e o rumo o liberalismo da Constituição.

D'est'arte, elle é um dos mais elevados representantes do jornalismo no Brasil, é mesmo o mais distinto como força, actividade e coherencia, depois de Hippolyto ; e é um dos mestres de nosso constitucionalismo liberal. Hippolyto foi o propagandista da independencia, Evaristo foi o doutrinador da revolução de 31, e das reformas constitucionaes de 34 ; foi o publicista da Regencia.

Sua biographia uão deve ser perdida de vista para ser elle bem comprehendido. Nascendo no fim do ultimo anno do seculo XVIII, quando os Andradadas já eram homens feitos, passou rapidamente pela vida e morreu ainda antes d'elles.

Quando os homens da revolução emancipadora do Brasil contribuiam para a obra commun por seus feitos, elle, rapaz de vinte annos, contribuia com versos, oferecia canções, de mui reduzido merito aliás.

O hymno da independencia é uma d'ellas.

De repente, nos ultimos dias de 1827, o obscuro livreiro atira aos quatro ventos o seu jornal, a sua *Aurora Fluminense*. Era a primeira manifestação séria do journalismo politico indigena. (1) O *Correio Brasiliense* seria a primeira, se não fôra publicado no estrangeiro. A folha fluminense, em todo caso, seguia a larga intuição de Hippolyto.

O journalismo era ainda então planta quasi exotica entre nós. Durante os tres seculos coloniaes não se publicara no Brasil um só jornal ou periodico, nem mesmo um livro, um folheto qualquer. Não havia typographias.

As proprias publicações hollandezas do tempo, datadas do Recife, eram feitas na Europa. Com a vinda de D. João VI é que se estabeleceu a imprensa Regia e foram aparecendo outras officinas typographicas no Rio e nas provincias. Datam d'ahi os primeiros passos do journalismo no Brasil.

Nos dias da independencia e do primeiro imperador tomou elle certo incremento. Eram, porém, tempos de grandissima agitação, os partidos aggrediam-se terrivelmente, e a linguagem journalistica era a linguagem grosseira de espiritos bulhentos que se insultavam. Nada de doutrina e de apreciação calma de princípios.

(1) Assim nos exprimindo, não queremos mostrar que ignoramos a existencia da *Gazeta do Rio de Janeiro*, do *Patriota*, do *Reverbero Constitucional*, etc.

Evaristo seguiu caminho diverso; seu jornal era placido, delicado, mas correcto e firme, como o seu caracter.

Durante os ultimos tres annos e meio do reinado de Pedro I, a *Aurora* fez-lhe assidua oposição; o principe descia em popularidade e o jornalista subia. Começou a ser procurado pelos liberaes do tempo e começou a influir pelo modo original da conversação, das palestras. Ha espiritos estimulantes e communicativos que distribuem idéas e entusiasmo com os outros.

Espiritos assim influem ás vezes mais por seu contacto pessoal do que por seus escriptos.

Evaristo possuia habilidade, talento e sympathia bastantes para fazer espontaneamente de sua casa o ponto de reunião dos primeiros espiritos da época; os mais velhos como Diogo Feijó, Vergueiro, Honorio Hermeto, Bernardo de Vasconcellos, Alencar, José Custodio, Paula Souza, Odorico Mendes e Antonio José do Amaral, e os moços ainda estudantes, como Gonçalves de Magalhães, Sallés Torres Homem, José Maria do Amaral, Felix Martins e outros que vieram mais tarde a ser contados entre os mais notaveis brasileiros. (1)

Logo após o 7 de abril, Evaristo, feito o homem da ordem, da paz e da moderação, cohibiu os excessos populares e influiu na formação da regencia provisoria. Era monarchista convicto e sincero e por isso não ajudou a causa republicana.

(1) Ha ahi muita gente que vive a confundir o velho Antonio José do Amaral, redactor da *Astréa*, com José Maria do Amaral, ha poucos annos fallecido.

Quando a *Astréa* começou em 1826, José Maria do Amaral tinha 13 annos de idade, e quando o jornal acabou em 1832, tinha 19 annos e era simples estudante. Só mais tarde entrou em relações com Evaristo da Veiga, muito popular entre os moços do tempo. Só nos meiodos da Regencia escreveu José Maria do Amaral seus primeiros artigos jornalisticos, que passaram plenamente despercebidos. Nesse tempo elle não era ainda republicano. Antonio José do Amaral era pae de José Maria.

Durante a regencia até 1837, Evaristo foi influencia politica de primeira ordem e influencia benefica.

Nunca foi governo e morreu pobre; não se serviu jámais da imprensa para obter propinas, privilegios, concessões, boas negociatas em summa. Tambem não se serviu do cargo de deputado e da influencia pessoal ante o governo para fazer concurrenceia ao thesouro nacional...

Recto e justo, foi a personificação do espirito liberal e democratico moderado no Brasil, como Armand Carrel foi a mais nitida representação do republicanismo aristocratico e cavalheiresco em França.

Em Evaristo da Veiga não existem doutrinas e idéas novas a aproveitar. D'elle serve-nos ainda hoje o exemplo. A integridade do carácter funcionou neste homem como força social e politica e funcionou utilmente para este paiz.

**Antonio
de
Moraes
Silva**

Antonio de Moraes Silva (1755-1824) é o celebrado lexicographo brasileiro, ainda hoje o mais distinto da lingua portugueza.

Um criterio interessante para escrever a historia literaria seria o linguistico.

Assistir ao desenvolvimento normal da lingua, suas transformações e alterações naturaes, physiologicas, por assim dizer, seria a base do processo. Acompanhar esse movimento no povo e nos escriptores, seria immensamente interessante.

Um dos symptomas seguros que temos da fraca originalidade e pequena constituição intima do povo brasileiro é a pobreza de sua accão sobre a lingua portugueza.

Assim nos exprimindo, não queremos contestar certo numero de modificações que tem soffrido a lingua nas provincias.

A lingua tem-se modificado entre nós, não tanto como fôra de esperar do conflicto de tres raças diversas num meio novo, diante de necessidades novas e da affluencia estrangeira.

Desde os tempos coloniaes a pilheria portugueza entrou a tomar seu quinhãozinho de brincadeira com os brasileiros por causa da pronuncia e meneio da lingua.

• Antonio de Moraes foi uma das victimas dos gracejos. Quando residiu no reino, foi chasqueado por sua pronuncia. Para se vingar intentou mostrar que sabia mais a lingua do que aquelles que debicavam d'elle, estudando os classicos e escrevendo o diccionario que saiu publicado em Lisboa em 1789.

Moraes tinha a intuição do carácter mobil e progressivo das linguas vivas e esta idéa vem consignada em seu prefacio: «Estes não caírão na pedantaria de se sojugarem a uma idade classica, o que seria absurdo em uma lingua viva, e mais agora que nos imos enriquecendo de ideyas filosoficas, e de noções relativas ao Commercio, Artes, Manufacturas, á Sciencia Politica, e Economicà, e

a um sem numero de ramos de saber, e erudição cada um dos quaes faz um vulto em Diccionarios peculiares de qualquer d'elles,

Apreciado do ponto de vista do progresso moderno em linguistica, hoje que estão classificadas as principaes raças e linguas do mundo, hoje que o grupo indo-europeu é conhecido nos seus mais intrincados problemas, e a ramificação romanica em seus ultimos detalhes, o *Diccionario da Lingua Portugueza* é uma obra atraçada.

Attendendo-se á sciencia do seculo XVIII em Portugal, ainda hoje o melhor que possuimos no genero; porque ainda não foi ultrapassada em clareza e senso nas definições, exemplos dos classicos e cópia de termos do Brasil.

Antonio de Moraes recebeu perseguições da Inquisição em Portugal, emigrou para a Inglaterra, onde estudou a lingua e a rica literatura do paiz.

Isto foi-lhe de incalculavel vantagem para a consecção de seu diccionario.

Além de alguns pequenos trabalhos, traduziu do inglez uma historia de Portugal.

Os ultimos annos de sua vida passou-os em Pernambuco, onde não quiz tomar parte na revolução de 1817, apezar de honrado pelo governo republicano e nomeado para certos cargos.

Um lexicographo, como força intellectual, é uma força conservadora. Disciplinador e photographista da lingua num dado momento, como que a immobiliza um instante. Mas esse trabalho é conveniente, é indispensavel. Os elementos dynamicos da linguagem continuam sempre a sua accão e o progresso é assim sempre uma realidade. Não regateiemos a Moraes Silva os louvores de que elle deve ser exigente. Nasceu em 1757 e falleceu no Recife aos 11 de abril de 1824. (1)

(1) Acerca d'este escriptor — veja-se o opusculo recente de Pereira da Costa sob o titulo — *Noticia Biographica do Dr. Antonio de Moraes Silva*, Recife, 1906.

Marianno José Pereira da Fonseca, marquez de Maricá (1773-1848) é um dos melhores moralistas da lingua portugueza, cuja literatura é pauperrima no gênero.

Marianno da Fonseca era fluminense e fez parte da mocidade entusiasta perseguida em 1794 pelo conde de Rezende, vice-rei do Brasil. Com a independencia do paiz, tomou parte na politica e chegou a ministro de Estado e senador no tempo do primeiro imperador. Depois do 7 de abril recolheu-se de todo á vida privada. Em 1837 publicou a sua primeira collectão de maximas ; em 39, a segunda ; em 41, outra ; em 44 e 46, ainda outras. Em 1848, já proximo á morte, confiou as ultimas á redacção do *Iris*.

■ Não nos illudamos com o valor de maximas e annexins e formemos uma idéa exacta d'esse genero de escriptos.

■ A sciencia social e a sciencia moral, comquanto devam obedecer a leis geraes naturalisticas, estas leis não estão ainda definitivamente descobertas e formuladas.

A sciencia ainda não se constituiu determinadamente nestes assumptos. As maximas dos moralistas, mesmo as dos mais illustres, um Montaigne, um La Bruyère, um Larocheoucauld, um Pascal, não passam de pequenas syntheses provisorias, problematicas, hypotheticas.

■ Inda mais é isto exacto quando o moralista philosopher não é um homem de vasta cultura e um espirito

profundamente original. É o caso do nosso Maricá. Este nunca tocou á trivialidade completa, e em compensação jámais attingiu os altos cimos do pensamento. É um velho companheiro amoravel, religioso, sensato, perspicaz, atilado ; mas sem esses deslumbramentos, esses lampejos inesperados dos homens de genio.

Sua maneira e seu espirito eram assim :

« Uns homens sobem por leves como os vapores e gazes, outros como os projectis pela força do engenho e dos talentos.

Ha muitos homens que se queixam da ingratidão humana para se inculcarem bemfeitores infelizes, ou se dispensarem de ser bem-fazentes e caridosos.

Ninguem considera a sua ventura superior ao seu merito, mas todos se queixam das injustiças dos homens e da fortuna.

Mudamos de paixões, mas não vivemos sem ellas.

Quando o povo não acredita na probidade, a immoralidade é geral.

A maledicencia é uma occupação e lenitivo para os descontentes.

Como o espaço comprehende todos os corpos, a ambição abrange todas as paixões.

Um seculo censura o outro seculo, como em nossa vida uma idade condena a outra idade.

A victoria de uma facção politica é ordinariamente o principio da sua decadência pelos abusos que a acompanham.

Os tufões levantam aos ares os corpos leves e insignificantes, e prostram em terra os graves e volumosos : as revoluções politicas produzem algumas vezes os mesmos effeitos.

O homem que cala e ouve não dissipa o que sabe, e aprende o que ignora.

Na fermentação dos povos como na dos líquidos, as escumas e impurezas sobrenadam e ficam de cima, por mais ou menos tempo, até que descem ou se evaporam.

O pae de familia é sensivel em muitas pessoas : soffre e goza simultaneamente em muitas existencias e individualidades.

Os que mais blasonam de honra e probidade são como os poltrões que se inculcam de valentes.

A philosophy, quando não extingue, dilue o patriotismo.

Para bem falar, não é o saber que falta a muitas pessoas, mas a protervia e a filaucia da ignorancia.

Devemos tratar os homens com a mesma cautela, resguardo e desconfiança, de que usamos em colher as rosas. » (1)

Miguel do Sacramento Lopes Gama (1791-1852). Lopes
Gama
Natural de Pernambuco, foi frade beneditino e mais tarde secularisou-se. Desde 1820 tomou parte assidua no pulpito, no magisterio e na politica pernambucana. Occupou varios cargos e empregos didacticos e chegou a deputado á assembléa geral.

Este illustre pernambucano deixou sermões, traduções diversas de obras religiosas e politicas, livros didacticos e escriptos satyricos.

Estes ultimos são os que possuem algum merito.

(1) *Collecção Completa das Maximas, Pensamentos e Reflexões* do marquez de Maricá, Rio, 1850; E. e H. Laemmert.

São : *A Columneida*; *Codigo Criminal pratico da Ise mi-republica de Passamão na Oceania*; *A Pharpeleida*; *O Philosopho provinciano na corte a seu compadre na provincia*; e, finalmente, *O Carapuceiro*.

A Columneida é uma satyra em versos, em fórmula de poema, ao partido absolutista de Pernambuco intitulada *a Columna*. O *Codigo Criminal pratico* é uma satyra em prosa a certos politicos do tempo. A *Pharpeleida* tem a fórmula de poema comico-satyrico. O *Philosopho provinciano* são artigos folhetinisticos publicados na *Marmota* do Rio de Janeiro sobre os costumes d'esta capital em 1852.

O *Carapuceiro* era um pequeno semanario satyrico, e vem a sêr a publicação typica de Frei Miguel. O ilustre escriptor tomou o nome de sua folha e ficou denominado o — *Carapuceiro*.

Lopes Gama não é um satyrico em regra ao gosto de Juvenal; tambem não é um comico ao gosto de Cervantes ou de Beaumarchais; tão pouco é um humorista ao geito de Swift, Sterne ou Carlyle.

É apenas um homem de espirito, o que nós chamassemos um homem engracado.

Um *homem engracado* para o nosso povo é aquele que possue certo chiste no falar ; sabe casos, anecdotas e apropositos para tudo, e quando não os sabe inventa-os ; emfim é o homem que engatilha e dispara a sua pilheria nas occasiões oportunas.

O frade pernambucano estava neste caso, e tinha nisso merito. Sua accão não deixou de ser proveitosa, censurando abusos e desvios dos costumes do tempo.

Leiamos um trecho do *Carapuceiro*, e seja aquelle em que nos fala da *Sociedade Philo-pansa*. É este :

«Eu já disse (e é uma verdade que se está mettendo pelos olhos) que estamos na época das sociedades; e é tal o furor por estas reuniões, que me asseveráram já as haver installadas até em lojas e botequins. É de advertir, que uma grande parte dessas sociedades têm ordinariamente o prenome de *Philo*, nome grego que quer dizer *amigo*; e por isso uma dedicada a musica, denómica-se *Philo-Harmonica*; outra que trata de negocios da Patria, *Philo-Patria*. etc., etc.

Acaba de installar-se a sociedade *Philo-Pansa*, que vem a ser a sociedade dos amigos da pansa, por outra, dos apaixonados de encher bem o bandulho.

Foi numeroso o concurso para o acto solemne da installação, no fim da qual houve lautissima e variada comezaina.

Béllos lombos de porco de forno ainda rechinando, e com profusão o Feitoria, o Madeira, o Bordeaux e o espumoso saltão Champaigne.

Foi eleito presidente por aclamação um heroe, que tem dado provas sobejass da insaciabilidade do seu appetite, sujeito que come por sobre-mesa, depois de bem jantado, 640 tapiocas de côco !

O Vice-Presidente é um famoso regalão, de pansa volumosa, que parece, que só existe para comer. Os dous secretarios são, pouco mais ou menos, do mesmo jaez, bons patuscós, e perdidos por encher a tripa.

.

Os socios tambem usam de *insignias symbolicas*, como dizem que usam os *Máçons*, com a diferença que as destes são do officio de pedreiros, e as d'aquelleas tiradas todas dos utensilios da cozinha e da mesa ; por isso o Presidente traz pendente do pescoço um fornozinho de metal ; os secretarios usam de grelhas ; uns apresentam caçarolas, outros frigideiras, espertos, panellas, copos e garrafas, o que tudo offerece mui agradavel perspectiva.

Os *Philo-Pansas* são absolutamente estranhos a objectos de Politica...

O que immediatamente lhes interessa é o preço da carne, do peixe, da farinha, do pão, da manteiga etc., etc., e preferem muito uma ceia de boas postas de cavalla frita com farofa, e o competente roxo empurrador á Oraçāc de Cicero *pro Ligorio* ou *pro Lege Manilia*, ao discurso de Demosthenes *pro Coronide*... etc.

Na sala da Sociedade estão os retratos dos maiores regalões de que faz menção a Historia. Sobre a cabeça do Presidente está pendurado o retrato de Epicuro; de uma parte o de Apričio, d'outra o de Lucullo e tambem de Horacio, que era insigne gastronomo e apaixonado da vinhaça. Alli, por um artigo expresso dos Estatutos declara-se guerra de morte a Broussaiš, e ao seu systema, de maneira que, se adoece algum socio e consta, que poz bichas, ainda que fosse nos calcanhares, que esteve no uso de raiz de althea, e xarope gommoso e só se alimentava com agua de assucar, ou de arroz, e caldinhos de pintainho, é immediatamente riscado da Sociedade com infamia ; porque ainda na mais valente indigestão tem decidido a mesma Sociedade que o verdadeiro *Philo-Pansa* nunca se deve divorciar do pirãozinho e mais da carne; finalmente, a regra geral é trazer mais ou menos irritada a membrana muçosa. Em desconto de tantos regalos os *Philo-Pansas* têm assentado de não chegarem á idade avançada, acabando quasi todos de apoplexia.

Os socios não se tratam por seus nomes de baptismo; porém sim, pelos nomes dos petiscos de que mais gostam ; e assim um se chama irmão *Podim*, outro irmão *Pastel*; este *Frigideira*, aquelle *Feijoada*, etc..»

Em politica era Lopes Gama doutrinario, obedecia ao liberalismo de Constant e de Guizot nos bons tempos. Não era profundo; porém não era banal. Sua pilheria não trazia o riso franco e formidavel de Rabelais; nem o travor melancolico de Thomaz Hood; mas era folgazã e bem humorada. (1)

(1) Vide *Diccionario Biographico de Pernambucanos Celebres*, por F. A. Pereira da Costa, 1882.

SECULO XIX

(PHASE ROMANTICA)

1830-1880

I

Poesia

Antes de iniciar-se francamente a reacção romantica que em geral, com pouca justiça, se faz datar de 1836 com a publicação dos *Suspiros Poeticos*, já havia muitos signaes de que a revolução entre nós começada pelos mineiros, que podemos chamar os *proto-romanticos*, já se tinha consumado numa serie de poetas que precederam a Gonçalves de Magalhães, ainda que muitas das producções d'aquelles só viessem á luz muito mais tarde.

A estes poetas é que devemos assignalar um modesto logar na phase de *transição para o romantismo*. Não são grandes vultos e foram quasi esquecidos pelo fulgor relativo dos que vieram depois.

« A verdade é, diz o Auctor da *Hist. da Lit.*, que já antes tiveram o proto-romantismo dos poetas mineiros, e já tinhamos sido visitados pelo romantismo politico de que a *Constituição do Imperio* foi um excellente specimen. A verdade é que antes de Gonçalves de Magalhães diversos poetas haviam abraçado os principios da nova escola, especialmente entre os estudantes de Olinda e S. Paulo desde 1829.

Maciel Monteiro, Cândido de Araújo Vianna, Odorico Mendes, Moniz Barreto, Barros Falcão, Augusto de Queiroga, seu irmão Salomé, Bernardino Ribeiro, Firmino Silva, Alvaro de Macedo e José Maria do Amaral são algum tanto anteriores a Magalhães.

São estes os poetas que chamaremos de transição. A elles podem ligar-se *Antonio Felix Martins, José Maria Velho da Silva, João Capistrano Bandeira de Mello, D. Delfina da Cunha*, o portuguez *José Soares de Azevedo e Paula Brito.*»

De Maciel Monteiro (1804-1868) só agora (1905) publicaram a collecção dos seus versos, que corriam fragmentados e avulsos.

Odorico Mendes (1799-1864) é antes um epígonos dos classicos, e os seus melhores trabalhos são as traducções da *Iliada* e dos poemas de Virgilio, e mais se recommendam pela erudição do que pela poesia.

Salomé Queiroga (1810-1878) é um romantico, e é provavel que não sejam verdadeiras as datas das suas producções. Não tem originalidade; imita, paraphraseia ou traduz, principalmente a V. Hugo, mas com grande talento poetico.

Os outros da lista antecedente, Sapucahy, o repentista Moniz Barreto, José Maria Velho da Silva, José M. Amaral etc., são medíocres e mui pouco significativos. Alguns d'elles são todavia conspicuos pela nomeada de politicos.

Já na phase adiantada em que estamos e onde ha materia para escolha, é essencial suprimil-os como inferiores.

G. Magalhães

Domingos José Gonçalves de Magalhães (Visconde de Araguaya) (1811-1882) formou-se em medicina no Rio de Janeiro, sua cidade natal; foi diplomata, viajou

toda a Europa, tendo companheiros em Porto Alegre e Salles Torres Homem.

A esthetica de Magalhães leva vantagem a dos seus predecessores na variedade, grandeza e solennidade dos assumptos. Vê-se bem que o poeta, tendo feito viagem ao velho mundo e estudado a literatura européa, deixou-se impressionar por grandes factos e grandes cenas do antigo mundo. Seu espirito reflexivo procurou conscientemente agir na reforma da poesia, na creaçāo do theatro e no estudo da philosophia entre nós.

Tal o intuito dos *Suspiros Poeticos* (que foram recebidos com grandes aplausos e foram logo objecto de imitação), do drama *Antonio José ou o Poeta e a Inquisição* e do livro de philosophia *Factos do Espírito Humano*.

Se a poesia em Magalhães não possue a graciosidade, a delicadeza de tons, os mil segredos acariantes da forma; se não nos dá em notas inolvidaveis nem a paizagem, nem o viver intimo das almas, não importa isto negar-lhe certo vigor nos bons momentos. Eis como a musa nelle fala de Napoleão, perdido na sua ultima batalha:

Sim, aqui estava o genio das victorias,
Moldindo o campo com seus olhos d'aguia !
O infernal retintim do embate d'armas,
Os trovões dos canhões que ribombavam,
O sibillo das balas que gemiam,
O horror, a confusão, gritos, suspiros,

Eram como uma orchestra a seus ouvidos !
 Nada o turbava ! Abóbadas de balas,
 Pelo inimigo aos centos disparadas,
 A seus pés se curvavam respeitosas,
 Quaes submissos leões; e, nem ousando
 Tocal-o, ao seu ginete os pés lambiam...

A lyrical, em um poeta como o auctor dos *Suspiros*, de *Urania* e dos *Cantos Funebres*, tem sempre certa envergadura philosophica, expressão de um espirito pensador. O amor numa alma d'essas é uma especie de emanacão das forças eternas que regem o universo. A sua amada desce-lhe do seio do infinito:

Alto saber proclama a Natureza,
 Proclama alto poder
 D'aquelle Eterna Fonte de belleza
 Que brilha em todo ser.

E quanto a vasta immensidade encerra
 O louva sem cessar ;
 O dia, a noite, o céo, o mar, a terra
 O hão de sempre amar.

E por tudo que eu via o adorava :
 Que Elle tudo creou ;
 Mas, por mais um prodigo eu esperava ,
 E um Anjo a mim baixou.

Um Anjo pareceu-me que descia
 Da célica mansão,
 Tanto seu divo aspecto me infundia
 Amor e devoção.

Nunca tão pulchra, em todo o firmamento,
 Estrelia reluziu ;
 Nunca tão bella, sobre o salso argento,
 Aurora resurgiu !

Nunca em visão poetica arroubado
 Delicia igual senti,
 Como nesse momento afortunado,
 Em que seu rosto vi.

Absorto vi seu rosto peregrino,
 E o seu rosto era o teu !
 Sim, era o teu ! E que outro mais divino
 Me mostraria o céu ?...

Vê-se, em todo caso, que as boas tradições do seculo anterior foram conservadas em Magalhães nos felizes momentos.

Manoel de Araujo Porto Alegre (Barão de Santo Angelo) (1806-1879) foi pintor, architecto e poeta. Viajou la Europa; foi exageradamente elogiado pelos seus contemporaneos. Escreveu a collecção de versos *Brasilianas* e o longo poema fastidioso o *Colombo*.

Porto
Alegre

Nas *Brasilianas* não existem amostras de poesia pessoal, intima, psychologica; tudo são scenas do mundo exterior ou da historia da humanidade. Se Magalhães pôde ser considerado uma especie de precursor entre nós da poesia scientifica, Porto Alegre é um antecipador da poesia historica, a poesia que se praz na apreciação dos varios cyclos das luctas da civilização. Neste sentido é caracteristico o poemeto escripto em 1835, o *Canto sobre as ruinas de Cumas*, denominado *A Voz da Natureza*. É alguma cousa que lembra os pequenos poemas da *Lenda dos Seculos* de V. Hugo,

mas muito anterior. A musa fala pela voz do *Horizonte*, do *Circeum*, de *Gaeta*, do *Oceano*, de *Tuberão*, de uma *Columna Dorica*, de um *Rouxinol*, de *Pontia*, de *Pandataria*, do *Amphitheatro*, de *Pithecura*, de *Rochyta*, de *Caprea*, do *Vesuvio*, etc. É como o entoar de um côro immenso em que cantam as dôres e as saudades de todos. Diz uma das vozes:

Toca a hora : silencio ! A hora sôa
 Em que o globo inflammado,
 Que o dia á terra mostra,
 Do ethereo oceano ao fundo rola,
 E das celestes vagas já levanta
 As gotas luminosas que borrifam
 O vasto firmamento.
 Salve, estrellante noite,
 Que do Berço da aurora resurgindo
 De um manto adamantino te apavonas
 Nas ceruleas campinas !
 Vagai na immensidade, ardentes, cirios,
 Que só a immensidade ora me encanta,
 Mesquinha á mente a terra me parece.
 Mysticos sonhos, célica harmonia,
 Adejai vossas azas,
 Resoai no infinito ;
 Sombras de amor, passai, passai ligeiras,
 Dançai e repeti em muda lingua
 O nome que idolatro.

G. Dias

Tinha de caber a **Antonio Gonçalves Dias** (1823-1864) a função de preencher as lacunas dos dous mestres anteriores do romantismo. Neste extraordinario mestiço todas as cordas da lyra vibraram unisonas. Fundo

e forma, a natureza e o homem, vida civilizada e vida selvagem, scenas das cidades e scenas da roça, tudo, tudo se apurou e resplandeciu, passando pela voz d'esse vate insigne. Nasceu no Maranhão em 1823 e estudou na Universidade de Coimbra. Voltou a patria e ainda regressou depois ao velho mundo, em commissões scientificas e literarias. Falleceu quasi naufrago aportando ao Maranhão, avistando já as suas queridas palmeiras, aos 3 de novembro de 1864.

Tem-se dito que elle foi pura e simplesmente o cantor dos selvagens, o poeta dos *indios*. É certo que o que se veio a chamar o *indianismo* fôra, em tempo, o momento capital de seu poetar, ou, pelo menos, foi por essa face que elle mais impressionou os contemporaneos. Mas a verdade é que sua paleta era muito mais variada em tintas; o simples *indianismo* era por si só incapaz de explicar um caracter tão complexo, como foi o poeta d'*O Gigante de Pedra*, o dramatista de *Leonor de Mendonça*. Este, sim, fez avançar e muito a herança recebida dos proto-romanticos da escola mineira. Apreciamos a poesia nelle em rapida silhouete.

O auctor de *Marabá*, da *Mãe d'Agua*, do *Leito de folhas verdes*, do *Gigante de Pedra*, do *X Juca-Pirama*, dos *Tymbiras*, que é tambem o auctor das *Sextilhas de Frei Antônio*, isto é, o auctor do que existe de mais nacional e do que ha de mais portuguez em nossa literatura, já o temos dito mais de uma vez, é um dos mais

nitidos exemplares do povo, do genuino povo brasileiro. É o typo do mestiço physico e moral, encarnação completa do caracter patrio. Gonçalves Dias era filho de portuguez e mameluca, o que vale dizer que descendia das tres raças que constituiram a populaçao nacional, e representava-lhes as principaes tendencias. Aos africanos deveu aquella expansibilidade de que era dotado, aquella ponta de alegria que o não deixou jámais e que especialmente se nota em suas cartas. Aos indios, as melancholias subitas, a resignaçao, a passividade com que supportava os factos e acontecimentos, deixando se ir ao sabor d'elles. Aos portuguezes, o bom senso, a nitidez e clareza das idéas, a religiosidade que nunca o abandonou, a energia da vontade, as precauções phantastistas, um certo idealismo indefinido, impalpavel. Juntæ a tudo isto fortes impressões de luz e de côres, de vida e de movimento, fornecidas pela natureza tropical, que se expande pela regiæ em fóra que vae de Caijas a S. Luiz ; juntae ainda as scenas maritimas da primeira viagem a Portugal ; não esqueçaes os quadros da natureza e da vida provinciana no velho reino, e nem tão pouco os panoramas indescriptiveis do Rio de Janeiro e regiæ circumvizinha ; trazei a este concurso de factos e circumstancias as leituras dos poetas antigos e modernos, o estudo das chronicas coloniaes, e tereis os elementos predominantes e constitutivos do talento artistico d'esse valente e mimoso lyrista.

Os chefes do romantismo portuguez, nos ultimos annos (1843-1845) passados pelo escriptor maranhense em Coimbra, já tinham publicado suas obras principaes, e a evolução da poesia entre os epigonos, havia attingido a phase do sentimentalismo affectionado e esterilizante.

O nosso poeta, já de si bastante melancholico, aprendeu aquella maneira e deixou-se envair da molestia geral. O sentimentalismo é, dest'arte, uma das notas mais intensas do seu trovar; mas é preciso ser surdo para não ouvir que um intenso naturalismo americano, um certo mysticismo religioso, o calor e a effusão lyricas juntam ás notas monotonas d'aquelle sentimentalismo as volatas e fanfarras d'uma poesia variada, ampla, serena, meiga, embriagadora. A volta do poeta para o Brasil, sua nova estada no Maranhão, sua subsequente partida para o Rio de Janeiro entram como factores na formação de seu talento.

Sob a accão de tão variados estimulos, é claro que o poeta não podia ficar no circulo estreito do *melancholismo* e nem tão pouco em o âmbito apertado do *indianismo*. A verdade é que esse illustre lyrico, sem planos preconcebidos, espontaneamente, sem impulsos doutrinarios, só pela força nativa de sua intelligencia, seleccionada pelas circumstancias, deixou-se influenciar pela vida dos selvagens, como em *Y Juca Pirama* e dez outras composições; pelas tradições portuguezas, como nas *Sextilhas de Frei Antão* e em *Leonor de Mendonça*; pelos sofrimentos dos escravos pretos, como na *Escrava* e na *Meditação*; pelos sentimentos e phantasias dos mestigos, como em *Marabá*. Todas estas notas não exgottam ainda a complexidade do sentir do poeta.

É mister juntar-lhes a poesia pessoal e subjectiva e a poesia exterior e paizagista.

Em summa: a musa sagrou neste homem um poeta e poeta lyrico. Deu-lhe a vibratilidade das sensações, a ideação prompta

e mobil, a linguagem fluida, sonora e cadente, o espirito sonhador e contemplativo, a imaginação sempre prompta a desferir o vôo.

Não era da raça dos que confundem a poesia com a eloquencia, a musica d'alma com os sons de um instrumento. Tal o poeta; e no poeta o lyrista distinguia-se pela justeza do sentimento, a doçura das imagens, a delicadeza das tintas, a facilidade das idéas, a espontaneidade da forma, o vôo sereno de todas as forças espirituais.

É por isso que muitas de suas producções são bellissimas poesias e das mais encantadoras da lingua portugueza.

Eis aqui alguma cousa que pôde bem claro mostrar a distancia percorrida pela lyrical nacional em tres seculos; comparem-se estas estrophes cantantes, aladas, levíssimas, esta musica de palavras que deslisam fulgidas e macias, com as oitavas de Bento Teixeira, ou de Santa Maria Itaparica, ou de Santa Rita Durão; comparem-nas com as estrophes de Gregorio de Mattos, ou de Botelho de Oliveira e até de Claudio, de Gonzaga e de Alvarenga Peixoto:

Eu vivo sósinha; ninguem me procura.

Acaso feitura

Não sou de Tupá ?

Se algum d'entre os homens de mim não se esconde

— Tu és, me responde,

— Tu és, Marabá !

Meus olhos são garços, são côr das saphiras,
Teem luz das estrellas, teem meigo brilhar;
Imitam as nuvens de um céo anilado,
As côres imitam das vagas do mar.

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos :

Teus olhos são garços,

Responde anojado : — mas és Marabá :

— Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,

— Uns olhos fulgentes,

Bem pretos, retintos, não côr de anajá !

É alvo o meu rosto, da alvura dos lyrios,

Da côr das arêas batidas do mar ;

As aves mais brancas, as conchas mais puras

Não teem mais alvura, não teem mais brilhar.

Se ainda me escuta meus agros delirios :

— És alva de lyrios

Sorrindo responde: — mas és Marabá :

— Quero antes um rosto de jambo corado,

— Um rosto crestado,

— Do sol do deserto, não flôr de cajá !

Meu collo de neve se curva engracado

Como hastea pendente de cactos em flôr;

Mimosa, indolente, resvalo no prado,

Como um soluçado suspiro de amor !...

Laurindo José da Silva Rabello (1820-1864) nasceu na Bahia. Se a musa brejeira dos espíritos galhofeiros visitava-o por vezes, não é menos verdade ter sido sua companheira mais constante a magoada inspiradora do auctor das *Meditações*

Laurindo
Rabello

Laurindo Rabello se distingue pela complexidade de seu temperamento. Triste, profundamente melancólico, já por indole e já pelas condições de sua exis-

tencia, mas robusto, forte, sadio, dotado, além do mais de uma extraordinaria espontaneidade de pensar e produzir, não se limitou em sua vida a exhalar profundas e sinceras magoas ; a satyra, a ironia, a chalaça foram muitas vezes a expressão natural de seu sentir. Tinha elasticidade bastante para a galhofa, a pilheria, o improviso, a pornographia, mas no fundo lá estava a nota plangente dos desconsolados.

Eis um trecho da deprecação, bem se poderá dizer da prece, que dirigiu á sua irmã, depois de morta:

Que tens, mimosa saudade ?
 Assim branca, quem te fez ?
 Quem te poz tão desmaiada,
 Minha flôr? que pallidez !

Ah ! talvez n'um peito vario
 Emblema foste de amor:
 O peito mudou de affecto
 E tu mudaste de côr...

Quem sabe... (Oh ! meu Deus, não seja,
 Não seja essa idéa van !)
 Si em ti não foi transformada
 A alma de minha irmã ?

— Minh'alma é toda saudades,
 De saudades morrerei... --
 Disse-me quando a minh'alma
 Em saudades lhe deixei.

E agora esta saudade
Tão triste e pallida, assim
Como a saudade que geme
Por ella dentro de mim ;

A namorar-me os sentidos,
A fascinar-me a razão...
Julgo que sinto a voz d'ella
Falar-me no coração !

Exulta, minh'alma, exulta !
Aos meus labios, flôr louçã...
No meu peito... Toma um beijo,
Outro beijo, minha irmã !

Outro beijo, que estes beijos
Não t'os prohíbe o pudor :
Sou teu irmão, não te mancham
Os beijos do meu amor...

Entretanto a evolução proseguia. Depois de haver tomado a coloração religiosa e emanuelica, a indiana e paizagista, a poesia romântica tinha de, por assim dizer, systematizar o desgosto da vida, a dôr do mundo, o *Weltschmerz* dos espíritos a Byron, Vigny, Musset e outros illustres corypheus do pessimismo. Laurindo é um elegíaco; Alvares de Azevedo e Bernardo Guimarães foram, por vezes, verdadeiros desesperados.

Em Manoel Antonio Alvares de Azevedo (1831-1852), que se deve considerar, depois de Gonçalves Azevedo

Dias e José de Alencar, a mais alta figura do romanticismo brasileiro, a poesia complicou-se de problemas novos. O moço auctor é o typo representativo do homem moderno, do *filho do seculo* — no Brasil. Nasceu no Rio de Janeiro e estudou direito em São Paulo, onde appareceram as suas primeiras produções.

Na serie da evolução literaria elle é não o primeiro, mas o mais accentuado exemplo, verdadeiramente illustre, de um producto puramente local, de um filho de academia brasileira.

Com Alvares de Azevedo, o trabalho começado pelos primeiros românticos para arrancar-nos da influencia portugueza, progrediu consideravelmente. O moço poeta, educado pelos alemães Planitz, a principio, e, mais tarde, Tautphoeus no Collegio de Pedro II, costumou-se a olhar para o grande mundo das letras e da poesia e a lêr os grandes mestres gregos, latinos, ingleses, alemães, hespanhóes e franceses.

O poeta da *Lyra dos vinte annos* foi um talento possante numa organização demasiado frauzina. Não podia viver muito, era doentio, e era *melancholico*. Isto pôde-se d'elle dizer, porqne é a verdade manifestada em sua vida e em seus escriptos.

Precoce em tudo, extranhava que o verdadeiro affecto do amor não lhe tivesse ainda chegado. D'ahi o dualismo que se nota nas suas composições lyricas de genero amoroso.

Ora é um lyrismo idyllico, todo confiante e puramente idéal; ora é a amargura de quem não encontrou ainda um coração que o comprehendesse, ou a pintura d'alguma scena lasciva.

Foi um imaginoso, um triste, um lyrico que enfraqueceu as energias da vontade e os fortes impulsos da vida no estudo e enfermou o espirito na leitura tumultuaria dos romanticos a Byron, Shelley, Heine, Musset e Sand.

Quanto ao valor de sua obra, deve se dizer que nelle temos um poeta lyrico e o esboço d'un *conteur*, d'un dramatista e d'un critico; o poeta, de que sómente ora tratamos, é superior a todas as mais manifestações de seu talento.

É um engano supôr ter sido elle um lacrimoso perenne; ha em sua obra paginas, e das melhores, de um completo objectivismo: *Pedro Ivo*, *Thereza*, *Cantiga do sertanejo*, *Na minha terra*, *Crepusculo no mar*, *Crepusculo nas montanhas* e muitas outras o provam. Em *Gloria moribunda*, *Cadaver de poeta*, *Sombra de D. Juan*, *Bohemios*, *Poemas do frade* e *Conde Lopo* — ha muito d'esse satanismo, d'esse desprazer terrivel da vida em que veio a dar certa ramificação do romantismo.

Julgamol-o mais apreciavel na sua forma séria e idealista, posto reconheçamos ser o nosso poeta o primeiro a usar em lingua portugueza do *humour*, essa bella manifestação da alma moderna.

És tú, alma divina, essa Madona,
 Que nos embala na manhã da vida,
 Que ao amor indolente se abandona
 E beija uma criança adormecida.

No leito solitario és tú quem vela,
 Tremulo o coração que a dôr anceia,
 Nos ais do sofrimento inda mais bella,
 Pranteando sobre um'alma que pranteia.

E, si pallida sonhas na ventura
 O affecto virginal, da gloria o brilho,
 Dos sonhos no luar, a mente pura
 Só delira ambições pelo teu filhe.

Pensa em mim, como em ti saudoso penso,
 Quando a lua no mar se vae doirando ;
 Pensamento de mãe é como o incenso
 Que os anjos do Senhor beijam passando...

Como isto é acariciante e doce! Como já sabia neste desventurado joven a poesia vasar numa linguagem de oiro as mais fundas emoções d'alma!

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (1827-1885) a poesia teve bellas amostras de lyrismo naturalista, como em *Invocação* e *O Ermo*; de lyrismo philosophico como em *O Devanear do sceptico*; de lyrismo amoroso, como em *Evocações*; de lyrismo humoristico, como em *Orgia dos duendes*, *Diluvio de papel*, *O Nariz perante os poetas*.

Mas isto não define, não individualiza o poeta entre os seus pares; preciso é descobrir uma nota que seja só d'elle, que o afaste de seus competidores; e esta nota parece nos estar nas tintas sertanejas de sua paleta e no tom brasileiro de sua linguagem.

Bernardo, talento objectivista, nasceu e viveu na plena luz do coração do Brasil, o planalto central. Filho de Minas, viajou muito os sertões de sua província e das de Goyaz, S. Paulo onde estudou o direito, e Rio de Janeiro.

Tinha o prurido de *bohemio*, movia-se constantemente, e neste caminhador havia o instinto do pittoresco. Junte-se a isto o conviver íntimo com o povo, o falar constante de sua linguagem e ter-se-ha a razão pela qual o intelligente mineiro em seus versos e romances foi uma das mais nitidas manifestações do espírito nacional.

Quasi todos os seus escriptos versam sobre temas brasileiros; mas ha nelles alguma cousa mais do que a simples escolha do assumpto; ha o brasileirismo subjetivo, espontâneo, inconsciente, oriundo d'alma e do coração.

Eis um trecho da *Primeira Evocação*:

Das sombras do sepulcro
Ei-la que surge, placida e formosa,
 Essa visão primeira,
Que me sorriu na quadra venturosa
 Da infância prazenteira...

Sê mui bem vinda, oh flôr sempre lembrada
 De minha ledâ aurora !
 Graças te rendo, pois a consolar-me
 Surges primeira agora.

Inda hoje mesmo, apôs tão largos annos,
 Que repousas no leito funerario,
 Á minha voz acodes e abandonas
 Para escutar-me o gelido sudario...

Não ; não morreste : ou bella como outr'ora
 Á voz do meu amor hoje renasces !
 Tombam-te ao collo as nitidas madeixas
 E adoravel pudor te adorna as faces.

Não vens da campa, não, que nos teus labios
 Vejo o frescor e a purpura da rosa :
 Palpita o seio e brincam-te os sorrisos
 Na bocca perfumosa...

As *Evocações* lembram, já uma vez o dissemos, as *Noites* de Musset, talvez a mais bella producção do romantismo francez

Octa-viano, etc. Nesta phase do periodo romantico e ainda depois, florescem alguns poetas de valor como Francisco Octaviano, Aureliano Lessa e Augusto de Mendonça, para só mencionar estes tres, que entretanto, ou não deixaram uma obra completa, foram injustamente esquecidos, ou não conseguiram influxo apreciavel sobre as gerações seguintes.

Ainda um pouco depois poder-se-iam registrar os nomes de Gentil Homem (Flavio Reimar), Joaquim Serra, Franco

de Sá, Bittencourt Sampaio, Juvenal Galeno, Bruno Seabra, e principalmente José Bonifacio e Pedro Luiz. Alguns exerceiram influxo muito local, ou ephemero, foram supplantados por outros mais habeis, ou não collectionaram as suas obras, que ahi correm imperfeitas e alteradas.

Em um resumo, como este, não podemos dar espaço ao estudo de individualidades que, por qualquer maneira, se não fizeram valer diante dos seus vindouros e figuram apenas como precursores quasi inéditos, ás vezes falhos e sempre imperfeitos.

Luiz José Junqueira Freire (1832-1855) que nasceu ^{Junqueira} _{Freire} na Bahia e apenas viveu 23 annos e por erro havia abraçado a vida monastica, foi um joven de temperamento nervoso e apprehensivo, que se viu attralido por duas correntes diversas. A educação religiosa e a intuição livre do seculo travaram lucta em sua alma, sem que nenhuma das duas triumphasse da outra completamente; suas crenças vacillaram, resentiram-se seus sentimentos. D'ahi certa dubiedade, certo dualismo em seus escriptos, justamente o mesmo abalo que se déra em Azevedo e companheiros.

Apenas Junqueira era mais lucido, mais raciocinador e menos imaginoso, menos poeta.

O bahiano é, como todos os bons vates brasileiros, um bom lyrista; e seu lyrismo tem quatro notas principaes: religiosa, philosophica, amorosa, popular ou sertanista. Damos estes douos ultimos epithetos ao punhado de poesias que se inspiram de scenas do viver de nossas classes aldeians e roceiras. Se não são as mais abun-

dantes, são as melhores do auctor. As principaes são: *A Orphan na costura, O Banho, O Canto do gallo, O Menestrel do sertão.* Nos outros generos, as mais saborosas são: *Porque canto, Meu Filho no claustro, A Flôr murcha no altar,* da qual damos este trecho:

Leva a modestia na fronte,
 Leva no peito a oração,
 Leva seu livro doirado,
 Leva pura devoção:
 Leva a rosa, a linda rosa
 Nos dedos da breve mão.

Rezou : e depois ergueu-se,
 Dirigiu-se ao santuario,
 Modesta qual sua prece,
 Qual a luz do alampadario :
 E depôz a linda rosa
 Ao pé do santo Calvario.

Os anjos depois vieram,
 Respiraram sobre a flôr.
 A flôr cobrou mais belleza,
 Mais gala e mais esplendor,
 Alli ao pé do Calvario
 Deu mais expansivo odor.

Alli parecia aos olhos
 Crescer, crescer... Mas agora ?
 Agora murcha, tão murcha,
 Não tem a gala de outr'ora,
 — Assim o fumo do tecto
 Cresce, cresce, e se evapora.

Assim as horas do tempo
 Correndo, correndo vão.
 Assim passou inda ha pouco
 O matutino clarão.
 Assim hontem foste infante,
 Assim hoje és ancião.

Murcha, murcha ! não expande
 Jámais seu odor intenso.
 Ha-de seccar, feliz d'ella,
 Junto a Cruz do Deus immenso.
 Ha-de aspirar sobre as aras
 O cheiro de grato incenso.

Feliz ! — seu leito de morte,
 Sobre as aras ella tem.
 A prece que vae ao céo,
 Sob'rella primeiro vem.
 A myrrha que a Deus incensa,
 Incensa a ella tambem.

Casimiro de Abreu, o poeta das *Primaveras* (1837- Casimiro de 1860), é o mais perfeito e completo typo do romantico melancolico, sentimental. Viveu como J. Freire 23 annos apenas. A nota, já existente em todos os seus predecessores romanticos, e que se vae encontrar até em Silva Alvarenga e Gonzaga, em Casimiro chegou á completa evolução. Tudo conspirou para este resultado: o meio social, o temperamento do poeta, seu genero de vida em desaccôrdo com seus gostos e aspirações. Natural da antiga provincia do Rio de Janeiro,

logo cedo passou a Portugal onde devia habilitar-se na profissão do commercio, a que o destinavam os seus paes.

Pobre moço, fraco, com propensões á tuberculose, cheio de leituras sentimentaes, vaporosas, aereas, embriagadoras, tudo o levava a collocar su'alma num palacio de chimeras, irizados sonhos em desaccôrdo completo com a dura realidade. Mas ha a mais completa ausencia de artificio nas maguadas poesias do desconsolado mancebo. Este meigo e doce desequilibrado é o mais sincero, o mais puro e honesto dos homens. É um'alma de moça, alguma cousa como Shelley aos dezeseis annos, antes que o mundo o tivesse tomado em suas garras e lhe houvesse alterado a primitiva virgindade.

O estylo, como simplicidade, ausencia de afaneirados, espontanea singeleza, tem chegado á quasi perfeição. Uma ou outra vez descamba para o defeito d'aquellea qualidade: — torna-se vulgar. Eil-o quando é melhor:

Tu m'inspiraste, oh musa do silencio,
Mimosa fiôr da languida saudade!
Por ti correu meu estro ardente e louco
Nos adores febris da mocidade.

Tu vinhas pelas horas das tristezas,
Sobre o meu hombro debruçar-te a medo,
. A dizer-me baixinho mil cantigas,
Como vozes subtis d'algum segredo.

É esta a nota quasi geral da poesia no auctor das *Primaveras*. Dizemos quasi geral, porque em Casimiro incontram-se tambem, de longe em longe, algumas votas de lyrismo alegre, expansivo, com uns doces tons comicos.

Este é um trecho da dedicatoria das *Primaveras*:

Por ti corri sedento atraç da gloria;
 Por ti queimei-me cedo em seus fulgores;
 Queria de harmonia encher-te a vida,
 Palmas na fronte—no regaço flôres!

Tu, que foste a vestal dos sonhos d'ouro,
 O anjo tutelar dos meus anhelos.
 Estende sobre mim as azas brancas...
 Desenrola os anneis dos teus cabellos!

Muito gelo, meu Deus, crestou-me as galas!
 Muito vento do sul varreu-me as flôres!
 Ai de mim — se o relento de teus risos
 Não molhasse o jardim dos meus amores!

Não t'esqueças de mim! Eu tenho o peito
 De sanctas illusões, de crenças cheio!
 — Guarda os cantos do louco sertanejo
 No leito virginal que tens no seio.

Pódes ler o meu livro: — adoro a infancia,
 Deixo a esmola na enxerga do mendigo,
 Creio em Deus, amo a patria, e em noites lindas,
 Minha alma — aberta em flôr — sonha contigo.

Se entre as rosas das minhás — Primaveras —
 Houver rosas gentis, de espinhos nuas ;
 Se o futuro atirar-me algumas palmas,
 As palmas do cantor — são todas tuas !

Fagundes
Varella

Luiz Nicoláo Fagundes Varella (1841-1875).

Quando em 1861, este rapaz, aos vinte annos de idade, publicou os primeiros versos, a poesia brasileira estava quasi completamente muda. Magalhães e Porto Alegre ainda viviam no estrangeiro, um dedicado quasi exclusivamente á philosophia, o outro calado, escrevendo lentamente seu extenso poema. Gonçalves Dias e Laurindo, prematuramente cançados e proximos á morte, mais nada produziam.

Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Junqueira Freire tinham emudecido no sepulcro.

Luiz Delfino não se havia ainda revelado o potente lyrista que veio a ser no correr dos ultimos trinta annos. Machado de Assis começava apenas e mui timidamente na poesia. D'est'arte, Fagundes Varella foi quem tomou aos hombros os encargos da arte essencialmente querida dos brasileiros no quinquennio de 1860 a 65. Desde dez ou doze annos passados, desde os aureos tempos de Azevedo não se tinha visto em nossas academias um tão interessante typo de literato. As boas tradições romanticas, os bellos dias da bohemia tinham renascido. Varella foi o ultimo representante de merito de certa indole de poetas e de certa feição de poesia. Por isso prendeu-o ao grupo que vimos agora repassando ; porque elle é fundamentalmente o continuador d'aquellas tendencias. E, como ao lado d'esse grupo, e exactamente pelo mesmo tempo, tinha-se destacado o grupo paralelo dos sertanistas,

distinco do outro logica e não chronologicamente, segue-se ser Fagundes Varella, que com uns e outros tinha pontos de contacto, o verdadeiro élo que prende todo o romantismo brasileiro à ultima escola do systema, a famosa escola condoreira.

A obra de Varella, apparentemente logica, é uma das mais contraditorias que possuimos ; apparentemente pessoal, é uma das mais impessoaes de nossa literatura. O poeta não foi um triste, nem um alegre, nem um crente, nem um sceptico, nem um liberal, nem um auctoritario ; porque foi tudo isto ao mesmo tempo conforme o ensejo e a occasião. Foi uma natureza multipla, inconstante, excessivamente excitável, atormentada por estímulos diversos.

► Foi um agitado, um *detraqué* ao geito de Edgar Poë, menos a epilepsia franca. D'ahi a variedade de suas impressões e a mobilidade dos tons de seu cantar ; d'ahi essa morbidez inconsciente e irresistivel que se evapora de quasi todas as suas composições. Tal a caracteristica que mais o define, e por isso as producções que melhor o representam são aquellas em que apparecem essas incertezas, essas fluctuações, essas nevoas, esses claros e escuros, essas vagas aspirações, esses sonhos roseos e de um espirito inconsistente, adormecido numa especie de embriaguez, e que bem se poderia chamar o lyrismo bacchico.

► O traço pessoal da lyrica varelliana é o phantasiar caprichoso e dolente, aereo e brumoso, cheio de doçuras

e sonoridades, alguma cousa de impalpavel e indefinido, de vaporoso e phosphorescente na propria vaporosidade.

Nevoas, Juvenilia, Acusmata, Visões da Noite, Madrugada á beira mar, Enchente, Gualter, Diversão e cincuenta outras o provam. Estes versos não encontram iguaes em lingua portugueza, não como fórmula, senão no sentido a que alludimos:

Cresce, transpõe as bordas
De brilhante crystal,
Torrente amada que o prazer acordas...
Toma a guitarra, escravo! afina as cordas,
E viva a saturnal!

Já corre-me nas veias
Um sangue mais veloz...
Anjos, inspirações, mundos de ideias,
Sacodi-me da fronte as sombras feias
Deste scismar atroz!

Que celestes bafagens!
Que languidos perfumes!
Que vaporosas, lucidas imagens
Dançam vestidas das subtis roupagens
Entre esplendidos lumes!

Tanje mais brando ainda
Esse mago instrumento!
Mais... inda mais! que maravilha infinda
Que plaga immensa, luminosa e linda!
Que de vozes no vento!

São as huris divinas
 Que junto a mim perpassam,
 Ou de Schiraz as virgens peregrinas,
 Que cingidas de rosas purpurinas
 Choram Bulbul e passam ?
 Oh ! não, que não são ellas,
 Mas, ai ! meus sonhos são !
 São do passado as vividas estrellas,
 Que á flux rebentam cada vez mais bellas,
 - De mais puro clarão !
 São meus prazeres idos,
 Minha exticta esperança !
 São... Mas que nota fere-me os ouvidos ?
 Escravo estulto, abafa esses gemidos !
 Canta o riso e a bonança !
 Canta a paz e a ventura,
 O mar e o céo azul !
 Quero olvidar minha comedia escura,
 E a ledos sons as larvas da loucura
 Bater como Saul.
 Leva-me ás densas mattas
 Onde viveu Celuta ;
 Faze-me um leito á margem das cascatas
 Ou nas alfombras humidas e gratas
 De recondita gruta...
 Assim... assim. Fagueiras
 Escuto já nos ares
 As vozes das donzellás prazenteifás
 Que dançam rindo ao lume das fogueiras
 No centro dos palmares...

É a mais completa systematização do delírio de que ha exemplo na poesia brasileira. Varella não chegou á completa lucidez na extravagancia e na loucura, como Edgar Poë; caminhava, porém, para lá, e poderia vir a ser nesse caminho o mais extraordinário de nossos poetas.

Guimarães Junior **Luiz Caetano P. Guimarães Junior** (1844-1898) era mais moço do que Teixeira de Mello (1833) e Machado de Assis (1839). Estes vivem ainda e elle já falleceu.

Sua actividade poetica, como era natural, principiou mais tarde. O lyrista das *Sombras e Sonhos* começou em 1855 ou 56: o cantor d' *A Mosca azul*, em 1857 ou 58. Luiz Guimarães só deu inicio á sua carreira em 1862 ou 63. Deixou-nos douis livros de versos — *Corymbos* e *Sonetos e Rimas*.

O primeiro representa a phase em que poetou no Brasil (1862-72) antes e durante os tempos academicos, pois que se formara em direito; o outro, o periodo em que residiu na Europa em carreira diplomatica.

No primeiro, menos brilhante pela fórmā, a poesia é mais espontanea, mais sincera, mais sentida. Sob tal feição, os *Corymbos*, são superiores aos *Sonetos e Rimas*. Estes revelam mais apuros e requintes de fórmā; aquelles, mais alma, e esta é de mais valor, mesmo em poesia. Os *Corymbos* são o repositorio dos cantos do poeta dos dezoito aos vinte e cinco annos, quando elle

não tinha ainda aprendido na diplomácia a arte das fórmas polidas, aptas a esconderem e refolharem o pensamento e o sentir.

Como factura, como mão d'obra, como producto de ourivesaria, os *Sonetos* e *Rimas* deixam os *Corymbos* muito a perder de vista; como expressões francas de um'alma de rapaz, estes, repetimos, ganham a palma.

Luiz Guimaraes não era uma intelligencia apta para a sciencia, a critica, a philosophia, as especulações que exigem profunda tensão de espirito. Os generos que lhe ficavam de molde eram a poesia leve, o conto rapido, o folhetim minusculo. A primeira é que lhe assentava melhor. Em seus livros de versos não se encontram producções más; porém não se nos deparam muitas que sejam verdadeiramente superiores e imponentes. Não ultrapassa certa altura no vôo; sobe bastante, é certo, mas não se perde nas nuvens.

Não produz brilhantes raros engastados em fluissimo ouro; espalha rubins, turquezas, saphyras e topazios em graciosas joias de ouro médio, e faz deliciosas filigranas de boa prata.

Mas é verdade que não desce ao estanho e ao cobre. Não é poeta para nos alentar nos momentos das grandes dôres, das fundas crises do coração; é um diligente e prazenteiro camarada por certas horas de descuido ou de enfado. Ouçamol-o nos requintes da sua arte:

Em quanto os meus olhares fluctuavam,
 Segundo os vôos da erradica mente,
 Sob a odorosa cupola fremente
 Dos bosques — onde os ventos susurravam,

Ouvi falar. As arvores falavam :
 A secular mangueira fielmente
 Repetia-me o branco idyllo ardente
 Que dous noivos, á tarde, lhe contavam ;

A palmeira narrava-me a inocencia
 De um puro e mutuo amor, sonho que veste
 Dos loiros annos a feliz demencia ;

Ouvi o cedro, o coqueiral agreste,
 Mas excedia a todas a eloquencia
 D'uma que não falava : — era o cypreste.

Luis Guimarães estudou direito no Recife entre 1864 e 1869 ; assistiu alli ao desenvolvimento da escola que ficou denominada na historia — *a escola condoreira*, em que tomou parte mais ou menos directamente.

Tobias Barreto

Tobias Barreto de Menezes (1839-89) foi um talento de fortes qualidades communicativas ; era um reactor, um abridor de caminho. D'ahi a influencia que exerceu nas tres espheras principaes de actividade a que se dedicou e que correspondem a tres épocas perfeitamente distintas de sua vida : a poesia, na primeira phase do Recife de 1862 a 1870 ; a critica de philosophia e de literatura, no periodo da Escada, de 1871 a 1881 ; o direito, no ultimo estadio recifense, de 1882 a 1889.

Tobias Barreto nasceu a 7 de junho de 1839 em Sergipe onde começou auto-didacta, e foi professor de latim, lingua em que podia compôr, como o fez, com elegancia e correccão. A sua aptidão para o estudo das linguas, ainda se revelou mais tarde no conhecimento profundo que teve do allemão, no qual tambem escrevia com «casta dicção» como o reconheceu Haeckel, e por varios artigos que deixou em francez, escriptos com brilho. Falleceu a 20 de junho de 1889; tinha-se formado em direito em 1869 e foi lente da Academia do Recife desde 1882.

Agora só temos de ver e muito rapidamente o poeta, um dos maiores que o Brasil tem possuido, em que peze a ferrenhos adversarios que possue, e contará ainda por muito tempo. Ha da parte d'esses irreductiveis uma perfeita mania que lhes obscurece o espirito e os leva a negarem o merecimento de um dos homens mais eminentes d'este paiz. Fazem-no sempre desasadamente, porém incessantemente : é uma verdadeira obsessão.

Os grandes poetas das primeiras phases do romantismo ou já tinham falecido, ou estavam mais ou menos mudos, quando foi iniciado o movimento hugoano, chamado mais tarde pelos criticos—a poesia *condoreira*. O synchretismo dos factos mostra-nos que Machado de Assis, Fagundes Varella e Tobias Barreto começaram pelo mesmo tempo. Castro Alves seguiu logo imediatamente, e o mesmo foi o caso de Luiz Guimaraes. Como se está a ver, são cinco individualidades notaveis que representaram os fóros de nosso lyrismo no decennio que vae de 1860 a 1870 e annos proximos. A poesia em Tobias Barreto,

com quanto elle não tivesse escripto muito, é assás variada em suas feições. Se quizerdes a nota synthetica da evolução humana, tendes nesse grandioso *Genio da Humanidade*; se preferireis nota humanitaria, tendes n'A *Caridade*; se procurardes a nota liberal em prol dos povos captivos, achal-a-eis na ode *A Polónia*; se vos aprovver a nota patriotica, lá está ella em *A Vista do Recife*, em *Sete de Setembro*, em *Os Voluntarios Pernambucanos*, em os *Leões do Norte*, em *Capitulação de Montevidéu*; se fôr mais de vosso agrado a nota tribunicia contra os máos governos, vos apparecerá em *Decadencia*; se desejardes a nota philosophica, *Ignorabimus* voladará; se vos lembrardes da nota sertaneja, ouvil-a-eis em *Os Travadores da Selva*, *Anno Bom* e *Os Tabaréos*; se acreditardes ausente a nota psychologica, vos apparecerá em *Vôos e Quêdas*, *Lutas d'Alma* e outras; se duvidardes da nota naturalista, está manifesta em *Lenda Civil* e *Lenda Rustica*; se gostardes da nota de pura effusão estheticá, deveis ler A *Mr. Reichert*, A *F. Moniz Barreto*, A *Senesplexa*, A *Cortesi*, e muitas mais; se antes de tudo prezardes nos poetas a nota amorosa, tendes *Leocadia*, *Pelo dia em que nasceste*, *Idéa*, *Como?*, *Incredula*, *Contemplação*, e vinte outras; se julgardes que todo poeta deve ter uma nota comicá, lêde — *O Rei reina e não governa*; se, finalmente, acima de tudo collocardes o lyrismo innominado em sua delicadeza indefinivel, encontra-lo-eis em *O Beija-Flôr*, *O Beijo*, *Por brincadeira...* Limitamo-nos aqui a um só exemplo; é *Leocadia*:

Livro de luz, em que o Senhor medita,
 E ás mãos dos anjos não é dado abrir,
 Onde as estrellas aprenderam juntas
 Com as rosas puras a chorar e a rir;
 Alma, que serve de alimento ás flôres,
 De cuja essencia a criação trescala,
 Ingenua e candida, escutando em sonhos,
 A voz da santa, que do céo vos fala;

Vós sois na terra a incarnaçao brilhante
 Do sacro amor que a vossos paes adita,
 Rutila estrophe de um poema d'ouro,
 Livro de luz em que o Senhor medita.

Lagrima d'alva, que no seio calido
 Da nuvem rubra vos deixou cair,
 Pagina alvissima em que Deus escreve,
 E ás mãos dos anjos não é dado abrir ;

Virgem serena, a cujos olhos timidos
 A lúa gosta de fazer perguntas,
 Biblia celeste de mysterios castos,
 Onde as estrelas aprenderam, juntas
 Com as brisas tenues, a dizer as queixas
 D'alguma dôr que só Deos pôde ouvir,
 Com as ondas céralas, com as auroras pallidas,
 Com as rosas puras a chorar e a rir ;

Fronte em que passam d'outro mundo as scismas,
 Rosto banhado em matinaes albores,
 Peito onde arquejam do infinito as vagas,
 Alma que serve de alimento ás flôres,
 Mimo do sol, que vos attrahe os raios,
 E as vossas graças pelo céo propala,
 Vós sois a alvura dos eternos lyrios
 De cuja essencia a creaçao trescala.

E quão piedosas não serão as preces
 Dos vossos labios divinaes, risonhos,
 Tranças esparsas, joelhada, estatica,
 Ingenua e candida, escutando em sonhos,
 Por entre os cantos das espheras lucidas,
 E os ais sentidos que o universo exhala,
 E os sons melliferos do psalterio angelico,
 A voz da santa que do céo vos fala !

As letras do nome da mulher amada abrem os versos da primeira estrophe, que é glosada nas seguintes.

Temos nestes versos, verdadeiramente suggestivos, uma antecipação do lyrismo symbolista e encantador de Cruz e Sousa, tanto é verdade que as escolas se vão prendendo umas ás outras pelos élos profundos do pensamento, que se desdobra e evolue. Citamol-os de preferencia a quaesquer outros puramente condoreiros. É que o poeta dos *Dias e Noites* é, a nosso vêr, mais para ser apreciado em suas producções suavemente delicadas, do que nas épico-lyricas. De T. Barreto existem as seguintes obras: *Dias e Noites* (poesias), *Ensaios e Estudos de Philosophia e Critica*, *Estudos Allemães*, *Questões Vigentes de Philosophia e de Direito*, *Estudos de Direito*, • *Varios Escriptos*, *Menores e Loucos em Direito Criminal*, *Polemicas*, *Discursos*. Deixou mais os dois opusculos—*Ein offener Brief an die deutsche Presse*, e *Brasilien wie es ist*.

Foi o iniciador e o mais conspicio representante do *hugoanismo condoreiro* na poesia, do *allemanismo* na critica, do *transformismo darwiniano* no direito—no Brasil. As duas ultimas feições estão estudadas na *Historia da Lit. Brasileira*.

Castro
Alves

Antonio de Castro Alves (1847-1871) natural da Bahia, discípulo do poeta dos *Dias e Noites*, teve destino completamente diverso do mestre: foi sempre o *enfant gâté* dos dispensadores de fama neste paiz, especialmente depois que José de Alencar e Machado de Assis o apontaram á admiração geral.

O poeta, aliás, não precisava de tais encomios e protecções, porque tinha realmente um grande talento. É que os homens, a despeito de tudo, não apreciam muito ainda os luctadores solitarios e independentes, nomeadamente nas terras onde o empenho é a primeira das forças publicas; até na esphera das letras tem elle a preferencia a todas as nobres qualidades que um individuo haja de possuir.

Apreciamos a poesia em Castro Alves. No genero deixou dois livros: *Espumas fluctuantes* e o *Poema dos Escravos*. Este ficou incompleto; existem apenas dous fragmentos: o episodio d' *A Cachoeira de Paulo Affonso* e o punhado de poesias sob o titulo de *Manuscriptos de Stenio*. O *Poema dos Escravos* não era na mente do auctor uma epopéa no velho e vulgar sentido, um enredo, uma accão especial, desenrolados por personagens tipicos. Era antes uma collecção de poesias soltas, desprendidas entre si, referentes todas, porém, ao facto social da escravidão. E aqui tocamos o intimo mesmo do talento do moço poeta. Quem o lê attentamente nota-lhe logo dous tons fundamentaes: o lyrismo gracioso das paixões, dos amores, das effusões individuaes e o cantar brilhante do socialista, do democrata social. As producções em que predomina o primeiro tom são interessantes, mas contam muitas congeneres na literatura brasileira. Aquellas, em que sobresae a outra nota, possuem poucas similares entre nós.

Castro Alves em nossa historia literaria representa um duplo papel. Por um lado, foi o apostolo andante do condoreirismo, isto é, do hugoanismo socialista.

Não ficou parado no Recife: depois de ter alli luctado em prol da nova poesia, passou á Bahia e d'ahi ao Rio e a S. Paulo. Estes são os quatro centros intellectuaes mais notaveis do Brasil; nelles o poeta fez-se ouvir e creou adeptos.

Lançou, por outro lado, olhares curiosos á nossa sociedade. Um facto ahi havia que o impressionou sobre todos, o facto cruel e repugnante da escravidão; e tentou fazer o poema dos escravos.

Ahi vae a sua verdadeira originalidade. Antes e depois d'elle, entre nós e no estrangeiro, alguns poetas tomaram como assumpto de seus cantares o phennomeno extravagante do captiveiro. Mas Castro Alves tem entre todos uma nota especial. É bem verdade que não se collocou em o ponto de vista determinado da escravidão brasileira. Por outros termos, é bem verdade que não fez a psychologia nem a sociologia do escravo, não se poz no meio dos captivos, *nos engenhos e nas fazendas*, para lhes photographar com nitidez naturalistica o viver pungente e as profundissimas miserias.

Não; seu caminho foi outro, ensinado, apontado pela indole mesma de seu talento. Ao poeta bastou-lhe, para o excitar e commover o facto geral e indistincto da escravidão. Só isto foi bastante para levantar-lhe o sentimento, e este sentimento foi a indignação e a colera. O poeta não desceu a descrever scenas; alludiu rapidamente a ellas e suppôl-as com razão conhecidas de todos. Elle é da familia do cantor dos *Chatiments*; indigna-se, encolleriza-se e larga o azorrague nos verdugos, nos oppressores dos miseros captivos.

O espirito de Castro Alves é o de um tribuno, de um agitador; sua poesia é a expressão natural de seu caracter, de seu temperamento.

É assim um dos mais nitidos exemplares entre nós do poeta socialista, queremos dizer, do poeta que em sua arte se preoccupa com certas idéas e problemas que se agitam na vida politica e social da nação.

E não perdeu o seu tempo ; bem ao contrario, este paiz deverá sempre ler todos os bellos versos em que elle foi o porta-voz, a expressão grandiloqua da consciencia da pátria. Antes da lei de 28 de setembro de 1871, que declarou livrês todos os nascidos no Brasil, a poesia já se havia honrado com as *Vozes d'Africa* e o *Navio Negreiro*.

Estas poesias foram avulsamente publicadas em folhas soltas em 1870 e 1871.

Espalharam-se por todo o Brasil, fizeram grande sensação mesmo em Portugal, onde tiveram muitos imitadores.

Um critico moderno aconselhou muito cuidado em distinguir na poesia franceza, especialmente na de Victor Hugo, a eloquencia da genuina e estreme poesia. Esta observação é verdadeira e não pôde ser illudida.

Ha muitos trechos na poesia romantica, repletos de imagens, cheios de sonoridades, de requebros, de adjetivações, de apostrophes, que são verdadeiros typos, verdadeiros especimens de eloquencia. Entretanto, e por via de regra, nem sempre são os mais poeticos.

Este caracter pertence áquelles em que se nota mais simplicidade, mais sentimento, mais vida intima, mais sinceridade.

Os povos meridionaes, por indole exagerados e propensos á rhetorica, quasi nunca observam a alludida distincção.

Gostam das fortes imagens, dos rendilhados das phrases, do farfalhar das palavras, de toda a exterioridade bulhenta, em fim.

Por isso entre nós o que mais agradou de Castro Alves foram os palavrões, as bombas, toda a falsa eloquencia dos versos.

Felizmente salva-se elle na historia, porque teve o bom instincto de escrever bellos pedaços de simples poesia.

Os epigonos se apoderaram do falso estylo e o levaram ao requinte do exagero. Foi a quarta potencia do gongorismo, verdadeira teratologia literaria.

Veja-se agora um trecho do bello estylo do poeta:

Boa noite, Maria. Eu vou-me embora,
A lua nas janellas bate em cheio.
Boa noite, Maria ! É tarde... É tarde...
Não me apertes assim contra teu seio.

Boa noite !... E tu dizes.— Boa noite.
Mas não digas assim por entre beijos...
Mas não m'o digas descobrindo o peito;
— Mar de amor onde vagam meus desejos.

Julieto do céo ! Ouvi... A calhandra
Já rumoreja o canto da matina ;
Tú dizes que eu menti ?... pois foi mentira !
Quem cantou foi teu halito, divina !

Se a estrella d'alva os derradeiros raios
 Derrama nos jardins do Capuleto,
 Eu direi, me esquecendo da alvorada :
 É noite ainda em teu cabello preto... .

É noite ainda. Brilha na cambraia,
 — Desmanchado o roupão, a espadua núa.
 O globo do teu peito entre os arminhos,
 Como entre as nevoas se balouça a lua.

É noite, pois ! Durmamos, Julieta !
 Rescede a alcova ao tresscalar das flôres.
 Fechem sobre nós dois estas cortinas... .
 — São as azas do archanjo dos amores.

A frouxa luz da alabastrina lampada
 Lambe voluptuosa os teus contornos... .
 Áh ! deixa-me aquecer teus pés divinos
 No doudo afago de meus labios mornos.

Mulher de meu amor ! Quando aos meus beijos
 Treme tua alma como a lyra ao vento,
 Das teclas de teu seio que harmonias,
 Que escalas de suspiros bebo attento !

Ai ! canta a cavatina do delirio,
 Ri, suspira, soluça, anceia e chora... .
 Marion ! Marion ! E noite ainda,
 Que importa o raio de um nova aurora ?

Como um' negro e sombrio firmamento,
 Sobre mim desenrola teu cabello... .
 E deixa-me dormir balbuciando :
 Boa noite ! formosa Consuelo !

Bella poesia, apta a dar uma idéa do estylo do moço bahiense, quando elle queria ser delicadamente lyrico. A função historica da escola condoreira, como já dissemos muitas vezes, foi arrancar a poesia nacional da modorra choramigas em que ella andava a esmorecer e chamal-a a interessar-se por assumptos mais humanos, mais elevados, mais nobres, mais impessoaes, dando-lhe, ao mesmo tempo, um estylo mais vibrante e mais largo. Fechou o cyclo do romantismo, como também já advertimos.

Excluimos do nosso proposito, que é o de um livro didactico, tratarmos de pessoas que, embora de muito valor, ainda vivem e, pois, esperam o verdadeiro, exempto, e imparcial juizo que é, sem duvida, o do tempo vindouro.

Muitos dos poetas de que não tratamos foram entre tanto contemporaneos dos ultimos dos nossos romanticos, e é o caso de Teixeira de Mello, Machado de Assis, Luiz Delfino, Mello Moraes Filho, que apareceram desde os tempos de Casimiro de Abreu ou floresceram nos periodos seguintes. Não é difficil conjecturar que elles, assim como alguns dos *parnasianos* mais recentes, terão seguro e incontestavel logar na historia literaria do Brasil; é esta quasi certeza que nos justifica a omissão.

SECULO XIX

(PHASE ROMANTICA)

1830-1880

II

Prosadores : Dramaturgos e romancistas

Os melhores cultores da dramaturgia no Brasil, na época romântica, foram quasi todos, senão todos, cultores também do romance e da novella. D'ahi a necessidade de juntar os dois gêneros numa história elementar para se não ter de apreciar uma individualidade mais de uma vez. *Martins Penna, Teixeira e Sousa, Manoel de Macedo, José de Alencar, Agrário de Menezes, Manoel de Almeida, Escragnolle Taunay, Franklin Távora e Machado de Assis* acham-se neste caso.

De *Domingos de Magalhães, Gonçalves Dias, Porto-Alegre e Bernardo Guimarães* nada se diz neste lugar, porque já foram contemplados como poetas, qualidade em que predominaram.

Joaquim Norberto de Sousa Silva, que, como seus contemporâneos citados, escreveu poesias, novellas e dramas, irá para o capítulo dos historiadores e críticos literários, por ser nestes dois gêneros mais eminentes do que nos outros.

**Martius
Penna** **Luiz Carlos Martins Penna** (1815-1848) nasceu no Rio de Janeiro aos 5 de novembro de 1815.

Feitas as primeiras letras, matriculou-se na aula do commercio, cujo curso completou em fins de 1835. Frequentou durante algum tempo as aulas da Academia de Bellas Artes, onde tomou conhecimentos geraes de architectura, pintura e estatuaria. Simultaneamente estudava a musica que chegou a cultivar com talento. Desembaraçado da aula de commercio e do curso da Academia de Bellas Artes, não pensou em abraçar a carreira mercantil, que lhe era antipathica, e atirou-se ao estudo da literatura e das linguas ingleza, franceza e italiana que chegou a manejar com maestria.

Em setembro de 1838 foi nomeado amanuense da mesa do consulado no Rio de Janeiro, cargo que desempenhou até abril de 1843, data em que foi removido para lugar identico na secretaria de estado dos negocios estrangeiros, onde se conservou até outubro de 1847, anno em que seguiu para a Europa, nomeado addido de primeira classe á legação brasileira em Londres. Neste ultimo posto ficou até fins de 1848.

Sentindo-se, então, gravemente enfermo de tuberculose pulmonar, partiu para Lisboa com destino ao Brasil, alvo que não chegou a attingir, pois falleceu na capital portugueza aos 7 de dezembro d'aquelle anno.

Escreveu as seguintes obras :

O Juiz de Paz da Roça, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 4 de outubro de 1838, em beneficio da actriz Estella Sezefreda;

A Familia e a Festa da Roça, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 1 de setembro de 1840, em beneficio da mesma actriz Estella Sezefreda;

O Judas em Sabbado de Alleluia, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 17 de setembro de 1844, em beneficio do actor Manoel Soares;

Os Irmãos das Almas, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 19 de novembro de 1844, em beneficio do actor José Cândido da Silva;

Os Dois ou o Inglez Machinista, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 28 de janeiro de 1845, em beneficio do actor Francisco de Paula Dias;

O Dilettante, tragî-farça em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 25 de fevereiro de 1845, em beneficio da actriz Gabriella da Cunha de Vechy;

Os Namorados ou A Noite de S. João, comedia em

um acto, representada pela primeira vez a 13 de março de 1845, em beneficio do actor Germano Francisco Oliveira ;

Os Tres Medicos, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 3 de junho de 1845, em beneficio da actriz Ludovina Soares da Costa ;

O Cigano, drama em um acto, representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 15 de julho de 1845, em beneficio do actor Florindo Joaquim da Silva ;

O Noviço, comedia em tres actos, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 10 de Agosto de 1845 ;

Witiza ou o Nero de Hespanha, drama em verso, em cinco actos e um prologo, representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 21 de setembro de 1845 ;

Bolyngbrock & C. ou as Casadas solteiras, comedia em tres actos, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 18 de novembro de 1845, em beneficio do actor Manoel Soares ;

O Caixeiro da Taverna, comedie em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, no mesmo dia 18 de novembro de 1845, em beneficio do referido Manoel Soares ;

Quem casa quer casa, proverbio em um acto, representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 15

de dezembro de 1845, em beneficio do actor José Cândido da Silva ;

Os Meirinhos, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 27 de janeiro de 1846 ;

Os Ciumes de um pedestre, comedia em um acto, anunciada para ser representada no theatro de S. Pedro, a 29 de janeiro de 1846, em beneficio do actor Francisco de Paula Dias, sendo substituida, á ultima hora, por outra comedia de differente escriptor.

As Desgraças de uma criancinha, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 10 de maio de 1846 ;

O Terrivel capitão do mato, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 5 de julho de 1846 ;

O Segredo d'Estado, drama em um acto, representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 29 de julho de 1846, em beneficio da actriz Ludovina Soares da Costa ;

A Barriga de meu tio, comedia burlesca em tres actos, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 17 de dezembro de 1846, em beneficio do actor Manoel Soares ;

D. Leonor Telles, drama em cinco actos e seis quadros ;

Itaminda ou o Guerreiro de Tupan, drama indigena em tres actos;

D. João de Lyra, drama em tres actos;

Fernando ou o Santo Accusador, drama em quatro actos;

Um Sertanejo, comedia em um acto;

O Jogo de prendas, comedia em um acto;

O Usurario, comedia em tres actos;

Folhetins, no *Jornal do Commercio*, durante o anno de 1846 até março de 1847;

Semana Lyrica, no mesmo *Jornal do Commercio*, desde 3 do referido mez de março até 14 de setembro d'aquelle anno.

Duguay Trouin, romance historico.

A lista não é pequena; quasi tantas obras quantos annos de idade; pois o moço fluminense tinha apenas trinta e tres annos quando desappareceu d'entre os vivos (1).

Mas, afinal, qual é o genero de espirito do auctor? qual o alcance geral de sua obra? como elle pensou e sentiu? que juizo fez dos homens e das coisas? que lição nos deixou? Eis a questão fundamental que á critica incumbe descobrir e formular, sob pena de não sér mais que um passatempo ocioso e esteril.

(1) S. Roméro, *Martins Penna*, estudo, Porto, 1900, pag. 66 e seguintes; *Jornal do Commercio*, de 25, 26 e 27 de novembro de 1877, estudo de L. F. da Veiga.

Martins Penna não era um temperamento philosophico. Sua visão dos homens e da sociedade não manifesta preoccupações theoricas do pensamento. Nenhuma sombra sobre o eterno problema das coisas vem pousar em sua obra.

O estylo tambem não accusa jamais outra tendencia, além de uma alma galhofeira e intelligente, apta a observar o ridiculo dos homens; mas sem tirar d'ahi uma consequencia qualquer. Ri pelo gosto de rir, não como o moralista que busca doutrinar, ou o pessimista que procura castigar, ou como o misanthropo que se delicia em fazer soffrer. É o espirito comic em uma sociedade ainda nova; cheia de vicios, é certo, porém não ainda de todo corrompida. A superficie está affectada; mas as molas centraes do organismo estão intactas. Não era tambem um poeta, um lyrico; a imaginação nunca desferia n'élle o vôo para as altas regiões ethereas das doutradas scismas, dos devaneios immarcessiveis. Era um observador, é innegavel; porém a penetração de sua analyse nunca foi além da epiderme social.

O vasto e escuro mundo subterraneo das paixões terríveis, que Eschylo e Sophocles não chegaram a vêr, em cuja porta pararam Euripedes e Aristophanes, em cujo atrio ficaram Calderon e Lope de Vega ao lado de Cervantes, e em cujo interior penetraram afoltamente Shakespeare e Molière, essa pavorosa região nosso dramatista nem sequer teve d'ella o presentimento. Por isso o espirito nunca foi n'élle a parodia reflexa da melancolia, como o humour e a ironia dos grandes soffredores. O espirito nelle não passou nunca da pilheria das situações equivocas, da graça dos ditos mais ou menos pesados, do trocadilho mais ou menos picaresco.

A gente que nos dá a conhecer, a sociedade em que nos introduz, essa multidão, onde avultam juizes da roça, vadios dos lugarejos, pequenos e grandes lavradores, roceiras namoradas, capitães-móres, estudantes, irmãos das almas, meirinhos, caixeiros traficantes, moças namoradeiras ou sonsas, empregados publicos,

guardas nacionaes, noviços, frades, compadres mexeriqueiros; mulheres casadas namoradeiras, sogras desaforadas, traficantes de negros-novos, moedeiros falsos, melomaniacos, mocinhas atrevidas da pequena burguezia, viuvas gaiteiras, todo esse tumultuarío mundo é marcado por uma só nota: uma mediocridade completa. Não ha uma figura saliente, notavel, poderosa em bem ou em mal.

Tudo insignificantemente mediano. Não existem os heroes da virtude, nem os potentes scelerados do crime. Nenhuma paixão ali estúia ou delira. Os dois maiores apaixonados de todo o theatro de Penna são o Antonio Affonso pela musica no *Dilletante* e Ambrosio pela fortuna de Florencia no *Novizo*; mas o primeiro é um caracter de desfructavel pouco desenvolvido pelo auctor, e o segundo é um velhaco de pequena traça parcamente desenhado.

— Não é isto censurar a Martins Penna, é conhecê-lo justificando-o. O moço fluminense não era um espirito caustico e desabusado, um bohemio pouco serio, como Gregorio de Mattos, por exemplo. Era um pacato e sobrio empregado publico dos primeiros annos do segundo reinado, filho, pois, d'uma sociedade pouco complicada n'uma cidade, então de quarta ordem, verdadeiramente colonial ainda; não tinha, não podia ter as demasias do outro, velho andarilho impenitente, que haurira o veneno da vida dissoluta de Lisboa e Coimbra no seculo XVII.

Penna estereotypa o seu tempo, cujos vicios e esgares comicos apprehendeu completamente. Se aceitarmos a definição de Aristoteles que — o comico é tudo que está fóra de seu tempo e de seu lugar, se não envolve perigo, porque, se o envolve, passa então a ser tragico,— ninguem melhor do que o comedigrapho fluminense o comprehendeu, porque ninguem melhor do que elle arranjou em scena tantas situações d'esse genero. Quasi não existe pagina de suas composições onde se nos não depare alguma e as mais das vezes de fazer rir as pedras.

Bem desempenhadas por actores de *verve* e talento, são de provocar a gargalhada de principio a fim, especialmente a espectadores brasileiros, porque a côr local, o sainete nacional predomina em todas ellas.

O escriptor photographa o seu meio com uma espontaneidade de *pasmus*, e essa espontaneidade, essa facilidade, quasi inconsciente e organica, é o maior elogio de seu talento. Se se perdessem todas as leis, escriptos, memorias da historia brasileira dos primeiros cincoenta annos do seculo XIX e nos ficassem sómente as comedias de Penna, era possivel reconstruir por elles a physiognomia moral de toda essa época.

N'ellas não existem a poesia da natureza, o vago, o sonho, as fugas para o ideial, que os proprios comicos gregos não se dignavam de mesclar ás suas buffonierias.

■ Não ha no auctor fluminense a poesia de Aristophanes nem as maximas moraes de Menandro; existe, em compensação, o intenso realismo dos observadores modernos.

■ Vejam esta scena do *Juiz de Paz da Roça*; Manoel João acaba de receber a intimação para ir levar o recruta á cidade; vai fardarse enfadado, toma a calça de ganga azul, a jaqueta de chita, os tamanhos, a barretina, o cinturão com baioneta e um grande páu na mão, e vem mostrar-se todo gamengo á mulher e á filha, e antes de partir, despedir-se d'ellas:

«*Manoel João.* — Estou fardado. Adeus, senhora, até amanhã.
(*Dá-lhe um abraço*).»

Aninha. — A bença meu pae.

M. J. — Adeus, menina.

A. — Como meu pae vai á cidade, não se esqueça dos sapatos franceses que me prometteu.

M. J. — Pois sim.

Maria Rosa. — De caminho compre carne.

M. J. — Sim. Adeus minha gente, adeus.

M. R. e A. — Adeus. (*Acompanham-n' o até a porta*).

M. J. — (*Á porta*). Não se esqueça de mexer a farinha e dar de comer ás gallinhas.

M. R. — Não (*Sai Manoel João*). Menina, ajuda-me a levar estes pratos para dentro. São horas de tu ires colher o café, e de eu ir mexer a farinha... Vamos.

A. — Vamos, minha māi... (*Andando*) Tomara que meu pae não se esqueça dos meus sapatos... (*Saem*) »

É photographado do natural; scenas d'estas contam-se ás duzias em Martins Penna.

Teixeira **Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa** (1812-1861).
e
Sousa Era filho de Cabo Frio, onde nasceu em 1812.

Estudadas as primeiras letras, foi forçado em 1822, por apertos pecuniarios dos pais, a aprender o officio de carpinteiro.

Neste mistér, já em Cabo Frio, já no Rio de Janeiro, para onde se passou em 1825, se conservou até 1830. De volta então á sua cidade natal, foi nomeado mestre-escola, emprego que exerceu largos annos, sendo em 1855 despachado escrivão do commercio no Rio. Faleceu em 1 de dezembro de 1861.

Escreveu bastante, tentando generos diversos. Publicou duas ou tres tragedias, um grande poema epico sobre a Independencia do Brasil, uma especie de poema

lyrico sobre nma tradição de sua terra, grande porção de canticos lyricos e seis ou sete romances.

As tragedias e o longo poema epico fazem mal á reputação literaria de Teixeira e Sousa. Fôra melhor que os não tivesse produzido. Quasi o mesmo se pôde dizer de seus fracos e enfadonhos canticos lyricos.

Postos estes productos á margem, ainda restam o poema lyrico e os romances do escriptor para dar a medida e mostrar a indole de seu talento (1).

O poeta revela-se acanhado, ermo de graças, de vida, de movimento, de seiva, de entusiasmo. Nem força e masculinidade, nem graciosidade e meiguice. Não tem quasi nenhum dos signaes distintivos dos bons poetas, ou ainda dos poetas secundarios, mas interessantes na sua inferioridade.

O estylo d'*Os Tres Dias de um Noivado* é aspero, a metrica pesada e dura; o fundo nm amalgama de trivialidade e de phantasmagoria de insuportavel contex-tura. Nada mais facil do que adduzir trechos para lançar ahi diante dos olhos dos scepticos as provas absolutas do que affirmamos...

É bastante indicar ao leitor toda a conversação no canto quarto do poema entre o protagonista *Corimbaba* e

(1) Estes escriptos de pouco valor são as tragedias — *Cornelia*, *O cavalleiro Teutonico*; as collectões de poesias sob o titulo de *Canticos Lyricos*, o poema epico denominado — *A Independencia do Brasil*.

o velho *Solitario* que elle encontrou nas brenhas de uma matta e ainda mais particularmente as scenas do quinto canto, passadas entre o mesmo *Corimbaba* e os bruxos e entes sobrenaturaes do *Rochedo encantado*, onde o moço amante recen-marido de Myriba vai inquirir do futuro.

Teixeira e Sousa forcejou por ser nacional; faltaram-lhe, porém, a imaginação e o vigor artistico. É em nossa literatura um poeta de ordem terciaria.

Atirou-se denodadamente ao romance; de 1843 a 1856 publicou: *O Filho do Pescador*, *Tardes de um pintor* ou as *Intrigas de um jesuita*, *Gonzaga ou a conjuração de Tiradentes*, *A Providencia*, *Maria ou a menina roubada*, *As Fatalidades de dous jovens*.

Escriptos em estylo descurado, e em linguagem muitas vezes incorrecta, acham-se cheios quasi sempre de salteadores, esconderijos, subterraneos, assassinatos, incendios, envenenamentos, resurreições e toda a pata-coada, todas as *ficelles* do genero pavoroso.

De taes romances, os melhores são *As Fatalidades de dous jovens*, *As Tardes de um pintor* e *A Providencia*. São estudos da ultima phase dos tempos coloniaes, o des-cambar do seculo XVIII.

No meio das irregularidades de uns enredos emmaranhados, destacam-se certas paginas aproveitaveis. No *Filho do Pescador*, a scena do banquete por occasião do casamento de *Laura* com *Augusto*; nas *Tardes de um pintor*, a descripção da cidade do Rio e especialmente do

pairo de S. Christovão nos meados e fins do seculo XVIII; na *Providencia*, a descripção da Aldeia de S. Pedro e da procissão dos Passos; nas *Fatalidades de dous jovens*, a descripção de uma festa popular, de um samba.

* **Joaquim Manoel de Macedo** (1820-1882). Pondo de Manoel parte Teixeira e Sousa, cujo merito é muito reduzido, é de Macedo Joaquim Manoel de Macedo quem chronologicamente se deve seguir a Martins Penna. Mas não é só uma razão chro-nologica que faz succeder a Martins Penna, auctor d'*O Noviço*, Joaquim Manoel de Macedo, auctor d'*A Torre em Concurso*; um principio superior da evolução literaria o prende a seu illustre predecessor. É que Macedo foi o herdeiro do espirito comico de Penna e proseguiu na senda por elle aberta.

O Phantasma Branco, *A Torre em Concurso*, *O Primo da Califórnia*, *O Novo Othelo* e mesmo *Cincinnato quebra-louça*—são descendentes d'*O Noviço*, d'*O Juiz de paz na roça* e do *Judas em Sabbado de Alleluia*.

Macedo nasceu na villa de Itaborahy, na província do Rio de Janeiro, a 24 de junho de 1820. Formou-se em medicina, no Rio, em 1844. Em 1851 fazia já parte do *Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, no qual occupou os cargos de primeiro secretario e de orador por dilatados annos. Foi, desde muito moço, no meado lente de historia do Brasil no *Collegio de Pedro II*, no qual contou por collegas de magisterio homens como Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, de Simoni e o sabedor incomparavel Barão de Tautphoeus.—Em 1854 foi eleito deputado á assembléa pro-

vincial do Rio de Janeiro e varias vezes reeleito para as subsequentes legislaturas. Era filiado no partido liberal.

Foi deputado á assembléa geral nas legislaturas de 1864 a 68, fazendo parte da Camara neste anno dissolvida em razão do desaccordo entre o Imperador e Zacarias de Góes, desaccordo que trouxe a subida dos conservadores. Com a volta dos liberaes ao poder, dez annos mais tarde, foi de novo deputado na legislatura de 1878 a 81. Falleceu a 11 de abril de 1882, em meio á quasi geral indifferença d'um publico alheio aos labores da intelligencia.

Entretanto, tinha sido popularissimo entre os annos de 1844 a 64 ou um pouco apόs, tinha sido o mais operoso, o mais fecundo dos escriptores de seu tempo, um dos fundadores, senão o verdadeiro fundador, do romance no Brasil, um dos creadores de nosso theatro, um dos mestres de nossa poesia. Mais velho tres annos do que Gonçalves Dias (1823) e seis mais do que José de Alencar (1829), collaborou com elles intensamente no desenvolvimento literario que illustrou os primeiros vinte e cinco annos do reinado do segundo imperador.

Brincalhão, conversador, despretencioso e simples, facilmente se tornou popular: era o *Macedinho*, como lhe chamavam. Por trinta annos seguidos, de 1844, data da *Moreninha*, a 1873, data de *Cincinnato quebra-louça*, fez rir a este Rio de Janeiro, que tão depressa se deslembrou do outr'ora mais lido, mais espalhado de todos os escriptores nacionaes.

Em 1877 deu ainda á scena o drama *Vingança por Vingança*, que passou despercebido.

De 1873 em diante, pôde-se dizer que só produziu obras de fancaria, obras de encommenda, entre as quaes alguns livros didáticos de reduzido valor.

• Eis aqui a serie de suas principaes obras no romance, na comedia, no drama, na poesia e noutrios generos :

■ Em 1839 escreveu *O Forasteiro*, que deixou inedito até 1855; em 1844 publicou *A Moreninha*, além das *Considerações sobre a Nostalgia* (these de doutoramento); em 1845 — *O Moço Loiro*; em 1848 — *Os Dois Amores*; em 1849 — *Rosa, O Cego*; em 1851 fez representar *O Phantasma Branco*, publicado em 1856; em 1852 publicou *Cobé*; em 53 — *Vicentina*; em 55 — *O Forasteiro*, já indicado, *A Carteira de meu Tio, O Primo da California*; em 57 — *A Nebulosa*; em 59 — *O Sacrificio de Isaac*; em 60 — *Luxo e Vaidade*; em 61 — *Romances da Semana*; em 62 — *Um Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro*; em 63 — *O Novo Othelo, Lusbéla*, e, sob o titulo — *Theatro do Dr. Joaquim Manoel de Macedo*, em tres volumes as peças — *Luxo e Vaidade, O Primo da California, Amor e Patria, A Torre em Concurso, O Cego, Cobé, O Sacrificio de Isaac, Lusbéla, O Phantasma Branco, O Novo Othelo*; em 65 — *O Culto do Dever*; em 67 — *Memorias do Sobrinho de meu Tio, Mazellas da Actualidade*; em 69 — *O Rio do Quarto, A Luneta Magica, As Victorias Algozes, Nina*; em 70 — *A Namoradeira, As Mulheres de Mantilha, Remissão dos Peccados*; em 71 — *Um Noivo a duas Noivas*; em 72 — *Os Quatro Pontos Cardeas, A Mysteriousa*; em 73 — *Cincinnato quebra-louça*; em 76 — *A Baronesa do Amor*; em 77 — *Vingança por Vingança*; em 78 — *Memorias da Rua do Ouvidor, Mulheres Celebres*.

■ Macedo publicou mais : *Licções de Historia do Brasil*, em 1861, segunda edição refundida e ampliada — em 1863; *Licções de Corographia do Brasil* — em 1877, ampliação do livro publicado sob o titulo — *Noções de Corographia do Brasil*; *Terceira Exposição Brasileira em 1873 (Rio—1875)*; *Anno Biographico Brasileiro*, 3 volumes,

em 1876; *Ephemerides da Historia do Brasil*, 1877: *Suplemento do Anno Biographico Brasileiro*, 1880.

Além dessas publicações avulsas, encontram-se artigos, discursos, relatórios, folhetins, poesias de Macedo na *Revista Trimestral do Instituto Historico*, na *Minerva Brasiliense*, na *Guanabara*, no *Jornal do Commercio*, no *Globo*, em *A Nação* (de 1852 a 54), que se não deve confundir com outro jornal de igual título, de 1872 a 74; na *Marmota* e em outros periódicos.

Nomeadamente as suas poesias líricas, que são das melhores coisas que produziu, e seus discursos não foram ainda colligidos.

Preponderam nas obras citadas as produções dramáticas, os romances, o poema a *Nebulosa*.

Rápida e segura caracterização se faz agora mistér.

O teatro de Macedo tem cunho realístico; é um resultado da observação, por mais que elle o ataviasse de *fieilles*, ou de situações phantasticas ou incongruentes. A visão da realidade sobrepujava no auctor aos amaneirados do romantismo em voga. Contém dramas e comedias; estas, como documentação da vida brasileira, levam vantagem áquelas.

Entre os dramas contam-se—*O Cégo*, *Cobé*, *Lusbéla*, *Amor e Patria* e *Sacrificio de Isaac*. Os três primeiros são os mais consideráveis. *Lusbéla* é até um dos melhores productos do romantismo nacional.

N'*O Cégo*, em *Cobé* e nas pequenas peças—*O Sacrificio de Isaac* e *Amor e Patria*, obras todas em verso, sob o ponto de vista da forma, nota-se certa emphase, própria do poeta de Magalhães e Porto Alegre, que o auctor do *Cégo* venerava como mestres.

Nas obras escriptas em prosa nota-se mais naturalidade, mais simplicidade, qualidades que na pura comédia e no romance Macedo possuiu desde o princípio; porque eram feições adequadas ao seu temperamento, espontâneas em seu espírito e carácter.

O auctor da *Moreninha* era alheio a qualquer especie de *pose*. O poema da *Nebulosa* pertence áquelle primeira maneira.

Essa tal ou qual emphase indicada era realmente devida á influencia dos dois grandes amigos do escriptor.

Felizmente semelhante influencia não se estendeu ao estylo de Macedo nas obras de prosa ; porque o pouco que Magalhães e Porto Alegre escreveram como prosadores não teve repercussão na literatura brasileira.

As comedias são superiores, dissemos, aos dramas, como critica dos costumes, como documentos da vida nacional. Por ellas é que o escriptor fluminense se prende a Martins Penna e toma logar distinto entre os nossos escriptores nacionalistas. Conhecem-se seis comedias do auctor de *Cobé*, e são as já referidas—*Phantasma Branco*, *O Primo da Califórnia*, *Luxo e Vaidade*, *A Torre em Concurso*, *O Novo Othelo* e *Cincinnato quebra-louça*.

Iriamos muito longe, se fossemos a extractar os enredos dos dramas e especialmente das comedias.

Baste dizer que se o supremo grão a que pôde chegar o poeta, o dramaturgo, o romancista é a creaçao de typos que se encorporem á vida, como se fôram reaes, Macedo foi, até ao presente, o unico que no Brasil chegou a attingir esse alvo.

Penna reproduziu com fidelidade typos populares, typos existentes no meio social, ficando os retratos tirados delles pelo comediongrapho como *paradigmas*, como *modelos abstractos*.

São d'este numero o *irmão das almas*, o *Juiz de paz da roça* e poucos mais. Alencar, cujo talento era essencialmente verbal, creou *nomes* e não typos reaes : *Iracema*, *Moacyr*, *Pery* e outros que ficaram.

Macedo foi mais feliz; teve esse filho de sua phantasia e de seu talento de observador, que logrou viver como um ente real em nosso meio : — o *Capitão Tiberio*.

Era o typo do mofino fanfarrão. Hoje, cumpre advertir, esse velho camarada vae-se tornando esquecido, á medida que as co-medias de seu progenitor vão tambem caíndo no olvido. *Tíberia* figura n' *O Phantasma Branco*—ao lado de seus irmãos *Basilio* e *Galatéa*, dois typos tambem muito singulares, que viviam em constantes brigas.

Como exemplificação do estylo de *Macedo* na Comedia —vão aqui a fala e as coplas cantadas por *Basilio*, dando espansão ao seu contentamento por ter sabido que seu filho Juca era um rapaz de talento e que até já tinha publicado um volume de versos:

«*BASILIO (Só)*.—Quem havia de pensar, que o meu Juca, que quando era pequeno corria lá pelo campo da fazenda e pulava como um potro, acabaria por ter cabeça de sabio ! Oh ! extraordi-naria força da natureza !... o meu Juca ! o filho d'este seu criado, que andou dez annos na escola, e que ainda hoje não lê sem so-letrar, sair o avesso de seu pae !... oh ... bem dizia a minha de-funta, que o Juca tinha cara de licenciado !... Aquillo é um rapaz de truz ! não tem duvida... é capaz de ler num livro fechado!... tomára que se lhe acabasse a veneta do passeio, e voltasse para casa !... agora estou desarmado... não posso mais castigal-o... havia de ser bonito ir eu sem mais castigar um novo talento cheio de esperanças e de futuro !...»

«Com esta folha de papel
 Vou viver sempre abraçado,
 Meu Jornal abençoado,
 Que tão boas novas traz.
 Oh que sabio é o meu Juca !...
 Que cabeça de rapaz !

Uns como eu nascem p'ra tolos,
 Outros p'ra estudo profundo ;
 Quando a gente vem ao mundo
 Sua sina logo traz .
 Oh que sabio é o meu Juca ! ...
 Que cabeça de rapaz ! »

No romance não se desmentem as boas qualidades do escriptor reveladas na comedia.

Existem nelles boas paginas descriptivas de costumes, quer da época do auctor, quer de tempos anteriores.

As melhores estão em *Moreninha, Mulheres de Mantilha, Rio do Quarto, Vítimas Algozes, Dois Amores*.

Como defeito maximo de quasi todos elles, mórmente os mais antigos, surgem phantasmas, apparições inesperadas, vultos encapotados, agentes providenciaes, arredadores de difficuldades.

São as *ficelles* e amaneirados da escola em seus máos momentos.

Como amostra do estylo, aqui vae a narrativa do festejo da *serração da velha* :

« O vigesimo dia da quaresma é, em todo mundo catholico, de suspensão de penitencia, e como de ferias dadas pela igreja nos jejuns e aos austéros preceitos da religião.

Esse dia excepcional, que a igreja concede aos fieis para descanço das penitencias, e dispensa das abstinencias, dos jejuns e das praticas austéras, dava no Brasil occasião á uma folgança popular não pouco burlesca. A folgança tomava o nome de *serração da velha*.

Des creveremos em poucas palavras essa especie de mascarada dos antigos costumes, que só no presente seculo foi proscripta pela nova civilisação.

Nas cidades e até nos pequenos povoados ajuntavam-se mancebos folgazões para a festança: dizia-se que pelo correr da noite se havia de *serrar* a mulher mais velha da cidade ou povoação, e era tão simples e credula a gente daquelles tempos, que havia velhas que tremendo de medo se escondiam durante o dia fatal para não serem apanhadas pelos serradores.

À noite saía a sociedade á rua: homens possantes vestidos a caracter, ás vezes representando indios, ou negros africanos, ou mouros puxavam um carro com immenso estrado, sobre o qual viam-se meia duzia de figurantes trajando á phantazia e uma grande serra armada e prompta para serrar uma pipa dentro da qual se dizia ir encerrada a velha condemnada ao sacrificio.

Onde era possivel obter-se musica, uma duzia de tocadores de instrumentos barbaros, ou capazes de produzir grande ruido, não excluia a banda de musica de verdadeiros professores que, durante a marcha da burlesca procissão, alternavam com a orchestra infernal, tocando marchas alegres; onde tanto não se podia conseguir, contentavam-se os folgazões com a orchestra infernal.

Ás vezes cessava a musica, e os puxadores do carro marchavam, entoando cantigas allusivas ao trabalho que executavam, alternando tambem com os serradores que cantavam, ora fazendo allusões á velha que levavam na pipa, ora outros cantos mais ou menos engracados, ou em moda entre o povo.

Quando os carregadores paravam para descansar ou de propósito defronte de alguma casa, á cujos moradores queriam obsequiar, os serradores dançavam grotescamente, e um d'elles, o principal, fazia em alta voz a leitura de uma composição poetica, em que era cantada a vida da velha que ia ser serrada.

Passavam assim pelas ruas até que na praça principal se completava a funcção serrando-se a pipa, que em vez de mostrar serrada no seu interior a velha, apresentava boa e variada ceia, e abundância de garrafas de vinho.

Ás vezes fingiam serrar a pipa desde o principio e em todo o correr da procissão: ainda de muitos e diversos modos variavam o divertimento, que por fim acabava sempre com a ceia na praça ou em casa para isso disposta.

Como se vê, a *serração da velha* era uma folgança inocente, mas rude, e talvez um pretexto para as ceias fartas e alegrões no dia da suspensão dos preceitos da quaresma.

Esse pretexto era perfeitamente comprehendido pelas familias que tambem ceiavam em festa.

Dos antigos cantos que entoavam os serradores da velha, um apenas ouvimos com seguranças dadas por quem nol-o repetiu, de que pertencia elle ao seculo passado, eil-o :

Serra, serra, serra a velha ;

Puxa a serra, serrador ;

Que esta velha deu na neta

Por lhe ouvir falas de amor.

Serra-ai ! — Oh ! serra-ai !

Puxa ! — puxa, serrador !

Serra a velha — ai ! — viva a neta

Que falou falas de amor.

Serra ! — a pipa é rija :

Serra ! — a velha é má :

Serra ! — a neta é bella ;

Serra ! — e serra já.

Eis ahí mais ou menos como era a *serração da velha* no seculo passado. (XVIII) »

Quem estudar Joaquim Manoel de Macedo sómente em suas obras dramaticas e em seus romances, não o conhecerá completamente se não apreciar nelle o poeta.

Além dos dramas escriptos em verso, de muitas poesias lyrics que correm em avulso, deixou o vate fluminense o poema d' *A Nebulosa*.

Se Maxime du Camp disse do *Ahasverus*, de Edgar Quinet, *qu'il est peut-être l'œuvre la plus lyrique et la plus forte du romantisme*, podemos nós dizer que a *Nebulosa*, em peculiar sentido, como obra de phantasia, de imaginativa, onde abundam irisados sonhares, nevadas apparições, vibrantes descriptivas, é o mais forte producto, na poesia, do romantismo brasileiro. O poema está cheio de trechos magnificos, e como exemplo baste-nos repetir os que lhe servem de portico :

« Como duas columnas de guerreiros
 Gigantes feros, que avançando irados
 Param ambas a um tempo antes da luta,
 Deixando ao turvo olhar espaço breve ;
 Duas filas de rochas escarpadas
 Tinham, rasgando o pelago raivoso,
 Frente a frente estacado. Inabalaveis
 Os pés fincavam no profundo abysmo,
 E em suas frontes remoinhavam nuvens,
 Quaes de vingança tenebrosos planos.
 Curta passagem concedida ás aguas
 Entre os petreos colossos s'estreitava ;
 Fóra rugia o mar, e além das rochas
 Mansa e bella enseada s'escondia ;
 Pela estreita garganta s'escoavam
 Para o seio abrigado ondas serenas
 Do oceano traidor fugindo a medo,
 Como piedosas inspiradas virgens,
 Que do mundo escapando, o claustro asyla.

Dentro estava a enseada ; em frente as rochas
 Como atalaias de mansão vedada ;
 Niveas praias, que as ondas galanteam,
 Os flancos lh'engraçavam ; densos bosques,
 Florestas seculares, altos montes,
 A campinas ridentes succedendo,
 Por encantada terra s'entranhavam.
 No sitio infiltra a solidão magias ;
 Breves passos do mar via-se apenas
 De um pescador cabana preguiçosa.
 E ali por entre as ondas se desdobra,
 Qual um Tritão que debruçado aferra,
 Meio n'agua submerso e todo em somno,
 Longo espinhaço de troncada rocha.
 Pára no meio de outros que o semelham
 Peças mil que ou d'essencia são vizinhos,
 Ou já penhasco enorme um só formaram,
 Que o tempo em cem penhascos dividira ;
 Mais alto do que os outros, sobranceiro
 Ao pégo, que raivoso aos pés lhe atira
 Ondas bravas de colera espumando,
 Um rochedo elevado, aspero e negro,
 Velho pae de familia de granito,
 Audaz se arroj'á frente, o vulto eleva
 Sobre o mar que a rugir lhe açoita as plantas,
 Emquanto afogam-lhe o cabeça as nuvens. »

O poema é todo neste tom grandioso e exuberante.

José Martiniano de Alencar (1829-1877) reclama José
de
Alencar agora a attenção.—Foi incontestavelmente, ao lado de Gonçalves Dias, uma das duas mais altas figuras do romantismo brasileiro ; o terceiro logar, como já se

disse, pertence a Alvares de Azevedo. Cumprê defini-lo em poucas palavras.

Tendo a preoccupação constante da formação d'uma literatura nacional, preparou-se convenientemente para contribuir para ella.

Estudou com afinco os velhos chronistas e historiadores ; procurou conhecer os costumes dos selvagens, o viver dos colonos, dos escravos, das classes dirigentes durante a formação das populações brasileiras ; poz em contribuição suas recordações proprias, já do que viu nas suas viagens, quer a que fez do Ceará ao Rio de Janeiro, longo percurso por terra nos vivos annos da meninice, quer as que posteriormente fez para Pernambuco e São Paulo, durante o curso academico, quer as que mais tarde fez ao Ceará e à Minas ; já do que observou directamente na vida social ou apreudeu de informações de amigos sinceros e competentes conhecedores do paiz.

Junta-se a isto a sua extraordinaria facilidade de escrever num vocabulario rico, e, ao mesmo tempo, transparente, simples, e num estylo sonoro e vibrante; sua poderosa imaginação sempre prestes a alçar o vôo, seu talento descriptivo, léstio nas scenas humanas, brilliantissimo na paisagem e nas scenas da natureza, e ter-se-á idéa da valia d'este escriptor.

Foi durante o curto periodo de vinte e cinco annos (1852-1877) que Alencar produziu toda a sua obra

prodigiosa de raptos de eloquencia e de fulgurações de estylo.

Póde-se dizer que não ficou recanto de nosso viver historico-social em que elle não tivesse lançado um raio de seu espirito.

A vida das cidades em diversas épocas e varias camadas da população lá está—em *Azas de um Anjo*, *Sonhos de Ouro*, *Pata da Gazela*, *Diva*, *Luciola*, *Senhora*; as scenas do existir dos selvagens puros — no *Ubirajara* e nos *Filhos de Tupan*; dos indios em suas relações com os colonos nos primeiros seculos da conquista—em *Iracema*, e no *Guarany*; as scenas originalissimas dos pampas do Sul—no *Gaúcho*; as talvez ainda mais singulares dos sertões do Norte—no *Sertanejo*; a sociedade colonial—em *Minas de Prata*, na *Guerra dos Mescates* e n'*O Jesuita*; alguns aspectos da escravidão—em *O Demônio Familiar*; os das fazendas da zona das mattas — em *Tronco do Ipé e Til*; feições varias de nosso labutar politico—em *Cartas de Erasmo* e *Discursos Parlamentares*.

As *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos* são uma especie de manifesto em que se acha o credo literario do nosso grande romancista e notavel dramaturgo; são a sua profissão de fé e constituem o ponto mais elevado a que attingiu entre nós á critica no periodo do romantismo.

Alguns criticos opinam que a vida literaria de José de Alencar está naturalmente dividida em dois periodos: *antes do ministerio (1852-68)* e *depois do ministerio*

(1868-77), sendo o primeiro de *pujança* e o segundo de *declinio*. Ao primeiro pertencem:— *Ao Correr da Pena* (folhetins), *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos*, *Cinco Minutos*, *Viuvinha*, *O Guarany*, *Verso e Reverso*, *Azas de um Anjo*, *Mãe*, *Demonio Familiar*, *Iracema*, *Mina de Prata*, *Luciola*, *Diva*, *Os Filhos de Tupan*, *Cartas de Erasmo*; e ao segundo: *O Gaúcho*, *O Tronco do Ipé*, *Til*, *Pata da Gazela*, *O Sertanejo*, *Senhora*, *Guerra dos Masetes*, *O Jesuita*, *Sonhos de Ouro*, *Encarnação*, *O Garatuja*, *O Ermitão da Glória*, *Alma de Lazaro*, *Ubirajara*. (1)

Os referidos criticos preferem os productos da primeira phase, por mais placidos, mais suaves, mais graciosos, aos do ultimo periodo que se lhes afiguram morbidos, desequilibrados, filhos da irritação e de pre-occupações pessimisticas.

Nós vemos as cousas por outro prisma ; preferimos os ultimos.

A vida de José de Alencar tinha sido de um deslissár suavissimo, um tecido de felicidades. Filho de um senador influente, nome historico e de grande prestigio, a infancia lhe correu no Ceará e no Rio de Janeiro, sem as menores agruras, em farta abastança e em circulos da mais selecta convivencia.

O periodo academico em São Paulo e Olinda foi do mais accentuado bem-estar. Uma vez formado, no Rio de

(1) Cumpre advertir que algumas d'essas obras, como *O Jesuita* foram dadas á estampa no segundo periodo ; mas foram escriptas no primeiro.

Janeiro, desde 1850 achou-se nas melhores rodas, festejado nas mais altas sociedades, relacionado com as mais notaveis figuras da politica, do jornalismo, da administração.

Teve logo entrada nos melhores jornaes da época, *Mercantil* e depois *Diario do Rio*, como redactor, privando com homens como Octaviano da Rosa, Torres Homem, Sousa Franco e muitos outros. Apenas bacharelado, foi feito official da secretaria do Ministerio da Justiça, pouco apôs chefe de secção e pouco mais tarde consultor do mesmo ministerio. Aos trinta annos (1859) tinha o titulo de conselho.

É natural que tudo se revestisse a seus olhos de côres roseas e irisadas. Outro qualquer se teria perdido.

Sua natureza séria e profundamente intellectualista, porém, o preservou do desastre. As letras eram a sua paixão, o attrahiam com força irresistivel.

O folhetim, a novella, o romance, a comedia, o drama, a critica o fascinavam.

Por isso, em vez de um *blasé*, viemos a ter um criptor de primeira ordem.

A placidez, a quietude da vida e dos sentimentos do auctor reflectiam-se em sua obra, tornando-a d'uma suavidade, d'uma doçura que chegava a enfadar.

Foram as obras da primeira phase. Mas eis que o demonio da politica se meteu ahi de permeio, tentou o despreoccupado idealista e o attrahiu ao seu torvelinho.

A filaucia dos politicos de officio e a grosseria dos intitulados ~~chefs~~ do regimen imperial crêaram-lhe os maiores embaraços, ~~fizeram-lhe~~ as mais baixas picardias.

A guerra foi cruel, porque, além das ~~lides~~ parlamentares e politicas, foram assalariados mastins para o atacarem no dominio das letras. Teve isso a vantagem de despertar um Alencar desconhecido, vibrante de paixão, cheio de coleras, despeitos e ironias.

Suas obras ganharam mais vida, mais calor, mais intensidade passional e tornaram-se mais reaes, mais humanas.

E por isso seus livros do malsinado segnndo periodo sobrelevam, a nosso vêr, aos do primeiro.

Alencar é escriptor para ser estudoado detidamente, o que não pôde ser feito num rapido resumo.

Baste dizer, por ultimo, que foi o primeiro que deu á prosa no Brasil o lavor artistico do estylo aprimorado e brilhante, o que tem sido até agora o mais aprimorado de nossos paisagistas e o que mais vigor tem revelado na habilidade de descrever e narrar.

Ha um assumpto em que na literatura universal elle encontra um só escriptor que se lhe possa approximar: é no talento, na destreza, na meiguice, no carinho, na graça, no mimo com que descreve a moça, a donzella, a senhorita, a mulher joven e pura, e, n'isto, o seu rival é George Sand.

Mas o escriptor brasileiro, nesse captivante assunto, excede de muito a grande romancista franceza.

A longa lista das *filhas* de Alencar forma um mundo encantadamente delicioso.

Como amostra do estylo do auctor, damos aqui um trecho d' *As Minas de Prata* :

«Majestoso assoma o astro rei.

O deserto enche-se de luz e vida.

Desdobram-se a perder de vista as vastas planicies que formam o dorso da gigantesca serrania, e a cobrem, como pellos de hirsuta fera, as densas e sombrias florestas virgens.

O velho pagé lá está acocorado na crista do rochedo. A seus pés corre aos saltos o caudaloso rio, que de repente tolhido no arrojo por uma molle de granito, empina e boleia-se como um indomito corsel, precipitado do alcantil, montanha abaixo.

Immovel e estreitamente ligado ao negro rochedo como uma continuaçāo delle, o selvagem ancião parece algum idolo americano, que o rude labor dos aborigenes houvesse lavrado no pincaro da rocha, deixando-o assente em seu pedestal nativo. As longas e alvas cans espargem-se pelas espaduas, como os frocos de espuma que desfiam na lomba do penedo.

Do rosto seu, lhe ficou a fronte nua e proeminente, onde os raios do sol nascente batem de chiapa; o resto das feições somem as rugas profundas que os annos cavaram naquelle tez negra e requeimada.

Não é mais physionomia humana; as revoluções da vida a desfiguraram inteiramente, como os cataclismos transformam o risonho valle em um brejo cheio de tremedaes e corcovas. As phos-

phorescencias, que á noite luzem dessas profundas charnecas, são os fulgores dos olhos fugidos pelas orbitas.

Esse olhos, tão fortes ainda, que se affrontam com os esplendores do sol, o velho pagé ora os põe no chão, onde a terra forma como um alveo abandonado pelo rio; ora os estende pelo horizonte além, como se devassassem a incommensuravel distancia.

Que viam elles nesses pontos extremos?

Alli naquella areia, que outr'ora humedeciam as aguas do caudoso rio, scintillam frouxamente aos raios do sol nascente mirandas de pequenas pedras brancas da feição de pingos de cristal. Deus semeára o diamante em abundancia ahi, bem longe da ambição humana, que mais tarde devia ir arrancal-o de seu leito ignorado. O velho, que nesse momento as contempla desdenhosamente de cima do rochedo, sabe acaso que tem a seus pés riquezas maiores que nunca possuiram reis da terra?

Longe, no horizonte sem limites, não ha mais que o espaço infinito; mas os olhos do pagé vêem um vulto de mancebo armado que avança pelo sertão em busca da serrania; o caminho é arduo, o passo tardio. A alma do velho anceia para attrahir mais rapido o esperado guerreiro; porque sente que a vida se escoa lentamente do corpo decrepito.

Quem sabe se o pagé não viu nascer o seu ultimo sol?

Eis o que os olhos da velho contemplavam, alli no sopé do rochedo, e além, nos confins do horizonte. Mas a mysteriosa ligação entre os thesouros e o desconhecido guerreiro só a poderá saber quem penetrar em sua alma.

A historia é verdadeira, porém estranha.

Havia mais de meio seculo.

Abaré, o grande pagé dos Tupis, vendo seu povo expulso das formosas ribeiras de Paraguassú e Maragogipe pelo feroz

emboaba ; suas tribus dispersas e foragidas, seus filhos captivos do estrangeiro ; cobriu-se de luto. Mas Tupan lhe falára á noite, na hora dos sonhos, e elle fôra de taba em taba rugindo o maracá por todo o valle ou montanha, onde resoava a doce lingua da valente raça.

— Guerreiros de Tupan, dizia elle, não vistes as aguas do grande rio em sua nascença ? São pequenas correntes, que uma sêde de tapir estanca ; um formigueiro basta para lhes fazer voltar o rosto. Mas quando se reunem, nada resiste á torrente impetuosa que vae escalando os rochedos, e traspassa o seio do mar como a setta vossa traspassa o peito do guerreiro inimigo. Eis o que Tupan mandou que vos dissesse !

— Pagé, ensina o sentido das palavras de Tupan ! exclamavam os guerreiros.

— Uni-vos como as aguas do grande rio, e então precipitae-vos sobre as tabas dos brancos, porque sereis invenciveis como a torrente veloz !

Assim caminhou Abaré de povo em povo, concitando á grande raça á guerra sagrada ; mas suas palavras caíram no chão, como a semente na terra safara, e não deram fructo ; apenas uma flor fana nada que logo mirrou.

As tribus continuaram a viver dispersas pelo sertão, e a formidavel nação tupinambá, a que pertencia o pagé, emigrou talvez das florestas para o immenso valle do Amazonas, berço de sua raça. Abaré a acompanhou até aos pinçaros da cordilheira que cingia a terra de seus paes ; alli parou.

Viu seu povo descer as vertentes orientaes da serrania ; mas do lado opposto se dilatavam os campos de sua infancia, as florestas á cuja sombra descansavam as cinzas dos seus maiores, a patria do velho, ao qual já não restam flôres para semeiar em terra estranha. Sentiu que seus pés tinham raizes naquelle

chão, e que seu corpo dormiria melhor á vista daquelles horisontes venerados.

Deixou pois que o ultimo dos tupinambás desapparecesse longe entre as arvores; e quando já não se ouvia o canto das mulheres cadenciado com o passo dos guerreiros, ergueu-se elle em busca de um abrigo para a noite. Beirando o rio chegou a uma profunda garganta da montanha, onde o chão fugia de repente, deixando apenas para conter as aguas em seu leito uma estreita muralha de rocha.

Os olhos de Abaré, como os do animal nocturno, deleitavam-se com o aspecto desse abysmo cheio de sombra e silêncio. Elle desceu pelas escarpas do rochedo até onde se abria uma fenda exserta de limo e parasitas. O borborinho surdo, que exhalava d'alli, como de um caramujo, fazia suppor a entrada elliptica de alguma gruta profunda. O velho pagé penetrou sem hesitar.

Depois de estreita e sinuosa galeria, abria-se de repente aos olhos deslumbrados uma magnificencia da natureza. O aspecto era de uma esplendida cidade subterranea, toda vasada em prata. Templos soberbos, palacios sumptuosos, torres elegantes, alli se sucediam uns aos outros. Quanto tem de mais sublime e gracioso a architectura gothica, oriental ou grega, as ogivas rendadas, os arabescos delicados, as columnas elegantes, fôra alli excedido pela mão da natureza. O divino artista creára todas essas maravilhas com a simples gotta d'agua que transudava d'entre o intersticio do rochedo.

O rio passava por cima da immensa gruta. As filtrações de suas aguas tinham produzido aquellas formosas stalactites de tão bizarros deseulos. O rumor da torrente ressoava harmoniosamente pelas vastas abobadas. Entre as fendas do rochedo via-se a limpida veia, e atravez coava a luz que scintillava aljofrando as brillantes crystallizações.

Vampiros e animaes carniceiros povoavam o domínio subterraneo. O velho pagé assentou entre elles sua jazida; talvez careceu de recorrer alguma noite á força do braço possante para firmar o seu direito de occupante; mas afinal conquistou a paz. Seus vizinhos aprenderam a respeitar-o, e alguns pagavam o tributo á suzerania do homem, que muitas vezes se nutriu da caça que elles praticavam.

Abaré era venerado de todas as nações de sua raça.

Quando alguma tribu, que a perseguição dos colonisadores embrenhava pelos sertões, afagava projectos de vingança e liberdade, antes de levar as armas aos povoados portuguezes, não deixava de subir a montanha para consultar o grande pagé de seus ritos e saber d'elle se a sorte da guerra lhe seria propicia.

O velho, do cimo de seu rochedo abrupato, os avistava ao longe e sua alma confrangia-se em uma dôr grande. Quando chegavam, descia até a borda do rio; alli enchia a mão da areia alva e fina, que orlava a margem vestida de relvas; e falava aos guerreiros de sua raça com uma voz surda e triste :

—Estão aqui nesta mão mais grãos de areia do que nações restam da grande raça dos Tupis; e o halito de Abaré os faz voar a todos uns apoz outros. Soprando na mão esparzia a areia nos ares; feito o que, apanhava outro punhado, mas da que estava embebida da agua do rio, e amassando-a, apresentava uma bola :

— A mesma areia assim unida, qual guerreiro forte é capaz de move-la com seu halito?

Então cravando o olhar feroz no povo admirado, exclamava:

— Ide, filhos degenerados. Tupau vos abandonia. Sereis dispersos, como a areia secca do rio, pelo sopro do trovão inimigo!

Lançada esta imprecação, o velho pagé sumia-se nas entranhas da terra, e penetrava em seu antro.

A tribo afastava-se triste e remordida por aquella ameaça; apoz ella vinha outra, e outras; mas a união da grande raça era impossivel, para que ella soffresse a pena de culpa originaria, segundo resavam as antigas tradições.

Correram as luas.

Um dia viu Abaré approximar-se do rochedo um guerreiro, coberto com as vestes e as armas da raça, a que votava odio entranhado; sua alma sedenta expandiu-se, porque a dôr, que nella vivia, ia ser applicada com sangue inimigó. Correu-lhe pelos beiços um sorriso, que afiou os colmilhos, rangendo-os. Seus olhos cravaram sobre o estrangeiro o olhar magnetico da cascavel.

O guerreiro branco encaminhava-se para o velho pagé, calmo e decidido, apezar das ameaças que elle via se condensarem sobre aquella fronte escalvada. Tinha a coragem do forte e a audacia do ambicioso; a sede de riqueza, que nesse tempo arrancava tantos aos seus lares para expol-los aos mil perigos do deserto, tambem o trazia a elle por esses sertões.

Enchia então o mundo a noticia das inesgotaveis minas do Potosi e a imaginação humana, que jámais se deixa vencer da realidade, esparzira immediatamente sobre toda esta região americana, situada entre o Amazonas e o Paraná, serras de ouro e prata, cidades de esmeralda e porphyro, sitios encantados.

Aquelle guerreiro era um valente roteador dos sertões: o gentio o chamava Moribeca — *o caçador de gente*. Embalado por taes contos de fadas e guiado por informações do gentio, o guerreiro se partira do seio da familia, na esperança de descobrir outras minas de prata mais abundantes que as do Perú e ao depois de cerca de um anno de longas excursões pelas cabeceiras do rio de S. Francisco, chegára afinal á serra do Sincorá.

Quando elle se achou em face do velho pagé, todas as nuvens condensadas na fronte d'este se desfizeram como as brumas da ma-

nhã aos raios do sol. Abaré vira sobre as faces brancas do guerreiro a cõr de sua raça e nos olhos a scentelha do sol americano.»

Um estudo completo acerca do romancista cearense deveria aprecial-o separadamente nos varios aspectos que deu á sua actividade.

O romancista, o dramaturgo e comediographo, o orador, o critico, o escriptor politico, o poeta deveriam ser devidamente contemplados.

Impossivel é fazel-o nestas paginas, que visam apenas o conjuncto.

Ajuntaremos apenas que o dramatista em *Mãi* e em *O Jesuita* tomou posto entre os mais distintos escriptores do genero, não já da lingua portugueza, como da literatura universal.

Existem alli scenas que attingem as alturas da verdadeira emoção dramatica. Aquella em que a escrava *Joanna*, no auge do desespero, se envenena para que se não saiba que ella é a mãe de *Jorge*, moço formado em medicina, e não se lhe desfaça o casamento com *Elisa*, que não se quereria ligar provavelmente a um filho de escrava, é uma d'essas.

Aquelle brado que nega com resolução e ao mesmo tempo inconscientemente affirma:—*Eu não... Eu não sou tua mãi, não,... meu filho!*... é um rapto de perfeição artis-

tica que chega ás grandes emoções. Eis aqui o final da scena, que é a ultima de *Mãi*:

JORGE.—Minha māi!...

JOANNA.—Não!... Eu não sou sua māi, nhonhô... O que elle disse, o Sr. doutor, não é verdade... Elle não sabe.

DR. LIMA.—Joanna?...

JOANNA.—Não é verdade, não!... Pois já se viu isso?... Eu ser māi de um moço como nhonhô!... Eu, uma escrava!... Não vê, nhonhô, que elle se engana?

JORGE.—Me perdôa, minha māi, não te haver conhecido!...

JOANNA.—Sr. doutor quer dizer que eu fui ama de nhonhô!... Que nhonhô era meu... meu... de leite... só! só de leite!...

JORGE.—Chama-me teu filho!... Eu te supplico!...

JOANNA.—Mas não é... não!... Eu juro...

DR. LIMA.—Joanna!... Deus nos ouve!

JOANNA.—Por Deus mesmo... Elle sabe porque digo isto!... Por Deus mesmo... juro... que... Ah!...

JORGE.—Morta!

ELISA.—Minha boa Joanna!...

JOANNA.—Escute, iaiá Elisa... É a ultima cousa que lhe peço... Iaiá ha de fazer meu nhonhô muito feliz!... Me promette?... Queira a elle tanto bem, como Joanna queria... Mas, nem iaiá nem ninguem pôde... não!...

JORGE.—Minha māi!... Porque foges de teu filho, apenas elle te reconhece?

JOANNA.—Adeus, meu nhonhô... Lembre-se ás vezes de Joana... Sim?... Ella vai rezar no céo por seu nhonhô... Mas antes eu queria pedir...

JORGE.—O que, māi ? Pede-me ! . . .

JOANNA.—Nhonhô não se zanga ?

JORGE.—Eu sou teu filho ! . . . Dize ! . . . Uma vez ao menos . . .
este nome.

JOANNA.—Ah ! . . . Não ! . . . Não posso !

JORGE.—Fala ! Fala !

JOANNA.—É um atrevimento ! . . . Mas eu queria antes de
morrer . . . beijar sua . . . sua testa, meu nhonhô ! . . .

JORGE.—Māi . . .

JOANNA.—Ah ! . . . Joanna morre feliz !

JORGE.—Abandonando seu filho.

JOANNA.—Nhonhô ! . . . Elle se enganou ! . . . Eu não . . . Eu não
sou tua māi, não . . . meu filho ! (*Morre*).

Indispensavel se nos afigura dar uma amostra do
estylo de Alencar no verso. Aqui vae o começo
dos *Filhos de Tupan*:

«Ao deserto, minha alma ! Sobre os pincaros
Da bronca penedia, emquanto o vento
Nos antros da montanha ulula e brame,
Solta a rude pocema, o canto fero
Dos filhos de Tupan. E ruja a inubia
Troando pela varzea os sóns bravios.

Salve, Amazonas ! Rei dos reis das aguas
Tamuy dos rios, filho do diluvio !
Mar que do bojo golphas tantos mares,
Fonte do abysmo que sorveu a America
E mais tarde—quem sabe ?—ha de sumil-a.

Salvē, Amazonas ! Como o sol, és único,
 Gigante que o maior dos oceanos
 Gerou nos flancos da maior montanha !
 Monstro vorace, o mundo tragarias
 Se Deus, te sofreando a furia indomita,
 Não cavára em principio o vasto Atlântico
 E só para conter-te a immensidate.

És origem do liquido elemento
 Que circunda o universo ? És tu que pejas
 Do pélago sem fim as profundezas,
 Onde matam a sêde o céo e a terra ?
 És pae das ondas ou tyranno d'ellas ?

Colosso ingente, que fundiu nas aguas
 O verbo de um artista omnipotente,
 A cabeça reclinas sobre os Andes
 Ao céo rasgando as largas cataractas,
 O corpo estendes, mil trezentas leguas,
 Pela serra que verga com teu peso ;
 Os cem braços, que alongas pelas serras,
 Abrangem tanto espaço que couberá
 Mais outro mundo neste mundo novo
 Feito para teu berço. Majestoso,
 C'os pés o collo esmagas do oceano,
 Que mugindo se roja pelas praias :
 Mas prostrado o vencido, não vassallo,
 O mar soberbo ás vezes se revolta,
 Alçada a fronte, a juba horripilante,
 S'erríça e raiva e ruje e ronca e troa ;
 E a longa, immensa cāuda destorcendo
 Te enlaça o corpo no impotente espaço.

Pousa em teus hombros o condôr altivo,
Tigre alado das solidões das nuvens,
Aguia, leão dos paramos da America,
O jaguar, rei das selvas brasileiras,
E o tapir, que dos pés o chão devora,
Teus rafeiros humildes te farejam
De longe. A seiva pastum de teu sangue,
Milhões de raças de animaes selvagens,
Vermes, que te pullulam nas entrañas,
São enormes cetaceos, cria molle
Descommunal aborto da mãe-d'agua,
E a sucury.—leviathan dos rios.
Resvallam por teu corpo, d'elle insectos,
Horrendos crocodilos, negras serpes,
Talvez metamorphose monstruosa
Dos grossos troncos de tombadas arvores,
Que os lodos animalam corrompendo.

Aqui jungido sob a mão-do Eterno,
Calcado ao chão monarcha no deserto,
Como Satan, domado pelo archanjo,
Dormes por todo o seculo dos seculos.

Mas quanto grave mesmo adormecido !
Ruge o trovão no peito que resfolga ;
Um bulcão turbilhonha em teu anhelito,
Se arquejas sobre o leito o céo se torva,
As nuvens se convolvem na procella ;
Treme a serra abalada nos seus eixos,
Foge a base á montanha que se abysma.
Dorme, ó genio das aguas ! Quando ao sonho
Terrivel do Senhor, tu despertares
O mundo voltará de novo ao chaos. »

Infelizmente o poema ficou incompleto.

Os *Filhos de Tupan*, como os *Tymbiras* de Gonçalves Dias, não passaram além do 4º ou 5º canto.

José de Alencar era como o poeta maranhense possuidor de vasta instrucção.

São d'isso a prova vários de seus escriptos e discursos politicos, seus livros de direito publico e direito civil, que correm sob o titulo de *Systema Representativo*, *A Propriedade, Esboços Juridicos*.

Agrario de Sousa Menezes (1834-1863). — Foi um dos mais fecundos autores dramaticos do Brasil.

Morto aos vinte e nove annos, escreveu umas vinte obras entre dramas e comedias.

As principaes são :

Mathilde (1854), um drama em versos ; *Calabar*, escripto em 1857 e publicado no anno seguinte, tambem um drama em versos ; *Os Miseraveis*, drama em prosa, 1863, foi publicação postuma ; *Bartholomeu de Gusmão*, drama historico ; *Os Contribuintes*, comedia ; *O Dia da Independencia*, drama ; *O Retrato do Rei*, comedia ; *O Principe*, comedia ; *O Voto livre*, idem ; *O Primeiro amor*, idem ; *A Questão do Perú*, idem ; *Dona Forte*, idem ; *A Festa do Bomfim*, idem ; *São Thomé*, drama ; *O boçado não é para quem o faz*, comedia.

Agrario nasceu na cidade da Bahia aos 25 de janeiro de 1834 ; formou-se em sciencias juridicas e so-

ciaes, em 1854, em Olinda ; falleceu repentinamente no theatro de S. João, na Bahia, assistindo a um espectáculo, na noite de 23 de agosto^o de 1863.

Collaborou em varios jornaes e periodicos na sua cidade natal e em Pernambuco.

Como dramaturgo tinha menos talento de observação do que Macedo e menos eloquencia e brilho do que Alencar; não tinha tão pouco a mesma graça de Martins Penna.

É o primeiro de nossos dramatistas de segunda ordem.

Os seus melhores trabalhos são : *Calabar* e *Os Miseraveis*; mas ainda assim são demasiado sobrecarregados de situações confusas e embrulhadas.

Aqui vae como amostra do estylo do escriptor uma das melhores scenas d'*Os Miseraveis*, que eram, para Agrario, certos ricaços bandalhos.

É a scena 3^a do 3^o acto, scena em que, numa loja de livros, o Padre *Satyro*, que tanto tinha de ignorante quanto de pasquineiro, se encontra com *Praxedes* e *Gonzaga*, dois politicões da moda :

SATYRO, *entrando e cortejando*. — Meus senhores... (Nenhum lhe dá attenção. Adianta-se para o balcão). Vende aqui a constituição politica do imperio ?

BRAULIO. — Qual imperio ?...

SATYRO. — Do Brasil.

BRAULIO. — Não vendo, não.

SATYRO. — Que me diz, homem ?

BRAULIO. — Digo-lhe que ninguem a compra. É hoje uma obra desacreditada e que está fóra da moda.

SATYRO. — E aonde haverá della, sabe dizer-me ?

BRAULIO. — No Brasil ha de ser difficult achal-a.

SATYRO. — Pois bem : mandarei ver si se encontra na Europa a tal constituição brasileira. Diga-me mais : tem os *Amores de Ovidio* ?

BRAULIO. — Tenho, sim, senhor... (Tira da estante um volume, e dá-lhe).

SATYRO, *abrindo o livro*. — Dizem-me que isto é divertido... (Lê o livro).

BRAULIO. — Divertido e moral.

SATYRO. — Oh ! é ouro sobre azul !... (Pausa). Mas, meu amigo, em que lingua está escripta esta obra ? Parece-me inglez.

BRAULIO. — É latim, Snr. Padre.

SATYRO, *disfarçando*. — Ora... Ora !... Onde estava eu que nem reparei neste *ego* !... (Restitue o livro). Está bom; já vi: não me serve. Vamos a outra parte. Tem as ultimas poesias do Bocage ?... Mas olhe que quero em portuguez...

BRAULIO. — Não, senhor, não tenho.

SATYRO. — Tem o *Retrato de Venus* ?

BRAULIO. — Tambem não; mas tenho o livro de um celebre Cavaleiro...

SATYRO. — Que obra é esta ?

BRAULIO. — É uma obra muito orthodoxa e sentimental. V. Rv.^{ma} quer ?...

SATYRO. — Sendo assim, venha.

BRAULIO. — Aqui está (dá-lhe o livro).

SATYRO, *abrindo o livro*. — Tem estampas?

BRAULIO. — E muito finas.

SATYRO, *examinando*. — Aqui está uma...

BRAULIO. — E que tal?

SATYRO. — É interessante!... Este é que é o tal *Ferrabraz*?

BRAULIO. — Ha de ser.

SATYRO. — Tem assim uma cara de homem resoluto...

BRAULIO. — Dissoluto, não.

SATYRO. — Resoluto, disse eu.

BRAULIO. — Ah! isto sim.

SATYRO, *fechando o livro*. — Agora veja o meu assento.

BRAULIO. — Com muito prazer. (Abre um livro grande de escrituração).

PRAXEDES, *dobrando a gazeta*. — Sabes por quem é escripta esta gazeta?

GONZAGA. — Dizem que por um padre venal e corrompido, cujo nome traduz perfeitamente a pessoa.

PRAXEDES. — E como se chama?

GONZAGA. — O padre Satyro.

SATYRO, *á parte*. — Estes sujeitos falam de mim... (alto). Ande depressa Snr. Braulio!...

BRAULIO. — Paciencia, padre: estou vendo si descubro o seu assento.

PRAXEDES. — Pensando maduramente no caso, sou de parecer que não respondas nada. Estas gazetas, redigidas em estylo vasconço, sem nenhuma idéa generosa, sem nenhum

pensamento fecundo, acham a mais severa punição na sua propria inutilidade. Na grande arvore da imprensa, são fructos pêcos que caem no chão para serem levados á pontapés. Ha um conceito de um sabio que explica a sem vergonha desses gazeteiros. De todas as superioridades, não não ha nenhuma, que a inveja supporte tão difficilmente, como a superioridade moral.

SATYRO, *incommodado*.—Ande, Sr. Braulio...

PRAXEDES.—No nosso paiz não ha nada mais facil do que arvorar-se em jornalista um estupido João Fernandes, apto para qualquer especulação ou traficancia, menos para guiar a opinião publica. O resultado vantajoso dessas emprezas não é sinão uma prova da sua indole cambial. *Audaces fortuna iuvat.* Não ha ahi outro programma.

SATYRO, *ancioso*.—Ainda não achou, Sr. Braulio?...

PRAXEDES.—Acredita alguem que esses jornalistas são amigos ou inimigos de um partido, de um systema, de uma theoria? Engana-se. Elles são o que os outros querem que elles sejam. Todo o governo, em regra, é bom, logo que toma posse: as columnas do jornal enchem-se de saudações e de promessas lisongeiras ao recem-chegado; si, porém, esse governo, esse mesmo, vira as costas ao jornal, ou indefere lhe alguma exigencia, no outro dia vêm os elogios trocados em vituperios, lá em uma ou outra columna destinada ás publicações diversas. É a columna da imparcialidade, dizem os taes jornalistas: mas repare bem e verá que é a columna de Paschino, defronte da de Marforio, aonde a populaça de Roma ia nas trevas da noite pregar cartazes infames.

SATYRO.—Sr. Braulio, não posso mais esperar!...

PRAXEDES. — Qual é a reputação que tem escapado a esses botes covardes de jornalistas sem fé? Não foi debalde que os Orsini conservaram essas colunas em seus jardins: elas servem hoje à imprensa. A diferença é uma só: na antiguidade, a injuriá ficava lá num suburbio distante, que servia de regalo aos vadios e aos histriões; hoje o pasquim entra de madrugada pela porta do cidadão e põe-se na sala de espera para dar-lhe o *benedicite*. Foi o que lhe aconteceu hoje; não, doutor?

GONZAGA, levanta-se. — É verdade. Mas eu tenho recurso na lei: vou chamar esse padre à responsabilidade.

SATYRO, á parte. — Peior!... peior!...

PRAXEDES. — Vai chamá-lo a juizo! E apparece-lhe um *testa de ferro*... Lembra-se daquelle bom velho Severo? Eis aqui por que elle amaldiçoava esses miseraveis.

GONZAGA. — Pois bem. Si a lei não presta, eu farei justiça por minhas mãos.

SATYRO, á parte. — Querem ver que?...

GONZAGA. — Vou tratar de conhecer esse Satyro atrevido, e metto-lhe o chicote no meio da praça!...

SATYRO, á parte. — Aqui, nem um instante!... (Sai sorrateiramente).

PRAXEDES. — Assomado que é! venha cá, doutor.

BRAULIO. — Achei, achei!... Aqui está: (lendo) Padre Sátiro de Jesus Maria...

GONZAGA, atalhando. — Hein?... (a Braulio) O' menino, conhece?...

BRAULIO, levantando a cabeça. — Que é delle?

PRAXEDES. — Elle quem?

BRAULIO. — O padre que estava aqui?... Querem ver que mangou commigo? (Salta do balcão e vai até a porta da rua). Nada!... foi-se.

GONZAGA.—Pois aquelle empertigado era?...

BRAULIO.—O padre Satyro de Jesus Maria.

PRAXEDES.—Olha que tem realmente um nome repugnante!

BRAULIO.—Como a pessoa.

FRAZEDES.—Vê como elle ajuntou ao nome de Satyro o nome de Jesus e de Maria? Vê como elle collocou no mesmo plano a lascivia e a pureza, a impudencia e a santidade? É um órgão da opinião publica!... Que digo? É um ministro de Deus!... (mudando de tom) Mais um... como se chama?

GONZAGA, com expressão.—Miseravel!...

BRAULIO, fechando o livro.—Não me esqueço da peça! o patife do padre massar-me com o seu assento!... Está boim. Elle ha de vir cá.

GONZAGA.—E quando vier (tira da carteira um bilhete de visita) dê-lhe este bilhete, (dá o bilhete a Braulio) e diga-lhe que esta pessoa, na primeira vez que encontral-o, tencionava cuspir-lhe na cara.»

Manoel Antonio de Almeida (1830-1861).— É o auctor do famoso romance — *Memorias de um Sargento de Milicias*, um dos livros mais gabados das letras brasileiras.

Esses gabos não são infundados, posto que não seja mister exageral-os em demasia, como se faz geralmente.

Os principaes meritos do livro são: naturalidade na exposição, viveza do dialogo é das scenas descriptas, graça, espirito no dizer, o nacionalismo do assumpto e das côres do quadro.

O auctor tinha em alta dóse o talento de observar os costumes do povo e é por isso que seu livro lhe sobreviveu.

Existem, porém, diversas maneiras de ser nacional. Os *indigenas*, suas crenças e costumes, a *escravidão*, em suas variadas peripecias, as *populações do campo*, em seus variegados inatizes, têm sido os veios mais explorados. Manoel de Almeida não enveredou por esses caminhos, não saiu do Rio de Janeiro e limitou-se a descrever usos e costumes das suas classes plebeias dos começos do século XIX.

O fundo semi-historico do romance, sabe-se hoje, foi-lhe fornecido por um velho empregado do *Correio Mercantil*.

Sobre elle, ajudado por seu espirito de observação e seu espontaneo talento de escrever, teceu Almeida sua narrativa.

O livro appareceu, no Rio de Janeiro, em dois volumes, em 1854-55. Contém muitas scenas de costumes e encerra diversos typos bem apanhados.

Como exemplo da maneira do auctor aqui vae a scena da declaração amorosa feita pelo Leonardo, *futuro sargento de milicias*, a *Luizinha*:

“Em quanto a comadre dispunha seu plano de ataque contra José Manoel, Leonardo ardia em ciúmes, em raiva, e nada havia que o consolasse em seu desespero, nem mesmo as promessas de

bom resultado que lhe faziam o padrinho e a madrinha. O pobre rapaz via sempre diante de si a detestavel figura de seu rival a desconcertar-lhe todos os planos, a desvanecer-lhe todas as esperanças. Nas horas de socego entregava-se ás vezes á construcção imaginaria de magnificos castellos, castellos de nuvens, é verdade, porém que lhe pareciam por instantes os mais solidos do mundo ; de repente surdia-lhe de um canto o terrivel José Manoel com as bochechas inchadas e soprando sobre a construcção, a arrasava n'um volver d'olhos.

Entretanto o que havia de notavel é que Luizinha, causa de tantas tormentas, ignorava tudo, e a tudo continuava indiferente. Leonardo veio a entender, depois de muito meditar, que isto constituiua um dos principaes defeitos de sua posição ; se a comadre e o compadre conseguissem derrotar a José Manoel, e pôl-o em estado de não poder mais entrar em combate, quem poderia dizer que o triumpfo era completo ? Não havia ainda uma segunda campauha a dar contra a indifferença de Luizinha ? Daqui concluiu elle que era mister ir já rompendo fogo por esse lado ; e como lhe pareceu o da mais importancia, não quiz confiar a nenhum dos aliados o seu ataque e decidiu-se a dál-o em pessoa. Devia começar, como sabe de cór e salteado a maioria dos leitores, que é sem duvida nenhuma muito entendida na materia, por uma declaração em fórma.

Mas em amor, assim como em tudo, a primeira saída é o mais difficult. Todas as vezes que esta idéa vinha á cabeça do pobre rapaz, passava-lhe uma nuvem escura por diante dos olhos e banhava-se-lhe o corpo em suor. Muitas semanas levou a compôr, a estudar o que havia de dizer á Luizinha quando apparecesse o momento decisivo. Achava com facilidade milhares de idéas brilhantes; porém mal tinha assentado em que diria isto ou aquillo, e já isto e aquillo lhe não parecia bom. Por varias vezes tivera occasião favoravel para desempenhar a sua tarefa, pois estivera a sós com Luizinha; porém nessas occasiões nada havia que pudesse vencer um tremor de

pernas que se apoderava delle, e que não lhe permittia levantar-se do logar onde estava, e um engasgo que lhe sobrevinha e que o impedia de articular uma só palavra. Emfim, depois de muitas luctas consigo mesmo para vencer o acanhamento, tomou um dia a resolução de acabar com o medo, e dizer-lhe a primeira cousa que lhe viesse á boca.

Luizinha estava no vão de uma janella a espiar para a rua pela rotula. Leonardo approximou-se tremendo, pé ante pé, parou e ficou immóvel como uma estatua, atrás della, que, entretida para fóra, de nada tinha dado fé. Esteve assim por longo tempo calculando se devia falar em pé ou se devia ajoelhar-se. Depois fez um movimento como se quizesse tocar no hombro de Luizinha, mas retirou depressa a mão. Pareceu-lhe que por ali não ia bem; quiz antes puxar-lhe pelo vestido e ia já levantando a mão quando tambem se arrependeu. Durante todos estes movimentos o pobre rapaz suava a não poder mais. Emfim um incidente veio tiral-o da difficultade.

Ouvindo passos no corredor, entendeu que alguein se approximava, e tomado de terror por se ver apanhado naquelle posição, deu repentinamente doulos passos para trás, e soltou um — ah! — muito engasgado. Luizinha, voltando-se, deu com elle diante de si, e recuando espremeu-se de costas contra a rotula; veio-lhe tambem outro — ah! — porém não lhe passou da garganta, e conseguiu apenas fazer uma careta.

A bulha dos passos cessou sem que ninguem chegasse á sala; os doulos levaram algum tempo naquelle mesma posição, até que o Leonardo, por um supremo esforço, rompeu o silencio, e com voz tremula e em tom o mais sem graça que se possa imaginar perguntau desenxabidamente:

— A senhora... sabe... uma cousa?

E riu-se com uma risada forçada, pallida e tola.

Luizinha não respondeu. Elle repetiu no mesmo tom :

— Então... a senhora... sabe ou... não sabe?

E tornou a rir-se do mesmo modo. Luizinha conservou-se muda.

— A senhora bem sabe... é porque não quer dizer...

Nada de resposta.

— Se a senhora não ficasse zangada... eu dizia...

Silencio.

— Está bom... eu digo sempre... mas a senhora fica ou não fica zangada?

Luizinha fez um gesto de quem estava impacientadâ.

— Pois então eu digo... a senhora não sabe... eu... eu lhe quero... muito bem.

Luizinha fez-se côr de uma cereja; e fazendo meia volta á direita, foi dando as costas ao Leonardo e caminhando pelo corredor. Era tempo, pois alguem se approximava.

Leonardo viu-a ir-se, um pouco estupefacto pela resposta que ella lhe dera, porém não de todo descontente: seu olhar de amante percebera que o que se acabava de passar não tinha sido totalmente desagradavel a Luizinha.

Quando ella desappareceu, soltou o rapaz um suspiro de desabafo e assentou-se, pois se achava tão fatigado como se tivesse acabado de luctar braço a braço com um gigante.»

Manoel de Almeida nasceu no Rio de Janeiro a 17 de novembro de 1830; formou-se em medicina em 1855, em sua cidade natal; falleceu em naufragio em 1861, em Macahé.

Foi redactor do *Correio Mercantil* algum tempo.

Além das *Memorias de um Sargento de Milicias*, deixou traduções d'*O Rei dos Mendigos*, de P. Féval, de *Gondicar* de L. Friedel, e um drama lyrico denominado *Dous Amores*.

Francisco Pinheiro Guimarães (1832-1877). Jornalista, dramaturgo, romancista, medico clinico e professor de medicina, este distinto homem, morto ainda jovem, tem a aureolar-lhe o nome os grandes serviços que prestou á sua patria como combatente que foi na guerra do Paraguay. Entrou para as fileiras do exercito como voluntario e tomou parte em quasi todas as batalhas que alli se feriram, portando-se com brilho e denodo.

Nas letras tem direito a figurar na sua historia, por ter pertencido á pleiade de homens entusiastas, que, no decennio de 1855 a 65, tentaram regenerar o theatro brasileiro.

Foi então que Macedo, Alencar, Quintino Bocayuva, Achyles Varejão, Sizenando Nabuco, Agrario de Menezes, Castro Lopes, Clemente Falcão escreveram seus melhores dramas e comedias.

Pinheiro Guimarães contribuiu com os dramas — *Historia de uma moça rica* (1861), *Punição* (1864) e a comedia *Quem casa quer casa*.

Os dois dramas são bem movimentados, bem feitos e reproduzem scenas do meio brasileiro, sem deixar de conter alguma cousa das grandes paixões que são *humanas*, que não têm patria, porque são de todos os tempos e de todos os logares.

Na *Historia de uma moça rica* desenrola-se a narrativa do viver d'uma bella e joven pernambucana, herdeira de bôa fortuna, que é forçada pelo pae a casar contra a vontade com um sujeito rico, mas de caracter baixo.

Maltrata elle cruelmente a mulher, amasia-se com uma escrava, que procura por todos os meios comprometter a joven senhora.

Punição é mais intenso na acção e mais terrivel no desfecho.

Um commendador, fazendeiro rico, tem um filho que se apaixona pela filha de um aggregado de seu pae. Este corta violentamente as pretenções do moço, desterrando-o para o Rio de Janeiro e cobrindo de motejos a familia do pobre aggregado. Mas o ricaço já estava ou veio a ficar apaixonado pela namorada do filho. Nada conseguindo da parte da moça, raptou-a com o auxilio de capangas armados.

A joven tinha caído em deliquio e despertou deshonrada.

Seguem-se scenas pungentes de desdem da parte d'ella para com o commendador, com quem afinal se

casara, por desfazer a deshonra, mas de quem se couser-vava separada de todo, posto que habitassem ambos sob o mesmo tecto; são scenas de desdem da parte da moça e de humilhação do outro, até a catastrophe final.

Aqui vae uma d'essas scenas:

COMMENDADOR.—Desejo muito falar comtigo, Julia. Guilherme, vai dar nm passeio.

GUILHERME.—Pois não, meu tio. (Sae F.D.)

JULIA, senta-se á mesa.—O que tem a dizer-me, senhor?

COMMENDADOR.—Quero annunciar-te uma boa nova.

JULIA.—Com effeito, vejo que está alegre. Seu filho deu-lhe algum neto?

COMMENDADOR.—Não se trata de meu filho ; mas sim de Clara.

JULIA.—Ah !

COMMENDADOR.—Acabam de pedir-m'a em casamento.

JULIA.—De certo algum fazendeiro rico e afidalgado?

COMMENDADOR.—Não ; mas um moço muito digno de estima. É pessòa de teu conhecimento. Vê se atinas?

JULIA.—Não quero fadigar-me. Diga logo.

COMMENDADOR.—Pois bem, foi o Salvador.

JULIA.—Salvador de Almeida !

COMMENDADOR.—Sim.

JULIA.—O mestre de escola ?

COMMENDADOR.—O director de um collegio.

JULIA.—E o que respondeu o senhor ?

COMMENDADOR.—Que estimava muito.

JULIA.—Então zombou d'elle ?

COMMENDADOR.—Não ha tal ; disse-lhe o que sentia.

JULIA.—Pois o senhor concede sua filha, a filha do commendador Castro, proprietario da fazenda do Turvo, a um simples mestre de escola, sem eira nem beira, e que, segundo dizem, não sabc o nome de seu pae ?

COMMENDADOR.—É um moço honesto, intelligente, laborioso, e o que pôde tocar a Clara da legitima materna, junto com o que lhe darei, chega bem para os dous.

JULIA.—Não caio em mim ! Fale serio ; deu deveras o seu consentimento ?

COMMENDADOR.—Dei.

JULIA.—É de espantar ! Conheci outr'ora um commendador Castro, que tinha um filho. Esse filho namorou-se de uma menina honesta, intelligente e laboriosa...

COMMENDADOR.—Basta, Julia, porque voltar a esse homem que já não existe, que tão caro pagou a sua tresloucada vaidade ?

JULIA.—Ah ! espcre, espere. Esse commendador, que eu conheci, era rico, e hoje está arruinado. Isto explica bem certas mudanças.

COMMENDADOR.—Não ; não foi isto... Tenho aprendido muito, Julia, e sei que Deus castiga os paes que impedem a felicidade dos filhos. Quando eu apresentava a Salvador algumas objecções, Clara appareceu-me ; havia tanta dôr n'aquelle rosto candido que, lembrando-me do passado, consenti ne que ella me pedia com os olhos afogados em pranto. Am

bos prenderam-me em seus braços; encheram-me de carícias, e eu fui por um momento feliz... Ha cinco annos que tal não me acontece! Agora espero com anciedade que chegue o dia em que os verei unidos, abençoando a minha cabeça branca.

JULIA.—Scena patriarchal e commovente! Mas noto que perdido nesse enlevo se esqueceu de uma cousa.

COMMENDADOR.—De que?

JULIA.—É que devo ser ouvida e talvez não approve esse consorcio.

COMMENDADOR.—O motivo?

JULIA.—Essa menina é minha enteada, tenho obrigação de velar sobre ella, não é assim?

COMMENDADOR.—De certo.

JULIA.—Ora, penso hoje como o senhor pensava outr'ora. Salvador é pobre e de nascimento obscuro. (*Ironica*). Não quero que entre na familia a que tenho a honra de pertencer.

COMMENDADOR.—Julia!

JULIA, erguendo-se.—Não quero, ouviu?

COMMENDADOR.—Porque assim me privas da unica ventura que eu ainda poderia ter?

JULIA.—Não é da sua ventura que se trata, e sim da de Clara.

COMMENDADOR.—Porém ella ama-o.

JULIA.—Ha de esquecel-o. Entra em tudo isto mais a cabeça do que o coração. Escolheremos para ella um marido conveniente.

COMMENDADOR.—Mas pensa...

JULIA.—Quanto mais penso, me decidio a oppôr-me a esse tolo e romanesco casamento.

COMMENDADOR.—Que tyrannia!... Separar dous entes que se amam.

JULIA.— Nos seus labios, como essa phrase sentimental parece-me engraçada !

COMMENDADOR.— E esse pobre Salvador como não vai ficar ?

JULIA.— Oh ! esse pôde estourar. Que nos importa ? Tratemos de fazer felizes os nossos ; os outros que arrebentem.

COMMENDADOR.— A minha palavra está dada. Como retiral-a ?

JULIA.— Diga-lhes que fui eu quem se oppôz : tomo toda a responsabilidade.

COMMENDADOR.— Então nada te pôde vencer ?

JULIA.— Nada.

COMMENDADOR.— Isto é insoffrivel. (*Com resolução*). Desejo este casamento.

JULIA, *fita os olhos no Commendador, que abaixa os seus.*— E eu não o quero. Si não retirar a sua promessa, retirar-me-ei eu de sua casa.

COMMENDADOR, *subjugado*.— Bem, Julia, será feita a tua vontade. (Julia estende-lhe a mão que elle beija com transporte). Obrigado, obrigado ! Pensas sempre melhor do que eu. (Sae F. E.) »

Além das producções dramaticas, deixon Pinheiro Guimarães um romance — *O Commendador*, varios escriptos medicos e diversos artigos literarios e politicos.

Entre estes avulta o opusculo que em 1858 publicou sob o titulo — *A Revolução Oriental e a brochura do Sr. Heitor Varela*.

É uma contribuição historica de merito sobre o

movimento revolucionario que assolou aquella república n'essa época.

Existem no livro trechos por onde se vê algo do que são alli as intrigas dos partidos, as intrigas argentinas e as intrigas de jornalistas, dos quaes D. Juan Carlos Gomes foi um exemplar typico.

São scenas da *politica alimentaria* que os povos sul-americanos, communarios de indole, contam entre as suas fontes economicas.

João Franklin da Silveira Tavora (1842-1888).— Franklin
Tavora
Já uma vez dissemos que os tres maiores romancistas brasileiros são: José de Alencar, Machado de Assis, no periodo romantico, e Raul Pompéa, no periodo das escolas de reacção contra o romantismo; os tres que occupam a segunda fila são: Franklin Tavora, naquella primeira phase, Aluizio de Azevedo e Coelho Netto, na segunda.

D'ahi se conclue a alta importancia que toca a Franklin Tavora, pois que lhe cabe um posto notavel entre os seis mais distinctos romancistas do Brasil até aos dias de hoje.

Elle deve figurar como o chefe do *naturalismo tradicionalista e campesino* na novellistica brasileira; *naturalismo*, porque sens typos e scenas são estudados do natural, das observações directas do escriptor e não meros filhos da imaginativa; *tradicionalista*, porque o romancista deu quasi sempre preferencia aos assumptos

do passado, nomeadamente o seculo XVIII, que estudou com carinho; *campesino*, porque escolhia seus actores entre as gentes da *roga*, do *matto*, do *campo*.

Tavora cultivou o romance e o conto, o drama e a comedia, a critica politica e literaria e tambem a historia.

É esta a lista de suas obras pela ordem chronologica, a mais propria para lhe mostrar o natural desenvolvimento do espirito:

A Trindade Maldita, 1861; é uma serie de contos ultra-romanticos no estylo d'*A Noite na Taverna* de Alvares de Azevedo; são tentativas d'um rapaz de 18 annos.

Um Mysterio de Familia, 1861; é um drama bem movimentado, tendo algumas figuras bem construidas, entre outras a do protagonista *Antonio Ferreira* e a do fazendeiro *Jeronymo*; é notavel como ensaio, attenta a indicada idade então do auctor.

Os Indios do Jaguaribe, 1862; neste romance, onde a influencia de José de Alencar é manifesta, Tavora dramatiza a colonisaçao do Ceará; é uma obra dos vinte annos, é méra tentativa no genero.

A Casa de Palha, 1866; volta-se desde esse pequeno romance o auctor para os assumptos em que tinha de ser mestre: o estudo de nossas populações campestres.

Um Casamento no Arrabalde, 1869; a predileccão pelos indicados assumptos tem se accentuado; o estylo

tem tomado mais movimento e mais personalidade. Este romance foi pelo auctor incluido mais tarde na serie dos livros da *Literatura do Norte*, em seguimento a *Lourenço*, mas cumpre não esquecer-lhe a data muito anterior.

■ *Tres Lagrimas*, 1870; é drama de assumpto doméstico-social de valor; ha nelle estudo psychologico de merito.

Cartas de Sempronio a Cincinnato, 1870, 2^a edição em avulso, 1872; é uma serie de criticas, em fórmula de cartas, dirigidas por F. Tavora, sob o pseudonymo de *Sempronio*, a José Feliciano de Castilho, que, nas *Questões do Dia*, semanario de sua direcção, andava então, sob o nome de *Cincinnato*, a zurzir o genial auctor d'*O Guarany*.

Tavora tomou a si a apreciação d'*O Gaúcho*, publicado por aquelle tempo, e passou depois á *Iracema*.

■ As cartas de *Sempronio* (Tavora) têm valor literario; mas foi um erro da parte do romancista d'*O Matuto* o haver se juntado ao intrigante portuguez, que, no debate, era movido por empreitada politica dos desafectos de Alencar, de um lado, e de outro por patriotada lusa, desejosa de deprimir a primeira figura literaria brasileira do tempo; mas a boa fé de F. Tavora era completa. Elle residia então no Recife, d'onde enviava as suas cartas, e não estava bem ao par das tramoias de José Feliciano.

O Cabelleira, 1876; o auctor tem-se mudado para o Rio de Janeiro, onde veio exercer um logar na Secretaria

do Imperio; começa a tomar parte directa nas lides literarias do grande centro e annuncia uma serie de romances sob o titulo geral de *Literatura do Norte*. O citado *Cabelleira* foi o primeiro d'elles.

O estylo tem-se apurado e tornado mais firme, a figura do protagonista, o celebre *Cabelleira*, bandido, como muitos outros que têm infestado varias regiões centraes do Brasil, se destaca com nitidez.

As scênas de costumes, tomadas ao vivo, multiplicam-se.

É um bello livro.

O Matuto, 1878; é o segundo livro da *Literatura do Norte*. Os recursos de fórmula, de observação, de naturalidade, de vigor realistico em a narrativa têm-se apurado a ponto de fazer d'este livro um dos mais perfeitos da romantica brasileira.

Lourenço, 1881; é o desdobramento natural d'*O Matuto*; mas lhe é superior pelo apuro do estylo. É a obra prima do auctor.

Os typos de *Lourenço*, *Tunda-Cumbe*, *D. Damiana*, *Bernardina*, *Marcellina*, *Marianninha* são de mão de mestre; as scenas de trabalho rustico e as de festejos populares são das melhores que têm sido escriptas no Brasil. Entre *O Matuto* e *Lourenço*, Tavora publicou na *Illustração Brasileira*, de Max-Fleius,—*Lendas e Tradições Populares do Norte* (1878) e, na *Revista Brasileira*,

—*Sacrificio* (1879). Aquellas são uma interessante serie de contos, e este um bem tecido romance.

■ Estão ahí doze obras, sendo dois dramas, dois livros de contos, um livro de critica literaria e sete romances.

■ Cumpre accrescentar que Tavora escreveu a *Historia da Revolução de 1817* e a *Historia da Revolução de 1824*, livros que poz no fogo num momento de desespero, quando, pouco antes de sua morte, se sentiu pobre, desamparado, cheio de familia e vilmente esquecido por amigos politicos a quem tinha assás ajudado. Nesse lance vendeu tambem a maior parte de seus livros aos alfarrabistas.

Das citadas obras acerca das duas revoluções pernambucanas escaparam apenas fragmentos, que tinham sido publicados na *Revista Brasileira* e na *Revista do Instituto Historico*.

De Tavora restam-nos ainda muitos artigos de critica e politica em varios jornaes e a comedia — *Quem muito abarca pouco abraça*.

A rotura de um aneurisma libertou o malaventurado soffredor a 18 de agosto de 1888 ; tinha apenas quarenta e seis annos e mezes, pois que tinha nascido, no Ceará, a 13 de janeiro de 1842.

■ Cumpre destacar em synthese o valor d'este escriptor, sempre muito maltratado pelos criticos do Rio de Janeiro.

Os meritos de Franklin Tavora consistem na acertada intuição que teve de fazer das classes populares no passado e no presente, maximé no passado, a base de seus romances ; no peculiar carinho com que despertou a atenção para aquellas populações que melhor conhecia, as do Norte, que vieram a constituir o assumpto predilecto de seus trabalhos de escriptor ; no cunho naturalístico que infundiu nas scenas, typos e caracteres que descreveu ; na dramatização energica com que articulou suas narrativas.

D'est'arte se não tem tanta imaginação quanta Alencar, tem mais do que elle o faro psychologico e a firmeza das tintas ; se não possue o talento da analyse psychologica em dose igual á de Machado de Assis, sobreleva-o na vibração realistica das impressões e do estylo.

A Escragnolle Taunay, que também tinha o pendor naturalista, despertado pelas longas viagens do interior do Brasil, assás excedia F. Tavora pelo brilho da forma e vigor da idealização e execução.

Com tantos predicados de escriptor, realçados por um caracter de escol, admira o afastamento em que d'elle se collocou sempre o faccioso publico dos literatos de officio do Rio de Janeiro.

É que o escriptor nortista appareceu no meio d'elles sem lhes abaixar a cabeça e, ao demais, tendo o desaso de falar em *literatura do Norte...*

D'ahi a má vontade. Mas a historia lhe fará justiça.

Como exemplo da maneira do escriptor, aqui vae um trecho de *Lourenço*:

Tinham elles descido o declive da planicie, e estavam perto do rio Tracunhaem. No logar onde iam, o rio apenas se dava a perceber pelo medonho fragor das aguas. Se não fôra este, ainda que por alli se notavam pedras espalhadas, ninguem diria que o tinha a poucos passos de distancia mais embaixo. Ficava encoberto por uma orla de arvores espessas, de cujos galhos caíam largos pannos de sambambaias a que um poeta chamaria barbas ou guedelhas aquelles monges seculares. De um e de outro lado appareciam pés de manacá, de cujos ramos pareciam namorar a manhã as flôres ora rôxas, ora brancas, que lhes matisavam a copa.

O cavallo deu alguns passos, e atravessando, por uma lama-centa trilha, a rustica paragem, achou-se quasi de repente á beira do Tracunhaem. Do embastido passara ao descampado.

Descobriram então os dois fugitivos na vasta margem, em sua maior parte alagada, tres sujeitos armados. Haviam elles passado o rio pouco antes, e estavam apertando as cilhas das sellas e experimentando os lóros, como quem se apparelhava para apostar carreira. Do outro lado, seis *tangerinos* tocavam para dentro da agua uma boiada, passante talvez de cem cabeças.

— Meu Deus! disse baixinho Bernardina, tomada de sobressalto, e buscando o mais possivel esconder o rosto por traz do corpo de Lourenço. Que homens serão esses?

-- Se não me engano, Bernardina, vamos ter caldo derramado; quem alli está é Pedro de Lima, Manoel Hilario e Chico Andorinha. Mas você não esmoreça que é peior.

A rapariga quasi cæ do cavallo abaixo, tamanho foi o terror que estas palavras lhe causaram; mas Lourenço, depois de lhe dirigir outras palavras de animação, seguiu para diante na marcha em que ia.

— Lourenço, pelo amor de Deus, voltemos.

O rapaz já não tinha ouvidos para rogativas. Todos os seus espiritos estavam concentrados em um ponto — o grupo dos malfeiteiros.

Logo que Pedro de Lima reconheceu Lourenço, voltou-se para os companheiros, e disse-lhes :

— Chegou a occasião de tirar uma desforra deste pé rapado. Metto-lhe a peia, e tomo-lhe a camarada.

Assim falando, o cabra, que já sabia de quanto o alnocreve era capaz, em vez de pegar da peia a que se referira, segurou o bacamarte, e examinou com attenção se a escorva estava enxuta.

A esse tempo achavam-se os inimigos a dez passos de distancia.

— Tire já o chapéu, e apeie-se para passar por baixo da barriga do meu cavallo, pé-rapado de borra — gritou o bandido, pondo as pernas ao cavallo, e indo esbarrar com violencia e arrogancia em frente de Lourenço.

A resposta não se demorou :

— Tu não sabes com quem estás falando, cabra ruim. Era preciso que eu me chamasse Pedro de Lima, que já apanhou com uma bainha de parnahyba na cara, ou Manoel Gonçalves, que já levou *tunda* da mão de escravos no engenho *Cumbe*, para obrar esta acção de negro cambado.

Pedro de Lima não esperou por mais nada; levantou com a mão direita o bacamarte até á altura dos peitos de Lourenço, e

ameaçando-o com uma tabica que trazia na outra mão, replicou alvoroçado:

— Se queres morrer, patife, repete o que ahi disseste.

— Negro, eu te direi já com quem é que estás mettido.

Firmando-se nas cordas da cangalha em que se estribava, Lourenço deu um salto para agarrar Pedro de Lima, e com a mão procurou tomar-lhe o bacamarte. A esse tempo um tiro soou, e o cardão, em que se empregara toda a carga da arma do bandido, rolou por terra em sangue, estrebuxando.

Immediatamente Lourenço voltou-se, temendo que debaixo do cavállo agonisante ficasse Bernardina. Pôde então ver que um dos companheiros de Pedro de Lima tinha agarrado a rapariga pelos braços, e afastava-a do logar da lucta como quem queria pô-la a salvo de qualquer golpe perdido.

Quando encarou novamente Pedro de Lima, estava este desmontado, e tinha uma espada de ponta direita na mão. O bacamarte descarregado pendia-lhe a tiracollo, pela correia. A seu lado estava tambem armado com uma catana Manoel Hilario, mame-luco reforçado, cuja cara por si só era uma provocação de metter medo. Ambos os malfeiteiros caíram imediatamente sobre o rapaz decididos a fazel-o em postas.

Pedro de Lima não era fraco, Manoel Hilario era assassino de profissão, Lourenço era a coragem e a força no mais alto grau. À vista dos outros, poder-se-ia dizer delle que era uma creança. As suas feições correctas e finas, a côr branca, que parecia indicar mais sentimento de paz e indole branda, a juventude, phase da existencia em que se desconhecem ainda os recursos que a experiencia e o traquejo do mundo sugerem e aperfeiçõam, deviam tornal-o inferior na lucta de vida e morte com os dois malvados, mais velhos que elle, mais experimentados, e inteiramente familiarizados com o sangue humano pelo assassinato. Quem os visse

antes de travada a briga assombrosa, pouco daria pelo joven, tudo pelos maduros matadores; mas em pouco tempo de assistencia e observação, cousa diversa se lhe afiguraria; porque a intrepidez, a temeridade, a energia muscular, a agilidade mais flexivel postas em acção por Lourenço, lhe davam inquestionavel superioridade sobre os dois contendores, ainda que apostados a destruir-o e aniquilá-lo.

Como conhecessem, logo nos primeiros golpes com que Lourenço respondeu aos delles, a sua incomparavel habilidade no manejo da arma branca, trataram de mettel-o entre elles dois; Lourenço, porém, alcançando a estrategia, encostou-se ao tronco de uma ingazeira, conseguindo, por este meio, impedir que qualquer delles o pudesse atacar, pelas costas, fito principal de Pedro de Lima.

A lucta prolongar-se-ia por mais tempo, se Chico Andorinha não corresse a augmentar a aggressão, fazendo frente a Lourenço, enquanto os outros dois bandidos o tomavam pelos lados. Andorinha amarrara Bernardina pelas mãos com um cabresto a um tronco, para que não fugisse. Elle conhecia-a do rancho do Sipó; sabia que com ella estava amasiado o Tunda-Cumbe, e para prestar serviço a este, por baixa adulação, resolvera leval-a á casa.

Em vão Bernardina estorcia-se e forcejava para romper a sua cadeia; em vão carpia, arrastando-se pelo chão, a sua desgraça extrema; em vão pedia socorro, em altas vozes, rogando que não matassem Lourenço, e protestando a innocencia delle.

Desta tribulação veio arrancal-a um estrupido vasto, medoulo, após um tiro que resoara na immensa solidão. A larga margem do rio estremeceu, com uma onda sonora no interior: os terremotos devem produzir o som cavernoso que saíu naquelle instante do chão rudemente percutido. Quem não soubesse o que era, julgaria que um cataclysmo, revolvendo as entranhas da terra, ia abri-

covas profundas; guelas tenebrosas que imediatamente se iluminariam, deixando passar fogo e lavas abrazadoras. O tiro tinha sido dado por Andorinha contra Lourenço; o ruido subterrâneo não fôra produzido sinão pela corrida da boiada que arrancara da beira do rio, espantada pela detonação do tiro.

Foi então tudo confusão e borborinho. O facto de arrancar uma boiada é vulgar para os que conhecem a vida sertaneja; mas sempre infunde pavor, ainda nos que melhor sabem esta feição d'aquellea vida. Quando uma boiada arranca, uma boiada de duzentas a trezentas cabeças, pouco depois de ter deixado o pasto usual, isto é, quando está em quasi todo o vigor, e não tem ainda perdido, pelo cançaço, parte das forças ganhas na vida livre do sertão, não fica incolume e illeso o que encontra á sua frente. O chão arrasa-se, porque as moitas desapparecem, e os arbustos acamam-se torcides ou quebrados sob os seus pés. Os espinheiros ficam lisos. Onde não havia nem uma trilha, nem uma aberta, mostram-se depois entradas novas, que o homem aproveita algumas vezes. As longas cortinas de sipós pendentes das folhagens das grandes arvores, esfrangalhadas, despedaçadas, ou deslocam-se das alturas donde as suas flôres namoravam o sol e o azul ethereo, e vêm alcatifar confusas e revolvidas o chão, ou, partidas ao meio, oscillam dalli em retalhos que resistiram á invasão das centenas de cabeças bicornes que, atravez desses floridos cortinados com que a natureza decora os tectos e as abobadas dos sombrios paços da espessura, abriram improvisa passagem, no desespero do panico bruto. Tudo leva de rojo a mole ambulante, na disparada. A tempestade muitas vezes não produz tantos estragos, não muda tão promptamente os aspectos da solidão.

Bernardina cosera-se com o tronco da arvore, para não ficar debaixo dos pés dos bois. Quanto a Lourenço, os seus dias parecia estarem contados. O tiro cobardemente desfechado, ferira-o gra-

vemente em um dos hombros. O facão fugiu-lhe da mão, as pernas cambalearam, o sangue envolveu-lhe o corpo em rubra mortalha. Emfim, caíndo quasi sem sentidos, sómente elle dentre os luctadores, ficou exposto a acabar sob o peso da vaga bravia que assolava a paragem, porque os outros, não tendo podido montar os cavallos que correram espavoridos, se haviam suspendido a galhos superiores de arvores proximas, e dahi aguardaram que passasse o vertiginoso soão.

Por alguns momentos ouviu-se, agora perto, depois mais longe, o rude bater dos chifres das rezes, uns contra os outros, o som soturno que despedia de si o chão violentamente contundido pelas patas daquelles animaes unidos, conchegados, conforme sóem correr em semelhantes occasiões, o estalar dos ramos, o rechinhar das folhas, o espadanar das lamas por onde iam elles rompendo, sem empate nem medida, no varjado esplendido.

Restabelecido o silencio e a immobildade do ermo, os assassinos desceram das arvores, em busca do ferido. Cobardes, faltara-lhes coragem para fazerem frente aos animaes alvoroçados e infrenes; tiveram-n'a, porém, de sobejo, para correrem ao tronco de uma arbore que, com um galho baixo e curvo, sob o qual se mettera Lourenço e que os bois na corrida haviam saltado, o protegera e salvara.»

Paginas como estas são muito communs nos livros do grande romancista.

Alfredo de Escragnolle Taunay (1843-1899) foi um dos nossos autores que se exhibiram em generos mais variados: politica, critica literaria, romance, conto, drama, oratoria, narrativas de viagens, magisterio, musica, critica musical, historia, em tudo isto tocou mais ou menos intensamente.

A todas estas cousas, porém, sobrepuja o que fez no romance e em certa ordem de propaganda politica.

Taes as duas manifestações mais poderosas de sua individualidade.

* E quem as estuda mais de perto é para logo advertido por uma especie de contradicção, que parece intrinseca e fundamental, entre o romancista e o politico : aquelle um dos mais *brasileiristas havidos*; este um dos mais *estrangeiristas* apparecidos em plagas nacionaes.

Eram como duas tendencias diversas a solicitar o animo, o espirito d'esse homem em sentidos oppostos, em direcções divergentes.

Para as conciliar, se possivel fôr, mostrando que não são irreductiveis, será mister buscar-lhes os germens de origem e assistir á formação da alma que as asylou e nutriu com a sua seiva.

Alfredo d'Escragnolle Taunay, nascido no Rio de Janeiro em 1843, era filho de pae europeu, mas europeu artista, fanatico pela natureza brasileira, como habil pintor que foi.

Aos germens de brasileirismo paizagista, inoculados desde o berço e reforçados durante toda a infancia e adolescencia pelos espectaculos inolvidaveis dos multiplos panoramas do Rio de Janeiro, dados a saborear ao menino e ao joven sob a indicação do dedo de mestre do pae, veio juntar-se a acção poderosa de longas e custosissi-

simas viagens pelo grande oeste patrio, por S. Paulo, Minas, Goyaz e Matto Grosso, feitas pelo moço Taunay aos vinte e dous annos de sua idade, quando teve de acompanhar a expedição enviada do Rio a Cuyabá, nos principios da campanha do Paraguay.

Os azares da guerra deram-lhe repetidos ensejos de variar essas jornadas, cheias dos mais estranhos accidentes, e a tudo isso, que servia, por assim dizer, para exalçar a fantasia e fornecer as tintas dos quadros ao futuro escriptor, juntava-se o trabalho surdo, paciente, profundo do sentimento, cada vez mais acrysolado pelo labutar e soffrer ao lado de patricios e irmãos, pugnando com elles a mesma causa, a causa da patria.

Á visão, pois, ao conhecimento directo que teve Taunay da natureza brasileira e mais d'esse profundo sentimento de solidariedade nacional, engrandecido, depurado pelas dôres penadas em commun numa dura guerra, como foi a do Paragnay, deveu elle esse aferrado brasileirismo, que transluz através de toda a sua obra e faz d'este filho de francezes um dos nacionálistas mais extremados de nossa literatura.

Por isto é que no romancista é tão intensa essa nota.

Mas a educação, aprimorada á européa, que lhe foi fornecida desde a primeira infancia por sua familia de nobres, de gosto e de talento, e a que se juntou, mais tarde, extensa peregrinação estudiosa pelo Velho Mundo,

não deixou nunca se apagar nelle um certo que de estrangeiro no meio de seu mesmo brasileirismo, tendencia que foi achar pasto apropriado nas suas excursões pela politica. D'ahi, esse sonhar constante com a immigração, a colonisação, as grandes naturalisações, os casamentos civis e quejandos assumptos e problemas em que o brasileiro é representado como um ser doente ou desequilibrado que precisa de vaccina alienigena para viver e prosperar.

Deixando o politico de lado, por enquanto, aprecie-mos o romancista.

Uma observação curiosa, para quem considera a evolução do romance no Brasil, tomando-a em seu conjunto afim de lhe bem destacar os typos principaes, trabalho que só pôde ser feito pela critica de indole historica e sociologica, e jámais pela brincadeira que ahi anda com o doce appellido de critica psychologica, tendo de psychologia apenas a teimosa pretenção, uma observação curiosa, diziamos, é a de haver o romance, entre nós, seguido um andar parecido, sob mais de um aspecto, com o da poesia.

Assim como, só após bons quinze annos do *poetar* de Magalhães e Porto Alegre, em 1846 é que aparece, com seus *Primeiros Cantos*, Gonçalves Dias que os offusca quasi completamente, para mais tarde surgir a quadrupla radiação de Azevedo, Lessa, Bernardo Guimarães e Juuqueira Freire; assim também só, vol-

vidos bons quinze ou dezesseis annos do *romancear* de Teixeira e Souza e Manuel de Macedo, em 1856 é que se destaca, com o seu *Guarany*, José de Alencar que os escurece quasi de todo, para mais tarde, apparecer a quadrupla radiação de Machado de Assis, Escragnolle Taunay, Franklin Tavora e Bernardo Guimarães, exúl da poesia o ultimo.

Depois d'estes, como depois d'aquelles, é que se abriu o caminho para os romancistas e para os poetas modernos.

Escragnolle Taunay, pois, pertence ao grupo de romancistas que seguiram as pegadas do notável mestre do *Guarany*, de *Iracema* e das *Minas de Prata*.

A influencia de Macedo nelle e em seus companheiros e contemporaneos não deixou de existir, mas muito mais apagada do que a do grande cearense.

Do Macedo da *Moreninha* e do *Moço Loiro*, não será difícil encontrar algum reflexo no Machado de Assis d'*A Resurreição* e d'*A Mão e a Luva* e no Tannay d'*A Mocidade de Trajano* e de *Ouro sobre Azul*.

A influencia de Alencar é, porém, desde logo, mais accentuada. O mesmo em o Franklin Tavora d'*Os Índios do Jaguaribe*, d'*A Casa de Palha*, d'*O Casamento no Arrabalde*.

Identico o caso de Bernardo Guimarães, muito inferior, como romancista, aos tres que lhe servem de companheiros e emulos.

Foram as prolongadas viagens pelo interior do Brasil que despertaram em Taunay o talento e o gosto de escrever. Foi pela descrição d'ellas que começou; e seus melhores romances e contos tiveram sempre por centro logares e personagens das longinhas paragens por elle visitadas.

A lista, não pequena, de seus romances e novelletas divide-se d'est'arte em duas categorias perfeitamente distíntas: os da roça e do sertão e os das cidades e dos salões.

Os primeiros são preferiveis. E é cousa para notar como esse homem de salão, quasi palaciano, foi muito mais destro na pintura da natureza e dos typos populares do que na descrição dos costumes e das physionomias das gentes civilisadas e das personagens cultas.

É que as impressões, recebidas por elle nos cinco terríveis annos nos quaes como militar teve de tomar parte activa na expedição de Matto Grosso e na guerra do Paraguay, lhe abalaram por tal forma a alma e o organismo, que d'ellas lhe provieram o mal e o bem, queremos dizer, a molestia pertinaz, que o veio a matar, e as boas qualidades de espirito, que lhe vieram a crear um nome na literatura do paiz. E pôde-se afirmar sem erro que a evolução de seu talento se achou completa aos vinte e sete annos de idade, após os arduos trabalhos da campanha.

Os trinta annos ainda por elle posteriormente vividos pouco ou nada lhe juntaram de viva força espiritual; o escriptor não progrediu; suas melhores obras são as mais antigas, bastando lembrar entre elles *A Retirada da Laguna* e *Innocencia*.

Durante o primeiro decennio (1868-1878) de sua actividade literaria não fez mais do que aproveitar o material e as experiencias accumuladas no fecundante periodo anterior.

Os leitores verificarão por si. Em 1868 publicou *Scenas de Viagem*; em 1869, *Viagem de regresso de Matto Grosso á Corte*; em 1871, *A Retirada da Laguna* e *A Mocidade de Trajano*; em 1872, *Innocencia*; em 1873, o *Manuscripto de uma Mulher*; em 1874, *Ouro sobre Azul* e *Historias Brasileiras*; em 1878, *Narrativas Militares*. A esse aureo periodo de acção do moço auctor pertence tambem o bello livro de *Céos e Terras do Brasil*, apparecido em 1882, mas tirado das obras anteriores.

O decennio de 1879 a 1889 é tomado pela agitação politica em que se debateu Escragnolle Taunay, na ultima phase do imperio, tendo sido deputado, senador, presidente de provincia e agraciado com o titulo de visconde. D'esse periodo restam, como prova de seu esforço: *Questões Militares*, 1879; *Casamento Civil*, 1886; *A Nacionalisação*, 1886. No terreno da pura literatura existem d'esse tempo apenas *Estudos Críticos* (1881-1883) e *Amelia Smith*, drama publicado em 1887.

Abolida a monarchia, interrompida a carreira politica do illustre fluminense, pela honrosa coherencia que o afastou das novas instituições, voltou elle ás lides literarias e deu-nos — *O Ensilhamento* e *No Declinio*, romances, *Ao Entardecer*, contos, saídos recentemente em publicação postuma. Deixou memorias ineditas que deverão vir a lume em 1943, centenario do seu nascimento. Nellas deve ter julgado, a seu modo, os homens publicos, politicos e literatos, com quem conviveu e luctou.

Possuia o auctor de *Innocencia* em maior escala que Machado de Assis o sentimento da paizagem, mais do que Alencar o conhecimento directo da natureza brasileira e como F. Tavora, posto que em grão inferior, o tom realistico da reprodução dos costumes populares, da sociedade campestre. É o maior elogio que lhe pôde ser feito; porque em tudo mais não supporta o paralelo nomeadamente com aquelles dous grandes mestres do romance nacional. A sua obra, tomada em conjunto, como forma e como fundo, é consideravelmente inferior á do auctor de *Senhora* e á do escriptor de *Braz Cubas*. Revela um espirito muito mais limitado e menos possante. Faltam-lhe a imaginação, a poesia; a eloquencia, a graça que enchem as paginas de Alencar, a finura, a perspicacia, a elegancia e distincção no dizer, que avultam nas de Machado de Assis.

Os seus romances, contos e dramas, considerados do

ponto de vista dos typos que pretendeu crear ou do ponto de vista do enredo ou do estylo ou da linguagem, são de ordem secundaria. A inspiração do artista não transborda fogosa, ardente, irrefreavel; mostra-se, ao envez, acanhada, detida pelo mór embaraço de que soffria o escriptor: a falta de imaginação.

Tal o motivo pelo qual, mesmo nos melhores trechos de seus escriptos, as descripções de scenas da natureza brasileira, não se encontram amplos e fascinadores quadros, vivas e deslumbrantes télas, quaes se nos deparam nos grandes mestres da paizagem escripta.

É escolher a esmo qualquer das mais famosas d'entre as suas passagens descriptivas, por exemplo, a do sertão cortado pela estrada de Sant'Anna do Paranahyba a Camapoan e do incendio que ás vezes lavra naquelles campos resequidos, nas primeiras paginas de *Innocencia*; a da trovoada que assalta o estudante Trajano na viagem de S. Paulo para a Fazenda da Matta Grande, em *Mocidade de Trajano*; o caminho de Miranda ás terras altas de Itagati, em *Historias Brasileiras*, ou a do Rio Aquidaúna, em *Narrativas Militares*, ou qualquer outra; ficar-se-á sempre sabendo ser tudo aquillo exacto, tei sido tudo visto pelo escriptor e o haver impressionado profundamente. Mas ha pobreza de vocabulario, falta de imaginativa, ausencia de vigor, de colorido nas tintas mingua de poesia.

Eis um exemplo typico de sens processos ; vejam (

caracter realístico de suas notas, mal aproveitadas pela deficiencia de imaginação e a falta de viçosa caudal de poesia :

« Que bello é aquelle rio Aquidaúna !

Confluente volumoso do Miranda, rola aguas puríssimas entre margens alcantiladas e cobertas de vigorosa vegetação na qual avultam os elegantes taquarassús a formarem pittorescos massiços, donde se alteiam elevadas macambiras. As mais bellas paizagens mostram-se em seu percurso ; as mais animadas scenas formam-se em suas vizinhanças povoadas de toda a casta de animaes.

Ha perspectivas de uma novidade de aspecto encantadora.

Na porção ainda encachoeirada e acima do porto, onde os paraguayos tinham um posto de observação, porto denominado do Souza — que tal se chamava o dono da fazenda usurpada — o rio, descendo em rapida corredeira, morre de repente numa larga bacia, aberta com singular regularidade no concavo de barrancas cortadas a pique.

Alli dormem as aguas ; circulos ligeiros mal encrespam-a superficie — impulsos ultimos da correnteza — e em ondulações concentricas, cada vez mais apagadas, vão desapparecer de encontro á margem.

Ora a brisa geme na delicada folhagem dos taquarassús e brinca sobre as aguas ; ora é o vento que, vergando os flexiveis colmos, aviva aquella scena com harmonias mais grandiosas.

Quando, acompanhando o rio, nos dirigiamos para o porto do Souza, ora embarcados, ora pelas matas, mas sempre com a maior cautela para não acordarmos as suspeitas dos paraguayos, assim a vimos.

Então no alto da escarpada grota estremeciam as arvores aos

embates de forte sopro; as flexuosas cannas enroscavam-se umas nas outras, emmaranhavam-se, torciam-se frementes, levando ás vezes os topos ás copas das macaúbas, outras abatendo-os até o chão.

Perturbado em sua serenidade, de quando em quando reflectia o lago sombrio as nuvens que orlavam o azul celeste das abertas por onde o sol estirava raios destacados e de brilho offuscador.

Centenares de passaros esvoaçavam: uns tocados pelo vento com as azas meio encolhidas; outros cortando com vôo firme os revoltos ares. Brincavam muitas marrequinhas n'agua, sobre a qual veloces deslisavam-se brancas garças, ao passo que lontras faziam reluzir ao sol o lustroso pello, mergulhando de continuo e nadando com ligereza.

Tudo aquillo gritava, tudo aquillo piava, reunindo mil vozes diversas, produzindo mil sons diferentes, que combinados davam ao quadro a animação e vida só proprias dos painéis saídos das mãos do supremo artista.

Outra vez vimos essa bacia debaixo de novo aspecto.

Tudo era calma, tudo silencio; as aguas não se moviam; as arvores não se mexiam.

Luz deslumbrante penetrava tudo; calor abrazador abatia e enervava as forças.

Illuminada em seus mais sombrios recantos, não tinha a mataria mysterios; no lago as areias reluziam como que em immensa taça de esmeraldina lymphá, que cardumes de dourados peixes—symbolo do mutismo —cortavam d'um lado e d'e outro. »

Tal é o estylo do escriptor nos momentos mais felizes.

Pequenos quadros como este se nos deparam nas suas

bras e são o que ellas contêm de melhor, de mais sugestivo.

Do politico diremos apenas duas palavras.

Tendo sido o homem mais anti-germanista nas idéas, o mais francez possível nos gostos e doutrinas, tanto que tinha especial prazer em metter em seus romances sempre algum typo ridiculo de allemão, para o debicar, fez-se o principal propugnador do desastrado sistema de immigração e colonisação alleman no sul do Brasil.

Tobias Barreto, de quem era inimigo, pugnava pelo *allemanismo das idéas, da literatura e da philosophia*; nós pelo *allemanismo consistente no justo valor historico e social do elemento germanico em o mundo moderno*; Taunay pelo *allemanismo da colonisação*.

Para ajudar os seus planos, auxiliou a fundação no Rio de Janeiro da *Sociedade Central de Immigração*, que fomentava mais ou menos directamente a germanisação de nossas terras do Sul.

Para animar a propaganda, Taunay batia-se constantemente pela *grande naturalisação, o casamento civil e outras idéas do genero*.

Escusado é dizer que de todo erroneo é o systema seguido pela colonisação germanica de nossas zonas meridionaes e desastradas, neste ponto, as vistas do auctor de *Innocencia*.

Por estar ainda vivo Machado de Assis, deixamos de o contemplar entre os poetas neste manual. No romance sua ausencia é ainda mais sensivel.

Os estudiosos podem, porém, consultar sobre elle o livro especial que lhe consagramos e corre impresso.

De outros espiritos, como *Ernesto Ferreira França*, *L. A. Burgain*, *Candido José da Motta*, *Luiz Vicente de Simoni*, *A. de Castro Lopes*, que escreveram para o theatro, não se faz especial menção, porque foram auctores de ordem muito secundaria.

De *J. Norberto de Souza Silva*, como já advertimos, se fará referencia entre os historiadores e criticos.

SECULO XIX

(PHASE ROMANTICA)

1830-1880

III

Historiadores

No estudo dos prosadore, na phase romantica, não basta a attenção prestada aos principacs dramaturgos, comedigraphos e romancistas.

Mister é passar em revista os cultores d'outros generos pela tradição contemplados no conceito de literatura: historia, eloquencia, critica literaria e philosophia. A estes preciso é juntar certos escriptores, que, sem poder ser contados entre os adeptos d'aquelle genero, manejam a arte da palavra escripta com maestria na explanação de theses politicas, sociaes, religiosas, economicas e outras, ordinariamente na arena essencialmente moderna do jornalismo. Costume é dar-se-lhes o nome generico de publicistas.

É o meio existente para se não excluir, o que seria injusto, de nossa historia literaria — um *Salles Torres Homem*, um *Justiniano da Rocha*, um *Guedes Cabral*, um *Firmino Rodrigues Silva*, um *Quintino Bocayuva*, um *Ferreira de Araujo*, um *Carlos de Laet*, e até um *Octaviano Rosa*, um *Joaquim Nabuco*, um *Ruy Barbosa*, um *José do Patrocínio*, se estes quatro ultimos não tivessem outros titulos selectores, que lhes forçam a entrada nas chronicas literarias, a saber: o primeiro a poesia, o segundo e o terceiro a oratoria, o quarto a oratoria e o romance.

Entre os que cultivaram na phase romantica o genero—historia—no Brasil destacam-se os nomes de *Francisco Adolpho de Varnhagen*, *João Manoel Pereira da Silva*, *Alexandre José de Mello Moraes*, *Norberto de Souza Silva*, *João Francisco Lisboa*, *Joaquim Caetano da Silva*, *Cândido Mendes de Almeida* e *Joaquim Felício dos Santos*.

Seria possivel contemplar tambem os nomes de Monsenhor *Muniz Tavares*, auctor da *Historia da Revolução de Pernambuco de 1817*; de *Fernandes Gama*, auctor das *Memorias Historicas de Pernambuco*; de *João Mendes de Almeida*, *Domingos Codiceira*, *Cesar Marques*, *Santos Titara*, *Azevedo Marques*, *Moreira de Azevedo*, *Antonio Joaquim de Mello*, autores de varios estudos historicos, se não fossem elles de ordem secundaria diante de seus pares, e se este livro não aspirasse apenas a ser um reduzido manual.

Do general *José Ignacio de Abreu e Lima*, auctor do *Compendio de Historia do Brasil* e d'uma *Synopsis Chronologica* de nossa historia, preferivel é dizer ao tratar dos publicistas; do conego *Fernandes Pinheiro*, auctor de varios ensaios historicos, quando se falar dos criticos literarios. De *J. P. Xavier da Veiga* nada se diz, por pertencer ao grupo dos mais recentes historiadores, que ficam fóra de nosso calculo. De *Domingos Antônio Raiol* não se estuda a bella obra d'*Os Motins Políticos do Pará*, porque é auctor ainda vivo, fóra tambem de nosso plano.

É o caso dos cearenses *João Brígido* e *Tristão de Alencar Araripe*.

Varnhagen

Francisco Adolpho de Varnhagen (1816-1878) — é até ao presente o segundo em merito de nossos historiadores. E esse merecimento lhe vem da erudição escrupulosa, do estudo directo dos documentos nos archivos, nas bibliothecas, nos cartorios; e mais de não se ter elle

limitado a fazer pequenas monographias e sim tambem em ter levado hombros a emprezas mais arduas, á historia geral do paiz, e á historia de duas phases memoraveis de sua vida, a das luctas com os hollandezes e a da independencia nacional.

A actividade do escriptor em Varnhagen foi verdadeiramente notavel; fez elle mais de cem publicações entre livros, folhetos, opusculos e folhas avulsas nas differentes cidades onde habitou, ou se demorou algum tempo, Rio de Janeiro, Lisboa, Madrid, Caracas, Lima, Santiago do Chile, Havana, Vienna, Stockolmo, Paris... .

Pela multiplicidade dos assumptos, numero dos escriptos e variedade dos sitios em que os deu á estampa, anda sua obra demasiado tresmalhada e não tem sido convenientemente estudada. Mister é considerar-lhe as principaes producções, systematisando-as pelas cinco categorias seguintes, que, nos parece, abrangem as melhores manifestações de seus esforços e de seus serviços :

1.^a *Historia do Brasil*, representada principalmente pela *Historia Geral do Brasil* e a *Historia das Luctas com os Hollandezes*.

Á esta categoria pertence a sua *Historia da Independencia*, criminosamente conservada inedita, sem que o governo Federal ou o *Instituto Historico* ou a *Bibliotheca*

O ensaio é o que anda na *Revista do Instituto Historico*, tomo 12, anno de 1851, pag. 366 a 376; o livro é o de titulo — *L'Origine Touranienne des Américains-Tupis-caribes et des anciens Égyptiens — indiquée principalement par la philologie comparée.*

5^a. *História da literatura brasileira.* São documentos nesta parte — o *Florilegio da Poesia Brasileira ou coleção das mais notaveis composições dos poetas brasileiros falecidos*, contendo as biographias de muitos d'elles, tudo precedido d'um ensaio sobre as letras no Brasil; e mais os *Epicos Brasileiros* (edição do Caramurú, de Durão — e do Uruguay, de Basilio), acompanhados de notícias biographicas dos auctores e de notas instructivas; e mais — *Os Dous Velloso* (opusculo em que distingue Velloso de Miranda de Conceição Velloso); e, finalmente, além das biographias que ocorrem no *Florilegio*, as que deixou, na *Revista do Instituto*, de Vicente Coelho de Seabra e Antonio de Moraes Silva.

A essas reedições e biographias cumpre juntar algumas indicações, em épocas diversas, sobre *Bento Teixeira Pinto (Reflexões Críticas a Gabriel Soares, 1839; Revista do Instituto Historico, vol. de 1850, pag. 403; 2º vol. da 1^a edição da História Geral do Brasil, 1857; Diário Official — de 6 de novembro de 1872; 2^a edição da História Geral, pag. 686 — em 1873).*

As obras das tres primeiras categorias são as de maior merecimento. Nellas o auctor, que era acima de

Publia tenham até agora mostrado o mais leve interesse para a dar a lume.

2^a. *Historia Geographica da America*, representada principalmente em — *Examen de quelques points de l'histoire géographique du Brésil, comprènant des éclaircissements nouveaux sur le second voyage de Vespucci*; e mais — *Amerigo Vespucci, son caractère, ses écrits (même les moins authentiques), sa vie et ses navigations*; e mais — *Vespucci et son prémier voyage ou notice d'une découverte et exploration primitive du golphe du Mexique et des côtes des États-Unis*; e mais — *Le prémier voyage d'Amerigo Vespucci définitivement expliqué dans ses détails*; e mais — *Nouvelles recherches sur les derniers voyages du navigateur florentin A. Vespucci*; e mais — *Nouvelles recherches sur les derniers voyages du navigateur florentin A. Vespucci et le reste des documents et éclaircissements sur lui*; e mais — *Ainda Amérigo Vespucci — Novos estudos e achegos, especialmente da interpretação dada à sua primeira viagem de 1497 e 1498 ás costas do Yucatan e golpho Mexicano*; e mais — *La verdadéra Guanahani de Colon*: e, finalmente, *Io Schöner e P. Apianus — Influencia de um e de outro e de varios de seus companheiros na adopção do nome America e primeiros globos e mappas-mundi com este nome*.

3^a. *Literatura e cancioneiros portuguezes da idade média*, categoria esta representada numa interessante série de escriptos que têm sido muito aproveitados quasi

sempre sem a precisa menção, pelos modernos historiadores da literatura peninsular : *Trovas e Cantares de um codice do XIV seculo : ou antes, mui proravelmente, o — Livro das Cantigas — do Conde de Barcellos* (1849); e mais — *Novas Paginas de Notas ás Trovas e Cantares* (1868); e mais — *Cancioneirinho de trovas antigas, coltigidas de um grande cancioneiro da Bibliotheca do Vaticano, procedido de uma noticia critica do mesmo grande cancioneiro com a lista de todos os trovadores que comprehende, pela maior parte, portuguezes e gallegos* (1872); e mais — *Da Literatura dos Livros de Cavallarias — Estudo breve e consciencioso: com algumas novidades acerca dos originaes portuguezes e de varias questões co-relativas, etc.* (1872); e mais — *O Memorial das Proezas da Segunda Tavola Redonda e a edição Triumphos de Sagramor* (1872); e, finalmente, *Theophilo Braga e os antigos Romanceiros de Trovadores : provarás para se juntarem ao processo* (1872).

4^a. *Ethnographia e linguistica amerieana*, manifestada esta face de actividade de Varnhagen em algumas edições criticas e num livro e um ensaio de doutrina e theoria.

As edições são: da *Historia da paixão de Christo e taboas dos parentescos* — de Nicolás Japuguay; da *Arte de la lengua guarani*, de A. Ruiz de Montoya ; do *Vocabulario y Tesoro de la lengua guarani*, do mesmo A. R. de Montoya.

tudo um pesquisador de livros e documentos antigos, no afan de esclarecer pequenos factos e rectificar noticias e datas, se sentia bem a gosto e fazia verdadeiras proezas. Na anthropologia americana e na historia literaria, porém, nas quaes não se podem dispensar especiaes conhecimentos ethnologicos e linguisticos á moderna, na primeira; e capacidade philosophica, intuição critica, faculdades estheticas de concepção e de forma, na segunda, o papel de Varnhagen é demasiadamente secundario e apagado.

E por lhe faltarem estas qualidades, e lhe mingoar o talento de narrar os acontecimentos, pintar os caracteres, dramatizar as grandes paixões e os altos feitos; e lhe escacearem ainda as fortes faculdades synthetizadoras dos verdadeiros mestres em história, as suas proprias obras do genero não podem emparelhar com as d'aquelles, a despeito dos meritos que as exornam.

Estes meritos, cumpre ter bem em vista em honra do illustre historiador, são: a erudição de primeira mão, o acurado exame dos documentos e dos textos, o cuidado de tudo examinar por si, afastando as opiniões feitas muitas vezes sem base.

E são tambem um certo numero de idéas, de ordem secundaria é certo, mas ainda assim dignas de ser notadas.

Entre ellas convém destacar, na primeira categoria em que lhe enumeramos os escriptos: o pouco e pôde-se

dizer o quasi nenhum valor que attribuia á influencia dos indios na actual civilisação brasileira, idéa, por certo, errada no exagero que lhe dava o historiador; as duvidas que levantou sobre as lendas de *Caramurú* e de *Amador Bueno*; o cuidado com que não se esquece em todo o correr da historia de notar o estado das letras, da legislacão e da situacão economica do paiz.

Eram cousas estas desprezadas por seus antecessores.

Na segunda categoria de seus livros, cumpre destacar: varias contribuições para o *esclarecimento da cartographia do seculo XVI na Ameriea*; o que fez sobre *Guanahani* e *Porto-Seguro*, nestes dous pontos com reduzida vantagem; com melhor exito o que fez na questão de Vespucci, na qual a victoria ficou de seu lado, no sentir dos mais competentes.

O nosso historiador sustenta, contra varios escriptores, a authenticidade de uma primeira viagem do *Florentino* em 1497, na qual abordou á terra firme, quatorze mezes antes que Colombo a ella tivesse tambem aportado; sustenta mais, contra a crença geral, ter sido o ponto a que chegara Vespucci o cabo *Gracias a Dios* em Honduras.

Elucida as questões relativas ás outras tres viagens (1499, 1501, 1503) melhor do que todos os que se têm ocupado do assumpto, e alvitra a existencia de mais duas vindas ás costas septentrionaes da America do Sul.

Na terceira categoria de escriptos, os titulos principaes são a restituição dos textos das *Trovas e Cantares*; a ordem que poe ás canções, que andavam mescladas sem o menor criterio; as excellentes observações que faz sobre a linguagem dos seculos XIII e XIV; os esclarecimentos que deu sobre o *Cancioneiro da Vaticana*, cujas peças principaes apurara no *Cancioneirinho*, bem antes de Monaci e Th. Braga.

De toda a obra de Varnhagen é esta parte relativa á velha poesia trovadoresca portugueza que tem sido mais levianamente maltratada da parte da critica portugueza; mas sem a menor sombra de razão.

Assim, dizem que o editor brasileiro baralhou as canções.

Ora, é sabido que as *Trovas e Cantares* são reprodução do famoso *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, chamado tambem da *Ajuda*, que não guarda a minima ordem. Nem Lord Stuart conseguiu dar-lhe alguma na má edição que fez em 1823 em Paris.

► Varnhagen foi quem logrou dar systema áquelle cahos e foi quem mais intelligentemente interpretou a letra e a linguagem do texto.

Um simples confronto entre o original do codice, a edição de Stuart e as *Trovas e Cantares* o prova de sobejamente.

É accusado mais o nosso grande erudito de haver

attribuido as canções todas do codice da *Ajuda* a um só auctor.

Mas não se adverte que esse era o modo de pensar de João Pedro Ribeiro, Bellermann e Diez, compartido por Varnhagen, e que foi exactamente este ultimo nas *Novas Paginas de Notas* (1868) ao sen velho livro (1849) das *Trovas e Cantares*, quem primeiro desfez essa illusão, provando a existencia de varios autores para as trovas do codice de Lisboa, resultados a que chegara pela acurada comparação que fez d'elle com o *Cancioneiro da Vaticana*, já directamente em Roma, já por uma cópia existente em Madrid em mão de um nobre de Hespanha.

Affirmam, por fim, os criticos qne em 1872 Varnhagen deu á estampa em Vienna o *Cancioneirinho de trovas antigas* por um codice qne vira em Madrid, *continuando a attribuir essas trovas*, dizem os criticos, *a um só auctor*; que os fragmentos do *Cancioneirinho* e os das *Trovas e Cantares* e os da edição de Stuart representam *a parte que hoje se conhece do Cancionero da Ajuda*.

A primeira affirmativa contém um grave erro; não é verdade que no *Cancioneirinho* o editor attribnisce as canções a um só autor, pois qne desde 1868 tinha abandonado esta hypothese para ambos os cancioneiros, tanto o da *Ajuda* como o da *Vaticana*.

Para afirmar essa heresia, é mister não ter posto os olhos em cima de um exemplar do *Cancioneirinho*, qne

traz a lista de todos os trovadores do *Cancioneiro da Vaticana*, d'onde foi extrahido o dito *Cancioneirinho* e não só da cópia de Madrid, aliás tambem estudada por Varnhagen.

Rue por terra, d'est'arte, a ultima asserção da critica quando ousou affirmar ser esse excellente *Cancioneirinho* parte do *Cancioneiro da Ajuda*.

De muitas outras aleivosias foi, neste assumpto, alvo o nosso historiador, aleivosias que não refutamos por brevidade.

Seu logar entre os cultores dos estudos da literatura medievica é mantido insigne pela historia: foi o segundo editor do *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, fazendo obra enormemente avantajada á do primeiro, Lord Stuart; foi o editor de boa porção do *Cancioneiro da Vaticana*, sendo o primeiro que traçou a lista certa dos trovadores do codice; corrigiu muitos enganos do nosso Caetano Lopes de Moura, que o havia antecedido nessa faina, publicando (1847) uma parte do alludido monumento sob o titulo de *Cancioneiro de El-Rei D. Diniz*; foi quem melhor estudou em nossa lingua a literatura dos livros de cavallaria e da Tavola redonda.

Pelo que se refere á ethnographia e linguistica americanas, o merito principal do sabio brasileiro está nas edições criticas das obras de Montoya. A doutrina da origem dos *Tupis* e *Carahibas*, que o historiador faz provirem dos *Carios* da Asia-Menor, a despeito da erudição

que revela, não nos parece absolutamente provada. É livro no gosto de *Les Races Aryennes du Pérou*, de Fidel Lopes.

Finalmente, na esphera da historia literaria do Brasil, os meritos do auctor reduzem-se á reedição de composições de poetas nossos, tiradas de parnasos, anthologias e selectas anteriores e ás biographias d'esses poetas.

O valor do famoso *Ensaio sobre as letras no Brasil*, que antecede o *Florilegio*, tem sido em demasia exagerado, com o fim especial de ferir a determinado historiador da patria literatura.

O primeiro que aventou manhosamente a existencia alli das principaes doutrinas que têm sido nos ultimos trinta annos sustentadas pela Escola do Recife, foi o Sr. Araripe Junior.

Achou immediatamente o Sr. José Verissimo para o repetir. Aquelle, no estudo consagrado a Gregorio de Matos; o outro, em artigo sobre Bento Teixeira.

É uma pequena campanha de despeito, do genero da do Sr. Graça Aranha, atribuindo irracionalmente a Martius a doutrina da influencia do mestiçamento das gentes brasileiras em nossa historia e vida social, que tambem achou immediatamente o Sr. José Verissimo para o repetir; ou a de Th. Braga que a deu graciosamente de presente a Fernando Wolf, o que já tem sido repetido pelo mesmo Sr. José Verissimo...

Lido e relido e tornado a lêr, o bemaventurado *Ensaio de Varnhagen* não contém uma só idéa theorica, e não adianta quasi nada ao que já se sabia depois dos trabalhos de Bouterweck, Sismondi, Ferdinand Dénis, Barbosa Machado, Januario da Cunha Barbosa, Almeida Garrett, J. M. da Costa e Silva, Joaquim Norberto, Santiago Nunes Ribeiro, Abreu e Lima, Pereira da Silva e outros.

A biographia de Varnhagen, não grado ter sido elle um homem de hontem e que viveu em plena luz, já começa, por desuso dos biographos, a ser obscurecida em varios pontos. É assim que Sacramento Blaekel diz que «estudava elle o curso de mathematicas no collegio militar e foi obrigado a interromper esse curso para vir conciil-o no Brasil, porque alistou-se voluntariamente pela causa do imperador D. Pedro I quando esse principe quiz firmar no reino a restauração constitucional; depois de 1840, anno em que concluiu esses estudos, tornou a Portugal, por achar-se seu pae gravemente doente.» Essa vinda de Varnhagen ao Brasil a concluir estudos, é inexacta.

A verdade é que o futuro visconde de Porto-Seguro nasceu em São João de Ipanema aos 17 de fevereiro de 1816.

Era seu pae o tenente-coronel Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, official alemão, que tinha sido contractado para dirigir a fabrica de ferro de Ipanema.

A familia Varnhagen em 1823 retirou-se toda para Portugal.

Alli viveu o nosso historiador desde então até fins de 1840.

Abraçou, sendo ainda estudante do collegio militar, a causa de Pedro I, alistando-se no exercito libertador. Acabada a lucta em 1834, era elle 2º tenente de artilharia, posto que deuva a D. Pedro em galardão de seus serviços. Voltou aos estudos, concluindo-os na Real Academia de Fortificação em 1839.

Em Lisboa nesse anno publicou seus dois primeiros trabalhos — *Reflexões Críticas* ao roteiro de Gabriel Soares e *Diário da Navegação* da armada de Martim Affonso de Sousa escripto por seu irmão Pero Lopes.

Em 1840, no *Panorama*, publicou a *Chronica do Descobrimento do Brasil*.

Em fins d'aquelle anno retirou-se para o Brasil, onde o seu primeiro cuidado foi fazer-se reconhecer cidadão brasileiro, pois que tinha nascido no Brasil de official ao serviço do paiz, patria que acima de tudo estremecia. Foi como tal reconhecido por decreto de 24 de julho de 1841.

Em 1842 abraçou a carreira diplomatica, sendo despatchado para Lisboa como addido da legação. Em 1844 foi, no mesmo posto, removido para Madrid.

No mesmo anno foi alli promovido a secretario, e em 1851 a encarregado de negocios.

Deixou Madrid em 1858, tendo alli publicado varias obras, entre as quaes convém lembrar as *Trovas e Cantares*, em 1849; o 3º vol. do *Florilegio da poesia brasileira*, em 1853 (os dois primeiros mandara-os imprimir a Lisboa — 1850); a *Replica apologetica*, em 1846; a *Historia Geral do Brasil*, em 1854, — o 1º vol., e em 1857, o 2º.

Em 1859 foi mandado como ministro residente para o Paraguay, onde pouco se demorou, abandonando o posto sem licença do governo em 1860, por ser de todo antipathico ao ferrenho despotismo do primeiro Lopes.

Foi despachado em 1861 para Venezuela, Nova-Granada e Equador.

Passou a servir no Equador, Perú e Chile em 1864. Foi, finalmente, em 1868, enviado para Vienna d'Austria, onde falleceu, dez annos mais tarde, aos 29 de junho de 1878.

Cumpre accrescentar que o activissimo brasileiro aproveitou sempre essas remoções e estadas nesses varios paizes para emprehender viagens a certas e determinadas localidades, sempre com vista aos seus estudos historicos. O mesmo fez nas diversas estadas em que aportou ao Brasil.

Teve ensejos de visitar o interior do paiz em São Paulo, Minas, Goyaz, Matto Grosso e Pernambuco, não falando nas cidades maritimas principaes.

Varnhagen é, com o velho José Bonifacio, este por seus trabalhos mineralogicos, e um pouco por sua acção politica na Independencia, e com os modernos Carlos Gomes, Rio Branco, Joaquim Nabuco, o primeiro por suas composições musicaes, os outros dois por seus consideraveis escriptos em nossas questões

de limites, um dos cinco brasileiros mais conhecidos nas rodas intellectuaes do mundo.

D'Avezac, Diez, Ferdinand Denis, Justin Winsor, John Fiske, Gaffarel, Richard Burton o tinham em alto apreço.

Pena é que a *Bibliotheca Nacional*, *Instituto Histórico*, ou qualquer editor intelligente não dote as nossas letras com uma edição systematica de suas obras, hoje de difficult accesso, com excepção da *Historia Geral*, de que existem duas edições, estando em via de publicação uma terceira.

Como amostra do estylo do illustre sabio, damos aqui a sua descripção do Brasil:

«Occupa o Brasil actualmente em extensão quasi metade do importante continente peninsular da America Meridional; e até certo ponto se assemelha a este ultimo todo e se acha como elle identicamente collocado. Estende-se desde o Atlantico até junto aos pés dos Andes, e quasi desde as aguas do Prata ás cabeceiras das vertentes mais septentrionaes do Amazonas; por tal fórmā que á medida que se afasta do polo vizinho para o norte se vae alargando, cada vez mais para um e outro lado, notoriamente para o occidente.

Por toda a extensão que abraçam esses dois primeiros rios da terra se erguem serranias que produzem variegados valles, por cujos leitos correm outros tantos rios caudaes. Metade proximamente do territorio mais a noroeste é retalhado em todos sentidos pelas aguas do mencionado Amazonas e de seus possantes braços. Essas aguas vão com tanta furia arrojar-se ao mar quasi debaixo

da equinocial que durante certa distancia da costa deixam as ondas d'elle de ser salgadas.

Á superficie d'esse rei dos rios fluctuam immensas ilhas cobertas de arvoredo, que fazem recordar fabulosas Cyclades. A estas roubam ás vezes as correntes a terra e as arvores, para engrandecerem outras ilhas, ou para mais abaixo as restituirem á mesma terra firme d'onde as haviam desprendido.

Os grandes tributarios da margem direita do Amazonas procedem de serras ou ehadas que se elevam proximamente numa paragem central de todo o territorio, da qual vão ao mar pelo Rio da Prata outras vertentes, depois de contornarem e lindarem em parte o paiz com suas aguas. D'essas serras tambem, ou de suas ramificações, baixam directamente sobre a costa oriental rios mais ou menos consideraveis, que em virtude da pouca distancia que percorrem manando de tão alto, vão eaindo de andar em andar e de taboleiro em tabolero, galgando obstaculos, em que se formam ora saltos e cachoeiras, ora simples itaipavas ou rebentações, com grande detimento da navegação fluvial, que não poude a principio ser aproveitada além de certos limites em ajuda da civilisação. Aquella paragem central de clima ameno em todos os mezes do anno, e de facil communicação nos differentes sentidos, apenas se removam alguns obstaculos naturaes, — tão enormes para as forças do homem primitivo, como insignificantissimos para as da mechanica em nossos dias, — parece como indicada pela natureza para vir a ser o ponto mais importante no amago do serlão d'este continente, — um emporio do nosso eommercio interior em seculos futuros, pelo menos.

Geognosticamente consta a parte oriental d'este territorio de altas serras, em geral de formações primitivas, onde predomina o granito e mais rochas congeneres. A ellas se arrimam pelo dorso occidental os sandsteins e itacolumites. Na parte central, sobre as aguas do S. Francisco e do Tocantins, abundam as rochas cal-

careas, que fornecerão algum dia á industria humana marmores de varias côres. Para as bandas do norte, nos extensos páramos retalhados pelas aguas que vão ao Maranhão e a varios dos afluentes do Amazonas, quasi tudo são formações *cretosas* e terrenos de alluvião. D'onde procede o terem por ahí os rios menos cachoeiras e o serem as montanhas mais praticaveis; havendo podido ser sobre elles e os leitos dos rios mais efficaz e desgastadora a acção das aguas; o que acaso contribuirá a que para esse lado, e não para o oriental, se encontre a mais natural communicação dos sertões com o mar, sobretudo por meio dos ferreos cariz e da navegação fluvial.

Não ha em toda essa extensão, desde a serra do mar até os Andes, depositos secundarios; d'onde conclue a geologia que essa **chapada** favorecida dominava já as aguas, quando outros muitos paizes de continentes hoje mais civilisados começavam a deixar de ser ilhas.

Quanto á terra de cultura, predominava nella por quasi toda a extensão do Brasil a cõr mais ou menos avermelhada, em virtude dos oxidos de ferro que em sua composição abundam, como abundam por todo o nosso territorio as minas deste metal, que geralmente na rocha madre se apresenta, como na Califoria e na Australia, abraçado com o ouro.

N'uma extensão tão vasta e com tão diferentes elevações sobre o mar como tem o Brasil, claro está que varios devem ser os climas e varia a ordem das estações, se estas com seus nomes inventados para as zonas temperadas os podem ter correspondentes na zona torrida; embora haja aqui, não só climas temperados, como até frigidissimos e de neves perpetuas.

Póde em geral dizer-se que desde as beiras do Amazonas seguindo pela costa até ao sul, nas margens dos rios de todo o littoral, o clima é quente e humido, e apropriado ás plan-

tas que demandam maior grão de calor com humidade. Matos especíssimos, nos logares onde ainda não entrou o machado industrioso, sombreiam essa extensão, refrescada periodicamente pela viração mareira das manhãs, ou pelo terral que sopra todos os dias depois de anoitecer, pelas chuvas amiudadas, promovidas pelos vapores distillados das mesmas arvores, ou pelas nevoas e nuvens levantadas das aguas pelos raios do sol. Experiencias feitas por muitos annos, em mais de um ponto da nossa costa, dão em resultado que dos dias do anno são serenos proximamente uma terça parte, a outra nublados, e a terceira chuvosos; sendo destes (que ocorrem no tempo de maior calor) mais de metade acompanhados de raios. A temperatura média, mui analoga por quasi toda a costa, regula para as bandas do Rio de Janeiro por dezesete grãos e meio do thermometro de Réaumur, o que corresponde proximamente a setenta e dois do de Fahrenheit. A maior humidade do verão faz que a ardencia do sol nunca se chegue tanto a sentir. Parece providencial nesta terra que os dias mais calorosos sejam justamente os de maior humidade.

Como paiz do hemisphero austral, as quadras do anno andam desencontradas com as da Europa. Os meses mais quentes são os de Dezembro, Janeiro e Fevereiro, os mais frescos os de Junho, Julho e Agosto; isto com leves exceções, subentendidas quando se trata de uma extensão tão grande. Para o norte o inverno começa e termina mais cedo; e de Abril até Julho chove muito; com a excepção do veranico de Maio. No principio do verão vêm leves *pirajás* ou aguaeriros, chamados em algumas partes *chuvas de cajú*; por isso que a melhoria deste fructo dellas depende.

Nos páramos dos sertões e nas campinas do sul é o clima temperadíssimo; e com menos rigores de frio e calor que os dos paizes cuja bondade de ares é proverbial.

O firmamento ostenta-se no Brasil em toda a sua esplendorosa magnificencia. O hemispherio austral é, segundo sabemos, mais brilhante que o do norte, ao menos em suas mais altas latitudes, donde se não pôde ver a bella constelação do Cruzeiro, de todas as do firmamento a que mais atrahe a attenção, ainda dos menos propensos a admirar a creaçao nessas myriadas de mundos que confundem o miseravel habitante deste nosso pequeno planeta.

A vegetação é successiva: poucas arvores perdem as folhas; algumas dellas carregam de flôres quando ainda seus ramos vergam com o peso dos fructos da sáfra anterior; e destes ultimos vão uns crescendo, quando já outros estão de vez ou de todo maduros. No littoral têm as plantas bastante analogia com as da costa d'Africa fronteira: nos alagados do mar pululam as rhizophoreas que chamamos mangues, as quaes se multiplicam pelos proprios ramos que dos galhos se debruçam a buscar a terra. São arvores como que destinadas pelo Criador para marcar aos rios dos climas entretropicos os seus leitos, quando suas aguas se vão mesclando com as salgadas do mar. Seguem muitas euphorbiaceas, malvaceas e leguminosas. Abundam porém mais que tudo, e que em paiz nenhum: as familias das palmeiras e das orchideas. Mas o que torna mais original a vegetação destes paizes é a abundancia dos cipós que caem verticaes dos ramos das arvores ou as unem umas ás outras, como se fossem a enxarcia de seus troncos contra os tufões, ou finalmente se enroscam por ellas; e ás vezes com tal força que as afogam, ou com tal avidez que lhes chupam o melhor de seu succo, e as assassinam. O dilatado covão do Amazonas é tido pela porção da terra mais rica em productos vegetaes sporadicamente juntos; e, talvez, sem a praga dos mosquitos que ali persegue a humanidade,

seria dos paizes mais ricos e mais felizes da terra. Só porém d'aqui a seculos é que as derrubadas dos matos os extinguirão, e o homem será então o unico senhor dessas margens, que hoje se acham mais povoadas de jacarés e de tartarugas que de gente.

É tanta a força vegetativa nos districtos quentes entretropicos que ao derrubar-se e queimar-se qualquer mato-virgem, se o deixaes em abandono, dentro em poucos annos ahí vereis já uma nova mata intransitavel; e não produzida, como era de crer, pelos rebentões das antigas raizes; mas sim resultante de especies novas, cujos germens ou sementes se não encontram nas extremas da anterior derrubada, e se ignora donde vieram. A este novo mato se chama no paiz *capoeira*, derivando esta significação de ser analoga essa vegetação á dos *capões*, nome que se dá aos oasis ou boscagens no meio dos campos nativos. A estranha accepção do vocabulo capão derivou da adulteração de *Cu-puam*, que na lingua da terra valia tanto como dizer ilha de mato ou mato ilhado. A roça das capoeiras dá mato *carrasquento*; depois do que vêm *eatingas*, isto é matos brancacentos, que são, apesar do nome, mais bastos que o das charnecas communs do sul da Europa, de urzes, tojos e carquejas. A vegetação das arvores e arbustos só pára de ser espontanea, quando a terra se transita muito, ou se cultiva com grama ou capim.

Neste clima se produzem e produzem todas essas plantas exóticas á Europa que, por sua utilidade, se fizeram conhecidas no comércio, começando pelo pão-brasil, e as madeiras de construção e marcenaria, como o jacarandá, o vinhatico e o piquiá de madeira amarella, os cedros e maçarandubas vermelhas, e outras não menos estimadas; e as plantas de algodão (que os nossos Indios chamavam *maniú*); a canafistula, a salsa-parrilha, a bauilha, o urucú, varios pimentos, o cacáo, o tabaco ou petima, e as plantas alimenticias da mandioca e do aypi. Ahí se dão alguns fructos re-

galados, taes como o ananaz, rei delles, o cajú, fructa duas vezes, o saputy, com razão denominado pera dos tropicos, os bellissimos maracujás e as coradas mangabas; e infinidade de outros pomos que a horticultura fará melhores, e de muitos que a chimica aplicada ainda tem de aproveitar e de vulgarizar, sobretudo pelos productos oleosos sem conto que dão, em nossos matos. Nestes climas é que melhor prosperou depois a cultura introduzida, da cana, do gengibre, do anil, da canella e do cravo; e, quando mais temperados e humidos, a do arroz, a do café da Arabia, e modernamente a do chá da China: é nelles que as mangas trazidas da India são mais saborosas que as do Oriente; e que a laranja importada da Europa se tornou tão superior a toda a que se conhece principalmente a que se dá na Bahia, com a denominação por que é conhecida e que pouco favor faz ao pudor e delicadeza dos que a imaginaram. — Para as bandas do sul, e para o interior, nos taboleiros elevados, já quasi se não produzem taes plantas: abundam porém as myrtaceas de muitos generos, que dam gostosas fructas: as agridulces pitangas, os deliciosos cambucás, as suaves ubaias, os aromaticos araçás e guabirobas, as saborosas jaboticabas e grumixamas, que quando maduras negrejam nos ramos e até nos troncos das arvores que dellas se vêm carregadas.

Tambem nesses climas temperados se produzem as recedentes anonas, os pinheiros araucaurios ou curis (de cuja abundancia provém o nome Curi-tiba), e se topam *campos-virgens*, do mesmo modo que ha *matos virgens*. Por elles se encontra muita ipecacuinha, e se cultiva perfeitamente a vinha, o trigo e as fructas todas dos paizes da Europa central.

Nos logares mais altos, apenas crescem os sapés e outras gramineas, e alguns lichens; e nesta vegetação termina a escala thermometrica dos diferentes climas do nosso territorio. Apezar de tantas serras, cujos picaros parecem desafiar as nuvens, nenhuma ha que se vista de neves perpetuas, e que se nos figure de longe a estampar sua alvura contra o fundo azul do firmamento.

Se as plantas do Brasil têm paridade com as do continente d'Africa fronteiro, não sucede assim com os animaes: todos elles são especiaes americanos, sem relaçao, em geral com os da zona torrida nos outros continentes, excepto na circumstancia de serem, como alli, mais perfeitos do que os das zonas temperadas e frias.

Os quadrupedes longe estão de poderem ser comparados em tamanho aos elephantes, hypopotamos e rhinocerontes do continente vizinho. Em vez d'estes tres pachydermes, a America possuia, como animal mais corpulento, um pachyderme tambem, proboscidio como o elephante, mas apenas do tamanho de uma zebra: era o *tapir*, q que vulgarmente em virtude da dureza de seu couro chamam anta; nome este com que os Europeus denominavam o bufalo, de que obtinham producto analogo ao que veiu a prestar o animal americano.

Entre os animaes pequenos notam-se como generos sem correspondentes no chamado mundo velho, e que só os têm na Australia, o tamanduá, os tatús, as preguiças e os gambás e jaguatícacas. O primeiro é o celebre papa-formigas, do qual se conta que atacado pelo tigre o mata com um abraço, em que lhe crava as unhas no costado; os segundos são os conchudos *dasypus*. Ás preguiças chama a sciencia *tardigradas*; e aos gambás *didelphos*, conhecidos pelo entresolho do ventre. Os ultimos são os repugnantes *Mephitis faeda*, que têm a propriedade de expellirem de si, quando perseguidos, certó fedor tão repugnante que afugenta os homens e os animaes.

Entre as aves são mais formidaveis os jaburús, chamados pelos naturalistas tantalos; e as emas ou abestruzes d'America. O viveiro ou aviario (Fauna ornythologica lhe chama a sciencia) brasílico apresenta originalidade, e passa pelo mais rico da terra em superficie igual. Crê-se que de umas seis mil espécies de aves que povoam este nosso planeta, a America do sul fornece a terça parte; das quaes não cedem muitas em belleza de plumagem ás

mais vistosas d'Africa e do Oriente. Na melodia do canto distinguem-se principalmente os sabiás e grouhatás, que podemos considerar os melros e os canarios do Brasil.

Nos mares ha baléas e peixes-bois; e como pescaria de regalo se recommendam o saboroso beijupirá e as garoupas, e nos grandes rios os enormes *vastres* ou pirarucús; isto além de muitos mais peixes d'agua doce e salgada, comparáveis aos de outros continentes.

Para ser mais original, offerece o paiz varios contrastes originaes. A par de plantas de muita virtude medicinal, á frente das quaes citaremos a copaiba, a ipecacuanha, e o guaraná, produz tambem venenos atrocissimos. Ao lado da inoffensiva anta, das amphibias pácias, das domesticas cutias, dos corredores veados campeiros e do mato, e mais caça grossa, se pôde apresentar ao caçador um faminto jaguar ou uma medonha suçuarana, que poderíamos talvez chamar a leoa d'America. Ao apontardes á agil seriema que avulta no campo ou ao gordo macuco que rastolha no mato, ou ao astuto jacú, escondido na ramagem da ipéuba, poderíeis ver-vos surprehendidos pela picada peçonhenta do insidioso reptil, que num instante decidirá do fio da vida que havieis recebido do Creador.» (1)

João Manoel Pereira da Silva (1817-1898) es-
Pereira
creveu, como Varnhagen, algumas poesias, romances,
da
artigos politicos, biographias, e, sobre tudo, livros de
Silva
historia. Mas, pôde-se dizer, que foi a antithese de
seu digno emulo.

Ao passo que o auctor da *Historia Geral do Brasil*
nada avançava sem o exame escrupuloso dos documentos

(1) *Historia geral do Brasil*, vol. 1º pag. 89 e seguintes, 1ª edição.

authenticos, das êchronicas coevas e de quantas fontes seguras podia investigar, o auctor da *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro* não se entregava a esse indis pensavel preplano inicial; limitava-se a parcias leituras de livros mais ou menos modernos, de jornaes, de revis tas, de relatorios, de noticias de facil acceso e de narrativas oraes, mais ou menos suspeitas.

Era, em geral, um mero improvisador. Não que nos mereça todo o desprezo que é agora o tom da moda usar a seu respeito. Depois que Joaquim Nabuco, aliás com verdadeiro comedimento como é de sua indole, lhe notou aquelle defeito, os repetidores de obra feita entraram a exagerar o tom das censuras num cres cendo evidentemente falso. Nabuco tinha dito no seu discurso de *Elogio dos socios do Instituto Historico*, em sessão de 15 de dezembro de 1898: «O logar de sua obra historica na posteridade é um logar provisorio, porque nesse trabalho ha antes juxtaposição que elaboração, nã ha critica nem criterio certo; mas, nem porque terá de ser substituida, deixa a obra de ter valor relativamente á sua época, á nossa época, em que nenhum outro se abalancou a fazer o que elle fez e que era preciso fazer.

De certo com o seu modo de compôr, e além d'issc de corrigir as provas, numerosos enganos de datas e de factos inçam os seus volumes; elle escrevia historia en viagem, em hoteis, nas escrevaninhas dos bancos, e natu ralmente, com esses habitos nomades, não podia recorrei

a bibliothecas e archivos, nem sequer a livros de consulta; feitas, porém, estas e outras concessões á critica, os seus volumes são ainda o melhor aperitivo que existe entre nós para os que têm que estudar a historia. Reconhece-se, lendo-o, que elle ignorava muita cousa; mas reconhece-se tambem a massa ainda maior do que todos ignoram e que elle sabia... Ao menos elle tinha noção de todo esse passado, de todas essas figuras.» (1)

É um juizo que se pôde aceitar em suas linhas geraes, evitando os exageros d'alguns desapiedados. Neste numero está o Sr. José Verissimo que repetiu, avultando-o, o juizo de Nabuco.

Pereira da Siva mesmo dividiu suas obras em quatro series: *historicas, literarias, politicas e de phantasia*.

Na primeira, a mais consideravel, collocou a *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro* (1864-1868), *Segundo Periodo do Reinado de Pedro I* (1871), *Historia do Brasil de 1831 a 1840* (1879), *Curso de Historia dos Descobrimentos e Colonisação dos diferentes Estados Americanos* (1876), *Nacionalidade, Lingua e Literatura de Portugal e do Brasil* (1884), *Varões Illustres do Brasil durante os tempos coloniais* (1858), *Christovam Colombo e o Descobrimento da America* (1892), *A Historia e a Legenda* (1892-1894).

(1) *Escriptos e Discursos Literarios*, pag. 226.

Nesta serie devem ser incluidos os *Quadros da Historia Colonial do Brasil* (1895) e as *Memorias de meu Tempo* (1895 e 1896).

Na segunda categoria dispõz: *Filinto Elysio e sua época* (1891), *La Littérature Portugaise, son passé et son état actuel* (1865), *Considerações sobre a poesia epica e a poesia dramática, Obras Literarias e Politicas* (1862).

Entre os escriptos politicos, incluiu: *Diseursos Parlamentares* (1870,) *Situation politique et économique de l'Empire du Brésil* (1865).

Entre os de phantasia, contam-se os romances:— *Jeronymo Corte-Real*, chronica do seculo XVI (1840), *Manoel de Moraes*, chronica do seculo XVII (1866), *D. João de Noronha*, chronica do seculo XVIII, *Aspasia*.

A esta ultima lista pôde-se juntar—*Gonzaga*, poema, *O Anniversario de D. Miguel em 1828*, e *Religião, amor e patria*, romances.

De toda esta vasta obra, a parte mais fraca é a que se occupa da historia literaria e da respectiva critica, pelo grande numero de erros commettidos nas biographias dos escriptores e pela falta de philosophia e de criterio esthetico e sociologico na apreciação de suas obras.

Os escriptos politicos são de pequeno alcance, em razão do fraco talento de observação e da pouca profun-
deza da cultura do auctor, especialmente em assumptos sociaes.

Preferimos os livros historicos, nomeadamente as quatro obras a que poe o titulo de *Historia da Fundação do Imperio, Segundo Periodo do Reinado de Pedro I, Historia do Brasil de 1831 a 1840 e Memorias de meu Tempo.*

Podem ser reunidas sob o titulo de *Historia do Brasil no seculo XIX*; e, escoimadas dos defeitos de revisão, constituirão um livro de merito, porque allí se encontram paginas excellentes, pela simplicidade da forma, encadeamento da narrativa e veracidade dos conceitos.

Pereira da Silva nasceu a 30 de agosto de 1817 no Rio de Janeiro; formou-se em direito em Paris em 1838.

Foi deputado á assembléa da província do Rio de Janeiro e da assembléa geral do Brasil em varias legislaturas. Pouco antes da queda da monarchia, tinha sido escolhido senador do Imperio.

Falleceu em 1898, aos 81 annos de idade, pouco após a publicação das *Memorias do meu Tempo*.

Amostra de estylo :

Tomára Antonio Carlos a defesa de um projecto expulsando do territorio brasileiro os Portuguezes adoptivos que se suspeitassem de hostis á causa da independencia e do Imperio, e exageraria os seus argumentos, simulando desconfiar de todos os nascidos na Europa. Desejára sempre Dom Pedro organizar o seu reino com naturaes e Portuguezes, que se lhe unissem em communs interesses

e idéas. Nascido em Portugal, e abraçando a causa do Brasil, não podia pensar que os oriundos como elle da terra europea se devessem excluir da communhão brasileira, quando como elle igualmente a adoptassem espontaneamente, e preferissem permanecer na America a regressar para o solo natal. Não se havia na aclamação do Imperio decretado que saíssem os Portuguezes que não desejassem pertencer ao novo Estado, e se conservassem unicamente os que o adoptassem por patria? Não tinham os que se ficaram no paiz dado provas incontestáveis dos seus sentimentos de adhesão á nova ordem de cousas estabelecida, e prestado serviços reaes e profícuos? Não ocupavam Caetano Montenegro e José Vieira de Carvalho cargos de ministro; Vergueiro, Lecor, Rodrigo Lobo, o bispo do Rio de Janeiro Dom José Joaquim Caetano, e muitos outros adoptivos distintos não exerciam funcções de deputados, prelados, administradores, militares e magistrados? Não se achavam ligados ao solo pelo sangue, pelas familias e pelas propriedades? Não bastava que contra um ou outro suspeito, Brasileiro ou Portuguez, tivesse o governo empregado por vezes medidas arbitrárias exigidas pelas circumstancias e perigos felizmente já passados? Não era além de cruel e barbara, igualmente inutil a providencia apoiada por Antonio Carlos? Não o offendiam até pesonalmente suas palavras no parlamento, atacando todos os nascidos na Europa? Não bastavam aos Andradas os actos despoticos já consummados, e a que não recusaria o seu assentimento?

A infeliz lembrança do projecto levantou grande celeuma nos cidadãos adoptivos pela odiosa separação traçada entre elles e os Brasileiros natos, quando até alli o arbitrio do governo os não distinguira. Foi-se organisando no seu seio um numeroso partido de oposição aos Andradas, o qual se socorreu da pessoa de Dom Pedro pedindo-lhe os defendesse e se confiasse igualmente nelles para sua completa liberdade de ação. Collocaram-se á sua frente muitos Brasileiros natos, e importantes, uns que nutriam princi-

pios liberaes, e aspiravam ao systema constitucional e regimen representativo, e outros dedicados de todo ao imperador, que consideravam a unica base de salvação e engrandecimento do Imperio, não se importando com a natureza das instituições, que o regessem. Manoel Jacintho, José Joaquim Carneiro de Campos, Pedro de Araujo Lima, Carvalho e Mello, Estevam Ribeiro de Rezende, Silva Lisboa, e varios deputados mais, cuidaram em alistar-se na oposição, e contrabalançar as tendencias dos Andradistas, procurando entender-se, e conformar-se com os desejos e sentimentos de Dom Pedro. Não se falava mais do partido fluminense de Ledo, José Clemente e Nobrega, tão estigmatisado pelas suas primeiras idéas republicanas, posto se modificasse posteriormente para liberal monarchico, apenas se resolvêra Dom Pedro a abraçar a causa do Brasil e proclamar a sua independencia. Não se tratava igualmente dos cidadãos de São Paulo adversos á preponderancia exclusiva da familia Andrade na sua província, e nem dos exaltados partidistas de instituições democraticas que se tinham manifestado na assembléa. Pretendia-se crear e desenvolver um partido novo, moderado, e constitucional, que servindo ao throno, firmasse a união de todos os brasileiros naturaes e adoptivos, e se oppuzesse a perseguições e arbitrios.

Sorrio ao imperador esta nova phase em que podia entrar a politica do seu governo, e em audiencias particulares começo a admittir os mais illustres dos membros do novo partido, que melhor quadrava em ideias aos seus próprios sentimentos. Precipitado de cima de um cavallo, de que se servia em seus passeios habituaes ; compellido a conservar-se no leito durante algumas semanas para se tratar dos soffrimentos agudos causados pelo desastroso successo, não deixára todavia de cuidar nos negocios do Estado, e de conversar com todos os que o procuravam. Em o dia 16 de julho indo José Bonifacio ao seu quarto, a conferenciar sobre assumptos e objectos politicos, encontrou-o ocupado em folhear a devassa

instaurada pelo intendente geral da policia contra Oyenhausen Costa Carvalho, e mais individuos de São Paulo, na qual se não lavrará ainda sentença de pronuncia. Declarou-lhe o imperador que a mandára buscar ao intendente no intuito de examinal-a, e era sua opinião que á monstruosidade inexplicavel e á infracção de todas as normas de direito ajuntava o processo uma completa ausencia de provas contra os accusados ; e era sua opinião que os ministros o mandassem cancellar, e annullar para se não falar mais n'elle, em vez de instar com o juiz afim de lavrar a pronuncia.

Molestou-se José Bonifacio com as palavras de D. Pedro, e mais ainda com o facto de haver o imperador exigido do intendente o proprio processo, para por si o examinar, parecendo não confiar assim nos relatorios dos seus ministros. Manifestou-lhe com franqueza o seu parecer, e declarou-lhe que entendia necessaria a pronuncia dos réos para segurança publica, e força moral do governo. Não concordando as vistas da corôa com as do seu ministro, retirou-se José Bonifacio, e chamou a conselho Martim Francisco e Antonio Carlos. Opinaram que José Bonifacio e seu irmão apresentassem a sua demissão de ministros, e com a maioria da assembléa de que dispunham, compellissem posteriormente o imperador a exonerar quæsquer outros cidadãos por quem o substituisse, e a recebê-los de novo nos seus conselhos, mais forte e poderosos com o apoio dos representantes da nação. Não passava o plano de uma segunda edição da mudança effectuada em 29 de outubro preterito. Arrastando as massas populares e a tropa a uma sublevação, haviam então os Andradas conseguido sua reunião no ministerio, e supplantado a autoridade do imperador. Trocando agora os instrumentos, e servindo-se da maioria da assembléa constituinte, intentavam repetir as mesmas scenas, e alcançar resultados identicos.

Partiu José Bonifacio no dia immediato para São Christovam e requereu ao imperador a sua demissão e a de Martim Francisco

Não trepidou o monarca em concedê-l-as, e nomeou incontinente para succeder-lhes nos cargos José Joaquim Carneiro de Campos, e Manoel Jacintho Nogueira da Gama, não effectuando nenhuma mais modificaçāo no gabinete. Empossados logo os novos ministros, remetteu Carneiro de Campos a França Miranda a sua exoneraçāo de intendente geral da policia, e escolheu para substitui-lo Estevam Ribeiro de Rezende. Patenteava-se com este só acto a natureza das divergencias que motivaram a retirada dos Andradadas da gerencia dos negocios publicos. » (1)

Alexandre José de Mello Moraes (1816-1882) foi Mello Moraes auctor que também muitas obras publicou.

Diverge assás de Pereira da Silva ; este, compulsando poucos documentos, redigia com facilidade, num quasi improviso ; Mello Moraes, de posse d'uma mole enorme de manuscriptos de toda a casta, tirados dos archivos, pouco redigiu, limitando-se quasi a dar á estampa as riquezas que possuia.

É pena que o tivesse feito com pouco methodo.

A sua enorme collecção lhe proveio de duas fontes principaes : dos archivos portuguezes, especialmente a Torre do Tombo, por dadiva que lhe fez o Conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond, o famoso redactor do *Tamoyo* e amigo dos Andradadas, nosso antigo ministro em Lisboa, e, por outro lado, dos archivos e secretarias do Rio de Janeiro que lhe foram

(1) *Historia da fundaçāo do Imperio brasileiro*, vol. 7º pag. 156 e seguintes.

mandadas franquear, em tempo, pelo então ministro do Imperio, o Marquez de Olinda.

Se Mello Moraes tivesse adoptado o methodo, por exemplo, de Guizot na magnifica collecção dos *Monumentos para servirem á Historia de França*, isto é, se, procedendo por seculos e por materias, tivesse disposto os documentos por ordem e devidamente annotados e precedidos de acertadas memorias historicas, teria feito obra immortal.

Não procedeu assim, porém; foi distribuindo a matéria quasi ao acaso e com escassa ordem.

Não obstante seus livros, que se intitulam: *Cronographia historica, chronographicá, genealogica, nobiliaria e politica do Imperio do Brasil, — O Brasil Historico, — Historia do Brasil-reino e do Brasil-imperio, e A Independencia e o Imperio do Brasil*, sobre tudo as duas primeiras, serão sempre dignas de consulta pela multidão de escriptos que encerram de velhos e ineditos chronistas, além de crescida cópia de documentos officiaes dos tempos da colonia.

A obra de Mello Moraes é avultada; deixou mais de cincuenta publicações, algumas em dois, tres, quatro e mais volumes.

Essa consideravel collecção divide-se em escriptos medicos e trabalhos de historia brasileira; estes sobre levam aos primeiros.

Mello Moraes nasceu na cidade das Alagoas, na antiga província d'este nome, aos 23 de julho de 1816; formou-se em medicina na Bahia em 1840, onde residiu até 1853, anno em que se passou para o Rio de Janeiro, onde faleceu a 6 de setembro de 1882. Foi um dos primeiros propagandistas da homeopathia no Brasil. Foi deputado geral na legislatura de 1869 a 1872.

De sua *Chronica geral do Brasil*, publicada por seu filho em 1886, destacamos este trecho como amostra de seu estylo :

«A noticia de que uma noiva bonita e virtuosa para o imperador, só se encontraria com a condição forçosa de pôr para fóra da capital do Rio de Janeiro a marquesa de Santos, deu origem á lucta que se travou entre ambos. A marquesa não queria de modo algum ir para São Paulo, por maiores vantagens que lhe propoz o imperador. A principio elle a quiz levar por bem ; mas nada alcançando ficou mal com ella. As mensagens eram frequentes, mandando-lhe fazer propostas pelos proprios parentes della, sendo o mais empenhado Candido Marcondes, official da secretaria dos estrangeiros, morador em Mata Porcos, hoje rua de Estacio de Sá, e depois fazendeiro em Pindamonhangaba ; ficando alguns até indispostos com ella, pela pertinacia de querer ficar na corte, o que não era possivel, vindo a nova imperatriz.

Os amigos ou aduladores da marquesa de Santos foram também encarregados de convencê-la da necessidade de se retirar para São Paulo, em vista de tantas vantagens que lhe fazia o imperador ; mas tudo era baldado.

O imperador enfatiado por tanta reluctancia, tirou-lhe as honras de dama, bem como á viscondessa de Castro, mãe della,

que tambem era dama do paço imperial. O caso era urgente: a valida do imperador D. Pedro I devia sair da côrte. Por fim ella annuiu retirar-se, impondo ao imperador condições pecuniarias, chegando mesmo a regatear sobre valores dos bens que elle proprio lhe havia dado, mostrando d'est'arte, o quanto era pouco grata e generosa de coração.

Não era o amor quem a continha; era o interesse que a movia! De mais elle ficou dando-lhe uma pensão de doze contos de réis annuaes. Comprou-lhe os bens pelo preço que ella estipulou; deu-lhe muitos presentes de valor; estendendo os seus obsequios a dar aos parentes, chacaras e boas pensões, que foram conservadas até a abdicação.

Quando em principio do anno de 1829, o imperador D. Pedro teve noticia de que nenhuma princeza o queria por marido, ficou muito zangado, e disse que não mandaria mais pedir mulheres, porque já tinha successão sufficiente para o throno do Brasil, e que para companheira ia mandar buscar a marquesa de Santos a São Paulo, e de quem não se tornaria a separar; e que para elle a marquesa valia tanto como qualquer dessas mulheres de alto nascimento europeu. De facto escreveu á marquesa de Santos, chamando-a que viesse para sua companhia. Ella recebendo a carta pela manhã, deu pressa á parti e no dia seguinte estava á caminho por terra, indo o imperador encontrar-a na estrada de Itaguahy, acompanhando-a a cavallaté o palacio da fazenda de Santa Cruz, com uma immensidade de pessoas; uns, que tinham ido com o imperador, e outros que eram empregados na fazenda, e outros da villa de Itaguahy parentes, aggregados e criados que com ella tinham vindo de São Paulo. A marquesa de Santos entrou na fazenda de Santa Cruz como em triumpho.

Passado o tempo necessario de descanso, partiu o imperador com sua querida Dometilla para a côrte onde foi compri

mentada pelos fidalgos e pelos criados do imperador, desde os de primeira jerarchia até os da infima classe; pelos desembargadores, empregados publicos, militares de todas as patentes e mesmo por gente muito insignificante do povo: uns portavam-se com gravidade e outros com nojenta bajulação.

Nunca o poderio dessa mulher foi tão grande no animo do imperador, como depois desta volta de São Paulo.

Elle se tornou escravo d'ella; e o dominava a tal ponto, que dispunha da sua vontade como queria. Ella dispunha dos proprios empregos publicos; e o imperador obedecia ao seu menor desejo. O imperador só saía da casa da marquesa de Santos (na rua Nova do Imperador) para o despacho; e muitas vezes despachava em casa d'ella. Ahi comia, dormia e para ahi levava os filhos legitimos, com suas damas e aça-fatas. À marquesa ia amiudadas vezes ao paço de São Christovão, onde ficava como em sua casa; dando ordens, e dizendo ao imperador — *mande fazer isto ou aquillo* e tudo se fazia.

Toda a gente do paço, por vontade ou constrangida, tratava a marquesa de Santos com todo o respeito e subida consideração. No dia 24 de maio em que fazia annos a duqueza de Goyaz, o imperador fez espalhar a noticia de que receberia a todos que quizessem ir beijar-lhe a mão, e assim aconteceu.

A maior parte da gente que costumava ir ao beija mão, foi ao paço de São Christovão, onde elle, as filhas legitimas e a duqueza de Goyaz deram beija mão em uma sala chamada dos estrangeiros. Nesta sala não havia throno, nem docel. Ahi foi que elle recebeu a multidão que nunca foi ao paço, em dias de seus annos.

Ás duas horas da tarde se apresentou no paço a marquesa de Santos, indo em um riquissimo coche, com as armas e libré da sua casa; e chegando ao pateo do palacio de São Christovão, as

músicas tocaram, e as bandeiras imperiaes se abateram ; os guardas e archeiros chamaram as armas, para fazer-lhe as continencias devidas como se ella fosse a legitima imperatriz do Brasil.

O imperador mandou o porteiro da camara, João Valentim de Faria de Souza Lobato, abrir-lhe a portinhola do coche, e o camarista de semana desceu para conduzir a marqueza pelo braço, atravessando com ella pela varanda do paço, indo o porteiro da camara adiante, até apresental-a ao imperador, que a esperava fardado, com ricas insignias e joias preciosas. As princezas estavam ricamente vestidas. A marqueza de Santos beijou a mão do imperador e a das princezas, e deu um beijo na filha; e demorou-se pouco tempo, conversando com o imperador e saiu com todo o apparato indo elle acompanhando-a até o tópo da escada.

A marqueza levava uma cadeia de ouro, grossa, tendo em cada annel escripto Pedro I. Pendente nesta cadeia estava uma rica medalha cravejada de brilhantes com o retrato do imperador.

Mettida no coche, pelos aulicos do paço, foi ella para o seu palacete, indo logo depois para o mesmo o imperador com a duqueza de Goyaz ; e onde houve um magnifico jantar. Por esta occasião o imperador mimoseou a marqueza de Santos com uma rica baixella de prata e outros presentes de subido valor. Para este banquete foram convidadas as pessoas da corte com quem a marqueza de Santos não tinha indisposição, os seus amigos e as senhoras com quem ella se visitava ; e finalmente foi uma festa brillante. A noite foi servido um grande chá e magnifica ceia.

Quando a marqueza de Santos se julgava no apogeo de suas glorias e pensando que jámais o imperador Pedro I a abandonaria, foi quando, dous mezes depois desse memoravel dia 24 de maio, recebeu o golpe de que estava definitivamente contractado o casamento do imperador com a princeza Amelia, filha do principe Eugenio, cujo casamento se havia de effectuar no dia 2 de agosto, e ao mesmo tempo trazendo a noticia da condição imposta pela

futura imperatriz de que se não receberia com D. Pedro I, no Rio de Janeiro, se ao chegar encontrasse na corte a marquesa de Santos.

D. Pedro recebendo ao mesmo tempo o retrato da princesa Amélia, a achou mui galante, e com dezesete annos de idade mais realçava a sua belleza; e por isso o imperador ficou excessivamente contente, porque já não se via repudiado pelas principaes familias da Europa.» (1)

► **Joaquim Norberto de Souza Silva** (1820-1891) era filho do Rio de Janeiro; nasceu em 1820, no mesmo anno de Joaquim Manoel de Mamede. Não se graduou em academia alguma; fez alguns estudos de humanidades em sua cidade natal e metteu-se ainda moço no funcionalismo publico, empregando-se na Secretaria do Ministerio do Imperio.

Bem cedo jogou-se ao cultivo das letras e ás luctas da imprensa.

É um dos brasileiros que mais escreveram e em espheras mais variadas.

Sua obra é uma das mais opulentas, e, em compensação, das mais confusas das produzidas neste paiz.

D'ahi certa difficultade em bem tomar os traços characteristicos do escriptor.

Sua vasta obra, parte publicada em livros, parte esparsa em jornaes e revistas, pôde soffrer a seguinte

(1) *Chronica geral do Brasil*, vol. 2º, pag. 281 e seguintes.

divisão: novella, theatro, poesia, critica literaria e historia.

Será preciso juntar a isto a estatistica; porque o primeiro trabalho que tivemos no genero é devido á penna d'este auctor. Queremos falar do *Censo Geral do Imperio*, escripto e organizado por Norberto Silva, na sua qualidade de empregado publico. É producção de valor, merecedora de attenção e aqui desde já citada, por ser apta a dar uma das notas, um dos tons da physionomia espiritual do notavel fluminense: a paciencia de esmeuçar, pesquisar, inquirir e verificar os detalhes.

Das cinco regiões em que se manifestou a vida espiritual de Norberto, na esphera puramente literaria, a novella e o theatro não são aquellas em que elle mais se distinguiu. Os poucos ensaios praticados por este lado devem ser considerados tentativas em generos para os quaes o auctor tinha pouquissima aptidão. São productos fracos, de leitura massante e hoje completamente esquecidos.

No conto e novella pouco mais publicou além do volume intitulado *Romances e Novellas*, apparecido em 1852 em Nitherey, e d'*O Martyrio de Tiradentes ou Frei José do Desterro*, impresso trinta annos mais tarde, em 1882, no Rio de Janeiro. No theatro seus principaes productos são a tragedia *Clytemnestra* e o drama *Amador Bueno*. São obras de pequena monta, passos errados de um homem que procurava seu caminho. Tanto a tragedia,

como o drama, são de 1843; d'esse tempo da puericia do auctor são tambem as narrativas reunidas no citado volume de 1852.

É na poesia, na historia politica e na historia literaria que mais accentuada se nos mostra a feição do auctor. Ainda nestas tres espheras podem-se fazer divisões e reducções, tendentes a mostrar qual a especialidade em que foi elle mais eminente. Suppomos que os seus maiores titulos estão nos trabalhos de historia politica e literaria.

É onde é mais apreciavel, por ser onde está mais a gosto e mais em harmonia com a sua indole. Nesta esphera o primeiro elogio que lhe fazemos é o seguinte: hoje é impossivel escrever a historia, principalmente a historia literaria do Brasil, sem recorrer ás publicações d'este laborioso escriptor. É que existem certas averiguações, especialmente na historia da literatura, que pertencem de direito a Norberto Silva. Dividamos o assumpto e começemos pela historia do Brasil.

Neste campo de acção o escriptor não nos dotou com uma obra geral sobre todo o paiz, ao menos nalgum periodo de seus annaes. Deu-nos quatro producções principaes: *Memoria Historica e Documentada das Aldeias dos Indios da Provincia do Rio de Janeiro*, *Historia da Conjuração Mineira*, *Estudo sobre o Descobrimento do Brasil*, *As Brasileiras Celebres*. As duas primeiras sobrepujam de muito ás duas ultimas.

Os meritos principaes do historiador são a clareza na exposição e o acuramento das pesquisas. Não ha movimento dramatico, nem ha vistas philosophicas, nem ha vivacidade de estylo. Em compensação ha criterio, bom senso, conhecimento do assumpto. No estudo sobre as aldeias do Rio de Janeiro foruece bons dados para o conhecimento da fundação das principaes cidades da provinçia e formação da populaçao.

No livro sobre a conjuração de Minas lança muita luz sobre a vida politica dos mineiros e do Brasil em geral nos fins do seculo XVIII, sobre a sociedade de Villa Rica, sobre o caracter dos poetas e escriptores do tempo e vinte outros pontos secundarios.

Contribuiu para reduzir as proporções assustadoras que vae tomando entre nós o mytho de *Tiradentes*.

Nossa democracia não precisa, para viver, de firmar-se em exageros e falsidades.

Antes de tudo respeitemos os direitos da sciencia. O livro de Norberto Silva é um bom e equitativo serviço em prol da verdade. Não é obra de reacção; é antes de propaganda liberal.

Como historiador, a época melhor conhecida de nossa historia por J. Norberto é o seculo XVIII em Minas.

É pena que não tenha elle tirado de seus estudos um trabalho de conjunto.

A predilecção, porém, que tinha pelo assumpto é evidente. Como poeta, novellista, historiador, critico literario, sempre e sempre elle voltava ao assumpto. Na poesia, *A Cabeça do Martyr* é dedicada ao protagonista da Conjuração mineira; no conto, *O Martyrio de Tiradentes* é referente ao assumpto; na historia, o livro a que nos temos referido; na historia literaria, os interessantes prologos e notas que acompanham as edições de Gonzaga e dos dois Alvarengas, além do estudo consagrado a Claudio.

Taes e tantas pesquisas sobre a historia mineira no descambar do seculo XVIII devém ser consideradas dos melhores serviços pelo operoso fluminense prestados ás letras pátrias. O pequeno volume sobre as *Brasileiras Celebres* tem grande numero de paginas relativas ao assumpto predilecto. Como amostra do estylo de Norberto, daremos aqui um trecho d'esse bello livrinho, e seja um de assumpto mineiro:

«Descendente das mais notaveis familias da capitania de São Paulo, distinguia-se tambem dona Barbara Heliodora Guilhermina da Silveira pela sua formosura e pelas suas prendas, e esses dotes, que lhe deram a natureza e a educação, attrahiram a attenção, mereceram a sympathia, captivaram o amor do coronel Ignacio José de Alvarenga Peixoto.

Era elle poeta como Thomas Antonio Gonzaga e, como o cantor da beleza de Villa Rica, celebrou a beleza de São João d'El-Rei. Dotada de imaginação brilhante, sentindo o estro borbulhar-se no cerebro, a joven donzella retribuia affeição por affeição

e folgava com poder pagar-lhe igualmente versos por versos, e o commercio das musas sanctificou e engrandeceu aquelle amor em que mutuamente se abrasavam.

Bacharel formado em canones na universidade de Coimbra e despachado ouvidor da comarca do Rio das Mortes, depois de ter servido de juiz de fóra de Cintra em Portugal, Ignacio José de Alvarenga, abandonou a carreira que abraçara com tantos sacrificios, que tão longas viagens, e tão aturados estudos lhe havia custado; esqueceu-se para sempre do seu ninho natal, esse majestoso Rio de Janeiro com seu céo esplendido, com sua magnifica bahia, suas soberbas montanhas, suas bellas florestas e estabeleceu-se no paiz, cofre dos diâmantes e de gemmas de ouro.

Não era a sêde d'esses thesouros, mas o amor pelas grandes emprezas quem o chamava a novas lidas que seguia. Bem depressa se viu senhor das ricas fazendas dos Pinheiros na freguezia de Santo Antonio do Valle da Piedade e do engenho de Paraopeba de Villa Rica e das terras e aguas mineraes da Boa-Vista, de Santa Rufina, de Espigões, de São Gonçalo Velho, de Manoel José de Castro, do Campo do Fogo, dos Espigões do Aterrado, do Ouro-falla, de Santa Luzia, e ainda outras, onde trabalhavam perto de duzentos escravos. E o poeta favorecido da fortuna offereceu a sua mão, deu o seu nome á joven que não possuia senão os seus dotes naturaes.

Naquellas lidas, naquelles enganos d'alma, passaram os dias felizes e o céo legitimou o consorcio d'estas duas almas com tres filhos e uma filha, sendo que esta, que os precedeu, era a mais querida de seus paes, passava como o anjo da felicidade domestica, representava a alegria e o riso de toda a casa.

O coronel Ignacio José de Alvarenga, alma afinada pela lyra da poesia, jámais deixou de cultivar o talento com que Deus o distinguiu; porém sua esposa no meio de seus deveres caseiros, de sua missão de mãe, esqueceu-se de seus versos e votou-se de

todo o coração á educação de sua filha Maria Ephigenia, tão formosa aos doze annos que lhe deram o nome de princeza do Brasil, e essa antonomasia tornou-se popular.

Apesar da falta de recursos que havia no logar para uma educação acima da mediocre, D. Barbara Heliodora empregou todos os meios a seu alcance e a peso de ouro logrou que viessem se estabelecer na sua villa, junto do seu domicilio, os melhores mestres que existiam na capitania, e enquanto os filhos varões se entregavam aos brincos infantis, aos jogos pueris, pois eram ainda de tenra idade, a formosa menina estudava e se aperfeiçoava não só na sua lingua como nas estrangeiras e ainda nas bellas artes; a dança, a musica, o desenho illustravam-lhe o espirito e lhe serviam de agradavel entretenimento. Á maneira, porém, que a distincta e virtuosa mãe redobrava de esforços e se extremava pela educação de sua filha, crescia-lhe o amor maternal, excedia-se em affeição, exagerava os seus carinhos. Já não a amava; adorava-a e exigia dos mestres não só toda a paciencia como deferencia para com aquella que, dizia ella, devia ser tratada como princeza.

Eram criticos os tempos. Sob a mascara da amizade penetrava a espionagem em todas as casas, ouvia todas as palestras, e depois delatava tudo com a mira nas recompensas politicas. Havia o coronel Ignacio José de Alvarenga Peixoto, tomado activa parte na conjuração mineira; a denuncia o envolvera na lista dos implicados, e o despotismo colonial viu nelle um dos chefes mais ardentes da causa nacional, e interpretou no entusiasmo pelas cousas da patria, que se nota nas suas poesias, a prova cabal de sua complicidade. Foi arrancado do seio de sua familia, preso e conduzido ao Rio de Janeiro, onde o lançaram nas masmorras asquerosas e immundas da fortaleza da ilha das Cobras.

Uma portaria expedida pelo governador visconde de Barbacena em 9 de setembro de 1789, mandou sequestrar-lhe todos os bens, para o fisco e camara real. No dia 13 de outubro

de 1789 achava-se D. Barbara Heliodora na sua casa do arraia de São Gonçalo, na freguezia de Sant'Antonio do Valle da Piedade, termo da villa de São João d'El-Rei, abraçadá com seus filhos, misturando suas lagrimas com os ais das tristes criancinhas, que em vão chamavam o desditoso pae, quand' viu entrar o desembargador Luiz Ferreira de Araujo e Azevedo, ouvidor geral e corregedor da comarca do rio das Mortes, com o escrivão de seu cargo e o meirinho mór, e exigir d'ella o juramento para que declarasse os bens que houvesse do seu casal, sob pena de perjurio e das em que incorrem os que subnegam bens a inventario, e para logo procedeu ao sequestro e real apprehensão.

Toda aquella grande fortuna accumulada com o trabalho suado de tantos annos e que ainda não estava consolidada, pois havia dividas a solver, foi fazer parte do acervo amontoado pelo fisco na penhora dos bens dos implicados.

D. Barbara Heliodora submetteu-se ao despotismo colonial. Entregou todos os bens de sua sumptuosa casa, sua pesada baixella de prata, as joias que recebera de seus paes, de seu marido, e até uma caixa de rapé que tinha o seu retrato circulado de pedras preciosas.

Dous dias depois requeria ella que se achava casada com carta de ametade, que de seu matrimonio existiam filhos, e que sendo na fórmula das leis do reino em todo e qualquer caso livre a meiação da mulher, se procedesse antes do sequestro ao inventario e partilha para se saber o que pertencia da meiação a cada um, e na parte que tocasse a seu marido se procedesse ao sequestro, ficando a parte d'ella livre e desembaraçada.

O seu requerimento foi attendido; procedeu-se na fórmula da lei, e assim pôde ella amparar a miseria de seus filhos e preparar-se um futuro menos acerbo.

Não foi, porém, bastante para a tranquillidade de sua alma. A justiça, que via fugir metade da mais importante parte do sequestro, achou na delação dos vassallos fieis o meio de envolver a illustre mineira com os implicados, e seu nome veio a figurar nas duas famosas devassas que se procederam por esse tempo.

Viu-se na antonomasia de princeza do Brasil, pela qual era conhecida a joven Maria Ephigenia, um crime de lesa majestade, uma idéa de independencia nacional; e o proprio professor de musica de sua filha, José Manoel Xavier, foi por duas vezes chamado a depôr em juizo; porém nada disse que a compromettesse, e o depoimento de outra testemunha caíu não só por falta de provas como por nimiamente insignificante. » (1)

Em historia literaria, Norberto não possue uma obra completa.

Chegou a annunciar uma historia da literatura brasileira; mas este livro não foi escripto.

Seus mais prestimosos trabalhos no genero são a Introduçao ás *Modulações Poeticas*, diversos artigos na *Minerva Brasiliense*, na *Revista Popular*, e especialmente os estudos e notas que acompanham as edições dos auctores da *Brasilia Bibliotheca*, do Sr. Garnier.

Norberto Silva dirigi a publicaçao de Gonzaga, Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Laurindo Rabello.

(1) *Brasileiras celebres*, pag. 182 e seguintes..

Os bons serviços do escriptor fluminense nesta esphera não são de caracter theorico e doutrinario; elle é pouco fecundo em recursos de analyses e apreciações literarias. Seu merito positivo, por este lado, está na parte biographica dos auctores, na verificação das datas e dos factos. Tal qual Varnhagen.

Bem se vê ser aquillo apenas um trabalho preliminar indispensavel para quem tiver de emprehender a historia da literatura brasileira. É bem possivel escrevel-a sem recorrer nunca ás publicações de J. M. Pereira da Silva e do Conego Fernandes Pinheiro. Estes não foram prodigos nem de theories, nem de factos; seus livros são cópias mais ou menos habeis dos antecessores.

Norberto, não; é caprichoso e tem probidade literaria. Seus defeitos capitales são falta de cultura classica e falha de cultura philosophica e scientifica. D'ahi a ausencia de idéa dirigente no complexo de seus trabalhos e o desalinho perpetuo da fórmula em seus escriptos (1).

João
Francisco
Lisboa

João Francisco Lisboa (1812-1863). É este o escriptor brasileiro que melhor se presta a um estudo da

(1) Cae ás vezes em descuidos comprometedores, capazes de denunciar-lhe ausencia de elementares conhecimentos. Lope de Vega era para elle *Lopez de la Vega*. No *Martyrio de Tiradentes* fala tres vezes no *somno do philosopho Emenides* (pag. IV, 113 e 117); queria dizer *Epimenides*. Na *Historia da Conjuração Mineira* fala duas ou tres vezes no *despotismo colonial com seus algozes, seus espías e delatores, suas masmorras, com suas algemas, com suas forcas cavidinas...*

Parece que Joaquim Norberto estava esquecido do que eram *Forças Cuudinas...*

personalidade sob o ponto de vista evolutivo. Sua obra é-lhe um commentario da vida ou, melhor, a vida é um commentario de sua obra.

► Seu espirito, posto ao abrigo da solicitação de correntes diversas do pensamento moderno nas academias e universidades, ou ainda no vae-vem constante, na fluctuação perpetua das intuições intellectuaes dos grandes centros, obedeceu á simples logica interior, ao desdobrar normal e singelo das proprias forças que lhe eram in inherentes, despertadas apenas pelo meio.

► O estudo das primeiras letras e das humanidades que lhe foi ministrado na meninice e na mais verde mocidade, foi por elle mesmo augmentado, distendido, ao impulso de pendores subjectivos.

► Esse espirito, de tendencias classicas, impregnado de aspirações liberalisantes, de intuitos sociaes, de irresistivel sympathia pelo progresso e pelo amor dos homens e grandeza dos povos, era arrebatado para o estudo aturado da politica, da historia, do direito, da moral, da philosophia, da economia nacional, das literaturas francesa, italiana, hespaniola e ingleza, porém mais intensamente a dos velhos mestres gregos, latinos e portuguezes.

► Foi ahí, foi nessa cultura, seleccionada por elle proprio, que poucos o poderiam igualar no seu tempo.

O quadro, longe de ser apertado o restricto, como tem parecido a criticos cheios de acres azedumes, é

enorme, é immenso para quem sabe avaliar quanto valem aquellas disciplinas.

Bastava o forte estudo que evidentemente revela do direito, da historia e da literatura no mundo classico e em Portugal e Brasil para lhe conferir a laurea de homem sabedor e illustrado.

Mas vejamos o operario na faina de seu produzir.

João Francisco Lisboa não foi individuo que entrasse, por bom ou máo grado seu, nas lides da politica, do pensamento, da vida nacional, em summa, atra-véz de um despacho, d'uma nomeaçao para um cargo qualquer.

Não; elle entrou na lucta como voluntario das pelejas de sua terra em prol da liberdade e dos direitos do povo.

O torvelinho da politica agitadissima do periodo regencial o attrahiu com irresistivel violencia, fazendo d'elle um publicista, um escriptor politico. Fundou então aos vinte annos (1832) *O Brasileiro*, filiado nas doutrinas liberaes. No mesmo anno, em novembro, passou-se para o *Pharol Maranhense*, cujo chefe, o denodado José Candido de Moraes e Silva, tinha fallecido. Em 1834 encetou a publicação do *Echo do Norte*; em 1838 passou a redigir a *Chronica Maranhense*, até ao fim do anno de 1840, em que se retirou por algum tempo da politica activa, ralado de desgostos pelas tremendas luctas travadas nesses oito annos de tresloucada agitação parti-

daria e pelas miseras traições e torpes aleivosias de que foi alvo.

Basta que nos lembremos que foi nesse periodo negro da historia maranhense que campeou infrene a medonha *Balaiada*.

O jornalista, sempre inspirado nos dictames da justiça, já vinha estudando a sciencia do direito, e, depois que se poz fóra da agitação partidaria, atirou-se de todo a ella, fazendo-se advogado.

Nas placidas lides do fôro se demorou Lisboa até 1855.

Na tribuna forense teve repetidos ensejos de mostrar os seus extraordinarios dotes oratorios por dilatados annos, o que tambem acontecera na assembléa provincial do Maranhão nas legislaturas de 1838-39 e 1848-49.

Mas esse escriptor politico, jurista e orador, pela força irresistivel da vocação, adrede provocada pelos factos, pelos acontecimentos do meio em que vivia, não se concebe que depois de 1840 podesse deixar a penna por uma vez; e de facto não deixou. Já em julho de 1842 eil-o á frente do *Publicador Maranhense*, em cuja redacção permaneceu até julho de 1855, data em que se retirou para o Rio de Janeiro. No *Publicador Maranhense* encontram-se alguns dos mais bellos escriptos satyricos de Lisboa acerca dos costumes de sua época. Taes são a *Procissão dos Ossos*, a *Festa de N. S. dos Remedios*, o *Theatro de S. Luiz* e outros.

Ao mesmo tempo que trabalhava no *Publicador*, fazia sair no segundo semestre do anno de 1852, os cinco primeiros folhetos mensaes a que poz o titulo de *Jornal de Timon*, e no fim do anno de 1853, em um só grande volume, os cinco numeros seguintes até o decimo.

Deixado o Maranhão pelo Rio de Janeiro em julho de 1855, como já advertimos, passou-se em fins d'esse mesmo anno para Portugal, com a incumbencia de investigar subsídios e documentos para a historia do Brasil.

É que, em os numeros publicados do *Jornal de Timon*, tinha o illustre maranhense revelado alto saber e grande capacidade no tratar a historia de nossa patria

A *politica* e o *direito* tinham-no levado naturalmente para a *historia*.

Em Portugal, onde residiu de fins de 1855 a meados de 1863 em que falleceu, proseguiu nas investigações e estudos historicos.

São d'isso testemunho os numeros undecimo e decimo segundo do *Jornal de Timon*, publicados num volume de 427 paginas, em Lisboa, no anno de 1858, e a *Vida do Padre Antonio Vieira*, que ficou inédita. (1)

Um exame rigoroso das obras de João Francisco Lisboa, piedosamente recolhidas e publicadas por Luiz Carlos Pereira de Castro e Antonio Hen-

(1) Vide no *Pantheon Maranhense*, de A. Henriques Leal, vol. IV, a excellente biographia de J. F. Lisboa.

riques Leal, em optima edição, em quatro volumes, em São Luiz do Maranhão, nos annos de 1864 e 65, revela que se dividem elles em estudos e discursos politico sociaes e em estudos historicos. Entre os primeiros sobresae o excellente escripto acerca das *eleições* na antiguidade, edade média e tempos modernos, comparadas ás de sua província, cujos costumes politicos e principaes typos representativos estuda com rara penetração, graça e delicioso *humour*.

Entre os segundos destacam-se os *Apontamentos para a Historia do Maranhão* e a *Vida do Padre Antonio Vieira*.

A grande auctoridade de Gonçalves Dias dava preferencia aos primeiros sobre os segundos nestas palavras em carta a A. H. Leal: « A elle (ao estylo de J. F. Lisboa) com toda a propriedade, que ha bem poucos exemplos taes na lingua portugueza, se pôde applicar o dicto de Rodriguês Lobo, quando quer caracterisar uma de suas figuras da *Corte na Aldeia*: — é muito natural de uma murmuração que fica entre o couro e a carne, sem dar ferida penetrante.— E, porque isto nelle é o que mais me captiva, acho incomparavelmente superiores aos outros, os seus primeiros folhetos, quando tracta dos costumes politicos do Maranhão, que o são de todo o Brasil, e, mudadas as scênas, de muitos paizes onde prevalece o regimen constitucional.»

Esta sentença do famoso poeta achou logo quem a repetisse no Sr. José Verissimo nestes termos:

« A obra, porém, mais original, a mais nova ao menos— e refiro-me sempre á nossa literatnra,— de J. Lisboa é o seu *Jornal de Timon* na parte relativa á politica e eleições, especialmente na porção d'ella, a mais consideravel sobre partidos e eleições no Maranhão.» (1)

É, como se vê, sem a indispensavel citação, o mesmo juizo do poeta d'*Os Timbyras*, menos o chiste e doçura da linguagem.

Em que pése, porém, á competencia do famoso poeta, achamos superior a obra historica de João Lisboa. Por ella é que elle tomou assento entre os mais eminentes escriptores brasileiros, occupando o posto de principe de nossos historiadores.

Os meritos d'essa obra são: a belleza do estylo, claro, conciso, correcto, vibrante, por vezes; a erudição segura, de primeira mão; o espirito liberal e humanitario; a analyse percutiente segnida de rapidas e lucidas syntheses; a attenção que deu aos problemas ethnographicos na formação da populaçao; a inquirição acerca do estado juridico do povo e das condições da administração colonial ; a referencia segura ao estado economico dos colonos, ás condições do trabalho, ao drama pungente da escravidão dos indios, ás luctas dos colonos com os jesuitas, ás vacillações do governo da metropole nas mais graves questões, á rapacidade e aos desmandos dos funcionarios e magistrados, ainda os mais notaveis.

(1) *Estudos de Literatura Brasileira*, 2^a serie, pag. 186.

Até hoje é o unico historiador nosso em cujas páginas se sentem palpitar algumas das agitações d'alma popular, algumas das pulsações do coração da nacionalidade que se ia e vae formando.

Varnhagen, Pereira da Silva, Mello Moraes, Norberto Silva, Joaquim Caetano, Cândido Mendes, são mudos por esse lado.

A reunião dos escriptos de João Lisboa em quatro grossos volumes compactos tem prejudicado á popularização de sua obra, que deveria ser disposta em cinco volumes distintos.

As *Eleições* formariam um livro á parte; os *Discursos* e *Escriptos Políticos*—outro; a *Vida do P. Vieira*—outro; os *Apontamentos para a Historia do Maranhão*—outro, devendo d'estes apontamentos ser destacados os capítulos que ocorrem no 3º vol. da edição actual, de III a XIII, para constituirem obra separada, sob o título de *O Brasil Colonial*.

Seria um livro de ouro que deveria andar em todas as mãos, como o mais perfeito resumo de tres séculos de nossa historia. São onze capítulos que valem por outras tantas monographias.

Aqui vão as epigraphes d'elles, porque por si sós formam um completo programma de historia político-social brasileira e põem em toda á luz a multidão de problemas estudados pelo grande escriptor: I. *Considerações geraes sobre a legislação colonial. Sistema primitivo das doações.* — *Seus inconvenientes, mau exito e ephemera duração.* II. *Fundação do governo geral na Bolívia. Modificação considerável da legislação anterior. Regimentos dos governadores geraes. Suas atribuições e poder immenso. Despotismo e corrupção. Testemunho do P. Antônio Vieira. Berredo igual aos outros.* III. *A magistratura e o clero. Opinião do Dr. Martins acerca das ordens religiosas no Brasil. Sermões sediciosos, excommunicações, perturbações que excitaram. Corrupção e decadência.* IV. *Senados ou Camaras. Juntas*

geraes. Seu poder immenso. Donde originado. Guedes Aranha, procurador e publicista do Estado do Maranhão. V. Os moradores das capitâncias. Classes e castas. Nobres e plebeus. Privilégios de Cidadãos do Porto. Nobreza antiga e moderna. VI. Diversos elementos de povoação. Degredados. Legislação criminal, ord. do L. 5º. Expedições militares. Colonos das ilhas e do continente do reino. Leis severas contra a emigração e os estrangeiros. Os moradores bloqueados. VII. Índios e africanos. Legislação sobre catechese, escravidão, liberdade. Guerra de exterminio. Resultados do princípio de escravidão. VIII. Agricultura, industria, commercio, navegação. Leis restrictivas e prohibitivas. Monopólios, estancos, companhias geraes, privilégios. A corôa mercudizando. IX. Fazenda real. Impostos. Donativos voluntários. Venalidade dos cargos. Aridez do fisco. Contribuições enormes. X. Governo directo da metropole. Centralização excessiva. Regulamentação minuciosa e rexatoria. Desmazelo. Ignorância. Delongas. Corrupção do conselho ultramarino. Accusações dos próprios governadores. XI. Recapitulação. Estado de miseria das colônias. Governo absurdo e funesto. Paror visivel da providencia. Lei do progresso humano. Pouco mérito dos colonizadores.»

Como exemplificação do estylo, das idéas, das consequencias a que chegou Lisboa em seus estudos historicos acerca da phase colonial brasileira, damos o ultimo d'esses capítulos. Aqui e alli elle se refere mais peculiarmente ao Estado do Maranhão e Grão Pará; mas o que diz se applica ao Brasil inteiro:

«Concentremos agora em um quadro mais estreito e succinto, com que melhor prendam a attenção, todas estas considerações dispersas e um pouco extensas, que acabamos de fazer sobre as diferentes phases e aspectos da vida colonial. O que é que se oferece á observação sob o ponto de vista politico, intellectual e moral? Leis confusas, incompletas, contradictorias, oppressivas, contendo algumas boas disposições parciaes, de resto impotentes para obviar á influencia perniciosa dos principios geraes dominantes, falsos e viciosos; a sua anarchia intrinseca, singularmente alimentada na execução, pelas infracções incessantes e permanentes a que a ignorância, a prepotencia e a corrupção impelliam o

governadores; as camaras e os magistrados ociosos, enchendo o tempo com manejos e intrigas politicas e particulares, e associando-se ao sistema geral de oppressão e tyrannia, bem que ordinariamente avessos entre si e em direcção oposta á dos governadores, em vez de manterem a dignidade propria e os fóros dos cidadãos; — poderes rivaes e reluctantantes, inúteis para a fiscalisação e o equilibrio, admiraveis e efficacissimos para os conflictos, os tumultos e as revoltas; os frades e ecclesiasticos em geral, sem excepção dos principes e dignidades da igreja, fomentando por todos os meios a sedição e a discordia, e violando na practica os principios de liberdade que no ardor das luctas pelo predominio apregoavam a favor dos indios; a immolação ora lenta e gradual, ora instantanea e fulminante d'esta raça infeliz; as guerras estrangeiras; as capitania reunidas, separadas, outra vez reunidas; a residencia dos governadores emfim transferida continuamente de uma para outra capital; eis ahi, por uma das suas faces, os accidentes ordinarios d'essa vida mesquinha e tormentosa, que nos propozemos a esboçar.

A maior parte d'estes e de outros muitos males, prendiam na questão abrasadora dos indios; e as leis, perpétua e monstruosa afirmação e negação dos mesmos principios, favoneando ora a liberdade, ora o captiveiro, entretinham esta funesta preocupação, impellindo os cidadãos, alternativamente animados e illudidos em suas esperanças, da energia e do furor á prostração e á ignavia.

Infatuados da sua nobreza, igualmente pungidos pelo orgulho e pela miseria, e tão avidos de riquezas como incapazes de grauezas pelos meios licitos e ordinarios, elles só honravam a ociosidade, as guerras, as matanças e as espoliações; o trabalho, cousa baixa e vil, carregava exclusivamente sobre os escravos.

Privados além d'isso de toda e qualquer distracção, a não serem algumas raras festividades de caracter religioso, extenuados de toda a casta de vexações, poucos em numero, e quasi blo-

queados naquelles remotos e estreitos presidios ; vendo-se, medindo-se e encontrando-se a cada passo, é facil imaginar a que gráu de exasperação não subiriam os seus odios mesquinhos, envenenados de mais a mais periodicamente, nas residencias e devassas janeirinhas — campo aberto a todas as facções para se digladearem, e vasto laboratorio de calumnia e diffamação, elevado pelas leis ao caracter de instituição regular e permanente.

Todas estas desordens e paixões más deviam necessariamente medrar á sombra da geral ignorancia. A educação e instrução civil e moral do povo era nenhuma ; a da classe dos nobres e cidadãos, quasi nulla. Tudo se reduzia a algumas práticas religiosas meramente exteriores, e a poucas escolas elementares regidas pelos jesuitas. Ao desenvolvimento da intelligentia punham-se estorvos, perseguindo-se nas devassas os *homens versistas*, como fabricadores de satyras e pasquins contrarios ao decóro dos governantes. Assim as abusões e superstições pullulavam por toda a parte, punham-se os feiticeiros a bom recado, regulamentavam-se as bruxas, e os religiosos de Santo Antonio intentavam acção de força ás formigas ou saúbas para as fazer despejar da sua cerca. A barbaria finalmente, na época da expulsão dos jesuitas, invadia por tal modo a população, que, banida já a lingua portugueza, só da geral ou tupica se fazia uso até nos mesmos pulpitos.

Se nos accusarem de pessimismo, e de vermos tudo através de um prisma negro, passaremos dos factos até aqui considerados, menos susceptiveis, pela sua mesma natureza, de apreciações rigorosamente exactas e uniformes, para os da ordem material e economica, onde já as duvidas e as divergencias nem sequer serão possiveis.

A população, que não excedia a uma dezena de mil almas, variegada e mesclada, como já vimos, concentrava-se nas duas capitais do Estado, ou disseminava-se por uma estreita zona junto ao littoral, d'onde era todavia frequentemente afugentada pelas

incursões dos selvagens, que nunca lhe consentiam penetrar com segurança pelos sertões adentro. Os processos agricolas e industriaes eram grosseiros e nulos, por isso mesmo que todo o genero de industria existia manietado, e quasi suffocado pelos privilegios e restrições. Requisitavam-se do reino a cada passo mestres e officiaes dos officios mecanicos mais sabidos e trivias, e tal era a falta d'elles que o mesmo individuo exercitava douis e tres ao mesmo tempo. As terras, a principio sem valor venal, e lavradas, como propriedade commun, por quem primeiro se mettia de posse de qualquer lote, depois dadas em vastas sesmarias, mediam-se por ampulhetas, isto é, computava-se a sua extensão pelo tempo gasto em percorrer o espaço por agua ou por terra, e sem que os medidores dessem desconto ás multiplicadas voltas e meandros dos rios. As subsistencias, aliás escassas e simples, tiravam-se principalmente da caça e da pesca; uma ou duas rezes mortas aos sabbados, e não mais, bastavam a suprir o açougue. As penurias e carestias não eram raras; faltavam frequentemente o sal, o vinho e outros generos importados do reino; e por falta de vinho e hostias mal se podiam celebrar as missas em certas occasiões. Passavam-se um e douis annos sem chegar um navio ao porto; e cerca de um anno levou Berredo retido em São Luiz, depois de findo o seu governo, sem achar occasião de transportar-se ao reino. O commercio, como na infancia das sociedades, fazia-se por meio de permutas, servindo comunummente de moeda o fio e panno grosso de algodão, e pagando-se o sólido á tropa em peixe, farinha e outros generos. As casas de taipa, mal construidas, e em grande parte cobertas de pallha, agrupavam-se em torno dos conventos, fortalezas e residencias dos governadores; as ruas não calçadas e cheias de escavações designavam-se pelos nomes dos seus mais notaveis moradores; os poucos edificios publicos, as igrejas, as fontes existiam de ordinario em estado de ruina.

A recente cidade apresentava assim todos os signaes da decrepitude; e poder-se-á avaliar a sua extensão nos fins do se-

culo XVII sabendo-se que ainda em 1700 os seus suburbios não se estendiam além da igreja de São João. Uma carta régia, reproduzindo as informações de um governador, nos fazia a seguinte pintura da colonia, não menos verdadeira que sombria :—Os moradores das ribeiras, afugentados pelo gentio, os engenhos abandonados, a cultura do algodão extinta, porque os lavradores haviam sido forçados a preferir a do assucar, o porto sem carga, e deserto de navios, o commercio enfim arruinado.

Tal era o Estado do Maranhão e Grão-Pará quando sucedeu a revolta do Boquimão ; e tal continuou ainda até o tempo em que a administração vigorosa e a tantos respeitos illustrada, do marquez de Pombal começou a dar nova face ás cousas.

Respondendo ao nosso illustre compatriota Gonçalves Dias que exagerava e elevava a populaçao indigena na época do descobrimento a muitos milhões, exclamavamos nós que para isso fôra mister que tres seculos de civilisação europea fizessem menos que os seculos ignotos de barbaria que os precederam. Mas um estudo mais longo e reflectido da sua acção na nossa infeliz patria obriga-nos hoje a desdizer-nos, e a reconhecer que a um seculo de completo abandono seguiu-se no Maranhão seculo e meio de um governo tão inepto, absurdo e impotente nos seus meios e principios, como esteril e fnesto nos resultados. Á vista d'elles a consciencia mais timorata pôde subscrever, e applicar-lhes sem escrupulo a sentença inexoravel que o grande historiador portuguez proferiu sobre outros tempos igualmente calamitosos — vasto cemiterio de podridão e lantejoulas, a que uma historia sem philosophia e sem verdade chamou época gloriosa.

Se apezar de tudo, do seio de tantas miserias surgiu um grande povo que com tanta galhardia caminha aos seus altos destinos sob a direcção de um principe esclarecido e feliz, que tem sabido imprimir todos os caracteres da grandeza ás virtudes simples e modestas da justiça, do bom senso e da

prudencia; não ao merito dos colonisadores, e ás suas instituições positivas o devemos, senão ás leis eternas do aperfeiçoamento e progresso incessante\ da humanidade, e, ao favor visivel da Providencia, que nos tomardo pela mão, e nos fazendo atravessar por todas as provações da grande iniciação, nos concederá por fim o gozo de todos os direitos e vantagens que andam de companhia com a civilisação.

Sejamos justos todavia, e façamos a cada um a parte de bem e de mal que nos acontecimentos lhe compete. As leis oppressivas, cujo complexo foi designado pelo nome generico de *sistema colonial*, se tiveram por primeiros inventores os portuguezes e hespanhoes, por isso mesmo que elles foram os primeiros colonisadores da America, foram depois servilmente copiadas, e applicadas ainda com maior rigor e exageração pelas demais nações da Europa. As classes mais numerosas da metropole viviam sujeitas a uma legislação pouco menos intoleravel; e era contra os portuguezes transplantados e seus immediatos descendentes que aquellas leis se applicavam nas colónias. Em situação excpcional e muito mais deploravel encontramos sem duvida os indios e africanos, votados constantemente á escravidão e ao extermínio, e victimas eternas de reinoes, colonos, governantes e governados; mas ainda aqui a historia recorda como circumstancia attenuante a favor da conquista portugueza todos os crimes e horrores da hespanhola, tanto mais atrozes, quanto era maior a civilisação e a sensibilidade das raças immoladas. E como ultima consideração para refrearmos quaequer sentimentos injustos ou indiscretos de orgulho, de odio e de rivalidade, devemos ter em vista que os brasileiros actuaes, e pelo menos a parte esclarecida, rica e preponderante da nação,— os que pensamos, escrevemos, analysamos e sentenciamos o passado, somos descendentes, não dos opprimidos, senão dos oppressores.» (1)

(1) *Obras*, vol. 3º, pag. 171 e seguintes.

Tudo muito bom, muito verdadeiro, menos o final.

Não é verdade que os brasileiros actuaes, ou pelo menos a parte esclarecida, rica e preponderante da nação—os que pensamos, escrevemos, analysamos e sentenciamos o passado, sejajam todos descendentes não dos opprimidos e sim dos oppressores.

Isto não é a verdade, pelo menos até hoje: a maioria da actnal populaçāo brasileira é, d'alto a baixo, comprehendendo os que *pensam, escrevem, analysam e sentenciam o passado*, de mestiçados em qualquer grāo, por pequeno que seja.

A razão das illusões de Lisboa neste caso peculiar provinha da facilidade com que a cōr mais ou menos clara dos mestiços disfarçados se confunde sempre com a cōr dos seus progenitores portuguezes, que, como bons mestiços, não o esqueçamos, que tambem são de velhas fusões, pertencem ao numero dos povos *morenos* ou *melanocroicos*. É isto e nada mais. No tempo de João Lisboa, entre os que *pensavam e escreviam* ninguem excedia a Gonçalves Dias e ao proprio Lisboa. O poeta era, toda a gente sabe, mestiço dos que não podem negar, e o prosador tinha nas veias muitas gottas do sanguē indigena, segundo todas as apparencias.

Sobre a questão da influencia dos indigenas na populaçāo e no caracter brasileiro, Lisboa, diga-se de passagem, atravesou dois periodos: no primeiro refutou os exageros de G. Dias sobre o valor d'aquelle influ-

encia; no segundo fez *amende honorable*, reconhecendo que tinha sido por sua vez exagerado no seu negativismo.

Refutou então as theses falsas de Varnhagen, sobre a nenhuma importancia da contribuição indigena. Varnhagen retrucou, mas fez pessima figura nessa emergencia.

Ha outra consideração mais séria a fazer.

O grande escriptor, como o geral dos pensadores pertencentes a povos de organisação communaria, só tinha os olhos bem abertos para vêr os vicios e defeitos do governo e da administração publica; era, porém, cégo para enxergar a séria incapacidade intrinseca d'esses povos para tirarem-se por si mesmos das difficuldades e tecerem com elevação, grandeza e brilho seu proprio destino.

Lisboa, esse politico, esse jurista, esse historiador, que sabia falar e escrever, e, por isso, foi dos maiores oradores e prosadores de nossa lingua, nasceu em Pyrapemas, na freguezia de N. S. das Dores do Itapecurumirim, no Maranhão, aos 22 de março de 1812 e falleceu em Lisboa, aos 26 de abril de 1863.

O centenario de seu nascimento está proximo e merece ser festejado em todo o Brasil. (1)

(1) Com ser um escriptor recentissimo, cuja biographia foi feita por autores do valor de Henrques Leal e Sotero dos Reis, na vida de Lisboa andam já introduzindo diversos erros. É assim que o Sur. José Veríssimo escreveu: « Elle assistira no seu mesmo Maranhão ás luctas da Independencia, e nellas tomou parte como joven jornalista. » É evidentemente engano; em 1822 tinha Lisboa 10 annos apenas. Só em 1832 publicou seus primeiros artigos jornalisticos.

Joaq^m
Caetano

Joaquim Caetano da Silva (1810-73) é a gloria mais doce, mais pura, mais desinteressada do Brasil.

Foi o typo do sabio, do sabedor mais modesto, mais alheio a qualquer genero de *pose* que temos possuido.

No recolhimento, na despreoccupação, na indifferença aos applausos da platéa, só conhecemos que se lhe possa equiparar em toda a historia espiritual brasileira, o grande jurista nacional — Clovis Bevilaqua.

Joaquim Caetano foi acima de tudo uma consciencia, meticulosamente pura, applicada ao estudo.

Escreveu pouco; mas este pouco é de enorme valor, pela escrupulosa investigação, aturada analyse, pacientissimo exame de que foi resultado.

Era o typo do erndito, do espirito que não se aventura a escrever duas linhas sobre qualquer causa sem ter percorrido toda a literatura do assumpto.

Sua educação classica e scientifica foi mui rigorosamente dirigida. As humanidades e bellas-letras, — estudou-as em Paris, obtendo alli o grão de bacharel; a medicina, — estudou-a em Montpellier, onde se doutorou.

Cultivou com predilecção tres ordens de estudos: sciencias physicas e medicas, philologia greco-latina e portugueza, historia geographica da America e especiamente do Brasil.

Deixou alguns escriptos nestas tres categorias de assumptos. Os melhores são os que se referem ás questões de historia geographica. No genero não existem

superiores em qualquer literatura. São ao geito das monographias exhaustivas dos mais eruditos scientistas allemães. É a minucia levada ao ultimo requinte.

Releva apontar os principaes passos de sua vida intellectual que explicam a composição de suas obras.

Nascido no Rio Grande do Sul, em Guarda do Serrito, perto de Jaguarão, a 20 de setembro de 1810, feitos alguns estudos, seguiu para Paris em 1826.

Alli, como já noticiamos, se bacharelou em letras.

Em 1829 já se achava em Montpellier, cuja faculdade de medicina frequentou.

Naquelle anno, numia *Sociedade literaria luso-brasileira*, fundada alli por elle e alguns patricios e portuguezes para o estudo da lingua e da literatura nacionaes, apresenton uma *Lista de quatrocentas e noventa palavras que Moraes esquecera em seu Diccionario e das quaes aliás se servira explicando os significados de outras dicções*. Em 1832, á mesma Sociedade apresentou o *Suplemento ao Diccionario de Moraes*, onde se encontram mais *quatrocentos vocabulos*, colhidos nos classicos, e que não occorrem no trabalho do grande lexicographio brasileiro.

Em 1836 sujeitou ao exame do *Círculo Medico de Montpellier* — o *Fragment d'un mémoire sur la chute des corps*.

Em 1837 — escreveu e apresentou á Faculdade medica — *Quelques idées de philosophie médicale*.

É a these de doutoramento.

Estão ahí notados escriptos de philologia e sciencias physicas e medicas.

Uma vez no Rio de Janeiro, onde aportou em fins do anno de 37, foi no anno segninte nomeado lente das cadeiras de portuguez, rhetorica e grego do Collegio Pedro II, ficando pouco depois com esta ultima cathedra, qnando se organisou definitivamente aquelle instituto de ensino.

A esse periodo pertencem os trabalhos ineditos que deixou: — *Grammatica Portugueza, Mecanismo da Lingua Grega.*

Mas, por esse mesmo tempo, fôra Joaquim Caetano eleito membro do *Instituto Historico e Geographico Brasileiro.*

Não era homem para num cargo ou posição qnalquer desdenhar o trabalho. Atiron-se com fervor ao estudo da historia e geographia do novo continente. Em 1851, leu nas sessões de 26 de setembro e 10 e 24 de outubro, a — *Memoria sobre os timites do Brasil com a Goyana Francêza,* que vem impressa na *Rérvista* do alludido Instituto, tomo 14º, de pag. 421 a 512.

O imperador D. Pedro II, que assistiu a leitura, recebeu tal impressão da profundeza das investigações, da incidez da argnmentação, da cópia de saber do auctor, que logo, no mez seguinte, isto é, aos 14 de novembro, fel-o despachar encarregado de negocios junto ao governo da Hollanda, no só intuito de pesquisar de perto

documentos elucidativos do tratado de Utrecht, que tanto interessava ás questões de limites do Brasil com a França.

¶ Joaquim Caetano, a principio como encarregado de negocios, depois como consul geral do Brasil, não descançou. Procedeu a porfiadas investigações, descobrindo documentos nos archivos dos Paizes-Baixos de que fez tirar copias e enviar para o Brasil, e escrevendo esse livro immorredouro, unico em seu genero, denominado—*L'Oyapock et l'Amasone — question brésilienne et française.*

¶ O livro apareceu em Paris em 1861, em dois grandes volumes.

¶ O fundo e a forma são de uma contextura admiravel.

¶ O imperador, quando o leu, declarou que *valia por um exercito de duzentos mil homens destacados na fronteira.*

O direito do Brasil não soffreu nunca mais contestação séria ; a nossa victoria era infallivel : era só esperar occasião opportuna e um arbitro na altura do caso pela independencia e auctoridade moral, e um negociador habil.

¶ Tivemos mais tarde no digno Presidente da Confederação Suissa e no Barão do Rio Branco.

¶ Mas é preciso que os brasileiros não esqueçam nunca que a Joaquim Caetano é que devemos os maiores esforços nesse memorável debate.

Honra a esse obreiro quasi obscurecido pela negra ingratidão dos homens.

Elle está arrolado entre os grandes vultos ignorados sobre cujos hombros montam os felizes da politica.

Outro tanto, seja dito de passagem, acontece com José Alexandre Teixeira de Mello, o mimoso poeta das *Sombras e Sonhos*, e, depois, devotado cultor da historia patria : foi elle quem, na admiravel Memoria sobre a questão das Missões, desbravou definitivamente o terreno para a victoria que tambem nos coube nesse pleito famoso. (1)

Faltava ahi sómente a oportunidade e um arbitro independente como encontramos no Presidente dos Estados Unidos, além da dexteridade do negociador.

Joaqnim Caetano retirou-se para o Brasil em 1863, sendo nomeado inspector geral da instrucção publica do Municipio Neutro (Rio de Janeiro) e, logo apôs, director do Archivo Publico Nacional.

Apezar de quasi cégo, não deixou os seus caros estudos historicos. Foi então que, sob o titulo de *Questões Americanas*, elle se preparava para esclarecer varios

(1) O livro de Teixeira de Mello intitula-se: *Limites do Brasil com a Confederação Argentina: memória sobre quae sejam os verdadeiros Santo Antonio e Pepery*; Rio de Janeiro, 1883.

pontos da geographia historica do Novo Mundo não resolvidos por Alexandre de Humboldt no seu famoso *Exame critico da Historia da Geographia do Novo Continente*.

Dous capitulos d'essas *Questões Americanas* chegaram a aparecer: o primeiro versa sobre a palavra *Antilia*; o segundo, sobre a palavra *Brasil*.

Revelam uma erudição assombrosa.

O grande auctor de *L'Oyapock et l'Amasone* faleceu aos 27 de fevereiro de 1873, aos sessenta e tres annos de idade.

O 1º centenario de seu nascimento é a 2 de setembro de 1910.

Não deve essa data ser esquecida pelos intellectuaes do Brasil, os patriotas, os cultores da nossa historia.

Como exemplificação da maneira sobria de escrever e dos processos de argumentação d'este sabio, damos aqui o pequeno artigo por elle publicado em o numero da *Minerva Brasiliense* de 1º de dezembro de 1843, sobre a *lei da gravidade*:

«Quando as questões scientificas se costumavam encarar quasi exclusivamente com os olhos da alma, assentavam os philosophos que não podia o descenso dos graves deixar de fazer-se na razão directa das massas. Mas quando coineçaram a reabilitar-se os cinco sentidos corporaes, tiveram os sabios de mudar de opinião, porque assim o exigiram imperiosas experiencias. Primeiro que todos o immortal Galileo, observando que uma leve bola de céra,

largada de cima da torre de Pisa, chegára ao chão quasi ao mesmo tempo que pesadas bolas metalicas do mesmo volume; colligiu que esta diferença de rapidez, já que de nenhum modo se achava em proporção com a diferença das massas, seria occasionada pela resistencia do ar, e que, a não ser este obstaculo, diferença nenhuma se notaria. Ainda mais se persuadiram os sabios de que assim era na verdade, quando viram corroborada esta experiecia de Galileo pela experiecia mais rigorosa de Désaguliers, o qual, largando de cima da cupula de São Paulo de Londres, altura de 272 pés ingleses, duas bolas de igual volume, mas cujas massas estavam na proporção de 1 para 19, observou que a diferença da rapidez era unicamente como de 1 para 3. Passou finalmente a persuasão a ser convicção, quando o immortal Newton mostrou que, encerrando-se em um tubo de vidro, de cinco a seis pés de comprimento, um consideravel pedaço de chumbo e uma pequenina porção de rama de penna, se neste tubo se fazia o vacuo, nenhuma discrepancia se percebia no descenso de massas tão desiguales; e logo que se ia novamente introduzindo o ar, quanto mais ar entrava, tanto mais devagar caía a pluma. Desde então até hoje unanimemente proclamaram todos os tratados de physica, como uma verdade inconcussa, que *no vacuo exerce-se a gravidade sem respeito ás massas*; e isto fazem, não só os estimaveis doutos que se limitam a propagar as descobertas alheias, mas ainda a selecta minoria dos mais profundos pensadores; sendo entre todos doutrina tão corrente que até já passou do sanctuario da sciencia para os dominios da literatura, como se pôde ver nos preciosos synonyms com que, além de outros thesouros, tem opulentado as letras portuguezas o muito veneravel eminentissimo cardeal patriarcha de Lisboa.

Entretanto, se, ao contemplarmos esta formula da lei da gravidade, nos acudir á lembrança a grande lei da attracção planetaria, talvez ajuizemos que, assim como seria infructuoso olhar

para a natureza só com os olhos de dentro, tão pouco será razoavel fitar nella só os de fóra.

No vacuo exerce-se a attracção planetaria na razão directa das massas, e inversa do quadrado das distancias. Eis ahi a grande descoberta de Newton em astronomia ; eis ahi o grande principio que, porfiadamente rebatido pelos extremos discípulos de Descartes, de todos triumphou cabalmente, e de tal modo influe, ha mais de um seculo, no animo de todos os astronomas, que, se por ventura nos calculos que levantam sobre este alicerce lhes argúe a observação algum erro, firmemente permanecem convencidos que foi, não por vicio da lei geral, mas por causa de alguma particularidade menos bem averiguada.»

Ora, postas assim ambas juntas diante dos olhos, não se vê que laboram em contradicção a lei da attracção planetaria e a lei da gravidade? Bastará por ventura responder que não ha implicancia, por ser uma para os astros, e a outra para os corpos terrestres? Mas se o principal progresso nas sciencias consiste justamente em restringir o numero das leis; e se, por outra parte, a majestade da attracção planetaria nos está incitando a desejar que ella não seja meramente planetaria, mas realmente universal, como muitos lhe chamam, não devemos nós examinar se a ella se pôde reduzir a gravidade, que com ella tanto se parece? — Como, porém, se, enquanto nos brada a astronomia que a attracção se exerce na razão directa das massas, nos está a physica mettendo pelos olhos que a gravidade prescinde das massas? — Mas se, applicando á gravidade a lei da attracção, nos convencermos de que por força nos ha de parecer que devem todas as massas cair no vacuo com igual rapidez, sem que todavia seja real esta apparente identidade; se nos convencermos, ao mesmo tempo, de que procede a illusão de não serem as massas com que experimentamos assaz desproporcionadas entre si, relativamente á sua desproporção com a massa da terra, parece que ficará resolvido o problema proposto.

Seja um metro cubico de platina, e um millimetro cubico de cortiça. Massas descompassadamente desconformes, porque, de uma parte, pesando um kilogramma um decimetro cubico de agua distillada, que é o termo de comparação que se costuma empregar, sendo a platina 23 vezes mais pesada que a agua, equivalendo um metro cubico a mil cubos de decimetro, pesará o metro cubico de platina 23.000 kilogrammas; e de outra parte, pesando um decimetro cubico de cortiça 24 centesimos de kilogramma, e sendo um millimetro cubico a millonesima parte de um decimetro cubico, apenas pesará o millimetro cubico de cortiça 24 centesimas-millionsimas partes de um kilogramma. De sorte que, se tomamos por unidade o peso d'esta porçaozinha de cortiça, ficará o peso da grande machina de platina representado por 95.833 milhões e 333.333 unidades; e esta mesma será a expressão das massas, visto estarem sempre as massas na razão directa dos pesos.

Indaguemos agora qual seja a massa da terra.

Tem de volume o nosso planeta 1 quatrillião, 80.944 trilliões, 947.420 billiões, e 800.000 milhões de cubos de um decimetro; ora, pesando cada um d'elles, termo médio, 5 kilogrammas e 48 centesimos, segue-se que o peso total do globo é de 5 quatrilliões, 923.578 trilliões, 311.865 billiões, e 984.000 milhões de kilogrammas; e ficará a sua massa indicada por este numero subidissimo.

Conhecidas assim as massas dos tres corpos, supponha-se que se soltam no vacuo da altura de 18.000 metros, o metro cubico de platina, com o millimetro cubico de cortiça, e calcule-se o que d'á a grande lei newtoniana.

Mover-se-á a cortiça para a terra com a força indicada pela massa da terra, e mover-se-á a terra para a cortiça com a força indicada pela massa da cortiça; de modo que ha de ser o resultado como se a terra ficasse immovel e para ella se movesse a cortiça com a força de 5 quatrilliões, 923.578 trilliões, 311.865 billiões,

984.000 milhões de unidades e 24 centesimas-millionesimas partes da mesma unidade.

Mover-se-á a platina para a terra com a mesma força indicada pela massa da terra, e mover-se-á a terra para a platina com a força indicada pela massa do metal; de modo que ha de ser o resultado como se a terra ficasse immovel e para ella se móvesse a platina com a força de 5 quatrilliões, 923.578 trilliões, 311.865 billiões, 984.000 milhões e 23.000 milhares de unidades. Ora, que proporção existe entre os dous resultados?

Representando-se o menor por 1, ficará o maior representado por 1, e tres quintillionesimas partes da unidade.

Logo, se o metro cubico de platina levar um minuto a vencer a supposta altura de 18.000 metros, vencerá o millimetro cubico de cortiça o mesmo espaço em um minuto, menos 180 quintillionesimos de segundo.

Mas quando poderão os homens apreciar tão subtil diferença?

E quando farão elles a experientia com tamanha altura, e com massas tão desproporcionadas?

Assentemos portanto que podem ser fallazes as experientias que mais terminantes parecem; e concluamos que, pelo que respeita ao descânço dos graves, fica a observação conciliada com a theoria.» (1)

Deixando de tratar, por brevidade, dos irmãos Cândido e João Mendes de Almeida, Antonio Henriques Leal, J. P. Xavier da Veiga, Rayol e Teixeira de Mello, estes dois ultimos por estarem ainda vivos, devemos algumas palavras ao auctor das

(1) *Minerva brasiliense*, vol. citado.

Felicio dos Santos Memorias do Districto Diamantino :—Joaquim Felicio dos Santos (1828-1895).

Mais conhecido como jurisconsulto, este distinto mineiro foi tambem jornalista e auctor de contos e narrativas românticas.

Foi redactor do *Jequitinhonha*, auctor do romance *Acayaea* e de *Apontamentos para o Código Civil Brasileiro* (1881), *Projecto de Código Civil Brasileiro* (1882), *Commentario ao Projecto de Código Civil Brasileiro* (1884-87).

Apparece, porém, neste compendio, por causa das citadas *Memorias do Districto Diamantino da comarca do Serro Frio* (1868).

É uma das obras de historia nacional mais bem feitas que possuimos.

Como Varuhagen, Lisboa, Mello Moraes, Joaquim Caetano, fez pesquisas, viu os documentos, estudou seriamente o assumpto ; mas se Lisboa, por exemplo, lembra pela discussão e pelas syntheses Guizot, Felicio dos Santos traz á memoria Aug. Thierry, não pela sobriedade majestosa do estylo, senão pelo dom da evocação pinturesca dos factos e dos personagens historicos.—O livro é delicioso de naturalidade, de singeleza, de tom realístico.

A vida dos sertanejos mineiros, da região diamantina, apparece, durante dois séculos, da segunda metade do século XVII á primeira do século XIX, em plena movimentação.

Vê-se que é obra de legista, mas legista que educou a phantasia no romance.

Os homens alli vivem e se movem.

Não é sem vantagem reproduzir neste logar o retrato por Felicio traçado do ultimo intendente do districto — o celebre naturalista Manoel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá:

«Camara, diz Felicio dos Santos, era homem de estatura ordinaria, corpulento, robusto, vigoroso, de largas espádoas, porte ativo, andar firme e desembaraçado ; tinha as feições regulares, rosto bastante corado, labios grossos e sensuaes, olhar vivo e penetrante, testa larga e intelligente, cabellos bastos, grossos e negros, quasi sempre em desalinho. Nada mais difficult que descrever seu caracter moral, cheio de contradicções e incoherencias ; predominavam, porém, sempre as excellentes qualidades que lhe adornavam o espirito e o dirigiam para o bem. Em certas circumstancias mostrava-se o homem despota, arrogante, altivo, orgulhoso, enfatuado ; em outras, o homem urbano, amavel, popular, descendo — nesse tempo era propria a expressão — *descendo* a nivelar-se com a classe infima, convivendo com ella, esquecendo-se de sua posição e da auctoridade de que estava revestido. Algumas vezes, mas raramente, colérico, vingativo, deshumano, inexoravel, sem compaixão ; outras vezes, e era quasi sempre, nisso consistia o fundo de seu caracter, humano, paciente, caridoso, indulgente, occultando muita cousa, ou fazendo occultar-se para não ser obrigado ao extremo da punição. Dos sentimentos de Camara o que mais sobressaía era seu amor á patria : foi um verdadeiro brasileiro. Antes d'elle quasi que só os Portuguezes obtinham empregos na administração diamantina ; muitas vezes já vinham de Portugal com recommendação da directoria ou da corôa para serem empregados. Camara

sempre dava preferencia aos Brasileiros: d'ahi a guerra encarniçada que sofreu durante todo o tempo de sua intendencia por parte do governo de Villa-Rica. Foi seu pensamento constante, seu maior empenho melhorar a sorte de seus patricios, já modificando na execucao o *barbaro regimento diamantino*, já introduzindo reformas uteis, como sementes de civilisação que mais tarde haviam de fructificar. Foi geralmente respeitado e temido como um pequeno soberano, que governava o districto diamantino com um poder absoluto. Uma vez tomada uma resolução nem as leis vigentes serviam de pées á realisação de seu pensamento.

Na administração da justiça não conhecia formalidades, era tudo rapido, expedito.» (1)

É tempo de passar aos publicistas e oradores.

(1) *Memorias do Districto Diamantino*, pag. 291.

SECULO XIX

(PHASE ROMANTICA)

1830-1880

IV

Publicistas e Oradores

No Brasil, mais ainda do que nouros paizes, a *literatura* conduz ao *jornalismo* e este á *politica*, que, no regimen parlamentar e até no simplesmente representativo exige que seus adeptos sejam *oradores*.

Quasi sempre as quatro qualidades andam juñtas : o *literato* é *jornalista*, é *orador* e é *politico*.

Ás vezes apparecem, pelo menos, conjugadas as duas primeiras.

As figuras que devemos vêr agora passar, mui rapidamente, perante nós, serão apenas as de *D. Romualdo Antonio de Seixas*, *Bernardo Pereira de Vasconcellos*, *José Ignacio de Abreu e Lima*, *Antonio Pereira Rebouças*, *A. P. Maciel Monteiro*, *Francisco de Salles Torres Homem*, *Justiniano José da Rocha*, *José Maria do Amaral*, *Francisco Octaviano de Almeida Rosa* e *José Bonifacio de Andrade e Silva*.

Deixam-se de analysar muitos outros e d'este numero são : *Manoel Alves Branco* (Visconde de Caravelas), *Diogo Antonio Feijó*, *J. J. Carneiro de Campos*, *Miguel Calmon Dupin* e *Almeida Marquez*

de Abrantes), *Francisco Gé de Acaiaaba Montezuma* (Visconde de Jequitinhonha), *José Clemente Pereira*, *Paulino José Soares de Souza* (Visconde de Uruguay), *Firmino Rodrigues Silva*, *Bernardo de Souza Franco*, *Gabriel Rodrigues dos Santos*, *João Francisco Wanderley* (Barão de Cotelipe), *Antonio Gonçalves Martins* (Visconde de São Lourenço), *Angelo Muniz da Silva Ferraz* (Barão de Uruguayan), *Francisco José Furtado*, *Honorio Hermeto Carneiro Leão* (Marquez de Paraná), *Fernandes da Cunha*, Visconde de Sinimbú, Marquez de São Vicente, *José Thomaz Nabuco de Araujo*, *José Maria da Silva Paranhos* (Visconde do Rio Branco), *Gaspar da Silveira Martins*, *Antonio Ferreira Vianna* e duzentos mais. (1)

A razão d'esta exclusão é que esses nomes nada têm a ver com a literatura. Se têm existido literatos políticos e políticos literatos, não é menos certa a existencia de individuos em que as duas qualidades se excluem.

Na lista supra e infra estão incluidos varios dos mais famosos políticos brasileiros, muitos dos quaes não tinham merecimento serio e andam ainda hoje engrandecidos devido tão sómente a lendas adrede preparadas.

É um dos problemas a resolver pelos futuros historiadores: reduzir às suas exactas proporções os politiqueiros que encheram os tempos do primeiro reinado, da regencia, do segundo reinado e da actual republica.

Grave injustiça seria, depois de haverem elles auferido todas as vantagens da politicagem, galardoal-os ainda com um quinlão na historia literaria.

(1) Entre estes estão: *Pedro de Araujo Lima* (Marquez de Olinda), *A. P. Limpio de Abreu* (Visconde de Abaeté), *J. J. Rodrigues Torres* (Visconde de Itaborahy), *Clemente Ferreira França* (Marquez de Nazareth), *Eusebio C. Mattoso Camara*, *A. F. de P. de Hollanda Carvalhant de Albuquerque* (Visconde de Albuquerque), *Thomaz Gomes dos Santos*, *Paulo Souza*, *Theophilo Ottoni*, *Carvalho Moreira* (Barão de Penedo), *Silveira Lobo*, *José Antonio Saraiva*, *M. P. de Souza Dantas*, *Francisco Belisario*.

De todos os politicos brasileiros havidos até hoje, os mais meritorios nos parece terem sido — *José Bonifacio*, o velho, pela energia que desenvolveu no seu curto governo, comprimindo os excessos liberalisantes e dispersivos d'um lado e as pretengões absolutistas e recolonisadoras de outro; tudo quanto fez depois foi sem merito; *Diogo Feijó*, não por suas ingenuas aventuras de constituição civil do clero brasileiro, extinção do celibato clerical, ameaças de desligar a egreja do Brasil da de Roma e outras, sim pelo vigor com que resistiu á anarchia desenvolvida desde os primeiros tempos da Regencia, no periodo em que foi *ministro da justiça* e não no que foi *Regente*; *José Clemente Pereira*, não pelos conluios em que andou mettido com *Ledo* e outros para tomar o governo a *José Bonifacio*, no tempo do primeiro imperador, senão pelo acerto com que, no tempo do segundo, *asphyxiou* as revoltas de São Paulo, Minas e outras; *Bernardo de Vasconcellos*, pelo criterio com que resistiu aos desatinos da época regencial de *Feijó*, reduzindo, quanto possível, d'ahi por diante, as tendencias separatistas, animadas pela descentralização exagerada què se pretendia tirar anarchicamente do *Acto Adicional*, preparando a *Lei de 3 de dezembro de 1841*, assignada pelo Visconde de Uruguai, mas que foi obra do grande mineiro.

D'estes quatro politicos, porém, apenas o primeiro e o ultimo têm algo a vêr com a literatura e isto já se mostrou, quanto áquelle, no competente logar d'este livro, e no que se refere ao outro pelo que se verá oportunamente.

Não deixaremos, em compensação, de dizer quatro palavras d'um dos mais esquecidos prosadores que o Brasil tem possuido. Não foi orador nem politico: foi um estudioso que sabia escrever. Referimo-nos a *Cætano Lopes de Moura*, tão injustamente deslembiado pelos brasileiros.

D. Romualdo Antonio de Seixas, Marquez de Santa Cruz (1787-1860) foi um espirito altamente culto nas letras catholicas e na literatura classica; mas com D. Romualdo de Seixas

ser um theólogo e o de mais valor que o Brasil tem possuído, não deixou de ser um espírito aberto ao progresso, desejoso do engrandecimento de nossa pátria.

Para provar-o, bastante é ler as suas *Memorias*, interessantes por mais de um título, e a coleção de seus *Discursos Parlamentares*.

Nestes destacam-se acima de todos os que se referem aos seguintes assumptos: Sobre a necessidade de se mandar um naturalista e um engenheiro ao Pará e Rio Negro (1826); Em que lamenta o deplorável estado da Comarca do Rio Negro e sustenta a conveniência em transformá-la em província separada da do Pará (1826); Sobre a vantagem de se crearem no Brasil companhias privilegiadas para promoverem a navegação dos rios e a abertura de estradas e canais (1826); Sobre a abolição do tráfico da escravatura (1827); Sobre as escolas do 1º grau (1827); Sobre a criação de autoridades próprias na Comarca do Rio Negro (1828); Sobre a suspensão do tutor do Imperador (1834); Sobre a intervenção do senado na Reforma Constitucional (1834); Sobre a questão do governo do Brasil com a corte de Roma (1836).

Por todos estes discursos e outros que se não citam por brevidade, bem se vê que o velho Romualdo, entre 1826 e 36, tinha mais idéias e se mostrava mais adiantado do que muitos dos magnatas políticos de hoje.

Como prova d'esta asserção e amostra do estylo oratorio do auctor, damos aqui um trecho d'um dos discursos sobre a comarca do Rio Negro :

«Eu creio, que o Sr. Bernardo de Vasconcellos não percebe bem o fim da indicação, quando ella pede que se mande um engenheiro, e um naturalista; porque diz, que os Conselhos das Províncias estão encarregados de formar a estatistica.

Eu não sei, que relação possa ter a estatistica com os conhecimentos particulares da historiia natural, que são os fins, a que se dirige a indicação; julgo-a portanto urgentissima. Pelo que toca ao engenheiro, seja-me licito antes de tudo, lançar um golpe de vista sobre o deploravel estado da Comarca do Rio Negro. Alli não ha uma só escola de primeiras letras, sendo a população de mais de 20 mil habitantes : os indios, que formam a mór parte desta população, têm sido victimas da mais insaciavel cobiça, e atroz tyrannia, de maneira, que espancados, e perseguidos, se têm tornado muitos a refugiar nos bosques, persuadindo aos outros, que se não reunam em sociedade. É na verdade impossivel, que homens acostumados a viver no estado da independencia natural, prefiram a essa liberdade absoluta um genero de vida aonde não encontram, senão a mais terrivel, e insupportavel escravidão. Por outra parte, não ha alli fortificações, que mereçam este nome, não ha tropas, não ha nada ; ao passo, que a Comarca do Rio Negro se torna da maior importancia, pela sua posição confinante com as Províncias do Perú, Guianna Franceza, e Hollandeza. Ora, pergunto eu, se neste estado de desgraça não será bom mandar um engenheiro, ao menos, para informar com conhecimento de causa sobre os meios da segurança de um paiz aberto por todos os lados?... Pelo que toca ao naturalista, parece, que até nem pôde admittir discussão. Quem não conhece as raras producções, e vegetaes preciosos, de que abunda a Província

do Pará, aonde têm sido tão proveitosos á humanidade ! Quando se cortou a communicação com Lisbôa na época da invasão dos Francezes, não se fez uso em todo esse tempo, senão dos remedios do paiz : e isto mesmo está praticando o actual physico mór d'aquelle Provincia, que tem analysado a maior parte desses vegetaes. Eu estava disposto até a fazer uma indicação, para que se creasse na capital do Pará uma cadeira de Botanica, cujos alumnos fossem descobrir, e classificar estes admiraveis productos ; porque desgraçadamente não se sabe nada, senão pelos escriptos de alguns estrangeiros como *Condamine*, que apenas refere o que viu nas margens do Amazonas, e talvez se saberá mais alguma cousa, quando apparecerem as observações dos dous sabios naturalistas allemães, que ultimamente viajaram até a parte superior do Rio Negro.

Eu não me cançarci de repetir, que o Rio Negro se acha reduzido ao mais deploravel estado, especialmente no que diz respeito á populaçao. As familias indianas, que formam a parte mais preciosa della, acossadas, e perseguidas, andam dispersas, e têm fugido para os mattos, que haviam deixado: por toda a parte se apresenta aquelle caracter de atrocidade, e de perfidia, que praticaram com estes innocentes indianos os primeiros conquistadores do Novo Mundo. É verdade, que já não soltam cães de fila, como o fizeram os *Pizarros*, e *Cortezes* na America Hespanhola, chegando a impia zombaria desses malfeiteiros a dar aos cães os mesmos soldos, e gratificações de um official, em premio da sagacidade, e destreza, com que elles se precipitavam sobre os desgraçados indios, e os reduziam a pedaços : porém ainda se soltam tigres de figura humana, e de um coração ainda mais duro; quero dizer officiaes inferiores, commandantes, e governadores, que pela sua crudelidade, têm convertido o Rio Negro em um vasto deserto. Quanto ao commercio,

que sendo favorccido pela navegação dos rios, e pelas riquezas do solo, poderia prometter grandes vantagens, elle tem sido inteiramente monopolisado pela sordida cobiça dos governadores. É superior a toda a expressão, Sr. Presidente, o descaramento com que muitos destes Nababos, ou governadores têm ligado as mãos do negociante, e do especulador, a fim de protegerem exclusivamente os seus proprios agentes ou caixeteiros. A agricultura, e a industria, têm soffrido os mesmos vexames: a Fazenda Publica, existe na maior confusão; e as excellentes fabricas de anil, e piassava, e outras estão decadentes, é arruinadas: em uma palavra, esta Comarca tão rica, e tão favorecida pela natureza, não offerece mais do que tristes ruinas, em quanto o observador, e o viajante, lastimando a sorte de tão ameno paiz, admira as suas bellas proporções, e os germens da mais solida prosperidade. Em tais circunstancias, que remedio se poderá oppôr a tantos, e tão inveterados males? Só me lembra um, que me parece mui prompto, e opportuno: é a divisão da Comarca do Rio Negro em Província independente do Pará. Sim, em quanto o Rio Negro estiver sujeito a este governo, nem o presidente do Pará poderá olhar com attenção, e zelo para um departamento tão distante nem o governo subalterno do Rio Negro poderá fazer todo o bem que desejar, e estiver ao seu alcance. Os factos vêm em apoio da minha asserção. Quando acontecia apparecer no Rio Negro um bom governador (*rara avis in terris*), logo o capitão general do Pará, por espirito de ciume, e dc emulação, estorvava nos seus melhores projectos, ou recusava nos seus melhores projectos, ou recusava a sua coadjuvação para os mais importântes estabelecimentos: assim sucedeua ao governador Manoel da Gama Lobo, a cujo genio creador se deve o que ha de bom no Rio Negro, a despeito da oposição que encontrou no capitão general. Se, porém, era máo o governador do Rio Negro, como quasi sempre acontecia, então se mostravam indiferentes a todas as suas violencias os capitães generaes, de sorte, que o povo sempre vinha a soffrer. Ah! Sr. Presi-

dente, quanto são desgraçados os povos, que vivem longe da séde do Imperio ! Bem o conhecia o abade Raynal, quando attribuiu a um destes depositarios do Poder, esta insolente linguagem—Deos está bem alto, o Imperador está bem longe, e eu estou aqui.— Com a divisão, o presidente olhará para a nova Provincia como causa propria, de que elle só será responsavel. Se fôr bem escolhido, trabalhará em promover a felicidade dos povos, pois nisso vê o seu proprio interesse ; se fôr mal escolhido, não se poderá desculpar com o governo do Pará. O prelado pela sua parte empregará todos os esforços para chamar ao gremio da Igreja, e da sociedade sessenta e tantos mil idólatras, que ainda vivem errantes pelos mattos; e cuidará particularmente em formar um clero proprio e digno de reger as missões, sem que seja preciso incomodar o do Pará, que não basta para reger as proprias igrejas, sujeitando-se a infinitas privações, e ao estado de miseria, e, posso dizer, de aviltamento, a que se acha reduzido, pelo empate de suas limitadissimas congruas, e extrema pobreza de seus freguezes. É por estas razões, que me lembra propôr este meio unico, que me parece exequivel.» (1)

Bem claro se vê que a deploravel anarchia politica, social e economica, que reina no actual Estado do Amazonas e que tem sido objecto de tremendos debates hodiernos, tem profundas raizes historicas e ethnographicas.

A inveterada politica alimentaria, que alli tem reinado ha mais de tres seculos, só poderá ser extirpada por uma completa transformação operada por impulsos educativos de caracter particularista.

(1) *Obras* do arcebispo da Bahia, Marquez de Sta. Cruz, t. 3º pp. 1-7.

D. Romualdo nasceu na villa de Cametá a 7 de fevereiro de 1787; fez estudos em Portugal; ordenou-se em 1810 e foi nomeado arcebispo da Bahia em 1826.

Falleceu a 29 de dezembro de 1860. Deixou grande cópia de escriptos, entre os quaes se destacam sermones, pastoraes, estudos historicos e theologicos, discursos parlamentares e as referidas *Memorias* de sua vida. Em suas veias corria abundantemente o sangue indigena.

Bernardo Pereira de Vasconcellos (1795-1850) Bernardo
de Vas-
concellos

foi um typo curioso em verdade.

Tem andado muito mal apreciado, envolto em lendas, aptas a obscurecerem-lhe a figura.

Deve ser posto, como dissemos, em o numero dos quatro maiores politicos que o Brasil tem possuido.

Seus titulos para entrar nesse numero não são as suas agitações democratizantes da primeira phase de sua carreira parlamentar, a guerra desnorteada e anarchica que fez ao governo do primeiro imperador, a não acceitação do cargo de ministro de Estado em 1828.

Tudo isto é de pequena monta; eram attitudes irrequietas d'um espirito ambicioso que procurava se destacar.

Seu valor não se deve tambem aquilatar pelo *Código Criminal*, de 1830, obra exageradamente gabada, attribuida, sem criterio, ao illustre mineiro. Sabe-se hoje que

o quasi informe projecto por elle apresentado á Camara dos deputados foi alli completamente refundido pelas commissões que o estudaram e relataram. (1)

Os verdadeiros titulos de Bernardo de Vasconcellos á gratidão dos brasileiros são: diversas medidas de ordem pratica que fez passar na camara dos deputados nas sessões de 1826 à 30, todas tendentes a substituir o velho systema colonial da administração publica por um regimem de accordo com as novas instituições; na energia com que no ministerio, que governou com a Regencia Trina de 16 de julho de 1831 a 3 de agosto de 1832 cuidou dos negocios da fazenda, reprimiu o trafico de africanos e refreou varias revoltas da soldadesca amotinada ou da demagogia em delirio.

Fazia parte d'este ministerio, na pasta da justiça, o famoso Diogo Antonio Feijó, illustre por haver ligado seu nome a algumas das mais acertadas medidas então tomadas. É evidente, porém, que o espirito inspirador do governo foi então o de Bernardo de Vasconcellos. Era muito mais illustrado, muito mais activo, de maior plasticidade para acompanhar as mutações do tempo e conhecer por onde devia agir, do que Feijó, que, na phrase de D. Romualdo, era *um homem de poucos conheimentos, bem que habil e resoluto.*

(1) Vide na *Rerista de Jurisprudencia*, anno 2º, nº 3 de janeiro, as *Notas historicas* de Baptista Pereira.

Torna-se isto claro apreciando os destinos ulteriores dos dois politicos: Feijó, depois de seu notavel ministerio, não produziu mais nada que tivesse valor; foi Regente do Imperio, de 1835 a 37; mas seu governo foi então fraco, vacillante, inorganico: De quéda em quéda, sob os golpes exactamente de Bernardo de Vasconcellos, chegou até ao ponto de renunciar o seu alto posto.

É que Feijó, muito mais integro do que seu antigo aliado e posterior adversario, era menos habil do que elle; tinha mais caracter e muito menor capacidade intellectual.

Feijó continuou no liberalismo impenitente de 1826, 31, 34; Bernardo, depois da amarga experienzia que teve da demagogia em acção na revolta mineira de 1833, em que, assumindo o governo da provincia, abandonado pelo presidente fugitivo, teve de arcar, em meio de graves perigos, com a anarchia, ficou plenamente convencido da incapacidade do liberalismo theorico para organizar povos, e voltou-se para os elementos conservadores da sociedade.

Desde então foi trabalhando neste sentido com habilidade.

Em 1834, de volta de seu drama mineiro, no seio da Camara dos deputados, ainda ajudou a confecção e passagem da reforma da constituição que teve o nome

de *Acto Adicional*, mas já lhe chamava de *codigo da anarchia*.

É este um passo curioso que convém ser referido: «Elaborado o projecto, diz o Marquez de Santa Cruz em suas *Memorias*, por uma commissão especial, foi apresentado pelo sen relator o deputado Bernardo Pereira de Vasconcellos, que, ao entrar no salão, disse aos que estavam junto d'elle, mostrando o parecer por elle mesmo assignado — *eis aqui o codigo da anarchia!*... A expressão não era nem coerente com as opiniões até então professadas pelo nobre relator, nem mesmo exacta e logica, pois que o *Acto Adicional*, saia do ventre da mesma Constituição, fundado pelo elemento democratico tão proeminente na Carta brasileira.» (1)

Era isto verdade; mas havia alguma cousa que o grande arcebispo não via: era a intenção latente que se ia fazendo no largo espirito do deputado mineiro.

Em 1835 já não era possivel desconhecer, por mais de um symptoma, a alludida alteração das intenções politicas do celebre parlamentar.

Começava, desde o fim do anno, na roda dos intimos, a oposição a Feijó mais ou menos accentuada. Em 1836 a lucta iniciou-se sem tregos. Ao chegar para a sessão d'esse anno o declarou sem rebuço.

(1) *Memorias do M. de Santa Cruz*, pag. 88.

« Entretanto, escreve D. Romualdo, chegava da província de Minas Geraes o Deputado Bernardo Pereira de Vasconcellos, já inteiramente convertido, a ponto de declarar-me na primeira entrevista que tivemos, que elle vinha disposto a combater a *heresia e anarchia*. Fossem quais fossem as suas intenções, e os motivos que produziram uma tão inesperada mudança, não se podia desprezar um aliado tão poderoso, e que já tinha dado imensas provas de sua rara habilidade parlamentar.» (1)

Em 1837, pôde-se dizer, estava organizado o partido conservador sob a chefia do deputado mineiro.

Feijó, assediado de dificuldades, renunciou o cargo de Regente em setembro, e no governo organizado a 19 d'aquele mês pelo seu substituto Pedro de Araújo Lima, aparece Bernardo de Vasconcellos na pasta da justiça e governa energicamente, por perto de dois anos, até abril de 1839.

De então em diante, fazendo já parte da Câmara dos senadores, contribuiu efficazmente até a data de sua morte em 1850 para todas as medidas conservadoras que conseguiram manter unido o Brasil, disciplinar as suas aspirações, dar um sentido à sua evolução histórica independente.

(1) *Loc. cit.*, pg. 95.

A lei de interpretação do *Acto Adicional*, a da reforma do *Código do Processo Criminal*, ou lei de 3 de dezembro de 1841 (assignada esta pelo Visconde do Uruguay), a da criação do Conselho de Estado e muitas outras, inspiradas no mesmo espirito, são d'esse numero, e o influxo de Bernardo de Vasconcellos em todas elles foi sensivel. Entretanto, Feijó, sempre fiel ao seu desarticulado liberalismo, ajudou a revolução parlamentar da maioridade e comprometteu os seus creditos de espirito disciplinado na desastrada revolta paulista de 1842. Para concluir: Bernardo de Vasconcellos figura nesta historia por seus extraordinarios talentos de orador.

A este respeito escreveu John Armitage: « Educado em Coimbra, nunca alli se distinguiu pelo seu talento ou pela sua applicação.

Restituído á sua patria, não tratou de aproveitar-se das pequenas vantagens que a sua educação lhe tinha assegurado; e foi só depois de haver sido nomeado deputado, quando já contava mais de trinta annos, que principiou a dar provas d'essa applicação intensa e d'esse talento transcendente, que lhe grangearam a admiração mesma dos seus mais encarniçados inimigos. A data d'este período, parece, que um novo principio começou a animar a sua existencia, e noite e dia foram por elle consagrados ao estudo da sciencia administrativa. Seus primeiros ensaios como orador nada tiveram de bri-

lhantes. As palavras eram mal collocadas, a elocução difficult, e a accão sem donaire. A estas desvantagens accrescia ainda a de ser desconceituado entre os liberaes, em consequencia de sua desordeuada ambição. Demais, sua moral passava por corrupta ; e uma serie de enfermidades, attribuidas por seus inimigos a uma vida dissoluta, e pelos seus amigos aos effeitos de um veneno subtil, tinham-lhe dado a apparencia e o porte de um sexagenario. A pelle murchou-se-lhe, os olhos afundaram-se, o cabello começou a alvejar; a marcha tornuou-se-lhe tremula, a respiração difficult, e a molestia espinhal, de que então principiou a padecer, foi para elle fonte inexhaustivel de crudelissimos tormentos. Em quanto, porém, passava o physico por este prematuro naufragio, parecia que o interno principio vivificante caminhava num progresso correspondente para o estado de perfeita madureza. O orador diffuso e sem nexo de 1826 tinha-se tornado dois annos depois tão eloquente e tão sarcastico, e havia apresentado um tão grande desenvolvimento do talento de discutir, que nenhum outro membro da casa lhe podia ser comparado; e quando, levado pelo entusiasmo, ou excitado pela paixão, dava largas a suas emoções, a sua figura decrepita e curvada elevava-se, qual a de um genio protector, á sua maior altura ; os olhos animavam-se de novo com todo o seu pristino lustre, e nas feições do seu arrugado e cadaverico semblante brilhavam por momeutos a mocidade renovada e a intelligentia. Esta preeminencia sobre seus collegas o

constituiu naturalmente chefe da oposição e o seu primeiro orador.» (1)

Bernardo Pereira de Vasconcellos nasceu em Ouro Preto em 27 de agosto de 1795. Enviado em 1807 a Portugal para ahi encetar os seus estudos, não conseguiu chegar ao seu destino, por ser aprisionado o navio que o conduzia e levado para Inglaterra. De volta ao Brasil, depois de aqui concluir os seus preparatórios, seguiu em 1813 para a metropole, matriculando-se nas aulas de direito na Universidade de Coimbra, que frequentou até 1818, quando recebeu o grão de bacharel.

De volta á patria em 1819, foi despachado juiz de fóra de Guaratinguetá, na província de São Paulo, e depois nomeado desembargador da Relação do Maranhão.

Eleito deputado geral por Minas em 1826, nunca mais deixou de ser reeleito, entrando para o senado em 1838.

Fez parte de diversas legislaturas da assembléa de sua província natal.

Foi membro do Conselho de Estado.

Fez parte do governo nos citados ministerios de 1831 e 37.

Faleceu, como já se disse, no anno de 1850.

(1) *Historia do Brasil*, por João Armitage, pag. 229.

Redigiu diversos jornaes; entre outros o *7 de Abril*, de 1833 a 37, e a *Sentinella da Monarchia*, de 1842 a 47.

Escreveu alguns opusculos, sendo os mais conhecidos o *Commentario á Lei dos Juizes de Paz* e a *Carta aos Snrs. Eletores da Provincia de Minas-Geraes*. Esta é digna de acurada leitura pelas noticias que encerra acerca da primeira phase do regimem representativo no Brasil.

Como exemplificação de seu estylo e de suas idéas na sua phase liberal, inserimos o pequeno discurso que proferiu em 1827 sobre protecção á industria:

«Renasce hoje a idéa de favorecer a industria com exuberantes privilegios, posto que tantas vezes tenha sido combatida nesta casa, e tantas vezes repellida: é força repetir argumentos, já mais de uma vez enunciados, eu espero que esta augusta camara me ouvirá com indulgência. Rejeito a emenda que exenta do quinto os couros, que se destinarem ao cortume nas nossas fabricas.

O Senhor Clemente Pereira lamenta o lucro que percebem os estrangeiros no preparo de nossos couros, que elles tornam a vender-nos; quer, que esse lucro seja dos brasileiros, e para o conseguir offereceu a emenda, que ora combato. Estas idéas do illustre deputado têm o seu apoio nesse principio erroneo, de que é possível que uma nação venda sem comprar, que só o dinheiro constitue riqueza etc. Este principio por si mesmo cae, nem me devo ocupar com sua refutação. Os productos estrangeiros quaesquer que sejam, são comprados com productos de nossa industria, que essas compras animam; e a nossa utilidade não está em produzir os generos e mercadorias, em que os estrangeiros se nos avantajam;

pelo contrario devemos applicar-nos ás producções, em que elles nos são inferiores.

Nem é preciso que a lei indique a producção mais lucrativa: nada de direcção do governo. O interesse particular é muito activo e intelligente; elle dirige os capitaes para os empregos mais lucrativos: a suposição contraria assenta nessa falsa opinião, de que só o governo entende bem o que é util ao cidadão e ao Estado. O governo é sempre mais ignorante, que a massa geral da nação, e nunca se ingeriu na direcção da industria, que a não anniquilasse, ou pelo menos a acabrunhasse: a historia o attesta.

O illustre deputado não convém, que a exempçao do quinto proposta na sua emenda seja um favor, e indirectamente direcção do governo em o emprego dos capitaes. Em pelo contrario entendo, que não se podia offerecer maior favor a este genero de industria do que ceder do quinto em seu beneficio; nem me ocorre, que alguma nação faça presentemente uma tão generosa concessão ainda ao mais importante ramo de industria.

A nossa industria a este respeito não pôde competir com a estrangeira, e assim ainda com esse grande favor ás nossas fabricas não se espere a exclusão dos couros preparados em paiz estrangeirô. E ainda quando se conseguisse essa exclusão por meio da emenda proposta, que se ganharia? Em vez de lucro teríamos em resultado consideravel perda. Este ramo de industria tão amplamente favorecido attrahiria muitos capitaes mais lucrativamente empregados, e ninguem ignora o grande dâmno resultante da improvisa arrecadação de capitaes. Digo muitos capitaes mais lucrativamente empregados, porque a não serem os seus actnaes empregos mais lucrativos, do que nessas fabricas, é infallivel que nellas se teriam empenhado, uma vez que nenhuma lei o vedava.

Insiste o mesmo illustre deputado o Senhor Clemente Pereira com sua emenda, attribuindo as opiniões dos economistas á calculos de interesses nacionaes, e comprovando a sua opinião com

os exemplos de ignaes favores concedidos a varios ramos de industria pelas duas mais illustradas nações, franceza e iugueza, e por fim negou que o favor da sua emenda não produziria a deslocação de capitaes em outra industria empenhados. Como pôde o illustre deputado negar esta deslocação? donde viriam os capitaes para as fabricas? persuade-se, que estão postos de morto nos thesouros particulares? Não, por certo. Os capitaes attrahidos por essas novas fabricas não podem deixar de estar empenhados em alguma industria, porque sendo a direcção natural dos capitaes para o seu emprego mais lucrativo, nuncá ficam ociosos a não ser em circunstancias raras e extraordinarias.

O exemplo das duas nações, allegado pelo illustre deputado, não favorece a sua opinião. Quando foram feitas as leis d'essas nações, que privilegiaram essas industrias? nos tempos de trévas, tanto que hoje tratam de reformar sua legislação economica, como confessou o mesmo illustre deputado. Se as ditas nações não reformam em um dia taes disposições, é porque a experiecia as tem instruido dos funestos effeitos sempre inherentes á precipitação; é porque a repentina suspensão dos favores e protecção deslocaria muitos capitaes da industria favorecida, e com tal deslocação se perderia uma boa parte d'elles. O exemplo d'essas nações poderia merecer attenção, se elles hoje concedessem taes favores para o estabelecimento de uma industria nova, ou para o augmento de alguma já estabelecida: e é exemplo, que decerto não produzirá o illustre deputado,

O illustre deputado o Senhor Clemente Pereira allegou para exemplo o favor que a Inglaterra dá á industria na exportação das mercadorias que é exempla de impostos, e accrescentou, que se admirava, que os senhores deputados, que hoje o impugnavam, approvem um tal favor na exportação ao mesmo tempo que se pronunciam contra os favores á industria. Se o illustre deputado me attribúe tal opinião, engana-se; não a professo, e nem me

lembra de a ter ouvido nesta casa senão ao mesmo deputado o Senhor Clemente Pereira. Grande é o prejuizo que sofre uma nação com tais favores na exportação de seus productos; é um bello artificio de pagar a estrangeiros um tributo, que elles não pedem; eu produzirei um exemplo convincentissimo. Os productos, que se exportam, valem (por exemplo) cem mil réis, e pagando dons de exportação não podem ser vendidos por menos de 102\$ rs., em retorno recebe o productor 102\$ rs.; extinga-se o imposto de 2 por cento: os productos podem ser vendidos por cem, e o retorno será de menos 2\$ rs., que lucrou o estrangeiro; isto não tem resposta. Comtudo em um, ou outro caso particular, estando creada uma grande industria, não duvidaria que se concedesse algum favor na exportação, quando os productos de outra nação podessem excluir os nossos dos mercados; d'este modo se prevenia a repentina deslocação de capitais, e é o caso da Inglaterra.

O illustre deputado o Senhor May, apoiando o Senhor Clemente Pereira, parece que quiz notar incoherencia na minha opinião sobre o quinto do ouro e a presente questão, attribuindo-a a provincialismo e lembrando-me que o deputado deva advogar os interesses nacionaes com preferencia aos locaes. Eu tenho provincialismo, não o nego; o meu sangue, o meu coração, eu todo sou mineiro, e poderá haver patriotismo sem provincialismo? cingindo-me á questão, a minha opinião sobre a emenda do Senhor Clemente Pereira não implica com a enunciada sobre o quinto do ouro; não tratei nesse projecto de favores nem de protecção, mas de reduzir o quinto, que por ser demasiado oneroso nada rendia. Se o illustre deputado o Senhor Clemente Pereira tratasse de reduzir o quinto dos couros, eu não me opporia; e se o fizesse, então poderia ser notado de contradictorio. Quanto aos receios do illustre deputado o Senhor May, de que approvando-se as minhas idéas tudo nos virá do estrangeiro até os mesmos quitutes, asse-

guro-lhe que elles não influirão em qualquer homem de Estado (para me servir da sua linguagem). Compramos os productos estrangeiros e quanto mais comprarmos, mais promoveremos a nossa industria.

Favor e oppressão significam o mesmo em materia de industria; o que é indispensavel é guardar-se o mais religioso respeito á propriedade e liberdade do cidadão brasileiro. As artes, o commercio e a agricultura não pedem ao governo, senão o que Diogenes pediu á Alexandre — retira-te do meu sol — elles dizem em voz alta — não temos necessidade de favor: o de que precisamos, é de liberdade e segurança.» (1)

Acerca de Bernardo de Vasconcellos convém lêr as biographias que d'elle escreveram: Justiniano José da Rocha e J. P. Xavier da Veiga, o primeiro na *Galeria de Brasileiros Illustres*, publicada por Sisson; o segundo em seu livro — *Ephemerides Mineiras*, tomo II, pag. 201 a 209.

Estas biographias estão reproduzidas na 2^a edição da *Carta aos Snrs. Eleitores da Província de Minas-Geraes*, onde tambem ocorre o discurso acima citado, de paginas 47 a 51.

José Ignacio de Abreu e Lima (1796-1869) é Abreu e Lima tambem uma figura digna de attenção.

Filho do revolucionario pernambucano de 1817, o famoso Padre Roma, tinha abraçado a carreira militar. Havia completado seus estudos e tinha já a patente de capitão, quando foi processado e condenado no Recife, por crime de *assuada, resistencia e ferimento*.

(1) *Carta* cit. pp. 47-51.

Aggravou para a Relação da Bahia, para onde foi transportado e recolhido a uma fortaleza.

Em sua ausencia rebentou em Pernambuco a revolução de 1817, sendo seu pae, o Padre Roma, enviado na qualidade de commissario do governo republicano á Bahia para concitar os habitantes d'essa cidade a aderirem á revolução.

Sabe-se qual foi o resultado: o emissario pernambucano foi preso, processado, condenado á morte e fuzilado no rapido espaço de tres dias por uma commissão militar.

O filho, o joven capitão, foi tirado da prisão e conduzido ao campo da Polvora, onde se dava o supplicio de seu pae, para aterrorisado assistir-lhe ao martyrio!

Comprehende-se a terrivel impressão que esse hediondo requinte de perversão deveria cansar n'alma do moço militar.

Livre do processo, retirou-se imediatamente do Brasil e foi pôr a sua espada ao serviço da independencia do Eqnador, Nova Granada e Venezuela.

Pelejou com denodo sob as ordens de generaes como Bolivar, Sucre, Paez, Soublette e Santander, distinguindo-se por actos de bravura.

Conquistou nos campos de batalhas os postos militares até brigadeiro.

Demorou-se em Venezuela até 1830, anno em que se retirou para os Estados Unidos e d'alli para a Europa.

Em 1832, porém, voltou para o Brasil, d'onde nunca mais saiu.

Não descansou, atirou-se ás lides da imprensa, tomando parte activa na collaboração d' *O Mensageiro Nictheroyense* (1835) e no *Raios de Jupiter* (1836.)

Movia então guerra ao governo do Padre Feijó.

Ainda em 1836, no mesmo espirito, publicou o livro, sob mais de um titulo interessante, denominado — *Bosquejo historico, politico e literario do Imperio do Brasil*.

Contém esse livro, hoje rarissimo e que devia ser reimpresso, a analyse do projecto do celebre Dr. Antônio Ferreira França offerecido á camara dos deputados na sessão de 16 de maio de 1835, para que se mudasse no Brasil o systema monarchico em republica democratica.

Contém mais a analyse do projecto do deputado Raphael de Carvalho sobre a separação da igreja brasileira da Santa Sé apostolica.

O auctor já neste escripto mostra seu espirito caustico e suas raras habilidades de polemista.

São muito para apreciar as considerações que faz acerca da composição e do estado da população nacional naquella phase do seculo XIX. Era então quasi tudo como hoje.

Em 1837 reproduziu, na *Revista Medica Fluminense*, um seu antigo escripto publicado em Bogotá, sob o titulo de *Memoria sobre a planta conhecida na Republica de Colombia pelo nome generico de guaco.*

No mesmo anno de 37 publicou a *Memoria sobre a elephancia.*

Abreu e Lima foi um polygrapho que se occupou de politica, direito, cousas religiosas, historia, literatura, medicina, assumptos scientificos, etc.

Poderia ter um nome seguro e brilhante entre os historiadores, se tivesse feito pesquisas originaes. Não as fez infelizmente, limitando-se a compêndiar os livros de seus antecessores. Ainda assim, seus trabalhos do genero são dignos de leitura, porque são bem redigidos.

O *General das Massas*, como lhe chamavam não sabemos porque motivo, sabia escrever. Sua lingua é clara, corrente, movimentada e geralmente correcta.

No genero historico, a que nos iamos referindo, publicou o general em 1843 — o *Compendio da historia do Brasil desde o seu descobrimento até a coroação de D. Pedro II*, em dois volumes. Existem varias edições reduzidas num volume só.

Acerca do *Compendio de Historia do Brasil*, F. A. de Varnhagen escreveu um estudo que enviou ao *Instituto Historico*.

Esse estudo analytico foi julgado digno de grande apreço, e por isso em o numero 21 do tomo 6º da *Revista do Instituto* lê-se o seguinte parecer :

« A commissão de redacção da Revista trimensal do *Instituto Historico e Geographico do Brasil* examinou o *primeiro juizo* que acerca do novo Compendio de historia do Brasil publicou o Sr. J. I. de Abreu e Lima, e achando *cordatas* as considerações feitas pelo nosso socio o Sr. Francisco Adolpho Varnhagen, especialmente *contra o plagio tomado do insignificante escriptor Francez Beauchamp* : é de parecer que o Instituto deve adoptar e publical-o na Revista, para que possa chegar ao conhecimento dos possuidores do dito Compendio ; visto que para a instrucção elementar é menos *recommendavel* que o do Sr. Bellegarde. Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 1844.— *J. da Cunha Barbosa,— Antonio José de Paiva Guedes de Andrade.*»

Effectivamente no mesmo tomo 6º saiu a lume o referido *primeiro juizo*, expressão esta imprópria, porque faz suppor ter Varnhagen escripto mais de um *juizo* acerca do compendio de Abreu e Lima, quando de facto escreveu um só.

O general, estimulado pelo escripto do futuro auctor da *Historia Geral* e ainda mais pelo parecer do Conego Januario, saiu a campo em defesa de seu livro e publicou a famosa — *Resposta do General José Ignacio de Abreu*

e Lima ao Conego Januario da Cunha Barbosa ou analyse do primeiro juizo de Francisco Adolpho de Varnhagen acerca do Compendio de História do Brasil.

Em todo o conteúdo da brochura o auctor grifha sempre a expressão *primeiro juizo* como impropria, porque não se conhece segundo, nem na Revista do Instituto nem em qualquer outro jornal ou periodico. •

Entretanto, Sacramento Blake, illudido pelas fatidicas palavras — *primeiro juizo*, escreveu estas linhas: «A primeira critica a que responde saiu na *Minerva Brasileira*, tomo 1º, 1843, pag. 51; a segunda, taxando esse compendio de uma reprodução, na maior parte, do que sobre a nossa historia escreveu Beauchamp, saiu na *Revista do Instituto*, tomo 6º, pags. 60 a 83.»

Para se chegar a este resultado é mistér não haver lido nem o artigo de Varnhagen, nem a resposta de Abreu e Lima, nem o escripto da *Minerva*.

Contra a paternidade d'este escripto concedida ao auctor da *História Geral* protestam os seguintes factos: 1º, o estylo que nada tem de commun com o de Varnhagen; 2º, a assignatura do artigo que é T., parecendo ser da lavra de Torres Homem, assiduo colaborador da *Minerva*; 3º, o não se referir nunca, em sua resposta, o general a tal artigo; 4º, a estada então de Varnhagen em Lisboa, não tendo tempo de, apenas saído o *Compendio* em fins de 1843, receber na Europa

um exemplar e enviar nm *juizo* que viesse a sair ainda em 1843 na *Minerva*, em enja collecção não se encontra aliás um só artigo de sua lavra ; 5º, não se comprehender que a commissão do *Instituto* recommendasse como inedito e pedisse a pnblicaçāo d'um escripto já publicado na *Minerva* : 6º, finalmente, ser o referido artigo favoravel ao livro de Abreu e Lima, como se vê por este topico :

«É uma producção que, se não offerece o interesse que lhe poderiam dar indagações originaes ou vistas novas, apresenta todavia outra especie de meritos que a critica deve assinalar. Esta obra que no estreito limite de douis volumes abrange a historia toda d'este paiz desde o seu descobrimento até á maioridade de D. Pedro II, em 1840, não é em graude parte senão uma compilação bem feita e coordenada, do que o seu auctor encontrou de melhor nos diferentes escriptores que o precederam. Exceptua-se, porém, o ultimo capitulo do livro, em que o auctor relata os acontecimentos de que foi testemunha ocular e que comprehendem o periodo de dez annos decorridos entre a abdicação de Pedro I e a proclamação da maioridade de seu successor.

A profunda imparcialidade com qne são encarados os successos d'esse decennio tempestuoso, imparcialidade que seria rara em um contemporaneo qualquer e muito mais em um homem que não foi espectador passivo de alguns d'elles, faz de certo bastante honra ao caracter

do Sr. Abreu e Lima. Ahi distingue-se um espirito consciencioso, que dirigido unicamente pelo amor da verdade, prescinde de todas as considerações, que poderiam por ventura alterar a fidelidade historica que elle se propôz observar escrupulosamente. Como compendio de historia este trabalho é, em nosso conceito, o mais util que ha sido publicado sobre este objecto.» (1)

- Como quer que seja, a Abreu e Lima não agradou a critica que lhe fez Varnhagen e o açodamento que mostrou Januario em publical-a, e saiu a terreiro para defender-se.

Sua resposta é uma das publicações polemisticas mais formidaveis pela mordacidade das que se conhecem em lingua portugueza, aliás fertil no genero.

Varnhagen, que era muito mais preparado em historia do Brasil, mas que escrevia com muito menor habilidade e muito menor espirito, retrucou em 1846 na *Replica apologetica de um escriptor calumniado e juizo final de um plagiario diffamador que se intitula general*.

É visivel o esforço do erudito escriptor para mostrar graça, sem a possuir.

Sua replica, apezar d'isso, contém paginas mui interessantes.

(1) *Minerva Brasiliense*, n. 2, de 15 de novembro de 1843 pag. 59.

De 1832 a fins de 43 residiu Abreu e Lima em Nictheroy e Rio de Janeiro.

Naquelle ultimo anno retirou-se para a sua terra natal — Pernambuco. A *Resposta a Januario* já é datada do Recife.

Em 1845 publicou alli o seu mais valoroso livro de historia, que é a *Sinopsis ou deducção chronologica dos factos mais notaveis da historia do Brasil*.

De 44 a 48 tomou parte na redacção do *Diario Novo*, advogando as idéas do partido liberal. Foi por isso envolvido no processo instaurado aos revolucionarios de 1848.

Neste anno redigiu *A Barca de São Pedro*.

Em 1846-47 fez apparecer no Rio de Janeiro, por incumbencia da casa Laemmert, a *Historia Universal desde os tempos mais remotos até os nossos dias*.

É uma compilação methodica; é assignada pelo pseudonymo — *Um Brasileiro*.

É de 1849 a *Cartilha do Poro*, sob o pseudonymo de Franklin.

Em 1855 fazia, no Recife, apparecer *O Socialismo*, talvez a mais antiga publicação brasileira que advogou algumas idéas d'esse sistema.

Já velho e proximo do tumulo, nos annos de 1866 e 67, travou pela imprensa uma terrivel polemica com o

Padre Joaquim Pinto de Campos acerca de biblias falsificadas.

D'essa polemica originaram-se o livro que traz por titulo — *As Biblias Falsificadas ou Duas Respostas ao Sr. Conego Joaquim Pinto de Campos*, — pelo Christão Velho, Recife, 1867, e *O Deos dos Judeos e o Deos dos Christãos, terceira resposta ao Sr.^r Conego Pinto de Campos*, pelo Christão Velho, Recife, 1867.

Muitos outros escriptos existem de Abreu e Lima, impressos uns, ineditos outros, que não mencionamos por brevidade.

Para concluir, diremos que a coloração geral de suas idéas era, em politica, a de um liberalismo moderado, como mostrou principalmente na sua lucta contra Feijó, Autonio Ferreira França, Raphael de Carvalho, e mesmo no livro *O Socialismo*; em religião a de um velho catholico, ao geito de Doellinger, Herculano e outros.

Aqui vae um trecho seu para estudo de estylo:

Abreu e Lima escreveu sobre a pouca aptidão do estado das populações nacionaes para a republica, em 1835, estas palavras :

« É acaso em um paiz onde os cidadãos resistem a todos os meios legaes de destruir o flagello da escravidão, onde as leis são inefficazes para minorar o mal que nos afflige, onde tudo conspica a perpetuar a miseria da nossa posição social, que se inculcam

principios de uma liberdade sem freio, de uma licença popular, de uma perfeita democracia? !... Que outro povo existe, que possa servir-nos de exemplo? Os Estados Unidos que apenas contam hoje 1/6 da sua população em captiveiro, ou qualquer das Republicas sul-americanas, cuja proporção é infinitamente menor? Os Estados Unidos, cujos 5/6 são perfeitamente homogeneos, sem mescla de classes distintas com direito a reclamar, sem americanos do § 4º, sem um mestiço ou negro armado, sem inglezes nas camaras legislativas, sem padres que invadam o dominio temporal? Que somos nós outros? O coração se nos parte ao concebermos a triste idéa de retratar-nos, porque enfim somos brasileiros; porém, resistindo a todas as affeções do amor proprio ferido, vamos a pintar-nos como somos: dissequemos a nossa população, e vejamos por dentro a sua contextura orgânica, as entradas d'esta entidade anomala, que não pertence a especie alguma do mundo conhecido... À primeira vista se observa que a nossa população se acha perfeitamente dividida em duas partes iguaes, isto é, pessoas livres e pessoas escravas, que de certo não apresentam grande afinidade. Todavia, feliz de nós se esta parte livre fosse homogênea e encerrasse condições de uma perfeita igualdade; longe d'isto, ella se subdivide em quatro famílias distintas, e tão oppostas e inimigas umas das outras, como as duas grandes secções entre si. Esta subdivisão é conhecida do modo seguinte: — negros livres, mestiços livres, brancos nativos e brancos adoptivos, — sem contarmos com os indios (que ainda formam uma quinta família) por ser uma classe inerte e de nenhum peso em política. Que paiz no mundo apresenta um quadro tão informe? Revestidos de varios matizes representamos um verdadeiro prisma, que exposto aos raios do sol mostra as cores de um Iris esplêndoso, *Iris de guerra*, que em nada se parece com a Mensageira de Juno. Que somos todos adversos e rivais uns dos outros na proporção de nossas respectivas classes, não necessitamos de argumentos para provar-o, basta só que cada um dos que lerem este papel, seja qual for a sua condição, metta a mão na sua consciên-

cia e consulte os sentimentos de seu proprio coração. A nossa rivalidade com os adoptivos nasce de uma condição, que não é peculiar a nós outros unicamente; ella está na generalidade dos povos que foram colonos, com respeito aos que foram metropoles; uns porque não permitem superiores, os outros porque não consentem iguaes. A mesma razão se dá com respeito aos mestiçados; nós não admittimos a igualdade, por effeitos de habitos arraigados, talvez por nossa má educação; elles não toleram superioridade, porque são homens como nós, nascidos no mesmo sólo, e filhos de nossos proprios paes; embora a lei os nivele e assemelhe, o habito e as preoccupações inutilisam seus effeitos. Os negros ainda se acham em maior distancia pela sua condição, e pela idéa de que ainda se resentem da escravidão, que supportaram elles mesmos, ou seus progenitores, mas esta injusta opinião não basta para amortecer no coração de um negro a dignidade de seu ser, considerado como individuo da especie humana. São injustas na verdade todas estas preoccupações, são irritantes todas estas rivalidades: porém ellas existem, e contra factos não pôde haver argumeto. Qual seria pois a classe preponderante em um governo democratico, se chegassemos a ser tão mentecaptos que o admittissemos? Eis ahi ao que ninguem se atreveria responder sem cair em todos os inconvenientes de uma louca e temeraria presumpção... Logo que demos o primeiro passo para a independencia, nos julgamos desligados do resto do mundo, e muito superiores (não sabemos porque regra) aos nossos progenitores, aquelles mesmos que nos tinham legado todos os seus vicios com poucas de suas virtudes. É mistér não allucinar-nos, se ainda queremos salvar-nos do naufragio que nos aguarda; é forçoso reconhecer o que somos, para não despedaçar-nos contra os escolhos que temos diante; somos portuguezes, porém já degenerados; e sem embargo, como ousamos lançar a barra mais longe que a França e que a Inglaterra nesse grande systema de convenção social, em que é preciso um todo perfeito e homogeneo para formal-o...? Logo que podemos

conhecer pelo curso da revolução a nossa incapacidade para improvisar constituições, devíamos convencer-nos de que as nossas reformas deviam se fazer com lentidão e com tino; porém quando cansados das oscilações políticas, que nos têm agitado, ainda pretendemos sair da nossa esphera para admittir *utopias* como realidades práticas, merecemos por certo a execração da posteridade e as maldições da presente geração. » (1)

É uma pagina um pouco rude acerca do estado das populações brasileiras na época em que escreveu o general. É de 1835, como ponderamos, e tudo, pelo menos, que diz sobre escravos não tem mais razão de ser.

As cousas estão hoje modificadas; certas afirmativas, porém, são ainda agora verdadeiras.

O problema ethnographico e historico da formação das populações brasileiras, tão simples como é, quando tratado sem preocupações mesquinhas, transforma-se numa *vexata quæstio*, quando é encarado com os preconceitos correntes.

Recentemente surgiram tres supostos argumentos contra a imparcialidade da sciencia neste assumpto:

1º é um debate desnecessario; 2º é inconveniente; 3º é um ponto de vista atrasado.

O primeiro argumento é de todo insubsistente e extravagante.

Se ainda hoje se estudam as origens de que dominaram os egypcios, os assyrios, os babylonios, os persas,

(1) *Bosquejo Historico*, pag. 120 e seguintes.

os gregos, os arabes, os romanos e ainda mais os hespanhoes, os franceses, os allemães, os ingleses, não vemos motivo para que se não estudem as origens brasileiras.

Quanto ao segundo argumento da *inconveniencia* que se diz existir, principalmente por causa dos argentinos e outros latino-americanos, não vemos motivo algum para se calarem as verdades scientificas em attenção a irrisorios preconceitos internacionaes.

E, além d'isso, os latino-americanos não podem rir-se de nós, porque todos elles são d'alto a baixo *mestiçados* em escala igual e nalguns pontos superior á do Brasil.

Indios e *negros* entraram largamente na composição das gentes das Antilhas, das regiões do Golpho do Mexico, da America Central e das costas de Venezuela e Colombia e d'outras muitas zonas.

Pelo que toca ao affluxo puramente *indigena*, é assombroso na Republica Argentina, no Paraguay, no Chile, na Bolivia, no Perú, no Equador, em Venezuela, Colombia e Mexico ; muito maior do que no Brasil.

Além de tudo, quaesquer inconvenientes que porventura existam neste mestiçamento geral latino-americano, são elles de sobra resgatados pela *maior adaptação das actuaes populações ao clima e ao meio do novo continente* e pela *maior capacidade artistica* de que sempre

dão prova os povos cruzados, comparados aos seus progenitores, além d'outras vantagens que deixamos consignadas a pag. LI d'este livro.

O terceiro argumento consistente em declarar ser hoje *um ponto de vista atraçado* a uossa theoria ethnographico-nacional ; porque o Brasil de hoje *não é mais um paiz latino-americano*, depois que em S. Paulo se incorporaram *italianos* á nossa população e nos tres Estados do extremo sul se deparam grupos de *allemães*, é este *um modo de discutir inteiramente absurdo e futil*.

Primeiramente, os *italianos* são tão latinos quanto os portuguezes e hespanhoes ; e depois, além de que os tres Estados do Sul não constituem todo o Brasil, não passando de uma pequena porção d'elle, os taes *grupos de allemães* não se têm *mesclado ás nossas populações*, e, por consequencia, não as têm modificado, em que péze ao Snr. José Verissimo, que tem repetido ultimamente este famoso desacerto.

Para tudo dizer numa palavra : o Inconsciente da natureza e da historia sabe bem o que está a fazer com o caldeamento geral das raças que está operando em toda a America, nomeadamente no Brasil.

Antonio Pereira Rebouças (1798-1880) foi distinto como jurisconsulto e orador parlamentar.

Pereira
Rebou-
ças

Era quasi negro. É o mais nitido exemplar da capa cidade do mestiço para instruir-se e chegar a uma bella posição pelos seus talentos.

Tanto mais admirável é o caso de Rebouças quanto mais se sabe que foi completo autodidacta.

É que juntava à inteligência uma rara energia e inteireza de carácter.

No número de seus grandes feitos deve se contar a severidade com que educou seus filhos, dois dos quais, Antônio e André, foram duas glórias da engenharia e da sociedade brasileira.

O velho Rebouças foi jornalista em sua mocidade na sua terra natal — a Bahia; foi deputado provincial ali e deputado geral em diversas legislaturas, entre os anos de 1830 e 1847.

Exerceu a advocacia por dilatados annos, até 1880, data de sua morte.

Tem os mais completos títulos para figurar entre os nossos mais distintos juristas, oradores parlamentares e políticos de carácter.

Na primeira esfera são dignas de apreço as *Observações sobre a Consolidação das Leis Civis do doutor Augusto Teixeira de Freitas*, mui apreciadas pelos competentes.

São modelos de polémica atilada e cavalheiresca.

Muitos dos reparos de Rebouças foram aceitos por Teixeira de Freitas, que lhe retrucou em notas de seu famoso livro.

Ainda como amostra do saber jurídico do grande mestiço destaca-se a famosa *Representação para ser advogado forense*, dirigida á camara dos deputados do Império.

A essa representação, verdadeiramente notável e que anda appensa ao 2º vol. de seus discursos, respondeu a camara com esta resolução: «Art. 1º Antonio Pereira Rebouças está habilitado para advogar em todo o Império, independente de licença dos Presidentes das Relações, como se fôra Bacharel formado ou Doutor em Sciencias Juridicas e Sociaes.

Art. 2º Fica, para esse fim, dispensada a Lei de 22 de setembro de 1828, art. 2º, § 7º. »

Como parlamentar, sua capacidade resalta evidente pelo estudo dos dois bellos volumes que deixou sob o título *Recordações da Vida Parlamentar*. São oitenta discursos, não falando em varias allocuções.

Os mais notaveis são os que se referem á pena de morte (1830), voto de graças (1832), em defesa de José Bonifácio (1832), emendas do senado ao projecto de reformas da Constituição (1832), vitaliciedade do senado (1832), recrutamento (1837), orçamento (1837), importação de africanos (1837), voto de graças (1844), as assembléas provinciales (1846), filhos ilegitimos (1846), importação de africanos como colonos (1846), reforma judiciaria (1846), juro convencional (1847).

Na qualidade de político activo, que tomou parte conspicua em varios acontecimentos memoraveis, deixou o bello volume — *Recordações Patrioticas*.

Na historia literaria Rebouças tem direito de aparecer na qualidade de orador.

Os seus traços caracteristicos por esse lado são: o rigor logico da argumentação, a lucidez da exposição, o sabor artístico da fórmula, que é literaria sem esforço e sem rebuscamento.

Sob este ultimo aspecto é, talvez, o mais distinto de nossos oradores parlamentares, a contar de 1823 a 1850.

Como exemplo, citaremos um trecho do primeiro dos dois discursos proferidos em 1832 em defesa do Tutor Imperial, José Bonifacio.

Este malfadado assumpto, que preoccupou o governo e parlamento durante os annos de 1831 a 1834, constitue um dos pontos mais obscuros da moderna historia brasileira.

Pereira da Silva em sua *Historia do Brasil durante a menoridade de D. Pedro II*, e Moreira de Azevedo em o *Brasil de 1831 a 1840*, sustentam a culpabilidade de José Bonifacio nos manejos do chamado partido Caramuru no periodo precitado.

Natural era que o governo regencial, nomeadamente em 1832, anno em que Feijó era ministro da Justiça, enxergasse as cousas pelo mesmo prisma.

Cumpre não esquecer que o famoso padre era inimigo figadal do velho Andrade. Entretanto, homens da respeitabilidade moral de Antonio Rebouças e D. Romualdo de Seixas expressaram-se calorosamente em prol da inocencia do tutor imperial.

O ponto não nos parece liquidado, e não é este o lugar mais proprio para tentar investigações por esse caminho. Feijó, em relatorio enviado á Camara dos deputados, dizia naquelle tempo: «Á sombra d'essa apparente tranquillidade os partidos formaram-se, os planos foram concertados, e o governo, sem meios legaes para os destruir, viu-se na dura necessidade de apromptar-se sómente para o combate.

No dia 3 do passado (3 de abril de 1832) saiu a campo o primeiro partido gerado no *Club Federal*, mas illudiram-se as suas esperanças, falharam os seus calculos; e esse punhado de facciosos, que se atreveu a affrontar a Capital, colheu o fructo da sua temeridade.

A 17 do mesmo mez, com igual audacia, appareceu a facção restauradora, anunciada pelo insolente *Caramurú* e preparada no *Conventiculo* da conservatoria; igual tambem foi o resultado.

Doloroso, mas necessario, é dizer que a Boa-Vista foi o quartel-general dos conspiradores; que da Quinta saíram duas peças, que sob diferentes pretextos se recusou entregar dias antes; os criados do Paço formaram o grosso do exercito; e que os commandantes d'elle uão

cessavam de frequentar os que governavam ou dirigiam o mesmo povo.

Senhores, estes factos incontestaveis vos devem convencer do grande perigo em que estão a pessoa e os interesses do novo monarcha debaixo da tutela d'aquelle a quem a confiastes.

Se elle não é connivente, é tão inepto, que nem soube o que a capital ha muito presentia; ou, se soube, não preveniu o mal que nada menos importa do que a destronisação do seu augusto pupillo.»

Sobre o relatorio, as commissões de Constituição e Justiça Criminal da camara interpozeram parecer, propondo que fosse demittido José Bonifacio de Andrada e Silva do cargo de tutor do imperador e de suas irmans.

Seguiu-se largo debate, iniciado a 5 de julho pelo deputado Rebouças que, entre outras cousas, disse o seguinte :

«Bem tendes visto e ouvido o objecto da denuncia ; a parte do relatorio, a que se refere o parecer em discussão. Agora ouvireis a força substancial d'esse relatorio, e o juizo que eu faço do seu conteúdo. Assim como a cargo do tutor de Sua Majestade se acham a Pessoa do mesmo Augusto Monarcha, todos os seus bens, e, como estes, todos os seus domesticos : assim tambem á cargo do governo se acha a segurança da Pessoa Imperial com tudo quanto lhe respeita ; se acham as fortalezas, as guarnições d'ellas, as guardas de todos os logares da capital e provincia, o comportamento de todos os empregados respectivos. O governo soube o que a capital ha

muito presentia, pois que na capital se achava e fazia parte da capital; e, sabendo-o, não o preveniu.

Logo, o Governo é *connivente*. Estaes admirados, senhores? Pois eu vou seguindo o dilemma de que se serviu o ministro da justiça para deturpar em nossa presença e no Brasil inteiro o illustre Tutor do Monarchia em menoridade. Prosigo: Toda a capital ha muito presentia o mal que nada menos importava do que a destronisação do nosso Augusto Monarcha. O governo não presentiu. Logo o governo é tão inepto, que não soube o que a capital ha muito presentia — Servirão aos ministros os raciocinios? Deixarão de ser congruentes.

Se cremos o relatorio do ministro da justiça, é indubitavel que o governo, ou, pelo menos, o proprio ministro sabia palmarmente de ambas as conspirações, do concerto e planos dos conspiradores, etc. Segundo os principios do ministro da justiça, manifestados no seu relatorio, quem sabe de alguma conspiração, e não a previne, é connivente.

O ministro da justiça soube, e não preveniu as conspirações para o dia 3 e 17 de Abril. Logo, o ministro da justiça é connivente. As conspirações eram presentidas em toda a capital. O ministro da justiça, que fazia parte de toda a capital, não presentiu. Logo, o ministro da justiça é inépto. As guarnições das fortalezas, as guardas, etc., estão a cargo do governo, elles se revoltaram. Logo, o governo é connivente ou inepto.

Entretanto que o ministro da justiça confessa que o governo sabia das conspirações e dos conspiradores, bem como dos seus planos, e affecta, que não tendo meios legaes para destruir-lhos, viu-se na dura necessidade de apromtar-se sómente para o combate; pretende, todavia, que o tutor de Sua Majestade o Imperador tivesse meios para prevenir o que se não prova que elle soubesse existir.

Mas «as peças que sob diferentes pretextos se recusou entregar dias antes» grita o ministro, gritam todos os seus votarios. O pedido das peças prova que o governo sabia da conspiração; o pedido irregular prova que foi uma cilada armada ao illustre tutor; o pedido irregular e a acquiescencia á uma simples negativa provam que de facto se quiz acintemente deixal-as á mercê dos conspiradores. Um tyrauno, bem conhecido nos fastos da historia, era parente de douz grandes rivaes e, requintando em superstição como em perversidade, ameaçava com o ultimo supplicio a quem celebrasse a victoria de um dos seus antepassados, bem como a quem não a celebrasse, pois que, em qualquer dos casos, o offenderiam os que chorassem, ou deixassem de deplorar a falta de sua irmã; porque num caso lhe eram indiferentes, noutro se resentiam de se ella achar collocada no numero dos deoses.

Se acaso o illustre tutor dësse irregularmente as peças, darse-ia que provava medo e pouco zelo pelos bens da casa imperial. Como não as deu a quem irregularmente as exigia, é connivente da conspiração. E porque, meus senhores, não havia o governo declarar ao tutor a razão por que lhe pedia essas peças? Porque, sabendo o fim que ellas tinham, não instou com o tutor para as subtrahir ao uso que intentavam os conspiradores? Porque, sabendo onde se reuniam estes, onde guardavam armas e munições, não os surprehendeu, não os interceptou, antes de se reuniarem, antes de se porem em ação? Nas leis o governo tinha a auctoridade necessaria para semelhantes providencias; as leis o commandavam. Se o governo o não cumpriu, ou é connivente, ou é inepto. E na verdade, senhores, quem jámais viu que algum governo sabendo de uma conspiração e dos meios ao alcance dos conspiradores, os deixasse a si mesmos e só se apromptasse para o combate?

Quem jámais ouviu ou crê que fôsse possivel destruir conspiradores em campo armado, quando fosse impossivel prevenir o seu rompimento, sabendo o proprio governo os logares das reu-

niões, e os meios ao alcance dos reunidos, quaes seus planos, quaes suas forças? Estava reservado esse phenomeño ao actual governo do Brasil, que absolutamente excentrico a todo o pundonor e sciencia do homem d'estado, parece ufanar-se de suggerir conspirações, alental-as, e fazê-las medrar, para ter a insana satisfação de destruir matando conspiradores. De ordinario os governos procuram subtrahir-se á nota de mias, inherente á presumpção de haverem tantos individuos desgostosos e constantes adversarios da sua administração, que, se exponham aos perigos imminentes a todos os conspiradores. O governo actual do Brasil faz alarde do seu proprio vituperio; incrementa um numero de adversarios, que não tem; e (o que mais é) ostenta no seio da representação nacional a innocencia sem garantia, a morte sem vingança, a impunidade que triumpha, a demencia que sorri, e a dôr que se ultraja. Horrores sobre horrores; espavoridas as almas sensiveis, ensanguentado o virgem sólo patrio pela mão do assassino cruelto, a immoralidade coando os corações e impedernindo-os; e a malvada discordia avassallando tudo.

É possivel, senhores, que se nos podesse embair com as palavras do fementido relatorio? É possivel que a primeira e mais fraca scentelha do raciocinio não posesse a toda a luz da evidencia a mais crassa inepcia, a mais estolida maldade? Ministro, que tendes devassado tantas casas por vossos agentes, que tendes varejado tantos asylos, como não podestes devassar e varejar depositos de armas, conventículos de conspiradores? Porque vossos confidentes ahi introduzidos não se prevaleceram da sua influencia para que se não representassem tantos horrores? É o delegado do districto de S. Christovão que se acha com o armamento; busca-se-lhe a casa depois do dia 17 — porque não foi buscada anteriormente a esse dia, anteriormente ao rompimento da revolta? Não, senhores: nem ao menos nos quiz o ministro dizer circumstancialdamente como a lei lhe incumbe, quaes as razões á face das quaes lhe não

pareceram bastantes os meios a seu alcance para prevenir o mal, mas que lhe pareceram sufficientes para destrui-lo depois de se achar em acção, depois que os compromettidos têm naturalmente por preferivel a opposição encarniçada, como unico meio de salvação suas circumstancias desesperadas... Mas, cumprir a lei não foram as vistas do ministro; suas vistas são a destituição do tutor, que elle ministro, ou o governo, deixou com o Augusto Pupillo no meio de todas as vicissitudes: que elle ministro ou o governo, não acautelou das conspirações dirigidas contra a sua Augusta Pessoa, a qual a ser verdade o que se nos pretende impôr, teria, para cumulo de nossas desgraças, talvez tocado á funesta sorte d'um Luiz XVII.

Senhores, se o illustre tutor não pôde ser imputavel pelo máo acto dos criados da Casa Imperial, sem que se prove que elle os consentiu, devemos ter por certo, que é tão culpado como os proprietarios e chefes de todas as casas, cujos famulos e escravos abusam das armas, confiadas para segurança domestica, para os seus usos ordinarios, etc., etc.

A verdade legal está nisto, e os processos feitos sobre os acontecimentos de 3 e 17 de abril o verificam; e tudo, apezar da mais virulenta intriga acintemente engendrada, de todos os meios immoralmente preparados e postos em actividade. E se tanto não basta; se a mais proiecta ancianidade, a sabedoria, a honra, o patriotismo, o desinteresse, o amor da gloria, escudam o tutor do Augusto Monarca contra a calumnia; então, meus senhores, percereram todas as bases da moral, desprenderam-se totalmente os élos da mutua confiança e da sociabilidade, tudo se abyssou. E a perversidade e perfidia, roubando-lhes o culto, decidem d'esta terra desventurada.

Mas, os illustres membros, que subscreveram o parecer em discussão, acham que o tutor não deve ser ouvido; que deve ser expulso da tutela com a nota de infamia! Sim, senhores, com a

nota de infamia ! É por isso que todo o tutor, por mais insignificante que seja, é perante a lei um homem respeitável, e, depois de ouvido e convencido, é que deixa a tutela ; e, se tem crimes, em juízo competente corre a sorte do criminoso. Talvez os illustres membros se queiram abrigar á letra da lei da tutela, á que se referem .

E dar-se-á caso que uma lei, feita pela Assembléa Geral do Brasil tollha ao tutor da Pessoa Imperial, pela mesma razão que o é e de nomeação da Assembléa Geral, direitos que a nenhum homem são tolhidos, os direitos naturaes e sociaes, communs a todas as condições, sempre respeitadas por todos os legisladores ? Assim não entendeu um dos illustres membros que deu o seu voto em separado ; e a reluctancia contra este voto absoluto na admissão de audiencia do tutor, excluindo toda idéa de leveza e precipitação, depõe muito mais em desvantagem d'esse mesmo parecer insolito e iníquo a todos os respeitos.

Nem ao menos o tutor imperial, seja considerado como simples homem, seja como empregado, merece que lhe permitta o direito de defesa, commun a todo homem e a todo o empregado ? E um ministro... Esse é repetidas vezes ouvido, todas as garantias lhe são poucas.

Senhores, referirei, se me concedeis, um facto, que a propósito me ocorre, contra o gosto dos que se arrepellam contra os exemplos historicos. Cesar intentava levar Ligario ao ultimo supplicio ; sua sentença estava de antemão proferida. Mas Cesar não se atreveu expôr a victima ao sacrificio sem que o assassinato fosse disfarçado com a apparencia ostensiva das fórmulas, e Marco Túlio subiu á defesa. Então o tyranno deixou cair a sentença da mão assassina, e Ligario foi salvô. Este facto prova : 1º, que os despotas, não sendo estolidos procuram disfarçar com as fórmulas os crimes, que intentam perpetrar impunemente ; 2º, que as fór-

mulas são de tal efficacia que chegam a arrancar das mãos do mais estudado tyranno o instrumento proprio do assassinato.

E admittireis a denuncia do ministro da justiça mediante o seu relatorio, tal como vol-o tenho demonstrado? Admittireis o parecer das commissões, incompetente, injusto e subversivo como se vos offerece?

Por mim, senhores, eu vos affirmo que no relatorio encontro suficiente corpo de delicto para ser accusado o ministro da justiça pela sua propria confissão; e não o accuso directamente porque prevejo a inutilidade e inconveniencia de o fazer por agora. Appello para a intelligencia e moral, para os deveres que nos ligam á honra e á patria. Espancadas as sombras do egoismo, ver-se-ão á luz da razão fria todos os horrores, que as trevas das paixões encobrem. Voto contra todo o parecer.» (1)

Convém conferir este discurso e o outro, pronunciado na sessão de 10 de julho, com o que foi pronunciado por D. Romualdo em 1834 e com as palavras que elle deixou escriptas em suas *Memorias*.

A verdade é que a regencia passou o seu primeiro periodo (de 1831 a 1834) assombrada com a restauração de Pedro I. Só soegou quando o ex-imperador falleceu aos 4 de setembro de 1834.

José Bonifacio era a victima predilecta, o bólido expiatorio das iras e pavores regenciaes.

Rebentava um motim no Rio de Janeiro, era elle o seu inspirador; explodia uma revolta em Pernambuco,

(1) *Recordações da Vida Parlamentar*, vol. 1º, pag. 77 e seguintes.

no Pará, no Maranhão, no Ceará, ainda e sempre era elle o fautor do movimento.

O velho naturalista e ministro da independencia estava reduzido ás proporções de um Cypriano Barata qualquer...

Em 1831 — a Camara dos deputados annullou a nomeação que lhe outorgara D. Pedro de tutelar seus filhos e avocou a si a competencia de o nomear ; em 1832, a pretexto dos motins de 3 e 17 de julho, pediu-se a sua demissão, que não vingou ; em 1833 lograram obter-lhe a suspensão e no anno seguinte a remoção.

É uma historia curiosa que merece ser tratada a fundo.

Rebouças será chamado a depôr e sua palavra merecerá attenção.

Antonio Peregrino Maciel Monteiro (1804-1868) Maciel Monteiro
—era pernambucano.

Politico, orador, diplomata, foi tambem uma bella organisação de poeta. Neste caracter está estudado na *Historia da Literatura*. Aqui nos deteremos um instante diante do orador.

É muito difficult estereotypar a physionomia literaria de um homem de quem lemos apenas meia duzia de produções rapidas.

Tanto quanto é possivel fazel-o, Maciel Monteiro

parece-nos ter sido um epicurista, um homem dos salões, um enamorado, um *causeur* de talento.

Não tinha a *gaucherie* propria dos homens do norte do Brasil; era alegre, espirituoso, delicado, de maneiras galantes. Tal a fama que deixou.

Foi essa tendencia pelo salonismo e pelas aventuras amorosas o defeito e a vantagem do seu talento.

O defeito, porqne foi isso que o impedia de ser um trabalhador activo, um espirito serio e profundo, um factor em nosso desenvolvimento.

A vantagem, porque foi essa inclinação que o conservou sempre em excitação sentimental e em eretismo lyrico.

Todos, ou quasi todos os seus versos foram feitos ás suas namoradas, ás suas amantes.

Julgamol-o um dos lyristas mais ardentes que o Brasil tem possuido, em completo desaccôrdo com o Sr. José Verissimo, que, tomado agora de intolerante e imponderado negativismo, pretendeu, por evidente capricho, mas inutilmente, reduzil-o a insignificantes proporções.

Maciel Monteiro era conservador em politica e foi deputado durante muitos annos. Sua fama de orador ainda hoje perdura. Encaremol-o rapidamente por esta face.

Antes de tudo citemol-o, e seja um pedaço do célebre discurso pronunciado na camara dos deputados a 10 de junho de 1851. O orador tratou do trafico de africanos, da amnistia aos revolucionarios de 1848 em Pernambuco e das relações do imperio com a Republica Argentina. Ouçamol-o sobre o trafico. Preparava-se a lei de Euzebio, e Maciel Monteiro disse isto :

« Senhores ! Nas circumstancias gravissimas em que este anno se reuniram as camaras legislativas ; quando esta tem de proferir um voto de approvação ou de reprovação ácerca da politica seguida pelo governo ; reputo um dever indeclinavel da parte de todos os representantes que costumam ocupar a tribuna em tales occasões, o explicarem-se com clareza ácerca dos negocios publicos ; porque entendo que é da somma de todas as adhesões explicitas, de todos os testemunhos de confiança, francamente manifestados em favor do governo, que derivam os elementos de força, os principios de vitalidade em que o governo do paiz se deve apoiar para proseguir na politica quē tem encetado, si por ventura essa politica merecer o assentimento, os suffragios do parlamento brasileiro. A camara não estranhará sem duvida ouvir-me mais uma vez asseverar que estou de accordo com a politica do governo em todos os pontos substanciaes ; que venho aqui hoje professar os mesmos principios que sempre professei, manter as mesmas allianças que sempre tive. Sou, é verdade, um veterano, um invalido, que, arredado dos arraiaes em que o conflicto se atêa com furor e com impeto, guarda fielmente as portas de um hospital, viveudo das suas antigas glorias ; mas um veterano, um invalido que não abandona as suas bandeiras, essas bandeiras que o guiaram tantas vezes ao combate em defesa da monarchia, das instituições, da ordem e da liberdade regrada. Ainda quando, porém, eu não estivera de perfeita conformidade com a politica

do governo, um facto avulta nessa politica de tamanha magnitude, de tanto alcance, que, em consideração a esse facto, eu não poderia deixar de vir hoje prestar ao governo do meu paiz o meu apoio, meu concurso. Quero falar, senhores, da extincção do tráfico.

Nunca me apaixonei, nunca me inflammei nas declamações fervidas do abbade Reynal, de Gregoire e de outros negrophilos ; mas sempre detestei a escravidão ; a minha natureza como que se revolta á sombra de qualquer jugo. Entretanto, entrando na carreira publica, não só por tal motivo, como pelo compromisso que o paiz tinha contrahido em virtude do tratado de 1826, e em reverencia á lei de 1831, sempre me reputei abolicionista, sempre entendi que esse tratado devia ser fielmente cumprido, que essa lei devia ser rigorosamente executada ; e quando os successos do meu paiz, antes do que o meu fraco merito, me levaram aos conselhos da corôa, procurei por todos os meios ao meu alcance tornar uma realidade esse tratado e essa lei. Quem compulsar os documentos da secretaria dos negocios estrangeiros nessa época, achará alguns vestígios que provam a opinião que acabei de estabelecer. Com efeito, o gabinete de então já previa os males que deviam resultar da continuaçao d'esse commercio illegal e anti-christão, e já nesse tempo se procurou dar garantias á repressão, tornar essa repressão cada vez mais vigorosa. Pelo juizo da commissão mixta estabelecida então no imperio, as regras do processo não estavam claramente definidas, havia duvidas a respeito das questões de embargos ; todas estas duvidas foram resolvidas pelo ministerio de então de modo que o julgamento dos criminosos tornou-se mais seguro e effectivo.

Esta opinião, senhores, que eu professava, era tambem compartida por outros ; o paiz tambem tinha, por assim dizer, o instincto da abolição ; esse sentimento continhava a elaborar-se no animo de todos os homens pensadores. Elles viam que o futuro do paiz

se achava compromettido pela continuaçāo do trafico, sobretudo nos tres ultimos annos que precederam ao de 1848 ; todos foram conhecendo que o traballho escravo não podia coexistir com o traballho livre, e enquanto o trafico fosse tolerado, debalde aquelle poderia ser substituido por este : tão absurda alliança foi reputada impossivel ; e todos aqueles que olhavam para o Brasil, não como uma vasta colonia, mas como um paiz que tinha um futuro, uma civilisaçāo a esperar, professavam a opinião de que o trafico devia ser abolido, devia cessar.

Senhores, assim como no deserto, Moysés, batendo no rochedo, fez jorrar a agua, o ministerio comprehendendo sabiamente os sentimentos abolicionistas que dominavam na grande maioria dos brasileiros, com um leve aceno fez saltar de todos os espiritos essa opinião, fez brotar esses sentimentos ; o governo resolveu pois um problema, que qualquer que meditar friamente em todas as suas difficultades e embaraços, não poderá deixar de reconhecer como uma empreza verdadeiramente gigantesca, um serviço feito ao paiz, de extraordinaria transcendencia, bem que fosse secundado e acompanhado pela opinião sã e patriotica dos seus aliados e do paiz. É um serviço que ha de ser apreciado na posteridade em grāu mais subido do que aqui o posso apreciar.

Senhores, eu reproto uma das mais bellas glorias da cōr politica á que pertenço a abolição do trafico ; é por essa razão que dou desde já o meu assentimento á emenda substitutiva do meu amigo o nobre deputado por São Paulo, onde o pensamento que acabei de exprimir se achia consignado expressamente.

Sr. presidente, em todo o paiz regido pelas fórmas representativas, onde os principios e sómente os principios dão logar a luctas parlamentares ; em um paiz onde as crenças, as opiniões, são unicamente o ponto de dissidencia entre os differentes partidos ; em um paiz tal me persuado que a nobre opposição, que tanto zelo mostrou na sessão passada, que tanto fervor patenteou em prol da

extincção do trafico, viria, depois dos grandes resultados obtidos pelo governo e pelo paiz, congressar-se comnosco; prescindiria de todas as outras razões, que podessem separal-a de nós, para effectivamente firmar uma feliz alliança entre os dous lados d'esta camara.

A nobre opposição na sessão precedente hasteou, como a camara se lembrará, a bandeira anti-africana; a nobre opposição exprou ao governo do paiz a sua tibieza, a sua indifferença a respeito do trafico; a nobre opposição estabeleceu então compromissos comnosco, que não podem hoje ser rotos por ella, e parceria que se o trafico fosse extinto as principaes difficultades estariam aplainadas em bem da causa publica e dos verdadeiros interesses do paiz. Porém, seniores, qual é o comportamento da nobre opposição na sessão actual? Censura ella o governo na questão do trafico, affirmando que elle está mal com a Inglaterra e mal com o commercio. Esta proposição do nobre deputado pelo Pará exigiria alguma explicação, alguma elucidação da sua parte.

O governo do Brasil está mal com a Inglaterra, diz o nobre deputado. É isto um crime na opinião do nobre deputado; mas não será ás vezes um merito, não será ás vezes uma gloria para qualquer governo o não estar em boas relações com outro governo? Será porque o gabinete imperial disse que se resignava a toda especie de calamidade antes que expôr os direitos mais essenciaes da soberania á usurpação estrangeira, e entregar o dominio das nossas costas á Inglaterra, que o governo imperial não está bem com a Inglaterra? Será porque o governo imperial não entrega o paiz de braços atados a uma ou outra potencia que em verdade não merece as suas boas graças? O nobre deputado não se serviu de demonstrar esta proposição; mas elle, que por vezes a emitiu, deve ter fundamentos mui sabios para apoial-a. O nobre deputado parece estar no segredo d'aquelle gabinete; se assim é, eu o conjuro para que nos revele as combinações d'esse gabinete, afim de evitar al-

guma calamidade que nos esteja imminente ; eu conjuro ao nobre deputado para que o faça quanto antes, e que emfim salve por esta vez o império da Santa-Cruz.

Mas o nobre deputado disse tambem que o governo está mal com o commercio ! De que commercio quereis vós falar, Sr. deputado pelo Pará ? Será por ventura dos traficantes que não dão o seu apoio ao governo ? Mas vós não dissetes ao paiz que este governo havia subido ao poder pela escada dos traficantes ? Explique-vos ; de que lado estão os traficantes ? Estão hoje do vosso lado ? Se os traficantes não apoiam o governo que sustentamos, qual é o perigo que d'ahi resulta ? E porque inculpar ao governo pela falta de tal apoio ? Se, pois, os homens que têm feito esse commercio anti-christão e immoral, se, pois, os homens que têm tantas vezes querido arrastar o paiz a compromettimentos tão sérios, tão deploáveis, não dão o seu apoio ao governo actual...

UM SR. DEPUTADO : — Gloria ao governo !

O SR. MACIEL MONTEIRO : — Sim, tal antagonismo é uma gloria para o governo actual.

Se não é, porém, o commercio da costa d'Africa que não dá o seu apoio ao governo, se é outro commercio, vós avançaeis uma posição radicalmente inexacta, manifestamente absurda. Com quem pôde estar bem o commercio ?

Em que parte do mundo o commercio sympathisou senão com idéas de ordem, de conservação, de estabilidade ? Em que parte do mundo os interesses do commercio abandonaram os principios conservadores, abandonaram todas ás idéas de legalidade, para procurar a protecção da agitação e das innovações ?

Eu quizera que o nobre deputado ainda nesse ponto se explicasse.

É, pois, Sr. presidente, uma inexactidão, é mesmo irracional dizer-se que o commercio do paiz não está bem com o governo,

que tem por mandato sustentar a monarchia, as instituições e a paz publica, e que se acha em boa convivencia com pensamentos de innovação, com idéas subversivas da ordem.

Senhores, tenho demonstrado que as observações apresentadas na casa pelo nobre deputado do Pará para diminuir os creditos do governo e a sua popularidade, quanto á questão do tráfico, não assentam em fundamento algum, nem em factos averiguados. Sem embargo, direi que o ministerio não tem percorrido neste importante assumpto senão metade do caminho; que tem diante de si uma empreza ardua que deve realizar.

Esta empreza é a substituição dos braços escravos pelos braços livres; esta empreza é a colonização.

Attenda bem o governo para esta grande necessidade do paiz, empregue todos os meios ao seu alcance para estabelecer entre nós o trabalho livre, para ennobrecer este trabalho, para povoar o Brasil, não de africanos, mas de colonos que virão a ser depois outros tantos industriosos, outros tantos membros da grande associação brasileira. Esta empreza o ministerio deve ter em vista, e eu espero que elle a realizará.

Sr. presidente, não me parece que o gabinete britannico deva estar desgostoso do governo imperial, como foi aqui afirmado. Se se quizer julgar das cousas, ou das relações das duas corôas, pelos factos que são patentes, conhecer-se-á que nesta parte o gabinete britannico parece ter-se muito approximado do governo imperial; ao menos é a primeira vez que se diz oficialmente no parlamento britannico que as medidas empregadas pelo governo imperial na importantissima questão do tráfico parecem efficazes e o serão.

Esta declaração tão categorica da rainha da Inglaterra deve assegurar ao governo que nessa parte a benevolencia do gabinete de S James não lhe será negada.

Cabe aqui, senhores, lembrar ao governo imperial (e não será isto senão uma recommendação) que, visto ter elle procurado cumprir tão sincera e effectivamente da sua parte todas as estipulações contidas no tratado de 1826; visto ter elle conseguido extinguir o trafico na sua quasi totalidade, se não descuide tambem de reclamar do governo inglez o cumprimento das suas obrigações estipuladas em tratados anteriores.

A camara sabe que pelo tratado de 1815 o trafico foi abolido ao norte do Equador; a camara sabe tambem que presas foram feitas e julgadas illegaes, isto é, julgadas más pela commissão mixta da Serra Leôa; entretanto, casos ha em que, apezar dos julgamentos terminantes d'essa commissão mixta, apezar de ter-se adjudicado a necessaria somma para indemnisação, nessa parte o governo inglez não tem cumprido o seu dever.

Não me refiro a apresamentos feitos depois do bill de lord Aberdeen, refiro-me a apresamentos verificados quando o commercio de africanos estava sómente abolido ao norte do Equador; algumas embarcações, e entre outras uma de um digno cidadão de minha província, foram apresadas e levadas á Serra Leôa, julgadas más presas, e até o presente não se realizou ainda tal indemnisação; ficando assim esses capitales retidos em poder do governo inglez, com manifesta infracção do direito internacional, e contra todos os dictames da justiça universal.

Eu quizera que o governo imperial, que hoje tem tanto direito de reclamar energicamente da parte da Inglaterra o cumprimento de seus deveres neste ponto, visto que tão religiosamente tem cumprido os seus, não se descuidasse de sustentar como lhe cumpre os interesses brasileiros, assim despojados tyrannicamente da sua propriedade; é tempo, senhores, de fazer cessar tão inqualificavel abuso da força contra os interesses brasileiros.

É preciso notar que a mór parte d'esses apresamentos datam de 1824 ou 1825; é, pois, chegada a occasião d'essas reclamações terem uma solução. » (1)

É este o estylo do orador.

Dizem que o parlamentar pernambucano tinha bella presença, voz sonora, gesto gracioso, fluencia de dicção na tribuna. Faltava-lhe, porém, a força.

Existem cem maneiras de exercer a oratoria com vantagem e talento. Ha os discursadores que improvisam e os que o não podem fazer; ha os logicos e ha os tumulnarios; os imaginosos e os sóbrios; os vehementes e os placidos; os insinantes e os arrebatadores; os que têm a habilidade e os que possuem a energia... ha logar para todos os estylos. E entre elles, qual foi o exercido por Maciel Monteiro? Nós que o não ouvimos temos para julgal-o apenas o texto mais on menos desfigurado dos seus discursos.

Parece ter sido o illustre pernambucano um orador facil, correntio, maneiroso.

Não revela jámais paixão, fervorosos impetos d'alma, nem grandes recursos de sciencia e poderosos auxilios de analyse. Nunca se elevou á grande eloquencia, como nunca attingiu á grande arte, á immorredoura poesia.

Era um gracioso individualista, um *dilettante* da tribuna, um *virtuose* da politica.

(1) *Annaes da Camara dos Deputados*, 1851.

Era conservador por arte, por equilibrio de temperamento. Nada queria, nem se atirava á causa alguma que lhe alterasse a placidez da vida e o perturbasse na marcha dos seus amores. Era um improvisador amavel e amado por todos.

Durante vinte annos (1833-1853) com pequenos intervallos, desde os tempos proximos á abdicação do primeiro imperador até a guerra de Rosas, esteve no parlamento. Foi presente a muitas das mais tempestuosas sessões da camara e foi collega dos nossos mais distintos oradores e homens d'estado.

É lícito dizer que a eloquencia de Maciel Monteiro, se não era facilmente derrotada pelos seus adversarios, não alcançou, por sua vez, grandes victorias.

Novas idéas, novos planos de governo, novos horizontes politicos e sociaes não foram abertos ao povo brasileiro aos golpes de sua eloquencia.

É este o signal inconcusso dos grandes oradores, o signal irrecusavel de sua força. Não o distinguimos em Maciel Monteiro.

Francisco de Salles Torres Homem (1812-1876). Torres Homem
Figura complicada, em verdade. É o mais alto dos nossos auctores sem obras ou quasi sem ellas, casta de gente muito abundante no Brasil.

E o mais interessante é que alguns d'esses taes foram sempre e são ainda hoje dos mais gabados pela inconsciente leviandade dos literatos.

Alves Branco, Maciel Monteiro, Francisco Octaviano, Pedro Luiz Pereira de Sousa, José Maria do Amaral e o proprio José Bonifacio de Andrada e Silva (o moço) são d'este numero, no qual fulge Torres Homem, a despeito de ter publicado dois ou tres pequenos folhetos.

A favor de José Bonifacio pôde-se abrir, até certo ponto, uma excepção, porque, além de ter publicado em 1849 o pequeno livro de poesias—*Rosas e Goivos*, encontrou alma caridosa que lhe editou um volume de *Discursos Parlamentares*, em 1880.

Como quer que seja, Salles Torres Homem tem direito de aparecer na historia de nossas letras, por ter sido um de nossos mais eloquentes oradores e um dos mais perfeitos de nossos estylistas romanticos.

Sua prosa foi no periodo de 1830 a 60, das mais apuradas que temos possuido.

Publicou dois ou tres rednzidos pamphletos politicos, como já dissemos, alguns artigos em jornaes ou revistas sobre assumptos varios, e pronunciou alguns discursos na camara e no senado do Imperio.

Notemos-lhe a vida, respigando aqui e alli algumas de suas ephemeras producções.

Nascido no Rio de Janeiro em 1812, pertence a essa bella geração nacional que apenas saída da primeira infancia, assistia ás agitações da independencia e, em plena mocidade, ás luctas da segunda phase do primeiro reinado, ás convulsões da regencia, e em plena matu-ridade ás commoções revolucionarias da primeira phase do governo do segundo imperador.

Nesse numero devem-se contar Porto-Alegre, Magalhães, José Maria do Amaral, Bernardino Ribeiro, Martins Penna, Teixeira e Souza, e, nas provincias do norte, Moniz Barreto, Alvaro Teixeira de Macedo, Barros Falcão, Maciel Monteiro e João Francisco Lisboa.

No Rio a pleiade reunia-se em torno de Evaristo da Veiga, num pouco mais velho que os seus jovens amigos e entusiastas.

Torres Homem tinha começado, aos dezoito annos de idade, os estudos medicos; mas num periodo e num meio intensamente politico qual era o Rio em 1830, o joven estudante se achou logo envolvido nas luctas partidarias.

Desde então começou a collaborar na *Aurora Fluminense*, no *Independente* e outros jornaes dos primeiros annos da regencia. Foi em 1831 arrolado entre os membros da celebre sociedade *Defensora da Liberdade e da Independencia Nacional*, especie de *Club dos Jacobinos*, que decidin da politica brasileira entre os annos de 1831

a 37. A alludida sociedade, diz uma testemunha do tempo, se tinha *convertido em formidavel potencia, sem cujo aceno nem o Governo, nem o Corpo Legislativo dava passo algum sobre a politica do paiz.*

Foi nesse meio que Torres Homem se deixou imbuir d'esse liberalismo romantico, desequilibrado, pavoroso, inconsistente e vago, que se não deve confundir com o liberalismo organico, creador, progressivo, capaz de levantar planos, realisar idéas, impulsionando os povos para a frente.

A má eiva declamatoria, que faz a ruina das nações em meio do chocalhar das mais sonoras e elegantes phrases, nunca mais o largou de todo.

Mais tarde, queremos dizer, apôs os delirios revolucionarios fluminenses—de 1830 a 33, o nosso famoso orador e publicista romantico teve ensejo em Paris de fazer um curso de direito e apreciar as primeiras scenas da dissolução do seu systema:

O ultra-romantismo entrava em decadencia.

Os dictames da historia séria e das sciencias naturaes começavam a reagir contra os sonhos e vacuidades do tempo da Restauração.

É por isto que em a revista *Nictheroy*, que se imprimiu, em 1836, em Paris, sob a sua direcção e de Porto Alegre e Gonçalves de Magalhães, elle escreveu artigos acerca do commercio do Brasil, do cre-

dito publico, da escravidão como força económica e de outros assumptos serios.

De volta ao Brasil, no anno seguinte, consagrou-se de todo á imprensa jornalistica.

No *Jornal dos Debates*, *Aurora Fluminense*, *O Despertador*, *O Maiorista*, *Correio Mercantil*, escreverá sobre política, mas sem esquecer os problemas praticos da economia nacional.

O liberalismo ainda se mantém, mas já assás modificado.

Em 1844 entrou para a Camara dos deputados, sendo reeleito em 1848.

Com a queda dos liberaes, pouco após sucedida, no mesmo anno de 48, reviveu seu antigo furor liberalisante e publicou *O Libello do Povo*, notavel pelo vigor da forma.

Foi, porém, de novo pouco a pouco perdendo as illusões do romantismo politico e alistou-se francamente na política da conciliação dos partidos, inaugurada pelo Marquez de Paraná.

Abriu-se então a verdadeira carreira parlamentar de Salles Torres Homem, futuro Visconde de Inhomirim.

Foi deputado geral, chefe de uma das directorias do Thesouro Nacional, ministro da fazenda.

Occorreram todas estas coisas entre 1853 e 63.

Foi o decennio mais util de sua vida.

Sua grande obra nesse tempo, a qual constitue seu verdadeiro merito como politico e homem de estado, foi a renhida luta que sustentou, os esforços que empregou na defesa da unidade dos institutos bancarios de emissão.

Esta parte de sua obra anda agora descouheda, a despeito de ter muito mais valor do que seus pamphletos politicos e escriptos meramente literarios.

Seus discursos e artigos, acerca d'aquelle magno assumpto, deveriam ser reproduzidos em larga edição.

Mais tarde, já com o titulo de Visconde de Inhomirim, foi director do Banco do Brasil, senador do Imperio, encarregado de negocios em Paris.

Em 1870 foi de novo ministro da fazenda; no anno seguinte, no senado, na sessão de 5 de setembro, pronunciou o seu *Canto do cysne*, o famoso discurso sobre o elemento servil.

Falleceu em 1876, aos 64 annos de idade.

Como especimen de estylo, incluimos nestas paginas um trecho do discurso ultimo citado :

« Dous meios havia para perpetuar a escravidão, disse com razão o mesmo orador a quem me refiro: eram o trafico e a reprodução ou os nascimentos. O poder da opinião, que destruiu o primeiro, destruirá o segundo, porque um e outro são igualmente nefarios e deshumanos.

O trafico arrancava ao longe, nos sertões africanos, em que tudo é silencio, o filho selvagem do gentio, victima de guerras bar-

baras de que não tínhamos notícia, para o trazer ao mercado da carne de laboura. O outro processo não é menos atroz: espera-se nas portas da entrada da vida as criaturas novas que apraz á Providencia enviar a este mundo, e ahi são recrutadas para o captivéiro, embora nascidas no mesmo solo, junto do mesmo lar da familia, em frente ao templo do mesmo Deus e no meio dos espectaculos da liberdade, que tornarão mais sensiveis a sua degradação e miseria! É a pirataria exercida á roda dos berços, nas aguas da jurisdição divina e debaixo das vistas immediatas de um povo christão!

Passarei agora, Sr. presidente, a considerar a materia da proposta. Ela não pôde ser convenientemente comprehendida e apreciada senão á luz directa dos grandes principios que a inspiraram, das necessidades em que se funda e dos fins a que se destina. Se não tivesse outro designio, como assoalham seus inimigos, senão obedecer a um impulso sentimental e realizar um sonho dourado da philantropia, dando-nos uma attitude mais nobre em frente do mundo, então, qualquer que fosse a generosidade d'estes motivos, a proposta poderia parecer intempestiva e violenta em frente dos interesses que gritam, e desejariam providencias de effeito mais lento e insensivel.

Mas se ella tem por fim impedir a reincidencia em um dos maiores attentados que mancham a especie humana; se tem por fim restaurar a lei de Deus e da natureza no meio da nossa civilisação, e destruir pela raiz o mal que tolhe as condições de seu desenvolvimento; neste caso, longe dos defeitos da precedente suposição, ella poderia talvez ser arguida de timida e incompleta, de transigir com os interesses mal entendidos, em preterição das exigencias da justiça e dos direitos da humanidade.

Dependendo, pois, o exame da lei do de seus motivos, qual é esse mal a que ella procura dar remedio? Não devo, nem quero,

senhores, descrever nesta tribuna a serie de transformações por que passa o escravo, que ha de vir até ser reduzido a machina. É um triste quadro, que todos conhecem, e eu deixo aos escriptos dos philantropos, o dizerem o como no interesse da segurança do proprietario oblitera-se systematicamente nelle a intelligencia, a imagem de Deus no homem; como supprime-se-lhe o livre arbitrio e embota-se-lhe a consciencia, que lhe revelaria seus titulos, seus direitos e deveres; e como, depois de se lhe arrancar a propriedade do proprio corpo, das forças vivas que o movem, e por consequencia a dos fructos de seu trabalho, ferem-se em seu coração as affeções mais caras, nega-se a familia sempre dispersa ao sôpro de todos os ventos, rompem-se os laços que a formam: a auctoridade e o amor paternal, a dependencia e piedade filial, a castidade e a ternura da mulher. Sentimentos moraes, nobres instinctos de felicidade, esperanças e consolações no meio das tormentas da vida, tudo desapparece nesse homem, posto fóra da lei da humanidade e rebaixado á condição do bruto!...

Mas o outro aspecto do painel não é menos deploravel; este vasto pantano da escravidão aberto no meio da civilisação exhala em todas as direcções miasmas deleterios que vêm infeccionar a atmosphera social!

A que ficam reduzidas as idéas da justiça e do bem, quando o sophisma atroz da escravidão as desconhece e viola em sua applicação a milhares de nossos semelhantes? Qual é a base da legislação civil, qual a sua força e prestigio sem o sacramento da lei natural, de que Deus é o supremo auctor? O que será da liberdade politica, quando sua estatua pesa sobre os hombros do escravo? Em vez d'esse sentimento impessoal, generoso e grande, que nos leva a defender os direitos de todos, como culto de um principio de origem divina, como homenagem a um dever da solidariedade entre os homens, ao contrario torna-se sentimento egoista, pessoal, privado do aroma da fraternidade, que o nobilita, falsa liberdade

que converte a victima da vespera em oppressor do dia seguinte, liberdade material, tal como a que aspira para si só o cavallo indomito ou o indio do deserto. Aonde a instituição da escravidão existe, que logar fica para a caridade, a filha predilecta do christianismo, que sobre ella fundou a sociedade moderna, impondo ao forte a tutela do fraco, ao rico a protecção do pobre, aos felizes da terra a responsabilidade pelo destino dos desvalidos, dos miseráveis, dos orphãos da civilisação?

Não prolongarei minhas observações sobre este ponto desagradável; a natureza do mal e a necessidade urgente de o remover estão patentes.

Destruir, quanto antes, a ultima mina d'onde dimana a escravidão com o seu sequito de efeitos que deshonram e prejudicam o Brasil, eis o problema, que se trata de resolver.

Entretanto, os proprietarios atacam a liberdade dos nascituros em nome do direito da propriedade violada; relutam contra a indemnização como insuficiente e inefficaz para o efeito.

Se se lhes perguntar, porém, o porque o legislador, que pôde reformar e alterar todas as leis, não poderia alterar a da propriedade, responderão sem duvida que a propriedade é inviolável, porque funda-se na lei natural, anterior à lei civil, e deriva-se de um principio immutavel de justiça, o qual consagra e mantém a cada um o fructo do proprio trabalho, principio sem o qual o estado social seria impossivel. Eis-nos, pois, transportados á esphera do direito e da justiça, onde realmente se encontra a base racional da inviolabilidade da propriedade em geral.

Pois bem, senhores, se se provar que a propriedade da criatura humana, longe de fundar-se no direito natural, é pelo contrario a sua violação mais monstruosa; se em vez da justiça apoia-se unicamente na iniquidade da força; então caduca e desapparece

o allegado fundamento da inviolabilidade d'essa propriedade especial; e a lei, que a protegeu, reduzida a não ser mais que um erro ou um crime social, está sujeita a ser mudada, como qualquer outra, funesta aos interesses da nação.

Ora, Sr. presidente, não é no meio d'esta augusta assembléa, onde, a par de tantas luzes e experiencia dominam os sentimentos mais elevados, que eu irei demonstrar que crea^turas intelligentes, dotadas como nós de nobres attributos e dos mesmos destinos, não podem ser equiparadas, no ponto de vista da propriedade, ao potro e ao novilho, ao fructo das arvores e aos objectos inanimados da natureza, submettidos á dominação do homem. Doutrina absurdā e execravel! Os séres de que se trata, não vivem ainda; a poeira de que seus corpos serão organisados, ainda fluctúa dispersa sobre a terra; a alma immortal, que os tem de animar, aiuda repousa no seio do Poder Creador, serena e livre, e já o impio escravagista os reclama como sua propriedade, já os reivindica do dominio de Deus para o inferno da escravidão!

.

Além d'isto, os terrores panicos, as prevenções exploradas pelas paixões politicas, depois de terem dado a esta questão um aspecto ameaçador, continuarão a agitar a população até que a decisão do Senado venha pôr termo ás illusões: Não quer isto dizer que, logo depois, os ataques e as injustiças dos interessados não continuarão contra aquelles que concorreram para esta reforma: mas teremos bellas compensações; teremos a consciencia de haver cumprido um arduo dever para com a humanidade e a civilisação; teremos os applausos do paiz. Esses milhares de mulheres, que durante e curso de tres seculos tantas vezes amaldiçoaram a hora da maternidade e blasphemaram da Providencia, vendo os fructos innocentes de suas entrâncias condemnados ao perpetuo captivoирo, como se fôra crime o ter nascido, levantarão agora seus braços e suas preces aos céos, invocando a benção divina para

aquellos que lhes deram a posse de si mesmos. Estas expressões de gratidão dos pobres afflictos valem mais do que os anathemas do rico impenitente, mais que os ataques dos poderosos que não souberam achar meios de prosperidade senão na ignominia e sofrimento de seus semelhantes! » (1)

Justiniano José da Rocha (1812-1862) ocupa ^{Justini-}
 bem um logar ao lado de Salles Torres Homem: ^{niano da}
^{Rocha} ambos nascidos no mesmo anno, ambos jornalistas e pamphletarios, ambos mestiçados. Por esta ultima nota, digamos de passagem, muito para ver é a falsidade do dito de João F. Lisboa de serem filhos estremes da raça europea os que entre nós *escreverem e sentenciam da vida nacional.*

Não ha mistér sair d'este só capitulo de nossa historia literaria para ter a prova do contrario.

Destacamos ahí as figuras de onze dos nossos principaes publicistas e oradores; seis d'elles, mais da metade, são mestiços irrecusaveis do portuguez com alguma das outras raças com que neste paiz cruzou: Romualdo de Seixas, Rebonças, Torres Homem, Justiniano da Rocha, Francisco Octaviano e Caetano Lopes de Moura.

Volvamos a Justiniano da Rocha.

Era tambem pertencente á bella mocidade nascida no começo da segunda decada do seculo XIX.

(1) *Annaes do Senado*, 1871.

Elle e J. Lisboa, Torres Homem, são todos de 1812.

Gonçalves de Magalhães era do anno anterior, 1811, Nabuco de Araujo e José Maria do Amaral do anno segninte, 1813.

São seis talentos nacionaes de primeira ordem. D'esta geração valida teriam de sair os chefes de fila do pensamento patrio nos tempos da regencia e do segnndo reinado.

Justiniano tinha menos què Torres Homem o talento oratorio e certa *pose* em que seu rival era mestre eximio. Excedia, porém, ao futuro visconde de Inhomirim na ductilidade do talento, na espontaneidade da exposição e do estylo, na capacidade de interpretar os signaes dos tempos, a corrente das idéas, a evolução das consas politicas.

Como jornalista, era-lhe, pois, mnito superior e, cumpre accrescentar, que não encontrou ainda qnem o excedesse entre nós.

Para mais em flagrante notar as differenças entre os dois illustres coevos, bastante é comparar os dois famosos pamphletos: *O Libello do Povo e Acção, Reacção, Transacção*.

O primeiro, a despeito de algumas boas paginas e d'este numero são as que se referem ao estado politico da Europa occidental e do Sul em 1848, as que tratam da

Europa do centro no mesmo tempo, dos reis da casa de Bragança, caracter de Pedro I, a caricatura de José Clemente, as condecorações, a regencia; o primeiro contém, no fundo, mais declamações do que verdades; o outro é uma curiosissima lição de historia política do Brasil dos annos de 1822 a 55, desde a independencia até á politica de conciliação de Paraná e companheiros.

É que em Justiniano da Rocha o jornalista político era reforçado pelo mestre de historia, profissão que exerceu durante a mór parte de sua vida.

Rocha, como já advertimos, nasceu no Rio de Janeiro em 1812; fez os estudos de humanidades em Paris, no collegio Henrique IV; aprendeu direito em São Paulo com a primeira geração dos cursos juridicos nacionaes entre 1829 e 33.

Formado, foi attrahido pelas luctas políticas da regencia e iniciou sua carreira de professor.

Desde logo começou a collaborar nos jornaes do tempo. Em 1836 redigiu o *Atlante* e mais tarde *O Chronicista* ao lado de Firmino Rodrigues Silva e Josino do Nascimento.

Em 1840 fundou o famoso jornal—*O Brasil*, uma das mais bem escriptas folhas políticas do jornalismo nacional. Durou o *Brasil* até 1852.—Desapparecido, o que não deve estranhar quem conhece as ingratis difficuldades materiaes com que luctava para se manter naquelles tempos um jornal, a irresistivel vocação de

Justiniano para esse genero de actividade fel-o criar outros jornaes, todos notaveis, cheios de bons e bellos artigos, mas sempre ephemeros.

O Novo Brasil, O Correio do Brasil, O Constitucional, O Regenerador foram d'esse numero.

Seria para desejar que mão intelligente escolhesse tres ou quatro duzias de seus melhores artigos e os reproduzisse em livro. Fôra inestimavel serviço á historia do Brasil dos annos de 1836 a 62, data da morte do grande jornalista, que foi um dos mestres laureados da palavra escripta no Brasil.

A melhor parte de sua obra é essa que anda tresmalhada e em que apreciava, sob o ímpulso da paixão do momento, disciplinada, porém, pelo estudo e pela segurança de uma intelligencia poderosa, os acontecimentos de seu tempo.

Em avulso, esse principe dos jornalistas brasileiros deixou algumas publicações que merecem attenção. A melhor d'ellas é o já citado opusculo — *Ação, Reação, Transacção*.

Seguem-se: *Monarchia e Democracia, Considerações sobre a administração da justiça criminal do Brasil, Inglaterra e Brasil, A Politica Brasileira na Republica Oriental do Uruguay, Compendio de Historia Universal, Coleção de Fábulas.*

Deixou tambem algumas novellas originaes e traduções de varios romances franceses.

Era alegre, folgazão, conversador exímio.

Escrevia num completo e constante improviso, com uma facilidade inacreditável, em meio da conversação dos amigos, á mesa das redacções.

Era alheio a qualquer genero de *pose*, a não ser a de se mostrar *fanfarrão de vicios*, elle que, no fundo, não passava d'um homem simples e ingenuo. — Chegou a ser deputado ; mas na camara fez apagada figura. O inverso de Torres Homem.

Em documentação de estylo, vão aqui as palavras com que abre o seu celebre pamphlet:

«O estudo reflectido da historia nos patentêa uma verdade, igualmente pela razão e pela sciencia do politico demonstrada. Na lucta eterna da auctoridade com a liberdade ha periodos de acção ; periodos de reacção ; por fim, periodos de transacção em que se realisa o progresso do espirito humano, e se firma a conquista da civilisação. As constituições modernas não são senão o trabalho definitivo dos periodos de transacção.

Chegados os povos á phase em que a reacção não pôde progredir, em que a acção esmorece, cumpre que a sabedoria dos seus governantes a reconheça, ahi pare, e pelo estudo da sociedade descubra os meios de trazer a um justo equilibrio os principios e elementos que haviam luctado. Se a imprudencia não quer reconhecer a nova phase, se a loucura contraria o seu desenvolvimento, se prosegue na sua conquista de reacção, e a quer levar aos seus ultimos limites, a acção torna a produzir-se, a exagerar-se, e vence, e a sociedade, presa em um ferreo e sanguinolento circulo de paixões e de desgraças, aniquila-se nas ruinas das discordias civis.

A phase da transacção é, pois, a que exige mais prudencia, mais tino, mais devoção nos estadistas a quem é confiada a força governamental e alta direcção dos publicos negocios ; pois se a não sabem ou não querem reconhecer, se a não querem ou não sabem facilitar, se ainda mais a contrariam, provocam calamidades a que depois não ha sabedoria que possa acudir.

O Brasil não podia evitar essas phases, e a menor reflexão sobre as tão fecundas occurrences do seu passado basta para fazel-as reconhecer.

Desde os dias da independencia até 1851 vivemos no meio das luctas do elemento democratico e do elemento monarchico ; procurando ambos alternadamente e com igual intensidade excluir-se, trouxeram-nos pela vereda do infortunio ao ponto em que estamos. Ter-lhe-iamos succumbido, se nos não valesse a forte constituição da unidade brasileira ; a ella devemos os dias que correm de paz e de bonança, de aspirações mais brandas e moderadas, de arrefecimento de odios e de paixões.

Chegámos á phase de transacção ; muitos espiritos reflectidos o haviam comprehendido ; comprehenderam-o os estadistas chamados pela corôa á direcção dos publicos negocios ; como, porém, lhe satisfizeram ?

Oh mesquinhez do espirito humano ! a uma necessidade politica, a uma satisfação moral na victoria de idéas, substituiram uma satisfação de interesses no aviltamento dos individuos, e a isso chamáram — conciliação.

Os dias da transacção vão passando, e não tem sido utilisados; já quem sabe se não desponta no horizonte do paiz o signal-precursor de nova ação... ainda é tempo todavia ; os annos de 1855 e de 1856 ainda podem ser aproveitados : aproveitemol-os.

Para apreciar esta actualidade e suas esperanças e seus perigos, para bem comprehendere a theoria politica pela qual a

jugamos, um artigo de jornal, um discurso de tribuna não offerecem as necessarias larguezas. Cumpre dar a tal exposição o trabalho meditado e amplamente desenvolvido de um folheto. Resolvemos fazel-o: queremos esclarecer as posições, consegui-lo-emos se o podermos; queremos servir o paiz, e não irritar paixões e susceptibilidades; não é, pois, um manifesto de guerra que lançamos, é um pharol que acendemos á borda do abysmo, para que d'elle nos desviemos.

Dividiremos este opusculo em diversos periodos, bem distintos. De 1822 a 1831, periodo de inexperiencia e de lucta dos elementos monarchico e democratico; de 1831 a 1836, triumpho democrático incontestado; de 1836 a 1840, lucta de reacção monarchica, acabando pela maioridade; de 1840 até 1852, dominio do principio monarchico, reagindo contra a obra social do domínio democratico que não sabe defender-se senão pela violencia, e é esmagado; de 1852 até hoje, arrefecimento das paixões; quietação no presente, anciedade do futuro: periodo de transacção.» (1)

José Maria do Amaral (1813-1885). Nascido em 1813, foi diplomata e monarchista conservador, e muito mais tarde republicano estremado. Este illustre escriptor espalhou o seu pensamento por diversos jornaes e periodicos. Desde os tempos da regencia foi mais ou menos assiduo na imprensa; o *Correio Mercantil*, o *Correio Nacional*, o *Espectador da America do Sul*, a *Opinião Liberal*, o *Jornal da Tarde*, o *Globo*, publicaram artigos seus. Além de jornalista politico, foi poeta. Não deixou livros impressos.

José
Maria
do
Amaral

(1) *Acção, Reacção, Transacção*, nova edição, pag. 15 e seguinte, 1901.

Homem de espirito inquieto e paixões ardentes, passou por muitas tempestades.

O que havia de tumultuario em sua alma tomou a fórmula de paixão politica. D'ahi certa animação de seu estylo na prosa dos artigos jornalisticos. O que nelle se deparava de doce e amoravel exhalou-se num lyrismo suave e meigo.

Educado pelo sofrimento real e positivo, sua melancolia foi verdadeira e digna de respeito... .

Como poeta, ficou estudado na *História da Literatura Brasileira*.

Neste livro quizemos, ao menos, lembrar o publicista.

José Maria do Amaral passou por diversas phases e atravessou diversas doutrinas. Homem estudososo, acompanhou mais ou menos o movimento do seculo e as suas velhas crenças esboroaram-se.

Amaral é a antithese de Maciel Monteiro. Este era essencialmente aristocrata; procurou a diplomacia em meio da vida para divertir-se e nella morreu. Talentoso, mas frívolo. Aquelle foi diplomata no principio de sua carreira; arredio e *un peu farouche*, foi no fim da vida um republicano ardente. Pouco brilhante, porém sincero. Vivia pela subjectividade.

Amaral passou os ultimos annos de sua atribulada existencia na mais angustiosa das situações do espirito.

Romantico, idealista, religioso e crente por indole e educação, viveu feliz no começo de sua carreira. Todo idealista ferido de morte naquellas crenças e predilecções, que são como a carne e os ossos de sua propria vida, ou aferra-se cada vez mais em sua intuição, ou precipita-se nesse estado de vacillação, nessa lucta de duas almas que se combatem, nesse cambalear constante, que constitue a forma mais pavorosa do scepticismo. Romper de uma vez com o passado, riscal-o da memoria, apagar-o do sangue, amputal-o da vida, é quasi um impossivel. Raros o terão conseguido; e Amaral não foi d'este numero.

Uma outra circumstancia veio complicar-lhe ainda mais a situação psychologica: depois de velho, depois de mais de sessenta annos de christianismo idealista, Amaral foi abalado, sem ter podido tomar rumo, pelo sopro violento das idéas de nosso tempo.

Falleceu em 1885.

Francisco Octaviano de Almeida Rosa (1825-^{Francisc} 1889). Nascido em 1825, formou-se em jurisprudencia ^{Octa-} ^{viano} em São Paulo em 1845. Seus primeiros ensaios literarios datam de dois ou tres annos antes e são adequados á intuição do tempo. Estabelecido no Rio de Janeiro, sua terra natal, bem cêdo atirou-se ao jornalismo e á politica, grangeando desusado renome.

Passou por muito tempo por chefe emerito da poesia e da jornalistica entre nós.

A alta posição politica do senador Octaviano parece ter sido o principal factor de sua grande nomeada nas letras. Este phemoneno das chefaturas literarias no Brasil é uma curiosidade digna de estudo.

O nacional tem o sestro da passividade e obediencia em elevadissimo grão. Não gosta muito das differenças e das luctas ; deseja caminhar por manadas, guiado por um chefe, uma figura decorativa, um nome passado á categoria de phrase magica, só por si capaz de apadrinhar a prole.

D'ahi os alvoroços, não por um ideal, por um principio director das letras, mas por um chefe, por um *idolo*, um homem que possa dar attestados de intelligencia e fornecer *prologos* para os livros dos estreantes.

Francisco Octaviano não foi um temperamento literario irresistivel ; fez literatura sem a grande paixão do officio. Produziu versos originaes e traduziu fragmentos de Byron em sua mocidade ; logo a politica o attrahiu. Em prosa, o pouco praticado por elle foi quasi sempre consagrado á politica.

Apezar, porém, de sua parca e fragmentada produçao literaria, tem direito de entrar neste livro como jornalista. Não deve trazer o porte altivo dos mestres, dos chefes, dos grandes heróes do pensamento ; deve vir com o sorriso amavel dos bons companheiros.

O poeta ficou estudado na *Historia da Literatura Brasileira*.

Agora lembramos apenas o publicista.

Era um homem calmo, de trato ameno, palestrador engenhoso, fluente, gostosamente, deliciosamente *entraînant*, ao que referiam seus intimos.

Era um espirito de feições classicas, proprio para ter vivido em Paris no seculo XVII.

Não era um homem do nosso tempo com suas luctas e suas durezas.

De resto foi meticuloso e indeciso ; natureza essencialmente sceptica.

No jornalismo exhibiu-se nesse caracter. Suas poesias foram sempre curtas, leves ; seus artigos de jornal, tambem rapidos, breves. Foi sempre alheio aos grandes desenvolvimentos de analyse e de doutrina e refractario ao espirito critico.

Era um improvisador correcto, simples, facil ; mas de curto vôo. Sua passagem pelo jornalismo foi celere e não deixou a mesma impressão da de Torres Homem ou de Justiniano da Rocha.

O poeta fluminense não foi um jornalista por vocação ; fez caminho pela imprensa, como necessidade politica.

É bem difficult saber se elle foi um temperamento literario, transviado na politica, ou um temperamento politico, immiscuindo-se de vez em quando na literatura, ou uma e outra cousa ao mesmo tempo.

As duas qualidades não se excluem. Podem combinar-se perfeitamente e a história superabunda em exemplos.

Parece-nos que em Octaviano ambas as tendencias e inclinações entraram em partes mais ou menos iguais; mas sem grandes estímulos de um lado e d'outro.

Tal a razão pela qual não assumiu jámais uma posição definitiva nem na literatura brasileira nem na política. Não foi um Gonçalves Dias, nem um Silva Paranhos.

Por mais que se o queira favorecer, é impossível negar-lhe naquellas duas esferas uma atitude mais ou menos ambígua. D'ahi o estado psychologico especial, característico, como esse em que tombam aquelles que se dividiram entre duas actividades sem abandonar-se definitivamente a uma d'ellas.

Ficam a suppôr que uma das tendências prejudicou a outra. Octaviano Rosa cria ter-lhe sido fatal a política; mas de uma vez manifestou-se a este respeito.

O artigo posto por elle á frente dos *Vôos Icarios* de Rozendo Mouiz Barreto é neste sentido typico; nesse artigo escreveu isto: «...saiu-me de encontro a política, a infecunda Messalina, que de seus braços convulsos pelo hysterismo a ninguem deixa sair senão quebrantado e inutil; veio-me ao encontro, arrastou-me para suas orgias...»

Uma critica forte e rigorosa, que precisasse de dizer todas as cousas com os sens proprios nomes e os nomes com todas as letras, estabeleceria que o senador Octaviano não passou no fundo de um ingenuo romantico, incapaz em todo tempo de emprehender qualquer causa de profundo e vivo em politica ; foi uma natureza sem relevo, que representou durante mais de trinta annos uma figura equívoca em nossas luctas partidarias, foi um estadista sem planos, um diplomata sem normas, como foi um jornalista sem grande vida, um poeta sem alto ideal.

Em rigor, esse bello *causeur* pertencia áquella classe de romanticos byronianos para quem a politica era uma pescaria ao destino, um jogo á ventura, em que se ia tentar fortuna.

Que um critico desabusado, um espectador livre de preconceitos, que de nossa politica tem apenas o conhecimento das grandes tropelias que nella se praticam, venha chamar-a de *Messalina*, concebe-se.

Mas que um factor d'essa politica, um diplomata, um senador, um chefe de partido, um homem de Estado, um acclamado mestre, venha dizer-o, não se pôde comprehender.

F. Octaviano entrou em nossas luctas sociaes como um homem de letras, um adorado poeta, um publicista cheio de talento e esperanças, como apregoaram os seus admiradores de sempre. E então porque não com-

prehendeu a politica ao teor de um espirito culto e desinteressado ? Porque não viu nella a sciencia da vida nacional a que os homens de talento e caracter são obrigados a levar o seu contingente em prol do progresso e do futuro ? Qnaes foram jámais os seus planos, os seus estudos, as suas lucubrações sociaes ?

Na politica, ou se entra em nome de um principio, de um programma serio, de um alvo fecundo e realisavei, ou não se toma parte nella definitivamente. É esta a razão pela qual todos os grandes vultos, todos os notaveis estadistas, todos aquelles que se bateram em nome de um systema, de uma causa em bem da patria, nunca se arrependeram de seus esforços, quaesquer que tivessem sido as agruras do caminho. É por isso tambem que todos aquelles que vêm na politica apenas uma vasta aventura e nella se ingeriram sem ideal, sem vistas elevadas, ao cabo de tempos recuam espavoridos, arreliados, desilludidos. Então começam as queixas, as queixas infundadas, estereis, ridiculas...

Quando e como o senador Octaviano se bateu em nome de vastas idéas ? Como e quando fez elle a grande politica progressiva e scientifica ? Como e quando luctou elle por fazer vencer seus planos, suas maduras convicções ?

No meio de nossos politicos mais notaveis occupa uma posição secundaria.

Resta caracterisar agora o jornalista; nesta qualidade foi cem vezes mais encomiado do que como poeta.

Entre os poetas era pouco difficult outorgar-lhe o diploma de mestre; mudaram de tactica e lhe confiaram a chefia da journalistica.

Aqui o mytho podia melhor sustentar-se: nada mais vago do que o renome de um jornalista; nada de mais difficult verificação. O jornal é lido ás pressas.

Mais tarde é atirado a um lado, a um canto, e ninguem mais pega nelle. Os de annos atrazados são destruidos pelos vendilhões para embrulhos. Escapam umas cinco ou seis collecções, muitas vezes incompletas, quē vão dormir nas bibliothecas o pesado somno das cousas mysteriosas. Ninguem mais os vae ler.

Ahi é facil crear lendas e levantar pedestaes.

Metteram o senador Octaviano neste nimbo trevoso e deram-lhe nomeada de semi-deus.

Todavia, a critica séria não pôde ainda descobrir quaes as notaveis e fecundas idéas propagadas por Francisco Octaviano; quaes os principios que elle fez triumphar.

É este o signal inilludivel do jornalista de talento: fazer triumphar doutrinas e opiniões.

A actividade journalistica de Francisco Octaviano iniciou-se em São Paulo, desde os seus tempos de estudante de 1841 a 45. .

• No Rio de Janeiro collaborou na *Gazeta Oficial* (1846-48), no *Jornal do Commercio*, em varias épocas, na *Semana* e principalmente no *Correio Mercantil*, em que escreveram Salles Torres Homem, J. Maria do Amaral, José de Aleucar, Manoel A. de Almeida, José de Assis, Moniz Barreto e outros.

Deixou impressos alguns opusculos de pouco valor, como — *Intelligencia do Acto Adicional, As Assembléas provincias.*

É esta ultima uma compilação de leis e mais disposições relativas a esses corpos politicos.

• Escreveu diversos prologos a livros alheios que entram no numero de seus melhores trabalhos.

D'este numero são os que poz — á frente dos *Vóos Icarios*, de Rozendo Moniz; ás *Traduções Poeticas*, do Dr. Pinheiro Guimárães (não confundir com o auctor da *Historia de uma moça rica*); aos *Estudos e commentarios da reforma eleitoral*, de Tito Franco de Almeida.

Existem tambem discursos pronunciados na Camara dos deputados e no Senado do imperio.

A maior porção que conhecemos publicada de suas poesias acha-se na *Lyra Popular*, por Custodio Quaresma, Rio, 1906, nova edição.

Neste livro é que ocorre tambem o maior numero das producções poeticas de José Bonifacio (o moçô) e de Pedro Luiz Pereira de Sousa.

Como exemplo d'estylo, offerecemos o seguinte trecho sobre *Minas*:

« Estrella brilhante do sul, formosa provincia de Minas — por que desmaias no céo de nossa patria quando ella precisa que scintilles com toda tua pureza antiga ?

Berço das idéas liberaes, formosa provincia de Minas, que déste os primeiros martyres á causa da independencia nacional ; tu, que tiveste por largo tempo a primazia no paço dos Cesares e nos comicios do povo — por que te anniquilas na indifferença e no desanimo ?

Teu eclipse é fatal ao systema representativo.

Sem imprensa politica, sem lidadores na tribuna da camara democratica, aceitas indolentemente o destino da fertil e industriosa Lombardia, quando estava sujeita ao regimen tudesco : — enches os cofres do Estado sem o direito de fiscalizal-o.

Onde estão os teus filhos? A terra em que elles nascem, já não tem força para produzir esses gigantes de talento e de animo que escalaram o Olympo da monarchia absoluta ?

A Niobe da fabula foi punida do orgulho que lhe inspirava a sua fecundidade, viu morrer todos os seus filhos, e a dôr a converteu em rochedo.

Niobe das provincias brasileiras, tambem viste morrer os teus filhos illustres, estes que te causavam desvanecimento e orgulho ; a lousa do tumulo caíu sobre o cadaver de alguns, a mão de ferro do ostracismo comprimiu a garganta de outros.

Quando d'esta Côrte olhavamos para a serrania dos Orgãos, viamos rutilante a estrella que nos gujava. Do alto d'aquellas montanhas descia para o valle do Rio de Janeiro, não o perfume que embriaga os sentidos e amollece o corpo, mas uma brisa de

liberdade que nos avigorava o espirito e despertava o bom senso e as virtudes civicas.

Hoje, sobre aquellas montanhas, paira constantemente um nevoeiro espesso, atravez do qual raras vezes scintilla a estrella favorita do valle.

Formosa provincia de Minas, surge do abatimento, volta a ocupar a tua primazia.

Está ainda vago o teu logar nos conselhos e na tribuna: nenhuma de tuas irmãs pôde usurpal-o. Os tenentes de Alexandre reconheceram que nenhum d'elles por si podia governar o imperio fundado por seu chefe: dividiram-n'o.

Formosa provincia de Minas, surge, surge; não te é licito tão longo repouso.

Já dizem os cortezãos, com insultante sarcasmo, que a soberba mãe dos Gracchos, depois de assistir corajosa á violencia brutal, estendeu os pulsos ás cordas de seda da hypocrisia.» (1)

José Bonifacio de Andrade e Silva (1827-1886).
José Bonifacio — É este um dos homens de letras menos estudados e devidamente aquilatados no Brasil. Herdeiro de um grande nome, os aduladores politicos tomaram bem cedo conta d'elle e metteram-no nas regiões mysteriosas da mythologia de convenção.

Fizeram do neto do velho Andrade um estadista, um pensador politico, um sabio publicista, um professor emerito, um jurisconsulto original e não sabemos mais que, esquecendo-se todos de não ser o famoso paulista

(1) *Anthologia Nacional*, por Fausto Barreto e Carlos de Laet, 3^a edição, pag. 21.

mais do que um orador academico e um poeta de talento.

Na qualidade de poeta já foi contemplado na *Historia da Literatura*.

Neste logar lembramos apenas o orador.

É preciso estudal-o por essa face; e se pôde bem fazel-o, apreciando um seu celebre discurso da Camara dos deputados, na sessão de 28 de maio de 1879, quando se discutiu a reforma da Constituição no sentido de se encartar nella o systema da eleição directa. (1)

Por certo não se estava então mais na época em que qualquer homem verboso, tendo na bocca umas dezenas de phrases sonantes e de interjeições euthusiasticas, podia conquistar os fóros de grande orador.

Se para o romancista e até para o poeta já se requeria mais profusa receita do que a que d'antes manipulavam, que se dirá do orador, maximé do orador parlamentar?

Hoje, depois de tantas revoluções ensanguentadas para os povos e de tantas crises profundas para os pensadores, depois que os mais graves problemas philosophicos e sociaes passaram das surdas meditações dos sabios para a mente das massas populares, depois da evolução do sozialismo, do naturalismo philosophico e das

(1) Vide *Discursos Parlamentares*, do Conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, Rio de Janeiro, 1880, pag. 583.

idéas positivas, o orador político e social não deve ser mais o agitador vulgar, o glossador de pobres vacuidades.

Deve ser o político profundo, debaixo de cuja palavra vibrante encontre asylo a idéa do pensador; atraz do homem que fala e apaixona, ha de estar o homem que medita e resolve. Que encerra, nós o perguntamos, de verdadeiramente extraordinario e admiravel o discurso citado?

Antes de tudo, qual a philosophia social de José Bonifacio?

Este ultimo representante do doutrinarismo andradico, para repetir a justa palavra de Pereira Barreto, um dos mais elevados espiritos brasileiros, era exactamente um doutrinario romantico á guiza do velho Benjamin Constant.

Seu discurso, depurado ao crysol da analyse e escoimado das phrases que lhe obscurecem o pensamento, reduz-se a uma velha apologia á soberania popular, outra á eleição directa com o senso da Constituição, ladeadas ambas de alguns errinhos de historia geral e historia do Brasil.

Depois da revolução de 1789, esse phenomeno histórico mal comprehendido, thema predilecto de todos os declamadores modernos, espalharam-se entre os povos filiados na raça e na civilisação latinas as extravagantes idéas de soberania e inerrancia popular, de que o romanticismo da Restauração se apossou, jogando-as pelo mundo.

Pasto condimentado para os tribunos de todos os tamanhos, vieram elles girando até á nossa terra e até aos nossos dias, produzindo na Europa muitas commoções inuteis e aqui o descredito dos partidos e o nosso atrazo politico.

O conceito do povo como soberano, isto é, como podendo elle só dictar as leis ao Estado e á sociedade é um conceito metaphysico e vāo. A direcção das idéas não parte do povo como massa inerte. Este lento officio pertence á sciencia em geral, representada por todos os seus operarios, grandes ou pequenos, e se ella não pretende a inerrancia, como pretendel-o-ão as massas de que falava José Bonifacio?

O povo pôde e deve intervir na direcção dos seus destinos; para isto basta o seu *direito á liberdade e ao progresso*. Elle tem jus ao melhoramento e á cultura, e tanto basta para justificar que lance máos olhos para os governos que lh'os negam, e que num dia de desespero os atire por terra. Para tanto não precisa *agaloar-se* como soberano, pela mesma fórmula que um homem de estudo não tem mistér de empunhar o baculo da *infallibilidade* para demonstrar um facto ou estabelecer uma theoria. O caso é o mesmo.

A idéa da soberania popular, transformada por Guizot em *soberania da razão*, não tem o fundamento da sciencia, a sancção da historia, nem faz a felicidade das nações.

Não tem o fundamento da sciencia ; pois que todos sabem, excepto os declamadores, que esta baniu do horizonte humano todas as noções abstrusas e de impossivel verificação practica.

Não tem a sancção dos factos ; porque a historia, a despeito das theorias aereas, mostra o povo sempre oprimido, subjugado, conquistando dia por dia, passo a passo, a sua emancipação pela industria, pelas artes, pela sciencia, em nome de seu trabalho, e não em nome de um predicado que lhe não assiste. A soberania não é, nunca foi um facto positivo, um facto demonstrado ; mas um simples anhélo despido de senso.

Não faz a felicidade das nações ; porque aquellas que, como a França e a Hespanha, tanto a têm proclamado, hão sido a presa da anarchia, para passar depois ás fauces do despotismo.

E era com estas vacuidades metaphysicas, como diria Strauss, que José Bonifacio de Andrada queria regenerar este paiz e abrir-lhe a estrada larga do futuro ! . . .

A politica é uma sciencia practica e complexa que não prescinde do conhecimento do meio social. Isto faz lembrar o que entre nós se dizia e se esperava da eleição directa, encomiada por José Bonifacio.

As infantilidades de um individuo são faceis de desculpar, se elle não tem por si a lição da experienzia; as

ingenuidades, porém, de um povo de quatrocentos annos de existencia, a que se podem addicionar mais tres seculos empregados por seus maiores em conquistar e firmar a propria autonomia, não devem passar sem reparo.

A sociedade brasileira acordou um dia sobresaltada e sentiu-se doente. Queixava-se de falta de liberdade politica e de muitos males sociaes; queixava-se de poucas rendas para o seu commercio, sua agricultura, suas industrias.

Urge um remedio para tanto soffrimento, bradaram todos, e todos apontaram para a panacea da *eleição directa*.

Todos, conservadores e liberaes, chefes e vice-chefes, os aristocratas e o vulgacho, enamoraram-se da eleição directa...

Não comprehendiam os ingenuos que os males de uma nação, fiudos, palpitantes como as suas proprias entranhas, velhos, chronicos, callosos como a estupidez de um bochimano, não se extirpam de momento e por meio de uma medida que só affecta a superficie, a tona de nossos desconchavos.

Só o trabalho lento de algumas gerações e estas bem inspiradas de seus deveres, um serviço gradual e paulatino começando pela reforma de nossa intuição atrasadissima do mundo, nos poderá salvar, mudando-nos

a indole por uma educação severa. Atirar á face de um povo que se confessa desanimado a futilidade da eleição directa, como o meio unico de salvação, é dolorosamente irrisorio; é como atirar em cima de um homem chagado uma porção de brasas.

Foi com a eleição directa que Guizot deitou por terra a monarchia de julho; foi com ella que aquelle notavel homem de estado ia suffocando as liberdades francezas.

Mas ouça-se José Bonifacio:

«A constituição do imperio, disse elle, assenta sobre os tres principios: soberania universal, unidade da soberania organisada e equilibrio do mandato...»

O orador unge o seu dontrinarismo com o óleo santo do mysticismo.

Alli está o numero tres, o numero typico das lendas e mythos populares, a triada infallivel: *soberania universal, unidade da soberania organisada e equilibrio do mandato!*... Tres palavrões vazios, *inanis verba*, com que se têm embalado algumas gerações de bachareis !

Ainda se gastava em 1879 o tempo em articular despropositos nebulosos, aereos, metaphysicos e nullos. *Unidade da soberania organisada...* que quer isto dizer ?

A velha prosa franceza de Constant só sabe excitar o riso.

Se José Bonifacio tivesse lido os trabalhos socio-logicos on juridicos de um Spencer ou de um Gneist, veria que lá não se encontram, em logar de factos e demonstrações, tales e tantas vaporosas logomachias.

Disse ainda o orador :

« Qual é, em suprema e ultima analyse, a garantia da unidade e divisão da soberania ? A garantia d'esta unidade e divisão é ainda a mesma soberania nacional.»

Esta ultima e seus dois appendices, conforme o orador, são a base da constituição ; mas logo exclama que a garantia do segundo, isto é, da *unidade da soberania organisada*, é a mesma soberania ! . . .

D'est'arte aquelle pretendido phantasma é base e é cupola, é tudo justamente porque nada é . . .

O illustre orador era partidario do suffragio universal directo, e, como o não podia ver applicado no Brasil, contentava-se com o suffragio directo limitado com o senso da Constituição.

Repellia as duas condições do projecto do governo impostas aos futuros votantes : a renda de 400\$000 e o saber ler e escrever. Achava que exigir essa quantia de renda era muito, porque a capacidade não se marca pelo dinheiro. De accôrdo. Para os homens de senso é indiferente que o votante produza cem, duzentos ou trezentos alqueires. A renda maior ou menor pouco importa, se houver outras garantias para nma boa escolha.

Ouçamol-o:

«Duas são as condições do direito do voto : a vontade e o discernimento. O discernimento, porém, não depende nem de saber ler e escrever, nem da sciencia, nem da instrucção...»

Deixando de parte a vontade, cuja intervenção era escusado lembrar, porque ou ella é bem ou mal applicada ; se bem, não é tanto uma condição, como uma necessidade, se mal, nada produz ; deixando de lado a vontade, dizíamos, quanto ao discernimento, sem ao menos saber ler e escrever. não é tanto sem contestação o que pensava o illustre conselheiro.

Disse que, se vingasse o projecto, teríamos dezenove vigesimas partes da população sendo governadas por uma vigesima parte.

E que é que tem sempre acontecido aqui e por todo alhures ? Isto mesmo.

Nos proprios paizes onde o suffragio universal é mais lato e radicado, é uma chimera suppôr que todo o povo concorre ás urnas, e ainda mais que todo elle toma parte no governo.

Demais, na hypothese contraria ao projecto e que Bonifacio de Andrada advogava, teríamos um resultado, tambem pouco satisfatorio, isto é, as massas incultas governando os cidadãos que têm luzes.

Como sair da difficultade ?

Eis o ponto a que chegam as reformas da superficie, quando não se penetra no amago podre dos erros que pedem remedio.

Apreciemos o estylo do orador no discurso que pronuncia a 17 de julho de 1868, ao apresentar-se na Câmera o gabinete conservador que substituiu o de Zácarias de Góes :

« Sr. presidente, ouvimos com a attenção devida a ministros de um paiz constitucional as explicações significativas que acabam de ser dadas por aquelles que desceram e por aquelles que subiram.

Cumpriremos o nosso dever salvando um grande principio, que não estamos dispostos a sacrificar, e que devemos manter intacto tal como recebemos de nossos committentes.

Quando escutámos a palavra auctorizada do nobre presidente do conselho, que estamos acostumados a respeitar pela distincção de seu caracter e por seus serviços, um sentimento de pasmo geral, misturado de respeitosa dôr, invadiu-nos o coração e enluctou-nos o espirito.

O quadro que presenciamos, senhores, é estreito de mais, porém não tão pequeno que não descobrissemos os grupos que se distinguem, a perspectiva que apparece e a luz abundante que esclarece o ajuntamento.

De um lado está um gabinete, representante de idéas conhecidas e condemnadas pela immediata representação do povo, um gabinete que saiu do seio das sombras sem que se soubesse como !

Do outro lado está um governo decaído em frente de uma maioria parlamentar, que não foi consultada, que não é respon-

savel pelos acontecimentos, que não praticou facto algum que anotrisasse a mudança de uma politica sancionada, como eu hei de demonstrar, por uma serie de factos até hoje.

No centro o paiz, estupefacto e pasmo, presencia este novo scenario que em rapida e mysteriosa mudança se apparelha de subito, substituindo um systema a outro! Que pretendem, portanto, de nós os nobres ministros, cujos talentos, cujo carácter e serviços sou o primeiro a respeitar, mas que não podem exigir da camara o sacrificio de sua dignidade e da dignidade dos parlamentos?

Que querem os nobres ministros? Pretender o nosso apoio seria, senhores, confundir a idolatria do poder com a religião dos principios, e a dedicação dos amigos com a submissão dos escravos!

E onde iriam SS. EEx. buscal-o? Na maioria que sustentou o ministerio passado? A fidelidade que não sabe acompanhar as quedas que nobilitam, é um ultraje á consciencia do genero humano!

Na minoria que se oppoz a esse gabinete, na minoria convicta e numerosa, mas que se não uniu ao partido que os nobres ministros representam. Essa minoria, senhores, não pôde menos digar da fortuna, nas armadilhas do acaso, crescido ou menguado quinhão nos despojos de uma victoria que não é sua!

Não, um nobre pensamento nos une, o campo é vasto, os horizontes alargam-se; defendemos todos uma grande causa, sustentamos um grande principio; queremos viver e morrer por elle. Pedimos o governo do paiz pelo paiz.

Eu não faço aos nobres ministros a injustiça de acreditar que recusam este principio; invoco a opinião auctorizada do proprio conselheiro de estado, causa ocasional da crise que provocou a queda do gabinete passado. Quando em 1842 um governo surgiu, não das

trévas como hoje, mas do recinto da camara, depois de uma questão de confiança, dizia o conselheiro Torres Homem:

«Eu comprehendo bem que um partido possa constitucionalmente tomar as redevas da administração pública com uma maioria insignificante, ou mesmo em minoria no ramo temporario da legislatura, mas com a clausula essencial de que o seu primeiro appello seja para as urnas eleitoraes, assim de que estas o revistam do caracter da maioria parlamentar de que não pôde prescindir.

«O que, porém, não concebo, collocando-me no ponto de vista da constituição e do bom senso, é que o ministerio que deixou de preencher esta condição, não obstante a consciencia que devia ter de sua penuria numerica, appareça aqui dominado pelo estranho devaneio de viver com o apoio de uma camara que elle está bem longe de representar.»

Entretanto, senhores, que diferença de circumstancias!

Então a lucta tinha-se passado nas camaras, tinha-se proposto uma questão de confiança aceita expressamente pelo actual Sr. ministro dos negocios estrangeiros; hoje, do dia para a noite, um ministerio cae no meio de uma numerosa maioria parlamentar, e inopinadamente surgem os nobres ministros como hóspedes importunos que batem fóra de horas e pedem agazalho em casa desconhecida.

Então, uma questão de confiança que o governo aceitou, em uma camara quasi dividida em dous grupos iguaes, autorisava a subida de um gabinete que surgia de uma coalisão parlamentar; hoje a confiança da corôa abandonou um governo a propósito de uma escolha senatorial, e elle desaparece de scena como figurante incommodo ao novo systema que se vae ensaiar. E no entanto como se exprimiu ainda o illustre conselheiro?! Registrarei suas palavras. Consagram principios verdadeiros, embora falsa a applicação.

«Lisongeia-se acaso com a singular pretenção de que reconheçamos como nossos orgãos, nos representantes naturaes na administração do Estado, os adversarios que hontem combatemos e cujos nomes symbolisam idéas que não compartilhamos ?

«O que seria então da religião das convicções, do decoro parlamentar, da estima de nós mesmos?

«Darianhos por mera complacencia o apoio material e constrangido do nosso voto a um gabinete a quem não podemos prestar nossa cooperação moral, intelligente e livre. Desgraçado o governo que se visse condemnado a viver da generosidade de seus adversarios ; e mais desgraçado ainda o paiz que contemplasse sem estranheza esse espectaculo do aviltamento dos depositarios de seus destinos. »

Sr. presidente, cumpre estudar os factos sob outro ponto de vista. Presenciastes como subiu o gabinete actual, olhae para o governo que caiu.

Quando o Sr. ex-presidente do conselho organisou o gabinete de 3 de agosto, declarou que por duas vezes tinha hesitado em aceitar essa honrosa missão, mas que Sua Majestade lhe dissera que esse serviço era indispensavel. Pela terceira vez instado, S. Ex. aceitou o encargo ; organisou esse gabinete ; consultou, sem perder a confiança da corôa, as urnas que responderam affirmativamente, e durante sessões inteiras essa confiança não se desmentiu !

O que é mais, o conselho de Estado, composto em grande parte dos amigos dos nobres ministros, fossem quaes fossem as razões, fosse qual fosse o modo, directa ou indirectamente, votou pela continuaçao do gabinete. Repentinamente, porém, uma questão sobre escolha de senador se levanta e traz como consequencia o seguinte: a mudança répentina do systema politico do paiz sem nenhuma explicação. Tudo muda em roda d'este facto.

Não, Sr. presidente, nós não podemos aceitar a discussão no terreno em que a collocou o nobre presidente do conselho; temos pressa de acabar com esta scena; temos o dever de pedir á corôa que considere o seu acto, dissolva a camara; temos o dever de manter-nos na posição que nos compete, provocando uma decisão immediata e prompta.

Eu posso dizer, sem offensa de S. Ex., servindo-me de alheia phrase:—logares communs da rhetorica official a ninguem illudem hoje em dia.

Sem maioria, no meio das circumstancias criticas do paiz, SS. EEx. não trepidaram; a situação anormal, em que se acham, não a creamos nós, pertence-lhes inteira, é o começo da dictadura! Não invertamos portanto as posições. A verdade é esta.

Patriotismo! patriotismo! oh! sim, a patria é o berço, a terra natal, a familia, a cidade, tudo que ha de mais santo nas meditações da idade madura!

Mas a patria não é sómente nossa, é tambem dos Srs. ministros, e dos vossos amigos.

Senhores, os nobres ministros sabiam que não tinham maioria nesta camara, sabiam que tinham de ir revolver todo o paiz, sabiam portanto que vinham offerecer-nos a dictadura. Com tranquillidade aceitaram-a. A responsabilidade não é nossa, é dos proprios nobres ministros: não temos nós, da minoria, obrigação de aceitar a lucta no terreno em que nos oferece o nobre presidente do conselho; não a aceitamos, com franqueza e dignidade mantemos a nossa posição. A responsabilidade é do governo e só do governo. » (1)

(1) *Discursos Parlamentares*, pag. 577 e seg.



Seria possível num livro exhaustivo da história da literatura brasileira, tratando-se de publicistas e oradores, dizer alguma coisa de Guedes Cabral (não confundir com o moço philosopho do mesmo nome), Leão Velloso (o velho), Bellarmino Barreto, Nascimento Feitoza, Aprigio Guimarães, Americo Brasiliense, Rangel Pestana, Flavio Farnesi, Henrique Cesar Musio, F. L. de Gusmão Lobo e outros.

Num simples resumo, porém, essas figuras são dispensáveis. De Quintino Bocayuva nada se diz por estar ainda vivo.

De Joaquim Serra e Gentil Homem de Almeida Braga, por ter sido nelles demasiado inferior o talento jornalístico ao talento poético.

Na *Historia da Literatura* foram nesta ultima qualidade contemplados.

De Ferreira de Aranjo e José do Patrocínio não se fala, por pertencerem ás escolas posteriores ao romantismo, fóra do quadro d'este compêndio.

Não deixaremos, porém, em esquecimento o nome de Caetano Lopes de Moura (1780-1860), que bem merece um logar em nossas crónicas literárias.

Nascido na Bahia em 1780, fez estudos de medicina em Coimbra e em Paris.

Fez parte da legião portugueza que combateu sob as ordens de Napoleão Bonaparte, na qualidade de médico. D'elle existem edições de livros antigos, versões de obras diversas, escriptos originaes.

Entre as primeiras destacam-se as edições do *Castrioto Lusitano* (1844), do *Cancioneiro d'El-Rey D. Diniz* (1847), dos *Lusiadas* (1859).

Entre as traducções se enumeram a da *Geographia Universat* de Balbi, do *Diccionario Historico* de Milliet de Saint Adolphe, do *Jesus Christo perante o seculo*, de Rosely de Lorgues, das *Cartas de Heloisa e Abelardo* e de livros de Sablons, Fréville, Marmontel, Chateaubriand, Feuimore Cooper, Walter Scott, Kotzebue e outros.

Os livros originaes são : *Harmonias da Creação*, *História de Napoleão Bonaparte*, *Epitome chronologico da Historia do Brasil*, *Mythologia da mocidade*.

Cumpre advertir que ás *Cartas de Heloisa e Abelardo* juntou Caetano Lopes de Moura as *Cartas de uma Religiosa portugueza*.

A edição de umas e outras é de 1838.

É uma contribuição notável para a historia da literatura portugueza, que tem sido muito aproveitada sem o indispensável preito de justiça ao auctor brasileiro; o mesmo facto se tem dado com a porção de poesias do *Cancioneiro da Vaticana*, que publicou sob o titulo de *Cancioneiro d'El-Rey D. Diniz*.

Igual tem sido a sorte do bellissimo estudo de Odorico Mendes acerca do *Palmeirim de Inglaterra*, aproveitado sem as indispensaveis referencias, ou, quando se ellas fazem, com evidente injustiça.

Identica tem sido a sorte, como já advertimos, dos escriptos de Varnhagen sobre a antiga poesia popular portugueza.

Moura falleceu em 1860.

Eis um trecho das *Harmonias da Creação*:

« Assim considerado, não ha estudo mais deleitoso, nem mais digno do emprego das nobres faculdades do nosso entendimento do que o do planeta, que nos foi assignalado por morada, e a investigação das causas dos innumeraveis e estupendos phenomenos, que se nos offerecem tanto em sua superficie, como em seu interior, uns pertencentes ao dominio da natureza inorganica, outros concorrentes aos diferentes systemas de vida.

Estas investigações engolgam a alma em mares de prazer, por isso que em toda a parte deparamos com novas provas do poder e intelligencia divina, e que para onde quer que caminhemos faz-nos companhia a Divindade, a causa primeira de tudo, e vamos de certo modo praticando com ella sobre quanto se dignou tirar do nada.

Se penetramos nas lobregas moradas da natureza inorganica, nellas veremos brilhar o poder e sabedoria do Creador; se rompendo por entre as rochas primitivas do globo, descemos a certo grau de profundidade, topamos infallivelmente com o granito, mole immensa e base fundamental da vasta ossada do nosso planeta: sobre estes alicerces se ergue uma dilatada serie de camadas ou estratificações sotopostas umas ás outras numa ordem con-

stante e invariavel; horizontaes nas terras chans, e mais ou menos verticaes nas adjacencias das serras e montanhas. Constanm estas camadas dos detritos das massas graniticas, que se desprenderam e se desaggregaram com o andar dos seculos pela accão por extremo dissolvente dos mares primitivos, e juntamente pela influencia dos agentes atmosphericos; estes depositos sedimentosos, no cabo d'um tempo indeterminado, vieram a solidificar-se por effeito de diversas causas, como uma pressão violenta, um calor interior e a precipitação de diversos cementos calcareos, e converteram-se afinal em schistos, em marmores, pedra lioz, e em rochas, que variam grandemente na textura e adherencia das moleculas constituintes.

Para dar ser a estas camadas, serviu-se o Creador de douis principios antagonistas, de douis agentes de grandissima energia, da agua e do fogo. No decurso d'um periodo de tempo, cuja supputação não cabe na alçada de nosso entendimento, rios, ribeiras, torrentes, que nenhuma comparação pôdem ter com as que hoje em dia conhecemos, depositaram em camadas mais ou menos espessas, mais ou menos regulares, nas varzeas, valles, lagôas, golfos e leito dos mares, diferentes materias que acarretaram nas ondas, ao mesmo tempo que a erupção de vulcões subterraneos, cooperando juntamente com as aguas para aquella nunca interrompida tarefa, fizeram surgir do centro da terra em todas as épocas immensas moles, que obrigaram as torrentes e rios a tomarem novos rumos e um curso mais arrebatado; d'onde se originaram novos detritos e a formação de novas estratificações, até que por fim a accão simultanea d'estas duas poderosas causas efficientes effectuou a formação de nossos continentes, elevando-os acima do nível do mar, e fez com que a superficie d'elles apresentasse o relevo notavel, que nelles produzem os valles, planicies e montes, fontes de tantos e tão harmoniosos effeitos.

Quer admittamos a theoria da existencia d'un fogo central, quer de preferencia nos inclinemos á que attribue a expansão das

rochas eruptivas á uma vastissima oxydação, effectuada pelo contacto das aguas com as bases metalloides das terras e alcalis, é indubitable, que do centro do globo, em todos os periodos de sua existencia, surdiram á superficie d'elle grandissimas massas em estado de fusão; assim que ambas estas forças perturbadoras, que o vulgo dos homens tem em conta de agentes de desordem e de ruina, foram nas mãos do Creador instrumentos sujeitos a leis geraes e sabias, que occasiōnaram na economia inorganica do nosso planeta grandissimas modificações, e as disposições, e modo de ser, que melhor se adjectivavam com o que requeriam as creações animaes e vegetaes, que deviam povoar a sua superficie, e servir-lhe em certo modo de ornamento.

Todos os dias estamos vendo faiscar lume a pederneira com o choque do fuzil, é este phenomeno, por isso que é vulgar, cessa de despertar a nossa curiosidade, e todavia d'elle se infere, segundo as mais plausiveis inducções, que o fluido luminoso foi o principio que gerou todos os corpos em geral; o primeiro elemento de que o Creador se serviu para dar ser á materia; assim que no principio não era talvez o globo outra cousa, senão um immenso volume de gazes e vapores, os quaes se foram condensando e solidificando, mediante a acção reguladora das leis emanadas da suprema vontade de Deus no cabo de infinitas reacções, oscillações e explosões de cuja violencia e força não podemos fazer juizo.

Continuemos ainda a peregrinar pelos lugubres estados da natureza inorganica, e pois que nos achamos nas moradas subterraneas, afoutemo-nos a exploral-as completamente. Comecemos pelas rochas primitivas, por esta serie de zonas estratificadas, de que pouco ha fizemos menção. Que espectaculo nos vem captivar a attenção! Em cada uma d'estas camadas ou estratificações, deparamos com inumeraveis despojos dos reinos organicos: madréporas, conchas, esqueletos, ossos dispersos d'animaes d'estranya forma, de dimensão extraordinaria; depois

normes accumulações de vegetaes igualmente desconhecidos, convertidos actualmente em vastos bancos de caryão mineral, ora a mais de 1.000 braças acima do nível do mar, ora 300 abaixo do mesmo nível. Cada andar tem os seus fosseis caracteristicos, cujas especies desappareceram para sempre da face da terra, e até os proprios generos se extinguiram. Neste exame duas cousas motivam admiração: a primeira é que tanto nas mais profundas camadas ou estratificações, como nas mais superficiaes, se observa nos seres que cessaram de existir em diversos periodos geologicos uma progressão ascendente, não de grandeza ou corpulencia, mas sim de perfeição d'organismo; e a segunda consiste em se acharem enterrados na distancia de 250 braças de profundidade resíduos de vegetaes e d'animaes, nas regiões geladas do Norte, e até debaixo do pólo, que actualmente só se encontram nos climas intertropicaes.

Interroguemos estes antigos despojos, estes sobejos rethnhescentes d'uma primeira e prodigiosa creaçao; falam aquellas ruinas, aquelles vastos carneiros da vegetação e da vida primitiva, e são outros tantos oraculos divinos: elles nos responderão, e nos contarão com que sublime harmonia se acharam presos, e classificados em um grandissimo systema, e sobretudo unico; os mecanismos sem conto de que a vida se achava revestida desde a primeira planta, desde o primeiro animal collocado na superficie da terra, até o homem, fim e complemento d'esta obra sublime, mettido de posse de seus Estados sómente no dia em que a terra, depois de haver passado por innumeraveis revoluções, se achava em estado de estabilidade, de equilibrio e de quietação, ornada e enriquecida com quantos dons podiam tornal-a digna de ser morada d'elle; que assim se ornam e se alfaiam os palacios dos reis na occasião em que os successores do monarcha defunto se assentam pela primeira vez no throno de seus avós.

Das intimas entranhas d'estas dilatadas e vastissimas catacumbas mil vozes estão unanimemente apregoando que em todas as épocas da existencia do planeta em que vivemos, uma idéa, uma planta e risco maravilhoso, constante e uniforme presidiu e regulou as disposições, combinações e modificações sobremaneira variadas das especies animaes e vegetaes. Por toda a parte e sempre se observam as mesmas relações finaes, por toda a parte se divisa a mão divina, que dispôz e encaminhou a certos fins todos os acontecimentos, e se vê que d'uma só vontade emanam leis identicas, e regras fundadas nos mesmos principios.

Das pedras encerradas nessas catacumbas nas quaes estão estampados em caracteres legiveis os annaes do naufragado antigo mundo, podem os philosophos especulativos entender o pouco que valem as soberbas theorias, com que trataram de dar razão a seu modo da origem dos animaes em geral, e do homem em particular. Sustentaram uns que tinha havido uma successão indefinita e eterna das mesmas especies; e acontece pelo contrario que passado um certo numero de camadas terreas, não se descobre vestigio algum de existencia organica, por isso que nas primeiras éras havia incompatibilidade absoluta entre os elementos é a manifestação da vida. Disseram outros, que tinha havido uma transmutação progressiva d'uma especie menos perfeita em outra superior em perfeição, e que a especie humana devia por consequencia de ter passado pelos diversos degráos da escada animal; e está-se a cada passo encontrando no centro das mais profundas camadas cópia immensa de especies mais bem organisadas, complexas e perfeitas que as que se apresentam na creaçao actual. Entregae-vos agora, temerarios sophistas, a vossas sublimes meditações, empregae todas as forças de vossos talentos, todos os thesouros de vossa imaginação, para inventar novos systemas, mas tende-vos por advertidos, que quando estiverdes a ponto de colher os fructos de vossas longas vigilias, e de tomar posse da gloria, que por tão relevantes desco-

brimentos vos deve pertencer, das entranhas da terra, ou do seio d'uma nuvem soará uma voz, que virá desmentir vossas doutas theorias, concebidas sem a assistencia de Detis, sem a celeste influencia da eterna e immutavel verdade.» (1)

Acerca dos quatro ultimos capitulos devem ser consultados : Sylvio Roméro, *Historia da Literatura Brasileira*, *Ensaios de Crítica Parlamentar*, *Evolução da Literatura Brasileira*, *Evolução do Lyrismo Brasileiro*, *Estudos, Novos Estudos, Outros Estudos de Literatura Contemporanea*; João Ribeiro, *Auctores Contemporaneos*; Innocencio da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez*; Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico Brasileiro*; Lery dos Santos, *Pantheon Fluminense*; Mello Moreaes Filho, *Curso de Literatura Brasileira*; Felisberto de Carvalho, *Selecta de Auctores Modernos*; João Mendes, *Anthologia da Lingua Portugueza*; Fausto Barreto e Carlos de Laet, *Anthologia Nacional*; Arthur Orlando, *Philo-Crítica*, *Ensaios e Novos Ensaios de Crítica*; Clovis Bevilacqua, *Epochas e Individualidades, Esboços e Fragmentos*; Tobias Barreto, *Varios Escriptos, Estudos Allemães, Polemicas*; Araripe Junior, *José de Alencar — perfil literario*; Augusto Franco, *Estudos e Escriptos*; Conego Fernandes Pinheiro, *Resumo de Historia Literaria*; Joaquim Manoel de Macedo, *Anno Biographico Brasileiro*; Sotero dos Reis, *Curso de Literatura Portugueza e Brasileira*; Joaquim Nabuco, *Um Estadista do Império, Escriptos e Discursos Literarios*; Fernando Wolf, *Histoire de la Littérature Brésilienne*; Antonio Joaquim de Mello, *Biographias de alguns Pernambucanos Illustres*; José Verissimo, *Estudos de Literatura Brasileira*; F. A. Pereira da Costa, *Diccionario Biographico de Pernambucanos Celebres*; Antonio Henriques Leal, *Pantheon Maranhense*; Oliveira Lima, *Elogio de Francisco Adolpho de Varnhagen*; Rocha Lima, *Crítica e Literatura*; Adolpho Caminha, *Cartas Literarias*; Tito Livio de Castro, *Velhos e Novos*; Pereira da Silva, *Variedades Literarias e Políticas, Memorias do meu tempo*; J. Rodrigues da Fonseca Jordão, *Florilegio Bra-*

(1) *Harmonias da Creação*, Paris, 1860, pag. 3 e seguintes.

sileiro da Infancia ; J. P. Xavier da Veiga, *Ephemeredes Mineiras*; Timon (Eunapio Deiró), *Estadistas e Parlamentares*; Capistrano de Abreu, Artigos diversos espalhados na «Gazeta de Notícias», «Jornal do Commercio» e outros jornaes e periodicos; Ignotus (Joaquim Serra), *Sessenta Annos de Jornalismo*. Consultar as collecções — da *Revista do Instituto Historico*, da *Nictheroy*, da *Minerva Brasiliense*, da *Guanabara*, do *Ostensor Brasileiro*, do *Iris*, da *Revista Popular* e da *Revista Brasileira* (esta nas tres phases de sua existencia), dos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, etc.

FIM

INDICE SYNOPTICO

	PAGS.
Advertencia preliminar.....	III
INTRODUÇÃO. — Idéas propedeuticas.....	V
I O meio.....	VIII
II A raça.....	XXX
III Influxo estrangeiro.....	LIII
IV Sentido theorico da literatura brasileira.....	LV
V Phases evolutivas da literatura.....	LXVII

SECULO XVI

Poetas e chronistas.....	3
--------------------------	---

SECULO XVII

Escola bahiana. Chronistas, oradores e poetas.....	17
--	----

SECULO XVIII

PRIMEIRA PHASE. I — Chronistas e poetas.....	43
SEGUNDA PHASE. II — Escola mineira. III — Chronistas e historiadores.....	61

SÉCULO XIX

PHASE CLASSICA. I — Poetas.....	103
II — Prosadores	121
PHASE ROMANTICA 1830-1880.	
I — Poetas.....	199
II — Prosadores; theatro e romance.....	239
III — Historia.....	319
IV — Eloquencia e jornalismo	393

INDICE ANALYTICO

	PAGS.
Abreu e Lima (José Ignacio de).....	413
<i>Academia dos Esquecidos</i>	43, 55 e
<i>Academia dos Felizes</i>	43 e
<i>Academia dos Renascidos</i>	43
<i>Academia dos Selectos</i>	43 e
Accioli de Cerqueira e Silva (Ignacio).....	144
Agrario de Menezes.....	278
Alencar (José de).....	261
Almeida (Francisco de).....	44
Almeida (Manoel Antonio de).....	284
Almeida Rosa (F. Octaviano).....	467
Alvarenga Peixoto.....	62, 73 e
Alvares de Azevedo (Manoel Antonio).....	211
Amaral (José Maria do).....	465
Amaral (Prudencio do)	44
Anchieta (José de).....	3
Angelo (Barão de S.).....	203
Antonio Carlos R. A. M. S.....	174
Andrade e Silva (José B.).....	116
Antonio José.....	47
Araguaya (Visc. de).....	200
<i>Arcadia Ultramarina</i>	61
Arruda Camara (Manoel de).....	61
Ayres de Casal	147
Azeredo Coutinho (Bispo).....	154

	PAGS.
Baraúna (Fr. F. Xavier de S. Rita Bastos).....	110
Barbosa (Domingos Vidal).....	90
Barbosa (Januario da Cunha).....	109
Barbosa (Padre Domingos).....	24
Barreto (Tobias).....	228
Barros (José Borges de).....	25
Basílio da Gama.....	62 e 70
Bento Teixeira.....	9
Bernardo J. da Silva Guimarães.....	215
Bernardo Pereira de Vasconcellos.....	40 ^F
Botelho de Oliveira	36
Brandão (Thomaz Pinto).....	27 e 57
Bríto de Lima (João)	44
 Caetano (Joaquim).....	380
Caldas (Antonio Pereira de Sousa)	103
Caldas Barbosa (Domingos).....	61, 88 e 89
Caneca (Fr. Joaquim do Amor Divino).....	123
Canelo de Noronha	44
Cardim (Fernão).....	14
Cardoso (José Francisco).....	71
Carneiro (Diogo Gomés).....	20 e 21
<i>Cartas Chilenas</i>	72
Carvalho (J. Pires de).....	44
Casal (Manoel Ayres de)	147
Castro Alves (Antonio de).....	232
Cayrú (Visconde de).....	161
Cherem (José)	44
Conceição (Frei Apollinario da).....	21
Conceição Velloso.....	61
Cordovil (B. Antonio).....	61 e 91
Corrêa de Lacerda (Manoel R.)	44
Costa (Claudio Manoel da).....	62 e 71
Costa Gadelha (José Gomes da).....	75
Cunha Barbosa (Januario da).....	109

	PAGS.	
Eça (Mathias Ayres Ramos da Silva d')	98	
Eloy Ottoni (José).....	111	
Escola bahiana.....	17	
Escragnolle Taunay (Alfredo).....	306	
 Fagundes Varella (Luiz Nicolão)	222	
Felicio dos Santos (Joaquim).....	390	
Fernandes Pinheiro (José Feliciano)	141	
Ferreira Barrêto (Francisco).....	111	
Franca (Gonçalo de).....	44	
Freire (L. J. Junqueira)	217	
 Gandavo.....	14 e	18
Gomes Carneiro (Diogo).....	20 e	21
Gonçalves Dias (Antonio de).....		204
Gonçalves dos Santos (Luiz).....		133
Gonzaga (Thomaz Antonio).....		82
Grasson Tinoco (Diogo).....		25
Guimarães (Bernardo J. da S.)		215
Guimarães Junior (L. C.).....		226
Gusmão (Bartholomeu e Alexandre).....	57, 58 e	59
 Hippolito José da C. P. F. Mendonça.....		168
 Ignacio Accioli		144
Itaparica (Frei Manoel de Santa Maria).....		45
 Joaquim Caetano da Silva.....		380
José Bonifacio de Andrada e Silva.....		116
Junqueira Freire (Luiz José).....		217
Justiniano José da Rocha.....		459
 Leal (Francisco Luiz).....		99
Lisboa (Balthazar da Silva)		135
Lisboa (João Francisco).....		364
Lisboa (Joaquim José).....		92

	PAGS.
Lopes Gama (Miguel do Sacramento).....	193
Lopes de Moura (Caetano).....	490
Luiz Gonçalves dos Santos.....	133
Macedo (Joaquim Manoel de).....	251
Machado e Silva (Ant. Carlos R. de A.).....	174
Maciel Monteiro.....	200 e
Madre de Deus (Frei Gaspar da).....	96
Madre de Deus Luz (Christovão da).....	20 e
Magalhães (Dom. J. Glz. de).....	200
Magalhães Gandavo (Pero de)	14
Maricá (Marquez de)	191
Martim Francisco R. de A.....	180
Martins Penna (L. C.).....	240
Mattos (Euzebio)	22
Mattos Guerra (Gregorio de).....	26 e
Mello (João de).....	44
Mello Franco (Francisco de).....	76
Mello Moraes (A. J.).....	349
Mendes (Odorico)	200
Mendes Bordallo (Antonio).....	74
Menezes (Agrario de Sousa).....	278
Mesquita (Martinho de)	25
Mont'Alverne (Fr. Francisco de).....	125
Moraes (Manoel de)	19 e
Moraes Silva (António de)	188
Moura (Caetano Lópes de).....	490
Natividade Saldanha (José da).....	108
Norberto (Joaquim) de Sousa Silvá.....	355
Noronha (Canelo)	44
Octaviano (Francisco) de Almeida Rosa.....	467
Oliveira (Manoel Botelho de)	36
Oliveira Serpa (José de)	44
Ottoni (José Eloy).....	111

	PAGS.
Paes Leme (Pedro Taques de Almeida)	94
Paranaguá (M. de)	112
Paraopeba (Silverio da)	92
Pedra Branca (V.)	114
Pereira da Fonseca (Mariano José)	62 e 191
Pereira Rebello (licenciado Manoel)	36
Pereira da Silva (João).....	62 e 75
Pereira da Silva (João Manoel).....	341
Pinheiro Guimaraes (Francisco).....	289
Pinto da França (Luiz Paulino)	92
Pires de Carvalho (J.)	44
Pizarro e Araujo (José de Sousa Azevedo)	130
Porto Alegre (Manoel de Araujo)	203
Queiróga (Salomé)	200
Ravasco (Bernardo Vieira)	24
Rebouças (André Pereira)	427
Ribeiro (Manoel Joaquim).....	92
Ribeiro de Andrada (Martim F.).....	180
Rocha (Justiniano José da)	459
Rocha Pitta (Sebastião da).....	55
Romualdo (Dom) de Seixas	395
Sá (Antonio de).....	22 e 23
Salles Torres Homem (Francisco de)	449
Salvador (Frei Vicente do)	18
Sampaio (Fr. Franc. de S. Theresa de Jesus)	122
Sant'Anna (Frei Josć Pereira de)	98
Santa Maria Itaparica (Frei Manoel de)	44
Santa Maria Jaboatão.....	93
Santa Rita Durão.....	62, 66 e 70
Santa Thereza (Frei Francisco Xavier)	44
São Carlos (Fr. Francisco de)	106
São Leopoldo (Visc. de)	141

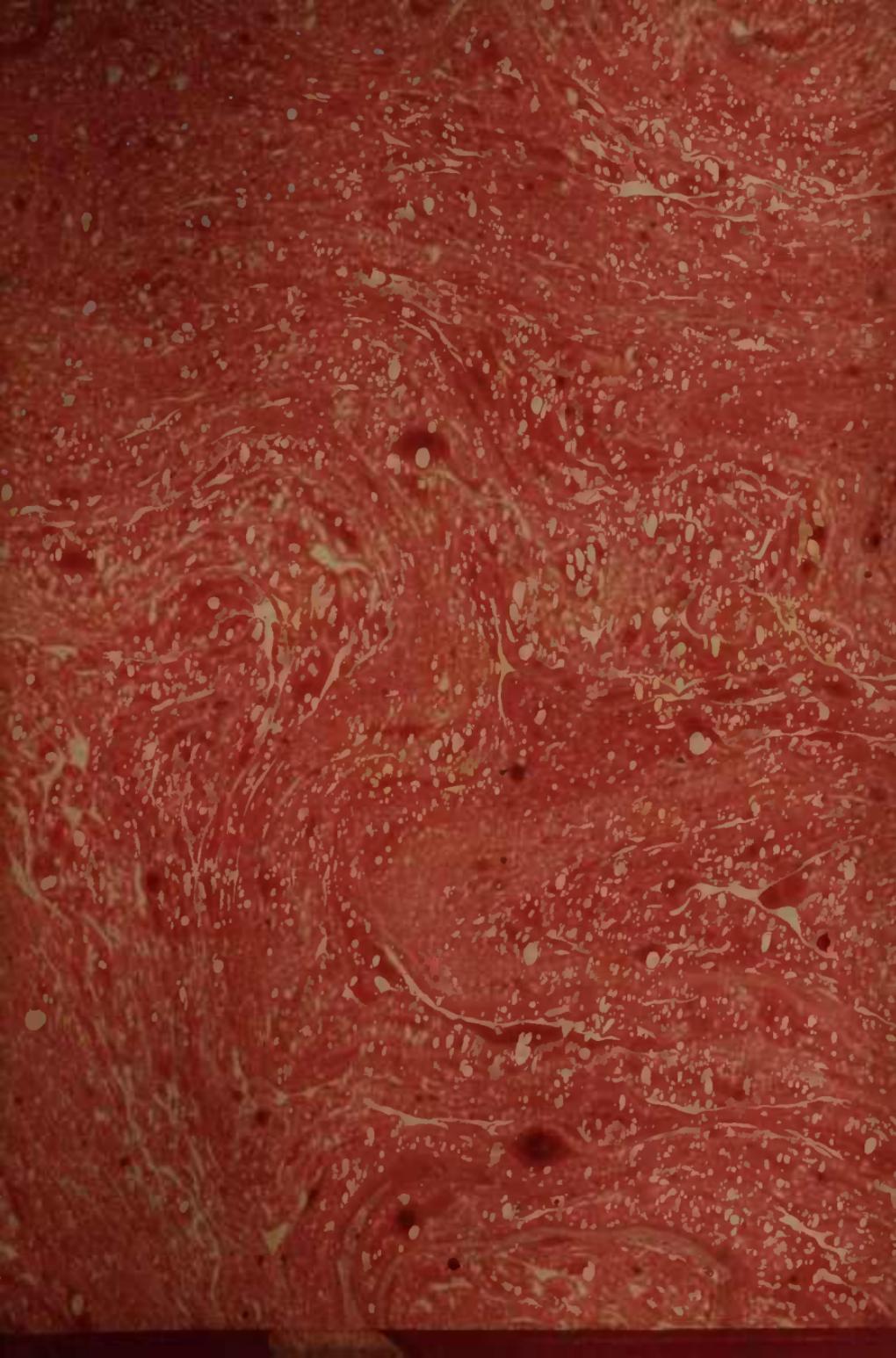
	PAGS.
<i>Sapateiro Silva</i>	75
Seixas Brandão (Joaquim Ignacio).....	92
Silva (Antonio José da)	46
Silva (Joaquim José da)	75
Silva Alvarenga..... 62 73, e	85
Silva Costa (José Ignacio da).....	92
Silva Lisboa (Balthazar)	61
Silva Lisboa (José)	161
Silva Mascarenhas (Padre Miguel Eug.)	92
Silveira Tavora (J. F.)	295
Soares de Sousa (Gabriel).....	14
<i>Sociedade Literaria</i> (seculo XVIII)	61
Sousa (Frei Henrique de)	44
Sousa (Pero Lopes de).....	14
Sousa Caldas (Antonio Pereira).....	103
Sousa Magalhães (Padre Manoel de)	92
Souto Maior (Ignacio de Andrade)	62
 Taques (Pedro) de A. Paes Leme	94
Taunay (Escagnolle).....	306
Teixeira Pinto (Bento).....	9
Teixeira e Souza (A. G).....	248
Tenreiro Aranha (Bento de Figueiredo).....	91
Tobias Barreto de Menezes..... LIII, LVII, 228 e	317
Torres Homem (F. S.)	449
 Varella (L. N. Fagundes)	222
Varnhagen (F. Adolphio).....	320
Vasconcellos (Bernardo Pereira de)	401
Veiga (Evaristo Ferreira da)	183
Vidal Barbosa (Domingos)	62
Vieira (Padre Antonio)	38
Vieira Ravasco (Bernardo)	24
Vilella Barbosa (Francisco)	112

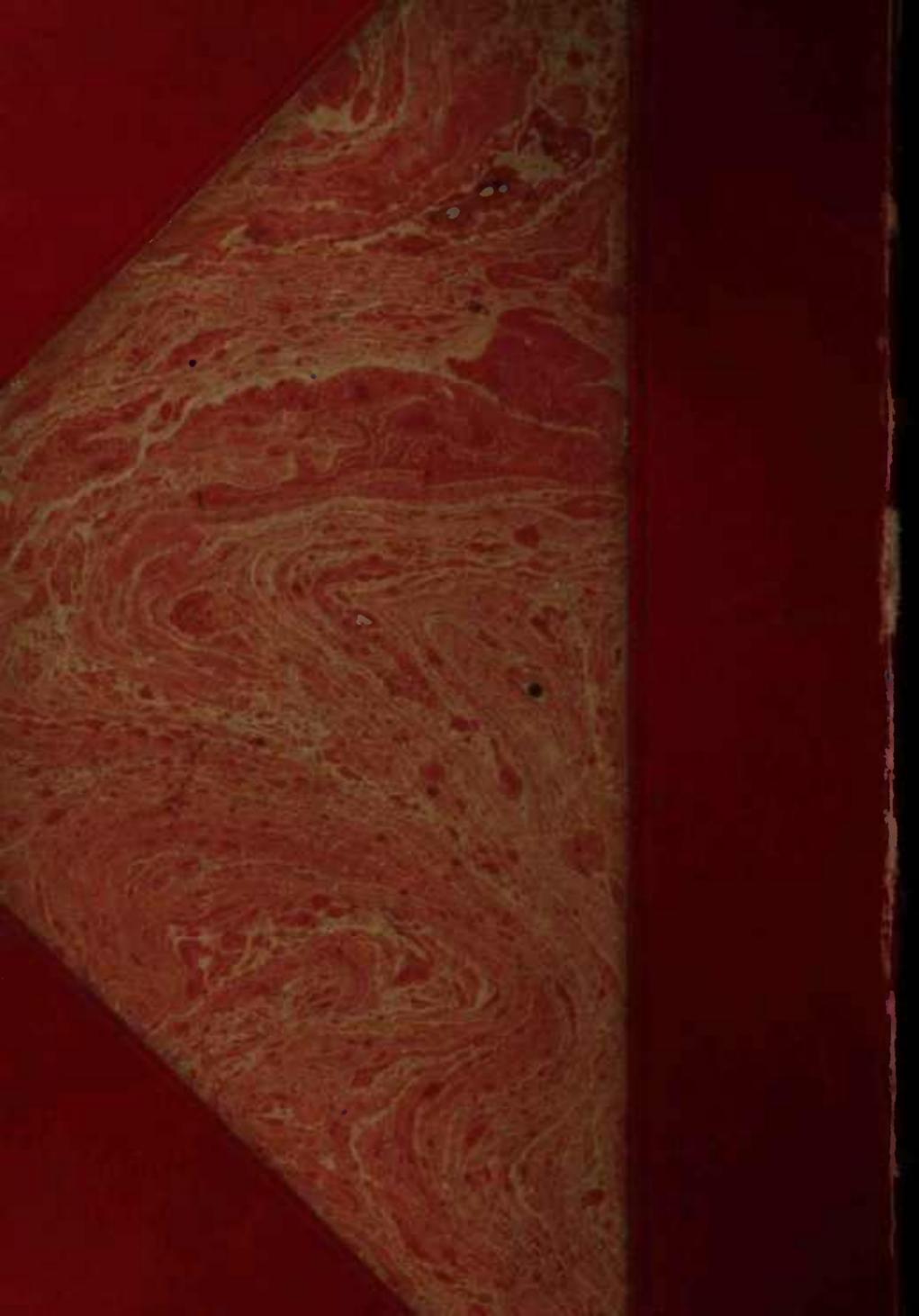
ERRATA

		<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
Pag.	XXXIII	<i>melachroides</i>	<i>melanochroides</i>
"	13	meu ver	nosso ver
"	28	que indicarei	que indicaremos
"	210	Si em ti	Se em ti
"	426	latino-americanos	hispano-americanos

萬

九





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).